

**A Melodia
do Amor**

O PALCO É O SEU ÚNICO LAR

LESLEY
PEARSE

ASA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: GIPSY
Título: A Melodia do Amor
Autor: Lesley Pearse
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Craig Fordham
ISBN: 9789892312033
Edições ASA II, S.A.
é uma chancela do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
© 2008, Lesley Pearse

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leva.com

www.leva.pt

*Para o meu neto Brandon.
Minha alegria e meu maior tesouro.*

CAPÍTULO 1

Liverpool, 1893

–Beth, pára de tocar essa música do Demónio e vem ajudar-me! – gritou Alice Bolton da cozinha, num tom zangado.

O epíteto com que a mãe mimoseava a sua execução musical pôs um sorriso malicioso nos lábios de Beth, que, na rebeldia dos seus quinze anos, se sentiu por momentos tentada a continuar a tocar ainda mais alto e com mais entusiasmo. Mas a mãe andava particularmente irritável, naqueles últimos tempos, e o mais certo era entrar por ali adentro e tirar-lhe o violino, de modo que o guardou no velho estojo e saiu da sala de estar para fazer o que lhe diziam.

Ia a entrar na cozinha quando, vindo da oficina por baixo do apartamento, lhe chegou aos ouvidos um baque surdo, imediatamente seguido pelo barulho de objectos pesados a cair.

– Que foi isto? – exclamou Alice, voltando-se com a chaleira que acabava de tirar do lume.

– O papá deve ter atirado qualquer coisa ao chão – respondeu Beth.

– Não fiques aí especada, vai lá ver – ordenou a mãe, ríspida.

Beth deteve-se no patamar e espreitou, por cima do corrimão, para a escada que fazia a ligação com a oficina. Ouvia coisas a rebolar lá em baixo, mas não o som dos palavrões que habitualmente acompanhavam os acidentes.

– Está bem, papá? – gritou.

A tarde chegava ao fim, e, apesar de ainda não terem acendido os bicos a gás do apartamento, ficou surpreendida por não ver ao fundo das escadas o clarão das luzes da oficina. O pai era sapateiro e precisava de uma boa iluminação para os trabalhos mais minuciosos, de modo que acendia sempre os candeeiros bem antes de a luz diurna começar a esmorecer.

– O que foi que esse desastrado fez agora? – berrou a mãe, da cozinha. – Diz-lhe que já chega de trabalho por hoje. O jantar está quase pronto, de todos os modos.

Não havia muitas carroças nem carruagens a passar por Church Street, uma das principais ruas comerciais de Liverpool, às sete da tarde, pelo que o pai devia ter ouvido claramente o comentário ofensivo da mulher. Como ele não respondeu, Beth pensou que devia estar na latrina, no pátio das traseiras, e que talvez um gato vadio tivesse entrado na oficina e derrubado qualquer coisa. Da última vez que acontecera, o conteúdo de uma lata de cola derramara-se pelo chão e tinham sido precisas horas a esfregar para limpar toda aquela porcaria. A recordação do incidente fê-la descer as escadas a toda a pressa, para verificar.

O pai não fora à latrina, uma vez que a porta do pátio das traseiras estava trancada por dentro, e, quando entrou na oficina, Beth encontrou-a quase às escuras: todas as persianas tinham sido baixadas.

– Onde está, papá? – perguntou em voz alta. – Que barulho foi aquele?

Não havia sinais de um gato, e nem sequer de qualquer coisa fora do lugar. A porta da rua estava fechada e trancada; além disso, o pai tinha varrido o chão, arrumado a banca de trabalho e pendurado o avental de couro no gancho pregado à parede, como fazia todas as tardes.

Intrigada, Beth olhou para a porta da arrecadação onde o pai guardava o couro, as formas e outros equipamentos. Tinha de lá estar, mas não fazia ideia de como conseguia ele ver fosse o que fosse com a porta fechada numa divisão que era escura mesmo em pleno dia.

Um estranho pressentimento arrepiou-lhe a pele. Desejou que o irmão, Sam, estivesse em casa. Mas Sam saíra para ir entregar umas botas a um cliente que morava a alguns quilómetros de distância e não estaria de volta tão cedo. Não se atreveu a chamar a mãe, com receio de apanhar uma palmada por ser «fantasiosa», o termo que Alice usava sempre que lhe parecia que a filha estava a reagir com demasiada emoção. Mas a verdade era que, para a mãe, as únicas coisas que deviam ocupar o espírito de uma rapariga de quinze anos eram melhorar as suas habilidades na costura, na cozinha e noutras competências domésticas.

– Papá! – chamou Beth, enquanto rodava a maçaneta da porta da arrecadação. – Está aí?

A porta abriu-se apenas uma fresta, como se houvesse qualquer coisa a prendê-la do outro lado, de modo que encostou o ombro à madeira e empurrou. Ouviu um raspar nas lajes do chão, talvez uma cadeira ou uma caixa, e empurrou com mais força até conseguir uma abertura suficiente para poder enfiar a cabeça. Estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse, mas soube que o pai estava ali pelo cheiro que tão bem conhecia, uma mistura de cola, couro e tabaco de cachimbo.

– Papá! Que está a fazer? Não se vê nada! – exclamou, mas ainda não tinha acabado de falar quando lhe ocorreu que talvez o pai tivesse perdido os sentidos ao ser atingido por qualquer coisa que lhe caíra em cima. Em pânico, voltou à oficina para acender o candeeiro a gás. Antes ainda que a chama crescesse o suficiente para iluminar a manga de vidro e derramar em redor uma luz dourada, já ela estava de novo junto à porta da arrecadação.

Por um ou dois segundos, pensou estar a ver um grande saco de couro em frente da janela, mas quando a luz na oficina se tornou mais brilhante, percebeu que não era um saco, e sim o pai.

Estava suspenso de um dos ganchos do tecto, com uma corda à volta do pescoço.

Gritou involuntariamente e recuou, horrorizada. A cabeça do pai rodava de um lado para o outro, os olhos esbugalhados, a boca aberta num grito silencioso. Parecia uma grande e pavorosa marioneta.

Estavam explicados os estranhos barulhos que tinham ouvido. Quando ele afastara com um pontapé a cadeira em cima da qual se pusera, fizera cair ao chão uma caixa cheia de latas de graxa e frascos de tinta para couro.

Eram os primeiros dias de Maio e, horas antes, Beth ia a caminho da biblioteca a resmungar consigo mesma porque o pai não a deixava arranjar um emprego. Acabara a escola no ano anterior, mas ele teimava que as filhas das «pessoas finas» ficavam em casa a ajudar as mães até casarem.

Também Sam, o irmão, um ano mais velho do que ela, andava contrariado por ter de ser aprendiz do pai. O que Sam queria era ser marinheiro, ou estivador, ou soldador, ou fosse o que fosse desde que não tivesse de estar trancado em casa e pudesse ter a companhia de outros rapazes.

O pai, porém, apontava para a tabuleta pendurada por cima da porta e que dizia «Bolton & Filho, Botas e Sapatos», e esperava que Sam se sentisse tão orgulhoso por ser o «Filho» como ele se sentira quando o seu próprio pai mandara fazer aquela tabuleta, tantos anos antes.

Todavia, por mais frustrante que fosse verem as suas vidas planeadas por terceiros, tanto Sam como Beth compreendiam as razões do pai. Os pais dele tinham fugido da Irlanda para Liverpool em 1847, para escaparem a uma morte lenta durante a grande fome da batata. Durante anos, tinham vivido numa húmida cave em Maiden's Green, um dos muitos infames e sórdidos bairros degradados da cidade. Fora lá que Frank, o pai de Sam e de Beth, nascera, um ano mais tarde, e as suas recordações mais antigas eram do pai a ir de porta em porta com a sua pequena carroça, nos bairros mais abastados de Liverpool, à procura de botas e sapatos para consertar, e de a mãe a sair todos os dias para trabalhar como lavadeira.

Quando tinha sete anos, Frank ajudava-os aos dois recolhendo e entregando botas e sapatos para o pai ou rodando a manivela da máquina de torcer roupa

para a mãe. Cedo compreendera, mesmo quando tinha frio e fome e o cansaço o esmagava, que a única maneira de fugir à pobreza era trabalharem duramente até ganharem o suficiente para montarem a sua própria oficina de sapateiro.

Alice, a mãe de Sam e de Beth, tivera uma infância igualmente difícil, pois fora abandonada ainda bebê e criada no orfanato. Com doze anos, tinham-na mandado trabalhar como criada de copa, e as histórias que contava a respeito das intermináveis horas de labuta esgotante e da crueldade da cozinheira e da governanta povoavam os sonhos de Beth.

Frank tinha vinte e três anos quando conheceu Alice, de dezasseis, e, por essa altura, ele e os pais tinham conseguido realizar o seu sonho e eram os locatários de uma pequena oficina com dois quartos por cima. Alice costumava dizer, com um grande sorriso, que o dia do casamento fora o mais feliz da sua vida porque Franka levava a viver com os pais. Continuara a ter de trabalhar duramente, mas não se importava, porque o objectivo passara a ser conseguir instalações ainda melhores onde o sogro e o marido pudessem fabricar sapatos novos, em vez de remendar antigos.

O esforço acabara por compensar e levava-os para ali, para Church Street, com uma oficina e dois pisos por cima, onde Sam e Beth nasceram. Beth não se lembrava da avó, que morrera quando ela era ainda bebê, mas adorara o avô, e fora ele que a ensinara a tocar violino.

Desde a morte do avô, há já cinco anos, a habilidade do papá como sapateiro tornara-se conhecida, e passara a fazer botas e sapatos para algumas das pessoas mais ricas da cidade. Continuara a trabalhar do nascer ao pôr-do-sol, e na maior parte das noites adormecia mal acabava de comer o jantar, mas, até àquela tarde, Beth sempre pensara que era um homem feliz.

– Que diabo se passa aí em baixo? Ouvi-te gritar – perguntou a mãe, irritada, do alto da escada. – É outra vez uma ratazana?

Beth despertou do seu devaneio com um sobressalto. Apesar da surpresa e do horror, o seu primeiro instinto foi proteger a mãe.

– Não desça – respondeu. – Vou chamar Mr. Craven.

– Não podes ir incomodar os vizinhos quando estão a jantar. O teu pai não pode tratar do assunto?

Beth não sabia o que responder àquilo, de modo que foi até ao fundo da escada e olhou para cima, para a mãe, na esperança de que lhe ocorresse alguma coisa.

Alice Bolton tinha trinta e oito anos, mas parecia muito mais nova, por ser pequena, ter cabelo louro, uns grandes olhos azuis e o género de feições e pele delicadas que sugeriam fragilidade.

Sam herdara da mãe os cabelos louros e os olhos azuis, mas tinha um metro e oitenta de altura e o vigor e as feições fortes do pai. Toda a gente dizia que Beth

era uma cópia da avó irlandesa, com o seu cabelo escuro e encaracolado, olhos azul-escuros e uns modos impertinentes que ainda haviam de metê-la em sarilhos.

– Pelo amor de Deus, rapariga, não fiques aí espedada com esse ar de pateta – atirou-lhe a mãe. – Diz ao teu pai que suba antes que o jantar se estrague.

Beth engoliu em seco, ciente de que mentiras e cortinas de fumo não iriam ajudá-la numa coisa daquelas.

– Ele não pode subir, mamã – disse bruscamente. – Está morto.

A mãe nunca percebia tudo à primeira, e daquela vez não foi exceção; ficou a olhar para a filha, com uma expressão vazia.

– Enforcou-se, mamã – continuou Beth, a tentar conter as lágrimas e a histeria que ameaçavam invadi-la. – Era por isso que queria ir chamar Mr. Craven. É melhor voltar para a cozinha.

– Que disparate, o teu pai não pode estar morto. Estava ótimo quando subi para o chá.

Beth esforçava-se por controlar o desejo de gritar, e a incredulidade da mãe quase a fez perder essa luta. E, no entanto, o que a mãe dizia era verdade, o pai *parecera* perfeitamente normal à hora do chá. Comentara que o bolo de cominhos estava muito bom e dissera-lhes que ia acabar as botas para Mr. Greville.

Parecia impossível que tivesse voltado a descer as escadas, acabado o trabalho do dia, arrumado a bancada e em seguida pegado calmamente numa corda para pôr fim à vida, sabendo que a mulher e a filha estavam no andar de cima.

– *Está* morto, mamã. Enforcou-se na arrecadação – disse Beth, brutalmente.

A mãe abanou a cabeça e começou a descer as escadas.

– É preciso ser uma rapariga muito má para dizer uma coisa dessas – disse, indignada, empurrando Beth para um lado ao chegar ao fundo. – Eu já conversei contigo.

Beth agarrou-lhe nos braços e tentou impedi-la de entrar na oficina.

– Não entre aí, mamã – pediu. – É horrível.

A mãe não estava, porém, disposta a dar-lhe ouvidos; libertou-se com um safanão, avançou para a arrecadação e abriu violentamente a porta. O grito que soltou ao ver o marido ecoou por todo o edifício, mas foi subitamente interrompido quando ela caiu inanimada no chão.

Uma hora mais tarde, Sam voltou e encontrou as luzes acesas na oficina, ao contrário do que esperava. Através da janela, viu o gordo Dr. Gillespie e o corpulento Mr. Craven, vizinho da família, mas ainda antes de lhe abrirem a porta soube que qualquer coisa de grave tinha acontecido.

Foi o médico que lhe explicou que Beth tinha corrido a casa de Mr. Craven

quando a mãe caíra no chão. Mr. Craven mandara o filho chamar o médico e acompanhara Beth até à oficina para cortar a corda da qual pendia o corpo do papá. Quando chegou, o Dr. Gillespie disse a Beth que levasse a mãe para cima, lhe desse um pouco de *brandy* e a enfiasse na cama.

Sam era um rapaz de dezasseis anos, alto e desengonçado. Cambaleou ao ouvir as notícias, o sangue fugiu-lhe do rosto e o choque quase o fez desmaiar também. O corpo do pai estava estendido no chão, coberto por uma manta, excepto uma mão manchada de tinta castanha. Se não fosse aquela mão, talvez se tivesse recusado a acreditar no que lhe diziam, mas a mão do pai era-lhe tão familiar como a sua própria.

Perguntou porque tinha o pai feito uma coisa daquelas, mas ninguém lhe soube responder. Mr. Craven disse que era uma coisa incompreensível e que ainda naquela manhã passara pela oficina para dois dedos de conversa e Frank lhe parecera até muito bem-disposto. O Dr. Gillespie estava tão confuso como Mr. Craven e falou de como Frank era respeitado na comunidade. Era evidente que ambos os homens estavam tão chocados e horrorizados como ele.

O médico agarrou os braços de Sam e olhou-o nos olhos.

– A carreta fúnebre vai chegar em breve – disse, gentilmente. – Tem de haver um inquérito, em situações como esta. Agora vais ter de ser o homem da casa, Sam, e tomar conta da tua mãe e da tua irmã.

Para Sam, foi como se um alçapão se lhe tivesse aberto debaixo dos pés e ele tivesse caído num lugar que não reconhecia. Desde que conseguia lembrar-se, sempre houvera ordem e uma certeza absoluta na sua vida. Muitas vezes se revoltara contra a enfadonha rotina quotidiana, com o pai a trabalhar na oficina desde as sete da manhã até ao fim da tarde e a mãe a cozinhar e a limpar a casa lá em cima. No entanto, sempre se sentira seguro sabendo que se se estatelasse na sua busca de uma vida mais aventureira para si, tudo ali continuaria na mesma e teria um refúgio para o qual poderia regressar.

E agora, de uma só penada, toda essa preciosa certeza se tinha desvanecido.

Como pudera um homem tão calmo, atencioso e de bom coração albergar tais demónios dentro de si? E como era possível que nem os mais chegados a ele os tivessem sequer vislumbreado? Ainda naquela manhã Sam vira o pai ir até ao fundo das escadas para ouvir Beth tocar violino. Não fizera qualquer comentário, mas o rosto resplandecera-lhe de orgulho. Mais tarde, quando Sam tinha acabado de reparar um par de botas, o pai dera-lhe uma palmada no ombro e elogiara-lhe o trabalho.

Vezes sem conta, ele e Beth tinham visto a maneira afectuosa como olhava para a mulher, o tinham visto abraçá-la e beijá-la. Se significavam assim tanto para ele, porque quisera deixá-los?

E que iria acontecer à família agora, sem o homem que cuidara de todos eles,

que fora o sustento da família, o pilar e o consolo a que todos se agarravam?

CAPÍTULO 2

Ovelho relógio de pêndulo no patamar deu a meia-noite, mas Sam e Beth continuavam na cozinha, demasiado atordoados para pensarem sequer em ir para a cama. O corpo do pai tinha sido levado horas antes, e estavam os dois de mãos dadas enquanto ela contava novamente como o tinha encontrado. De vez em quando, ele limpava-lhe as lágrimas do rosto com um lenço, ou passava-lhe a mão pelo cabelo, consolando-a. Do mesmo modo, quando era ele que se exaltava e a sua voz crescia, irada, ela estendia a mão e acariciava-lhe o rosto.

O Dr. Gillespie dera a Alice um remédio para a fazer dormir porque a pobre mulher ficara histérica, a arrancar os cabelos e a gritar que alguém devia ter enforcado o marido, que ele nunca a deixaria de sua livre vontade. E embora os dois filhos soubessem que era impossível ter havido a mão de outra pessoa no que acontecera naquela tarde, partilhavam os sentimentos dela. Os pais amavam-se e eram felizes.

– O Dr. Gillespie perguntou-me se o negócio corria mal – disse Sam numa voz cansada e confusa. – Mas não. Não consigo sequer pensar em qualquer coisa que tenha acontecido nas últimas semanas que possa explicar uma coisa destas.

– Terá sido algum cliente que o perturbou? – alvitrou Beth.

Por vezes, havia clientes difíceis e desagradáveis. Queixavam-se de que Frank não conseguia fazer-lhes as botas ou os sapatos com a celeridade que pretendiam, e com frequência, quando os iam buscar, tentavam encontrar-lhes defeitos para poderem obrigá-lo a baixar o preço.

– Ele ter-me-ia dito. Além disso, sabes bem que não dava grande importância a essas coisas.

– Não achas que foi por causa de nós, pois não? – perguntou Beth, num tom ansioso. – Eu sempre a queixar-me de me aborrecer em casa, e tu a fugir para as docas.

Sam abanou a cabeça.

– Não acredito. Uma vez, ouvi-o a rir a meu respeito com um cliente. Dizia

que eu era bom rapaz, apesar de andar sempre com a cabeça nas nuvens. E por tua culpa não foi de certeza; ele orgulhava-se muito de ti.

– Mas como vamos viver agora? – perguntou Beth. – Tu não tens experiência suficiente para manter a oficina a funcionar!

Era frequente as pessoas comentarem a respeito de como Sam e Beth eram diferentes. E não só no aspecto – ele alto e louro, ela baixa e morena – mas também na maneira de ser.

A cabeça de Sam andava, como o pai dizia, sempre nas nuvens, a viver num mundo imaginário de fantásticas aventuras, riquezas e lugares exóticos. Tanto podia desperdiçar um dia inteiro nas docas, a olhar sonhadoramente para os navios que partiam rumo a terras distantes, como passar horas a espreitar pelos portões das grandes mansões, a observar maravilhado a maneira como os ricos viviam. Embora nunca o tivesse admitido perante a irmã, ela sabia bem que a verdadeira razão por que não queria ser sapateiro era por saber que ninguém ficava rico ou tinha aventuras a fazer e consertar sapatos.

Beth era muito mais prática e lógica do que o irmão, capaz e diligente quando lhe davam uma tarefa para fazer. Tinha uma inteligência mais viva, e se lia livros era mais para adquirir conhecimentos do que para fugir à realidade. No entanto, compreendia que Sam vivesse num mundo de fantasia, porque também ela tinha o seu sonho: tocar violino diante de um público numeroso e ouvir os estrondosos aplausos.

Era, claro, um sonho inatingível. Mesmo que tivesse aprendido a tocar música clássica, nunca vira uma violinista numa orquestra. Tocava jigas e quadrilhas, melodias que o avô lhe ensinara e que a maior parte das pessoas considerava música cigana, própria para tabernas barulhentas.

Apesar de todas as suas diferenças, porém, Sam e Beth eram muito chegados. Com apenas um ano de diferença, e nunca tendo podido brincar na rua como as outras crianças do bairro, sempre tinham dependido um do outro em matéria de companhia.

Sam levantou-se da sua cadeira, foi ajoelhar-se ao lado de Beth e abraçou-a.

– Eu hei-de tomar conta de vocês as duas, seja como for – disse, com a voz a quebrar-se-lhe.

Nos dias que se seguiram, as emoções de Beth balançaram entre o desgosto esmagador e a raiva. Nunca conhecera um dia sem o pai, uma presença tão constante na sua vida como o velho relógio que marcava com o seu tiquetaquear o passar das horas. Um homem seco e nervudo de quarenta e cinco anos, com cabelos grisalhos que começavam a rarear, um bigode cuidadosamente aparado e um nariz proeminente, sempre bem-disposto e, julgara ela, transparente.

Talvez não fosse excessivamente expansivo – uma palmadinha no ombro era a sua maneira de mostrar afecto e aprovação –, mas também nunca fora uma

figura distante, como tantos outros pais. Gostava que ela descesse até à oficina para conversar enquanto ele trabalhava; mostrava-se sempre interessado no que ela estava a ler e na sua música.

Agora, no entanto, Beth sentia que nunca o conhecera verdadeiramente. Como pudera ele subir à cozinha para beber o chá com a mulher e a filha já com a intenção de voltar à oficina, terminar o seu trabalho e enforçar-se?

Ele tinha falado de umas botas com botões que uma senhora lhe encomendara ainda naquela manhã, rindo porque ela as queria azul-claras para condizer com um vestido novo. Dissera que não continuariam a ser azul-claras durante muito tempo nas ruas sujas de Liverpool. Porque teria dito aquilo se sabia que não ia fazê-las?

Se tivesse morrido de um ataque de coração ou atropelado por uma carruagem ao atravessar a rua, teria sido terrível, e a dor que todos sentiam não menos lancinante, mas ao menos nenhum deles se sentiria traído.

A mãe não parava de chorar. Deitada na cama, recusava comer ou sequer permitir que abrissem as cortinas, e Sam parecia uma alma penada, convencido de que tudo aquilo fora culpa sua, por se ter mostrado pouco entusiasmado com a ideia de ser sapateiro.

Só uns poucos vizinhos tinham aparecido a oferecer condolências, e Beth sabia que o verdadeiro motivo daquelas visitas não era expressar simpatia e sim obter mais informações que pudessem espalhar. O padre Reilly aparecera, mas apesar do seu tom bondoso, apressara-se a dizer que Frank Bolton não poderia ser sepultado em solo sagrado, uma vez que cometera um pecado mortal ao atentar contra a própria vida.

O resultado do inquérito apareceria nos jornais, e todos os amigos e vizinhos o leriam e passariam a evitá-los. Beth achava que fora uma cobardia e uma crueldade da parte do pai fazer-lhes uma coisa daquelas. E achava também que nunca mais a mãe havia de querer voltar a sair de casa.

Cinco dias depois da morte do pai, Beth encontrava-se sentada na sala, a fazer vestidos pretos para si mesma e para a mãe. Lá fora, o sol brilhava, mas ela tinha de manter as cortinas fechadas, como mandava o costume, e a luz era tão fraca que até lhe custava enfiar a linha na agulha.

Beth sempre tinha gostado de costurar, mas uma vez que a mãe não se levantara da cama para ajudar, não tivera outro remédio senão procurar os padrões, cortar o tecido em cima da mesa da sala e fazer os vestidos sozinha, pois cairiam ainda mais nas bocas do mundo se não vestissem devidamente de luto.

Daria tudo para poder tirar o violino do estojo e tocar um pouco, porque sabia que poderia perder-se na música e encontrar talvez um pouco de consolo. Mas tocar um instrumento musical tão pouco tempo depois da perda de um ente querido não era coisa que se fizesse.

Irritada, atirou o trabalho para o chão, dirigiu-se à janela e entreabriu as cortinas apenas o suficiente para espreitar a actividade em Church Street.

Estava cheia de gente, como sempre. Os autocarros, as tipóias, as carroças e carruagens deixavam o chão juncado de montes de excrementos de cavalo, e, naquele dia, o calor tornava o cheiro ainda mais pungente que de costume. Senhoras elegantemente vestidas passeavam de braço dado com cavalheiros de colarinho engomado e chapéu alto. Havia governantas com um pesado ar de matronas, severamente vestidas de negro e transportando na dobra do braço cestos de frutas e legumes, e, aqui e além, raparigas de ar mais alegre, talvez criadas na sua tarde de folga, a olhar sonhadoramente para as montras das lojas.

E havia também muitos pobres. Um homem só com uma perna, apoiado em muletas, pedia esmola à porta da Bunney's, a loja junto ao cruzamento conhecido como Holy Corner porque ali confluíam a Lord Street, a Paradise, a Chapel e a Church Streets.¹ Passavam mulheres de ar cansado, com bebés ao colo e seguidas por outras crianças pequenas. Miúdos da rua, de cabelos desgrenhados, caras sujas e pés descalços, rondavam de um lado para o outro, quem sabe se à procura de qualquer coisa que pudessem roubar.

Havia uma fila à porta do talho, do outro lado da rua, e por causa do calor e do sol as mulheres pareciam descontraídas e despreocupadas, tagarelando umas com as outras enquanto esperavam a sua vez de ser atendidas. Mas enquanto as observava, Beth viu duas delas voltarem-se e olharem directamente para as janelas por cima da oficina, e percebeu que acabavam de saber que o sapateiro se tinha enforcado.

Subiram-lhe lágrimas aos olhos, pois sabia que os mexericos ganhariam um renovado ímpeto depois do funeral. As pessoas conseguiam ser tão cruéis, sempre a deleitarem-se com os infortúnios dos outros. Imaginou-as a comentar que os Bolton sempre se tinham considerado superiores, e que sem dúvida Frank se suicidara por estar crivado de dívidas. Beth quase desejou que fosse verdade; seria, pelo menos, um motivo compreensível.

Voltou costas à janela e olhou em redor. Aquela sala de estar era o orgulho e a alegria da mãe; tudo, desde o tapete aos quadrados e dos cães de porcelana sentados um de cada lado da lareira aos duros e desconfortáveis cadeirões de braços *capitonné* e aos pesados cortinados, eram cópias de coisas que Alice tinha visto na grande casa onde fora criada de copa.

O piano fazia parte do cenário, e seis homens tinham-no içado à força de braços pela janela. Nenhum dos pais sabia tocar, mas, para a mãe, era um sinal de refinamento, de modo que Beth tivera de aprender. Sabia que a mãe esperara que a afastasse da « mania » do violino, um instrumento considerado « vulgar ».

Apesar de sentir-se muitas vezes ofendida pelo desprezo da mãe pelo seu adorado violino, Beth ficara bastante contente quando ela contratara Miss Clarkson para lhe dar lições de piano. Podia ser uma solteirona de trinta anos, de

cabelos grisalhos e um olho ligeiramente vesgo, mas era uma mulher inspiradora. Não só ensinara Beth a ler música e a tocar piano, como lhe abria as portas de todo um novo mundo de livros, música e ideias.

Durante cinco anos, Miss Clarkson fora a sua aliada, amiga, confidente e professora. Adorava tanto ouvi-la tocar violino como piano, levava-lhe livros que achava que ela devia ler, falava-lhe de todos os géneros de música e, por vezes, levava-a a concertos. No entanto, do que Beth mais gostava nela era o facto de não ser curta de vistas como a mãe. Miss Clarkson acreditava firmemente que as mulheres deviam ter direitos iguais aos dos homens, quer fosse ter direito a votar, ter uma boa educação ou trabalhar naquilo que mais lhes agradasse.

Quem lhe dera que Miss Clarkson ainda vivesse em Liverpool, porque era a única pessoa que talvez conseguisse ajudá-la a ela e ao irmão a compreender porque tinha o pai feito uma coisa tão horrível. Mas Miss Clarkson emigrara para a América, porque, segundo dizia, se sentia sufocada pela hipocrisia, pelo sistema de classes e pela falta de oportunidades para as mulheres em Inglaterra.

– Vou ter saudades tuas, Beth – dissera com um sorriso resignado quando se tinham despedido pela última vez. – Não só por seres a melhor das minhas alunas, mas por teres um espírito vivo, um coração forte e um entusiasmo sem limites. Promete-me que não casarás com o primeiro homem adequado que to peça, só para poderes ter a tua própria casa. O casamento pode ser considerado por muitos uma coisa sagrada, mas não se escolheres o homem errado. E agarra-te à tua música, porque ela dá-te ânimo e permite-te a liberdade de expressão de que uma rapariga como tu precisa.

Beth descobrira que Miss Clarkson tinha razão a respeito da música. Transportava-a para um lugar onde as repetidas instruções da mãe a respeito de questões domésticas banais não conseguiam alcançá-la, um mundo onde o divertimento, a liberdade e o entusiasmo não eram objecto de censura.

Entristecia-a saber que a mãe nunca compreendera isto. Sempre gostara de se vangloriar perante as vizinhas do talento da filha, mas nunca a ouvia verdadeiramente tocar piano e detestava o violino. O pai sim, e aquilo de que mais gostava era de sentar-se a ouvi-la tocar piano num domingo à tarde – Chopin era o seu preferido –, mas também se divertia quando ela tocava e cantava músicas populares. Mesmo para ele, no entanto, o violino fora um pequeno pomo de discórdia, talvez por lhe lembrar a infância e despertar nele o receio de que as loucas jigas irlandesas que o pai ensinara a Beth a arrastassem para más companhias.

Ao ouvir Sam subir as escadas, Beth começou a costurar. Ouviu-o ir ter com a mãe, ao quarto junto à cozinha, e minutos mais tarde, abrir a porta da sala.

Estava pálido e tenso, a testa franzida num gesto de preocupação.

– O juiz de instrução vai libertar o corpo do papá amanhã – disse, penosamente. – Não encontrou nada que explique o que fez. Não estava doente.

Mas, ao menos, agora podemos enterrá-lo.

– Disseste à mamã? – perguntou Beth.

Sam assentiu, descoroçoado.

– Continua a chorar. Acho que nunca mais vai parar.

– Talvez pare, depois do funeral – disse Beth, com mais convicção do que sentia. – Vou ter de lhe fazer a prova deste vestido. Espero que não faça outra cena.

– Encontrei Mrs. Craven lá fora. Disse que passava por cá mais tarde, para tentar falar com ela; talvez seja melhor aproveitares a oportunidade para provar o vestido. Por muito mal que a mamã se sinta, não vai deixar que os vizinhos saibam que deixou tudo nas nossas mãos.

Beth reparou no azedume na voz dele e pôs-se de pé para o abraçar. Sam tinha passado a maior parte dos últimos dias na oficina, do nascer do sol ao anoitecer, a acabar todos os consertos, e ela sabia como ele estava preocupado e assustado.

– Naquela noite disseste que íamos conseguir, e vamos – disse.

– Tenho a sensação de que a mamã sabe porque foi que ele fez aquilo – disse Sam em voz baixa, apoiando o queixo na cabeça da irmã, enquanto ela o abraçava. – Estive a ver as contas e, apesar de não haver muito dinheiro, também não estava em dificuldades. Nunca saía, de modo que não podia andar a beber ou a jogar, e com toda a certeza não tinha outra mulher. Só pode ser qualquer coisa que tenha a ver com ela.

– Não penses isso, Sam – suplicou Beth. – Culpar a mamã não resolve nada.

Sam apertou-lhe os braços com força e olhou-a nos olhos.

– Não percebes que a partir de agora vai ser tudo diferente? – disse, numa voz zangada. – Vamos ser pobres. Quem me dera poder dizer que vou ser capaz de manter a oficina a funcionar, mas só sei fazer consertos. Não sei fazer sapatos e botas, e era nisso que o papá ganhava dinheiro. Vou ter de arranjar outro trabalho, mas não vai ser o suficiente para nos sustentar aos três.

– Eu também posso trabalhar – disse Beth, veemente. – Havemos de nos arranjar, Sam.

Ele olhou para ela, cheio de dúvidas.

– Pode ser que tenhamos de encontrar uma casa mais barata para morar, ou arranjar um inquilino. Não vamos poder continuar a viver da maneira a que estávamos habituados.

A raiva voltou a incendiar-se no peito de Beth. Durante toda a sua vida, ouvira o pai dizer que queria que ela e Sam tivessem todas as vantagens que ele nunca tivera. Fizera-a acreditar que eram gente fina, um furo acima dos vizinhos. Mas no fim envergonhara-os e arruinara-os sem sequer explicar porquê.

« Paradise» , paraíso; « Chapel» , capela; « Church» , igreja. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 3

Enquanto punha a mesa para a refeição da noite, Beth observava a mãe a mexer uma panela diante do fogão. Como de costume, estava no seu mundo privado, praticamente alheia da presença da filha na mesma divisão.

Tinham passado três meses desde que enviuvara, mas fora assim que ficara. Apesar de continuar a lavar, cozinhar e limpar mais ou menos da mesma maneira que sempre fizera, só falava em resposta a uma pergunta directa, e não se interessava por nada nem por ninguém.

Mrs. Craven, a bondosa vizinha que tanto os ajudara na altura da morte do pai, dissera a Beth e a Sam que tinham de ser pacientes, porque o desgosto afectava as pessoas de maneiras muito diferentes e a mãe deles acabaria por sair do seu silêncio quando estivesse pronta. Mas, fazia um mês, até Mrs. Craven perdera a paciência quando a mamã a mandara embora, ao vê-la aparecer para uma das suas visitas.

– A cara dela estava fria como uma lápide de mármore! Digo-te, arrepiou-me toda, porque foi como se não me conhecesse – contara a Beth, indignada.

Parecera incrível a Beth que a mãe fosse capaz de mandar embora a única pessoa que provara ser uma verdadeira amiga, mas a verdade era que também não mostrava qualquer apreço por tudo o que Sam fizera por ela.

Sam esforçara-se ao máximo por manter a oficina a funcionar, mas as pessoas que costumavam levar sapatos e botas para consertar tinham deixado de aparecer. Se por causa do suicídio, se por pensarem que Sam não estava à altura da tarefa, ninguém sabia. Por isso Sam alugara a loja a outro sapateiro. A mãe limitara-se a encolher os ombros, quando ele lho dissera.

Para um rapaz sonhador e anteriormente tão preguiçoso, Beth achava que Sam se revelara um verdadeiro homem na maneira magistral como lidara com os problemas da família. Com o aluguer da oficina a pagar quase toda a renda do edifício, só precisavam de arranjar mais qualquer coisa para poderem continuar a viver no apartamento. Sam conseguira um lugar de aprendiz de escriturário

numa companhia de navegação e levava para casa tudo o que ganhava, para os manter a todos. A mãe deveria era tecer-lhe louvores, em vez de se limitar a ignorá-lo.

A verdade, porém, era que também não louvara Beth quando ela arranjava emprego numa loja de meias. Nunca perguntara que horário ia ter ou quanto lhe iam pagar.

Dias antes, Sam comentara que era como se a mãe tivesse sido substituída por uma criada muda. Dissera-o em tom de brincadeira, mas era exactamente o que parecia, porque a mãe cozinhava e servia as refeições sem dizer uma palavra. Nunca tinha sido grande conversadora – um ou outro mexerico a respeito das vizinhas era o seu limite habitual –, mas sempre soubera ouvir e sempre se revelara atenta à mais pequena mudança em qualquer um deles, demonstrando preocupação se estavam adoentados ou pareciam tristes. De repente, deixara de reparar se estavam cansados ou se tinham apanhado uma constipação; nem sequer fazia um comentário a respeito do tempo. Se lhe perguntavam o que fizera durante o dia, respondia com uma frase curta: «Lavei a roupa», ou «Mudei a roupa das camas». Beth fervia por dentro, com vontade de lhe gritar que continuava a tê-los a eles e a casa que amava, enquanto o mundo dos filhos fora virado de pernas para o ar. Sam passava dez horas por dia amarrado a uma secretária, às ordens de homens que o tratavam como se fosse lixo. Já não podia ir até às docas divagar durante uma ou duas horas, como costumava fazer; cada *penny* que ganhava era necessário.

Talvez Beth *tivesse* querido trabalhar numa loja, mas depressa descobrira que trabalhar na Hooley & Hosier não era nada do que tinha imaginado. Ela e as outras assistentes tinham de formar todas as manhãs para serem submetidas a uma revista durante a qual a chefe se certificava de que tinham as unhas limpas e as botas engraxadas, e dois fios de cabelo fora do lugar constituíam uma falta grave. As clientes eram muitas vezes mal-educadas, mas elas tinham de sorrir docemente e tratá-las como se fossem membros da realeza. Nem sequer podia ir à casa de banho sem pedir autorização, e trocar duas palavras com uma colega bastava para ser despedida. Era constantemente espiada, havia uma quantidade infundável de pequenas regras a observar e estar de pé o dia inteiro era esgotante. A mãe raramente saía, de modo que não via os sorrisos escarninhos nas caras das pessoas nem ouvia os comentários cruéis que faziam. Sam e Beth tinham de enfrentar aquilo todos os dias.

No entanto, toda a ansiedade, ressentimento e irritação que Beth sentira ao longo do último par de meses foram eclipsados naquele dia por algo muito mais grave.

Era dia de fechar mais cedo e Beth chegara a casa pouco depois da uma. Tencionava comer qualquer coisa e tentar convencer a mãe a ir dar um passeio para aproveitar o sol.

As pessoas a quem tinham subalugado a oficina iam vender sapatos, e durante a última semana um carpinteiro estivera a montar prateleiras e a fazer um balcão. Quando Beth entrou pela porta das traseiras, estava um pintor a trabalhar na oficina, com a porta aberta de par em par. O homem pedira desculpa pelo cheiro e dissera que esperava que não tivesse sido esse o motivo da indisposição da mãe dela, pois tinha-a ouvido vomitar na latrina.

Beth ficara naturalmente alarmada e correrá escadas acima. Mas a mãe negara que houvesse qualquer problema e dissera que o pintor estava enganado.

O cheiro a tinta era muito intenso no apartamento, mas mesmo assim a mãe recusara sair, de modo que Beth comerá um pouco de pão com queijo e saíra sozinha.

Tinham passado a só usar a porta das traseiras, mas quando, no regresso, ao chegar a Church Street, Beth vira a porta da oficina aberta, resolvera entrar por lá, para não ter de contornar o edifício. Eram três e meia, e detivera-se no pequeno vestíbulo junto ao fundo das escadas que davam acesso ao apartamento porque, através da porta aberta das traseiras, vira a mãe no pátio, a recolher a roupa deixada a secar.

Estava de braços esticados para cima, para chegar a uma das camisas de Sam, e Beth ficara chocada ao reparar como a barriga lhe tinha crescido.

A mãe era pequena e sempre fora muito magra. Na realidade, tinha uma cintura tão estreita que o pai costumava rodeá-la com as duas mãos. Quando, três meses antes, Beth lhe fizera o vestido de luto, continuava na mesma. Mas agora já não. Usava um avental de linho por cima do vestido preto, mas a cintura do avental estava muito acima do que deveria estar, e a barriga inchada notava-se perfeitamente.

Beth ficara tão chocada que quase gritara, alertando a mãe para a sua presença. E não se tratava de um engordar geral, pois a cara de Alice Bolton tornara-se muito mais magra desde que tinha enviuvado. Beth sabia exactamente o que uma barriga inchada significava, apesar de não ser suposto as meninas bem-educadas saberem dessas coisas.

Fora outra das coisas que Miss Clarkson lhe explicara. Dizia que era absurdo manter as raparigas na ignorância de uma coisa tão natural, sendo para além disso perigosa, já que os homens podiam aproveitar-se dela. Por isso Beth sabia como se faziam os bebês.

Apesar de ter achado embaraçoso descobrir que os pais tinham continuado a praticar o acto depois de ela ter nascido, a verdadeira preocupação de Beth, na altura, fora como abordar com a mãe um tema tão delicado. Mas sabia que tinha de fazê-lo, pois se vinha um bebé a caminho, ia ser preciso fazer planos.

Um pouco mais tarde, quando a mãe voltara a casa, a dobrar a roupa seca, Beth observara-a com atenção, na esperança de ter-se enganado, já que com o avental no devido lugar a barriga de Alice deixava de ser tão evidente; parecia

apenas um pouco mais larga na cintura.

Naquele momento, Beth bebia uma chávena de chá enquanto tentava ganhar coragem, sabendo que podia contar com alguma hostilidade. Mas o tempo passava, e quando Sam chegasse a casa perderia a oportunidade, pois sabia que nunca conseguiria falar de gravidez com um homem presente, mesmo tratando-se de um irmão.

Finalmente, inspirou fundo e mergulhou de cabeça.

– Vai ter um bebé, não vai, mamã?

Ela própria não tinha a certeza de como se sentia em relação a ter mais um irmão ou irmã, mas a reacção da mãe à pergunta deixou bem claro que considerava aquilo nada menos que uma calamidade. Contraiu o rosto, pousou as mãos na barriga, como que a tentar escondê-la, e deixou escapar um gemido de angústia.

Meio à espera de ouvir dizer que se metesse na sua vida, uma reacção tão dramática apanhou Beth completamente desprevenida.

– Eu sei que deve parecer horrível agora que o papá nos deixou, mas eu e o Sam vamos ajudá-la – apressou-se a dizer, aproximando-se da mãe. Não tentou abraçá-la, porque naqueles três últimos meses, sempre que esboçara o gesto, a mãe afastara-se, como se se tivesse queimado.

Para sua surpresa, foi a mãe que se lhe lançou nos braços, a chorar como uma criança, com a cara escondida no ombro dela.

– Não sabia como te dizer – soluçava. – Tenho tido tanto medo do que vai ser de nós.

Beth limitou-se a abraçá-la, tão aliviada por a mãe estar finalmente a comunicar com ela que todas as outras preocupações pareciam insignificantes.

– Não tem de se preocupar – disse, apaziguadoramente. – Temo-nos arranjado até agora, um bebé não vai ser problema. Pelo contrário, talvez até seja aquilo de que precisamos para voltarmos a ser felizes. Sabe quando é que vai nascer?

– Em Dezembro, acho eu – respondeu Alice, a limpar os olhos com o avental. – Mas eu estou demasiado velha para ter outro filho. Já é suficientemente mau ter sobre nós a vergonha da forma como o teu pai morreu... agora as pessoas vão começar outra vez a falar de nós.

– Não é nada demasiado velha – disse Beth com firmeza. – E que importa o que os outros digam? Não têm nada com isso.

Fez mais chá, e a mãe assoou-se e admitiu que era um alívio poder falar abertamente do assunto.

– Portei-me muito mal com vocês – fungou. – Mas estava tão preocupada e assustada que não conseguia pensar em mais nada. O que é que o Sam vai pensar?

– O mesmo que eu, que vamos ter um irmãozinho ou uma irmãzinha – disse

Beth com calma. O facto de o estranho comportamento da mãe estar enfim explicado tirara-lhe um enorme peso de cima dos ombros. – Eu sei que as coisas parecem agora um pouco difíceis, mamã, mas vão melhorar. E é melhor fazer as pazes com Mrs. Craven, porque vai precisar da ajuda dela quando esse bebé chegar.

Mrs. Craven, entre os seus muitos talentos, tinha fama de ser uma excelente parteira.

– Foi por isso que a mandei embora, tive medo que percebesse – admitiu Alice. – Era demasiado para mim, depois de o teu pai ter partido daquela maneira.

Mais tarde nessa noite, depois de a mãe ter ido para a cama, Beth e Sam ficaram sentados na cozinha, a conversar. Sam fizera um ar horrorizado quando Beth o chamara à parte, horas antes, e, muito embaraçada, o pusera ao corrente das novidades. Murmurara que aquilo era a última coisa de que todos eles precisavam, mas tivera a diplomacia de não mostrar à mãe os seus sentimentos.

Agora que estavam os dois sozinhos e ele tivera tempo para pensar no assunto, a sua atitude suavizou-se um pouco.

– Não posso dizer que estou encantado com a ideia de ter um fedelho a correr aos berros pela casa fora – admitiu. – Mas pelo menos explica o comportamento da mamã. Cheguei a pensar que ainda ia acabar num asilo.

– Deve ter sido muito assustador para ela – disse Beth. – Especialmente porque a mãe dela a deve ter tido quando estava sem marido, pois caso contrário não a teria abandonado. Aquele lugar onde cresceu estava junto a uma casa de correcção. Calculo que estava com medo de ir lá acabar.

– Eu nunca permitiria que isso acontecesse – disse Sam, resolutamente. – Mas vai amarrar-nos.

– Que queres dizer com isso?

Ele cerrou os lábios e franziu a testa.

– O papá não deixou muito, e a maior parte do que deixou foi tragado pelas despesas do funeral e para nos alimentar a todos até eu arranjar emprego. Os nossos ordenados juntos dão à justa para irmos vivendo. A minha esperança era que, a seu tempo, a mamã voltasse a casar e nós ficássemos livres.

Beth nunca imaginara a mãe casada de novo, e assim o disse.

– Pois é melhor começares a ter a esperança de que aconteça – respondeu ele, com uma ponta de sarcasmo. – Se conheceres um sujeito que queira casar contigo, de certeza que ele não vai querer carregar também com a tua mãe e um bebé. E eu também não estava a planear ficar aqui plantado para sempre. Quero conhecer o mundo.

Beth quis repreendê-lo por ser egoísta, mas não foi capaz porque sabia que ele nunca as abandonaria.

– Não nos preocupemos com o futuro, por enquanto – sugeriu. – Alguma coisa há-de aparecer, vais ver.

*

Foi um Verão longo e quente. O leite azedava a meio da manhã, as latrinas e os esgotos fediam horrivelmente, as folhas das árvores pendiam tristes, cobertas de pó. A cidade não se calava sequer quando escurecia, porque estava demasiado calor para alguém conseguir dormir. Os bebés choravam, os cães ladravam, as crianças brincavam nas ruas até altas horas e havia mais zaragatas de bêbedos às portas das tabernas do que de costume.

Beth enfrentava todos os dias, na Hooley's Hosiery, uma prova de resistência. Ao meio-dia, as montras da loja recebiam de chapa os raios do sol e a temperatura no interior subia acima dos trinta e cinco graus. As clientes, irritadiças e muitas vezes mal-educadas, obrigavam-na a abrir gavetas atrás de gavetas de meias e *collants*, e frequentemente Beth tinha de morder a língua para não lhes responder no mesmo tom. A sufocar no seu vestido preto de gola alta com saíotes por baixo, os pés inchados e doridos, interrogava-se como pudera em tempo pensar que seria maravilhoso ter um emprego.

Sam saía-se melhor no seu trabalho, porque as janelas do escritório davam para o porto e, quando estavam abertas, corria uma brisa refrescante. Mas de colarinho engomado e casaco, também ele confessava cabecear muitas vezes, amodorrado pelo calor ou a olhar para os navios que se faziam ao mar, desejando estar a bordo de um deles.

Era, no entanto, a mãe quem mais sofria. Não tinha apetite, sentia-se desfalecer com o calor, e a meio da tarde tinha as pernas e os tornozelos tão inchados que não conseguia andar. Beth assustava-se ao ver como o rosto dela estava a tornar-se emaciado e pálido, ao mesmo tempo que a barriga parecia crescer de dia para dia.

A vaga de calor cedeu finalmente em finais de Setembro, quando choveu quase sem interrupção durante duas semanas. Voltou a ser possível dormir à noite, as ruas ficaram lavadas e Alice Bolton começou a comer um pouco melhor.

Alice pedira desculpa a Mrs. Craven pela sua indelicadeza, e a vizinha tinha a gentileza de aparecer todos os dias para a ajudar com alguns dos trabalhos mais pesados. Juntas, as duas mulheres tinham desencantado uma caixa cheia de roupas de bebé que tinham servido primeiro a Sam e depois a Beth, e outra vizinha emprestara-lhes um berço.

O Inverno só se instalou a sério em finais de Novembro, mas quando chegou foi com ventos fortes e um frio cortante. Na segunda semana de Dezembro,

quando estava a nevar, Beth chegou a casa numa tarde de sexta-feira e encontrou Mrs. Craven na cozinha, a encher um grande tacho de água para pôr a aquecer no fogão.

– Começou por volta do meio-dia – explicou a mulher. – Foi uma sorte eu ter passado por cá no regresso do mercado. Quero que vás pedir ao Dr. Gillespie que venha dar-lhe uma vista de olhos.

Beth ficou imediatamente alarmada, mas Mrs. Craven abraçou-a tranquilizadamente.

– É só por precaução – insistiu.

Era a primeira vez que Beth via o médico desde a noite em que o pai se enforcara e sentiu-se tremendamente embaraçada por ter de explicar-lhe porque precisava dele naquela altura.

– Vai ter um bebé! – exclamou ele, o rosto redondo e vermelho a rasgar-se num grande sorriso. – Que surpresa! E como estás tu e o teu irmão? Devem ter sido duros para vocês, estes últimos meses.

– Vamos indo bem, doutor – disse Beth. O sorriso de prazer dele fizera-a sentir-se um pouco menos ansiosa, e o interesse que demonstrava por ela e Sam era reconfortante. – Claro que o bebé foi um choque para todos nós. Mas Mrs. Craven disse que queria que o doutor passasse por lá só por precaução.

Não fora, porém, só por precaução, compreendeu Beth mais tarde, de pé à porta do quarto a ouvir o que o médico dizia a Mrs. Craven.

– É uma mulher muito pequena e o bebé é grande. E Mrs. Bolton já não é muito nova nem está muito forte. Deixo-a nas suas mãos competentes por agora, Mrs. Craven, mas não hesite em mandar-me chamar outra vez se surgir algum problema.

O coração de Beth começou a martelar-lhe o peito, cheio de medo, e à medida que a noite avançava e ela ouvia a mãe gritar de dor, o medo transformou-se em terror. Também não ajudou o facto de Sam ainda não ter chegado a casa. Havia apenas Mrs. Craven, que proibira Beth de entrar no quarto. «Eu chamo-te se precisar de ajuda ou para ir chamar outra vez o médico», dissera firmemente. «Os bebés demoram por vezes uma eternidade a nascer, mas não te preocupes com os gritos... a maior parte das mulheres grita, mas não quer dizer nada.»

Sam chegou pouco depois das dez, mesmo a tempo de Mrs. Craven o mandar chamar o médico outra vez, e, apesar de se recusar a dizer porque precisava dele, Beth viu-lhe a ansiedade estampada no seu rosto largo.

O Dr. Gillespie voltou com Sam e tornou a desaparecer no quarto durante algum tempo.

Por volta da meia-noite, entrou na cozinha e pediu uma bacia de água quente para lavar as mãos. Já tinha despidido o casaco e enrolado as mangas da camisa, e enquanto esfregava as mãos e os antebraços olhou por cima do ombro para Beth

e para Sam.

– Tenho de retirar o bebê rapidamente – disse. – Arranjem mais panos lavados e toalhas. Vejo que estão ambos assustados, mas tentem não se preocupar... a vossa mãe vai ficar bem.

Beth correu a buscar os panos lavados e o médico levou-os para o quarto, fechando a porta. Pouco depois, a mamã parou de gemer e Sam disse que o doutor devia ter-lhe dado éter.

Estava agora tudo muito silencioso. Lá fora, a neve continuava a cair, abafando o ruído das poucas carruagens que passavam na rua. Dentro de casa, o único som era uma ou outra tossidela ou instrução abafada do doutor a Mrs. Craven e o crepitar e o sibilar do carvão a arder no fogão.

Sam e Beth não falavam. Estavam sentados cada um de cada lado da mesa da cozinha, pálidos e ansiosos, ambos absortos nos seus próprios medos.

Subitamente, houve um barulho: passos apressados e a voz baixa do médico. « Céus, que grande ela é », exclamou Mrs. Craven, e instantes depois ouviram o bebê chorar.

– Graças a Deus! – disse Sam, limpando a testa com a manga da camisa.

Pouco depois, Mrs. Craven saiu do quarto trazendo nos braços o bebê embrulhado numa manta. Parecia exausta, mas estava a sorrir.

– Esta é a vossa irmãzinha. Um autêntico porquinho – disse, com algum orgulho.

Para Beth, a visão do avental de Mrs. Craven ensopado em sangue diluiu qualquer alegria que pudesse ter sentido ao ver a criança.

– A mamã... está bem? – perguntou.

– Estará em breve, quando o doutor acabar de a coser – respondeu Mrs. Craven. – Mas vocês podem ajudar tomando conta da pequenina – acrescentou, entregando o pequeno embrulho a Beth. – Ponham-na no berço perto do fogão, para a manter quente. Eu tenho de ir ajudar o doutor.

Enquanto Sam ia à sala buscar o berço, Beth ficou a olhar para o bebê que tinha nos braços. Nunca tinha visto uma recém-nascida, e apesar de Mrs. Craven ter dito que aquela era grande, a ela parecia-lhe minúscula, vermelha e engelhada. O cabelo era escuro, e embora não conseguisse ver-lhe os olhos, porque os tinha fechado com força, gostou da pequena boca que não parava de se abrir e fechar, como a de um peixe.

Sam voltou com o berço.

– Acho que é melhor aquecermos primeiro o colchão e as mantas – sugeriu Beth, pois não tinham voltado a acender o lume na lareira da sala desde que o frio começara a sério. – O que é que achas dela?

Sam espreitou para o bebê e acariciou-lhe hesitantemente a bochecha com um dedo.

– É bastante feia – disse, de nariz franzido num gesto de desagrado.

– Não é nada! – exclamou Beth, protectoramente. – É um amor, e é como estar a olhar para um cachorrinho ou um gatinho acabados de nascer. Ao princípio todos parecem ratinhos, mas depressa se tornam bonitos, e com ela vai ser a mesma coisa.

Com todos os preparativos para o berço da bebé e fazer mais chá para o doutor e para Mrs. Craven, esqueceram temporariamente a mãe. Só quando a vizinha apareceu com um grande monte de lençóis ensanguentados e disse a Sam que fosse ao pátio buscar o alguidar de zinco para pôr tudo aquilo de molho é que voltaram a lembrar-se dela.

– Vai estar fraca durante algum tempo – disse gravemente Mrs. Craven. Vamos ter de restituir-lhe as forças com uns bons caldos de carne, ovos e leite. Quando o doutor acabar, poderão entrar para a ver durante um ou dois minutos. Mas não esperem muito dela, passou por um mau pedaço.

Pareceu passar uma eternidade antes que o Dr. Gillespie saísse finalmente do quarto, apesar de na realidade ter sido apenas meia hora. Tinha um ar cansado enquanto despia o avental sujo de sangue e ia até à bacia lavar as mãos.

– Têm *brandy* em casa? – perguntou.

– Julgo que sim, senhor doutor – respondeu Sam, indo à despensa buscá-lo.

– Ótimo. Dá-o à tua mãe, com um pouco de leite quente. – Aproximou-se do berço e olhou para o bebé adormecido. – Pelo menos parece de boa saúde, e Mrs. Craven explica-lhes o que têm de fazer. Passo por cá de manhã para ver a vossa mãe. – Tirou um pequeno frasco castanho da maleta e pousou-o em cima da mesa. – Se ela tiver dores durante a noite, dêem-lhe três ou quatro gotas disto, com água quente. Tentem obrigá-la a beber um pouco de água.

– Vão lá! Podem ir vê-la agora – disse-lhes Mrs. Craven, depois de o médico sair. – Depois também eu vou ter de me ir embora.

Sam e Beth entraram em bicos de pés no quarto da mãe, sem saberem com que contar. Estava tudo surpreendentemente arrumado e normal, tendo em conta o que ali se passara, apesar de estar muito calor devido à lareira acesa e haver um cheiro estranho no ar. Mas a mãe parecia ter encolhido. Não ocupava mais espaço na grande cama de latão do que uma criança, e o rosto dela parecia salpicado de manchas à luz do candeeiro a gás.

– Como se sente, mamã? – perguntou Sam.

– Dói-me – resmungou ela. – O bebé?

– Está ótimo, bem tapadinho e deitado no berço a dormir – respondeu Beth, docemente. – Tem de beber isto – acrescentou, aproximando-se mais para soerguer a mãe o suficiente para lhe dar o leite com *brandy*. – Vou dormir na cozinha, ao pé dela, para ficar quentinha e eu poder tê-la debaixo de olho. Está a nevar, lá fora.

Quando acabou de beber e voltou a pousar a cabeça na almofada, Alice agarrou o braço da filha.

- Por favor, não me odeiem por causa disto – disse, numa súplica.
- Odiá-la porquê? – Beth franziu a testa e olhou para Sam, confusa.
- Por deixá-los com este fardo – respondeu Alice, enquanto fechava os olhos.

Beth aconchegou as mantas à volta da mãe e baixou a chama do candeeiro a gás até restar apenas uma ténue claridade. Sam deitou mais um pouco de carvão no lume e saíram os dois em silêncio.

– Achas que ela pensa que vai morrer? – perguntou Beth ao irmão, depois de Mrs. Craven ter ido para casa.

– Deve ser só o efeito do remédio que o doutor lhe deu – respondeu Sam, com ar entendido. – Não lhe dê importância.

– Amanhã não vou poder ir à loja, vou ter de ficar a tomar conta do bebé – disse Beth. – Mr. Hooley não vai ficar nada contente. Já que estamos tão perto do Natal. E se ele não me guarda o lugar até a mamã melhorar?

– Não te preocupes com isso – disse Sam, cansadamente. – Escreve-lhe uma nota e eu deixo-lha debaixo da porta a caminho do escritório. Agora é melhor pôr um pouco mais de carvão no fogão, para manter a nossa irmãzinha aquecida. Pergunto-me que nome lhe vai a mamã dar.

– A mim parece-me uma Molly – declarou Beth, voltando a espreitar para dentro do berço. – Só espero que não acorde antes de Mrs. Craven voltar. Não sei nada de bebés.

*

Beth dormiu um sono inquieto no velho cadeirão de braços junto ao fogão, com os pés apoiados num tamborete e tapada por algumas mantas. Acordava ao mais pequeno ruído, mas era sempre apenas o estalar de uma brasa no fogão, ou um pequeno murmúrio do bebé. Mas, quando tentava voltar a adormecer, o estranho pedido da mãe invadia-lhe o espírito.

Às seis da manhã, estava a embalar o bebé e a tentar fazê-lo parar de chorar quando, para seu alívio, Mrs. Craven entrou pela porta das traseiras, a bater com os pés no chão para sacudir a neve das botas.

– O bebé precisa de mudar de fralda e comer – declarou, num tom de comando, e, atirando o casaco para cima de uma cadeira, pegou na criança, começou a desembulhar a manta encharcada e ordenou a Beth que fosse buscar o caixote onde estavam guardadas as roupas e as fraldas.

Beth ficou a ver, fascinada, a mulher mais velha lavar cuidadosamente o minúsculo corpo ao mesmo tempo que lhe dava instruções a respeito de mudar o pedaço de gaze que envolvia o coto do cordão umbilical, que devia ser salpicado com um pó especial até cair. Em seguida, dobrou uma fralda em forma de triângulo e atou-a com gestos hábeis à volta do traseiro da criança.

– Daqui a pouco, quando as lojas estiverem abertas, vê se consegues comprar um par de cueiros de borracha para ela – continuou Mrs. Craven. – Não existiam quando os meus filhos nasceram, mas para mim são uma dádiva de Deus, porque mantêm as roupas e os lençóis secos. Tens de mudar a fralda de duas em duas ou de três em três horas. Se a deixares molhada, fica toda assada.

Enquanto vestia ao bebé uma pequena camisa de noite, continuou a transmitir uma enorme quantidade de informações a respeito dos cuidados a ter com uma criança, a maior parte das quais entrou por um ouvido de Beth e saiu pelo outro.

– Bem, agora vamos levá-la à mãe, para que lhe dê de mamar – disse, devolvendo a criança a Beth. – É natural que ela proteste, porque ainda está muito combalida, mas as mães recuperam sempre mais depressa quando têm os filhos nos braços.

Alice parecia ligeiramente melhor, na medida em que pelo menos as manchas da cara tinham desaparecido, e abriu os olhos, tentando sorrir. Fez um esgar de dor quando Mrs. Craven a ajudou a sentar-se um pouco para poder pôr-lhe mais almofadas atrás das costas, e estava horrivelmente pálida.

Beth já sabia que o Dr. Gillespie tinha feito aquilo a que se chamava uma cesariana, e que devia ter sido feita num hospital. Mas não tivera por onde escolher: a mamã não podia ser transportada e o bebé tinha de ser retirado o mais rapidamente possível, ou morriam ambas.

– Vamos deixar o bebé mamar um pouco – disse Mrs. Craven, desabotoando a frente da camisa de noite da mamã. – Depois arranjo-lhe qualquer coisa para beber e comer e instalo-a mais confortavelmente.

Beth corou ao ver os seios da mãe, mas quando Mrs. Craven colocou o bebé em posição e o viu agarrar imediatamente o mamilo, o embaraço transformou-se em deleite ante o espectáculo de tanta avidez, não contendo um sorriso.

– É uma lutadora, a pequena marota – disse Mrs. Craven, ternamente. – Ora muito bem, como é que vamos chamar-lhe?

– Eu acho que é uma Molly – disse Beth, sentando-se na beira da cama.

– Então Molly será – disse a mãe, com um vislumbre de um sorriso.

CAPÍTULO 4

Nos dias que se seguiram ao nascimento de Molly, Beth não teve um momento de descanso, num constante corrúpio entre mudar as fraldas e acalmar o bebê, tratar da mãe, o que incluía ajudá-la a usar o bacio uma vez que não podia ir até à latrina no pátio das traseiras, lavar a roupa e fazer todas as outras tarefas domésticas. Um espesso manto branco cobria tudo, e continuava a nevar quase todos os dias. Estava tão escuro dentro de casa que Beth tinha muitas vezes de acender os candeeiros a gás mesmo durante o dia. Quando saía a correr para ir comprar qualquer coisa, não se demorava, pois por mais convidativo que fosse o aspecto de Church Street, com as montras das lojas enfeitadas para o Natal, os vendedores de castanhas assadas e os tocadores de realejo, fazia demasiado frio para andar na rua.

Além disso, estava fascinada pela irmã. Cuidar dela era um prazer, não uma obrigação, e também não se importava com todas as outras coisas que tinha de fazer. Passada uma semana, no entanto, a alegria foi substituída pela ansiedade por causa da mãe.

Ao princípio, Alice parecera ir melhorando progressivamente. No terceiro dia após o parto, pedira uma omeleta a Beth e comera-a até ao último pedaço, além de um pouco de arroz-doce. Ficava com Molly ao colo por longos períodos depois de a amamentar e gostava de conversar com Beth, explicando-lhe pequenas coisas a respeito de bebês e de cozinhados.

No quarto dia, estivera mais ou menos na mesma até à noite, quando repentinamente se queixara de ter muito calor. Na manhã seguinte, Beth tivera de ir chamar o Dr. Gillespie, porque a mãe estava cheia de febre.

O médico dissera que era frequente as mulheres ficarem assim ao quarto ou quinto dia depois de darem à luz e recomendara a Beth que a fizesse beber muitos líquidos e a mantivesse quente. Mas Alice começara a piorar cada vez mais, com tanta febre que mal sabia quem era. Cheirava mal e era atormentada por dores de barriga tão terríveis que nem o medicamento que o médico lhe dera

conseguia aliviar.

Mrs. Craven chamava-lhe febre de parto, mas o Dr. Gillespie tinha um nome muito mais complicado. Ia lá a casa duas vezes por dia, irrigava o útero da mamã com uma solução anti-séptica e depois enchia-o de gaze.

Continuaram a levar-lhe Molly para que lhe desse de mamar, apesar de não conseguir pegar nela, mas, naquela manhã, Mrs. Craven levava-lhes um biberão de vidro com uma tetina de borracha. Não tivera de explicar porquê; era evidente que a saúde de Alice estava de tal modo deteriorada que já não conseguia produzir leite suficiente.

Molly agarrou-se ao biberão com entusiasmo e Beth ficou encantada por sentar-se na confortável cadeira junto ao fogão a dar-lhe de comer. Adorava a maneira como os olhos de Molly se abriam muito quando começava a mamar; pareciam dois grandes berlindes azul-escuros, e Molly agitava as minúsculas mãos como se isso ajudasse o leite a deslizar para baixo mais depressa. Mas quando chegava ao fim do biberão, baixava as pálpebras e deixava cair os braços ao longo do corpo.

Muitas vezes, Beth ficava uma hora ou mais a segurar a irmã contra o ombro e a massajar-lhe ao de leve as costas, como Mrs. Craven lhe tinha ensinado, para a fazer arrotar. Adorava o cheiro e o contacto do bebé, os pequenos suspiros de contentamento que deixava escapar e tudo nela. Mesmo depois de lhe ter mudado a fralda, de a ter embrulhado numa manta de tal modo que só se via a minúscula cabeça e de a ter depositado no berço, deixava-se ficar a vê-la dormir, maravilhada pelo milagre de uma nova vida.

Esta alegria era, no entanto, perturbada pela fraca saúde da mãe. Nem o Dr. Gillespie nem Mrs. Craven tinham sequer sugerido que Alice não ia recuperar, mas por mais que se esforçasse por ser optimista, Beth sentia a morte aproximar-se no quarto ao lado.

A bondosa e competente vizinha aparecia agora de duas em duas ou de três em três horas, e Beth soube pelo aumento do número de lençóis manchados de sangue, pelo cheiro, pelo modo como Mrs. Craven deitava cada vez mais carvão na lareira do quarto e pela gravidade da sua expressão que era apenas uma questão de tempo.

Não deu parte dos seus medos a Sam, pois sabia que ele andava preocupado com a questão do dinheiro. Mr. Hooley levava a mal o facto de Beth ter deixado o trabalho na época de maior azáfama do ano e não se punha sequer a possibilidade de lhe guardar o lugar até ela poder voltar. Ainda por cima, Sam gelava no escritório da companhia de navegação e queixava-se de que era difícil escrever com uma letra bonita quando tinha os dedos entorpecidos pelo frio. A ideia de mais dois ou três meses de Inverno num local de trabalho tão inóspito enchia-o de terror. Beth achava que se lhe dissesse que a mãe ia provavelmente morrer e que teria de ser ele a sustentar sozinho as duas irmãs era bem possível

que se sentisse tentado a voltar costas e fugir.

No entanto, na tarde de domingo, depois de Sam ter passado o dia inteiro em casa a observar toda aquela frenética actividade, Beth percebeu, pela expressão ansiosa do irmão, que começava finalmente a perceber a gravidade da situação.

– Porque não me disseste? – perguntou-lhe ele num tom de censura, enquanto Beth, sentada, embalava a pequena Molly.

– Já tinhas mais do que o suficiente com que te preocupar – respondeu, e era verdade. – Além disso, estava na esperança de que melhorasse.

Nesse momento, ouviram o tilintar da pequena campainha que Beth deixara à cabeceira da mãe para que ela pudesse chamar se precisasse de alguma coisa. Beth pôs-se de pé e foi até ao quarto, ainda com Molly ao colo.

O calor no quarto era sufocante, e o cheiro desagradável tornara-se ainda mais intenso.

– Quer água, mamã? – perguntou Beth, evitando olhar para a cara da mãe. Doía olhar para ela, porque a carne do rosto parecia ter-se recolhido para dentro dos ossos e os olhos destacavam-se, proeminentes como os de um peixe na bancada do peixeiro.

– Não. Chama o Sam, preciso de falar com os dois – respondeu a mãe, a voz reduzida a um murmúrio rouco.

Sam entrou imediatamente, de nariz franzido por causa do cheiro.

– Aproximem-se mais – sussurrou a mãe. – Custa-me falar.

Os dois irmãos chegaram-se mais para a cama, Beth a apertar Molly com força contra o peito.

– O que foi, mamã? – perguntou Sam, a voz a tremer.

– Tenho uma coisa muito má para lhes dizer – continuou Alice. – Sei que estou a morrer, e não quero levar isto na consciência.

Sam começou a dizer que ela não ia nada morrer e que de todos os modos era pura e boa, mas ela agitou debilmente uma mão para o calar.

– Não sou uma boa mulher – disse, a voz quebrada e áspera. – O vosso pai matou-se por causa daquilo que eu fiz.

Sam olhou de soslaio para Beth, numa pergunta muda. A irmã limitou-se a encolher os ombros, convencida de que a mãe estava apenas a delirar por causa da febre.

– Houve outro homem. O vosso pai descobriu-o poucas semanas antes de se matar. Disse que me perdoaria se eu promettesse nunca mais voltar a vê-lo. – Calou-se, sacudida por uma tosse fraca. Nem Beth nem Sam fizeram um gesto para a ajudar a beber.

– E eu prometi – continuou ela, quando a tosse amainou. – Mas não consegui cumprir a minha promessa e continuei a procurá-lo sempre que podia sair. A última vez que o vi foi na manhã do dia em que o vosso pai se enforcou.

Beth estava aturdida.

– Como pôde fazer uma coisa dessas? – gritou.

– Sua, sua... – gritou Sam, o rosto a ficar vermelho de raiva e repulsa. – Sua rameira!

– Não há nada que possam dizer capaz de me fazer sentir pior do que já me sinto – rouquejou Alice. – Traí o vosso pai e sou responsável pela morte dele. Era um bom homem, demasiado bom para mim.

– E a Molly? Quem é o pai dela? – perguntou Beth.

– O outro homem – respondeu a mãe, fechando os olhos como se não conseguisse suportar ver os rostos zangados dos filhos. – Procurem na gaveta onde guardo as minhas meias – continuou. – Está lá uma nota que encontrei naquela noite, que o Frank tinha escondido debaixo da minha almofada.

Sam abriu a pequena gaveta da cómoda e remexeu-a durante alguns instantes até encontrar uma folha de papel. Levou-a para junto do candeeiro a gás, para a ler.

– O que é que diz? – perguntou Beth.

Querida Alice, leu Sam.

Sei desde há algum tempo que continuas a ver o teu amante. Quando encontrares isto eu já terei partido e tu estarás livre para ires ter com esse homem de quem gostas mais do que de mim. Tudo o que peço é que esperes um tempo razoável depois da minha morte antes de ires ter com ele, por causa dos nossos filhos.

Amei-te, lamento não ter sido o suficiente.

Frank.

Beth tinha começado a chorar enquanto Sam lia a nota. Imaginou o pai, sempre calmo e gentil, a escrevê-la, a subir à hora do chá para escondê-la debaixo da almofada. Mesmo com o coração despedaçado, não recorrera à raiva nem à maldade. Continuara a ser um bom pai e um marido carinhoso até ao fim.

Sam aproximou-se dela e passou-lhe um braço pelos ombros; olhou para Molly adormecida nos braços dela. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto.

– Porquê, mamã? – gritou. – Porque é que tinha de fazer uma coisa destas?

– Amava o vosso pai, mas era o amor carinhoso de uma amiga – respondeu ela, a voz entrecortada. – A paixão é uma coisa completamente diferente. Talvez um dia vocês mesmos o descubram e compreendam.

– Mas porque não veio esse outro homem buscá-la? – gritou Sam, furioso. – Se era verdadeiro amor, porque não está ele a seu lado neste momento?

– O meu maior erro foi confundir paixão com amor – disse Alice, os olhos a

arder cravados no filho. – Ele desapareceu mal soube que o Frank tinha morrido. Foi esse o meu verdadeiro castigo, saber que me tinha unido a um patife que não queria saber de mim para nada, e o Frank morreu a pensar que tinha arranjado maneira de me fazer feliz.

– Esse outro homem sabia que estava grávida dele? – perguntou Beth, a soluçar.

– Não, Beth. Só o descobri depois da última vez que estive com ele.

Alice começou a tossir e a respiração tornou-se-lhe sibilante. Era evidente que não estava em condições de dizer o que mais quer que fosse.

– Agora durma – disse Beth, secamente. – Amanhã voltamos a falar.

Mais tarde, na cozinha, Sam andava de um lado para o outro, lívido de raiva.

– Como foi capaz? – repetia. – E se ela não recuperar, é suposto cuidarmos nós dessa miúda?

Beth chorava enquanto embalava Molly nos braços.

– Não digas isso, Sam. É apenas um bebé, não tem culpa de nada, e é nossa irmã.

– Minha irmã, não! – enfureceu-se Sam. – O nosso pai podia ser suficientemente fraco para aceitar que a mulher tivesse um amante, mas eu não vou seguir-lhe o exemplo. Ela tem de ir.

– Ir para onde? – perguntou Beth, por entre as lágrimas. – Queres que a levemos para o orfanato? Que a deixemos à porta de alguém?

– Não posso nem quero sustentar a filha do homem que seduziu a minha mãe e levou o meu pai a matar-se – disse Sam num tom firme, os lábios cerrados numa linha determinada. – Livra-te dela!

Beth continuou a pé muito tempo depois de Sam ter ido para a cama. Deu de comer e mudou a fralda a Molly antes de a deitar no berço, e em seguida sentou-se na cadeira a tentar compreender o que se passara.

Mas nada daquilo fazia sentido. Até àquela noite, nunca julgara possível que uma mulher com um bom marido, filhos e uma casa confortável pudesse querer mais qualquer coisa. Ouvira, claro, falar de mulheres sem moral que andavam com homens que não eram seus maridos, mas sempre tivera a ideia de que eram o género de debochadas que frequentavam as tabernas e se maquilhavam. Não mulheres normais, como a mãe.

«Paixão», da maneira como a mãe se lhe referira, era algo que não compreendia. Miss Clarkson gostava de usar a palavra, mas era quase sempre em ligação com a música. Mas certa vez, quando estava a falar da maneira como os bebés eram feitos, dissera que a «paixão» dominava por vezes algumas mulheres e lhes roubava a vontade. Beth tinha de supor que fora o que acontecera à mãe.

Beth ainda estava sentada na cadeira, a chorar, quando ouviu um ruído vindo do quarto da mãe. Qualquer coisa tinha caído no chão, talvez o copo de água. Não queria voltar a ver a mãe naquela noite, mas sabia que tinha de ir lá verificar.

Alice estava caída sobre um dos lados da cama, a tentar chegar à foto de família pousada na mesa-de-cabeceira. Fora tirada um ano antes em New Brighton Beach, quando lá tinham ido passar um fim-de-semana prolongado em Agosto. Ao tentar agarrá-la, fizera-a cair em cima do frasco de comprimidos que o médico lhe dera.

– É isto que quer? – perguntou Beth, pegando na fotografia e segurando-a para que a mãe pudesse vê-la.

Alice ergueu um braço com grande dificuldade e pousou um dedo na fotografia.

– Não contes a ninguém a respeito da Molly – pediu, num murmúrio. – Deixa-os pensar que é do Frank. Não por mim, mas por ela, e dá-lhe isto quando crescer, para que saiba como éramos.

A mão dela deslizou pela fotografia e agarrou o pulso de Beth. Era seca como uma folha de Outono, tão pequena e ossuda, e estava a apertar com força.

– Lamento tanto – murmurou. – Diz que me perdoas.

O instinto disse a Beth que aquilo era o fim, ou muito perto disso. Fosse o que fosse que a mãe tivesse feito, fosse quem fosse que tivesse magoado, não podia deixá-la morrer sem uma palavra bondosa.

– Sim, perdoo-lhe, mamã – disse.

– Posso ir agora? – sussurrou Alice.

A pressão no pulso de Beth afrouxou e a mão da mãe caiu na manta. Beth ficou a olhar para ela durante algum tempo antes de perceber que tinha deixado de respirar.

CAPÍTULO 5

Vamos fazer o funeral mais barato possível – declarou Sam teimosamente. – Por causa dela, o nosso pai não pode repousar em solo sagrado, e ninguém foi ao funeral dizer que tinha sido um bom homem. Porque há-de ela ter melhor?

– Não podemos fazer-lhe um funeral de mendiga – alegou Beth, cansada, pois já tinham discutido aquilo várias vezes desde que o irmão chegara a casa para cear, sendo agora quase onze da noite. – O que é que as pessoas vão pensar de nós?

– E o que é que isso nos importa? – explodiu ele. – Exceptuando os Craven, toda a gente tem murmurado boatos a nosso respeito desde que o papá morreu. Pois que continuem.

Beth começou a chorar, porque não conhecia aquela pessoa de coração de pedra que tomara o lugar do irmão. A mãe tinha morrido há menos de vinte e quatro horas, o corpo ainda estava estendido na cama, e apesar disso Sam saíra para trabalhar de manhã como se nada tivesse acontecido. Compreendia, claro, que o irmão tinha medo de perder o emprego se não fosse, mas ele podia ter-lho explicado, apenas meia dúzia de palavras meigas para lhe mostrar que não estava zangado também com ela.

– Não chores, Beth – pediu ele, os olhos a suavizarem-se. – Não quero ser cruel, mas as coisas chegaram a um ponto desesperado. Não podemos gastar dinheiro que não temos no funeral dela. E essa criança tem de ir!

Beth moveu-se protectoramente para junto do berço de Molly.

– Não digas isso, Sam. É nossa irmã, e eu não vou abandoná-la. Podes vender o piano ou outra coisa qualquer para conseguirmos algum dinheiro, alugamos um dos quartos ou mudamo-nos para uma casa mais barata, mas a Molly fica connosco.

– Não suporto olhar para ela – disse Sam, com os olhos carregados de lágrimas. – Vai lembrar-me sempre o que a mamã levou o papá a fazer.

– Se a mamã não tivesse sido tão honesta e corajosa ao confessar a verdade, nunca o teríamos sabido – argumentou Beth. – Além disso, o papá havia de dar voltas no túmulo se abandonássemos um bebê indefeso, mesmo não sendo dele. Por isso tens de encontrar um pouco de bondade para aceitar que temos de fazer o que é justo para a Molly.

Sam ficou a olhar pensativamente para ela. Fez uma longa pausa antes de voltar a falar.

– Posto dessa maneira, suponho que tenho de concordar. – Suspirou. – Mas não esperes que sinta alguma coisa por ela. E não me culpes quando descobrires o que é ser verdadeiramente pobre.

Para Beth, bastava que Sam tivesse cedido.

– Nesse caso, chegamos a um compromisso e fazemos um funeral o mais barato possível. Mas depois não me culpes quando descobrires que isso te faz sentir mal contigo mesmo.

O Natal foi triste; não tinham dinheiro nem vontade para qualquer espécie de festejos. Deixaram Molly com Mrs. Craven apenas o tempo suficiente para irem à igreja na manhã de Natal, mas isso não lhes proporcionou qualquer consolo, pois só serviu para lhes lembrar a alegria de natais passados. Algumas pessoas, poucas, aproximaram-se deles para lhes apresentar condolências, mas não havia nelas sinceridade, apenas curiosidade.

O funeral foi dois dias mais tarde, e a filha mais velha de Mrs. Craven ficou a tomar conta de Molly. A chuva tinha derretido a neve, mas um vento gelado varria o cemitério, quase a cortá-los ao meio enquanto o caixão barato descia à terra. Além de Sam e Beth, havia só mais três pessoas: os Craven e o Dr. Gillespie. Enquanto o padre Reilly entoava as palavras finais do serviço, Beth lançou um olhar ao lugar onde o pai estava enterrado, em solo não consagrado. Pensou em como era injusto um homem que nunca pecara contra ninguém estar ali enquanto a esposa adúltera era sepultada com a bênção da Igreja.

Na primeira semana de Fevereiro, quando Sam fez dezassete anos e Beth dezasseis, foram obrigados a vender o piano. Beth não se importou muito, já que continuava a ter o seu precioso violino, mas ver o piano a ser descido pela janela até à rua fê-la pensar na trágica ironia de tudo aquilo.

Para os pais, o piano fora o símbolo de que tinham conseguido erguer os filhos até à classe média, o que os poria ao abrigo das privações que eles próprios tinham tido de suportar. E no entanto, por terem sido protegidos da necessidade e escudados contra as duras realidades da vida, nem ela nem Sam tinham recursos para enfrentar a pobreza.

Beth sabia fazer bolos, pôr uma mesa, engomar e passar a ferro uma camisa,

e adquirira dúzias de outras refinadas competências, mas nunca fora ensinada a planejar as refeições de uma semana com um orçamento minúsculo. Sam podia ser capaz de ir buscar carvão para o lume, limpar a neve do pátio das traseiras e chegar a horas ao emprego todos os dias, mas não fazia a mínima ideia de como desentupir um lava-louça ou consertar o caixilho de uma janela.

Durante toda a infância deles, houvera sempre um lume na sala, um fogão na cozinha e até lareiras a arder nos quartos quando o frio apertava a sério. Os candeeiros a gás eram acesos antes de escurecer, havia sempre fruta numa taça, bolo na caixa de lata e carne todos os dias.

O carvão acabou-se pouco depois do Natal e quando encomendaram mais ficaram chocados ao descobrirem o preço e que só poderiam alimentar o fogão da cozinha. O gás comia moedas a uma velocidade tal que tinham medo de acendê-lo. A fruta e os bolos desapareceram da dieta.

O salário de Sam era gasto em comida muito antes de cada sexta-feira, e depois de terem comido as conservas e as reservas de açúcar e farinha que a mãe tão frugalmente acumulara na despensa, ficaram reduzidos a pão até ao dia de pagamento.

Talvez tivesse sido possível conseguir um melhor preço pela mesa redonda de mogno com cadeiras a condizer de que a mãe tanto se orgulhara, mas precisavam do dinheiro para pagar o carvão e a conta do Dr. Gillespie. Foram sem dúvida enganados na venda do velho relógio de pêndulo. Mas nenhum dos dois sabia o verdadeiro valor daquelas coisas ou que os negociantes de mobílias em segunda mão sabiam detectar o cheiro do desespero.

Apesar do seu amor por Molly, Beth não contara com a solidão de passar um dia inteiro em casa com um bebé. Parecia nunca ter um instante seu para descansar, tocar violino ou tomar um banho. Sam não estava interessado em saber de Molly quando voltava do trabalho, e ela só tinha Mrs. Craven com quem falar e estava constantemente preocupada com o dinheiro.

Em meados de Março, Sam chegou à conclusão de que não tinham alternativa senão aceitar inquilinos.

Um dos empregados mais antigos do escritório sugeriu um primo seu, Thomas Wiley, e a mulher, Jane, que tinham estado a viver com ele e a família desde que Thomas se mudara de Manchester para começar a trabalhar nos Correios de Liverpool. O casal andava pelo meio da casa dos trinta e Beth antipatizou imediatamente com Jane. Tudo nela era afiado: os olhos, que dardejavam pela sala enquanto falava, o nariz e as maçãs do rosto, e até a voz, com um tom agudo.

Não mostrou o mais pequeno interesse em Molly e mirou Beth dos pés à cabeça, como que a avaliar o preço das roupas. Quando Beth tentou sugerir que estabelecessem um plano que permitisse às duas preparar as respectivas

refeições da noite, Jane interrompeu-a dizendo que não gostava de cozinhar.

O marido, Thomas, era bem mais simpático, um homem jovial de faces rosadas que pareceu muito grato quando Beth lhes disse que poderiam dispor da sala de estar e do seu antigo quarto no segundo piso por cima da cozinha, uma vez que ela e Molly tinham passado a ocupar o quarto que fora dos pais. Declarou que já começava a desesperar por conseguir arranjar um lugar decente, ou sequer limpo, para viver, pois tinha visto quartos que nem para um cão serviriam.

Infelizmente, cedo se tornou evidente que Thomas gostava mais da bebida do que da mulher ou da casa. A maior parte das noites, não chegava antes das dez.

Beth esforçava-se ao máximo por dar-se bem com Jane, mas ficou claro desde o início que esta achava que uma inquilina tinha o direito de ser servida. Logo no segundo dia, ordenou a Beth que lhe enchesse de água quente a banheira de zinco do quarto. Quando Beth lhe disse que ela e Sam tomavam sempre banho na cozinha, que era muito mais quente e conveniente, e que de todos os modos teria de ser ela a encher e despejar a banheira, a mulher voltou-lhe as costas com um ar indignado e disse que «nunca tinha ouvido semelhante coisa».

No fim, derramou água por todo o chão da cozinha e não fez o mais pequeno esforço para limpá-la. Queixava-se de que o choro de Molly à noite a impedia de dormir e de que o colchão da cama estava cheio de altos e baixos. Beth apressava-se a dar o biberão a Molly se ela acordasse de noite e passou uma boa hora no pátio a sacudir o colchão de penas, para o tornar mais macio, mas Jane não a ajudava de maneira nenhuma. Era capaz de deixar tudo sujo a fazer uma simples chávena de chá, e nunca arrumava nada. Enchia o lava-louça de roupa suja e em seguida desaparecia, o que significava que Beth tinha de lavar a roupa dela para poder lavar a sua.

Dia após dia, Beth via a vida confortável e ordeira a que estava habituada, e que tanto se esforçara por manter, degradar-se cada vez mais. Quando estava a dar banho a Molly no lava-louça, Jane entrava na cozinha e punha-se a fritar *bacon*, atirando para o chão o vestido, o casaquinho e a fralda lavados que estavam a arejar junto ao fogão. Se Beth se quisesse sentar no cadeirão de braços para dar o biberão a Molly, já Jane estava lá instalada. Servia-se da comida deles; não lavava os pratos nem os tachos que usava. Beth depressa perdeu a esperança de ouvi-la oferecer-se para limpar uma vez que fosse a cozinha, as escadas ou a latrina, apesar de Thomas chegar à noite a casa com as botas cheias de lama e Beth encontrar na manhã seguinte um rasto de porcaria no patamar e escadas acima.

E não podia queixar-se. Não só tinha um bocado de medo de Jane como sabia quanto ela e Sam precisavam desesperadamente do dinheiro da renda. Mas era duro, muito duro, ver a casa que sempre conhecera tão limpa e arrumada cair na sujidade, ouvir as etilizadas divagações de Thomas a altas horas da noite e nunca ter um momento de verdadeira privacidade. Tocar piano ou violino sempre fora

a sua maneira já comprovada de escapar por algum tempo aos problemas, mas já não tinha piano, e com Jane sempre a rondá-la, não era capaz de tocar violino. Sentia que estava a ficar enrolada como a mola de um relógio e tinha medo do que podia acontecer quando essa mola finalmente se soltasse.

Aconteceu numa manhã de Julho. Sam e Thomas tinham saído para os respectivos empregos cerca de uma hora antes. Beth entrou na cozinha com Molly ao colo, pronta para lhe dar o biberão, e encontrou Jane a despejar uma parte do leite na sua chávena de chá.

– Que estás a fazer? – exclamou. – Esse leite é da Molly!

– Não há mais nenhum – respondeu Jane.

– Então vá comprá-lo! – retorquiu Beth, furiosa. – Que espécie de pessoa é capaz de tirar comida a um bebé?

– Não me fale nesse tom. – Jane semicerrou os olhos e aproximou ameaçadoramente o rosto afilado do de Beth. – Dá-lhe demasiada comida, de todos os modos. É por isso que ela está tão gorda.

Com sete meses, Molly era rechonchuda, mas Beth orgulhava-se por vê-la tão saudável e forte. Tinha uma farta cabeleira negra, quatro dentes e já conseguia sentar-se sem ajuda. Era um bebé feliz, que sorria e tagarelava todo o santo dia.

– É bonita, não é gorda, e a senhora devia era ter vergonha – atirou-lhe Beth. – Já é suficientemente mau roubar a nossa comida. Será que agora vou ter de esconder também o leite da Molly?

– Estás a chamar-me ladra? – gritou Jane e, agarrando um punhado de cabelo de Beth, puxou-lhe violentamente a cabeça para trás, fazendo-a gritar. – Isso, grita, minha ranhosa. Achas-te superior e importante, não é? Mas que motivos tens tu para te julgares superior? O teu pai matou-se, e toda a gente sabe porquê.

Largou o cabelo de Beth e lançou-lhe um olhar cheio de desprezo.

– Não sabes que toda a gente fala a respeito da tua mãe? Eu e o Tom já sabíamos da história antes de irmos para cá. O teu pai devia ser maluquinho para matar-se em vez de a pôr na rua. Não admira que o teu irmão não queira saber da fedelha para nada.

Beth recuou com Molly nos braços. Estava horrorizada por saber que a verdade a respeito da mãe era do conhecimento geral, e além disso tinha medo de Jane, mas estava farta, e não ia deixar aquela mulher levar a melhor.

– O que acaba de dizer é totalmente falso – gritou. – E não vou permitir que seja quem for calunie a minha mãe, de modo que pode pegar nas suas coisas e sair da minha casa, já.

– E como é que achas que vais obrigar-me? – Jane pôs desafiadoramente as mãos nas ancas. – O irmão mais velho vai pôr-me fora, é isso? – Soltou uma gargalhada. – O teu irmão é mole como a merda.

Naquele instante, Beth soube que tinha de ser forte e lutar pelos seus direitos.

Deu meia-volta, correu para o quarto e deixou Molly a salvo no berço. Molly protestou aos berros, mas Beth ignorou-a e voltou à cozinha para confrontar Jane.

– Não preciso do meu irmão – disse, desafiadoramente. – Sou perfeitamente capaz de lidar com gente da sua laia. Saia agora e eu embulho as suas coisas e deixo-as no pátio para que o Thomas as venha buscar mais tarde.

Jane saltou para ela, com uma mão erguida para lhe bater, mas Beth, mais rápida, agarrou-lhe o pulso e torceu-o, fazendo-a uivar de dor.

– Fora! – gritou, continuando a torcer-lhe o pulso enquanto a empurrava para as escadas. – E se tentar voltar, vai-se arrepender.

Beth nunca tinha lutado com ninguém, excepto na brincadeira com Sam, quando eram mais novos, mas a fúria deu-lhe força e determinação.

Jane quis ripostar e tentou arranhá-la com a mão livre, mas Beth tinha a seu favor a juventude e a força da razão e conseguiu arrastar a mulher mais velha escadas abaixo em direcção à porta das traseiras. Uma vez no pátio, empurrou-a com tanta força que Jane caiu.

– Hás-de pagar por isto! – gritou Jane, estendida no chão, com os encardidos saíotes e ceroulas à mostra. – Não penses que fica assim. Quero as minhas coisas.

– Pode levá-las – disse Beth. – Vou atirar-lhas da janela.

A seguir, girou sobre os calcanhares, voltou a entrar em casa, trancou a porta e correu escadas acima. Não demorou mais de um par de minutos a tirar do quarto o casaco, o chapéu, a bolsa e um par de botas da mulher, chegar à janela da cozinha, abri-la e atirar tudo para o pátio.

– E pode dar-se por muito satisfeita por levar isso – gritou. – O resto vai ficar na latrina. Venha buscá-lo mais logo.

Mr. Craven tinha saído para o beco por trás do pátio e estava a olhar para Beth, cheio de espanto e curiosidade.

– Estou a pô-la fora por caluniar os meus pais – gritou-lhe ela. – Importa-se de a ajudar a sair?

Ficou à janela apenas o tempo suficiente para ver o vizinho acompanhar Jane até à cancela das traseiras e ouvir a torrente de insultos corrosivos que a mulher lhe lançou.

Sem saber muito bem como, Beth conseguiu dar o biberão a Molly, apesar de estar a tremer como varas verdes devido ao choque. Ouviu Mrs. Craven gritar do pátio e desceu para lhe abrir a porta.

– Oh, Céus! – exclamou Mrs. Craven, ao ver como Beth estava pálida e agitada. – Ouvimos os gritos, e foi por isso que o meu Alfie saiu para ver o que se passava.

A ternura na voz dela fez Beth chorar, e então Mrs. Craven abraçou-a e tirou-lhe Molly dos braços.

- Vou fazer-te uma boa chávena de chá, e depois podes contar-me tudo.
- Não há leite – fungou Beth. – Foi por causa disso que tudo começou.
- Então eu vou buscar – disse Mrs. Craven. – E é melhor mudares a fralda da Molly enquanto vou. Que cheiro!

Meia hora mais tarde, Beth tinha explicado tudo. O chá e a preocupação da vizinha fizeram-na sentir-se melhor.

– Soube que não era boa peça mal pus os olhos nela. Ordinária e com cara de má – disse Mrs. Craven, enquanto fazia Molly saltitar nos joelhos. – Como se não tivesses já o suficiente para te atormentar! E não liguas ao que ela disse a respeito da tua mãe.

– Mas é o que as pessoas andam a dizer?

Mrs. Craven franziu a testa.

– A mim ninguém mo disse. Porque se dissessem eu logo lhes contava. Mas o meu Alfie disse que havia falatório na Fiddlers.

A Fiddlers Inn ficava na esquina de Lord Street. O papá não fora homem de beber, mas a maior parte dos vizinhos sim, e Thomas Wiley frequentava a taberna.

Nunca antes passara sequer pela cabeça de Beth que alguém suspeitasse de que Molly não era filha do pai dela, e descobrir isso deixara-a horrorizada, mas não fazia a mínima tenção de admitir que os rumores eram verdadeiros, nem sequer perante a bondosa Mrs. Craven.

– Porque é que as pessoas são tão cruéis? – perguntou, confusa.

– Por vezes é a inveja. A tua família parecia tão perfeita, a tua mãe era uma mulher bonita, o teu pai tinha um bom negócio e dois filhos de que se podia orgulhar. Ninguém consegue perceber a razão por que se matou, por isso põem-se a adivinhar.

– Que vai ser de nós agora? – perguntou Beth, desolada. – Precisamos de inquilinos para nos aguentar. O Sam vai ficar furioso comigo.

– Não acredito, Beth. – Mrs. Craven estendeu a mão e pegou na de Beth, do outro lado da mesa. – Mostraste muita coragem, e ele vai admirar isso. Agora vou ajudar-te a empacotar as coisas dos Wiley. O meu Alfie vai ficar de ouvido atento para quando eles voltarem, e dará uma ajuda se houver algum problema.

CAPÍTULO 6

—Quem me dera que pudéssemos emigrar para a América — disse Sam com desalento durante o jantar. — Este lugar está carregado de más recordações. Odeio-o.

Foi no dia seguinte a Beth ter corrido com Jane Wiley. Sam não ficara zangado, apenas desmoralizado. Observara que havia centenas de pessoas à procura de um lugar para morar, mas que era impossível saber quem poderia roubá-los ou transformar-lhes a vida num inferno.

Beth ficara muito abalada por tudo aquilo. Quando fora limpar o quarto dos Wiley, descobrira que o bacio não era despejado há dias, e que havia pedaços de pão bolorento no chão e roupa interior suja espalhada por todo o lado. Até os lençóis da cama estavam manchados de sangue e o toucador tinha um grande risco que parecia ter sido feito com uma faca.

Sam descera ao pátio quando Thomas fora buscar as coisas do casal e Mr. Craven mantivera-se atento no beco, para o caso de haver problemas. Mas Thomas parecera mais resignado do que com vontade de lutar. Limitara-se a pegar nos sacos e fora-se embora.

— Mas para emigrar precisávamos de dinheiro — disse Beth, desejosamente.

— De todos os modos, não podíamos ir com a Molly — acrescentou Sam.

Beth sentiu uma pontada no coração, pois sabia que o que ele queria verdadeiramente dizer era que não estaria disposto a levá-la. Não mudara de atitude em relação ao bebé, como ela esperara; nunca lhe pegava ao colo ou brincava com ela. Nem sequer o riso de Molly conseguia arrancar-lhe um sorriso.

— Se não fosse ela, podíamos vender tudo para arranjar dinheiro para as passagens — continuou ele, num tom amargo. — Como as coisas estão, amanhã vou ter de levar as duas molduras de prata e vendê-las só para nos irmos aguentando.

Pouco depois, Beth foi até ao quarto e abriu a parte de trás das molduras para

retirar as fotografias. Uma era dela e de Sam quando tinham cerca de nove e dez anos, tirada num estúdio de Church Street. Ela usava um vestido branco e um pequeno chapéu de palha por cima do cabelo encaracolado. Sam estava de pé ao lado da cadeira, de casaco escuro e calções até aos joelhos, com um ar muito sério. A mãe adorava aquela fotografia, e o papá comprara a moldura especialmente para ela.

A outra fotografia era a que a mãe lhe pedira que guardasse para Molly. Os pais estavam a sorrir, e Beth lembrou-se de que segundos depois de a foto ter sido tirada todos eles tinham desatado a rir às gargalhadas porque, ao dobrar-se para enfiar a cabeça debaixo do pano preto, o fotógrafo descuidara-se.

Se ao menos pudessem ter continuado sempre tão felizes como naquele dia! A mamã tão bonita com o seu melhor vestido, e o papá tão distinto com o seu casaco às riscas e chapéu de palha. Fora tirada num dia de calor, e todos eles tinham descalçado os sapatos e as meias e molhado os pés na água do mar.

Beth compreendia o azedume de Sam. Havia momentos em que também ela tinha vontade de amaldiçoar a mãe por ter sido a causadora de tudo aquilo. Porque fora que não se satisfizera com um marido bom e carinhoso que a amava?

*

Na manhã seguinte, Beth acordou mais animada e disposta a pôr um anúncio para dois inquilinos do sexo masculino. Mais tarde, com Molly ao colo, levou-o até à loja de doces mais adiante em Church Street. Depois de o entregar para ser exposto, deteve-se a ler alguns dos outros anúncios já colocados no painel e reparou num que pedia uma mulher para trabalhar algumas horas por semana a lavar roupa e costurar.

A morada era em Falkner Square, num dos bairros mais chiques de Liverpool. Percorrera muitas vezes as suas amplas ruas e as praças cheias de árvores para entregar sapatos e botas a mando do pai.

A pensar que o lugar seria ideal para ela, correu a pedir a Mrs. Craven que lhe ficasse com Molly enquanto lá ia.

– Com todo o prazer, minha querida – disse Mrs. Craven, sorrindo e estendendo os braços para a bebé. – E se for só algumas horas por semana, não me importo de tomar conta dela enquanto trabalhas.

Beth engraxou as botas, vestiu o seu melhor vestido azul-escuro, com gola e punhos de renda, e cobriu a cabeça com uma simples touca da mesma cor, que pertencera à mãe. Era a primeira vez que usava roupas que não fossem pretas desde que o pai morrera e sentiu-se ligeiramente culpada por não vestir de luto, mas os seus dois vestidos pretos começavam a ter um ar bastante coçado e o

azul-escuro era perfeitamente apropriado.

La muito mais animada quando se pôs a caminho, pois estava um belo dia de sol e era agradável sair sem ter de levar Molly consigo, quase uma aventura.

Os canteiros no centro de Falkner Square estavam lindos, com muitos arbustos carregados de flores. Deteve-se diante do número quarenta e dois, a olhar especulativamente para os degraus que desciam até à cave por trás do gradeamento de ferro forjado e para os de mármore que subiam até à porta principal sob o pórtico com colunas.

A mãe falara-lhe da vida dos criados nas grandes casas, de modo que sabia que a porta da cave era aquela a que devia bater. Mas fora-lhe muito claramente incutido, durante toda a sua infância, que nunca seria criada de ninguém, pelo que não estava disposta a começar agora.

Por isso inspirou fundo, subiu os degraus de mármore e puxou a corrente da sineta. Ouviu-a retinir com um som harmonioso que ecoou pela casa, e, de repente, sentiu-se nervosa e com a boca seca.

A porta foi aberta por uma mulher já de idade, vestida de cinzento e com um avental branco e uma touca franzida.

– Vim em resposta ao anúncio a pedir alguém para ajudar a lavar e a coser – anunciou Beth, numa voz um tudo-nada excessivamente alta. – Chamo-me Miss Bolton.

A mulher mirou-a dos pés à cabeça.

– De onde é? – perguntou.

– De Church Street.

– É melhor entrar – disse a mulher, de testa franzida como se estivesse confusa. – A senhora não está, de momento, mas eu tomo nota das suas indicações e transmito-lhas quando ela voltar.

A mulher levou-a para uma sala pequena e mobilada com simplicidade nas traseiras da casa. Beth ficou com a ideia de que era a sala dela, pois ao percorrer o corredor viu um relance da sala de estar, e essa era luxuosa, com magníficos tapetes e elegantes sofás e cadeirões de braços.

– Sente-se, por favor – convidou a mulher. – Sou Mrs. Bruce, a governanta de Mrs. Langworthy. Que idade tem?

– Dezassex, minha senhora – respondeu Beth.

– E tem referências?

Beth não fazia ideia de que aquilo pudesse ser.

– Uma carta da sua última patroa? – disse Mrs. Bruce, num tom bastante seco.

– Tive de sair à pressa da loja de meias onde estava a trabalhar – respondeu Beth e, um pouco ofegante, explicou que a mãe, viúva, falecera recentemente ao dar à luz – Não pude voltar à loja porque tive de ficar em casa a tomar conta da minha irmãzinha.

Beth estava a descascar batatas para o jantar, com Molly recostada numas almofadas dentro de um caixote de madeira junto ao lava-louça, quando Mr. Filbert, o homem que geria a sapataria no rés-do-chão, lhe gritou lá de baixo.

– Miss Bolton, está aqui um rapazinho com uma carta para si!

– Desço já – respondeu ela, lavando as mãos e secando-as ao avental. Tinha a certeza de que a carta só podia ser de recusa, mas ao menos Mrs. Langworthy ou a sua governanta tinham tido a delicadeza de escrever.

– Não são más notícias, espero? – disse Mr. Filbert ao ver Beth parada de pé no umbral da porta da loja, a olhar de boca aberta para o conteúdo da carta que acabava de abrir.

– Não – respondeu Beth, erguendo os olhos para ele com um grande sorriso. – Muito pelo contrário.

Mal podia esperar que Sam chegasse a casa para lhe dar as boas notícias. Mrs. Langworthy queria que ela comesse na manhã seguinte. Sugeriu que Beth trabalhasse cinco horas dois dias por semana, por lhe parecer que desse modo lhe seria mais fácil arranjar alguém para tomar conta da bebé. E ia pagar-lhe dez xelins! E ela que recebera apenas sete xelins e meio para trabalhar a semana inteira na loja de roupa interior!

– A nossa sorte mudou finalmente, Sam! – gritou, exuberante, no instante em que o irmão entrou em casa.

O rosto de Sam abriu-se num rasgado sorriso e abraçou-a.

– Mrs. Bruce deve ter-se deixado fascinar pelo teu encanto – insistiu, quando ela lhe disse que achava que tinha falado de mais. – Agora só espero que Mrs. Craven não se farte de tomar conta da Molly.

– Ela disse que não se importava – respondeu Beth. – De qualquer modo, a Molly não dá trabalho nenhum, e eu dou-lhe um xelim por dia.

Tudo o que Beth sabia a respeito do modo como as pessoas finas viviam era o que a mãe lhe tinha contado sobre a sua experiência no serviço doméstico, mas teve praticamente a certeza, logo a partir do seu primeiro dia de trabalho para os Langworthy, de que aquela era uma casa muito invulgar.

Chegou às oito, como combinado, e Mrs. Bruce ofereceu-lhe chá e torradas na cozinha da cave.

– Não pode trabalhar de estômago vazio – disse –, e tenho quase a certeza de que correu para cá sem comer. Muito bem, vamos esperar que Mr. Edward, o jovem Mr. Langworthy, saia para o escritório, e depois levo-a a conhecer a senhora.

Vinte minutos mais tarde, Beth estava na sala de jantar do rés-do-chão, onde

Mrs. Langworthy tomava o pequeno-almoço. Ficava nas traseiras da casa, ao lado da pequena sala de estar para onde Mrs. Bruce a levava no dia anterior, e as janelas davam para um pátio.

Mrs. Langworthy foi uma surpresa. Estava à espera de uma senhora de meia-idade e cabelos grisalhos, não de uma mulher relativamente nova, de cabelos ruivos flamejantes, olhos azuis cintilantes e um sorriso caloroso.

– Bem-vinda, Beth – disse, levantando-se da mesa e estendendo-lhe a mão. – Tenho pena de não ter cá estado ontem para te receber, mas Mrs. Bruce contou-me tudo a teu respeito e das circunstâncias em que te encontras. Lamento a tua dupla perda e espero que a tua irmãzinha não se importe de te partilhar comigo.

Beth estava tão espantada pelo inesperado calor do acolhimento que, por uma vez, ficou sem palavras. Apertou a mão à sua nova patroa e olhou para Mrs. Bruce, em busca de orientação.

– A Molly fica com uma vizinha a quem está habituada – explicou Mrs. Bruce.

– Nesse caso, tenho a certeza de que está feliz – disse Mrs. Langworthy. – Vou deixar Mrs. Bruce mostrar-te a casa e dizer-te o que é preciso para hoje. Agora tenho de ir ver o meu sogro, mas voltamos a falar no final da manhã.

Uma irlandesa pequena, magra e de cabelo escuro, de vinte e poucos anos, estava a fazer a cama no quarto de Mrs. Langworthy, cujas janelas davam para a praça. Mrs. Bruce apresentou-a como Kathleen e explicou que vivia ali e tinha um quarto no último piso.

– É a criada de dentro. Faz as limpezas e acende as lareiras. Temos uma cozinha que vem todos os dias... hás-de conhecê-la mais tarde... e eu. Um pessoal pequeno, mas os Langworthy não recebem muito, e, claro, Mrs. Langworthy toma conta do velho Mr. Langworthy – disse Mrs. Bruce, indicando o outro quarto na parte dianteira da casa. – Este é o quarto de Mr. Edward – continuou pouco depois, já nas traseiras, abrindo a porta de outro quarto. Era austeramente masculino, com um grande guarda-fato de mogno envernizado, um lavatório com torneiras de latão e uma ampla cama, já tapada por uma pesada manta escocesa azul-escura. – A casa de banho – prosseguiu, indicando a porta seguinte. – Uma das maravilhas desta casa é ter sido construída com todos os confortos modernos.

Beth nunca tinha visto uma casa de banho interior, só fotografias em revistas, e não conseguiu resistir a dizê-lo.

– Nem eu, até ter vindo trabalhar para os Langworthy – respondeu Mrs. Bruce, com um sorriso. – Há outra no piso térreo, além da do pátio das traseiras.

A última divisão era um quarto de hóspedes. Mrs. Bruce explicou que o seu próprio quarto ficava ao lado do de Kathleen.

As roupas de Mrs. Langworthy, cujo cuidado faria parte dos deveres de Beth, eram guardadas num quarto de vestir contíguo ao quarto de dormir, mas a

governanta disse que, naquele primeiro dia, Beth teria apenas de lavar lençóis.

Só quando voltaram à cave, depois de terem passado pela grande sala de estar, que ocupava quase metade da casa da frente para as traseiras, e pelo escritório de Mr. Edward, uma pequena divisão também com janelas para a praça, Beth se apercebeu de que não lhe iam pagar todo aquele dinheiro para não fazer nada.

Na lavandaria, que tinha porta para o pátio, havia duas grandes bacias brancas, uma outra mais baixa a que chamavam escurredouro, uma máquina para secar roupa e uma grande caldeira a gás que tinha de ser acesa por baixo.

E havia uma grande cesta cheia de lençóis que cheiravam fortemente a urina e que era preciso ferver, e então Mrs. Bruce levantou a tampa de um balde de esmalte a abarrotar de fraldas sujas.

– Tenta imaginar que não é muito pior do que o da tua Molly – disse, apesar de ter o nariz voltado para fugir ao cheiro. – Enxagua-as bem no escurredouro, e depois têm de ser fervidas juntamente com os lençóis. Haverá mais roupa para lavar, ainda que não hoje, mas não te podes esquecer que os lençóis de Mr. Langworthy têm de ser sempre fervidos à parte, no fim de tudo.

– Durante quanto tempo os ferve? – perguntou Beth, a tentar não pensar no que estava no balde tapado.

– Vinte minutos a meia hora – respondeu a governanta. – Enquanto ferverem, podes lavar à mão na bacia as peças mais delicadas.

– É Mrs. Langworthy que lhe muda as roupas? – Beth tinha de perguntar. Não conseguia imaginar uma pessoa tão encantadora e fina a fazer um trabalho daqueles.

– Sim, Beth, é ela. Ele sempre foi um homem difícil, mesmo antes da trombose. Mas depois tornou-se ainda muito pior, porque ficou com um lado do corpo paralisado e a voz e a visão afectadas. Já tivemos dúzias de enfermeiras ao longo dos anos, mas ele assustava-as tanto que fugiram todas. Mrs. Langworthy é a única pessoa que lhe pode tocar, e tem uma paciência de santa. Devia ter filhos, receber amigos, uma vida. – Mrs. Bruce calou-se bruscamente e corou. – Não devia ter dito isto. – Suspirou. – É que...

– Que fica tão furiosa por ela? – arriscou Beth.

– Sim, Beth. – Mrs. Bruce assentiu com a cabeça. – Mas não devia ter falado.

– Não repetirei a ninguém o que disse – declarou Beth, enquanto abria a torneira da caldeira para a encher. – Ela teve a bondade de me dar trabalho quando eu precisava. Só por isso, têm as duas a minha lealdade.

– Então, como foi? – perguntou avidamente Mrs. Craven, quando Beth voltou ao princípio da tarde.

Beth levantou Molly do tapete onde estava sentada e fez-lhe cócegas até ela rir.

– Maravilhoso – respondeu. – É uma casa muito bonita, e até tem casa de banho interior. Quem me dera que o velho Mr. Langworthy pudesse usá-la.

Não havia palavras para descrever o nojo que lhe causava lavar aquelas fraldas. Engasgava-se e tinha vômitos, mal se atrevia a respirar, tão mal cheiravam. Perguntou-se como conseguiam as enfermeiras aguentar coisas daquelas dia após dia, e se ela própria seria capaz de se habituar a ponto de deixar de lhe fazer diferença. Mas pensara também, no caminho para casa, que a parte horrível só durava vinte minutos, no máximo, o que deixava quatro horas e quarenta minutos de agradáveis deveres. Não se importava de lavar e passar a roupa branca pelos rolos da máquina de torcer. Pô-la a secar no pátio era um prazer. E passara a última hora sentada na cozinha a remendar as meias de Mr. Edward enquanto conversava com Mrs. Cray, a cozinheira, e com Kathleen, a criada irlandesa, que falava sempre numa voz muito baixa. E ainda por cima, levava uma grande fatia de deliciosa empada de carne para o jantar, e Mrs. Cray dera-lhe dois bolinhos para a sobremesa.

– Uma pessoa habitua-se a tudo, com o tempo – observou Mrs. Craven, filosoficamente. – E eu adorei ficar com a Molly, de modo que é bom para as duas.

*

Mrs. Craven tinha razão. Beth descobriu que tinha acabado por se habituar a lavar aquelas fraldas. Ou talvez fosse porque as partes boas do trabalho excediam largamente as más. Era agradável sair de casa duas vezes por semana, ter outras pessoas com quem falar e saber que estava a ajudar Sam a aguentar o barco.

Quase nunca via Mr. Edward. Geralmente, já tinha saído para o escritório quando ela chegava, mas mesmo assim encontrou-o uma ou outra vez e achou-o simpático. Era alto e magro, com cabelos cor de areia, já a rarear, e um bigode de estilo militar, e era pelo menos dez anos mais velho do que a mulher. Pareceu a Beth um homem estudioso e calado, que levava a vida muito a sério.

Mrs. Langworthy era muito diferente. Expansiva e alegre, arranjava sempre tempo para dois dedos de conversa. Adorava ouvir Beth falar a respeito de Molly, e via-se que desejava muito ter tido um filho. Tinha uma habilidade maravilhosa para manter a sua posição como senhora da casa e ao mesmo tempo dar-se com todos os que trabalhavam para ela. Beth compreendia por que razão Mrs. Bruce lhe era tão dedicada e decidiu que se alguma vez se encontrasse em situação de ter criados, seguiria o exemplo daquela admirável mulher.

Parecia que a sorte de Sam e de Beth tinha finalmente mudado, pois, uma semana mais tarde, arranjaram dois novos inquilinos, Ernest e Peter, ambos jovens respeitáveis que trabalhavam para uma companhia de seguros e eram

amigos.

Sam achou que seria melhor para Beth os inquilinos ficarem com os quartos do último piso, de modo que se mudou para a sala de estar. Logo na primeira noite, os dois jovens provaram ser os inquilinos ideais, bem-educados, arrumados e atenciosos para com Beth e Molly.

Eram ambos entusiastas da bicicleta, e todos os domingos saíam com um clube de ciclismo que organizava passeios pelo campo. Comiam o que Beth lhes punha à frente, mostravam-se agradecidos por ela lhes lavar a roupa e nenhum deles bebia. Sam gostava da companhia deles e frequentemente, à noite, os quatro jogavam cartas. Por vezes, pediam a Beth que tocasse violino, e acompanhavam-na com palmas e a bater com os pés no chão. Aquelas eram as melhores noites de todas, porque, durante um par de horas, a música varria todas as suas preocupações e Beth sentia-se livre e despreocupada como um passarinho.

Além disso, Beth achava que Sam começava finalmente a gostar um pouco de Molly. Por vezes, quando chegava a casa do trabalho e ela estava sentada no chão, inclinava-se e fazia-lhe uma festa na cabeça, como Ernest e Peter faziam constantemente. Beth não dizia nada – tinha a certeza de que se comentasse o facto ele não voltaria a fazê-lo –, mas observava-o pelo canto do olho e apanhava-o a brincar ao esconde-esconde com Molly, ou a fazer-lhe cócegas para a fazer rir.

Uma noite de Agosto, depois de ter posto Molly na cama, Beth saiu por uns minutos para falar com Mrs. Craven e, quando voltou, encontrou Sam com a pequenina ao colo.

– Acordou a chorar – disse ele, como que a justificar-se. – Pensei que estivesse com dores de barriga.

No dia seguinte, quando saiu para ir para Falkner Square, Beth teve vontade de correr e saltar o caminho todo, tão feliz estava. Mais tarde, quando estava na pequena sala junto à cozinha onde guardavam a máquina de coser, a cantar enquanto arranjava as bainhas de uns lençóis já velhos, Mrs. Langworthy entrou.

– E o que foi que te transformou em ave canora? – perguntou, com um grande sorriso.

– Estou feliz porque o meu irmão parece começar finalmente a gostar da Molly – admitiu Beth. – Tivemos tantos problemas depois de a nossa mãe morrer. Ele não queria aceitar a Molly.

– Penso que os homens não têm esse amor instantâneo por bebés que as mulheres sentem – disse Mrs. Langworthy, pensativamente. – Muitas das minhas amigas disseram-me que, ao princípio, os maridos não se interessavam minimamente pelos filhos. Deve ter sido ainda mais difícil para o teu irmão, sendo os dois tão novos.

Beth continuou a tagarelar a respeito dos dois inquilinos, e de como Sam

parecia muito mais feliz, ultimamente.

– Nem sequer voltou a falar de emigrar para a América.

– E tu gostarias de ir?

– Bem, sim. Que grande aventura seria! Mas claro que com a Molly não é possível. Eu também teria de trabalhar, se quiséssemos ter uma boa hipótese. E sem amigos nem família, não teríamos ninguém para ficar com ela.

– Acho uma pena tu e o teu irmão terem de sacrificar os vossos sonhos e ambições – disse Mrs. Langworthy, dando uma palmadinha de compreensão no ombro de Beth.

Numa quente e soalheira tarde de Verão, em finais de Agosto, Sam chegou a casa do trabalho e sugeriu que, no dia seguinte, apanhassem o *ferry* para New Brighton. Ernest e Peter planeavam sair de manhã nas suas bicicletas e já tinham avisado de que não iam jantar, o que significava que não precisariam de regressar à pressa.

Beth ficou entusiasmadíssima com a sugestão de Sam, não só por guardar muitas e boas recordações de New Brighton, da vez que lá tinham ido com os pais, mas também por o irmão estar a incluir Molly.

– Veste uma coisa bonita – disse ele. – Já andas de luto há tempo mais do que suficiente. É altura de nos divertirmos um pouco.

Por coincidência, uma ou duas semanas antes Beth tinha passado em revista as roupas da mãe para ver o que podia ser vendido ou alterado de modo a servir-lhe, e encontrara, escondido no fundo do armário, o vestido azul-claro com riscas brancas com que a mamã aparecia na fotografia. Ficara desejosa de experimentá-lo, por ser tão bonito, com um decote mais cavado do que geralmente usava, mangas tufadas e corpete pregueado. Só precisava de alargar um pouco a cintura e baixar a bainha alguns centímetros, mas em tudo o mais servia-lhe perfeitamente.

*

– Estás muito bonita – disse Sam apreciativamente, quando ela entrou na cozinha no domingo de manhã, pronta para sair.

Beth estava quase inebriada de excitação, porque com o cabelo solto e um pequeno chapéu de palha posto um pouco de lado, sentia-se uma jovem muito à moda. Molly pareceu captar esse estado de espírito, pois pôs-se a rir e a bater as mãozinhas gorduchas enquanto Beth a levava para baixo e a sentava na cadeirinha de rodas.

Até Sam se tinha deixado contagiar pela animação: quando viraram para

Lord Street e começaram a descer em direcção às docas e ao *ferry*, caminhou ao lado da cadeirinha, a brincar com Molly e a fazê-la rir.

Havia centenas de pessoas a encaminharem-se na mesma direcção. New Brighton, com a sua praia de areia, os seus carroséis, os seus passeios de burro e a sua marginal, era um dos locais de recreio preferidos da classe trabalhadora.

O dia foi o melhor possível. Comeram gelado, algodão-doce, empadas de camarão e de carne, e riram alegremente de Molly, que queria tudo o que eles comiam. Era tão gulosa por gelado que quase se punha de pé para lhe chegar, ficando com a cara toda lambuzada.

Descalçaram as botas e molharam os pés no mar, andaram de carrossel, com Sam a segurar Molly à sua frente, e Beth ganhou um frasco de caramelos na barraquinha das argolas. Sam testou a sua força, mas só conseguiu fazer a marca subir até ao nível de « fracote », enquanto outros rapazes muito mais pequenos do que ele faziam tocar a campainha. Mas ganhou um coco no tiro-aos-cocos com bolas de madeira. E tiraram uma fotografia na cabina da praia. Tiveram de esperar uma eternidade na fila enquanto as mães à frente deles limpavam as caras sujas dos filhos com um lenço e muito cuspo e lhes passavam um pente pelos cabelos desgrehados.

Beth teve dificuldade em não desatar a rir quando entrou na cabina e lhe disseram que se sentasse na cadeira com Molly ao colo. Sam ficou atrás, com uma mão no ombro dela. O cenário de fundo mostrava um castelo e um lago. Pensou, divertida, que talvez, um dia mais tarde, Molly olhasse para a fotografia e perguntasse em que sítio de Liverpool ficava aquele castelo.

Eram quase oito quando chegaram a casa, e o rosto de Sam estava da cor do camarão.

– Vou fazer chá enquanto tu deitas a Molly – disse ele, e inclinou-se para beijar a pequenita, que dormia nos braços de Beth.

Para Beth, aquele foi o momento culminante do dia. Podia ter demorado oito meses a chegar, mas saber que ele o fizera por verdadeiro afecto e não por dever tornava-o ainda mais doce.

– Feiticeirinha! – sussurrou a Molly enquanto lhe tirava a roupa e a fralda para a lavar. – Conquistaste finalmente conquistá-lo.

Ficou na cozinha muito depois de Sam, Ernest e Peter terem ido para a cama. Pensou em como tinha sido bom voltar a ver o irmão rir, ter no coração esperança no futuro e um certo orgulho por ter sido uma tão boa mãe substituta para Molly. O cabelo escuro de Molly era agora encaracolado, as bochechas pareciam duas pequenas maçãs, e naquele dia muitas pessoas tinham parado para admirá-la. Em breve começaria a andar e a falar. Beth sorriu ao recordar como ficara assustada na noite em que ela nascera e Mrs. Craven lhe dissera que ia ter de tomar conta dela. Mas portara-se bem, e Sam também.

Beth acordou repentinamente e, descobrindo que estava cheia de calor, sentou-se e empurrou as mantas para os pés da cama. Não devia ser muito tarde, pois ainda ouvia o barulho distante dos bêbedos em Church Street. Mas quando voltou a almofada e tornou a deitar-se, ouviu um ruído no beco das traseiras.

Imobilizou-se. Estava habituada a ouvir pessoas andar de um lado para o outro no beco – quase todos os que moravam por cima das lojas usavam a porta das traseiras para entrar e sair. E os que, como os Craven, viviam nas casas da rua atrás de Church Street tinham igualmente acesso à passagem. Mas o ruído que ouvira não era o de alguém a dirigir-se premeditadamente a casa, ou sequer o cambalear de um bêbedo, era mais o de alguém a mover-se furtivamente, a tentar não ser ouvido.

Certificara-se de que trancara bem a porta das traseiras quando fora pela última vez à latrina, de modo que sabia que ninguém poderia entrar. Mas lembrou-se de que as bicicletas de Ernest e de Peter estavam no pátio, e pensou que podia ser alguém a tentar roubá-las.

Levantou-se da cama e foi até à janela, mas apesar de conseguir distinguir a cancela das traseiras ao luar, não via as bicicletas porque os rapazes as tinham provavelmente encostado à parede lateral da latrina e o telhado do alpendre obscurecia-lhe a visão.

Não ouvindo mais nada, decidiu que fora provavelmente um gato e voltou para a cama. Mas quando, momentos mais tarde, ouviu outro pequeno ruído, saltou da cama e foi descalça até à cozinha, de cuja janela se via a maior parte do pátio.

Afastou a cortina de renda, e embora não houvesse luz suficiente para distinguir mais do que uma forma escura contra a parede da latrina, viu um reflexo de cromado, o que a convenceu de que as bicicletas continuavam no seu lugar. Mas quando largou a cortina, ouviu outro ruído e voltou a afastá-la, vendo dessa vez a silhueta de alguém atravessar o pátio a correr, abrir a cancela e desaparecer no beco.

A figura esteve na sua linha de visão não mais do que um segundo, mas teve a certeza de que era uma mulher. No entanto, apesar de saber que os ladrões podiam ser de ambos os sexos, não conseguia imaginar uma mulher a andar pelas ruas àquela hora da noite. Ficou ali quieta por um instante, confusa, a interrogar-se se devia ou não acordar Sam. Acabou por decidir que seria inútil, uma vez que o intruso já desaparecera e Sam tinha de ir trabalhar de manhã cedo, e regressou ao quarto.

Quando chegou à porta, porém, sentiu o cheiro a parafina e ouviu um som sibilante.

Só podia ser fogo.

Horrorizada, correu para o alto das escadas, olhou para baixo e viu as chamas. Não fora um ladrão, e sim alguém disposto a queimá-los vivos.

– Fogo! – gritou, a toda a força dos pulmões. – Sam! Ernest! Peter! Fogo!
Levantem-se já!

CAPÍTULO 7

Beth arrancou Molly do berço, pegou numa manta e correu pelo corredor até à sala de estar, onde Sam dormia.

– Acorda, Sam! – gritou, abanando-o. – Há fogo!

Sam não corra as cortinas da sala antes de se deitar e havia luz suficiente, vinda dos candeeiros da rua, para ver claramente. Abriu os olhos e, por um momento, ficou a olhar para a irmã com uma expressão vazia, mas, quando ela repetiu o aviso, saltou da cama, pegou nas calças e enfiou-as.

– Vai chamar o Ernest e o Peter! – gritou-lhe Beth, e ele saiu disparado pelo corredor. O fumo começava a encher as escadas, e Beth soube que tinha de encontrar uma via de fuga alternativa.

Depois de fechar a porta da sala e de pousar Molly em cima da cama de Sam, levantou o mais que pôde a janela de guilhotina e começou a gritar, na esperança de que um polícia ou alguém que estivesse próximo a ouvisse. Mas a rua lá em baixo estava deserta, nem um gato por lá passava.

Os rapazes desceram as escadas a correr e irromperam na sala.

– Como foi que começou? – perguntou Peter, a voz estridente de medo.

– Isso agora não interessa – disse Ernest, e inclinou-se da janela. – É demasiado alto para saltar daqui. Talvez seja mais fácil pela janela das traseiras.

– Vou ver – declarou Sam, assumindo o comando. – Vocês fiquem aqui, usem os lençóis e tudo o que puderem para fazer uma corda. Beth, continua a gritar com quanta força tiveres.

Desapareceu num instante, para regressar momentos mais tarde a tossir por causa do fumo e carregando nos braços um monte de lençóis.

– O fogo alastrou à escada toda e é demasiado perigoso tentar sair pela janela do quarto, já que as chamas estão mesmo por baixo – disse, respirando com dificuldade. – Vamos ter de sair por aqui. Beth, tapa a fresta por baixo da porta com o tapete. Ernie, ajuda-me a atirar o colchão pela janela, para nos amortecer a queda, e depois nós descemos-te. A Beth e a Molly vão a seguir.

Beth fez o que ele pedia e entalou o tapete na fresta da porta o mais apertado que pôde. Ernest e Peter já tinham atado dois lençóis e estavam a puxar pelo nó para testar-lhe a resistência, sem pararem de gritar por socorro. Beth voltou a pegar em Molly e os rapazes atiraram o colchão pela janela, e então Ernest subiu para o parapeito, agarrou uma ponta do lençol e, com Sam e Peter a segurar a outra, começou a descer.

Enquanto os rapazes se afadigavam à janela, Beth procurou uma maneira segura de transportar Molly. Ao ver a cesta do carvão, pegou nela e despejou-a na lareira. Molly tinha começado a chorar, assustada pelos gritos e pelo pânico à sua volta. Beth sentou-a dentro da cesta e travou-a com uma almofada.

– Menina bonita – disse Sam, aprovadoramente. Lá em baixo, Ernest gritava como um possesso, com Peter a fazer coro da janela. Sam atou rapidamente a ponta do lençol à pega da cesta e testou o nó.

De coração na boca, Beth viu Molly ser descida para a rua. Sam e Peter baixavam-na com todo o cuidado, mas a cesta oscilava alarmantemente. Se Molly se agitasse, acabaria por se voltar.

Felizmente, manteve-se sossegada e chegou em segurança aos braços de Ernest.

– Agora tu, Beth – disse Sam, enquanto puxava para cima a outra ponta da corda improvisada. – Agarra-te ao lençol com unhas e dentes. Eu desço-te.

Aterrorizada, Beth subiu de costas para o parapeito da janela. Estava descalça e vestia apenas a camisa de noite, sem nada por baixo. Mesmo naquela situação desesperada, não suportava a ideia de alguém lhe ver as partes íntimas.

– Enrola-o à volta do pulso e segura-te com força – ordenou Sam. – Usa os pés para te ajudar a descer pela parede. Vamos descer-te devagar, não te deixamos cair.

Nenhum outro momento da sua vida fora tão assustador. Tinha medo de cair de cabeça e partir o pescoço, e estava bastante consciente de que o vento lhe enfunava a camisa de noite e que Ernest estava a olhar para cima. Mas tinha de despachar-se, porque Sam e Peter também precisavam de descer.

– Muito bem, só mais um bocadinho e já podes saltar! – gritou Ernest. – O colchão está mesmo por baixo e eu estou aqui para te agarrar.

Beth atrapalhou-se um pouco com a tabuleta pendurada por cima da porta da loja, mas conseguiu passar por ela e então Ernest disse-lhe que saltasse.

Entretanto, a rua começara a encher-se de gente que saía de casa para saber a razão de tanto barulho, e o som das vozes tranquilizou-a um pouco. Largou o lençol e caiu de pé em cima do colchão.

Arrancou Molly dos braços de Ernest, olhou através da montra da loja e, para seu horror, viu as chamas lamberem a parede à volta da porta das traseiras que dava acesso ao apartamento. O fumo invadia tudo e havia cada vez mais gente na rua. Esperou que os bombeiros chegassem antes que toda aquela fila de lojas

ardesse.

– Tenho uma escada! – gritou uma voz de homem. – Dêem-me dois minutos! Entretanto, Sam ajudava Peter a passar pela janela.

– Como é que o Sam vai descer? – perguntou Beth a Ernest. – Não há lá em cima nada a que possa amarrar o lençol.

– Pode ser que a escada chegue antes disso – respondeu Ernest. – Vamos, Pete! – gritou. – Tem cuidado quando chegares à tabuleta.

Peter saltou os últimos três metros e voltou-se para Ernest.

– O fogo já chegou à porta lá de cima – disse. – Como é que o Sam vai descer?

Beth via as chamas rastejarem pelo chão da loja. Em breve o fogo engolfaria a fachada do edifício e o irmão ficaria encurralado.

– Sam! – gritou. – Arrasta a cama até à janela. A cabeceira é demasiado grande para caber por ela, de modo que podes atar lá a ponta do lençol!

Agoniada de medo, desejou poder ver se Sam estava a fazer o que lhe tinha dito... seria mesmo dele tentar reunir alguns valores antes de sair. Na rua, instalara-se o pandemónio, com algumas pessoas a gritar que deviam formar uma cadeia de baldes de água, outras com medo de que o fogo alastrasse às suas casas, crianças descalças e vestindo roupas de dormir a chorar porque não sabiam dos pais. Umas poucas sopravam apitos e mais algumas batiam às portas das casas para fazer sair os ocupantes.

Quando Beth já começava a pensar que tinha perdido o irmão, a ponta do lençol caiu da janela e Sam estava no parapeito, de tronco nu, a luz dos candeeiros da rua a refulgir-lhe nos cabelos louros, o estojó do violino na mão.

– Apanha isto! – gritou, e atirou-o para as mãos de Peter. No instante em que as chamas no interior da loja começavam a fazer estalar o vidro da montra, Sam desceu a pulso pelo lençol.

Beth correu a abraçá-lo.

– O que foi que te fez pensar em salvar o violino? – perguntou.

Sam encolheu os ombros.

– Alguma coisa me disse para o fazer. Sei o quanto significa para ti.

O primeiro carro de bombeiros chegou cerca de quinze minutos mais tarde. Os homens saltaram rapidamente para o chão e começaram a ligar a mangueira ao tanque de água, mas por essa altura já toda a fachada da loja estava em chamas. Os cavalos foram desatrelados e levados mais para o fundo da rua, longe do terrível calor, e Beth viu os rapazes no passeio em frente, chegados uns aos outros, a contemplar a cena com horror.

Foi então que compreendeu que tinham perdido tudo. A casa, as roupas, o dinheiro. Tudo.

Estavam reduzidos à miséria e sem tecto.

O senhorio e Mr. Filbert, o inquilino da loja, deviam ter seguro, mas eles não.

Sam não tinha sequer um fato para ir trabalhar de manhã. Quanto a Molly, tinha uma camisa de dormir, uma fralda e uma manta.

Beth tremeu de medo, não de frio. Alguém lhe pôs uma manta à volta dos ombros e ouviu uma voz perguntar-lhe se tinham para onde ir. As lágrimas encheram-lhe os olhos, lágrimas escaldantes que lhe deslizaram pelo rosto e caíram na manta que embrulhava Molly, adormecida nos seus braços.

Chegaram mais dois carros de bombeiros. Um deles foi para as traseiras do edifício, mas o fogo continuava a devorar tudo e parecia que a loja de ferragens de um dos lados da sapataria e a camisaria do outro estavam também condenadas. Dois ou três polícias tentavam fazer recuar a enorme multidão, afastando-a do fogo.

– Como foi que começou? – gritou alguém.

– Foi atado de propósito – respondeu Beth. – Vi-os fugir pela cancela das traseiras. Deitaram parafina pela caixa do correio, queriam matar-nos a todos.

Um dos polícias aproximou-se dela e pediu-lhe que repetisse o que acabava de dizer.

– Faz alguma ideia de quem possa ter sido? – perguntou.

– Procurem a Jane Wiley. – Beth cuspiu o nome. – Foi nossa inquilina.

Mrs. Craven apareceu subitamente no meio da multidão, acompanhada pelo marido.

– Estou aqui, querida – disse. – Não vamos deixá-los sem casa depois de tudo aquilo por que passaram. – Forçou a passagem até Beth e abriu os grandes braços para envolvê-la a ela e a Molly. – Venham connosco.

Descalça, tendo de seu apenas uma camisa de noite de algodão e um violino, e Molly, que levava ao colo, Beth foi com os Craven até à casa deles. Sam juntar-se-lhe-ia mais tarde, depois de ter arranjado alguém que acolhesse Ernest e Peter. As duas pequenas divisões dos Craven tinham sido o refúgio para onde Beth corraera naqueles últimos meses, quando tinha algum problema ou precisava de alguém mais velho e mais sábio com quem falar. Mas estava bastante consciente de que não poderia agora ser mais do que um abrigo muito temporário, pois os seus vizinhos eram demasiado velhos para terem a perturbação de hóspedes inesperados, e demasiado pobres para os alimentar.

Beth não conseguia dormir. Não era só o silvo dos jactos de água na sua luta contra as chamas, nem os gritos dos bombeiros a menos de quarenta metros de distância, do outro lado do beco. Não era sequer o chão duro da sala de estar de Mrs. Craven ou o ar carregado de fumo que a mantinham acordada. Era saber que Jane Wiley ateara aquele incêndio deliberada e maldosamente.

Não compreendia como podia alguém ser tão malvado, porque mesmo que

não tivesse tido a intenção de os matar, quisera de certeza destruir-lhes a casa.

Tinha desaparecido tudo – roupas, mobílias e dinheiro –, mas pior ainda do que isso, para Beth, era a perda dos pequenos objectos pessoais, fotografias da família, recordações dos pais e dos avós que nunca poderiam ser substituídas. Ficara comovida por Sam se ter lembrado de salvar o violino, mas parecia-lhe uma coisa tão frívola para salvar.

Prática como sempre, Mrs. Craven arranjara um par de fraldas e um vestido de bebé para Molly e improvisara um berço com uma gaveta. Dissera que o Exército de Salvação ajudava pessoas na situação deles dando-lhes roupas e botas e que não duvidava de que também os vizinhos fariam uma colecta. Mas Beth estava demasiado desmoralizada para encontrar qualquer conforto nestas afirmações.

– É o melhor que podemos fazer para já – disse Mrs. Craven na manhã seguinte, enquanto entregava a Sam uma camisa, um casaco e umas botas pertencentes a um vizinho.

Sam vestiu-as, agradecido, mas o proprietário era claramente muito maior do que ele, e as roupas faziam-no parecer um palhaço.

– Pelo menos, ainda tenho as minhas calças – observou. – Não vou ter de preocupar-me com a possibilidade de elas me caírem pelas pernas abaixo.

– Eles hão-de compreender, lá no teu emprego – disse Beth, sentindo que ele estava apreensivo quanto à maneira como o chefe do escritório ia reagir à sua estranha indumentária. Aproximou-se dele e endireitou-lhe o colarinho da camisa.

– Não te preocupes, Beth – disse ele. – Quando voltar a casa, logo à noite, passo pelo Exército de Salvação e vejo se têm alguma coisa que me sirva.

Beth continuava reduzida à camisa de noite suja de fuligem, mas Mrs. Craven tinha ido a casa da filha ver se ela tinha algumas roupas que pudesse emprestar. Beth ficara impressionada ao descobrir que a maior parte das pessoas tinha apenas dois conjuntos de roupa, um para o dia-a-dia e outro para as ocasiões especiais. Tivera a sorte de ter cinco ou seis vestidos, e nunca lhe passara pela cabeça que isso pudesse ser invulgar.

Entretanto, o fogo fora completamente extinto. Mr. Craven, que saíra para investigar, disse que a escada se tinha desmoronado, as janelas tinham explodido e as estruturas e portas interiores ardido, juntamente com a mobília. Também a loja no rés-do-chão ficara destruída. Mr. Filbert ainda não tinha chegado, mas esperava-o sem dúvida um tremendo choque.

Mrs. Craven voltou da casa da filha pouco depois de Sam ter saído para o trabalho.

– É muito pobrezinho – disse, tirando do saco um vestido verde, muito usado e coçado. – É a única coisa que a minha Cathy pode dispensar, mas há-de servir-

te. Trouxe-te também estas botas.

Beth olhou para as botas e viu que a parte de cima de uma delas estava parcialmente separada da sola; além disso, eram dois tamanhos acima do dela. Mas, pelo menos, tinha qualquer coisa que vestir.

– Hoje era dia de ir a Falkner Square – disse. – Acha que devo?

– Claro que deves, não podes dar-te ao luxo de perder esse emprego agora – respondeu Mrs. Craven um tudo-nada secamente, como se já começasse a arrepender-se de tê-los acolhido. – Leva uma bacia de água para o outro quarto e lava-te bem. Tens a cara suja de fuligem.

Quando chegou a Falkner Square, Beth tinha uma bolha num pé por causa das botas demasiado grandes.

– Beth! – exclamou Mrs. Bruce, ao vê-la entrar na cozinha a coxear. – Que te aconteceu?

Enquanto contava a história, Beth não conseguiu conter as lágrimas. Mrs. Bruce fê-la sentar-se, deu-lhe uma chávena de chá e escutou-a atentamente.

– É por isso que estou assim vestida – terminou Beth, limpando as lágrimas com as costas da mão. – Não sei onde é que vamos viver e como é que nos vamos governar. Divertimo-nos tanto ontem, em New Brighton, que pensei sinceramente que tínhamos dobrado uma esquina e que tudo ia passar a ser melhor.

Mrs. Bruce deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Lamento muito, minha querida, deve ter sido um choque terrível para ti. Mas para já sugiro que descalces essas botas horríveis, ou a bolha vai piorar. Vai tratar da roupa, e mais tarde voltamos a falar.

Aquilo soava muito como se a governanta achasse que ela já tinha mergulhado na autocomiseração o tempo suficiente, e por muito em baixo que se sentisse, Beth sabia como era crucial conservar aquele emprego. Descalçou as botas e foi para a lavandaria, quase satisfeita ao ver a enorme pilha de roupa que a aguardava, pois sabia que o trabalho a distrairia dos seus problemas.

Já passava do meio-dia quando Mrs. Langworthy apareceu no pátio, onde Beth pendurava as últimas peças. Estava encantadora com um vestido verde-claro, o cabelo ruivo preso no alto da cabeça por um par de travessas de tartaruga.

– Mrs. Bruce contou-me do incêndio, Beth – disse, num tom preocupado. – Tenho muita pena.

– Hei-de ultrapassar isto – respondeu Beth. Não estava interessada em apelar à piedade e já lhe bastava o facto de a patroa ter ido falar com ela.

– Mas onde vais viver? – perguntou Mrs. Langworthy. – É muito difícil, com um bebé.

– Nas próximas duas ou três noites temos o problema resolvido, com a nossa

vizinha. Havemos de arranjar qualquer coisa no fim-de-semana, quando o Sam receber.

– Imagino o género de lugar que se consegue arranjar quando se está desesperado. – Mrs. Langworthy franziu os lábios, num gesto de reprovação. – Não consigo sequer pensar nisso, de modo que quero que fiquem com os quartos por cima das cavalariças. Estão desocupados desde que o meu sogro teve a trombose e tivemos de dispensar o cocheiro.

Beth ficou a olhar para a patroa, estupefacta.

– Não te tinha na conta de uma rapariga incapaz de dizer uma palavra – disse Mrs. Langworthy, rindo alegremente.

– Peço desculpa, minha senhora – apressou-se Beth a dizer. – Foi da surpresa. Não acredito que haja alguém tão bondosa como a senhora.

– Talvez não me aches assim tão bondosa quando vires como está tudo tão cheio de pó!

O rosto de Beth rasgou-se num enorme sorriso.

– Nem que fosse o Buraco Negro de Calcutá². Trabalharei para si de graça todos os dias a troco de um lugar para viver.

– Não vai ser necessário – respondeu Mrs. Langworthy, decididamente. – Dá um pulo até lá e limpa aquilo antes de ires buscar a Molly e o teu irmão. Vou pedir a Mrs. Bruce que te arranje umas roupas de cama.

Beth deteve-se no alto da escada interior das cavalariças abandonadas a olhar para a primeira das duas divisões, com a alma em festa. Era pequena e estava muito suja, mas viu logo que, depois de lavar os vidros, seria clara e arejada, pois tinha janelas para o pátio das traseiras e para a parte da frente das cavalariças. Tinha um fogão, um lavatório, uma mesa e cadeiras. Entusiasmada, atravessou-a a correr para ver a outra, e descobriu que continha uma velha cama de ferro e uma outra mais baixa, com rodas, que poderia pôr na cozinha, para o irmão.

Não fazia verdadeiramente ideia de que género de acomodações ela e Sam poderiam conseguir pela renda que podiam pagar. Mas tinha a certeza absoluta de que nunca seria nada que se parecesse com aquilo. Provavelmente, apenas um quarto num bairro de barracas.

Beth trabalhou como uma formiga a limpar as duas divisões durante duas horas. Pôs os colchões a arejar ao sol, esfregou o chão e lavou as janelas. Quando acabou, não havia uma única teia de aranha em parte alguma, mas ela parecia um limpa-chaminés e tinha os pés descalços completamente negros. Mrs. Bruce e Kathleen atravessaram o pátio no preciso instante em que ela acabou, cada uma a carregar um monte de mantas, almofadas e lençóis. Ajudaram Beth a fazer as camas e Mrs. Bruce estendeu uma toalha aos

quadrados brancos e vermelhos em cima da mesa.

– Não está maravilhoso? – disse Beth, ofegante. – Não acredito que alguém possa ser tão generosa como Mrs. Langworthy.

– Ela teve mais do que o seu quinhão de má sorte e dificuldades – disse Mrs. Bruce. – E manda dizer que vás tomar um banho e lavar o cabelo antes de ires buscar a Molly. E também escolheu umas roupas para ti.

Deitada na banheira de água quente, a deixar os cabelos espalharem-se à superfície, Beth perguntava-se, assombrada, como era possível passar do desespero à bem-aventurança no espaço de poucas horas.

Só tomara uma vez banho de banheira, e nunca mais, desde os cinco ou seis anos, pudera voltar a estender-se dentro de uma. Só esperava que, naquele dia, as pessoas tivessem sido tão bondosas para com Sam como tinham sido para com ela.

As roupas que Mrs. Langworthy lhe dera estavam dobradas em cima do banco da casa de banho. Uma saia azul-escura, uma blusa azul com pontinhos brancos, uma camisa, ceroulas e um saiote. Teria Mrs. Langworthy adivinhado que não tinha nada por baixo daquele horrível vestido verde, ao chegar? Mrs. Bruce dera-lhe um par de botas suas e algumas meias; as de Mrs. Langworthy eram demasiado grandes.

Por muito bom que fosse estar no banho, Beth sabia que tinha de apressar-se e voltar a casa de Mrs. Craven para ir buscar Molly.

– Ora esta! – exclamou Mrs. Craven quando Beth apareceu no pátio com as suas roupas novas e o cabelo a brilhar como ébano polido. – Alguém te pôs muito bonita, e tenho a certeza de que não foi o Exército de Salvação!

Beth sorriu, em parte porque voltava a sentir-se mais ela própria, limpa e arranjada, mas também porque foi um prazer encontrar Mrs. Craven no exterior, ao sol, com Molly.

Ergueu a irmã da manta onde estava sentada e abraçou-a.

– A Beth tem uma linda surpresa para ti – disse.

– Bem, deste a volta por cima, disso não há dúvida – exclamou Mrs. Craven, depois de Beth lhe relatar os acontecimentos da manhã. – Venham-me cá falar de sorte!

Beth sentiu-se um pouco embaraçada por lhe parecer que a vizinha estava quase desapontada por aquela reviravolta repentina do destino.

– Não será a mesma coisa sem a ter ao pé, do outro lado da rua – apressou-se a dizer. – Tem sido muito bondosa, Mrs. Craven, desde a morte do papá. Não sei o que eu e o Sam teríamos feito sem si.

Ao ouvir isto, a vizinha sorriu.

– Desde que não te esqueças de vir visitar-me de vez em quando. Vou ter saudades de todos, mas sobretudo da minha pequena Molly. – Esticou um dedo

para o bebé, que o agarrou com força. – Ora bem, também tenho novidades para ti. A polícia prendeu a Jane Wiley. O polícia com que o teu Sam falou ontem à noite passou por cá hoje de manhã e disse-me. Ela nega tudo, claro, mas as roupas ainda cheiram a parafina. Parece que alguém da casa onde estão hospedados a viu sair à noite, já depois de o Thomas ter voltado do *pub*.

– O que é que lhe vai acontecer?

– Prisão, claro – disse Mrs. Craven, satisfeita. – E por um bom pedaço. Espero que apodreça lá.

Beth assentiu.

– Sabe alguma coisa de Mr. Filbert e dos outros dois lojistas? – perguntou. – Deve ser horrível, perder assim o negócio.

– Ouvi dizer que ficou furioso. Ainda entraram uns saqueadores na loja de ferragens antes de terem entaipado a montra.

Beth abanou a cabeça, indignada.

– Há notícias do Ernest e do Peter?

– Vieram buscar as bicicletas hoje de manhã e perguntaram por ti. Houve alguém de Lord Street que os acolheu a noite passada e lhes arranjou algumas roupas, mas não vão ter problemas, têm famílias com cobres para ajudá-los.

Beth lembrou-se então que tinha levado consigo o vestido e as botas emprestadas. Entregou-as e tirou depois do saco uma grande empada de carne que Mrs. Cray, a cozinheira, lhe tinha dado.

– Quem me dera ter dinheiro para lhe comprar qualquer coisa para mostrar a minha gratidão pela sua bondade – disse –, mas talvez possamos todos partilhar isto antes de nos irmos embora, mais logo, e quando vier visitá-la não virei de mãos a abanar.

– Deus te abençoe. – Os olhos de Mrs. Craven brilharam ao ver a empada. – És uma boa rapariga, Beth. A tua mãe havia de orgulhar-se de ti.

Sam apareceu às seis e meia, transportando um saco de papel castanho. Continuava a vestir a camisa e o casaco enormes, e disse que os outros escriturários tinham passado o dia a trocar dele. Mas o gerente dera-lhe cinco libras do fundo especial da companhia destinado a ajudar empregados em dificuldades.

– Comprei umas coisas para mim na loja das roupas em segunda mão – disse. – Ia dizer que podias ficar com algum dinheiro e comprar roupa para ti amanhã, mas parece que já resolveste esse problema. Deixa-nos com mais qualquer coisa para a renda da nova casa.

Beth contou-lhe as novidades e Sam ficou pasmado.

– Porque faria ela uma coisa dessas? – perguntou.

– Porque é boa e generosa, de modo que é melhor certificarmo-nos de que não tem de que se arrepender – respondeu Beth, com um sorriso.

Descobriram que a cadeirinha de Molly, que estava guardada no telheiro do pátio, escapara intacta, apenas com uma camada de fuligem. Depois do jantar, Beth e Sam instalaram Molly no assento, juntamente com um pequeno saco de roupas de bebê que os vizinhos tinham levado para ela, e o violino, despediram-se dos Craven e puseram-se a caminho de Falkner Square.

– Ainda não consigo acreditar que perdemos tudo – disse Sam com um suspiro enquanto metiam pelo beco que os levaria a Seel Street. – Tu bem disseste que não gostavas da Jane Wiley logo na primeira vez que a viste. Quem me dera ter seguido a tua intuição.

– Não me serve de grande consolo – respondeu Beth, sombria. – Talvez se não tivesse sido tão precipitada a pô-la na rua ela não tivesse feito o que fez. Mas não falemos disso agora. Ninguém morreu no incêndio, graças a Deus, e talvez um novo começo seja bom para nós.

– Mas temos de ser mais duros – disse Sam, num tom pensativo. – Não podemos continuar a permitir que as coisas nos aconteçam. Precisamos de decidir o que verdadeiramente queremos e lutarmos por consegui-lo.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Beth. Estava um belo fim de tarde, calmo e ameno, e apesar de estar terrivelmente cansada, sentia que tinha ali mesmo tudo o que queria: Molly a dormir na cadeirinha, Sam a seu lado e uma nova casa à espera deles.

– Ir para a América – disse o irmão. – Não quero ser subserviente, passar o dia inteiro empoleirado num banco a escrevinhar em livros e sentir que tenho de estar muito agradecido pela esmola. Nem quero que tu envelheças antes de tempo a esfregar a roupa de outras pessoas. A América é um país vasto, jovem, cheio de oportunidades. Podíamos ter uma boa vida lá.

– Não duvido que sim. – Beth estava com medo de perguntar ao irmão se ele incluía Molly no seu sonho. – Mas primeiro temos de recuperar deste abalo.

2 Pequena masmorra onde o nababo do Bengali mandou prender prisioneiros britânicos de guerra após a tomada do forte William, em Calcutá, na Índia. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 8

Edna Bruce estava a conferir a conta mensal do talho quando ouviu Beth suspirar. Ao erguer os olhos, reparou que a rapariga estava invulgarmente pensativa enquanto pregava uns botões numa das camisas de Mr. Edward.

Estavam no que fora em tempos a sala de estar do mordomo, a divisão ao fundo das escadas da cave. Na ausência de um mordomo, era agora usada como sala de coser e de engomar, e, como lá fora chovia intensamente, Molly estava com elas na sua cadeirinha, a dormir a sesta.

Fazia seis semanas que Beth e a sua pequena família tinham ido viver para Falkner Square, e Mrs. Bruce estava encantada com a maneira como estava tudo a correr tão bem.

Só via Sam aos domingos, porque ele saía para o trabalho de manhã cedo, mas achara-o um jovem delicado e agradável.

Beth passara a ir trabalhar três horas todos os dias de semana, o que convinha a todos, pois evitava que os montes de roupa suja atingissem proporções intratáveis. Levava Molly consigo, e quando o tempo estava bom, deixava-a ficar sentada na cadeirinha, no pátio.

Não que lá ficasse muito tempo! Mrs. Bruce, a cozinheira e Kathleen eram todas culpadas de ir buscá-la, para a mimarem, e Mrs. Langworthy igualmente. Nas raras ocasiões em que estava em casa de manhã e descia até à cave, também Mr. Edward cedia aos encantos da miudinha e fazia uma paragem para brincar com ela.

Na realidade, Molly tornara-se no ai-jesus de toda a gente. Os cabelos encaracolados, os olhos castanhos cor de melaço e o sorriso sempre pronto a todos seduziam. Era uma criança notavelmente feliz, quase nunca chorava e aceitava sem hesitar qualquer colo que lhe oferecessem.

A mais surpreendente consequência da mudança de Beth para Falkner Square foi, no entanto, o facto de o velho Mr. Langworthy se ter embeixado por ela. Nunca tinha acontecido com qualquer outra pessoa. Aconteceu porque Beth se

oferecera para ficar com ele certa tarde em que Mrs. Langworthy precisara de sair por uma hora. Ao regressar, encontrara o sogro absorto a ouvir Beth ler um romance vulgar. Aparentemente, Beth metera o livro no bolso para o ler, esperando que ele estivesse a dormir, mas ao vê-lo acordado, resolvera descobrir se a leitura lhe agradava.

O velho Mr. Langworthy fora, antes de sofrer a trombose, uma espécie de *snoob* intelectual que nunca permitiria em sua casa semelhantes leituras, pelo que tanto o filho como a nora acharam o facto muito divertido.

Agora, Beth lia muitas vezes para ele, ou ia até ao quarto apenas para conversar um pouco. Não parecia minimamente incomodada pela incapacidade dele, ou pelo facto de falar em grunhidos e estranhos ruídos; na realidade, falava com ele como com qualquer outra pessoa, a respeito de notícias dos jornais, de livros que tinha lido e a respeito dos falecidos pais.

No entanto, apesar de estar a correr tudo tão bem, Mrs. Bruce e Mrs. Langworthy estavam um pouco preocupadas por verem uma jovem tão vibrante fazer uma vida tão limitada. Não que fosse uma vida difícil, nem pouco mais ou menos; a maior parte das raparigas que estavam no serviço doméstico trabalhava das seis da manhã até à hora a que os patrões fossem para a cama. Se Beth fosse casada e Molly fosse sua filha, poder-se-ia até dizer que era uma vida de sonho. Mas Sam não era marido dela, e uma vez que arranjava um segundo emprego como *barman* no Hotel Adelphi e só chegava a casa à noite, Beth estava sempre sozinha.

A própria Mrs. Langworthy dissera que não era vida para uma rapariga tão nova estar fechada num par de quartos com um bebé, sem familiares ou amigos que a visitassem. Mrs. Bruce pensou que era essa a causa do suspiro que ouvira.

– Estás preocupada com alguma coisa, Beth? – perguntou. – Vejo-te hoje muito calada.

– Estava a pensar em como o Sam trabalha tanto – disse Beth, com um ligeiro encolher de ombros. – É que ele quer ir para a América, foi por isso que arranjou aquele emprego como *barman*. Achou que é o género de experiência que pode ser-lhe útil.

Era a primeira vez que Mrs. Bruce ouvia falar do assunto.

– Está a planear ir sem ti? – perguntou.

– Não, quer que eu vá também. Mas não estou a ver como, tendo a Molly.

– Há imensas pessoas que emigram com filhos – disse Mrs. Bruce, calmamente. – E lá se governam. Soube de alguns que foram com cinco ou seis filhos.

– Sim, mas é diferente, sendo o Sam meu irmão. – Beth suspirou, tendo os seus olhos azuis ficado repentinamente muito tristes. – Não quero ser um empecilho para ele, e ter de sustentar-nos às duas seria muito difícil.

Mrs. Bruce pensou naquilo por alguns instantes.

– Sim, suponho que tens razão, não estaria livre para viajar e procurar as melhores oportunidades, e mais tarde, se quisesse casar, poderia ser um problema. Mas não é justo deixar-te para trás com toda a responsabilidade pela Molly, cá ou lá. Ela também é irmã dele.

– É precisamente esse o grande problema – respondeu Beth, a voz átona e descoroçoada. – Ele é demasiado consciencioso para ir sem nós, mas eu sinto que estou a prendê-lo.

– Estou a ver. – Mrs. Bruce assentiu com a cabeça. – Diz-me uma coisa, se não tivesses a Molly, gostarias de ir para a América? – perguntou.

– Oh, sim! – exclamou Beth, os olhos brilhantes. – Parece ser um lugar tão maravilhoso. O meu sonho é tocar piano num grande hotel.

– Sabes tocar piano?

Beth sorriu timidamente face à surpresa dela.

– Sei, embora provavelmente esteja enferrujada, porque tivemos de vender o nosso quando a mamã morreu. E também sei tocar violino. O Sam salvou o meu, quando foi o incêndio. É do que gosto mais, mas a mamã chamava-lhe música do Demónio porque tocam violino nas tabernas mais ordinárias.

Mrs. Bruce sorriu. Ouvira por diversas vezes alguém tocar jigas num violino, mas nunca lhe passara pela cabeça que o som viesse das cavalariças. E não achava que fosse música do Demónio; era alegre e viva.

– Porque foi que nunca me disseste? – perguntou. – É uma coisa muito bonita.

– Tive medo de dar a impressão de estar a gabar-me. Não é suposto os criados fazerem essas coisas.

– Pois eu nunca pensaria que te estavas a gabar e gostaria muito que trouxesses o teu violino, de vez em quando, e tocases para mim.

O modo como os olhos de Beth se iluminaram fez Mrs. Bruce sorrir.

– E nunca pares de sonhar e de fazer planos para o futuro – continuou. – Eu cometi o erro de pôr sempre o dever à frente dos meus desejos e ambições, e por causa disso perdi a oportunidade de casar e ter filhos. Não gostaria que te acontecesse o mesmo.

– O que é que não gostaria que acontecesse à Beth, Mrs. Bruce?

Mrs. Bruce e Beth voltaram-se, surpreendidas, ao ouvirem a pergunta de Mrs. Langworthy. Não a tinham ouvido descer as escadas da cave. Estava encantadora com o seu vestido verde-claro com mangas tufadas e o cabelo arranjado em grandes caracóis no alto da cabeça.

– A Beth estava a dizer-me que o Sam está decidido a ir para a América, e desconfio que ela quer ir com ele – respondeu Mrs. Bruce.

– Não me custa a compreender. – Mrs. Langworthy assentiu. – Pelo que ouço dizer, deve ser um lugar maravilhoso e excitante. Mas não vás já a correr, Beth, habituei-me a ter a tua ajuda. E a ver esta pequenina todos os dias! – Deteve-se junto à cadeirinha, a olhar carinhosamente para Molly. – É o bebé mais perfeito

do mundo. Quem me dera que acordasse para poder pegar-lhe ao colo.

Mrs. Bruce sentiu o profundo desejo da patroa de ter um filho ao vê-la debruçar-se para a pequena Molly. Quando casara com Mr. Edward, costumava dizer que queria pelo menos seis filhos, e era tão forte e saudável que Mrs. Bruce sempre esperara que, a seu tempo, veria esse desejo satisfeito. Mas não acontecera, e a cada ano que passava tornava-se menos provável que viesse a acontecer.

Molly acordou e espreguiçou-se. Ao ver Mrs. Langworthy, o rosto rasgou-se-lhe num grande sorriso e ergueu os braços para que lhe pegassem.

– Deve estar toda molhada, vai estragar-lhe o vestido – disse Beth, alarmada.

– Como se eu me ralasse com isso! – Mrs. Langworthy riu e pegou ansiosamente na criança. – Então, Molly, deve estar quase na hora do teu jantar – disse. – O que é que vai ser hoje?

– A cozinheira guardou um pedaço de cordeiro do jantar de ontem para ela – disse Mrs. Bruce. – Dá gosto vê-la comer, nunca a vi recusar fosse o que fosse.

– Posso dar-lhe o jantar? – pediu Mrs. Langworthy.

Beth não compreendia porque queria tanto a patroa fazer semelhante coisa, mas concordou de imediato.

– É melhor pôr um avental, ou fica toda suja.

Mrs. Bruce ocupou-se dos seus deveres, mas fez questão de ir à cozinha quando Mrs. Langworthy estava a dar de comer a Molly. Para sua surpresa, a patroa parecia completamente à vontade com a bebé no colo, a enfiar colheres de comida na boca avidamente aberta como o bico de uma pequena ave. Mas mais divertido ainda era ver Beth, que, sentada do outro lado da mesa, abria e fechava a boca ao mesmo tempo que Molly e, de vez em quando, movia a mão num gesto involuntário, como se não julgasse Mrs. Langworthy capaz de apanhar com a colher a comida à volta da boca da criança e enfiá-la também lá para dentro, como ela fazia.

Mrs. Langworthy apercebeu-se do nervosismo dela.

– Já tenho alguma experiência – disse, com uma gargalhada feliz. – Costumava dar de comer aos meus irmãos e irmãs. Só desde que casei é que deixei de ter contacto com crianças pequenas e bebés.

– Faz tudo muito bem – respondeu Beth, aprovadamente. – Ao princípio, tinha um medo de morte da Molly. Nunca tinha estado com um bebé recém-nascido, quanto mais dar-lhe de comer e trocar-lhe a fralda.

– Tenho de experimentar também trocar-lhe a fralda. – O rosto de Mrs. Langworthy resplandecia. – É muito mais agradável cuidar de bebés do que de velhos rabugentos.

Mrs. Bruce voltou a cabeça, para que nem Beth nem a patroa vissem os olhos encherem-se-lhe de lágrimas. Sentia que tudo aquilo acabaria mal, porque em

breve Beth seguiria o seu caminho e levaria Molly consigo.

Ao longo desse Outono, no Natal e no Ano Novo de 1895, Mrs. Bruce viu como Beth e Molly conquistavam pouco a pouco todos os corações em Falkner Square. E sabia que não era imaginação sua, porque também ela estava a sucumbir ao feitiço.

Era difícil não gostar de alguém capaz de cantar mesmo quando estava a lavar fraldas nojentas. O alegre riso de Beth enchia de vida a cave; a sua vontade de ajudar todos nas respectivas tarefas criava uma atmosfera feliz. Passava de boa vontade uma tarde inteira a arear pratas, a passar a ferro as roupas de Mr. Edward ou a ler para o velho Mr. Langworthy, apesar de não lhe pagarem para fazer qualquer destes serviços. Talvez por preferir trabalhar a estar sozinha com Molly nos dois quartos por cima das cavalariças, mas, fosse pelo que fosse, Mrs. Bruce gostava de a ter ali.

Tinham festejado o primeiro aniversário de Molly antes do Natal, na cozinha. A cozinheira fizera um bolo especial e um bolo em camadas, Kathleen enchera balões e até Sam e Mr. Edward chegaram a casa mais cedo para estarem presentes. Beth costurara para Molly um novo vestido cor-de-rosa, que ela lambuzara imediatamente de *trifle*. Havia já algum tempo que conseguia andar meia dúzia de passos agarrada à mão de alguém, mas, naquela tarde, dera quatro ou cinco passos sem ajuda para chegar até Mrs. Langworthy.

Fora sem dúvida por haver uma criança em casa que Mr. Edward levava uma árvore de Natal, pois nunca antes tinha acontecido. Sam plantara-a firmemente numa grande bacia e colocara-a junto à janela da sala de estar, e Beth ajudara Mrs. Langworthy a enfeitá-la com velas e bolas de vidro.

Como sempre, tinham aparecido vários parentes para a ceia de Natal, e Sam estava à mão para levar o velho Mr. Langworthy até à sala de jantar. Mas se os festejos no rés-do-chão tinham sido mais ou menos iguais aos de anos anteriores, na cave tudo fora muito diferente e incomparavelmente mais alegre.

Uma vez terminada a ceia, o velho Mr. Langworthy voltara para o seu quarto e, enquanto os donos da casa recebiam as visitas na sala de estar, decorria na cozinha a ceia natalícia do pessoal.

Mrs. Bruce pedira a Sam que, sendo o único homem presente, ocupasse a cabeceira da mesa e trinchasse o ganso. Mrs. Bruce sentara-se no extremo oposto, com Mrs. Cray de um lado e Molly, sentada numa cadeira em cima de um caixote, do outro. Beth e Kathleen, ambas com chapéus de papel na cabeça, sentavam-se de um e do outro lado de Sam. Fosse devido ao vinho que beberam, fosse por haver à volta da mesa mais pessoas do que era habitual, o riso começara quando Sam se pusera a fazer palhaçadas, fingindo ser um cirurgião

enquanto atacava o ganso com a faca de trincar, e nunca mais acabara.

Mrs. Cray não era residente, mas tinha alojamentos ali perto. Trabalhava no serviço doméstico desde muito nova, sempre em casas com muito pessoal, e relatara histórias hilariantes a respeito das asneiras que alguns dos criados faziam e de como os outros se esforçavam por encobri-las.

Sam falara-lhes das pessoas que apareciam no bar do Hotel Adelphi. Sabia imitar-lhes tão bem as vozes e os maneirismos que era quase como se estivessem ali na cozinha.

Mrs. Bruce estudara Sam enquanto ele falava e notara como o rapaz se tornara muito mais desembaraçado desde que era *barman*. Ganhara uma nova confiança, olhava de frente para a pessoa com que estava a falar em vez de baixar os olhos para o chão, como antigamente. Era um belo rapaz, com o seu cabelo louro, a sua pele aveludada e os seus brilhantes olhos azuis. E o seu trato fácil com as mulheres era também muito atraente. Havia de ser irresistível, pensara, quando pusesse um pouco de músculo em cima daquela estrutura delgada.

E Mrs. Bruce notara também outra coisa: a pouca atenção que dava a Molly. Quando, depois da ceia, ela andara, com os seus passinhos trôpegos, à volta da mesa, de pessoa em pessoa, Sam não a seguira com o olhar, como todos os presentes. Pegara-lhe quando ela caíra perto dele e oferecera-lhe pedaços da laranja que estava a comer, mas não a sentara nos joelhos nem lhe fizera festas. Mrs. Bruce achara que embora ele não a tratasse certamente mal, estava, com um esforço deliberado, decidido a evitar qualquer envolvimento.

Interrogara-se porque seria, e a única explicação lógica que conseguia encontrar fora que ele tencionava abandonar Beth e Molly. E provavelmente pensava que seria mais capaz de o fazer se não permitisse que o seu coração se prendesse demasiado à irmã mais nova.

Mrs. Bruce dera por si a pensar cada vez mais naquilo à medida que o Ano Novo se aproximava. Dissera a si mesma que Beth ficaria sempre bem, pois com o irmão ou sem ele, os Langworthy continuariam a empregá-la. No entanto, sempre que Beth tocava o seu violino nos quartos por cima da cavalariça e ouvia a alegria e a esperança daquela música, não conseguia impedir que a tristeza a invadisse ao pensar que a vida dela nunca iria mais além de Falkner Square. Já conseguia ver as grilhetas que a prendiam ali. Por enquanto, era apenas o seu dever de sustentar Molly, mas quanto mais tempo ficasse, maior seria a dívida que sentiria ter para com os Langworthy. Quando Molly tivesse idade suficiente para trabalhar, ela, Mrs. Bruce, seria velha, e Beth ocuparia o seu lugar. Nunca teria oportunidade de tocar em público, de ver mais do mundo. Muito provavelmente, também nunca casaria.

CAPÍTULO 9

–Minha senhora, minha senhora! – gritou Kathleen, às seis da manhã.

Foi no início de Fevereiro, estava um frio cortante, lá fora ainda era noite e os donos da casa dormiam. Mrs. Bruce acabava de descer à cozinha para pôr a chaleira ao lume.

Correu escadas acima e encontrou Kathleen à porta do quarto do velho Mr. Langworthy. A primeira tarefa de Kathleen, todas as manhãs, era espreitar o lume naquele quarto, e ao ver a expressão horrorizada da rapariga, Mrs. Bruce adivinhou que o velho tinha morrido.

– Tinha a boca e os olhos abertos – soluçava Kathleen. – Perguntei-lhe se queria uma chávena de chá, mas acho que está morto.

– Controla-te – disse Mrs. Bruce, severamente. Ia acrescentar que Kathleen deveria ter descido à cozinha para lhe contar sem alarido o que se passara em vez de acordar o senhor e a senhora, mas era demasiado tarde: as portas dos respectivos quartos abriram-se simultaneamente. Mr. Edward vestia uma comprida camisa de dormir e Mrs. Langworthy agarrava um xaile posto à volta dos ombros.

– É o meu pai? – perguntou Mr. Edward.

Mrs. Bruce assentiu com um gesto de cabeça e entrou no quarto. Kathleen tinha deixado a candeia de azeite em cima da consola da lareira, de modo que havia luz suficiente para ver exactamente o que ela tinha visto. O velho Mr. Langworthy estava deitado numa posição forçada, a cabeça junto à beira do colchão, como se tivesse tentado levantar-se da cama.

Mrs. Bruce aproximou-se dele e confirmou que estava de facto morto. Voltou a pousar-lhe a cabeça na almofada e fechou-lhe os olhos e a boca.

– Morreu, então? – perguntou Mr. Edward da porta, com a esposa ao lado, como se estivessem os dois com medo de entrar.

– Receio que sim – respondeu Mrs. Bruce, endireitando as roupas da cama. – Lamento muito. Mas é melhor os senhores voltarem para a cama antes que

morram de frio. Vou mandar a Kathleen chamar o médico.

Quando Beth chegou com Molly, às nove horas dessa manhã, encontrou Mrs. Bruce, a cozinheira e Kathleen sentadas na cozinha, todas elas com um ar muito desanimado.

Mrs. Bruce explicou o que se tinha passado e disse que o médico estava naquele momento com os Langworthy, a passar a certidão de óbito.

– Foi o melhor para todos – suspirou. – Aquilo não era vida, e a senhora fica livre de uma autêntica escravidão. Mas, mesmo assim, custa vê-lo partir.

– Os olhos dele pareciam os de um peixe, palavra – disse Kathleen. – E toquei-lhe na mão e estava fria como gelo.

– Basta, Kathleen – disse Mrs. Bruce, severa. – Eu sei que foi um choque para ti encontrá-lo, mas devemos mostrar respeito e apoiar o senhor e a senhora.

Os olhos de Beth encheram-se de lágrimas. Da primeira vez que lhe tinham pedido que ficasse a fazer-lhe companhia, tivera medo do velho. Tinha o rosto distorcido, por estar paralisado de um dos lados, e era tão magro que parecia um esqueleto. Quando tentava falar, mexia a boca de uma maneira esquisita e as palavras que saíam eram ininteligíveis e assustadoras. Mas acabara por habituar-se, e depois de ler para ele meia dúzia de vezes, começara a compreender o que tentava dizer. Consequia transmitir prazer com os olhos, irritação com um agitar da mão boa e, por vezes, Beth era capaz de extrair verdadeiras palavras dos seus grunhidos, e se as repetia ele confirmava com um aceno de cabeça.

Sentia a alegria dele quando ela aparecia, sabia quando estava a gostar de uma história, e quanto mais tempo passava com ele, maior era a sua pena. Pensava que devia ser a coisa mais horrível do mundo ter um espírito vivo encurralado num corpo que não conseguia controlar, sofrer a humilhação de ser alimentado e lavado como um bebé e não ter qualquer meio de demonstrar que compreendia tudo o que se passava à sua volta.

– Não chores, Beth – disse Mrs. Bruce, pegando em Molly, que olhava com uma expressão ansiosa para a irmã mais velha. – Foi para um sítio melhor, o sofrimento dele acabou e pode voltar para junto da mulher.

A casa foi envolta por uma sombra de tristeza que parecia tornar-se mais densa de dia para dia, enquanto os Langworthy faziam os preparativos para o funeral.

Para Beth, o ambiente era dolorosamente familiar, e, além das perturbadoras recordações dos funerais do pai e da mãe, havia agora a inquietante preocupação com o que poderia acontecer-lhe. Sem toda a roupa que o velho Mr. Langworthy sujava, não ia haver muito que fazer. Mrs. Bruce, a cozinheira e Kathleen cuidavam perfeitamente da casa. Estaria Mr. Edward disposto a continuar a

pagar um salário a alguém que deixara de ser necessário?

O décimo sétimo aniversário de Beth e o décimo oitavo de Sam chegaram e passaram nessa semana sem qualquer espécie de festejos. Beth andou ocupada a ajudar a cozinheira a preparar bolos e pastéis para a reunião de amigos e familiares que decorreria depois do funeral e a fazer pequenos ajustamentos às roupas de luto que Mrs. Langworthy usara quando a sogra morrera.

Na manhã do funeral, Beth acordou quando ainda estava escuro, embora o candeeiro de rua junto ao fundo do pátio das cavalariças proporcionasse luz suficiente para ver que tinha nevado durante a noite. Deixou-se ficar sentada na cama durante um ou dois minutos, a olhar pela janela. Estava tudo muito bonito, com a porcaria, o lixo e a fealdade escondidos sob um espesso e puro manto de neve refulgente. Trouxe-lhe à memória o nevão que caíra um ano antes, na noite em que Molly nascera. Lembra-se de estar à janela da cozinha, com o bebé nos braços, a ver, maravilhada, como o beco e os telhados se tinham miraculosamente transformado numa coisa mágica.

Poucos dias mais tarde, a mãe morrera, e a chuva levava a neve. Olhara pela mesma janela e vira que tudo voltara a ser cinzento, triste e feio. Na altura parecera-lhe significativo, talvez um aviso de que a felicidade e a beleza só podiam ser passageiras.

Tanta coisa acontecera desde então. Tanto desespero, dor e preocupação, e, por fim a perda da casa no incêndio. No entanto, o incêndio acabara por ser afortunado, na medida em que, por causa dele, tinham ido viver para ali e voltado a encontrar um pouco de segurança e felicidade.

Tanto ela como Sam tinham sido obrigados a crescer depressa, mas o mais importante que Beth aprendera fora que não se podia contar com nada. Nem com a continuada generosidade dos Langworthy, nem que aquele emprego e aquele abrigo durassem o tempo que ela precisava. Nem sequer podia contar com que Sam ficasse com ela para sempre.

A única coisa a respeito da qual podia ter a certeza absoluta era de si mesma. Mas esse era um pensamento solitário e arrepiante.

Ninguém esperava que Sam fosse ao funeral, pois a única vez que vira o velho Mr. Langworthy fora no Natal, quando o carregara para a sala de jantar. Mas tinha de ir trabalhar, de modo que Beth pôs um xaile pelos ombros e entrou na sala de estar para acender o candeeiro a petróleo, espezivar as brasas no fogão e pôr a chaleira ao lume.

Sam parecia tão calmo e imperturbado, enrolado na estreita cama de rodas. Ainda não lhe ocorrera que a morte do velho Mr. Langworthy podia significar mais problemas para eles e ela tinha medo de dar voz a esses receios, pois o irmão parecia tão feliz depois de ter começado a trabalhar no Adelphi.

– Horas de levantar, Sam – disse suavemente, abanando-lhe o braço.

Ele abriu os olhos e bocejou.

– Já? Tenho a sensação de só ter dormido uma ou duas horas.

– São seis da manhã e esteve a nevar – disse Beth, reparando em como o irmão estava a tornar-se bonito. Tinha a cara mais cheia, deixara crescer um pequeno bigode, e as compridas pestanas chamavam a atenção para os encantadores olhos azuis. Sentiu uma pontada no coração ao pensar que ele não tardaria a arranjar uma namorada e ela seria relegada para segundo plano.

Ele sorriu, saltou da cama e correu para a janela, como uma criança. Vestido apenas com a roupa de dormir, de lã, tinha um ar ligeiramente ridículo.

– Adoro a neve – disse, voltando-se para sorrir à irmã. – Em certas partes da América, começa em Novembro e dura até à Primavera.

– Não consigo imaginar coisa pior – respondeu ela secamente enquanto se ajoelhava para tirar a caixa das cinzas de baixo do fogão. Não era verdade. Gostava da neve tanto como o irmão e algumas das suas mais doces recordações de infância eram de deslizar com ele num trenó, mas estava farta das constantes referências à América. – A água da chaleira já deve estar suficientemente quente para te lavares e fazeres a barba. A tua camisa lavada está pendurada na porta do quarto.

– Estás a ficar uma velha solteirona – retorquiu ele.

*

Beth, Kathleen e Mrs. Cray só tinham conseguido lugar de pé ao fundo de St. Bride's, pois tinham sido as últimas da procissão de acompanhantes que seguira as seis carruagens que transportaram os membros da família até à igreja, e todos os bancos estavam ocupados. Com o espesso manto de neve a servir de pano de fundo aos cavalos empenachados de negro e ao caixão coberto de flores, fora um espectáculo impressionante. Beth pensara que a neve afastaria muita gente, mas parecia que metade da população de Liverpool se juntara ali.

Uma vez cantado o primeiro hino e iniciadas as orações, os pensamentos de Beth derivaram para o comentário de Sam naquela manhã. Sim, era verdade, *estava* a tornar-se numa velha solteirona. Tudo o que fazia, e até tudo o que pensava, girava à volta de Molly ou dos Langworthy. Não queria saber do seu aspecto, todas as suas roupas eram em segunda mão e já nem sequer ia ver as montras das lojas, não só porque não podia comprar nada, mas também porque não tinha nenhum sítio aonde ir para poder usar aquelas coisas.

Antes da morte do pai, costumava passar muito tempo entregue a devaneios românticos, mas agora já não. Não valia a pena: nunca iria a bailes nem a festas e nunca andaria numa carruagem vestida de peles e enfeitada com diamantes. Até os sonhos mais humildes que Miss Clarkson suscitara, estudar para professora

ou enfermeira, ou trabalhar numa loja, estavam agora excluídos porque tinha de tomar conta de Molly.

Na realidade, as únicas ocasiões em que escapava para o mundo da fantasia era quando tocava violino. Sozinha nos dois quartos por cima das cavalariças, podia imaginar-se num belo e colorido vestido de seda, com enfeites refulgentes no cabelo e bonitos sapatos nos pés. Durante cerca de uma hora, podia flutuar com a música e esquecer todas as suas responsabilidades.

A voz do reverendo Bloom, que começara a falar a respeito de Mr. Langworthy, chamou-a de volta à realidade.

– Theodore Arthur Langworthy não nasceu em berço de ouro – dizia. – O pai era um pobre agricultor do Yorkshire, e esperava que o filho mais velho lhe seguisse as passadas. Mas o jovem Theodore tinha outros planos.

Beth nunca soubera nada a respeito do passado de Mr. Langworthy, nem sequer que se chamara Theodore, e era difícil imaginar aquele velho preso a uma cama de outra maneira que não fosse doente e frágil.

– Já fascinado pela maquinaria, veio para Liverpool, onde começou a trabalhar como aprendiz de engenheiro – continuou o reverendo Bloom. – Tinha apenas vinte e dois anos quando desenhou e construiu uma bomba de água num barracão nas traseiras da casa onde morava. Passados dez anos, tinha cinquenta pessoas a trabalhar para ele e exportava bombas de água para todo o mundo. Mais tarde, começou a construir motores a vapor para navios, e a Langworthy Engineering tornou-se num dos maiores empregadores de Liverpool.

O reverendo Bloom passou os olhos pela congregação.

– Muitos dos que aqui estão devem-lhe a vossa actual prosperidade, porque ele acolheu-vos quando eram rapazes, dedicou-vos um interesse paternal e ensinou-vos bem. Outros que estão ligados a instituições de caridade recordarão como ele apoiava as vossas causas e contribuía com generosos donativos para as manter.

Talvez fosse por Mr. Langworthy ter seguido o seu sonho que os pensamentos de Beth voltaram a derivar para Sam. Esperara que quando o irmão fizesse novos amigos no Adelphi perdesse o interesse na América. Mas não perdera. Estudava mapas, lia livros e artigos em revistas e poupava todos os tostões para poder ir.

Até ao momento, Beth sempre estivera inclinada a ver a paixão de Sam pela emigração como simples desejo de aventura, mas, de repente, ocorreu-lhe que não era assim tão diferente de Mr. Langworthy querer ser engenheiro. Se não tivesse tido a coragem de desafiar o pai e ir atrás do que realmente queria, muitas das pessoas ali presentes não teriam tido trabalho, haveria menos obras de caridade, e quem faria todas aquelas bombas de água e motores a vapor que ele enviara para todo o mundo?

Talvez o desejo de Sam de ir para a América não beneficiasse ninguém, mas

por outro lado, se não fosse, podia tornar-se amargo e acabar por culpá-la a ela. Beth tinha medo de ficar sozinha com Molly, especialmente numa altura em que o futuro era tão incerto, mas achava que tinha ainda mais medo de perder o afecto do irmão ao prendê-lo ali.

Às cinco horas dessa tarde, Beth estava a lavar louça na cozinha, enquanto Mrs. Cray arrumava na despensa a comida que sobrara, quando ouviu Mrs. Langworthy despedir-se dos últimos convidados à porta da rua. Mesmo àquela distância, detectou o cansaço na voz da patroa e sentiu a tensão a que estivera sujeita todo o dia, obrigada a controlar as suas emoções.

A porta da rua fechou-se. Beth ouviu Mrs. Langworthy pedir a Mrs. Bruce e a Kathleen que retirassem os últimos copos e pratos da sala de jantar, e, minutos mais tarde, descer a escada até à cave.

Apesar da palidez e da exaustão bem patentes no rosto, conseguiu sorrir a Beth e a Mrs. Cray.

– Só queria agradecer-lhes pelo muito que fizeram hoje – disse.

Mrs. Cray ergueu o olhar para ela.

– Foi com muito gosto, minha senhora – disse. – Mas parece muito cansada. Quer que lhe arranje alguma coisa?

Mrs. Langworthy suspirou e levou a mão à testa, como se lhe doesse.

– Não, obrigada, Mrs. Cray, já fez mais do que o suficiente por hoje, vá para casa. Se quisermos comer alguma coisa, mais logo, cá nos arranjaremos. – Voltou-se para olhar para Molly, que estava sentada numa manta, no canto, a brincar com duas colheres de madeira.

– Foste uma menina muito bonita – disse, inclinando-se para lhe pegar. – Não te ouvi durante todo o dia.

– É um autêntico anjinho – disse Mrs. Cray, ternamente. – Acho que percebeu que estávamos todas demasiado ocupadas para brincar com ela.

Mrs. Langworthy deixou-se cair numa cadeira, com Molly ao colo, e embalou-a. Permanecendo calada, inclinou a cabeça e encostou a cara ao cabelo da criança.

Beth apercebeu-se, alarmada, de que a patroa estava a chorar, e avançou um passo.

– Que se passa, minha senhora? – perguntou.

– Perder o meu sogro fez-me perceber como a minha vida é vazia – disse Mrs. Langworthy, erguendo um pouco a cabeça e tentando limpar as lágrimas.

– É natural que se sinta um pouco à deriva, durante algum tempo – disse Beth, num tom tranquilizador. – Mas agora vai ter tempo para fazer todas aquelas coisas que nunca pôde fazer. Quer que lhe traga uma chávena de chá?

– Isto é o que eu quero – exclamou Mrs. Langworthy, apertando Molly contra o peito. – Um bebé para amar. Sem um filho, uma mulher não é nada.

Mrs. Cray fez uma cara de aviso a Beth e um pequeno gesto com a mão, como que a indicar que a patroa tinha bebido um pouco mais de xerez do que lhe convinha.

Beth pousou reconfortantemente a mão no ombro da mulher mais velha.

– Podemos todas partilhá-la – disse.

– Não quero partilhá-la, quero-a só para mim – respondeu Mrs. Langworthy, erguendo uns olhos suplicantes para Beth.

Nesse instante, Mrs. Bruce desceu a escada, transportando uma bandeja com alguns copos.

– São os últimos – disse alegremente, ignorando o drama que acabava de interromper.

– Não haja dúvida de que comeram e beberam bem – comentou Mrs. Cray, numa clara tentativa de quebrar a tensão ambiente. – Não são horas de levares a Molly para casa, Beth?

Mrs. Langworthy pôs-se bruscamente de pé e passou Molly para os braços de Beth.

– É melhor voltar para junto do meu marido – disse, a voz a tremer. – Ficou muito abatido. Tenho a certeza de que amanhã estará tudo bem.

No dia seguinte, Mrs. Langworthy não se levantou da cama. Kathleen levou-lhe o chá matinal, como de costume, e anunciou na cozinha que a senhora não se sentia bem.

– Demasiado xerez – disse Mrs. Cray, piscando um olho a Beth, mas mantendo a voz suficientemente baixa para que Mrs. Bruce não a ouvisse.

Também Mr. Edward não estava no seu normal. Ralhou com Kathleen por a torrada do pequeno-almoço estar fria e em seguida fechou-se no escritório e ficou lá, em vez de ir para a fábrica.

– Não seria apropriado ele ir trabalhar hoje – disse Mrs. Bruce, como se quisesse justificá-lo. – Tem de resolver os assuntos do pai e deve ter dúzias de cartas para escrever. Mas tenho de admitir que está a reagir pior do que eu esperava.

Beth compreendia a razão da perplexidade de Mrs. Bruce, pois Mr. Edward fora trabalhar inclusivamente no dia em que o pai morrera e ainda no dia anterior, no funeral, mostrara a mais perfeita compostura. Era compreensível que Mrs. Langworthy tivesse caído à cama; ao fim e ao cabo, esfalfara-se durante mais de uma semana a tratar de mil e uma coisas. Mas juntando o muito pouco característico comportamento de Mr. Edward naquele dia ao estado emocional da esposa no dia anterior, Beth teve a certeza de que os dois tinham tido uma discussão.

Tê-lo-ia ela culpado por não ter um filho seu?

Três dias depois do funeral, Mrs. Langworthy continuava de cama. Mrs. Bruce levava-lhe as refeições numa bandeja, mas ela mal lhes tocava.

– O médico diz que não lhe encontra nada de mal – ouviu-a Beth dizer à cozinheira. – Acha que deve ser um simples caso de melancolia e que talvez Mr. Edward devesse levá-la a fazer umas férias. Mas quem quereria fazer semelhante coisa com um tempo destes?

Não voltara a nevar depois do dia do funeral, mas a temperatura estava tão baixa que a neve continuava a cobrir tudo e o vento cortava como uma faca. Fazia tanto frio nos quartos por cima das cavalariças que Beth se deixava ficar na casa grande o mais tempo que podia e, à noite, levava Molly para a cama consigo, para a manter quente. Também Sam estava a voltar mais tarde do hotel, talvez pelas mesmas razões, de modo que Beth não tivera sequer oportunidade para falar com ele a respeito da América.

– Beth, porque é que não vais vê-la? – sugeriu Mrs. Bruce. – Leva a Molly contigo. Tenho a certeza de que vai animá-la.

A tarde ia a meio, e uma vez que Beth não conseguia encontrar trabalho que justificasse a continuação da sua permanência, e por estar demasiado frio para ir aonde quer que fosse, concordou com prazer.

Mrs. Langworthy estava tristemente recostada nas almofadas, nem sequer a ler, mas quando viu Beth e Molly o seu rosto iluminou-se.

– Que agradável surpresa. Estava precisamente a pensar na Molly. Põe-na aqui, em cima da cama – disse, batendo na manta a seu lado.

Beth entregou-lhe a criança e puxou uma cadeira para junto da cama. Molly saltou, feliz, em cima do macio colchão, e depois pôs-se a brincar ao esconde-esconde tapando-se com a manta e arrancando uma gargalhada a Mrs. Langworthy.

– O que é que se passa, minha senhora? – perguntou Beth, depois de terem conversado a respeito de Molly durante algum tempo. – Tem dores? Tem estado doente?

– Não, nada disso – respondeu Mrs. Langworthy, olhando carinhosamente para Molly, que se aninhara junto dela como se tencionasse dormir. – Só estou farta da inutilidade da minha vida.

– A minha mãe disse-me uma coisa parecida, uma vez – disse Beth, pensativa. – Eu fiquei um pouco magoada, na altura, mas suponho que se referia a passar o dia todo a limpar e a cozinhar.

– As mulheres têm uma vida muito cansativa. – Mrs. Langworthy suspirou. – Bem sei que devia estar grata pelas minhas bênçãos. Tenho uma bela casa e um bom marido, mas, sabes, sempre pensei ter filhos, e agora tudo indica que nunca vou conhecer essa alegria. Não me permiti pensar muito nisso enquanto o meu sogro foi vivo, tinha demasiado que fazer. Mas agora não consigo pensar noutra coisa. Estou tão triste.

Beth sentiu-se um pouco desconfortável ao ouvir isto. Para ela, Mrs. Langworthy tinha a vida perfeita e achava que ela devia ir a algumas das áreas mais pobres do bairro escocês de Liverpool para ver como era a vida das mulheres que lá moravam.

Talvez a patroa lhe tivesse lido os pensamentos, pois estendeu a mão e pousou a na dela.

– Desculpa, minha querida, esqueço quanta tristeza já conhecestes na tua curta vida. Imagino o que deves pensar de mim.

– Penso que é a melhor e a mais generosa pessoa do mundo – respondeu Beth com sinceridade. – Recebeu-nos quando não tínhamos para onde nos voltar. Ficar-lhe-ei eternamente grata por isso.

– Já mais do que mo pagaste – disse Mrs. Langworthy. – Mas diz-me, Beth, nunca te revoltaste por teres de carregar o fardo da Molly?

Beth olhou para a irmã e sorriu, porque ela tinha adormecido a chuchar o polegar.

– Nunca a vi como um fardo – respondeu. – Talvez esteja presa, talvez tenha de pensar no que é melhor para ela e não para mim, mas isso nunca me provocou revolta.

– É uma atitude muito altruísta – disse Mrs. Langworthy. – Mas diz-me, tu e o Sam nunca mais voltaram a pensar em ir para a América?

Beth sentiu o coração afundar-se no peito, segura de que aquela era a maneira que Mrs. Langworthy encontrara de dizer-lhe que já não era necessária.

– Nunca estás longe dos pensamentos do Sam – respondeu, com cautela. – Mas desde que Mr. Langworthy morreu, tenho estado muito mais preocupada com a nossa posição aqui. Com tanta menos roupa para lavar, não vai continuar a precisar de mim.

– Não precisar de ti! – exclamou Mrs. Langworthy, chocada. – Claro que continuo a precisar de ti. Com certeza não pensaste que eu ia mandar-te embora?

– Quer dizer que posso ficar com a Molly?

– Claro, minha querida. Nunca me passou sequer pela cabeça perder-te. És preciosa... Sei que sempre fizeste trabalhos que não te competiam.

– Oh, obrigada, minha senhora, estava com tanto medo do que pudesse acontecer-nos – admitiu Beth. – E assim será muito mais fácil para mim deixar o Sam ir para a América sozinho. Sabe, já tinha chegado à conclusão de que era o que devia fazer. Talvez daqui a alguns anos, quando ele estiver instalado, eu e a Molly possamos ir lá ter.

– Mas podias ir com ele agora, se deixasses a Molly connosco.

Beth olhou atentamente para a patroa, um pouco intrigada pelo que ela acabava de dizer.

– Não posso fazer uma coisa dessas – disse. – Não é como se fosse voltar dentro de um par de semanas.

– Não estava a falar de tomar conta dela durante algumas semanas – disse Mrs. Langworthy, a olhar fixamente para Beth. – Quis dizer para sempre.

Beth ficou tão chocada que deixou cair o queixo.

– Para sempre?

– Não fiques tão espantada, Beth! Com certeza compreendes que esta é a melhor solução possível para ti e para o Sam. O meu marido e eu amá-la-íamos como se fosse nossa filha, e ela viveria nesta bela casa, frequentaria as melhores escolas e nunca lhe faltaria nada.

Beth estava escandalizada.

– Mas ela é do meu sangue!

– Mais uma razão para nos certificarmos de que tem uma boa vida – disse Mrs. Langworthy, com duas rosetas de um vermelho-vivo a surgirem-lhe nas faces, como se estivesse com febre. – Quando era pequena, conheci várias famílias grandes que deixaram um ou dois dos seus filhos irem viver com parentes mais ricos. Era uma prática comum.

Também Beth conhecia pessoas que o tinham feito.

– Mas a senhora não é nossa parente – fez notar. – Não posso deixar a Molly crescer a pensar que a abandonei!

– Nem por um segundo me passou pela cabeça sugerir que cortasses todos os contactos com ela. – Mrs. Langworthy parecia ofendida. – Podias escrever-lhe, vir visitá-la. Eu dir-lhe-ia que era a guardiã dela, nunca afirmaria ser a mãe. Ela poderia chamar-me tia Ruth.

Beth sentiu-se como se alguém lhe tivesse aberto um alçapão debaixo dos pés e estivesse a cair para o espaço. Sabia que os Langworthy podiam dar à irmã tudo o que uma criança podia querer ou precisar, mas, durante quase catorze meses, Molly tornara-se, para todos os efeitos práticos, sua filha, e o seu instinto era lutar por ela com unhas e dentes.

Estendeu a mão e passou um dedo pelo rosto da pequena Molly, subitamente receosa de que os Langworthy tivessem o poder de lha tirar mesmo que ela e Sam recusassem dar autorização.

– Pensa bem no que te disse, Beth – continuou Mrs. Langworthy suavemente, estendendo a mão para tocar no braço dela. – Sei que estás chocada e talvez até sintas que estou a insultar-te ao sugerir isto. Mas tens de acreditar em mim quando te digo que ninguém conseguiria educar melhor a Molly até agora, sobretudo sendo tu tão nova.

– Não posso dar-lha – disse Beth, firmemente. – Amo-a demasiado.

– Eu sei que a amas, mas não recuses a minha oferta assim sem mais – insistiu a mulher mais velha. – Pensa no que representaria para ti. Serias livre para ir com o Sam. A tua vida poderia voltar a pertencer-te, poderias fazer o que quisesse. Mas continuarias a ser irmã da Molly, e ninguém te poderia tirar isso.

Beth não conseguiu ouvir mais. Pegou na criança adormecida e recuou para a

porta, a pedir desculpa.

Sam chegou a casa às oito e meia. Geralmente, aparecia já passada a meia-noite, mas o movimento era tão pouco no bar do Hotel Adelphi que o gerente lhe dissera que podia sair mais cedo. Ao ver as janelas iluminadas, ficou satisfeito, pois isso significava que ele e Beth poderiam conversar um pouco. A maior parte das vezes, ela já a encontrava a dormir.

Mal abriu a porta, porém, e a viu sentada em frente do lume, encolhida e com uma manta a rodear-lhe os ombros, soube que alguma coisa se passava.

– Que aconteceu? – perguntou. Tinha as mãos e os pés gelados, e aproximou-se do fogão para se aquecer. – Não te disseram que já não precisavam de ti, pois não?

Beth levantara esse receio no domingo anterior, mas Sam não acreditava que a dispensassem, porque no Natal tivera oportunidade de aperceber-se de quanto Mr. e Mrs. Langworthy gostavam dela.

– Mrs. Langworthy quer que lhe demos a Molly – despejou Beth, desfazendo-se imediatamente em lágrimas.

Sam ajoelhou-se no chão diante dela e interrogou-a até ficar a saber exactamente o que fora dito.

– E isso é assim tão mau? – perguntou, quando ela acabou. – Ela tem razão, seria o melhor para a Molly.

– Tu nunca quiseste saber dela! – acusou-o Beth, cheia de azedume. – Por ti, tinha ido direitinha para o orfanato.

– Talvez não gostasse muito dela quando nasceu – admitiu Sam, corando de vergonha. – Agora arrependo-me. Mas ela pode ter uma vida muito melhor com eles do que conosco. E nós podíamos comprar passagens para a América, viver à grande. Pensa só em como seria maravilhoso!

– Não quero viver à grande, quero a Molly! – Beth começou a chorar e tapou a cara com as mãos. – Já decidira dizer-te que fosses sozinho. Sei que não é justo da minha parte prender-te aqui. Vai tu, e eu fico com ela.

Sam não disse nada durante algum tempo. Limitou-se a ficar ajoelhado aos pés de Beth, enquanto ela chorava com o rosto escondido entre as mãos. Pensava muitas vezes na infidelidade da mãe, e ficava cheio de azedume por o pai se ter matado por causa disso, mas já não sentia qualquer ressentimento contra Molly.

Como poderia? Ela era uma coisinha tão doce; na realidade, não duvidava de que se tivesse estado constantemente com ela, como Beth estivera, se sentiria naquele momento tão indignado e horrorizado pela oferta como a irmã.

No entanto, sendo as coisas o que eram, conseguia ver a situação mais desapaixonadamente. Não havia dúvida de que os Langworthy poderiam dar a Molly a melhor educação possível. Eram pessoas ricas, influentes, mas também tinham bom coração. Se não fosse a generosidade com que lhes tinham

oferecido uma casa depois do incêndio, poderiam ter sido todos obrigados a viver numa barraca, e Molly não seria o bebê saudável e feliz que era.

Talvez estivesse a pensar apenas em si mesmo, até certo ponto. Seria maravilhoso partir para a América com Beth, sem o fardo de uma criança pequena. Poderiam ir para onde quisessem, seriam livres de fazer o que quisessem, e com os dois disponíveis para trabalhar, poderiam juntar muito mais dinheiro.

Acima de tudo, queria que Beth tivesse uma vida boa, um marido que amasse e filhos. Mas nunca ela o conseguiria com Molly a reboque, porque as pessoas pensariam sempre que a criança era filha dela, uma filha ilegítima. O máximo a que Beth poderia aspirar seria um lugar de criada, e ela merecia muito melhor do que isso.

Como, porém, convencer a irmã de que não estava a pensar apenas em si mesmo?

– Podia ir para a América, e depois mandava-vos vir quando estivesse instalado – disse. – Mas não quero ir sem ti, Beth. E agora que surgiu isto com os Langworthy, como é que eles vão tratar-nos se lhes recusarmos o que querem? E se nos mandam embora? Que será de nós?

– Não o farão – disse Beth apressadamente, mas olhou para o irmão com uma interrogação nos olhos. – Pois não?

– Não sei – admitiu ele. – Mr. Edward pode achar que a presença da Molly perturba a esposa. As pessoas tornam-se más quando não conseguem o que querem.

Decidiu ficar por ali. Beth sabia muito bem que nunca arranjariam um lugar como aquele para viver. Nem era muito provável que arranjasse outro trabalho onde Molly fosse bem-vinda. Era suficientemente inteligente para ter aquilo em conta quando tomasse a sua decisão.

Nessa noite, Sam não conseguiu dormir, pois sabia que Beth estava acordada no quarto ao lado, preocupada. Tinham falado e falado do assunto, e ele sentia que, no fundo do coração, Beth sabia que, para Molly, entregá-la aos Langworthy era o melhor que podiam fazer. Os acontecimentos e batalhas do último ano tinham-lhes ensinado aos dois como a vida podia ser precária. Não era preciso afastarem-se muito de Falkner Square para ver como era fácil cair no abismo da pobreza.

Por outro lado, Sam também sabia que Beth não conseguia ser inteiramente racional por gostar tanto de Molly. Não era capaz de, como ele, pensar em si mesma, sentir-se entusiasmada pela perspectiva de liberdade e aventura. Ou sequer de acreditar que talvez, quando crescesse, Molly poderia ir juntar-se a eles na América.

E apesar de tudo o que dissera naquela noite, e no passado, Sam fora ver Molly adormecida no quarto ao lado antes de ir para a cama e sentira o coração

inchar de amor por ela. Não conseguia imaginar um dia sem ver aqueles grandes olhos castanhos, ouvir as suas alegres gargalhadas e vê-la andar de um lado para o outro. Esforçara-se ao máximo por não deixar que o seu coração se envolvesse, mas falhara, e não seria apenas Beth a sentir a dor da partida.

*

Beth acordou-o na manhã seguinte, como sempre fazia. Tinha os olhos vermelhos e estava muito pálida. Entregou-lhe uma chávena de chá e sentou-se aos pés da cama.

– Esta tarde vens para casa? – perguntou.

Era sábado, e Sam acabava o trabalho na companhia de navegação ao meio-dia. Normalmente, visitava os amigos durante a tarde e ia directamente para o bar do Adelphi ao princípio da noite.

– Se quiseres – disse.

– Quero. Quero que venhas para casa e fales com Mr. Langworthy a respeito da Molly – disse ela, a voz entrecortada de emoção. – Se ele quiser isto tanto como a mulher, penso que o melhor que temos a fazer é concordar.

Sam sentiu um nó na garganta, pois sabia a dor que aquilo causava à irmã. Não conseguiu oferecer uma qualquer banalidade em jeito de consolo.

– Virei para casa – disse. – És muito corajosa, Beth.

– Não é coragem. Coragem seria levá-la connosco para a América ou sair daqui para fora de nariz empinado. Mas pus-me a pensar no que o papá faria nesta situação. Julgo que teria dito que devíamos dar à Molly o que é melhor para ela.

Sam pensou que uma vez que o pai não tivera em grande conta os filhos quando decidira matar-se, não saberia de certeza o que fazer naquela situação, mas guardou esse pensamento para si.

– Sim, também acho que é o que ele diria – assentiu. – Mas antes de aceitarmos, temos de fazê-los prometer que falarão de nós à Molly e que se certificarão de que ela nos escreve quando tiver idade para isso.

Os olhos de Beth encheram-se novamente de lágrimas.

– Penso que também devemos dizer que tem de ser feito rapidamente. Não conseguiria aguentar se tivesse de esperar semanas com esta coisa em suspenso.

– Tenho o suficiente para as passagens – respondeu Sam. – Mas é mesmo à justa.

– Cá nos havemos de arranjar – disse Beth, decididamente.

*

Beth ainda esperava, apesar de tudo, que quando falassem com Mr. Edward ele lhes dissesse que a mulher não estava no seu juízo perfeito por se encontrar doente. Mas quando às três da tarde, a hora a que pedira a Mrs. Bruce que combinasse o encontro, subiram da cave e ele lhes abriu a porta da sala de estar, tinha como que um brilho nos olhos.

Mr. Langworthy não tinha o calor humano da mulher; era cerimonioso e frio com toda a gente. Beth sabia que aquilo se devia sobretudo à educação que recebera e às suas responsabilidades como homem de negócios, mas já o vira suavizar-se ao falar com Molly.

– Querem discutir a proposta que a minha mulher lhes fez? – perguntou.

– Sim, senhor – respondeu Beth, a sentir as pernas como se fossem feitas de geleia.

– Entrem e sentem-se – disse ele.

Ardia um grande lume na lareira e o candeeiro aceso compensava a falta de claridade daquela tarde carregada e cinzenta. Mrs. Langworthy também lá estava. Vestia o mesmo vestido preto que usava desde o funeral, mas parecia bem melhor do que no dia anterior. Ocupava um dos cadeirões junto da lareira, e Mr. Edward indicou a Beth e a Sam que se sentassem no sofá em frente do lume. Quanto a ele, permaneceu de pé, com o cotovelo apoiado à consola.

– A minha mulher receia que achem que ela fez a sugestão precipitadamente, sem me consultar. Mas a verdade é que já tínhamos abordado o assunto antes do Natal – começou.

– E a sua opinião na altura? – perguntou Sam, sucintamente.

– Que a Molly é uma criança encantadora, que eu poderia certamente amar como se fosse minha filha. Mas não podíamos, na altura, discutir a possibilidade convosco, uma vez que o meu pai exigia tantos cuidados.

– Mas poucos dias depois da morte dele senti que era apropriado levantar a questão com a Beth? – continuou Sam, com uma nota de sarcasmo na voz.

Mr. Edward corou.

– Fiquei bastante alarmado quando a minha mulher me informou de que tinha falado tão abertamente. O assunto deveria ter sido tratado com tacto e numa ocasião mais apropriada.

– Por favor, desculpem-me – interveio Mrs. Langworthy, a torcer ansiosamente as mãos. – Receio que o meu afecto pela Beth e pela Molly me tenha tornado demasiado impulsiva, e se a ofendi ou a assustei, peço desculpa.

– Ambos compreendemos que Mrs. Langworthy deseja o que é melhor para a Molly – admitiu Sam, olhando directamente para Mr. Edward. – Mas o que hoje temos aqui de estabelecer é se ambos partilham o mesmo sentimento.

Beth estava surpreendida por Sam se mostrar tão ousado e directo. Receara um pouco que o irmão se deixasse levar a concordar com tudo o que os Langworthy dissessem.

– Sem a mais pequena dúvida – disse Mr. Edward, firmemente. – Posso garantir aos dois que partilho o desejo da minha mulher de amá-la, protegê-la e dar-lhe tudo o que dariamos a uma filha nossa, se Deus nos tivesse abençoado com uma. Confesso que tenho pouca experiência com crianças pequenas, mas acho a Molly perfeitamente encantadora.

Beth olhava embasbacada para Mr. Edward, pois não esperara que ele mostrasse um tal grau de calor e empenho.

– Beth! – Sam olhou fixamente para a irmã. – Tens alguma coisa a acrescentar?

– Se a deixarmos convosco, prometem escrever-nos a dizer-nos como ela está, até que tenha idade para fazê-lo ela própria? – perguntou Beth, a voz a tremer de emoção.

– Têm a nossa palavra – disse Mr. Edward, gravemente. – E se um dia voltarem, poderão vir vê-la. Tudo o que peço é que nos dêem a possibilidade de a perfilharmos legalmente, de lhe darmos o nosso nome. Precisamos dessa segurança.

Beth e Sam entreolharam-se, apercebendo-se de que, aos olhos da lei, isso significaria que renunciavam a todos os seus direitos sobre a irmã.

– Nenhum filho poderia ser mais desejado – disse Mrs. Langworthy, como se estivesse num tribunal a defender uma causa. – Ter-nos-á a nós, e também Mrs. Bruce, a Kathleen e Mrs. Cray. Terá um lar estável, feliz e cheio de amor. Sabemos como isto lhes custa aos dois, mas ao deixarem-na ao nosso cuidado, estarão a salvar a guardar o futuro dela.

Sam olhou para Beth, que assentiu.

– Quando ela for mais velha, deverão dizer-lhe que não foi fácil para nós fazer isto, que só o fizemos por acreditarmos que era o melhor para ela – disse Sam, com a voz a tremer.

– Sem dúvida que o faremos, meus queridos. – Mrs. Langworthy pôs-se de pé e pegou nas mãos de Beth, fazendo-a levantar-se do sofá para a abraçar. – Não deixaremos que ela os esqueça. E prometemos que nunca lhes daremos motivos para se arrependem desta decisão.

Mr. Edward aproximou-se e aclarou a garganta antes de falar.

– Posso dizer quanto vamos sentir a sua falta, Beth? Trouxe luz e cor a esta casa. – Fez uma breve pausa, olhou para Sam e depois de novo para Beth. – Estou convencido de que ambos serão bem-sucedidos na América, mas se não gostarem, voltem para junto de nós. Haverá sempre espaço nos nossos corações e na nossa casa para os dois.

Beth sentiu a sinceridade na voz dele e sentiu-se profundamente emocionada.

– Obrigada, senhor – disse, as lágrimas a subirem-lhe aos olhos. – Penso que é melhor partirmos o mais rapidamente possível. Será mais fácil para todos.

CAPÍTULO 10

Um vento forte de nordeste obrigava os passageiros nos conveses do *Majestic* a agarrar os chapéus enquanto acenavam a amigos e parentes. O mar encrespado e o céu tinham a mesma cor de chumbo, mas os casacos vermelhos da banda que tocava no cais e as serpentinas atiradas ao navio criavam um ambiente de carnaval que contrastava com a sombria tristeza daquele dia de Maio.

Mrs. Bruce, Kathleen e Mr. Edward tinham fugido ao aperto da multidão e procurado refúgio debaixo de um pequeno alpendre, mas continuavam a acenar freneticamente, a pluma verde do chapéu de Kathleen a balouçar ao vento.

– Deviam ir-se embora. Ainda apanham uma constipação, com este frio – gritou Beth a Sam. Mas com o vento, a banda que tocava e as pessoas que gritavam à sua volta mal conseguia ouvir-se a si mesma.

O que verdadeiramente queria dizer era que não suportava continuar a olhar para eles por mais um instante que fosse, porque representavam tudo o que não queria deixar. Forçava-se, claro, a mostrar um sorriso alegre, mas, gelada até aos ossos, tinha cada vez mais dificuldade em fingir contentamento e entusiasmo. O que queria era voltar à quente cozinha de Falkner Square, com Molly sentada nos joelhos. Não queria deixar Liverpool.

Mas não podia dizer nada disto a Sam, porque ele, sim, estava genuinamente entusiasmado, com uma animação que dava bem para os dois. Tinha o rosto e o nariz avermelhados pelo frio, mas o sorriso de orelha a orelha dizia que o sonho por que tanto esperara tinha finalmente começado a realizar-se.

– Lá está a Sally! – exclamou alegremente, a apontar para a multidão que acenava. – Ali, junto ao guindaste! A de capa vermelha. Não estava à espera que viesse despedir-se de mim.

Ver a rapariga de que o irmão tantas vezes falara ao longo das últimas semanas distraiu Beth da sua infelicidade. Sam fora apresentado à bailarina burlesca por um dos seus amigos no Adelphi. Mesmo a uma distância de mais de

sessenta metros, Beth viu que a rapariga era tudo o que esperara: uma lambisgóia morena e curvilínea de cara pintada.

Desde que a conhecera, Sam começara a chegar a casa às três da manhã, a cheirar ao perfume barato dela e com os lábios inchados de beijos. Beth dera várias vezes por si a esperar que ele achasse os encantos de Sally ainda mais atraentes do que os da América e desistisse dos seus planos.

– Ama-la? – perguntou, mais uma vez forçada a gritar para fazer-se ouvir.

Sam olhou para ela e sorriu marotamente.

– Amei-a enquanto estive com ela, mas em Nova Iorque há montes de outras iguais.

Beth percebeu, pelo chispar dos olhos do irmão, que Sam tinha feito muito mais do que beijar a rapariga, e esperou que não a tivesse engravidado. Pensou que devia censurá-lo, mas estava com um pouco de inveja por ele ter experimentado aquela coisa misteriosa a que a mãe chamava paixão, e não soube o que dizer.

O retinir de sinetas e a ribombante ordem, transmitida pelos altifalantes, para que quem não ia viajar abandonasse imediatamente o navio impediu qualquer comentário, mas enquanto via o irmão acenar e atirar beijos, Beth notou que um pouco mais adiante, ao longo da amurada, duas jovens elegantemente vestidas estavam também a observá-lo. E ocorreu-lhe que Sam ia provavelmente ser objecto das atenções de muitas mulheres durante a viagem.

Entretanto, o navio inteiro estava envolto em serpentinas e o entusiasmo aumentou de uma forma palpável quando a tripulação começou a retirar as pranchas de embarque e a preparar a partida. Havia pelo menos tantas pessoas a chorar no convés como no cais. No passado, Beth tinha contemplado aquela cena dúzias de vezes, mas só se apercebera do desgosto dos que ficavam. Nunca lhe passara pela cabeça que alguém a bordo do navio não estivesse felicíssimo por partir. Agora sabia a verdade, porque separar-se de Molly era como arrancarem-lhe o coração, e compreendeu que muitos dos outros passageiros deviam estar a deixar para trás famílias inteiras, não apenas uma miudinha, e que talvez, como acontecia com ela, temessem nunca mais voltar a vê-las.

Naquela manhã, levantara-se muito cedo e fora à casa grande para ver Molly dormir. Mrs. Langworthy mandara desmanchar e redecorar o quarto do sogro mal Beth acedera a deixar a pequenina com ela. O quarto ficara pronto na semana anterior e estava agora digno de uma princesa, com um padrão de rosas no papel que forrava as paredes, um berço magnífico e um tapete verde-maçã com franjas. Mrs. Langworthy sugerira que Molly comesse a dormir lá logo que ficasse pronto, alegando que o choque seria menor para ela depois de Beth ter partido. Mas Molly não parecera nem um pouco amedrontada pelo seu novo ambiente e dormira como um anjo logo na primeira noite.

Desde então, Mr. Edward comprara-lhe imensos brinquedos, incluindo cubos

para construir coisas, um cão felpudo com rodinhas para empurrar de um lado para o outro e um cavalo de balouço. Beth sabia que devia estar feliz por ele se mostrar tão encantado por tornar-se no guardião da irmã, mas a verdade era que cada compra a fazia sentir mais abatida e inadequada.

Naquela manhã, sentara-se no quarto a olhar para a irmã à luz pálida da aurora. Adorara-a silenciosamente, absorvendo as compridas pestanas pousadas nas faces rechonchudas e rosadas, os caracóis escuros, a maneira como enrolava o indicador à volta do nariz e chupava o polegar. A cabeça dizia-lhe que ia fazer o que era melhor para Molly, que o futuro da irmã seria infinitamente melhor com o tio Edward e a tia Ruth, mas continuava a sentir-se como uma condenada à espera de que a sua vida chegasse ao fim.

Pior ainda fora o último adeus. Mrs. Langworthy segurara Molly ao colo enquanto eles subiam para a carruagem com Mr. Edward, Mrs. Bruce e Kathleen. E quando a carruagem começara a afastar-se, Beth tivera de fazer um esforço sobre-humano para não saltar para a rua, voltar para trás e arrancar-lhe a criança dos braços.

No cais, uma mulher chorava aos gritos. Era velha, talvez uma avó, demasiado velha para ir com a família. Estendia os braços, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto enrugado, como que a suplicar-lhes que não a deixassem, e Beth teve de desviar o olhar para não ver aquela cena intoleravelmente trágica.

As pranchas de embarque foram recolhidas, os marinheiros soltaram as amarras e enrolaram-nas e, de repente, o espaço entre o costado do navio e o cais tinha aumentado. A banda tocou uma música alegre, as últimas serpentinas foram atiradas e, numa última tentativa de mostrar a Mr. Edward que estava feliz por partir, Beth tirou o seu chapéu de palha novo e agitou-o, apesar de as lágrimas lhe deslizarem pelo rosto.

– Vais ver que não tardas a sentir-te melhor – disse Sam, passando-lhe o braço pela cintura. – A Molly vai ser feliz com os Langworthy. E tu continuas a ter-me a mim, e muitas aventuras pela frente. É mais do que tempo de também te divertires um pouco.

A única resposta de Beth foi reclinar a cabeça no ombro do irmão. Ajudava saber que ele não se deixara enganar pela sua fingida alegria, que compreendia a sua dor. Mas havia tanto tempo que não sabia o que era divertimento que não teve a certeza de ser sequer capaz de reconhecê-lo quando voltasse a acontecer-lhe.

Ainda naquela manhã, Mrs. Bruce dissera acreditar que a verdadeira felicidade premiava aqueles que procuravam activamente proporcioná-la aos outros através da sua bondade e compreensão. Dissera que Beth devia tentar ver todos a bordo do navio como potenciais amigos, não como estranhos, e lembrar-se de que todos eles estavam tão apreensivos como ela e Sam a respeito do que

os esperava na América.

O navio ganhava velocidade, os rostos dos que tinham ficado no cais transformavam-se numa mancha pálida e difusa. Agora já não havia como voltar atrás, de modo que tinha de ser corajosa e pensar na sorte que aquela possibilidade que lhes era oferecida de poderem sacudir todas as tristezas do passado e construir um novo futuro representava. Como Sam tão justamente dissera, tinham muitas aventuras pela frente.

– Vamos para baixo conhecer os nossos companheiros de viagem – sugeriu, a fingir-se mais alegre do que se sentia. – E não desapareças com outra Sally, deixando-me sozinha!

Sam riu e abraçou-a.

– Assim é melhor, mana. E não te preocupes. Não vou deixar-te sozinha. Há demasiados homens a lançar olhares maliciosos na tua direcção. Tenciono ter-te debaixo de olho.

Os passageiros de terceira classe viajavam nas entranhas do navio, e como se isso não bastasse para deixar bem clara a sua humilde posição, havia grades metálicas a impedi-los de passar para as áreas da segunda e primeira classes.

Enquanto desciam as empinadas escadas, Beth e Sam apanharam um ou outro vislumbre do refinado mundo para lá dessas grades. Macias alcatifas e portas de madeira envernizada com aplicações de latão, camaroteiros de casaco branco a transportar bandejas com bebidas para os felizes ocupantes, crianças muito limpas e bem vestidas a tentar escapar às garras das amas.

Quando chegaram aos níveis inferiores, os chãos e as portas passaram a ser de metal, as paredes sujas e com a tinta a pelar. Ali havia pessoas a acotovellarem-se para passar nos estreitos corredores, os rostos ansiosos e por vezes zangados a transmitirem a mensagem de que nenhum camaroteiro ia descer até àquelas profundezas com uma chávena de chá, uma manta para uma criança ou até uma simples palavra tranquilizadora. O barulho dos motores era tão forte que quase abafava o choro das crianças e os gritos frenéticos das mães que tentavam reunir os filhos, e o coração de Beth afundou-se ainda mais.

Os homens solteiros ficavam alojados à frente, as mulheres solteiras na popa, com as famílias no meio. Beth, que tinha visto imagens de como os passageiros mais pobres viajavam no tempo dos veleiros, com quatro ou cinco pessoas para cada beliche e um balde a servir de sanita, ficou aliviada ao descobrir que as camas eram de lona e concebidas de modo a serem arrumadas durante o dia para deixar mais espaço, e que havia latrinas e casas de banho em todas as secções.

Mas o espaço era claustrofóbico, e muito escuro, e ao ver à sua volta os rostos contraídos e as indumentárias esfarrapadas dos outros passageiros, congratulou-se por ter seguido o conselho de Mrs. Bruce e cosido o dinheiro no interior da

roupa, pois o instinto dizia-lhe que não seria sensato confiar fosse em quem fosse.

No dia anterior, Mr. Edward dera-lhes trinta libras, dizendo-lhes que vissem aquele dinheiro como um fundo de emergência a que só deviam recorrer se não conseguissem arranjar trabalho imediatamente. Isto além de todas as coisas que ele e a mulher lhes tinham dado: malas, duas grossas mantas, toalhas e peças de roupa. E eles tinham-lhes agradecido com os olhos humedecidos.

Quando Sam levou a mala de Beth para a secção das solteiras, uma mulher já de idade, de rosto severo e vestido cinzento, avançou para eles.

– Fora daqui, jovem – disse, duramente.

– Estava só a ajudar a minha irmã a instalar-se – explicou ele.

– A sua irmã fica muito bem ao meu cuidado – respondeu a mulher. – Sou Miss Giles, a supervisora. Não autorizo confraternizações entre mulheres solteiras e membros do sexo oposto. Se quiser ver a sua irmã durante a viagem, combine encontrar-se com ela no convés.

Sam fez um ar de incredulidade que provocou o riso de duas bonitas raparigas irlandesas.

– Encontramo-nos dentro de uma hora – disse Beth, desejosa de não granjear a hostilidade de Miss Giles. – Não te preocupes, eu fico bem.

A descoberta de que quase toda a gente estava tão apreensiva e assustada como ela fez Beth sentir-se um pouco melhor. Havia vinte e seis outras raparigas na sua secção e a grande maioria tinha, como ela, menos de vinte anos. Muitas viajavam com os pais e irmãos mais novos e detestavam estar separadas deles, embora houvesse mais quatro como Beth, acompanhadas por irmãos mais velhos. As restantes estavam com uma irmã ou uma amiga, e só uma mulher, uma das mais velhas, viajava completamente sozinha; dizia que ia encontrar-se com o noivo em Nova Iorque.

Uma das muitas coisas que Mrs. Langworthy oferecera a Beth fora um casaco castanho, novo, com gola de pele. Tinha também umas botas abotoadas brilhantes e quase novas e um vestido de viagem de lã castanha; em comparação com as outras mulheres, que apertavam velhos xales à volta dos ombros e tinham buracos nas solas das botas, parecia quase rica. Eram maioritariamente irlandesas e, apesar de pálidas e mal alimentadas, todas elas tinham uma expressão de excitada expectativa nos olhos e falavam do seu destino com uma tal esperança e fervor que Beth se envergonhava da sua relutância.

Bridie e Maria, as duas raparigas que o espanto de Sam tanto divertira, sugeriram-lhe que ficasse com a cama junto das delas. As suas vozes alegres, cheias de calor e amizade, recordavam-lhe Kathleen e eram como um bálsamo para o seu coração magoado.

– Podemos conhecer homens solteiros na secção das famílias – disse Maria, com um brilho travesso nos olhos. – O meu tio emigrou o ano passado e escreveu

a dizer que à noite cantavam e dançavam. Miss Giles só está aqui para não deixar entrar homens nesta secção, mas não pode impedir-nos de nos divertirmos lá fora.

– Deixaste o teu namorado para trás? – perguntou Bridie. – Tens os olhos avermelhados de alguém que passou os últimos dias a chorar.

De repente, Beth deu por si a falar-lhes de Molly, e a chorar enquanto lhes descrevia como era duro deixá-la. Maria abraçou-a e puxou-lhe a cabeça para o magro ombro.

– Sim, nós bem sabemos como é difícil! Quando me despedi da mamã e dos pequenos, pensei que o meu coração se ia despedaçar. Mas vamos a caminho de um sítio melhor, Beth. Vamos ganhar dinheiro, Beth, e em breve poderemos chamá-los para junto de nós. E tu vais poder fazer o mesmo com a Molly.

Na manhã seguinte, estavam em pleno Atlântico, e, à medida que o mar se tornava mais agitado, muitas pessoas começaram a sofrer os efeitos do enjoo. Beth sentia-se bem, mas sabendo que o som dos vômitos e o cheiro do vomitado naquele espaço tão abafado iam provavelmente contagiá-la, resolveu subir ao convés.

Estava bastante frio e o vento soprava com força, mas depois do barulho constante dos motores do navio e de pessoas a gritar umas com as outras, era bom desfrutar de um pouco de silêncio e solidão. Do outro lado da grade que separava a pequena parte do convés reservada aos passageiros da terceira classe do restante, dois criados de bordo passeavam cães e um homem solitário, protegido por um pesado sobretudo e um barrete de pele com abas para tapar as orelhas, caminhava energicamente de um lado para o outro.

Beth ficou encostada à amurada a olhar para a enorme vastidão de mar cinzento e vazio que se estendia até ao infinito, e sorriu ao recordar a noite anterior.

Fora até à secção das famílias com Bridie e Maria, que a tinham apresentado a algumas pessoas que também vinham da Irlanda. Ao princípio, sentira uma certa repulsa, porque quase toda a gente estava miseravelmente vestida e tinha um aspecto sujo, e todos pareciam ter ranchos de filhos. Recordavam-lhe os irlandeses de Liverpool, que viviam em terríveis condições nos bairros degradados. Os pais tinham-na ensinado a pensar que os homens eram todos vadios, sempre bêbedos e metidos em zaragatas, e que as mulheres procriavam como coelhas e não cuidavam dos filhos.

Mas depressa descobrira que por muito pobres que aquelas pessoas fossem, e muito más que tivessem sido as condições em que viviam na Irlanda e em Liverpool, amavam os filhos e queriam uma vida melhor para eles. Não conseguira manter-se distante ao ser recebida com tanto calor e interesse e quando tudo à sua volta era alegria e optimismo. Um homem com uma bela voz

de tenor começara a cantar, e não tardara que toda a gente se juntasse ao coro. Um velho pegara num violino e duas rapariguinhas tinham sido encorajadas a mostrar os seus talentos nas danças irlandesas.

Acabara por ser uma autêntica festa quando Sam e outros jovens solteiros se lhes tinham juntado. Houvera garrafas passadas de mão em mão, mas a maior parte estava apenas embriagada de alegria por ir a caminho da América. O violinista começara a tocar uma jiga e, para surpresa de Beth, Sam abriu o baile pegando nas mãos de Maria e obrigando-a a pôr-se de pé. Beth ter-se-ia contentado com ficar sentada a ver, mas à medida que outros se levantavam para dançar, a jiga tornara-se mais rápida e pouco depois estava a bater o pé. Quando um rapaz de cabelo ruivo e rosto vermelho lhe estendera a mão, levantara-se e dançara com ele.

Não fora o género de dança tranquila que aprendera na escola, mas uma efusão de excesso de energia e exuberância. Mal uma música acabava, aparecia outro homem a reclamá-la. Fora agradável ser posta a rodopiar com tanta energia. Os seus pares tinham mãos duras e calejadas, as botas ferradas martelavam as tábuas do chão, o suor escorria-lhes pela cara, mas apesar de não serem o género de homem que sempre imaginara a conduzi-la na sua primeira dança, sentira-se feliz.

Mais tarde, no camarote das solteiras, ficara deitada na sua cama de lona a ouvir as outras raparigas sussurrarem excitadamente a respeito dos rapazes que tinham conhecido, e ficara orgulhosa por o irmão parecer ter sido o que mais admiravam. Continuava a ouvir o som do violino do velho encher-lhe os ouvidos com uma música tão alegre e louca, como se o executante estivesse a pôr nela todas as experiências da sua vida. Nunca antes ouvira o instrumento tocado daquela maneira, e sentira-se inspirada a imitá-lo.

Estendera a mão e procurara debaixo da cama até encontrar o velho estojo de couro preto já a pelar. Só tocar-lhe fora o suficiente. Era o seu talismã, havia de trazer-lhe boa sorte.

– É enorme, não é?

Beth foi sobressaltada pela voz masculina atrás de si. Voltou-se e viu que era um dos rapazes com quem dançara fugazmente na noite anterior; reconheceu-o pela cicatriz no lado esquerdo da cara. Fora a cicatriz, que parecia ter sido feita por uma faca, que a fizera ficar de pé atrás. Era alto e magro, a trunfa de cabelos pretos que, lembrava-se de o ter pensado, estava a precisar de ser lavada e cortada escondida debaixo de um boné. Apesar de ser provavelmente um par de anos mais velho do que ela, o esfarrapado casaco que vestia, demasiado grande para ele, e as calças de fustão davam-lhe o ar de um miúdo da rua.

– Tão grande que assusta – respondeu. – Faz-me sentir muito pequena.

– Dizem que é tão frio que se uma pessoa lá cair morre de choque em dois

minutos – continuou ele.

– Que pensamento tão animador! – disse ela, com uma ponta de sarcasmo. – Porque é que não experimentas? Eu fico a ver se é verdade.

Ele riu.

– Tens uma língua afiada. Tal e qual a minha mãe.

– É por isso que vais para a América? Para fugir dela?

– De certo modo, suponho que sim – disse ele, com um sorriso. – Para não falar do meu pai, que está sempre bêbedo. E tu, porque vais?

– Pela mesma razão que a maior parte de nós. – Beth encolheu os ombros. – Procurar fortuna; pela aventura.

– És a irmã do Sam Bolton, não és?

Beth assentiu.

– Chamo-me Beth Bolton. E tu?

– Jack Child – disse ele, estendendo timidamente a mão. – Prazer em conhecer-te.

Trocaram um breve aperto de mão.

– De onde és? – perguntou Beth. – O teu sotaque não é irlandês, nem de Liverpool.

– Do Sul, do East End de Londres. Vim para Liverpool há um ano, para embarcar para a América, mas roubaram-me todo o dinheiro que tinha e tive de arranjar trabalho até juntar o suficiente para comprar outra passagem.

– Que pouca sorte – disse Beth, começando a simpatizar um pouco com ele porque tinha uns bonitos olhos castanhos e um sorriso encantador, ainda que um pouco torcido.

– Tornou-me mais cuidadoso – disse ele pensativamente, encostando-se à amurada ao lado dela. – Mas isso é bom. Dizem que Nova Iorque está cheia de patifes que roubam os imigrantes como nós.

– A sério?

Ele assentiu sabiamente.

– Um amigo meu foi há seis meses. Escreveu a dizer que há homens que se põem à porta dos serviços de imigração à espreita de pategos para esfolar. Oferecem-se para arranjar trabalho e um lugar para viver, mas mal a pessoa lhes entrega algum dinheiro, desaparecem.

Sam contara a Beth que, nas docas de Liverpool, havia homens que vendiam passagens falsificadas em navios que não existiam e que prometiam levar os estrangeiros até um hotel e então roubavam-lhes as malas. Calculou que aquelas coisas aconteciam em todos os lugares do mundo.

– Nesse caso, vamos ter de estar atentos – disse, com um encolher de ombros.

– Tu e o Sam vão safar-se bem – disse Jack – Têm os dois qualquer coisa.

– Sim? O quê? – perguntou Beth, divertida pela maneira como ele a estudava. Nem com muita imaginação se poderia achá-lo atraente: tinha uma pele áspera

e feições que pareciam demasiado grandes para a cara. O sotaque, uma mistura de Londres e Liverpool, era estranho, mas mesmo assim havia nele qualquer coisa que cativava.

Jack fez um ar um pouco embaraçado.

– Bem, o Sam é um rapaz bem-parecido, e tem aquele ar de rei do galinheiro. E tu tens classe e és bonita.

– Ora, obrigada, Jack – Beth sorriu. – Só espero que quando for procurar trabalho achem o mesmo que tu.

Ficaram encostados à amurada durante mais algum tempo. Jack contou-lhe que, enquanto estivera em Liverpool, trabalhara para um carreteiro e vivera com uma família em Leeds Street.

– Eram ainda pior do que a minha – disse, a rir. – Brutos como casas e sempre a beber e a discutir. Fiquei contente por sair dali para fora. Mas receberam-me quando eu não tinha um tostão. Poucos o fariam.

Beth, por sua vez, falou-lhe da morte dos pais e contou-lhe como tinha deixado Molly.

– Fizeste o que era melhor para ela – disse Jack, com uma expressão de genuína compreensão. – Estava a olhar para algumas daquelas pessoas lá em baixo, ontem à noite, com todos aqueles filhos, e a interrogar-me como é que acham que vão começar uma vida nova em Nova Iorque. Vai ser duro, e se os homens não arranjam trabalho logo a seguir, como é que vão dar-lhes de comer?

O mesmo pensamento ocorrera também a Beth. Era muito mais reconfortante do que doloroso imaginar Molly na casa de Falkner Square, adorada por todos. A sua vida seria constante e segura e teria sempre uma cama quente e limpa, muita comida e muito amor. Pensou que se recordasse isto a si mesma todos os dias, com o tempo seria capaz de sentir-se verdadeiramente feliz por tê-la deixado com os Langworthy.

O mar tornou-se ainda mais agitado ao fim da tarde e, quanto mais o navio se empinava e balouçava, mais pessoas enjoavam e ficavam na cama. Durante a maior parte do dia, Beth sentira-se na obrigação de ajudar os companheiros de viagem, limpando-lhes o rosto, dando-lhes de beber e despejando os bacios cheios de vomitado, mas ao fim da tarde, quando o cheiro começou a fazê-la sentir-se também maldisposta, vestiu o casaco e subiu ao convés para apanhar um pouco de ar fresco.

O frio era intenso e não havia ninguém à vista, mas o som de uma orquestra a tocar no salão da primeira classe chegou-lhe aos ouvidos, apesar do barulho do vento e do mar.

Para ouvir melhor a música, aproximou-se da grade que mantinha os passageiros da terceira classe confinados ao seu sector e, ao ver um dos armários

onde eram guardados os coletes salva-vidas, encolheu-se junto dele para se proteger do vento e ouvir melhor. Na sua imaginação, vestia um vestido azul-pálido com um cinto de cetim e rodopiava pelo salão nos braços de um dos oficiais do navio.

Deixou-se absorver de tal modo por esta pequena fantasia que abandonou o seu precário abrigo para dançar sozinha. Foi então que um súbito aumento do volume da música e uma mancha de luz dourada a derramar-se pelo convés a avisou de que alguém acabava de sair do salão da primeira classe. Correu a refugiar-se atrás do armário ao ver um homem vestido a rigor acender um cigarro, mas não conseguiu resistir a espreitar.

O homem era alto, magro e tinha cabelo escuro, e apesar de encontrar-se a cerca de quarenta metros de distância, e de a luz ser má, pareceu-lhe agitado, a olhar nervosamente em redor.

Passados alguns minutos, a porta voltou a abrir-se e uma senhora saiu para o convés.

Era como um farol na escuridão, devido à estola de pele branca que lhe envolvia os ombros, ao cabelo louro e ao vestido claro e brilhante que vestia. Quando ergueu a mão para cumprimentar o homem, a pulseira refulgiu, sugerindo que era de diamantes.

Enlaçaram-se num abraço, e Beth perguntou-se que motivo os teria levado a sair para o frio do convés quando podiam estar os dois a dançar no calor do salão.

A razão tornou-se óbvia quando começaram a beijar-se com paixão, uma coisa que não poderiam evidentemente fazer diante das outras pessoas. Beth achou tudo aquilo muito romântico e pensou que talvez estivessem noivos e tivessem conseguido iludir a vigilância de algum membro da família.

O homem parecia, no entanto, claramente receoso de serem descobertos, pois, sem deixar de beijar a companheira, foi-a encaminhando na direcção de Beth e do refúgio oferecido pelo barco salva-vidas que ali estava suspenso.

– Não posso ficar mais do que um ou dois minutos – disse a mulher, ofegante, e as suas palavras chegaram nítidas aos ouvidos de Beth, levadas pelo vento. – Ele vigia-me como um falcão.

– Tens de deixá-lo – respondeu o homem, com veemência. – Cada vez que o vejo pôr as patas em cima de ti só tenho vontade de o matar.

Beth sentiu-se de repente bastante desconfortável por ser testemunha daquele encontro clandestino. Queria afastar-se, ou pelo menos tossir para que eles soubessem que não estavam sozinhos, mas era demasiado tarde, porque o par estava agora a um escasso metro de distância, do outro lado da grade, tão perto que conseguia cheirar o perfume da mulher.

O silêncio fê-la voltar a espreitar. Estavam a beijar-se tão apaixonadamente que corou ao vê-los. A mulher estava de costas para ela, e a estola tinha-lhe deslizado dos ombros, revelando a pele muito branca e lisa.

Respiravam ofegantemente, houve um rocegar de roupas e, apesar de não poder ter a certeza, pareceu a Beth que o homem estava a tocar a mulher de uma maneira indecente.

– Preciso de mais do que isto, Clarissa – suspirou ele. – Quero fazer amor contigo numa cama, ver-te nua debaixo de mim. Vem ao meu camarote esta noite.

Por esta altura, Beth estava vermelha de vergonha, mas se tentasse mexer-se eles ouviu-la-iam e pensariam que estivera a espiá-los de propósito.

– Vou tentar – murmurou a mulher. – Vou dar à Aggie um pouco dos meus pós.

Houve mais beijos frenéticos, mais carícias excitadas, e então Beth ouviu Clarissa dizer que tinha de voltar para o salão e, passados alguns segundos, o cliquetejar dos saltos dos sapatos dela no convés.

O homem ficou onde estava e Beth viu-o acender outro cigarro. Gelada até aos ossos, começou a deslizar em direcção à escada, mas, no escuro, não viu o pequeno rebordo à sua frente, tropeçou nele e estatelou-se no chão.

– Quem está aí? – gritou o homem.

Beth soube, sem se voltar, que ele estava a pouco mais de metro e meio de distância, a olhar directamente para o sítio onde ela jazia caída e que só a grade o impedia de se aproximar.

– Ponha-se de pé e fale comigo – ordenou ele.

Beth estava tão habituada a fazer o que lhe diziam que nem sequer lhe passou pela cabeça fugir. Obedeceu.

– Há quanto tempo estava aí? – perguntou o homem.

– Há algum. Subi por estar tão abafado lá em baixo.

Beth não resistiu a olhar para ele. Tão atraente, tão impecavelmente vestido, com uma voz tão culta. Calculou que teria cerca de vinte e cinco anos.

Até então, Sam fora o padrão pelo qual media o aspecto de todos os homens, e poucos vira que fossem tão bonitos como o irmão. Mas Sam parecia quase efeminado em comparação com aquele, que tinha cabelos negros de azeviche, olhos encovados, um nariz orgulhoso e pómulos altos.

– É seu hábito espiar as outras pessoas? – perguntou ele, num tom de desprezo.

– É seu hábito ser mal-educado para com as pessoas? – retorquiu ela, com alguma indignação. – Cheguei aqui primeiro. Devia ter-se certificado de que estava sozinho, se queria fazer alguma coisa secreta.

– É uma rapariguinha atrevida – disse ele, mirando-a do alto. – Um florim bastará para pagar o seu silêncio?

Beth ficou a olhar para ele, sem perceber a pergunta.

– Cinco xelins?

Só então ela compreendeu o que ele estava a dizer. Ter sido testemunha de um encontro adúltero já fora suficientemente chocante, mas oferecerem-lhe um

suborno para não falar era um insulto.

– Como se atreve a assumir que o meu silêncio pode ser comprado? – respondeu, indignada. – Não tenho o mais pequeno interesse em si nem na sua amiga. Teria bastado pedir que não falasse a ninguém daquilo que vi.

O homem pareceu ligeiramente embaraçado.

– Peço desculpa – disse. – É que... – deixou a frase em suspenso, inseguro.

Beth tinha recuperado a confiança. Ao longo de todo o dia, tomara consciência de que a companhia de navegação pouco se importava com o conforto ou o bem-estar dos seus passageiros mais pobres, e aquela oportunidade de se impor a alguém da primeira classe fazia-a sentir que estava a equilibrar um pouco as contas. Aproximou-se mais dele, chegando-se à grade.

– É que ela é casada com outro?

Ele podia facilmente ter replicado com dureza, mas limitou-se a fazer um ar triste.

– É demasiado nova para compreender – disse, com um suspiro.

– Ficaria surpreendido se soubesse as coisas que eu compreendo – respondeu ela, a pensar na confissão que a mãe lhe fizera ao morrer. – Sei que a paixão faz as pessoas comportarem-se insensatamente.

Ele soltou uma gargalhada despida de humor.

– E que devo eu fazer, ó Sábia, se amo uma mulher casada com um homem que faz da vida dela um inferno?

Beth ficou surpreendida e um pouco tocada pela franqueza.

– Porque casou ela com ele? – perguntou.

– Foi obrigada pela família.

Beth pensou naquilo por um instante.

– Então porque é que não o deixa?

– Surpreende-me – disse ele, com uma ponta de sarcasmo. – Sempre pensei que as raparigas da sua classe acreditavam na santidade do matrimónio.

A referência à sua classe e a assunção de que uma rapariga como ela não podia ter um espírito aberto irritaram-na.

– Em minha opinião, não há santidade num casamento de conveniência.

– Noto aí azedume – observou ele, olhando-a com mais atenção. – Se não fosse tão nova, diria que fala por experiência própria. Mas o que sugere é impossível, de qualquer modo; o marido mantém-na vigiada.

– Por uma criada? – perguntou Beth, lembrando-se de ter ouvido a mulher referir alguém chamado Aggie.

Ele assentiu com a cabeça.

Por razões que não compreendia, Beth sentia-se atraída pelos problemas daquele homem e queria ajudá-lo.

– Essa criada será facilmente distraída quando chegarmos a Nova Iorque. Talvez a sua senhora deva fazer planos para essa altura.

– E que género de plano gizaria uma rapariguinha atrevida como a menina? – perguntou ele, com um ligeiro sorriso a bailar-lhe nos lábios.

Beth não tinha dificuldade em compreender as razões que levavam a mulher, Clarissa, a correr tais riscos por um homem como aquele. Não era apenas o rosto que era atraente, era tudo nele.

– Acho que precisaria da ajuda de outra mulher – disse, pensativamente. – A criada não a vigiaria tão de perto se ela estivesse com uma amiga.

– Vou ter presente a sugestão – disse ele, e dessa vez sorriu-lhe abertamente. – É pena não estar também na primeira classe. Poderia ser a tal amiga!

Beth riu.

– Quem me dera estar na primeira classe. Suponho que desse lado há muito menos gente a sofrer de enjoo. Foi por isso que vim até cá acima, para fugir ao cheiro. Mas agora tenho de ir, estou gelada.

– E posso esperar que não fale a ninguém do que viu? – perguntou ele, arqueando interrogativamente uma sobrancelha.

– Discrição é o meu segundo nome – respondeu ela, com uma pequena gargalhada.

– Nesse caso, Miss Discrição, espero que voltemos a encontrar-nos – disse ele, com uma pequena vénia. – E agora é melhor ir, antes que morra de frio.

O resto da viagem decorreu lentamente e sem incidentes de monta, sem que Beth tivesse voltado a ver os dois amantes. Com tantos passageiros da terceira classe vítimas de enjoo, não houve mais noites de música, dança e divertimento, e Beth passou os seus dias a fazer de enfermeira, a limpar e a tomar conta dos filhos dos que estavam demasiado doentes para o fazerem eles próprios.

Muitos dos que ajudava afirmavam que ela era um anjo, mas para Beth não havia nada de extraordinário em cuidar dos outros; estava habituada. Além disso, a luz era demasiado má para ler, o frio demasiado intenso para subir ao convés mais do que dez minutos de cada vez, e as pessoas de que mais gostava, Maria e Bridie em particular, estavam demasiado debilitadas para brincadeiras ou conversas.

Sam ia chamá-la para subirem ao convés várias vezes ao dia, e invariavelmente Jack Child aparecia também. Beth assumia que era por ter-se tornado amigo de Sam, mas o irmão apressara-se a fazer notar que era ela a atracção.

Beth não acreditava verdadeiramente nisto porque acabara por tomar consciência de que toda a gente, homens e mulheres, admirava Sam. Era divertido, bondoso, ousado e não tinha papas na língua.

No entanto, fossem quais fossem as razões que Jack pudesse ter para querer estar com eles, Beth ficava sempre contente por vê-lo. Era um bom conversador, dotado de um espírito vivo e conhecia o mundo. Fazia-a sentir-se um tudo-nada

inebriada, e compreendia sempre as pequenas graças dela, saindo-se com respostas que a faziam rir. Dava muitas vezes por si a desejar que não estivesse tanto frio no convés para poderem passar lá mais tempo; mesmo assim, prolongava muitas vezes aqueles encontros até ficar quase transformada num bloco de gelo. No regresso ao porão, demoravam-se frequentemente a conversar até que um dos tripulantes lhes ralhava por estarem a impedir a passagem.

Sam não permitia que fossem simples regras a entravar-lhe os movimentos; conseguia contorná-las todas graças ao seu encanto, ao seu aspecto agradável e aos seus bons modos. Arranjara, não se sabia como, maneira de travar conhecimento com uma jovem chamada Annabel que viajava na segunda classe e passava uma parte do dia com ela e com a família em vários lugares do navio, chegando ao ponto de comer com eles, evitando assim a revoltante refeição diária de guisado distribuída aos passageiros da terceira classe.

Beth poderia ter tido ciúmes se ele não lhe levasse bolo e fruta. Jack ficava pasmado com o calmo descaramento de Sam e o bom aspecto que lhe permitia fazer todas estas coisas.

– Se eu passasse por uma daquelas grades, toda a gente saberia logo de onde vinha – disse certa vez, com um sorriso triste. – A única maneira seria roubar o casaco a um dos criados e aparecer lá de bandeja na mão, mas mal abrisse a boca acabava-se a brincadeira.

– Dizem que não há distinções de classe na América – fez Beth notar. – A única coisa que é preciso para subir na vida é trabalhar duro.

A verdade era que nunca tivera noção do que fossem distinções de classe até à mãe morrer. Antes disso, quase todas as pessoas com que contactava eram da classe média, respeitáveis e industriosas, como a sua própria família. Sabia, claro, que havia gente muito pobre; via-a todos os dias, a mendigar nas ruas. Mas as classes altas estavam tão distantes dela, com as suas grandes casas, os seus criados e as suas elegantes carruagens, que nunca tocavam a sua vida.

Ter começado a trabalhar e, mais tarde, ir para Falkner Square mudara tudo isso. Passara a ser uma criada, que observava os ricos de perto, e tomara consciência do enorme, intransponível fosso que havia entre ela e eles. Nunca os Langworthy a tinham feito sentir-se inferior, mas sentira-o naquela viagem só porque não podia pagar uma passagem mais cara.

À noite, deitada na cama a tentar ignorar os gemidos dos doentes e o cheiro omnipresente a vomitado, pensava na prometida sociedade sem classes da América. Claro que tinha de haver uma qualquer espécie de hierarquia, mas se era baseada na riqueza e não no nascimento ou na educação, talvez, se ela e Sam trabalhassem muito, pudessem atingir um estatuto equivalente ao dos Langworthy.

CAPÍTULO II

–Terra à vista!

Ao ouvir o grito entusiasmado de um dos outros passageiros da terceira classe, Beth, correu a buscar o casaco e juntou-se à multidão que se empurrava e acotovelava para chegar ao convés. Foi ao princípio da tarde, oito dias depois de terem partido de Liverpool, e pareceu estranho que até aqueles que tinham passado a viagem inteira prostrados pelo enjoo encontrassem repentinamente forças para se porem de pé.

Chovia intensamente, a visibilidade era muito má, e tudo o que Beth conseguia ver à sua frente era uma linha ligeiramente mais escura no horizonte, mas isso não foi o suficiente para mandar ninguém de volta ao calor do porão. Só ouvia, à sua volta, pessoas a perguntarem umas às outras quanto tempo faltaria para desembarcarem, e em seguida discutirem qual seria a primeira coisa que fariam depois de passarem pela imigração.

Depois de ter tido o convés inteiro praticamente só para si durante a maior parte da viagem, era estranho encontrar-se no meio de tanta gente. Sam não estava com ela – presumia que estivesse com Annabel – e também não via Jack. Para tentar fugir ao aperto, e na esperança de descobrir um lugar de onde pudesse ter o seu primeiro vislumbre de terra, abriu caminho pelo meio da multidão até à grade que os separava da primeira classe.

Ali, para sua surpresa, logo do outro lado, viu Clarissa, acompanhada por um cavalheiro.

Podia só a ter visto de relance e no escuro, mas soube sem a mais pequena sombra de dúvida que era ela, mesmo antes de a ouvir falar. Vestia um comprido casaco de peles castanho-claro, com um chapéu a condizer, e umas poucas madeixas de cabelos louros adejavam-lhe ao vento à volta do rosto.

Beth continuou a olhar em frente, mas, pelo canto do olho, estudava a mulher. Era aquilo a que muitas pessoas chamariam uma beleza clássica: rosto oval, pele de porcelana, um nariz perfeito e pómulos altos. Não conseguia ver-lhe bem os

olhos, mas assumiu que eram azuis. Mas, mais do que o aspecto, era a maneira como estava com o companheiro que lhe interessava. O homem tinha numa das mãos um chapéu-de-chuva com o qual os protegia a ambos, mas ela segurava-lhe o outro braço quase possessivamente, e olhava-o nos olhos sempre que ele falava.

Beth assumiu que se tratava de mais um admirador, uma vez que não correspondia à imagem do homem velho e gordo que criara no seu espírito para marido daquela mulher. Tinha cerca de quarenta anos e era alto, com uma pequena barbicha e um bigode muito bem aparado, magro e direito como um oficial da Guarda, elegantíssimo no seu sobretudo azul-escuro com gola de astracã. Invulgarmente, não usava chapéu, o que permitia ver uma farta cabeleira castanha e ondulada. Apesar de não ser arrebatadoramente belo como o outro homem que Beth vira, tinha um rosto agradável, simpático, e ria de qualquer coisa que Clarissa lhe dissesse.

– Receio que não tardemos a ficar sem o chapéu-de-chuva – ouviu-o Beth dizer quando uma rajada de vento o virou do avesso, obrigando-o a lutar para o controlar.

– Eu disse-te, querido, que era um erro trazê-lo para aqui – respondeu Clarissa, ternamente. – Os chapéus-de-chuva não foram feitos para serem usados em navios, só nas cidades.

– Então ia deixar a minha encantadora esposa molhar-se? – exclamou ele, jovial.

Beth ficou tão surpreendida ao descobrir que aquele era o marido enganado que quase voltou a cabeça para eles, mas conseguiu dominar-se a tempo e manteve os olhos fixos no horizonte.

– Eu sugeri que seria mais sensato esperar para ver terra no salão – ouviu Clarissa retorquir.

– Talvez fosse mais sensato, mas aqui há uma atmosfera mais excitante – disse o marido, acenando aos passageiros da terceira classe. – Olha para eles, ansiosos por avistar a América.

Beth sabia que devia sentir-se enojada por aquela mulher ter tão pouco respeito pela fidelidade conjugal. O marido não era evidentemente nenhum ogre, e ela andara a brincar com os sentimentos do atraente jovem. No entanto, o que sentiu foi mais desilusão e tristeza por saber que o outro homem ia sair muito ferido de tudo aquilo.

Alguns minutos mais tarde, a chuva e a neblina levantaram o suficiente para permitir avistar, ao longe, a linha da costa, e isto distraiu os pensamentos de Beth dos problemas de Clarissa e do amante.

Os passageiros ficaram a saber, para sua grande frustração, que não desembarcariam em Nova Iorque naquela tarde, porque o navio teria de ficar

ancorado no Hudson até que as autoridades sanitárias fizessem a sua inspeção. Foi-lhes explicado que seria preciso ter a certeza de que não havia qualquer doença a bordo e que, se tudo estivesse bem, encostariam ao cais de Nova Iorque na manhã seguinte.

As águas mais calmas e a alegria de estarem tão perto do destino curaram instantaneamente os enjoos e todos quiseram que aquela última noite fosse para recordar. Até Miss Giles, que vigiara as raparigas solteiras com olhos de falcão, afrouxou um pouco o seu zelo.

Quando apareceu o habitual caldeirão de guisado para a refeição da noite, houve quase um motim na pressa de ser servido. Alguns dos passageiros não comiam nada senão umas poucas colheres de sopa rala e pão desde que tinham partido de Liverpool, e estavam positivamente famintos.

Beth mal conseguia acreditar no que via quando olhou para o líquido cinzento acastanhado e gorduroso onde boiavam alguns legumes e mais pedaços de cartilagem do que de carne. Obrigara-se a comer um pouco daquela repugnante mistela todas as noites, porque não havia mais nada, mas toda aquela gente parecia estar genuinamente a gostar.

Terminada a refeição, apareceram o violino, as colheres e as gaitas de beijos, e a festa começou, com muita dança, muitas cantigas e muita bebida. Jack tinha uma garrafa de *whisky* e ofereceu-a a Beth. Ela bebeu um gole e fez uma careta quando o líquido lhe queimou a garganta, mas, determinada a ser ousada, bebeu outro e descobriu que deslizava mais facilmente.

Talvez fosse só o efeito do *whisky*, mas naquela noite Beth sentiu-se como uma borboleta a sair do casulo. Bastava o número de jovens a querer dançar com ela para provar que era atraente; estava entusiasmada e otimista a respeito da aventura que a esperava de manhã. Apesar de saber que ia ter umas saudades enormes de Molly durante as primeiras semanas, apercebeu-se repentinamente de que não se arrependia de ter deixado a Inglaterra.

– Vai buscar o teu violino e toca, Beth – incitou-a Sam.

Tentou recusar, porque nunca tinha tocado em público e receava não ser tão boa como o velho irlandês. Mas Sam não se calava, e não tardou que toda a gente à volta deles comesse a exigir que tocasse também.

Beth sempre tocara violino de ouvido, embora lesse música para o piano, e quando voltou com o seu instrumento, ouviu alguns compassos da melodia que o velho estava a tocar, e quando achou que a tinha apanhado, juntou-se-lhe.

Era muito mais rápida do que aquilo a que estava habituada, mas parecia-lhe ser aquela a maneira certa, a maneira como o violino devia ser tocado. Os dedos dela deslizavam como mercúrio pelas cordas e o arco fazia-as cantar. Movia todo o corpo ao ritmo da música, de olhos fechados e totalmente absorta.

Sentiu mais do que viu o apreço do público: o bater de pés tornou-se mais forte, e os que dançavam soltavam gritos de alegria. De repente, soube que fora

para aquilo que nascera, para tocar uma música viva e alegre que a elevava a ela e aos que a ouviam até um lugar melhor. Esqueceu que estava num navio rodeada de pessoas de cara pálida e suja e sentiu-se como se estivesse a dançar descalça num prado salpicado de flores à luz do sol.

Quando a música acabou e voltou a abrir os olhos, viu que tinha levado toda a gente para o mesmo lugar. À sua volta só havia olhos brilhantes, sorrisos rasgados e rostos molhados de suor.

– Ah, és uma ciganinha! – gritou um homem do meio da multidão. – Foi o melhor violino que ouvi fora de Dublin!

Beth tocou mais algumas músicas antes de pousar o violino e voltar à dança. Foi ainda mais frenético do que na primeira noite, a música mais alta, e enquanto rodopiava numa louca polca, Beth riu de pura alegria.

Sam passava constantemente por ela, de cada vez com uma rapariga diferente nos braços, e o grande sorriso de aprovação com que a via divertir-se fê-la sentir-se ainda mais feliz. Ocorreu-lhe que muito provavelmente ele duvidara que ela conseguisse libertar-se dos seus modos excessivamente reservados, e talvez até tivesse receado que se tornasse num fardo.

Jurou a si mesma mostrar-lhe que era tão capaz como qualquer homem de aguentar tanto o bom como o mau, e que ia lançar-se de todo o coração na grande aventura.

Um par de horas mais tarde, o fumo dos cachimbos e dos cigarros e o número de corpos quentes e suados num espaço apertado onde quase não entrava ar fê-la procurar refúgio no convés.

Enquanto subia a escada apercebeu-se, para sua grande consternação, que estava um pouco toldada, porque tinha alguma dificuldade em coordenar os movimentos. Quando estava à beira de cair para trás, sentiu duas mãos agarrarem-na pela cintura e segurarem-na.

Era Jack

– Firme, rapariga. Se tens a certeza de que é para o convés que queres ir, eu vou contigo.

Quando finalmente chegaram ao alto da escada, o ar frio da noite soube-lhe maravilhosamente bem. Tinha parado de chover, o céu estava limpo, cravejado de estrelas, e o mar riscado por luzes prateadas.

– Isto é melhor – disse, inspirando fundo. – É tudo tão bonito.

– É verdade que sim – concordou Jack – O mar parece cetim preto, e olha aquela lua!

Era apenas um crescente, mas pareceu a Beth muito mais próxima e brilhante do que alguma vez a tinha visto em Liverpool. Encontraram um armário para se sentarem e ali ficaram envoltos num silêncio cúmplice durante alguns minutos. A orquestra tocava no salão da primeira classe, e agora que subiam o Hudson e estava muito menos frio do que no mar aberto, vários outros

pares tinham também subido ao convés e distribuíam-se ao longo da amurada.

– És um poço de surpresas – disse Jack, a sorrir. – Nunca tinhas dito que sabias tocar violino daquela maneira. Pensei, quando vi o estojo, que só tocavas aquela seca de música de câmara.

– É um violino irlandês – respondeu ela, também a sorrir. – Acho que só sabe tocar jigas. A minha mãe nunca aprovou. Dizia que era música de taberna.

– Nunca há-de faltar-te trabalho, a tocar assim. Mas para onde vais amanhã? Tens planos?

– Penso que o Sam tem. E tu?

– Vou para casa do meu amigo. Julgo que não deve ser grande coisa, uma espécie de pensão, mas há-de servir até conseguir arranjar trabalho.

– E que trabalho será esse?

– Qualquer coisa que pague bem. Quem me dera ter um talento como o teu. Vais ter pessoas a atropelarem-se para te contratar.

– Contratar-me? – exclamou ela. – Para tocar violino?

– Não é o que vais fazer? – perguntou ele, com uma expressão intrigada.

– Pensei que ia ter de ser criada, ou trabalhar numa loja, como em Inglaterra. Jack quase se engasgou a rir.

– Bem, só se fosses maluca é que fazias uma coisa dessas com um talento como o teu escondido na manga.

– Mas ninguém vai contratar uma rapariga, pois não?

– Seria uma atracção ainda maior. Sobretudo uma rapariga tão bonita como tu!

– Ora, obrigada, Jack – disse ela, corando um pouco.

– Teria muito gosto em ir ouvir-te, mas suponho que não vais querer conhecer-me quando começares a andar com gente chique.

– Claro que vou! – exclamou Beth, indignada.

– Ná! – Jack abanou a cabeça. – Sou demasiado rude para alguém como tu. Os teus amigos vão olhar para a cicatriz na minha cara e pensar que sou algum bandido.

– Como foi que a arranjaste? – perguntou ela, estendendo a mão para tocar muito ao de leve na cicatriz.

– Foi o meu pai. Estava a bater na mamã, eu tentei impedi-lo, ele pegou numa faca e cortou-me. Foi por isso que saí de Londres. Já não conseguia aguentar mais.

– Se foi a defender a tua mãe, não há nenhuma razão para te envergonhares dela – disse Beth, beijando a cicatriz.

De repente, ele tinha-a abraçado e estava a beijá-la.

Beth sobressaltou-se, mas não foi desagradável. Os lábios de Jack eram macios e quentes; gostou da maneira como uma das mãos dele lhe acariciava o rosto e do arrepio que lhe desceu pela espinha. Sem ter sequer consciência do

que estava a fazer, aninhou-se contra ele e abraçou-o.

Quando a língua de Jack se lhe insinuou entre os lábios, achou que ele estava a tomar liberdades, mas era bom e não quis afastar-se. Ele estava a respirar ofegantemente, a apertá-la cada vez com mais força, e foi só então que ela percebeu que tinha de pôr cobro àquilo.

– É melhor irmos para baixo – disse, afastando-se dele e pondo-se de pé. – Amanhã o dia começa cedo e temos muito pela frente.

– Não quero deixar-te ir – murmurou ele. – És tão bonita.

Beth sorriu e deu-lhe uma palmadinha na cara.

– És muito querido. Vemo-nos amanhã.

– Faria tudo por ti – disse ele, agarrando-a veementemente pelos ombros. – Tudo!

Quando Beth voltou às acomodações da terceira classe, a festa tinha acabado. Havia alguns bêbedos a deambular de um lado para o outro, mas as mulheres e as crianças tinham ido para a cama. No dormitório das raparigas solteiras, Maria e Bridie esperavam por ela. Aparentemente, alguém lhes dissera que a tinha visto com Jack.

– É o teu namorado? – sussurrou Bridie, o rosto sardento brilhante de excitação.

– Não. Pelo menos, acho que não – respondeu Beth, enquanto se desfazia apressadamente das botas e do vestido e se enfiava na cama. Não fazia a mínima ideia se um ou dois beijos significavam que se era namorada de alguém. Gostava de Jack, mas a verdade era que fora o único homem que conhecera durante a viagem. Tanto quanto sabia, podia encontrar alguém muito mais adequado quando desembarcassem.

– Ele beijou-te? – perguntou Maria, também num murmúrio.

– Sim.

– Como foi? – quis Maria saber.

– Foi bom – respondeu Beth. – Mas como foi a primeira vez, não tenho nada com que comparar.

– Nunca tinhas sido beijada? – exclamou Bridie, incrédula.

Miss Giles apareceu para se certificar de que estava toda a gente deitada, o que poupou a Beth ter de dizer mais fosse o que fosse.

Fingiu ter adormecido antes de Miss Giles voltar a sair, fechando a porta. De olhos fechados, pôde reviver os beijos de Jack e saborear mais uma vez a deliciosa sensação.

– Que acontece agora? – perguntou Beth a Sam. Eram dez horas de uma manhã cheia de sol. Tinham sido acordados ao romper da aurora pelo barulho

dos motores do navio, e alguém gritara que eram horas de desembarcar.

De repente, foi o caos entre os passageiros da terceira classe, com toda a gente a correr para juntar os poucos bens. Nem sequer os gritos da tripulação a avisar de que faltavam ainda horas para que deixassem o navio bastou para acalmar o pânico.

Também Beth se deixou contagiar, e correu para o convés para ver por si mesma.

Lá estava Nova Iorque espalhada à sua frente, exactamente igual à fotografia que tinha visto numa revista. Conseguiu até ver o pináculo de Trinity Church, que sabia servir de ajuda à navegação por ser o edifício mais alto da cidade.

Ficou fascinada. O pináculo da igreja podia ser o edifício mais alto, mas os outros não lhe pareciam menos impressionantes. Mas foi a enorme quantidade de navios que verdadeiramente a espantou. Dezenas e dezenas de docas espetavam-se como dedos esticados naquilo que um marinheiro lhe disse ser o East River. Aparentemente, o Hudson, por onde tinham navegado na noite anterior, ficava do outro lado da ilha, e havia um navio acostado em cada doca. Apesar da hora matutina, os molhes estavam cheios de todo o género de carroças, carroções e carruagens possíveis e imagináveis, e centenas de homens carregavam e descarregavam navios.

Quando se aproximaram, o barulho dos barris a serem rolados pelo empedrado, dos cascos dos cavalos, das rodas dos veículos, dos motores dos navios e das vozes humanas tornou-se ensurdecedor, e ao desviar os olhos do cais, Beth viu o rio cheio de milhares de embarcações de todos os géneros, desde rebocadores a velhos veleiros. Olhando na direcção de onde tinham vindo, avistou a Estátua da Liberdade, que tantas vezes vira em fotografias. Mas nada a preparara para o seu gigantesco tamanho, a dominar o porto, nem para as emoções que despertou nela.

Lembrou-se de ouvir a sua professora de piano recitar um poema. Já não recordava se tinha ou não alguma coisa a ver com a estátua em particular ou com a América em geral, mas uma parte dele ficara-lhe na cabeça e parecia-lhe ajustar-se às duas. « Dai-me os vossos fatigados, os vossos pobres, as massas encurraladas ansiosas por respirar liberdade, o miserável refugio das vossas costas apinhadas. »

Beth não se via a si mesma, nem Sam, nem nenhuma das pessoas do navio, como « miserável refugio », mas calculou que a mulher que escrevera o poema tinha visto milhares e milhares de pessoas de toda a Europa passarem pelos edifícios da imigração. Com as suas velhas malas, os seus rostos cansados, as suas pobres roupas, pareciam provavelmente refugio, embora achasse que a poetisa podia ter encontrado uma palavra mais simpática.

Também a ponte de Brooklyn era muito maior e mais comprida do que imaginara. Não conseguia imaginar como pudera alguém construir uma coisa

tão enorme por cima de um rio.

O seu último pensamento antes de voltar a descer para aguardar instruções sobre o desembarque foi para perguntar-se, se o porto de Nova Iorque continha já todas aquelas maravilhas, que mais coisas incríveis haveria no resto da cidade.

– Parece que a primeira e segunda classes são demasiado chiques para passarem pela imigração – disse Sam sombriamente algum tempo mais tarde, enquanto ele e Beth viam as escadas de desembarque serem baixadas e os passageiros das classes superiores descerem alegremente por elas, a maior parte com bagageiros a carregar-lhe as malas. – Nós temos de apanhar um *ferry* para Ellis Island, para sermos examinados. Se não gostarem do nosso aspecto, mandam-nos de volta para Inglaterra.

– Não é muito provável que nos mandem de volta – fez Beth notar. – Somos fortes e saudáveis.

– Não estava com medo que não nos deixassem entrar. É o tempo que tudo isto vai demorar. Olha para a quantidade de navios que há, todos eles carregados de imigrantes. Vai ser difícil arranjar um sítio onde ficar esta noite, depois de escurecer.

*

Por volta das quatro da tarde, Beth começava a sentir-se ansiosa: as filas de pessoas que esperavam para serem entrevistadas pelos funcionários da imigração pareciam não avançar. Era quase meio-dia quando o *ferry* os levaria até à ilha e ao enorme edifício de madeira onde seriam «processados». Ouvira dizer a um marinheiro do *ferry* que aquele edifício só fora inaugurado em 1892, mas estava cheio de milhares de pessoas de corpos mal lavados, e com a má ventilação, o estômago a protestar de fome e as dores nas pernas por estar tanto tempo de pé, começava a parecer-lhe uma antiga câmara de tortura.

E tanto barulho, também – milhares de vozes, todas a falar ao mesmo tempo, e muitas delas a falar em línguas estrangeiras. Havia ali uma palpável subcorrente de medo, e talvez fosse por isso que tantas crianças choravam. Tinha corrido palavra ao longo das filas que seriam, além de interrogados, submetidos a um exame médico, e embora isto não tivesse preocupado Beth ou Sam, fora evidente que estava a criar ansiedade para muitos.

«Encargo público» era a frase que Beth ouvia as pessoas repetirem constantemente. Deduziu que os funcionários estavam a recusar a entrada a quem pudesse tornar-se num. Viu um par de mirrados velhotes que mal pareciam capazes de manter-se de pé e esperou que pudessem provar que

tinham uma família capaz de tomar conta deles. Havia famílias inteiras com um ar tão pobre que era quase inevitável que fossem olhadas com desconfiança, e que dizer dos escanzelados, pálidos e atacados por violentos acessos de tosse? Teriam tuberculose?

Quando foi chamada à presença do médico, Beth sentia-se quase a desmaiar de fome e de sede, mas o clínico limitou-se a fazer-lhe sinal para seguir em frente. As perguntas eram muito simples: quanto dinheiro tinha, que espécie de trabalho ia fazer, e algumas outras claramente destinadas a descobrir se era mentalmente competente.

Depois de ter esperado tanto tempo, a entrevista pareceu-lhe absurdamente breve, quase uma desilusão. Foi mandada seguir, com Sam atrás, e de repente descobriram que tinha acabado. Tinham sido aceites e podiam embarcar no *ferry* que os levaria à cidade.

As horas passadas em Ellis Island tinham sido horríveis, frustrantes e cansativas, e ambos se tinham convencido de que, uma vez superado aquele obstáculo, tudo correria bem. Mas foi uma Beth aterrorizada que desceu a prancha de desembarque do *ferry* para o cais de Nova Iorque. Eram oito horas de uma noite escura e fria, e sentiu-se como se estivesse a ser lançada de cabeça para um remoinho: milhares de pessoas confusas e carregadas de malas e sacos, e, à espera delas, os chacais determinados a aliviá-las de uma parte do pouco dinheiro que tinham.

Homens intimidantemente corpulentos, de casacos aos quadrados e chapéus de coco, abriam caminho por entre a multidão, oferecendo-se para trocar o dinheiro dos recém-chegados por dólares e conseguir-lhes um quarto de hotel ou um bilhete de comboio. E havia miúdos descalços e esfarrapados que lhes puxavam pelas roupas e pediam dinheiro ou se ofereciam para levar as malas, e uma negra enorme que, de turbante na cabeça, os convidava a entrar para comer no seu restaurante. Um homem gordo, de casaca e chapéu alto, barroulhes a passagem, insistindo em que podia levá-los para um « belo apartamento » a troco de uma pequena compensação.

Beth poderia ter-se sentido tentada a confiar em alguém, porque estava cheia de fome e de frio, e queria uma chávena de chá e um lugar onde pudesse sentar-se mais do que qualquer outra coisa no mundo, mas Sam, que carregava as malas dos dois, obrigou-a a avançar, afastando toda aquela gente e avisando-a para que segurasse com força a pega do estojo do violino.

– O pai da Annabel indicou-me um hotel – disse. – Vamos sair daqui e arranjar qualquer coisa para comer, e depois apanhamos um fiacre para o hotel.

– E o Jack? – perguntou ela, pois tinha-se voltado e visto como ele tentava alcançá-los.

– O Jack sabe cuidar de si mesmo – foi a seca resposta.

CAPÍTULO 12

—Nunca pensei que fosse tão difícil arranjar um sítio para viver – suspirou Sam, desanimado. — Nem que houvesse tanta gente disposta a enganar-nos. Confesso que já não sei para onde mais me voltar.

Beth estava a descoser o forro do casaco, à luz de uma vela, para chegar finalmente ao dinheiro que tinham levado de Inglaterra. Quando Sam falou, olhou para o lugar onde ele estava sentado junto ao magro lume, uma imagem de infelicidade.

Há um mês que estavam em Nova Iorque, mas não tinham contado com serem alvo de tantos aldrabões. Era quase como se usassem ao pescoço um cartaz a dizer « Novato » .

Havia a cabina junto às docas que convidava os imigrantes a registarem-se para conseguir trabalho. O formulário que tinham tido de preencher parecia oficial; o homem que os aconselhara estava elegantemente vestido e parecia preocupado com eles. A taxa de vinte dólares não parecera excessiva, considerando que iam conseguir um bom emprego, bem pago. Mas ao cabo de três dias, quando nenhuma mensagem chegara ao hotel, como o homem prometera, tinham voltado à cabina e descoberto que desaparecera, e os vinte dólares com ela.

Noutra ocasião, tinham respondido a um anúncio de aluguer de quartos num jornal. Tinham-se encontrado na pensão com o senhorio, que lhes mostrara dois quartos muito agradáveis que, dissera-lhes, o actual ocupante abandonaria no final da semana. Tinham pagado vinte dólares de renda adiantada e recebido uma chave. Mas quando lá tinham voltado, prontos para se instalarem, a chave não abrira a porta da frente, e quando tinham conseguido chamar a atenção de um dos outros inquilinos, fora para saber que o homem não era o senhorio. Não havia ali quartos para alugar.

Não os ajudara nada saber que dúzias de outras pessoas tinham sido também vítimas destas vigarices. Tinham perdido o que para eles parecia uma fortuna, e

estavam furiosos por, apesar de aquelas aldrabices parecerem ser comuns, ninguém se ter dado ao incómodo de os avisar.

E tinha havido muitos outros incidentes desagradáveis: ofertas de trabalho que acabavam por revelar-se falsas, acomodações que se apressavam a ir ver para descobrir que, afinal, consistiam em partilhar um quarto com meia dúzia de outras pessoas. Tinham-lhes sido contadas histórias de pouca sorte muito credíveis e tinham sido convencidos a meterem-se em jogos « Garantidos » que os tornariam ricos. A maior parte das vezes, tinham sido realistas em relação a estes últimos e arriscado um dólar, no máximo, mas tinham-se deixado levar por algumas das histórias de má sorte e compreendido depois de terem entrado com o dinheiro que tinham sido enganados.

Aquele era o quarto hotel onde ficavam, mudando sempre para outro mais barato até chegarem àquela pocilga infestada de pulgas em Division Street. Mas apesar de o quarto ser minúsculo, sujo, triste e frio, sabiam que era um palácio em comparação com a maior parte das acomodações oferecidas a imigrantes com pouco dinheiro.

A menos, porém, que conseguissem arranjar trabalho em breve, nem sequer ali poderiam continuar. Sam podia não saber para onde mais se voltar, mas Beth sabia, e sabia que o irmão não ia gostar.

– Podíamos voltar-nos para o Jack – disse em voz baixa, a preparar-se para a fúria dele. – Ainda hoje o vi.

– O quê? – exclamou Sam, a expressão a tornar-se sombria.

Beth encolheu os ombros.

– Sei que não aprovas porque ele gosta de mim, mas podia ajudar-nos. Já tem trabalho, conhece pessoas aqui, e com ele do nosso lado não continuaremos a ser roubados.

– Não precisamos da ajuda de pessoas como ele – respondeu Sam, secamente.

– Estás à espera que alguém da Fifth Avenue venha ajudar-nos, suponho? – disse Beth, sarcástica. – Ou que o Waldorf mande alguém suplicar-te que sejas o novo *barman*.

– Não sejas ridícula – rosnou ele. – Sabes muito bem quantos trabalhos tenho procurado.

– Sim, mas todos eles fora da tua esfera – replicou ela, sem rodeios.

Sam tinha sonhos tão grandiosos que andara a procurar trabalhos muito além da sua limitada experiência. Tinha apenas dezoito anos e a única coisa que fizera fora remendar sapatos, lançar facturas num livro de contabilidade e servir bebidas. Mas metiera-se-lhe na cabeça que ali na América poderia saltar para um lugar de topo pelo simples facto de ser inglês.

– Não sejas *snob* em relação ao Jack – continuou Beth, reprovadoramente. – Pode ser um pouco rude e despachado, mas é bom rapaz e é esperto. Nós não

somos; todos nos enganam porque não sabemos nada de nada. A única maneira de nos safarmos neste país é darmos-nos com as pessoas vulgares, conhecermos os cordelinhos e arranjar-mos maneira de trepar por eles.

– Não fomos criados para viver em barracas – teimou ele, sombrio. – Com certeza não esqueceste aquele lugar?

Beth não tinha esquecido. Ainda estremecia sempre que pensava na área aonde tinham acidentalmente ido parar na primeira noite.

Alguém explicara a Sam como chegar a Broadway e a um hotel razoavelmente barato, mas deviam ter-se enganado, no escuro, e tinham dado por si numa área miserável conhecida, sabiam-no agora, como Five Points, assim chamada por ser o ponto de confluência de cinco ruas, incluindo a Parke a Worth. Era mil vezes pior do que qualquer bairro degradado de Liverpool, uma autêntica coelheira mal iluminada de estreitos becos ladeados de casas meio derruídas. Crianças sujas, esfarrapadas e descalças amontoavam-se nos umbrais, velhos de costas encurvadas reuniam-se à volta de fogueiras em lotes de terreno abandonados e mulheres de ar desmazelado gritavam-lhes insultos quando eles passavam. Os blocos de apartamentos com cinco andares, que se erguiam no meio das casas mais antigas como sombrias fortalezas, pareciam albergar milhares de pessoas, a julgar pela cacofonia de barulhos que vinha deles.

Entretanto, eram quase dez da noite, o fedor era como caminhar por um esgoto a céu aberto e toda a gente parecia embriagada ou louca. Tinham sido ameaçadoramente abordados várias vezes com pedidos de dinheiro, e cães de aspecto selvagem tinham-lhes rosnado e ladrado. Tinham verdadeiramente temido pela vida.

No dia seguinte, na segurança temporária de um hotel limpo e confortável, tinham sido informados de que, vinte anos antes, Five Points era considerado o pior bairro degradado de todo o mundo. Mesmo agora, com os melhoramentos que sofrera, era o último refúgio dos desesperados, tanto pobres como criminosos. Havia quartos ocupados por dezasseis pessoas, bandos de crianças viviam em plena rua e quase não se passava uma noite sem que alguém fosse assassinado.

Desde então, tinham explorado Nova Iorque, e, apesar de haver muitas outras áreas onde os imigrantes viviam em prédios degradados e muitas vezes horrorosamente sobrelotados, não tinham voltado a encontrar nada que se parecesse com Five Points.

Havia as mansões da Fifth Avenue, belas e tranquilas praticas rodeadas de elegantes casas, lojas cheias de artigos que nunca tinham visto. Central Park era vasto e magnífico, e alguns edifícios eram tão grandes e majestosos que ficavam parados a olhar para eles. Tinham-se maravilhado com a via-férrea superior por onde o comboio passava por cima das cabeças das pessoas, e com os novos e espantosamente altos edifícios chamados arranha-céus.

O volume de tráfego – carroças, fiacres, carruagens e autocarros – era estonteante, tal como o número de restaurantes, casas de ostras e cafés. Era uma cidade excitante, barulhenta, vibrante, e a enorme mistura de diferentes nacionalidades, cada uma com a sua língua, criava um maravilhoso e fascinante circo de delícias.

Beth sentia que se conseguissem arranjar trabalho e um lugar decente para viver, poderia de certeza ser muito feliz ali.

– Não estava a sugerir que fôssemos viver para Five Points – disse, indignada, porque começava a ficar farta de o irmão ver o pior de tudo. – Tens de parar de comparar tudo o que vês com a Inglaterra, Sam. Tivemos muita sorte por os Langworthy nos terem oferecido um tecto depois do incêndio. Mas esse género de sorte é raro. Por vezes penso que teria sido melhor para nós se tivéssemos tido de viver como a maior parte das outras pessoas; pelo menos, não nos deixaríamos agora enganar com tanta facilidade. E se tu não tivesses fugido da terceira classe todos os dias durante a viagem, talvez tivesses aprendido alguma coisa a respeito das pessoas vulgares.

Ele estremeceu, e Beth suspirou para dentro. Só nas últimas semanas descobrira que o irmão tinha insuficiências, e não estava muito segura de que conseguisse ultrapassá-las.

Não que fosse exactamente um *snob*: não olhava para as pessoas do alto. Só estava convencido de que lhe eram devidas as melhores coisas da vida e não considerava sequer a possibilidade de fazer qualquer espécie de trabalho manual. Estava fascinado pela riqueza e pelas pessoas que a possuíam, e como o seu encanto lhe permitira tão facilmente aceder à segunda classe durante a viagem e os abastados clientes do Adelphi pareciam gostar dele, não compreendia por que razão o truque não estava a resultar ali.

Beth, pelo contrário, sabia. Os nova-iorquinos eram, de um modo geral, barulhentos e agressivos. Os trunfos de Sam eram o seu bom aspecto, a sua voz suave, o brilho dos seus olhos azuis e o facto de ser muito, muito inglês. Seria perfeitamente suficiente se já fosse rico e vivesse na Fifth Avenue, mas sendo um homem em busca de trabalho, precisava de projectar uma imagem de força e capacidade.

Jack trabalhava num matadouro, no East Side. Dizia que era o trabalho mais duro que alguma vez fizera, um trabalho repugnante, horrível, mas o salário era bom e fizera muitos amigos. Oferecera-se para conseguir um lugar a Sam, mas Beth sabia que o irmão preferiria morrer de fome a trabalhar ali.

Gostara muito de voltar a ver Jack naquela tarde. Tinham combinado, à chegada a Nova Iorque, encontrarem-se um mês depois, às cinco e meia da tarde, em Castle Green, que ficava perto do cais onde tinham desembarcado.

Beth não estava verdadeiramente à espera de que Jack aparecesse: um mês inteiro numa nova cidade era o suficiente para qualquer um esquecer promessas

feitas à pressa. Mas lá estava ele, muito elegante com um casaco aos quadrados, calças impecavelmente engomadas e botas bem engraxadas. Dissera-lhe que tinha conseguido sair um par de horas mais cedo dizendo ao chefe que ia esperar um parente que chegava de Inglaterra.

Tivera a franqueza de dizer que vivia num quarto alugado, que partilhava com mais seis pessoas, mas fizera notar que já em Liverpool vivera em condições semelhantes. Admitira, com uma gargalhada, que comprara o casaco e as calças numa loja de roupa em segunda mão e que, com palavras doces, convencera uma rapariga que trabalhava numa lavandaria a engomar-lhos. Mas por mais horrível que o seu trabalho parecesse, era evidente que se lançara na sua nova vida. Parecia mais saudável e mais musculoso do que no navio, e muito mais confiante.

Beth deixara-o a sentir-se bem mais esperançada, não só por terem combinado voltarem a encontrar-se alguns dias mais tarde, mas porque ele fizera algumas sugestões a respeito de como ela e Sam podiam começar a caminhar pelo próprio pé.

*

– Ouve, Sam – disse Beth, num tom firme. – Porque é que não procuras um lugar de *barman* na Bowery? O que lá não falta é trabalho.

Ele abriu muito os olhos, assustado.

– Não era capaz de trabalhar numa daquelas casas.

– Quase todos os bares de Nova Iorque são um pouco duros – continuou ela, paciente. Nunca entrara em nenhum, fora Jack que lhe dissera aquilo. – Precisas de experiência antes que alguém te dê trabalho num hotel ou num clube particular. E eu tive uma ideia. Se trabalhasses num como *barman*, eu podia ir lá tocar violino.

Sam olhou para ela, horrorizado.

– Na Bowery! Com todos aqueles...

– Sim, com todos aqueles homens rudes – interrompeu-o ela. – Não poderia fazê-lo sem ter alguém que olhasse por mim, mas sei que aqueles homens gostariam de ouvir-me tocar. Além disso, alguns dos que vão lá beber têm bares na zona alta da cidade. Far-nos-íamos notar. Nem todos os donos de bares podem ter um rapaz elegante como tu atrás do balcão com uma irmã que põe os pés de toda a gente a bater o compasso. Seríamos uma fonte de dinheiro para eles.

As palavras eram de Jack, mas Beth não ia dizê-lo ao irmão, porque sabia que ele recusaria imediatamente a ideia.

– Queres mesmo tocar num daqueles buracos? – perguntou Sam, incrédulo.

– Porque não? É um lugar tão bom para praticar como qualquer outro, melhor

do que um sítio fino onde um espertalhão qualquer havia de reparar se eu desse uma fífia – respondeu ela, num tom de desafio. – Sabes muito bem que já visitei praticamente todos os hotéis respeitáveis a perguntar se precisavam de uma pianista. Os gerentes olham para mim e apontam-me a porta sem sequer me convidarem a mostrar o que sou capaz de fazer. Fui a lojas, restaurantes, casas de ostras, e ninguém me dá sequer um lugar a lavar pratos. Além disso, prefiro tocar violino. Se conseguisse fazer nome na Bowery, podia ser tudo diferente.

– Iam pensar que és alguma prostituta – disse Sam, reprovadamente. – E eu não poderia proteger-te, estando atrás de um balcão.

– Bastaria os homens saberem que és meu irmão – insistiu ela, porque era nisso que Jack acreditava. Também dissera que estaria por lá, com alguns dos seus amigos. – Não correria perigo nenhum... qualquer homem ia ter dificuldade em fazer-me coisas impróprias estando eu a tocar violino.

Sam não disse nada, mas Beth sentiu que estava a ceder, quanto mais não fosse por pensar que a actuação dela poderia reforçar a sua própria imagem.

– Vamos tentar – incitou ela. – Disseram-me que o Heaney é um dos melhores bares e que precisam de um *barman*. O que é que temos a perder? Experimentamos uma noite, vemos como correm as coisas, e, se detestares, não voltamos lá.

Jack dissera que Sam seria um íman para todas as bailarinas da área e que achava que ele em breve ficaria convencido quando passasse a ser o centro das atenções. Beth não ficara particularmente feliz com a ideia de ver raparigas daquelas à volta do irmão, mas depois pensara que estaria lá, para o vigiar.

– Está bem – disse Sam, azedamente. – Mas a culpa será tua se acontecer alguma coisa horrível.

– O que é que pode ser mais horrível do que estar a morrer de fome e sem casa? – respondeu ela, duramente. – Que é o que nos vai acontecer quando o dinheiro se acabar.

Às oito horas da noite seguinte, apesar das suas corajosas palavras, Beth estava cheia de medo.

Ao meio-dia, ela e Sam tinham ido ao Heaney e pedido a Pat «Scarface» Heaney, o proprietário, que lhes desse trabalho. Heaney era um homem baixo mas extremamente musculoso, na casa dos quarenta, e os poucos cabelos que lhe restavam eram ruivos. Usava um colete berrantemente verde que, apesar de impressionante, não roubava efeito à formidável cicatriz de uma navalhada que lhe sulcava o rosto desde o olho direito até ao queixo. Jack contara a Beth que lha tinham feito quando ainda era novo e estava encarcerado na Tombs, a grande prisão construída para resolver o problema de Five Points, onde fora líder de um

gangue.

A Bowery era uma rua de diversão ao longo da qual se alinhavam, de ambos os lados, bares, salas de música e de dança, teatros, cervejarias alemãs e restaurantes. À noite, os passeios enchiam-se de bancas que vendiam de tudo, desde cachorros-quentes a frutas e doces. Havia também os chamados « museus », embora na realidade fossem espectáculos de feira onde, por alguns cêntimos, se podia ver a Mulher Barbuda, anões, macacos amestrados e outras curiosidades. As prostitutas misturavam-se com a multidão e, inevitavelmente, havia também carteiristas. Mas, no seu todo, era a zona de lazer da classe operária.

Jack dissera que a clientela do Heaney's era comparável à das grandes e barulhentas cervejarias que ficavam perto de Lime Street Station, em Liverpool – cocheiros de fiacres, carpinteiros e maquinistas. Observara também que o Heaney's era um dos bares mais elegantes da Bowery, com o seu balcão de mogno envernizado, os grandes espelhos que lhe ficavam por trás, montes de aplicações de latão e serradura limpa no chão.

Sam parecera aliviado quando o vira, pois os homens que bebiam ao balcão eram pessoas vulgares, não os arruaceiros ou degenerados de que estava à espera.

Pat Heaney gostara claramente do aspecto de Sam à primeira vista, e depois de lhe ter feito meia dúzia de perguntas, dissera-lhe que fosse para trás do balcão servir os clientes enquanto falava com Beth.

– Vou ser franco consigo – dissera Heaney, despejando um grande copo de *whisky* enquanto mantinha um olho em Sam. – As raparigas, sobretudo as bonitas, são sempre causa de sarilhos num bar. Mas gosto da ideia de uma violinista, e mostra ter coragem ao vir aqui pedir para tocar quando ainda mal acaba de sair do barco.

Beth mentira ao afirmar que já tocava em público em Liverpool, mas ele agitou a mão num gesto que dizia que não queria saber do que ela tinha feito antes, só lhe interessava o que era capaz de fazer no seu bar.

– Vou dar-lhe uma oportunidade – dissera. – Esta noite, às oito. Se gostarem de si, fica contratada; se não, *finis*, está fora. Um dos rapazes fará a colecta para si, e eu fico com metade.

Beth pensara que as vantagens estavam todas do lado dele. Não perderia nada, mesmo que ela tocasse mal.

Heaney era um homem intimidante, não apenas por causa da cicatriz, nem dos músculos que se notavam por baixo da fina camisa, mas também devido aos seus modos bruscos e à maneira como olhava para ela. Não havia luz naqueles olhos castanho-pálidos, apenas frio cálculo. Perguntara-lhe porque tinham decidido emigrar para a América, e quando ela dissera que os pais tinham

morrido e que queriam começar de novo não fizera qualquer comentário, nem sequer uma palavra de condolências.

O instinto dizia-lhe que aquele homem não tinha um lado caridoso e que ela e Sam iam ter de ser muito cuidadosos na maneira como lidavam com ele. Jack recomendara que tentassem aquele bar primeiro porque Heaney se considerava a si mesmo «o homem» na Bowery: gostava de ser o primeiro a ter qualquer coisa diferente, e uma violinista era sem dúvida diferente. Mas também a avisara de que tinha a reputação de ser um homem perigoso.

– Durante quanto tempo quer que toque? – perguntara Beth, cautelosamente.

Heaney desviara os olhos de Sam durante um ou dois minutos para olhar friamente para ela.

– Depende de eles gostarem ou não de si – dissera. – Se eu agitar as mãos depois das três primeiras músicas, vai-se embora. Se não, toca durante uma hora. Depois eu digo-lhe o que fazer a seguir. Certo?

Beth assentira, nervosa.

– Tem qualquer coisa mais colorida para vestir do que isso? – perguntara ele secamente, olhando com desdém para o comprido casaco castanho. – Não vão gostar de si se parecer uma professora.

Beth engolira em seco. Tinha muito poucas roupas, e todas elas eram em tons escuros.

– Vou tentar arranjar qualquer coisa – dissera.

Ele pusera-se de pé e olhara do alto para ela.

– Pode ir. Volte às oito em ponto. O seu irmão fica.

Ela hesitara junto à porta, a olhar para Sam. Estava a limpar um copo, enquanto Heaney falava com ele. Sam olhara para ela quando o homem se afastara e fizera-lhe um alegre sinal de «tudo bem» com os polegares apontados para cima. Mas Beth notara-lhe no rosto um lampejo de ansiedade, que atribuíra à preocupação por não poder escoltá-la até ao bar naquela noite.

– Eu fico bem – dissera ela, formando as palavras com os lábios retribuindo-lhe o sinal com os polegares.

Nessa tarde, praticara com o violino durante um par de horas e fizera uma lista das músicas que conhecia melhor, para não ficar sem ideias a meio da actuação. Estava muito nervosa, pois havia uma enorme diferença entre tocar quando lhe apetecia e tocar diante de uma sala cheia de desconhecidos.

Mais tarde, lavara o cabelo e passara em revista o parco guarda-roupa enquanto o deixava secar. Calculava que Heaney esperava que usasse qualquer coisa vistosa, mas não tinha nada nesse género. O seu vestido mais colorido era um que Mrs. Langworthy lhe dera pouco antes da partida; dissera-lhe, na altura, que poderia ser útil se fosse convidada para uma festa ou um baile. Era ligeiramente brilhante, com riscas verdes e brancas, um decote bastante cavado,

mangas tufadas e uma pequena crinolina. Estava morta por vesti-lo, por ser tão bonito, apesar de não lhe agradar muito a ideia de usá-lo num bar cheio de homens. Mas pensou que se cosesse um pedaço de renda no decote, ficaria pelo menos mais decente.

Às sete e meia estava pronta, o espartilho bem apertado, o cabelo solto caído sobre os ombros e enfeitado com um par de fitas verdes, as botas engraxadas. Não conseguira abotoar o vestido nas costas e tivera de ir pedir à mulher que ocupava o quarto por baixo do deles que a ajudasse. Mas estava satisfeita com o resultado final: não parecia uma mulher de hábitos devassos, mas também não parecia uma professora. A combinação de nervosismo e excitação pusera-lhe nas faces um brilho rosado, e o cabelo cintilava.

Pegara no estojo do violino, fechara a porta do quarto e saíra.

Pat Heaney, encostado ao umbral da porta da sala que reservava para o jogo privado, via a rapariga tocar, um sorriso a repuxar-lhe os cantos dos lábios.

Não esperara grande coisa. A suave voz inglesa, a pureza da pele e a inocência dos olhos, tudo o fizera pensar que tocaria como uma dessas ressequidas solteironas numa sala de estar. Como se enganara!

A primeira surpresa, quando ela chegara às oito em ponto, fora como ficava de cabelo solto. Uma beldade de cortar a respiração, com refulgentes cabelos negros caídos sobre os ombros, completamente diferente do ar recatado e austero com que se apresentara de manhã, com o cabelo escondido debaixo do pequeno chapéu de preceptora. Também gostava do vestido, cheio de classe, embora a vontade dele fosse arrancar aquele pedaço de renda para poder ver o que ficava por baixo.

A rapariga estava tão cheia de medo, quando chegara, que julgara que ia fugir. E o irmão também não ajudara, a procurá-la constantemente com os olhos enquanto ela esperava o momento de actuar. Seriam verdadeiramente irmãos? Não eram nada parecidos, tirando o sotaque inglês.

Mas então anunciara-a, e em vez de ir-se abaixo, como ele estava meio à espera que acontecesse, ela quase saltara para o palco. Vira-a aguardar um instante com o arco no ar, apenas o suficiente para que todos os homens presentes na sala se voltassem para olhar. E então começara a tocar, uma cascata de notas tão doces e rápidas que mal queria acreditar no que estava a ouvir.

Talvez até já tivesse ouvido melhores violinistas, mas nunca niguém tão bonita como ela. Não tocava apenas com os braços e as mãos, mas com todo o corpo, ondulando ao ritmo da música, melhor do que qualquer das lascivas raparigas que via no burlesco.

La agora no seu terceiro número, e açambarcava todas as atenções. Conversas esquecidas, bebidas que ficavam a meio caminho das bocas abertas,

pés a bater no chão, cabeças a abanar, todos aqueles homens como que em transe.

A rapariga quase dançava enquanto tocava, dobrava-se, balouçava, mexia as ancas de uma maneira que lhe enviava mensagens directamente para as virilhas. Gostava do modo como ela sacudia o cabelo da cara, do modo como pequenas madeixas ficavam agarradas ao suor do rosto. Era o suficiente para fazer qualquer homem correr para ela e afastá-las com a mão.

Gostar tanto de uma coisa era algo a que Pat não estava habituado. Saber que tinha uma mão ganhadora num jogo de póquer, sentar-se diante de um grande e succulento bife, o primeiro *whisky* do dia... eram quase as únicas coisas que podia verdadeiramente afirmar que gostava. Já nem se lembrava de quando fora a última vez que ouvira música, que ouvira a sério; calculou que teria sido quando tinha mais ou menos a idade dela.

Dezoito anos. Tinha o diabo no corpo, nesse tempo, sempre a querer provar alguma coisa, todos os nervos a vibrarem de vida. Quando não estava a lutar estava a fazer amor, e nunca conseguira descobrir de qual das duas coisas gostava mais. E havia fartura de ambas em Five Points.

Continuava a conseguir arranjar uma mulher sempre que quisesse, e uma luta também. Mas estava a ficar demasiado velho para lutas, e as mulheres eram todas pegas. No entanto, ouvir aquela rapariga tocar fazia-o sentir o sangue correr-lhe novamente nas veias, fazia-o sentir que era capaz de deitar abaixo qualquer um daqueles rapazolas que se pavoneavam pela rua. Que podia levar uma mulher para a cama e manter uma erecção a noite inteira.

Ia ser o rei da capoeira, naquela noite. Todos os homens que ali estavam iam querer dar-lhe uma palmada nas costas e pagar-lhe uma bebida por tê-la contratado. Estavam hipnotizados; a rapariga embrulhara-os na sua música como uma aranha embrulha uma mosca na sua teia. E iam voltar, à espera de mais, noite após noite.

Olhou para o irmão dela. Também ele fora um achado, bem-parecido àquela maneira inglesa, aristocrática. Tinha modos finos, a roçar o sobranceiro, mas com um sorriso desarmante, e servia as bebidas depressa e com estilo. Sabia, sentia nos ossos, que o rapaz era honesto, ainda por cima, e isso era mais raro do que um cavalo que não cagassee.

Mas não tardaria muito antes que alguém tentasse sacar-lhe os dois. Estava a ver Fingers Malone sentado ao fundo do balcão; aquele cerebrozinho tortuoso já estava provavelmente a girar planos para os levar para o bar finação do irmão, na Broadway.

Por isso sabia que tinha de arranjar uma maneira de lhes conservar a lealdade.

CAPÍTULO 13

– Tanto? – disse Beth surpreendida quando Heaney lhe entregou metade da colecta. Tudo moedas pequenas, cinco e dez cêntimos, mas um grande monte.

– Oito dólares e quarenta e cinco cêntimos – disse Heaney. – Quer que troque por notas?

Beth assentiu, demasiado espantada para falar. Tocara durante três horas, com um intervalo de hora a hora. Era quase uma da manhã e estava exausta.

– Não fique à espera de ganhar o mesmo todas as noites – disse Heaney, secamente. – Hoje era novidade, e é sábado. Na segunda-feira pode ser só moedas de cinco cêntimos, mas gosto de si, de modo que lhe prometo que nunca sairá daqui com menos de dois dólares.

– Quer que eu volte na segunda-feira?

– Nem mais. Segundas, sextas e sábados. Talvez arranje mais alguns músicos para o fim-de-semana.

– Nesse caso, como é que vai ser feita a divisão? – perguntou Beth, com receio de receber uma percentagem mais pequena.

Ele lançou-lhe um olhar avaliador, talvez surpreendido por ela ter ousado perguntar.

– Deixe isso comigo – respondeu. – Mas, como lhe disse, eu trato de si. Agora pode ir, e o seu irmão também. Não quero uma coisinha tão bonita a andar por aí sozinha à noite.

– É um homem estranho – disse Sam, pensativamente, enquanto regressavam ao hotel de braço dado. A Bowery continuava tão animada como ao princípio da noite; os bêbedos caminhavam aos tombos pelos passeios, a ziguezaguear por entre os mais sóbrios, falhando por pouco as bancas de comida. Música e gargalhadas saíam das portas dos bares como lufadas de vento, à mistura com o bater de pés a dançar algures e saudações gritadas de um grupo de pessoas para

outro do lado oposto da rua. O ar estava carregado de cheiros, a cebola frita das bancas de cachorros-quentes a competir com a cerveja, o tabaco, o perfume barato e o suor, os excrementos dos cavalos dos fiacres. – Mal me dirigiui a palavra todo o dia. Fiquei sem saber se estava ou não a gostar do meu trabalho. Depois enfiou-me uma nota de cinco dólares na mão e disse-me que voltasse na segunda-feira. Quererá dizer que tenho emprego enquanto o quiser? E quanto me vai pagar por semana?

– Acho que é um sujeito duvidoso, de modo que vais ter de falar com ele e perguntar-lhe essas coisas – respondeu Beth, não menos pensativa. – Sei que o público gostou de mim, mas ele não me disse nada.

– É porque quer ficar por cima. Claro que gostou de ti... estive a observá-lo enquanto tocavas. Só espero que não comece a ter ideias a respeito de seres a mulher dele.

– Claro que não! É demasiado velho – exclamou Beth.

Sam riu.

– A maior parte dos homens que estavam a ver-te pensava o mesmo. Vi-lhes na cara. Acho que vou ter de ter cuidado com a minha irmãzinha.

– Quem diria? – disse Beth sonhadoramente, quando metiam por uma rua lateral para chegar a Division Street. – Há um ano estávamos doidos de preocupação por não termos dinheiro, e agora aqui estamos nós, na América.

– Ainda preocupados por não termos dinheiro. – Sam voltou a rir. – E a trabalhar num bar. O papá deve estar a dar voltas no túmulo.

– Penso que estaria orgulhoso por sermos tão corajosos – disse Beth, indignada. – Além disso, o bar é só o primeiro passo. Havemos de arranjar maneira de fazer fortuna.

As fortunas, como Beth descobriu, não eram assim tão fáceis de fazer. Em Outubro, seis meses depois de terem chegado a Nova Iorque, continuava a tocar três noites por semana no Heaney's, e durante o dia trabalhava numa loja de roupa em segunda mão, na Bowery. Numa boa semana, chegava a ganhar trinta dólares, mas as boas semanas eram raras; normalmente, ficava à volta dos dezoito dólares. Mesmo isto, como veio a descobrir, era muito mais do que a maior parte das mulheres conseguia ganhar. As solteiras eram quase todas empregadas de limpeza, caixeiras ou criadas, mal pagas e obrigadas a trabalhar longas horas.

Para as casadas e com filhos, não havia alternativa senão trabalhar em casa, para pessoas que exploravam o seu desespero, para ganhar algum dinheiro. Algumas trabalhavam à peça para fabricantes de roupas, catorze horas seguidas em salas mal iluminadas e sobrelotadas. Outras faziam caixas de fósforos, e todos os membros da família ajudavam. Estas mulheres tinham sorte se conseguiam ganhar um dólar por dia, e a maioria ganhava metade disso.

Beth não procurara um segundo emprego por precisar de dinheiro, mas porque se sentia demasiado deprimida todo o dia sozinha em casa sem nada que fazer. Entrara um dia na loja de roupa em segunda mão, que ficava perto do Heaney's, para ver se encontrava um novo vestido. A proprietária, uma velhota judia chamada Ira Roebeling, mostrara-se muito simpática e conversadora, e quando Beth voltara a sair da loja, com um vestido de cetim vermelho embrulhado em papel, tinha contado a Ira uma versão resumida da sua história, ouvira um pouco da dela e arranjava emprego.

Ira viera da Alemanha nos anos 1850, com o marido e os pais dele. Tinham fundado uma pastelaria e, durante anos, a sorte sorria-lhes. Então, de um momento para o outro, os sogros tinham morrido de velhice, o marido fora levado por uma epidemia de gripe e, sem ele, Ira não pudera manter a loja. Voltara-se para a venda de roupa em segunda mão porque adorava roupas e conhecia muita gente disposta a vender-lhe peças já usadas mas em bom estado. Com o constante fluxo de novos imigrantes, havia sempre pessoas à procura de roupa barata, e outras tantas a querer vender a que tinham.

Ira era uma velhota astuta, e não faltava quem a considerasse avara. Pagava o menos possível pelas roupas que comprava e cobrava o mais que podia pelas que vendia. Beth calculava que teria mais de sessenta anos, mas era difícil dizer, sendo uma mulher magra, forte e muito enérgica. Vestia sempre de preto, incluindo um pequeno chapéu de feltro que nunca tirava nem sequer quando estava calor. Mas, por mais excêntrica que fosse, era divertida e perspicaz. Beth já a tinha visto passar os olhos pequenos e redondos como botões por uma coluna de números e somá-los num instante, e nunca se esquecia de nada, fosse o nome de um cliente ou uma peça de roupa que tivesse na loja. O número de pessoas que apareciam durante o dia só para trocar dois dedos de conversa testemunhava a estima em que era tida na vizinhança.

Ela era que se ocupava da maior parte das vendas, enquanto Beth separava as roupas por tamanhos, fazia um ou outro arranjo e mantinha a loja arrumada. O que não era pouco, considerando que estava a abarrotar de artigos do chão ao tecto. Havia grandes caixas de sapatos, todos misturados, e uma das primeiras coisas que Beth fez foi juntá-los por pares e separá-los por cores e tamanhos. Muitas vezes, também experimentava roupas, uma coisa que Ira encorajava, porque, como fazia notar, não podiam vender coisas se não soubessem como eram.

Ira vivia por cima da loja, em três divisões igualmente caóticas. Durante o Verão, quando ficava insuportavelmente quente, Beth interrogava-se como ela não desmaiava por falta de ar, pois nunca abria as janelas com medo de que algum ladrão entrasse por uma delas e a roubasse. Mas embora Ira fosse sovina de muitas maneiras – nunca deitava nada fora e regateava os preços com os clientes até ao último cêntimo – dava sempre a Beth qualquer coisa para comer

ao meio-dia. Por vezes, era uma deliciosa canja de galinha que ela própria fazia, mas mais frequentemente sanduiches de carne salgada quente, que comprava numa charcutaria judaica um pouco mais abaixo na rua, e fruta fresca. Achava Beth demasiado magra e dizia que nenhum homem ia querê-la para esposa enquanto não pusesse alguma carne em cima daqueles ossos.

Beth ria ao ouvir isto, pois encontrava-se com Jack pelo menos duas vezes por semana e sabia que ele a achava perfeita tal como era. Também ela gostava dele, do seu sentido de humor, da sua fiabilidade e das suas atenções constantes, e pensava que se uma rapariga passasse tanto tempo com um rapaz, em Inglaterra, isso seria considerado quase um noivado.

Mas tinha relutância em encorajá-lo a ir além da amizade.

Ira achava que era uma atitude sensata, não por reprovar a pessoa de Jack – na realidade, até gostava bastante dele – mas por lhe parecer que Beth era demasiado nova para se comprometer seriamente fosse com o que fosse.

– Há por aí tantas centenas de rapazes jeitosos – dizia, com um brilho malicioso nos olhos. – Goza a tua juventude, olha que não vai durar muito tempo.

O que reprovava sem reservas era o facto de Beth tocar no Heaney's. «Aquele homem é podre até ao tutano», dizia enfaticamente. «Não deves nunca ficar sozinha com ele, e diz ao teu irmão que não aceite favores desse sujeito, porque quando chegar a hora de ele os cobrar o Sam vai ver-se metido em grandes sarilhos.»

Beth tinha *sempre* o cuidado de manter as distâncias em relação a Heaney, porque o homem causava-lhe arrepios. Sentia os olhos dele pousados nela sempre que estava a tocar, a olhá-la como se estivesse a despi-la mentalmente. Mas embora desejasse muito largar o bar e ir trabalhar para alguém de quem gostasse e com quem se sentisse à vontade, sabia que ele a faria arrepender-se.

Tudo indicava que Pat Heaney levava muito a peito qualquer desconsideração. Corriam rumores de que matara vários homens e deixara estropiados muitos mais, só por terem falado dele nas suas costas ou desobedecido às suas ordens.

Não tinha verdadeiros amigos, apenas lacaios que o suportavam porque tinham medo de fazer outra coisa. Segundo Jack, controlava dúzias de prostitutas, ficando com pelo menos metade do que elas ganhavam. Era proprietário de dois dos mais degradados pardieiros da zona de Canal Street e cobrava preços tão exorbitantes que os seus inquilinos se viam obrigados a subalugar uma e outra vez para conseguirem pagar-lhe. Estava envolvido em vários outros negócios lucrativos, como as casas de ópio, as lutas de cães e os combates de boxe sem luvas. Mesmo que só metade das histórias a respeito das vinganças que exercera contra pessoas que tinham incorrido na sua ira fosse verdadeira, continuaria a ser um homem excepcionalmente perigoso. Beth tinha a certeza de que se fosse trabalhar para qualquer outro sítio em Nova Iorque acabaria por acontecer-lhe

um « acidente ». Nunca ele a deixaria ter êxito fosse onde fosse excepto no seu bar.

Sam achava que ela estava a deixar-se levar pela imaginação. Não só não acreditava que o homem fosse perigoso, como se considerava o seu braço direito, porque ele o deixava gerir o bar sem interferências.

Beth bem via o porquê desta atitude. Heaney podia ser desprezível, mas não era parvo. Sabia que Sam era honesto e competente, além de constituir uma tão grande atracção para as coristas dos teatros das redondezas como ela própria era para os clientes do sexo masculino. Espreitava muitas vezes pela porta entreaberta durante o período de descanso antes da última actuação, e havia sempre três ou quatro daquelas raparigas a borboletear à volta do irmão. E, claro, Sam adorava a atenção.

Mas a verdade era que sabia que também ela era culpada de gostar da atenção que recebia. Não havia nada mais excitante do que ter um público completamente subjugado, saber que era desejada pela maior parte dos homens que a aplaudiam com tanto entusiasmo. Era bom vestir um vestido bonito, e saber que podia dar-se ao luxo de comprar outro sempre que quisesse. Estava a fazer algo com que a maior parte das mulheres só podia sonhar.

Pouco depois de terem começado a trabalhar no Heaney's, ela e Sam tinham arranjado um quarto no último andar de um prédio em Houston Street, partilhando a cozinha com o casal italiano que ocupava o outro quarto do apartamento. Para quase toda a gente que conheciam, um quarto só para dois era um luxo, e apesar de Beth se queixar frequentemente por nunca haver paz e sossego no prédio de cinco andares, com quatro apartamentos por andar e uma média de oito a dez pessoas em cada apartamento, agradecia à sorte por só ter de aturar o barulho e não um quarto cheio de gente.

O quarto não era grande coisa, com o seu velho papel de parede coberto de manchas, quente como um forno durante o Verão, mas Beth tornara-o acolhedor. Pedira cartazes de teatro para tapar as manchas das paredes, encontrara peças de mobília sortidas nas muitas casas de artigos em segunda mão da vizinhança, e Ira deixara-a fazer umas cortinas na máquina de coser e dera-lhe uma velha colcha para pendurar entre as duas camas e permitir aos dois um pouco de privacidade.

Houston Street ficava numa zona pobre, com estendais para secar roupa em frente de todas as janelas, crianças sujas e esfarrapadas a brincar na rua, uma taberna na esquina, e Beth via muitas vezes mulheres transportarem à cabeça as grandes trouxas de roupa que tinham remendado em casa. Mas era um bairro alegre e animado. Nas noites quentes, as pessoas sentavam-se nos degraus dos portais e conversavam, as mulheres tomavam conta dos filhos umas das outras e ajudavam os imigrantes italianos e alemães a aprender inglês. Todos aqueles com quem falava estavam felizes por terem ido para a América e acreditavam

que, trabalhando duro, conseguiriam alcançar os seus objectivos.

A pior coisa do prédio era o facto de haver apenas duas latrinas, nas traseiras, para todos os inquilinos, lugares malcheirosos e horríveis que faziam Beth estremecer e tapar o nariz quando tinha de lá entrar. Mas Sam despejava os bacios todas as manhãs, antes de ir para o trabalho, e o quarto deles dava para a rua, de modo que o fedor das latrinas não entrava pelas janelas. Além disso, o apartamento ficava tão alto que não eram incomodados por ratazanas, como acontecia a muitos dos inquilinos do primeiro e segundo andares.

Nos dias em que se sentia irritada pelo barulho e pelos cheiros a cozinhados que enchiam o prédio, ou sonhava acordada com o luxo de ter uma verdadeira casa de banho com água quente e fria a sair das torneiras, como a de Falkner Square, recordava a si mesma que essas coisas não eram verdadeiramente importantes, e como a sua vida melhorara desde que chegara à América.

Em Inglaterra, onde as raparigas não tinham nenhuma das liberdades de que ali gozavam, seria impensável ela tocar violino num bar. Ali, podia encontrar-se com Jack por uma ou duas horas ao fim da tarde, ou no dia da folga dele, sem que ninguém erguesse sequer uma sobrancelha. Tinha mais dinheiro do que alguma vez poderia ter sonhado em Inglaterra, e ninguém sabia, nem queria saber, como fora que o pai morrera. E, depois, havia a imensa quantidade de comidas disponível. Raramente cozinhava, pois era quase tão barato comprar qualquer coisa já feita. Gostava dos cachorros-quentes, das batatas assadas, dos *doughnuts*, das panquecas e das *waffles*. Havia um chinês que tinha uma banca onde vendia *noodles*, que adorava, e gostava das grandes tigelas de *spaghetti* com molho de tomate e carne do café italiano. Era raro o dia em que Ira não lhe mostrava algo de novo: *pretzels*, *pastrami*, carne salgada, bolas de peixe ou salsichas alemãs.

A única coisa de Inglaterra de que tinha verdadeiramente saudades era de Molly, e isso era como uma dor surda, constante, dentro do peito. Não conseguia passar por uma mãe com uma menina rechonchuda e de caracóis pretos sem parar para conversar, e naqueles breves momentos sentia a mordidela da inveja.

– Eu podia dar-te um bebé só teu – dissera Jack certa vez, quando estavam juntos e ele a vira falar com uma criança. As palavras tinham sido ditas com um sorriso, pois sempre que se beijavam, dizia ele, sonhava com fazer amor com ela.

Beth rira, porque poucos dias antes estivera a conversar com Amy e Kate, as duas raparigas que viviam no apartamento por baixo do deles. Eram alguns anos mais velhas do que ela e, aparentemente, bem mais experientes em matéria de homens, mas ambas divertidas e alegres, e Beth estava muito contente por ter feito duas novas amigas.

A conversa, naquele dia, fora a respeito dos truques que os homens usavam para conseguir o que queriam das raparigas. Amy recordara que o seu primeiro

namorado lhe dissera: « Não te vou obrigar a fundar família », e Kate contara que o dela tentara chantageá-la com « Se me amasses de verdade, deixavas. »

Beth pensara que Amy acharia graça a saber que Jack optara por inverter o velho truque do namorado dela.

Mas a verdade era que Jack era um verdadeiro tesouro. Nunca se queixava de nada, nem do seu trabalho, nem das condições em que vivia, nem do facto de ela o manter à distância. Sempre optimista, conseguia ver o lado divertido de todas as situações. Fazia-a rir, podia dizer-lhe tudo o que quisesse e confiava totalmente nele. No Verão, tinham muitas vezes aproveitado as tardes de calor para passear pela margem do East River, em busca de um pouco de ar fresco. Nenhum deles estava preparado para o calor de Nova Iorque; em Liverpool, havia sempre uma brisa vinda do mar, mesmo nos dias mais quentes.

Tinham visto bandos de rapazes mergulhar nas águas escuras, talvez o único banho que tomavam, porque aqueles rapazes viviam nas ruas – eram conhecidos como árabes da rua –, dormiam nos umbrais das portas e procuravam comida onde podiam encontrá-la.

Enquanto comiam um gelado comprado numa das bancas, falavam a respeito do frio que fazia no convés do navio que os trouxera de Inglaterra.

– No Inverno, havemos de falar do calor deste Verão só para nos aquecermos – dizia Jack.

Era uma relação fácil, descomplicada, porque eles eram os melhores dos amigos, mas Beth sentia-se sempre um pouco nervosa quando Jack começava a beijá-la. Gostava da sensação de formigueiro na barriga, da maneira como parecia derreter-se nos braços dele, e queria ficar ali para sempre, mas tinha medo do fim a que aquilo podia levá-la.

Amy perguntara-lhe uma vez se o amava, e Beth não soubera o que responder. Ansiava pelos encontros entre os dois, e ficava sempre contente quando ele aparecia no Heaney's, nos sábados à noite, para a ouvir tocar. Mas não tinha a certeza de que o que sentia fosse aquilo a que as pessoas chamavam amor. Ele não lhe fazia o coração bater mais depressa, nem a fazia perder a vontade de comer, como acontecia nos livros românticos.

Jack estava no bar quando Beth subiu ao palco para a sua terceira e última actuação naquela noite de sábado. Chovia lá fora e ele devia ter acabado de entrar pois, mesmo àquela distância, do outro lado da vasta sala, viu-lhe o cabelo molhado. Acenou-lhe antes de atravessar o palco para se ir juntar ao pianista.

Gostava sempre daquela última actuação de sábado à noite. Os clientes estavam amolecidos pela bebida, não tinham de ir trabalhar no dia seguinte e mostravam o seu apreço com ruidosas palmas e batimentos de pés. Também acabara por gostar de ter Amos a acompanhá-la. Amos era um negro do Louisiana e tocava piano como Beth nunca ouvira ninguém tocar. Depois de se

terem entrosado, alimentavam-se um do outro e elevavam as músicas a novas alturas.

Naquela noite, foi ainda melhor do que de costume. O público assobiou e bateu palmas e gritou no fim de cada número e Beth sentiu que os tinha a comer da palma da mão. Teve dificuldade em acabar já que as pessoas continuavam a gritar por mais. Tocou mais uma música, e depois outra, até que finalmente a deixaram ir.

Quando atravessava a multidão a caminho da sala das traseiras, onde deixara o casaco, sentiu uma mão agarrar-lhe o cotovelo.

Para seu espanto, era o atraente passageiro da primeira classe, o que vira no convés com a mulher casada.

– Miss Discrição não me disse que tocava violino – disse ele.

Durante a primeira semana depois de ter chegado a Nova Iorque, ou pouco mais, Beth interrogara-se sobre o que teria acontecido entre ele e Clarissa, mas certamente nunca esperara voltar a vê-lo. Mas ali estava ele, o sotaque inglês a recordar-lhe a pátria, o seu aspecto físico ainda mais impressionante do que no primeiro encontro entre os dois. Usava um casaco verde-escuro impecavelmente cortado e, por baixo, um colete bordado.

– Que o traz até aqui? – perguntou.

– Negócios – respondeu ele, mas a maneira como olhou para a sala das traseiras, onde ela sabia que decorriam os jogos ilegais de cartas, disse-lhe de que género de negócios se tratava. – Como foi que acabou por vir trabalhar para o Heaney?

– Eu e o meu irmão viemos cá pedir trabalho – explicou ela, e apontou para Sam, atrás do balcão. – Já cá estamos há seis meses.

De repente, Jack estava a abrir caminho por entre a multidão.

– O Sam pediu-me que te acompanhasse a casa esta noite – disse, com um grande sorriso. – Tem de ficar a trabalhar até mais tarde.

– Ótimo. – Beth fez um aceno de cabeça, mas continuou a olhar para o homem do navio. – Que aconteceu com a Clarissa?

Ele encolheu os ombros.

– Acabou por esmorecer, depois de desembarcarmos.

Beth viu que Jack começava a ficar nervoso e a verdade era que não sabia por que razão queria reter durante um pouco mais de tempo a atenção daquele homem.

– Tenho de ir – disse. – Mr. Heaney não gosta que eu converse com os clientes.

– Gostei de voltar a vê-la – respondeu ele, estendendo-lhe a mão. – E sobretudo de saber que é tão talentosa.

Beth apertou-lhe a mão, e o contacto da pele dele pôs-lhe um arrepio na espinha.

– Também eu gostei de vê-lo. Boa sorte para o jogo desta noite.

– Quem era aquele homem? – perguntou Jack, a caminho de Houston Street. A chuva intensa esvaziara a rua de pessoas e os passos dos dois soavam alto.

– Um passageiro do navio.

– Nunca o tinha visto.

– Viajava em primeira classe. Falámos uma vez, quando eu estava no convés.

– E que vai um finaço fazer ao Heaney?

Beth deteve-se e agarrou o braço de Jack até ele se voltar para ela.

– Jogar? – sugeriu sarcasticamente. – Mas ficou tão surpreendido ao ver-me como eu ao vê-lo a ele. Não sei nada a respeito dele, nem sequer o nome, portanto não te ponhas com ciúmes.

– Não estava – retorquiu ele, indignado. – É só que me pareceu que havia qualquer coisa entre os dois.

– Apenas surpresa – disse ela, e não acrescentou mais nada.

– Posso entrar por um instante? – perguntou Jack, quando chegaram a casa dela.

– Não, é muito tarde – disse Beth, tirando-lhe da mão o estojo do violino.

– Prometo que não faço barulho.

Estava com aquela expressão arrapazada e ansiosa que normalmente a fazia sorrir, mas que daquela vez, por qualquer razão, a irritou.

– O problema não é recear que faças barulho – disse ela, impaciente. – É o aspecto que dá quando já passa da uma da manhã. E sem que o Sam esteja connosco.

Sam continuava a não aprovar totalmente a amizade dela com Jack, mas convinha-lhe tolerá-la, porque o facto de ele a acompanhar até casa significava que não tinha de preocupar-se com a irmã. Aliás, nem sequer saberia se Jack entrasse por um momento, pois muitas vezes ele próprio ficava fora toda a noite.

– Só queria abraçar-te e beijar-te – disse Jack, tristemente. – Está demasiado frio e demasiada chuva para o fazermos aqui. Sabes bem que nunca tentaria obrigar-te a fazer algo que não quisesses.

Beth aproximou-se dele e beijou-o nos lábios. A luz do candeeiro a gás fazia com que as feições parecessem ainda mais angulosas, a cicatriz mais lívida, e tingia-lhe a pele de um amarelo sinistro. Não sentia o mais pequeno desejo por ele, e isso fazia-a sentir-se mal consigo mesma.

– Eu sei, estou só cansada e um pouco resmungona, e tu estás encharcado, portanto vai para casa.

– Amo-te, Beth – disse ele, segurando-lhe a cara com as mãos. – Acho que me apaixonei por ti no instante em que te vi. Não sentes o mesmo?

Jack não podia ter escolhido pior momento para lhe dizer que a amava, e em vez de se sentir comovida, Beth sentiu-se irritada. Se dissesse que não, ele ficaria profundamente magoado, mas se dissesse que sim corria o risco de começar algo de que muito provavelmente viria a arrepender-se.

– Não é este o momento, Jack – disse, cansadamente.

Ele recuou um passo. Tinha o rosto e os cabelos brilhantes de chuva, e a boca cerrada numa linha amarga.

– Não vai haver um futuro para nós, pois não?

Rodou sobre os calcanhares e afastou-se, sem voltar a cabeça para ver se ela estava a olhar para ele.

CAPÍTULO 14

Quando acordou no domingo de manhã e descobriu que continuava a chover tão intensamente como na noite anterior, o primeiro pensamento de Beth foi para Jack. Desde que ela e Sam se tinham mudado para Houston Street, ele passara a aparecer todos os domingos para a levar a qualquer lado.

Puxou para o lado a cortina divisória, e a cama intacta de Sam disse-lhe que o irmão não tinha ido a casa. De repente, apercebeu-se de como se tornara dependente da companhia de Jack e de como se sentia sozinha sem ele. Sabendo que o magoara demasiado para que ele aparecesse naquela manhã, ou em qualquer outra, a menos que ela pedisse desculpa e lhe dissesse que o amava, puxou as mantas até ao pescoço e tentou voltar a adormecer.

Sam só voltou às duas da tarde, e ficou muito surpreendido ao encontrá-la ainda na cama.

– Estás doente? – perguntou, sentando-se ao lado dela.

Beth contou-lhe o que tinha acontecido com Jack.

– Não tive coragem para me levantar. Para quê? – concluiu.

– Se gostas verdadeiramente dele, o melhor é saíres da cama, ir procurá-lo e fazer as pazes – disse Sam, enquanto coçava o queixo onde a barba já crescia. – Mas eu sempre achei que podias arranjar alguém muito melhor do que ele.

Beth sentou-se na cama e fulminou o irmão com o olhar.

– Diz-me então onde é que posso conhecer alguém adequado. O Heaney nunca me deixa falar com ninguém. Tu nunca me apresentas a nenhum dos teus amigos. E não seria decente ir a casa do Jack e dar-lhe falsas esperanças só porque não quero estar sozinha.

Sam fez um ar pensativo.

– Praticamente todos os homens que vão ao Heaney's gostariam de ter uma oportunidade de te conhecer. Mas também nenhum deles é suficientemente bom para ti.

– Porque é que hás-de ser tu a decidir isso? – retorquiu ela. – Aposto que a

pessoa com quem passaste a noite, seja ela quem for, também não é adequada para ti, mas isso não parece incomodar-te.

– Para os homens é diferente.

– Pois não vejo porque é que há-de ser – protestou ela, indignada. – Se posso tocar num dos bares mais frequentados de Nova Iorque, não percebo porque é que não posso dar-me com quem quiser.

Sam limitou-se a olhar para ela por um momento.

– Levanta-te e veste-te. Vamos sair – disse, finalmente. – Não gosto de te ver tão triste.

Quando, na noite de segunda-feira, Beth chegou ao Heaney's, descobriu que Jack já lá estivera e lhe deixara uma nota.

Nunca tinha visto nada escrito por ele, e a caligrafia infantil e os erros de ortografia foram uma confirmação do enorme fosso que separava a condição social dos dois. Mas por mais inculto que fosse, Jack conseguia fazer transparecer nas suas palavras o que sentia. Dizia que continuaria a ser seu amigo e que dela não esperava outra coisa.

Beth arrependeu-se de tê-lo magoado, e o seu primeiro instinto foi escrever-lhe imediatamente a dizer-lhe que haveria sempre espaço para ele na sua vida. Mas sabia que se o fizesse em breve voltariam à velha rotina, e mais tarde ou mais cedo o problema voltaria a surgir. Talvez fosse melhor não fazer nada, para já.

Na terça-feira, na loja de Ira, fizeram uma grande limpeza às roupas de Verão. Os artigos que estavam demasiado estragados ou eram demasiado antiquados seriam recolhidos por um homem que tinha uma banca em Mulberry Bend, em Five Points. As peças boas foram guardadas em caixas e armazenadas até à Primavera seguinte.

Era bom estar ocupada, e Beth apercebeu-se, quando, às cinco da tarde, vestiu o casaco e o chapéu para sair, de que não tinha pensado em Jack durante todo o dia.

Acabava de sair da loja e de fechar a porta quando viu o homem do navio descontraidamente encostado a um candeeiro e a sorrir para ela.

– Olá, Miss Disciplina! – disse ele.

Beth ficou espantada ao vê-lo. Mas, instintivamente, soube que não era por acaso.

– Que tal ir tomar um café comigo? – convidou ele. – A menos, claro, que tenha coisa melhor que fazer?

– Mas eu nem sequer sei o seu nome – protestou ela.

– Bem, isso resolve-se facilmente. – O homem sorriu. – Theodore Cadogan. Conhecido pelos amigos como Theo.

– Bem, Mr. Cadogan – disse Beth, reprimindo a vontade de rir que lhe causava

o facto de ele ter tido o descaramento de fazer investigações para saber onde ela estava. – O que o leva a pensar que tenho o hábito de sair com homens que mal conheço?

– Mas então como consegue conhecer alguém? Só sugeri um café, não vendê-la para o tráfico de carne branca.

– Quem lhe disse onde eu estava?

– O seu irmão, e eu dei-lhe a minha palavra de cavalheiro em como as minhas intenções são absolutamente honestas.

Beth duvidava da honestidade das intenções dele, mas Sam devia ter gostado dele, ou não lhe teria dito onde encontrá-la. Além disso, ele era bastante atraente e fazia-a sentir-se efervescente por dentro.

– Só um café, então – aceitou.

*

Uma hora mais tarde, estavam ainda a tomar café. Beth tratava-o por Theo e ele tratava-a por Beth. Ela contara-lhe os acontecimentos que a tinham levado a ir para a América e ele contara-lhe que o pai era um rico proprietário de terras do Yorkshire, mas que, sendo ele o filho mais novo, nada herdaria.

– O meu pai queria que eu estudasse Direito, mas aquilo aborrecia-me – disse, com um teatral bocejo. – A minha mãe achava que devia entrar para a Igreja, mas não tinha a mínima vocação para isso. Também considerei a hipótese do exército.

– O que foi então que te fez vir para cá? – perguntou Beth.

Ele rolou os olhos de uma maneira que dizia que não queria admitir a verdadeira razão.

– Foi a Clarissa, não foi? – disse ela, rindo.

Theo suspirou.

– Não inteiramente. Mas digamos que me deixei convencer de que o casamento dela era infeliz. Comprei passagem no mesmo navio que eles, imaginando, tolamente, que tudo acabaria bem e que ele lhe daria o divórcio quando chegássemos a Nova Iorque. Mas ela estava só a brincar comigo, nunca teve a mais pequena intenção de o deixar.

– Oh, Theo – disse Beth, fazendo um barulhinho de reprovação com a língua –, debes ter ficado destroçado.

– Apenas amolgado, minha querida – respondeu ele, a sorrir. – E uma vez chegado a esta terra das oportunidades, descobri a saída perfeita para os meus talentos, de modo que não me arrependo de ter vindo.

– E quais são os teus talentos? – perguntou ela, a provocá-lo. – Isto é, além de seres um charmoso e um casanova?

– Jogo cartas bastante bem.

Beth riu.

– E é com isso que esperas fazer fortuna?

– Espero que sim. – Theo sorriu maliciosamente. – Tem-me servido bem, até agora.

– Se jogares com homens como o Heaney, acabas esfolado – avisou Beth.

– Estás a subestimar-me, minha querida. Tenciono ser dono de casas de jogo, não perder a camisa nelas. – Riu ao ver o ar de surpresa no rosto dela. – E tu, minha linda cigana, podes tocar o teu violino na primeira que abrir, se quiseres. Sinto que estávamos destinados a encontrar-nos de novo, e que as nossas sortes estarão inextricavelmente ligadas.

Beth sentiu como que borboletas no estômago quando ele estendeu a mão e agarrou a dela. Pensou que ia beijá-la, mas, em vez disso, voltou-a e examinou a palma, seguindo as linhas com o indicador esticado.

– Há muita paixão na tua mão – disse Theo, em voz baixa. – Vejo também força e coragem. Ganharás dinheiro, mas o amor, por homens e pela tua música, será sempre mais importante.

Beth riu.

– Agora pareces tu uma cigana! Não vês aí um marido e filhos?

– É isso que queres?

– Não é o que todas as mulheres querem?

– É-vos dito, desde muito novas, que é isso que devem querer – disse ele, pensativamente. – A nossa sociedade encoraja essa ideia e não cria alternativas. Mas eu penso que seria um terrível desperdício casares nova e passares o resto da vida a criar um bando de filhos quando tens tanto talento.

Continuava a segurar a mão dela e, lentamente, inclinou a cabeça e beijou-a. Beth sentiu um súbito abanão dentro do peito, uma vaga de calor percorrer-lhe o corpo e a pele formigar. Teve de conter o impulso de estender a outra mão e passar os dedos pelo cabelo dele. Reconheceu instantaneamente os seus sentimentos como sendo o início de uma paixão.

Três dias mais tarde, Beth estava com Ira na sala das traseiras da loja, onde remendavam e lavavam as roupas, quando Ira lhe perguntou o nome do homem com quem andava a sair.

– Sei que andas com alguém – disse, olhando fixamente para Beth. – Desde quarta-feira que andas a sonhar acordada.

Beth tirou o ferro de engomar de cima do fogão e cuspiu-lhe para ver se estava suficientemente quente para passar o saiote de algodão branco. Não queria responder à pergunta de Ira; sentia que dizer fosse o que fosse a respeito de Theo, especialmente dos seus sentimentos para com ele, podia atrair a má sorte e estragar tudo.

Ele convidara-a para jantar, quando tinham finalmente saído do café, e, muito mais tarde, acompanhara-a até Houston Street. A noite estava fria e a rua deserta, com exceção de alguns homens ainda novos reunidos à porta da taberna da esquina.

– Suponho que vives num sítio elegante – dissera ela, quando se tinham detido diante do prédio onde morava.

– Nem por isso – respondera ele, estendendo a mão para acariciar-lhe a face. – Não tenhas vergonha de ser pobre, Beth. A vontade de vencer é sempre mais forte quando se tem menos.

A mão dele na sua cara voltara a fazê-la sentir aquele abanão na barriga. Queria tanto beijá-lo que quase a fazia desfalecer. Nem lhe importava quem pudesse vê-la.

– Voltarei a ver-te? – perguntara debilmente, sabendo que era demasiado ousado mas incapaz de conter-se.

Ele beijara-a, como se aquele beijo fosse a sua resposta. Os lábios dele tocaram os dela, ao princípio muito ao de leve, despertando-lhe todos os nervos do corpo. Então, quando ela ansiava por mais qualquer coisa, enlaçara-a e abraçara-a com força, a ponta da língua dele insinuara-se-lhe na boca, e Beth como que entrara em erupção.

Não conseguira impedir-se de apertar-se contra ele; o beijo fora tão excitante que o corpo dela reagira como que dotado de uma vontade própria. Sentira os mamilos poreem-se rijos e uma espécie de latejar nas partes íntimas, e enfiara des pudoradamente a língua na boca dele.

Fora Theo o primeiro a libertar-se do abraço.

– Beijas tão bem como tocas – dissera, em voz baixa. – És capaz de fazer qualquer homem perder a cabeça.

Então dissera que tinha de ir e ela ficara ali diante da porta, inebriada de desejo, a vê-lo descer a rua. Movia-se com a graça de uma pantera, as costas direitas, o queixo erguido. Quando chegou ao candeeiro da esquina, voltou-se e acenou-lhe, e Beth sentiu o coração explodir.

O sono fugira-lhe naquela noite, pois revivera aquele beijo uma e outra vez até sentir o corpo incendiar-se. Fizera-lhe lembrar a gata de uma vizinha de Liverpool que certa vez vira deitada de costas a contorcer-se no pátio ao mesmo tempo que emitia um som estranho, rouco. A mãe dissera que estava no cio e despejara-lhe um balde de água em cima para a afugentar, pois estavam dois gatos vadios empoleirados no muro a contemplar o espectáculo. A mamã dissera que não queria aquelas poucas vergonhas no seu pátio. Na altura, Beth não compreendera o significado do comportamento da gata, mas compreendia agora.

Desde que tivera idade suficiente para começar a sentir curiosidade a respeito do amor, do casamento e de ter filhos, fora levada a acreditar que eram os

homens que tinham prazer e que as mulheres toleravam o acto por amor a eles. Nem sequer a pragmática Miss Clarkson sugerira coisa diferente. A confissão da mãe no seu leito de morte fora o primeiro indício que tivera de que talvez as mulheres pudessem desejar ou necessitar de sexo, mas na altura estava demasiado horrorizada pelas consequências daquela paixão ilícita para sentir qualquer espécie de compreensão.

– Não responder à minha pergunta não me vai impedir de perguntar – disse Ira, aproximando-se e pousando uma mão no ombro de Beth. – É perfeitamente normal uma rapariga da tua idade apaixonar-se, mas eu sei que não é com o Jack que andas a sonhar. Quem é então este outro homem e onde o conheceste?

– Chama-se Theodore Cadogan e conheci-o no navio, quando vinha para cá – disse Beth, com alguma relutância. – No barco só falámos uma vez, porque ele viajava em primeira classe. Mas voltei a vê-lo a semana passada, no Heaney's, e quando saí daqui, na terça-feira, ele estava à minha espera.

– É então um cavalheiro?

Beth assentiu, sombria.

– Nesse caso, que estava a fazer no Heaney's?

Beth suspirou; sabia que aquela pergunta havia de chegar.

– Foi lá jogar cartas.

Ira chupou as bochechas para dentro.

– Um jogador, hein? Bem, são geralmente muito divertidos, admito. Mas mantém essa cabeça fria, rapariga. Não quero ver-te levada por maus caminhos.

– Gosto muito dele – disse Beth, num fio de voz.

Ira ficou a olhar fixamente para ela até fazê-la corar.

– Estou a ver – disse, por fim. – Despertou sensações que não compreendes. É isso?

Beth limitou-se a olhar para os pés.

– E suponho que sempre te disseram que as raparigas decentes não têm esse género de sensações? – continuou Ira, com uma gargalhada. – Bem, isso é conversa. Muito poucos bebés viriam a este mundo se fosse verdade! Se queres que te diga o que penso, não há mulheres que gostam e outras que não gostam, o que há é mulheres que têm bons amantes e outras que não têm.

– Não é meu amante – exclamou Beth, alarmada por Ira poder sequer pensar semelhante coisa. – Só jantei uma vez com ele.

Ira voltou a rir.

– Se consegui pôr-te assim só com um casto jantar, diria que é melhor não te arriscares a ficar sozinha com ele, a menos, claro, que queiras descobrir o que um bom amante pode fazer por uma mulher.

Beth agitou-se, envergonhada, o que fez Ira rir ainda mais alto.

– Sei que muita gente te dirá que tens de ter uma aliança no dedo antes de

provar o produto. Mas eu nunca me arrependi de ter experimentado o meu Gunter antes do casamento.

– É possível que nunca mais o veja – disse Beth, numa tentativa de pôr fim àquela conversa cada vez mais embaraçosa.

– Tenho a certeza de que verás – declarou Ira. – Não só por causa da tua beleza e das tuas curvas, mas também pela tua alegria, a tua inteligência, os teus modos e a arte com que tocas violino. És um achado, minha querida. Mas tens de aprender a proteger-te. Não acredites em tudo o que ele te diz, não lhe emprestes dinheiro, não esperes que ele case contigo e aconselha-te sobre o que tens de fazer para evitar ter um filho. Tem sido essa a ruína de muita mulher.

– Não o farei – exclamou Beth, horrorizada. – Correr o risco de ter um filho, quero dizer.

– Não estejas tão segura. – Ira deu-lhe uma palmadinha afectuosa na cara. – A experiência diz-me que quando uma mulher se sente fisicamente atraída por um homem, a primeira coisa que perde é o bom senso.

Beth tivera de tocar naquela noite, e Heaney chamara um fiacre para a levar a casa, uma vez que Sam ia ficar a trabalhar até mais tarde. Acordou no sábado de manhã a meio de um sonho com Theo, e isso fê-la começar a preocupar-se com o que Ira lhe tinha dito a respeito do assunto.

Puxou ligeiramente a cortina que separava a cama dela da de Sam. Para seu desapontamento, a do irmão estava outra vez vazia, adivinhando-se um dia inteiro sem companhia.

Quando, um par de horas mais tarde, ouviu nas escadas a voz de Amy, Beth desceu e perguntou à vizinha se queria subir para tomar uma chávena de chá.

Amy era uma americana de segunda geração, de ascendência holandesa, mas deixara a quinta da família no Connecticut porque o pai se zangara com ela por andar com um rapaz que ele não aprovava. Contara desconsoladamente a Beth que o homem em questão tinha recusado fugir com ela, de modo que chegara a Nova Iorque sozinha. Mas parecia ter-se governado bastante bem sem ajuda: ela e a amiga, Kate, saíam constantemente, tinham boas roupas e eram felizes. Beth sentia muitas vezes uma ligeira pontada de inveja, porque as duas lhe pareciam divertir-se bem mais do que ela.

– Chá! É mesmo do que eu estou a precisar, aquilo lá em baixo parece uma casa de loucos – disse Amy, ao entrar no quarto de Beth. Tinha ar de camponesa, alta, com ombros largos, uma cara grande e achatada e cabelo louro-palha. – Agora trouxeram ainda mais familiares! Pergunto-te, será possível seis pessoas partilharem um pequeno quarto? Quanto a conseguir entrar na cozinha...

Amy estava a referir-se à família irlandesa que ocupava um dos quartos do apartamento dela. De início, eram dois adultos e duas crianças, mas com mais duas pessoas a entrar tornara-se insuportavelmente sobrelotado. Uma vez que

Amy já partilhava o seu pequeno quarto com Kate, e havia cinco outras pessoas no terceiro quarto do apartamento, Beth não tinha dificuldade em imaginar o problema que seria entrar na cozinha comum.

Amy deixou-se cair na cama de Sam enquanto Beth servia o chá e continuou durante algum tempo a queixar-se dos vizinhos. Suspeitava que um dos membros da família irlandesa andava a despejar lixo no lava-louças. Disse que lhe roubavam a comida e que havia sempre uma criança a chorar.

– Tenho de arranjar outro lugar para viver – concluiu. – É insuportável.

Beth tinha imensa pena de Amy e de Kate, e estava bastante consciente da sorte que ela e Sam tinham por partilharem o apartamento apenas com os Rossini, um casal de meia-idade, sossegado, asseado e simpático.

Mas Amy não era pessoa para se atardar nos seus próprios problemas mais do que dois ou três minutos. Quando acabou de beber o chá, estava a fazer Beth rir com uma história a respeito do merceiro da esquina que fora apanhado pela mulher em flagrante delito de adultério.

– Onde está o Sam? – perguntou, um pouco mais tarde. – Não há quem o veja, nestes últimos tempos. Arranjou uma namorada?

– Julgo que sim – respondeu Beth. – Mas não me disse nada a respeito dela.

– É uma rapariga de sorte, seja quem for – disse Amy, com um brilho nos olhos. – O teu irmão é muito bonito.

– Se não tem cuidado, ainda acaba por ver-se obrigado a casar – profetizou Beth.

– Tenho a certeza de que ele sabe como evitar uma situação dessas.

– Pode-se evitar? – perguntou Beth inocentemente.

– Claro que pode, pateta – riu Amy.

– Como?

– Alguns homens, os mais cuidadosos, retiram-se a tempo – explicou Amy, despreocupadamente. – Mas, por mim, não confiaria em nenhum para o fazer. Também podem usar um preservativo, mas às vezes rasgam-se e os homens não gostam deles. A maior parte das mulheres que conheço usa o duche, no fim. Ou há uma pequena esponja que se enfia antes de começar.

Beth gostara de Amy desde o primeiro momento precisamente por ela ser directa e aberta, mas corou de vergonha ao ouvi-la expor aquelas revelações de natureza tão íntima.

– Como é que sabes essas coisas? – perguntou.

Quando o rosto de Amy se fechou e ela não respondeu com uma das suas habituais saídas, Beth sentiu que tinha de pedir desculpa.

– Não queria ser bisbilhoteira. Não te pergunto mais nada.

Amy olhou para ela e suspirou.

– Quem me dera que houvesse alguém, quando tinha a tua idade, a quem pudesse perguntar estas coisas. Mas não havia, e por isso engravidei.

– Que fizeste? – perguntou Beth, num murmúrio escandalizado.

– Uma velha que conheço resolveu-me o problema – confessou Amy. – Foi pouco depois de ter chegado a Nova Iorque. Foi horrível. Pensei que ia morrer.

– Essa deve ter-te feito perder o gosto pelos homens.

A rapariga mais velha riu.

– Sim, durante um tempo, mas então conheci outro charmoso. Só que dessa vez, antes de o deixar chegar sequer perto de mim, aconselhei-me com uma das raparigas do Rosie's.

Beth abriu muito os olhos, chocada, porque tinha ouvido alguns homens no Heaney's a falar do Rosie's e sabia que era um bordel.

– Não faças essa cara – censurou-a Amy. – Nem toda a gente tem o teu talento para tocar violino para se manter. Para algumas, é a única maneira de terem um tecto. Não tardei a aperceber-me disto e fui trabalhar para o Rosie's.

Beth quase não conseguia acreditar no que Amy acabava de admitir. Nunca perguntara à amiga como ganhava a vida; sempre assumira que trabalhava numa loja, porque usava roupas bonitas.

– Não me digas que não sabias? – Amy atirou a cabeça para trás e riu da expressão chocada de Beth. – Pensava que já alguém te tinha dito!

– A verdade é que praticamente não falo com ninguém a não ser contigo – disse Beth, debilmente. – Nunca me teria passado pela cabeça. Quer dizer, és tão simpática.

– As prostitutas podem ser tão simpáticas como qualquer outra pessoa – respondeu Amy, com uma ponta de acidez na voz. – E também não anunciamos o que fazemos andando por aí seminuas e com a cara pintada.

– Não era isso que queria dizer – apressou-se Beth a explicar. – O que quis dizer foi que julgava que trabalhavas numa loja ou num restaurante.

Amy ergueu os olhos para o tecto.

– Querida, pensei que trabalhar no Heaney's já te tinha aberto os olhos! São muito poucas as raparigas que querem fazer esta vida, mas quando a fome aperta e não se tem um lugar a que chamar casa, deixa de parecer assim tão errado receber alguns dólares por dar a um homem um pouco de amor. Porque é que havia de ser criada, ou trabalhar numa loja por cinco ou seis dólares por semana, quando posso ganhar isso em meia hora?

Beth estava siderada. Claro que aquilo explicava por que razão Amy parecia saber tanto a respeito de homens, e até porque estava tantas vezes em casa durante o dia. Estava a tentar descobrir qualquer coisa para dizer que não parecesse condescendente ou reprovador quando Sam chegou a casa, e Amy se pôs imediatamente de pé e disse que tinha de ir.

Não querendo que Amy ficasse a pensar que era demasiado pudibunda e afectada para lidar com aquela revelação, Beth acompanhou-a até à porta.

– Desculpa – disse. – Foi só porque me apanhaste de surpresa.

Amy pousou a mão no ombro dela.

– Acho que, afinal, ainda estás muito verde. Pensei que sabias, e estava muito contente por gostares de mim apesar disso, mas suponho que isto significa o fim da nossa amizade.

– Nem penses nisso – disse Beth com sinceridade. – Gosto ainda mais de ti por teres sido franca comigo. Só me sinto um pouco pateta por não ter percebido mais cedo. Mas tu deste-me muito em que pensar.

– Pensa menos e diverte-te mais – disse Amy com um grande sorriso. – O teu irmão é que sabe.

E desceu a escada antes que Beth tivesse tempo de perguntar-lhe o que queria exactamente dizer com aquilo.

Pouco depois, Beth estava a fazer chá e a preparar uma sanduiche para Sam comer qualquer coisa antes de ir para o trabalho, quando ouviu um barulho estranho, como um rocegar, vindo do quarto. Não lhe pergantara onde tinha passado a noite, porque ele estava a lavar-se e a fazer a barba, e, de todos os modos, tinha o espírito ocupado com as coisas que Amy lhe dissera, mas, estando a porta do quarto parcialmente aberta, espreitou para o interior para ver que barulho era aquele. Para sua surpresa, Sam estava sentado à pequena mesa junto à janela, a brincar com um baralho de cartas. Viu-o baralhá-las, e depois fazer o que lhe pareceu serem complicados truques com elas, espalhando-as numa tira em cima da mesa de modo que cada uma se sobrepusesse em parte à seguinte.

– O que é isso? – perguntou.

– Estou a praticar – respondeu ele, sem olhar, ao mesmo tempo que fazia as cartas dispostas em fila voltarem-se ao contrário numa rápida onda.

– Isso é um truque?

– Não. São só coisas que o *dealer* faz. Ainda não está perfeito, mas estou quase lá.

– Porque é que queres fazer isso? – perguntou Beth, entrando no quarto.

Sam pousou as cartas e olhou para ela.

– Porque quero ser um *dealer*. Quero saber tudo a respeito do jogo: póquer, roleta, faraó e tudo o mais.

Beth sentiu-se como se o seu pequeno mundo tivesse sido voltado do avesso. Primeiro, descobria que a sua única amiga era uma prostituta, e agora Sam falava de tornar-se num jogador.

Aceitava que Theo jogasse: para um cavalheiro, fazia parte do seu estilo de vida. Mas Sam crescera a ser alertado para os malefícios do jogo. O pai deles nem sequer apostava um xelim num cavalo, pois dizia constantemente que a partir daí piorava sempre.

– Quero trabalhar em casas de jogo, não perder o meu dinheiro nelas – disse ele, olhando-a duramente, como que a desafiá-la a reprová-lo. – Ganha-se bom

dinheiro; a casa nunca perde.

– O Heaney tem alguma coisa a ver com isto? – indagou ela.

– Só na medida em que me deixou ver o que ganha com os jogos lá no bar – respondeu Sam. – É por isso que tenho de ficar até mais tarde... quer que eu sirva bebidas aos jogadores. E eu tenho aproveitado para estudá-los com atenção.

Beth deixou-se cair em cima da cama dele. Sentiu-se invadir pelo pânico, porque de repente tudo parecia ameaçador.

– O que é que se passa? – perguntou Sam. – Oh, pelo amor de Deus, não me venhas com sermões, Beth! Aqui o jogo é uma coisa importante, as pessoas aceitam-no perfeitamente. Porque havemos nós de ser diferentes?

– Nunca tens medo de perder os valores que tínhamos? – insurgiu-se ela.

– Não esquecer qual era o nosso lugar? Fazer vênias aos ricos? Ser pobre mas honesto? Diz-me tu, Beth, porque é que não havemos de ser ricos? Está escrito nas estrelas que lá porque o nosso pai era sapateiro não podemos aspirar a mais?

– Suponho que tenho medo de que estejamos a deixar-nos corromper – disse ela, debilmente. – Sabes muito bem, ainda que não o admitas, que estamos presos ao Heaney, e que ele não é um bom homem.

– Eu sei que ele está a usar-nos, mas nós também podemos usá-lo, Beth. Tu ganhas experiência e prática enquanto tocas para ele, e eu aprendo o que preciso de saber a respeito do jogo. Quando chegar a altura, pegamos na nossa experiência e vamos para outro lugar, trocamos Nova Iorque por Filadélfia, Chicago ou até São Francisco. Viemos para cá pela aventura e para fazer fortuna, e é exactamente isso que vamos fazer.

– Não estás a pensar desaparecer um destes dias sem mim, pois não? – perguntou ela, receosa.

Sam foi sentar-se ao lado dela em cima da cama e abraçou-a com força. – Beth, tu és a única pessoa em todo o mundo de quem eu gosto. Não és só minha irmã, és a minha amiga mais querida. Nunca iria para parte nenhuma sem ti.

Sam nunca fora dado a discursos floreados, e saber que ele estava a ser sincero no que dizia fez Beth desfazer-se em lágrimas.

– Não chores, mana – sussurrou ele, acariciando-lhe o cabelo. – Temo-nos saído bem até agora, e podemos fazer ainda melhor.

CAPÍTULO 15

Depois de Sam lhe ter falado da sua ambição de gerir uma casa de jogo, Beth sentou-se à janela a olhar para o mar de telhados e para o céu cinzento por cima deles e a pensar em todas as pessoas que conhecera em Liverpool. Perguntou-se o que pensariam do modo como ela e Sam estavam a viver.

Tinha escrito aos Langworthy religiosamente de quinze em quinze dias, desde a chegada, e sabia-se culpada de acrescentar a tudo uma camada de verniz. Usava, por exemplo, a palavra «hotel» em vez de «pensão», descrevia Central Park e a Fifth Avenue em vez do Lower East Side. Embora sem dizer exactamente mentiras, criara a imagem do Heaney's como um estabelecimento selecto e dera a entender que a loja de Ira vendia roupa, e não roupa em segunda mão. Anunciara jubilosamente a mudança para um apartamento, mas abstera-se de explicar que tinham apenas um quarto para os dois.

A sua justificação para estas omissões era que toda a gente em Inglaterra ficaria mortificada se descrevesse a pobreza em que vivia e preocupada com a sua segurança se fosse um pouco mais franca a respeito do Heaney's. Agora, porém, que recordava todas aquelas pessoas de quem gostava, sentia que ficariam muito mais alarmadas pelas mudanças que se tinham operado nela e em Sam do que pela maneira como viviam.

De certeza não aprovariam o facto de ela se exhibir vestida de cetim escarlate, e menos ainda os dois ou três cálices de rum que bebia na maior parte das noites em que tocava no Heaney's. Ficariam horrorizadas ao saber que se tornara amiga de uma prostituta e que o homem que desejava era um mulherengo.

Quanto a Sam, ficariam chocadas por ele passar as noites fora e planejar ter a sua própria casa de jogo. Mrs. Bruce teria sem dúvida de abrir o seu frasco de saís!

Entristecia-a pensar que estava a levar o género de vida que os seus antigos amigos nunca aprovariam, mas não tinha a mais pequena intenção de voltar atrás e ser uma sobrecarregada mas virtuosa criada de lavandaria. Cada vez que subia

a um palco sentia-se como uma ave a ser libertada de uma gaiola, e adorava ser admirada e aplaudida.

A única parte da sua antiga vida de que realmente tinha saudades era Molly. Isso era uma dor surda dentro dela que nunca desapareceria. No entanto, estava, ao mesmo tempo, contente por a irmã se encontrar a salvo em Inglaterra, já que aquilo não era lugar para uma criança.

Voltou costas à janela e olhou objectivamente para o quarto. Apercebeu-se de que os toques de decoração que acrescentara representavam aquilo que as coisas verdadeiramente eram. A colcha azul que servia de cortina entre a cama dela e a de Sam estava agora presa com uma fita de veludo vermelho, para lhe dar um pouco de elegância; os cartazes de teatro escondiam as manchas nas paredes; os vestidos de cores garridas que usava no Heaney's eram também objectos de decoração, e todas as semanas comprava um ramo de flores para fazer o quarto parecer mais acolhedor.

Mas tudo aquilo era como o verniz das cartas que escrevia para Inglaterra. Só mascaravam o facto de o quarto ser triste e feio.

Pensou que Sam, com a sua natureza sensível, se apercebera provavelmente de tudo aquilo no dia em que se tinham mudado para ali. Talvez fosse por isso que estava tão determinado a ser rico, para não terem de continuar a fingir nem de se envergonharem fosse do que fosse.

Para si, não desejava muito mais do que já tinha, só uma casa mais sossegada, um quarto só para si e uma verdadeira casa de banho. Mas queria voltar a casa um dia e ver Molly, e com toda a certeza não queria voltar como uma parente pobre. Por isso talvez devesse começar a pensar no futuro e fazer planos, como Sam.

Nessa noite, tocou melhor do que alguma vez tocara. Todo o seu corpo pareceu ser possuído pela música, e dançou pelo palco, levando a multidão à beira do frenesim. Os aplausos foram ensurdecedores, ninguém queria que ela parasse, e Pat Heaney teve de subir ao palco para pôr fim àquilo.

– Não é maravilhosa, a nossa ciganinha? – gritou à multidão. – Vai estar de volta para tocar para vocês na segunda-feira à noite, por isso vejam se não faltam.

Foi à sala das traseiras levar-lhe o dinheiro quando ela estava a limpar o suor da cara e do pescoço.

– Esteve muito bem esta noite – disse, com muito mais calor do que geralmente mostrava. – Melhorou muito desde que começou a tocar aqui.

Estendeu-lhe o dinheiro, e ela viu que eram cerca de sete dólares. No entanto, vira dúzias de notas de dólar serem atiradas para dentro do chapéu.

– Nesse caso, penso que é a altura de começar a pagar-me melhor – disse, impulsivamente. – Ou pelo menos dar-me o chapéu para que seja eu a contar o dinheiro.

O sorriso dele desapareceu, e Beth sentiu uma pontada de medo.

– Sua cabrazinha ingrata! – exclamou ele. – Estás a querer dizer que te engano? Dei-te trabalho quando mais ninguém o faria.

Beth soube que aquele era o momento decisivo. Ia ter de recuar ou lutar. Estava com muito medo; sabia que aquele homem era perigoso, os olhos frios e a horrível cicatriz aterrorizavam-na. Mas naquela noite tocara com toda a sua alma, e alguma coisa bem no fundo de si mesma dizia-lhe que tinha de erguer a cabeça ou ir esconder-se debaixo da cama.

– O senhor foi a primeira pessoa com quem falei – respondeu, desafiadoramente. – E logo a partir da primeira noite em que toquei aqui houve muitos outros dispostos a contratar-me. Quanto a enganar-me, sei muito bem que o fez desde o princípio. Nunca me deu metade do que estava no chapéu.

– Fiz-te um favor! – rugiu ele.

– Não, não fez. Fez um favor a si mesmo – disse ela, esticando o queixo. – Vêm muito mais pessoas nas noites em que eu toco, e ficam até mais tarde e bebem muito mais. A si não lhe custa um cêntimo ter-me aqui, e os clientes põem o dinheiro no chapéu para mim porque gostam da minha música. Portanto, ao ficar com ele, está a enganá-los também a eles.

– Sabes o que acontece às pessoas que me traem? – perguntou Heaney, aproximando tanto o rosto do dela que Beth sentiu o cheiro a *whisky* que lhe empestava o hálito.

– Eu não o traí. Mas se chama traição a sair daqui e ir trabalhar para outro bar, então é o que farei a menos que me pague aquilo a que tenho direito.

Viu que ele estava tentado a bater-lhe, a mão que segurava o dinheiro a cerrar-se num punho, mas manteve-se firme, apesar de estar cheia de medo.

Heaney gritou um chorrilho de insultos, mas Beth pegou no casaco e vestiu-o.

– Tem um minuto para subir isso para quinze dólares – disse, olhando para o dinheiro que ele tinha na mão. – Ou saio por aquela porta e nunca mais volto.

– O teu irmão vai para a rua se o fizeres – disse ele, os olhos a semicerrarem-se como os de uma cobra.

– Então é mais parvo do que eu pensava – replicou Beth, secamente. – Onde é que vai arranjar outro *barman* honesto como ele?

Ele ergueu o punho, mas Beth estava tão furiosa que lhe afastou a mão com uma palmada.

– Bata-me, e vou tocar no bar aqui ao lado, só para lhe mostrar como é – sibilou. – E o Sam também nunca mais voltará a trabalhar para si. O seu minuto acabou. Dê-me os quinze dólares ou saia da minha frente.

Soube que tinha ganhado quando ele enfiou a mão no bolso, tirou de lá um rolo de notas e separou algumas. De uma maneira estranha, ficou desapontada, porque ele acabava de provar como ela era valiosa, e agora não podia sair e ir trabalhar para alguém de quem gostasse e em quem confiasse.

– A partir de agora, quero ser eu a contar o dinheiro – avisou. – Dar-lhe-ei a sua metade porque foi o que combinámos, mas tente voltar a enganar-me e vou-me embora.

Passou por ele, entrou no bar e dirigiu-se a Sam.

– Tem cuidado com o que lhe dizes esta noite – sussurrou. – Acabo de ter uma discussão com ele.

Sam fez um ar preocupado e olhou para a porta da sala das traseiras.

– Vou ter de ficar até mais tarde, por causa do jogo. Ele vai chamar um fiacre?

– Eu acompanho-a a casa – disse uma voz familiar nas costas dela. – Isto, claro, se a Beth estiver de acordo.

Beth rodou sobre os calcanhares.

– Theo! – exclamou, incapaz de esconder a sua alegria.

Enquanto o fiacre sacolejava a caminho de Houston Street, Beth fez a Theo um resumo do que se passara.

– Claro que fizeste bem em defender os teus direitos – disse ele. – E foste muito corajosa. Mas o Heaney é um homem vingativo, Beth, tenho ouvido muitas histórias a respeito dele.

– Não vai fazer mal ao Sam, pois não? – perguntou ela, receosa.

– Penso que não, precisa dele. E duvido que se atreva a fazer qualquer coisa contra ti, há demasiados clientes que o pendurariam pelo pescoço se o fizesse. Mas é melhor tu e o Sam terem cuidado. Talvez fosse boa ideia tentar amaciá-lo um pouco da próxima vez que fores tocar.

– Não vou fazer nada disso! – protestou Beth, indignada.

Theo suspirou

– Minha querida, escuta o meu conselho. Desarma sempre os teus inimigos com encanto. Resulta muito melhor do que punhos, pistolas e facas.

Quando o fiacre se deteve diante do prédio de Beth, Theo pegou na mão dela.

– Agora tenho de voltar para lá, mas posso levar-te a algum lado amanhã?

Beth sorriu, a sua alteração com Heaney quase varrida pelo convite.

– Gostaria muito – disse.

– Nesse caso, venho buscar-te à uma. Agora, que tal um daqueles maravilhosos beijos?

A escada estava mergulhada na mais absoluta escuridão, como sempre. O único candeeiro a gás ficava junto à porta, e há muito que fora apagado. Beth sentia-se como se tivesse sido enfeitada enquanto subia às apalpadelas até ao último andar. O beijo de Theo incendiara-a, sentia o coração a bater loucamente e estava ofegante da subida. Tropeçou várias vezes nos degraus, mas a excitação

que a dominava por ir voltar a ver Theo no dia seguinte afastava qualquer pensamento da cena com Heaney.

Uma vez no quarto e acendido o candeeiro a petróleo, deixou-se cair em cima da cama, ainda a ofegar. Theo desejava-a, e isso era a única coisa que importava.

– Estás encantadora, Beth – disse Theo mal se apeou do fiacre para a cumprimentar, no dia seguinte. – Espero que não tenhas tido de esperar aqui ao frio durante muito tempo?

– Oh, não, acabei agora mesmo de descer – mentiu ela. Na realidade, há mais de vinte minutos que estava à espera no portal, demasiado receosa de ficar em casa não fosse ele entrar pela porta sempre aberta e ver, ouvir e cheirar como era sujo, barulhento e malcheiroso o lugar onde ela vivia.

Bem desejaria saber com mais antecedência aonde tencionava ele levá-la, para poder arranjar na loja de Ira qualquer coisa nova para vestir. Sendo assim, ia ter de usar o mesmo velho casaco castanho, embora tivesse pedido emprestados a Amy uma estola de pele de raposa e um chapéu para o animar um pouco. O vestido era de crepe violeta-escuro, com gola e punhos de renda creme. Um pouco antiquado, uma vez que fora uma oferta de Mrs. Langworthy.

– Pensei levar-te a Central Park – disse Theo, enquanto a ajudava a subir para o fiacre. – As árvores devem estar lindas, com as suas cores de Outono, e depois vamos a um restaurante que conheço e que fica perto.

Beth não ia a Central Park desde Agosto, quando a erva estava castanha devido à falta de chuva. Então, até as folhas das árvores pendiam flácidas e cobertas de pó. Agora, porém, a beleza voltara, a relva era um manto luxuriantemente verde e as árvores pinceladas de amarelo, vermelho, dourado e castanho a brilhar ao sol.

Passaram de braço dado à volta do lago, e Theo contou-lhe que ganhara muito dinheiro na noite anterior, no Heaney's.

– Não vou lá voltar nos próximos tempos – disse. – O Heaney é má peça e não me espantaria nada que pagasse a alguém para me atacar e roubar quando saísse. Ele sabe que te acompanhei a casa ontem à noite, de modo que, se te perguntar alguma coisa a meu respeito, diz que mal me conheces e que só nos vimos uma vez no navio, quando vínhamos para cá.

– E é só o que posso dizer – respondeu ela, maliciosa. – Não sei muito mais a teu respeito.

Ele riu.

– Uma situação que eu tenciono corrigir hoje. Muito bem, o que é que gostarias de saber?

Sentaram-se num banco junto ao lago e ele falou-lhe dos pais, do irmão mais velho, das suas irmãs mais novas e da casa da família.

Beth ficou com a imagem de uma mansão rodeada de campos cultivados, com uma alameda ladeada de árvores a desembocar no grande pátio diante da porta principal. Theo tinha sido educado em casa, por uma preceptora, e, mais tarde, num colégio interno. O pai geria pessoalmente a propriedade e Theo descreveu-o como um homem brusco, teimoso e egoísta que não tinha paciência para quem não fosse forte, ou não montasse ou caçasse tão bem como ele.

– Felizmente para mim, montava e caçava tão bem, senão melhor, do que ele – acrescentou, com um sorriso. – Mas isso não bastava para compensar a minha falta de interesse pela agricultura, nem a minha reputação de mulherengo. Ele acusava a minha mãe de ser a culpada destes defeitos, mas a verdade é que a acusava de ser a culpada de quase tudo.

Disse que a mãe era uma mulher carinhosa mas frágil, incapaz de fazer frente ao autoritário marido. O irmão mais velho era igual ao pai, e Theo sentia que não tinha nada em comum com qualquer um deles. Gostava muito das irmãs, mas elas eram, infelizmente, muito parecidas com a mãe, indecisas, fracas e sem opiniões próprias, de modo que, pensava, estavam condenadas a casar com homens iguais ao pai.

– Eu sou a ovelha ronha – disse, com um encolher de ombros. – Sempre quis mais do que me era oferecido... excitação, cor e novas experiências. A ideia de viver o género de vida tranquila que o meu pai aprovava, e que inevitavelmente significaria casar com alguém apropriado, enchia-me de horror. Queria aventura, e quando casar será também uma aventura, com uma mulher capaz de pensar por si mesma, apaixonada, com sentido de humor. Não quero que os meus filhos sofram o género de formalismo em que fui criado.

Beth pensou secretamente que aquela descrição poderia aplicar-se a ela, mas guardou este pensamento para si e contou-lhe que estivera destinada a ser a filha obediente e caseira até que a morte dos pais a empurrara para um género diferente de servidão.

Disse que o pai morrera de um ataque cardíaco e a mãe ao dar à luz Molly, mas passou rapidamente para a parte em que fora trabalhar para os Langworthy, aligeirando a história ao deixar bem claro como os dois tinham sido bons para ela.

– Não estava com muita vontade de sair de Inglaterra – admitiu. – Mas era o melhor, e Mrs. Langworthy escreve-me de vez em quando a dizer como está a Molly.

– És uma rapariga muito corajosa – disse Theo, pensativamente. – Muito poucas conseguiriam enfrentar tanta coisa com tão pouca idade. Tenho a certeza de que os teus pais se orgulhariam de ti.

Beth riu.

– Não estou muito segura de que aprovassem o facto de eu tocar violino num bar.

– Estás a usar um talento que Deus te deu, e ao fazê-lo tornas muitas pessoas felizes. Para mim, isso é louvável.

– Antigamente, o meu sonho era tocar piano no salão de um hotel elegante – disse ela. – Certamente, não esperava acabar a viver num pardieiro e a trabalhar para um bandido.

Theo abanou a cabeça, divertido.

– Não tardarás a subir na vida. O Sam falou-me, ontem à noite, dos seus planos para trabalhar numa casa de jogo. E eu acredito que vai conseguir: é esperto, tem encanto e, além disso, tem-te a ti. A minha aposta é que os dois hão-de fazer fortuna.

– É preciso dinheiro para começar – suspirou Beth.

– Nem sempre. – Theo sorriu e fez-lhe uma cócega debaixo do queixo. – O encanto e a boa vontade encontram sempre quem os apoie. Tenho um tio muito pouco respeitável a quem se diz que saio. O conselho que me deu, certa vez, foi que nunca se deve investir o nosso próprio dinheiro num negócio. Tem vivido de acordo com esta regra e amealhou uma fortuna.

– E tu, quais são os teus planos? – perguntou ela.

– Por agora, ver quanto dinheiro consigo ganhar em Nova Iorque, enquanto mantenho os ouvidos atentos aos rumores a respeito da próxima *boomtown*.

– *Boomtown*? – exclamou Beth. – O que é isso?

Theo chupou as bochechas para dentro.

– Como São Francisco em 49, por exemplo. Era uma pequena aldeia de pescadores, até que descobriram ouro nas redondezas. Então foi invadida por dezenas de milhar de pessoas e fizeram-se fortunas.

– Mas foram poucos os que encontraram ouro – disse Beth, recordando o facto das suas lições de História.

– Os verdadeiramente espertos não vão à procura daquilo que provocou a corrida, seja ouro, diamantes ou prata – explicou Theo, com uma pequena gargalhada. – É sempre um trabalho muito duro, e são poucos os que conseguem ficar ricos. Os verdadeiramente espertos, as pessoas como tu e eu, vão para oferecer serviços, lojas, bares, hotéis, restaurantes, salões de dança e de música.

Beth riu.

– E eu toco violino num desses lugares e eles atiram-me pepitas de ouro?

– Exactamente – disse Theo, com um sorriso. – Não teria graça nenhuma para eles serem ricos sem poderem gastar à louca.

– Mas de certeza, por esta altura, já todo o ouro, diamantes e prata foram descobertos?

– Não necessariamente. Há grandes partes da América que continuam em estado praticamente selvagem, e quem sabe o que poderá estar escondido

debaixo do chão? Mas as *boomtowns* podem surgir por outros motivos. O caminho-de-ferro, por exemplo... por onde ele passa, as pessoas querem casas, lojas e tudo o mais.

– E casas de jogo? – perguntou ela, arqueando ironicamente uma sobrancelha.

Ele sorriu, com um brilho de malícia nos olhos escuros.

– E casas de jogo.

– Bem, se souberes de uma dessas *boomtowns*, não te esqueças de dizer ao Sam e a mim. Teríamos muito gosto em ir contigo.

Theo estivera sentado com o braço em cima das costas do banco, e subitamente passou-o para os ombros dela.

– Não consigo imaginar duas pessoas mais indicadas para me acompanharem – disse. – O Sam ameaça ser uma força a ter em conta, determinado como é. Quanto a ti, com o teu violino, serás um trunfo em qualquer lado.

Beth pensou que ele ia beijá-la, mas Theo deve ter-se lembrado que não era adequado beijar uma jovem em público, pois, de repente, disse que começava a fazer frio e que era tempo de procurarem um café para se aquecerem.

Enquanto saíam do parque, Beth pensou em como ele era perfeito: atraente, um cavalheiro e, ainda por cima, divertido.

Jack fora também uma companhia agradável, mas em comparação com Theo era apenas um rapaz, sem refinamento nem educação. Quando lhe pegava na mão era desajeitadamente, beijava-a com sofreguidão e não tinha a capacidade de dizer coisas que fizessem uma rapariga tremer e palpitar.

Quando Theo lhe pegava na mão, o polegar dele acariciava o dela; se lhe punha a mão na cintura, apertava-a muito ao de leve. Descobriram um pequeno café do outro lado da rua em frente do parque e, quando se sentaram, ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios, não só para a beijar, mas para tocar delicadamente com a ponta da língua em cada um dos dedos dela.

– O que eu queria era beijar-te na boca, mas isto vai ter de servir, por enquanto – sussurrou.

Era o inesperado dos pequenos toques e elogios dele que os tornava tão excitantes.

Ele estava a falar do drama de alguns imigrantes que, incapazes de encontrar um lugar onde viver, tinham sido apanhados a tentar acampar debaixo dos arbustos em Central Park, mas interrompeu-se repentinamente para afastar uma madeixa de cabelo que se escapara de baixo do chapéu de Beth.

– Os teus olhos são como fundos lagos de floresta – disse, e logo a seguir voltou ao que estava a dizer.

Enfiou um dedo por baixo da manga do casaco dela, como para lhe medir o pulso, e a intimidade do gesto fê-la corar.

– A tua pele é suave e macia como a de um bebé – sussurrou.

Quando Beth deixou cair a colher no chão, porque Theo a deixava atropalhada, ele baixou-se para a apanhar e pousou a mão na perna dela, logo acima do cano da bota que lhe chegava ao tornozelo.

Mas não era apenas o contacto da mão dele que a incendiava, era também a maneira como falava. A voz era profunda, mas suave e culta, e quase tudo o que lhe dizia, fosse a respeito da sua vida em Inglaterra ou das pessoas que conhecera desde que chegara à América, era tão vividamente descrito que ela via as imagens como num livro.

– Miss Marchmont, a minha senhoria, vive com grandes dificuldades – contou-lhe. – Tem um ar de duquesa, apesar de ser velha e frágil e de o seu único rendimento ser a renda dos quartos que aluga. Passa os dias sentada num cadeirão de veludo desgastado pelos anos, com um xaile de renda à volta dos ombros, e dá ordens à sua única criada como se continuasse a controlar uma vasta criadagem. A casa está a cair, de tanto abandono, os tapetes estão no fio, uma espessa camada de pó cobre os retratos, os espelhos e os ornamentos, mas ela continua a convidar-me para o chá e manda a criada servi-lo no velho e amolgado bule de prata. É verdadeiramente magnífica!

– A criada limpa o teu quarto? – perguntou Beth, preocupada com a ideia de ele viver em más condições.

– Limpa, sim. Julgo que sabe que se os inquilinos se forem embora deixará de haver dinheiro para lhe pagar o ordenado. Mas a pobre criatura tem tanto que fazer que não lhe resta tempo para limpar como deve ser os aposentos da patroa.

– Também é velha?

– À volta dos cinquenta. Toda a vida trabalhou para Miss Marchmont. Mas tu não queres ouvir histórias tristes a respeito de senhoras de idade. Fala-me das pessoas que vivem no teu prédio.

Foi talvez por ele descrever as pessoas de uma forma tão vívida que Beth deu por si a fazer o mesmo. Falou-lhe do irlandês maluco do primeiro andar que gritava a todos os que lhe passavam diante da porta, e do estranho homenzinho polaco que descia a rua com passos curtos e apressados a apertar uma sacola de couro castanho contra o peito, os olhos a saltitar de um lado para o outro como se transportasse segredos de Estado e acreditasse que alguém queria roubar-lhos. Theo riu à gargalhada, o que fez as outras pessoas presentes no café voltarem-se para olhar.

– Acho que são horas de irmos jantar – disse, ainda a rir e voltando a pegar-lhe na mão para a beijar. – É tão bom estar com uma mulher bonita que também me faz rir. Descobri que a maior parte das mulheres bonitas não tem sentido de humor.

Quando chegou o Dia de Acção de Graças, em Novembro, Beth estava tão profundamente apaixonada por Theo que não conseguia pensar noutra coisa

desde que abria os olhos, de manhã, até que voltava a adormecer, à noite.

Sentia que também ele a amava, apesar de nunca lho ter dito, porque fazia sempre um esforço para a ver uma vez por semana, mesmo quando tinha de sair de Nova Iorque para tratar de negócios. E não a abandonara por ela não o deixar aproveitar-se da situação.

Perguntara-lhe se podia subir até ao quarto dela da segunda vez que tinham saído, mas ela recusara porque sabia que muito provavelmente se deixaria arrebatada pelos seus beijos e carícias quando estivessem os dois sozinhos.

No terceiro encontro, sugerira levá-la a passar a noite num hotel. Ela fingira-se ofendida pela sugestão, mas a verdade era que se sentira tentada, porque ao menos os vizinhos não saberiam o que andava a fazer. Mas a doce razão prevalecera; só precisara de pensar no que tinha acontecido à mãe para saber que não podia correr o risco, não só de engravidar, mas também de Theo a pôr de lado depois de ter conseguido o que queria.

Desde então, Theo não se cansara de repetir quanto a desejava, mas apesar de recorrer a uma enorme quantidade de gentil persuasão, nunca tentara forçá-la. E quando falava do futuro, era como se os seus planos a incluíssem a ela.

Por mais que as longas ausências de Theo a entristecessem, Beth ficou aliviada por ele continuar para fora à medida que o Dia de Acção de Graças se aproximava. Amy e Kate tinham decidido que o primeiro Dia de Acção de Graças de Sam e de Beth na América tinha de ser devidamente assinalado e planeavam preparar-lhes um tradicional jantar de peru.

Uma vez que tinham tão pouco espaço no seu próprio apartamento, tinham pedido a Beth que as deixasse cozinhar no dela, e sugerido que os Rossini fossem igualmente convidados. Beth dissera a Sam que convidasse a namorada, mas a expressão de horror dele deixara bem claro que não tinha a mínima intenção de levar a sua apaixonada para um jantar com duas prostitutas e um velho casal italiano que só falava um arremedo de inglês.

No entanto, à medida que o dia se aproximava, o entusiasmo de Amy por aquela refeição especial começou a contagiar Beth e Sam. Sam levou para casa uma velha porta e montou-a em cima de um par de cavaletes para fazer uma mesa suficientemente grande para todos; pediram cadeiras emprestadas aos outros inquilinos do prédio; Ira emprestou-lhes uma toalha bordada e Mrs. Rossini desencantou nas suas velhas receitas de família a de uma sobremesa especial.

Amy e Kate excederam-se na preparação do jantar. Às seis horas, estava tudo pronto, o peru de um profundo castanho-dourado e os vegetais perfeitamente cozidos. Preparavam-se para ocupar os respectivos lugares à volta da mesa quando Jack apareceu.

Beth vira-o algumas vezes desde a separação, quase sempre no Heaney's, onde só podia acenar-lhe de longe, mas ele passara um par de vezes pela loja de

Ira para dizer olá. Da primeira vez, ela receara que andasse a persegui-la, mas quando Jack deixara bem claro que queria apenas vê-la, referindo inclusivamente uma rapariga que levava a dançar, Beth ficara contente por poderem voltar a ser amigos.

– Não teria vindo se soubesse que tinham companhia – disse Jack, um pouco embaraçado. – Trouxe carne e fruta.

– É um prazer ver-te e és mais do que bem-vindo – respondeu Beth, tirando-lhe o saco das mãos. Continha várias costeletas de borrego, algumas salsichas, laranjas e maçãs. – Obrigada. Foste muito gentil.

– O patrão deu a todos um saco de coisas para o Dia de Acção de Graças – explicou ele, envergonhadamente. – Demasiado para eu comer sozinho.

A inesperada chegada de Jack acabou por revelar-se uma bênção, porque ele teve artes de transformar uma festa sem graça num alegre e ruidoso evento.

Fez Amy e Kate rir à gargalhada, poupou a Sam o embaraço de ter de distrair todas as mulheres e, uma vez que aprendera um pouco de italiano com alguns colegas de trabalho, pôde incluir os Rossini na conversa.

Beth notou que o tosco rapaz com poucas ou nenhuma graça sociais que conhecera no navio se tinha transformado num homem cheio de confiança e muito divertido. O duro trabalho físico tinha-lhe dado músculo, o rosto anguloso tornara-se mais cheio e a cicatriz dava-lhe um carácter especial. Contou-lhes histórias cheias de humor a respeito dos homens com que trabalhava, mas temperadas por uma grande compreensão pelos problemas que muitos daqueles imigrantes enfrentavam.

Beth viu-o namoriscar com Amy e Kate e adivinhou que adquirira muita da sua confiança através de mulheres. Riu quando ela lhe perguntou se tinha namorada e respondeu, encantadoramente, que o seu coração continuava à guarda dela. Mas o próprio comentário provava que alguém era responsável por tê-lo polido. Nunca teria dito uma coisa daquelas nos tempos em que passeavam juntos.

No fim da noite, todos eles tinham bebido demasiado vinho. Os Rossini beijaram toda a gente em ambas as faces e agradeceram profusamente antes de irem para a cama. Também Amy e Kate se retiraram, e foi só quando Jack ficou, sentado na cama de Sam, que Beth receou que ele fosse tornar-se difícil.

Mas estava enganada.

– Espero que não pensem que vim aqui esta noite à procura de um jantar à borla – disse, olhando de Beth para Sam. – Não é nada disso. Vim porque há dias ouvi uma coisa que me preocupou.

– A respeito da Beth? – perguntou Sam.

– Não, não foi a respeito de nenhum de vocês, foi a respeito do Pat Heaney. Vêm aí sarilhos, ele arranjou problemas com um sujeito chamado Fingers

Malone. Tanto o Fingers como o Heaney têm um gangue por trás, tipos que andam nesta vida desde muito novos.

Sam assentiu.

– Ouvi falar disso. E também conheci o Fingers... costumava ir ao bar todas as noites, quando comecei a trabalhar lá.

– Sim, bem, o que corre por aí é que vai haver um ajuste de contas, em breve. Não vai ser apenas uma coisa entre o Heaney e o Fingers, pode descambar numa guerra entre gangues. Achei melhor avisá-los, para poderem sair de lá ao primeiro sinal de sarilhos.

– Vamos seguir o teu conselho – disse Sam, um tudo-nada secamente, como se estivesse ofendido por Jack saber daquilo primeiro do que ele.

– Não é só isso. – Jack olhou fixamente para Sam. – Estou preocupado com a segurança da Beth. Ela é valiosa para o Heaney, e o Fingers sabe disso. Pode até pensar que está com ele.

– Como pode alguém pensar uma coisa dessas? – exclamou Beth.

– Talvez porque o Heaney queira que as pessoas o pensem – respondeu Jack

*

Jack saiu pouco depois, e mal a porta se tinha fechado e já Sam estava a afirmar que tudo aquilo era puro disparate.

– O que é que ele sabe? Não deve passar de um boato mal-amanhado que ele apanhou sabe-se lá onde e que está a usar para parecer importante.

– Isso é muito feio – protestou Beth, indignada. – Só estás furioso por o Jack ter sabido antes de ti. Mas ninguém se atreveria a dizer-te fosse o que fosse; estás demasiado próximo do Heaney, e as pessoas teriam medo de que o avisasses.

– Eu, próximo do Heaney! – Foi a vez de Sam se indignar. – Não suporto o homem!

– Não é o que parece às outras pessoas. Todos sabem que ele confia em ti.

– O que o Jack quer é voltar a aproximar-se de nós – disse Sam, depreciativamente. – Que melhor maneira de o fazer do que inventar uma história a respeito de estares em perigo? Quando deres por ela, está a oferecer-se para te acompanhar a casa todas as noites; tem ciúmes porque ouviu dizer que andas a sair com o Theo.

Beth estava menos preocupada com as rivalidades entre gangues do que com Theo, que continuava ausente. Sempre que tocava no bar, examinava os rostos à sua volta, na esperança de o ver.

Sam tomou a precaução de levá-la a casa de fiacre depois das actuações,

mesmo que isso significasse que tinha de voltar ao bar para servir os clientes durante as sessões de jogo particulares. Mas fazia questão de deixar claro que era o que um irmão devia fazer e que não tinha nada a ver com o que Jack dissera.

Nevou na noite do segundo aniversário de Molly, em meados de Dezembro, e Beth acordou para encontrar a cidade sob um manto branco que despertou nela dolorosas recordações do nascimento da irmã e da morte da mãe. Sempre se esforçara muito por não pensar na mãe. Mesmo quando enviara uma prenda e um postal por ocasião do aniversário de Molly, duas semanas antes, cingira os seus pensamentos a como a irmã seria agora, não à maneira como tinha nascido. Mas com Theo ainda ausente e sem notícias dele, não conseguia impedir-se de sentir que tinha sido posta de lado, tal como a mãe.

Vieio mais neve e as lojas de Nova Iorque estavam lindas, todas enfeitadas para o Natal. Muitas das mais elegantes tinham instalado a nova luz eléctrica, e quando a escuridão descia sobre as ruas, as suas montras fantásticamente decoradas refulgiam de luz e cor. Até as lojas mais pequenas e as bancas de rua ostentavam enfeites e reforçavam o número de candeeiros a petróleo, havia grandes árvores de Natal em muitas praças e o ar estava carregado do cheiro rico das castanhas a assar em fogões a carvão.

Beth comprou prendas – um cachecol de lã azul para Sam, sabonetes perfumados para Kate e Amy, um frasco de água-de-colónia de alfazema para Ira – e esperou que o bonito vestido vermelho e a boneca de trapos que enviara para Molly chegassem a tempo do Natal. Queria comprar um presente também para Theo, mas decidiu esperar um pouco mais, para ver se ele voltava a aparecer.

Dois dias antes da Véspera de Natal, e ainda sem notícias, Beth estava muito triste. A azáfama na loja fora constante durante todo o dia, e os constantes gritos de «Feliz Natal» quando os clientes saíam faziam-na sentir-se ainda pior, sabendo que não tinha ninguém especial com quem passar o dia.

Ira, que de certeza notara que ela não estava bem, sugeriu, inopinadamente:

– Querida, devias pedir ao Jack que te leve a dançar. Não vais ficar pendurada à espera de um homem que não tem sequer tempo para escrever-te uma carta quando está longe para te dizer que pensa em ti.

Beth não gostava que Ira fizesse este género de comentários. Amouu durante algum tempo, mas, a meio da tarde, passou-lhe e provou um bonito vestido rosa-escuro que, como Ira observara, era perfeito para ela.

Ira tinha razão, e quando Beth perguntou se podia comprá-lo, Ira disse que gostaria de lho oferecer, como prenda de Natal.

– És uma boa rapariga... nem sei como consegui governar-me antes de teres aparecido – disse Ira, com os olhos ligeiramente húmidos. – Oferecer-te um vestido que foi feito para ti é o menos que posso fazer para te agradecer.

– Nesse caso, não vou ficar pendurada à espera do Theo – respondeu Beth. – Vou aceitar o convite que os Rossini nos fizeram, a mim e ao Sam, para passar o Natal com eles. E se o Jack estiver no Heaney's esta noite, talvez até sugira que me leve a dançar.

Fazia um frio cortante quando saiu da loja, às cinco da tarde. Enfiou o embrulho com o vestido novo debaixo do braço, enrolou o cachecol à volta do pescoço e, com as mãos metidas no regalo de pele que Ira também lhe dera, encaminhou-se para o mercado com a intenção de comprar fruta e doces para partilhar com os Rossini.

Havia uma nova alegria nos rostos das pessoas enquanto Beth descia a Bowery. Um músico ambulante tinha enfeitado o seu realejo com estrelas de papel de estanho e tocava «Noite de Paz», e viu um grupo de crianças observarem, fascinadas, um homem numa banca dar corda a alguns brinquedos mecânicos. Parou para ver um urso tocar pratos e um homem a remar num barco. Ainda pensou em comprar o urso e mandá-lo para Molly, mas decidiu que o mais certo era acabar partido nos correios.

Dobrou a esquina e, depois da luz intensa da Bowery, a escuridão era como um manto negro. Sentiu alguém atrás de si, mas isso não tinha nada de invulgar, àquela hora do princípio da noite.

Quando uma mão lhe agarrou um ombro, deixou cair o embrulho, assustada.

– Não faças barulho – disse uma voz rouca de homem. – Tenho uma faca apontada às tuas costas.

Imobilizou-se, pois sentia qualquer coisa a fazer-lhe pressão no casaco. O seu primeiro pensamento foi que o homem queria roubá-la, o que não era invulgar naquela área.

– Só tenho um par de dólares – disse. – Mas pode levá-los.

– Vales mais para mim do que um par de dólares – rouquejou o homem. – Agora continua a andar, faz o que eu te disser e vai correr tudo bem. Se deres um pio, espeto-te a faca.

CAPÍTULO 16

—Onde está a tua irmã? — perguntou Pat Heaney a Sam. Tirou o relógio do bolso do colete e olhou para ele. — Qual é o jogo dela? São quase oito e meia!

O bar estava apinhado e Sam andara tão atarefado durante a última hora que nem dera pela passagem do tempo. Mas, ao ouvir as palavras de Heaney, olhou para o relógio pendurado na parede atrás do balcão.

— Não sei onde ela está — disse, sentindo no mesmo instante um arrepio gelado descer-lhe pela espinha, porque Beth nunca se atrasava. — Hoje trabalhou na loja, como de costume. O Pitosga foi lá comprar qualquer coisa e viu-a.

O Pitosga era o faz-tudo do bar e merecera a simpática alcunha pelo facto de ser míope como uma toupeira e usar uns óculos de grossas lentes.

— Se ela me deixa ficar mal esta noite, pode dizer adeus ao lugar — rosnou Heaney.

— Claro que não vai deixá-lo ficar mal — respondeu Sam, defensivamente. — Mesmo que tivesse adoecido, tinha-lhe mandado recado.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa à velha coruja da Roebing — disse Heaney. — Vou mandar o Pitosga verificar.

Havia homens a pedir aos gritos de beber, e, enquanto lhes servia canecas de cerveja e recebia o dinheiro, Sam lembrou-se do aviso de Jack.

Ficara convencido de que Jack inventara toda aquela história a respeito da guerra entre Fingers Malone e Heaney como uma artimanha para voltar a aproximar-se dele e de Beth. A única razão que o levava a acompanhar a irmã a casa todas as noites era não lhe dar uma desculpa para se intrometer.

Agora, no entanto, o alerta já não lhe parecia assim tão fantasioso, e por isso continuou a servir bebidas com um olho na porta. Quando o Pitosga voltou, dez minutos mais tarde, e se dirigiu a Heaney, não conseguiu esperar mais. Abandonou o balcão e abriu caminho por entre a multidão de bebedores até ao patrão.

— Alguma novidade? — perguntou.

– Saiu da loja às cinco – grunhiu Heaney. – Tencionava passar pelo mercado antes de ir para casa. É melhor ires ver se lá está.

Sam correu o caminho todo até Houston Street, as pernas a funcionarem como pistões. Galgou os degraus da escada aos dois de cada vez e irrompeu no apartamento. Mrs. Rossini estava na cozinha e olhou para ele, surpreendida.

– A Beth veio a casa? – perguntou Sam.

Mrs. Rossini abanou a cabeça e disse qualquer coisa em italiano. Sam adivinhou que estava a tentar perguntar-lhe porque parecia tão preocupado. Mas não tinha tempo para procurar palavras que ela compreendesse, e entrou no quarto. O estojo do violino estava pousado no chão, junto à janela, exactamente no mesmo sítio onde o vira antes de sair, ao meio-dia, para ir trabalhar. Olhou para os vestidos que ela usava para tocar, e todos os três continuavam pendurados na parede.

Apercebeu-se de que era possível que Theo tivesse voltado, a tivesse encontrado à saída da loja e levado para um lado qualquer. Em circunstâncias normais, Beth não iria a parte nenhuma sabendo que era esperada no bar, mas, como bem sabia, o coração sobrepõe-se sempre à cabeça quando anda romance no ar, e havia semanas que ela andava a chorar por Theo.

No entanto, mesmo que fosse esse o caso, teria passado por ali primeiro para lhe deixar uma nota, quanto mais não fosse para lhe pedir que dissesse a Heaney que estava doente.

Amy e Kate tinham saído e ninguém da família irlandesa que partilhava o apartamento com elas vira Beth.

Correu de volta ao Heaney's. Estava, agora, verdadeiramente assustado. A segurança de Beth era a sua principal preocupação, mas não lhe agradava nada a ideia de ter de dizer a Heaney que ouvira rumores a respeito de Fingers Malone e não os divulgara.

Na sala das traseiras do bar, Sam disse a Heaney que receava que Fingers tivesse raptado Beth e porquê, e, como seria de esperar, o homem ficou furioso.

– Ouviste dizer que o Fingers ia declarar-me guerra e não me avisaste? – rugiu.

Sam pediu desculpa e explicou que não tinha acreditado.

– Fui avisado para olhar pela Beth. Por isso tenho tanto medo de que o tenham feito.

Estava à espera de ver Heaney trocar daquilo, mas ele não o fez. Em vez disso, coçou a cabeça e fez um ar preocupado.

– Tê-la-ão levado? – perguntou Sam.

– Como raios queres que saiba? – rosnou Heaney. – Mas uma coisa é certa, não tardaremos a saber se o filho da mãe a tem, porque vai exigir alguma coisa.

Não queria saber dos medos de Sam. Era evidente, pela sua agitação, que o

que o preocupava não era a segurança de Beth e sim o ataque ao seu prestígio.

– Volta para o teu trabalho e não fales disto a ninguém – ordenou.

Sam teve vontade de esmurrar aquele patife por ser tão insensível. Queria que ele subisse ao palco, anunciasse que Beth tinha desaparecido e perguntasse se alguém sabia alguma coisa. Mas a razão prevaleceu, pois apesar de ter a certeza de que a esmagadora maioria dos homens presentes no bar ajudaria de boa vontade a procurar Beth, Nova Iorque era muito grande. Beth podia estar sabia-se lá onde, e dúzias de homens a correrem às cegas de um lado para o outro com o sangue a ferver só serviria para arranjar mais sarilhos.

Foi a noite mais longa que alguma vez passara. Teve de ouvir Heaney anunciar que Beth não poderia tocar, ver o desapontamento na cara dos homens e ouvi-los perguntarem-lhe constantemente se ela estava doente.

Heaney mandou-o para casa à meia-noite.

– Não vão fazer nada antes de amanhã – disse, dando uma palmada no ombro de Sam, o que era o mais perto que conseguia chegar de mostrar qualquer coisa parecida com compreensão. – Não é a primeira vez que passo por este género de coisa, rapaz. Vão fazer-nos suar antes de mostrarem o jogo.

Sam suou, sem dúvida. Deitado na cama, a olhar para a cama vazia de Beth, amaldiçoou-se a si mesmo por ter ignorado o aviso de Jack. Fora pura arrogância da sua parte; não quisera admitir que um homem que considerava seu inferior soubesse mais do que ele. Nunca aprovara a amizade de Jack com Beth, e no entanto fingira que sim porque isso o desobrigava de tomar conta da irmã e lhe permitia passar mais tempo com outras mulheres.

Até àquela noite, orgulhara-se das suas muitas conquistas. Saber que era capaz de, com as suas falinhas mansas, levar qualquer rapariga para a cama fazia-o sentir-se forte. Mas agora, quando pensava em Polly, Maggie, Nora e, mais recentemente, Annie, tinha vergonha de si mesmo. Todas elas eram atrizes ou bailarinas, raparigas que já tinham sido arruinadas por outro qualquer, alvos fáceis na medida em que eram vulneráveis e estavam desesperadas por amor. Na realidade, sabia que todas elas acabariam provavelmente por tornar-se prostitutas mais cedo ou mais tarde. Não compreendia agora como pudera ser tão hipócrita em relação a Jack, pois apesar de o rapaz ser um pouco rude, sempre tratara Beth com o maior respeito e verdadeiro afecto.

Theo, pensando bem, era um animal muito mais perigoso. Era não só atraente e bem-educado mas também melífluo e calculista. Sam vira-o jogar póquer várias vezes e ficara espantado pela sua frieza e sofisticação. No último jogo no Heaney's, ganhara mais de quinhentos dólares, mas comportara-se como se aquilo não fosse nada. Qualquer irmão digno desse nome teria movido Céu e Terra para impedir que a irmã se envolvesse com um homem assim. Mas ele admirava-o abertamente e dera a sua bênção àquela relação.

Sentiu-se invadir pela náusea ao pensar que Beth podia ter seguido o mesmo caminho que a mãe. Recordou que não mostrara a mais pequena compreensão para com ela, e envergonhou-se por ter querido abandonar a criança recém-nascida. Fora Beth que segurara todas as pontas. Se não fosse a inteligência e a personalidade dela, nunca teriam sido convidados para ir viver em Falkner Square e era duvidoso que tivessem sequer conseguido chegar à América.

Desejava agora que nunca tivessem vindo e começou a dar voltas à cabeça a perguntar-se onde poderia ela estar e em que condições estaria a ser detida. Sabia que não seria um lugar confortável nem quente; os homens como Fingers viviam como animais. Mas ainda mais aterradora era a possibilidade de nunca mais voltar a vê-la. Não imaginava Heaney a aceitar pagar um resgate por ela. Vê-lo-ia como um sinal de fraqueza. E Fingers nunca a libertaria sem ser pago; mais depressa a mataria do que aceitaria ser desfeitoado.

Às quatro da manhã, quando era ainda noite escura, Sam saiu de casa para ir procurar Jack. Desconhecia onde ele vivia, mas sabia que trabalhava no matadouro junto ao East River e começava muito cedo de manhã.

O frio era intenso, com uma espessa camada de neve coberta de gelo que ficara dos dias anteriores. Sam caminhava depressa para se aquecer, mas sentia-se doente de ansiedade e privação de sono.

*

Também Beth fora incapaz de dormir. O frio era tanto que lhe passara pela cabeça que poderia matá-la. Durante as primeiras três horas após ter sido empurrada sem cerimónias para uma cave escura, andara de um lado para o outro a gritar, mas, finalmente, o cansaço obrigara-a a sentar-se no que lhe pareciam ser velhos caixotes de madeira.

Havia água no chão, que se infiltrara nas suas botas, e o ar cheirava mal. Se era da fuga de um esgoto, de qualquer coisa podre que estava ali com ela ou consequência da idade do prédio, Beth não sabia, mas não se sentia inclinada a procurar às apalpadelas no escuro para descobrir.

Não sabia que estava num dos becos de Mulberry Bend, a mesma área aonde ela e Sam tinham acidentalmente chegado na sua primeira noite na América. Tomara atenção ao caminho que o homem da faca a obrigava a seguir na esperança de conseguir distraí-lo num ponto qualquer e fugir. Mas ele não lhe dera a mais pequena hipótese, mantendo-a firmemente agarrada pelo ombro e com a faca encostada às costas.

Nunca o tinha visto. Era alto e poderosamente constituído, com feições rudes e deformadas que sugeriam que talvez fosse um ex-pugilista. As mãos eram enormes, grandes como presuntos, e os poucos dentes que lhe restavam escuros e

partidos. Pelos padrões de Mulberry Bend, estava bem vestido – um grosso sobretudo de lã escuro com gola de veludo e chapéu-de-coco –, mas tinha o cheiro que ela aprendera a reconhecer como sendo o dos habitantes dos bairros degradados: mofo, tabaco e fumo de lenha.

Sabia que o homem devia ter recebido ordens para a capturar, porque se o seu objectivo fosse o roubo ter-lhe-ia tirado o que levava e desaparecido. E estava sem a mínima dúvida a agir por conta de Fingers, porque tentara argumentar com ele, dizendo-lhe que iria de boa vontade tocar para o salão de Fingers e que não devia qualquer espécie de lealdade a Heaney. O homem parecera ficar sobressaltado ao ouvir o nome de Fingers e dissera-lhe que estivesse calada. Ela não se calara, continuara a defender a sua causa, mas então ele batera-lhe na cara.

Levou cuidadosamente os dedos à face inchada. A pancada fora como ser atingida por um martelo de forja. Ficara tão aturdida que mal conseguia ver, e ele agarrara-a pelo braço e levava-a quase de rastos até ali.

Houvera dúzias de pessoas à sua volta. Nos estreitos e fétidos becos aonde tinham acabado por ir parar, um grupo de homens olhara para eles com curiosidade. Infelizmente, pensara Beth, isso não significava que a ajuda estivesse próxima, pois Fingers não teria de certeza mandado que a levassem para ali se não soubesse que podia contar com a lealdade dos habitantes locais.

Não fazia ideia de que horas eram, mas tinha a sensação de que ainda devia ser noite, pois não via a mais pequena fresta de luz fosse onde fosse. A ideia de que talvez houvesse ratazanas fê-la estremecer e apertar com mais força os braços à volta do corpo, tentando não pensar nisso. Para se distrair, tentou calcular quanto tempo demoraria Sam a perceber o que tinha acontecido.

Sobera, claro, que alguma coisa se passava quando ela não aparecera para tocar. Mas como poderia ele encontrá-la? Seria como procurar um seixo específico numa praia inteira.

CAPÍTULO 17

Quando, às seis da manhã, Jack chegou ao matadouro e encontrou Sam à sua espera, a cor fugiu-lhe do rosto ainda antes de ouvir uma palavra a respeito do que tinha acontecido.

– Vá, di-lo – disse Sam, amarfanhado. – Devia ter dado ouvidos ao que disseste.

Os olhos de Jack brilharam perigosamente, mas ele fez um esforço para controlar-se.

– Suponho que não podias vigiá-la constantemente. – Suspirou. – Ninguém podia, e quem ia esperar que a apanhassem à saída da loja da Ira?

– Que podemos nós fazer, Jack? – perguntou Sam. – Não estou a ver o Heaney mandar a sua gente procurá-la. Vai limitar-se a ordenar-lhes que destruam a propriedade do Fingers, e então a guerra começará a sério.

Jack concordou com um aceno de cabeça.

– Quem me dera poder faltar ao trabalho e ficar contigo, mas não me atrevo. Hoje saio à uma. Vou manter-me atento ao que se diz e encontramo-nos no Heaney às duas.

Sam regressou a casa, mas, a cada passo, o seu medo por Beth aumentava. Fora condescendente, convencido da sua superioridade porque agradava às mulheres e todos o consideravam um cavalheiro. Reinava atrás do balcão do Heaney, nunca se permitindo cair no calão americano porque queria distinguir-se como inglês.

A verdade, porém, era que não passava de um covarde. Nunca em toda a sua vida se envolvera numa luta, tinha medo da violência e, se era honesto, era por não ter coragem para ser outra coisa.

O seu famoso encanto não ia libertar Beth e não tinha dinheiro para pagar um resgate por ela. Que ia fazer?

Beth tremia de frio sentada no seu caixote, a ver finas frestas de luz surgirem entre as tábuas do tecto da cave. Mas embora aquilo lhe dissesse que devia passar das sete da manhã de sábado, não havia mais frestas de luz em parte nenhuma. Algures lá em cima ficava o alçapão por onde tinha descido. Houvera também uma espécie de escada, para a qual o homem a empurrara, mas ela perdera o equilíbrio e escorregara até ao chão. O homem içara a escada antes de fechar o alçapão.

Desejou conseguir lembrar-se de como era a sala lá em cima, mas estivera a debater-se e a chorar enquanto ele a empurrava ao longo de uma estreita passagem perpendicular ao beco, de modo que mesmo quando o homem acendera um fósforo, reparara apenas no alçapão que ele abria.

Ocorreu-lhe então que mesmo que não tivesse visto nada, teria sentido se a divisão que atravessava era ou não habitada. Não vinha qualquer ruído lá de cima, como não viera durante toda a noite, e se lá vivesse alguém não seria normal o seu captor tê-la amordaçado?

Talvez fosse um armazém. Talvez não houvesse mais ninguém em todo o edifício.

Embora isso parecesse bastante improvável. Mulberry Bend e o labirinto de becos e vielas à volta eram, reconhecidamente, a parte mais sobrelotada da cidade. Quem ali tivesse um edifício não deixaria de pô-lo a render usando-o como dormitório a cinco centimos por noite.

Queria chorar, de medo, de frio e de fome, mas estava determinada a não o fazer. Fingers mandara-a raptar porque a considerava valiosa. Não fazia qualquer sentido deixá-la ali para morrer.

A luz através das frinchas do tecto estava a tornar-se um pouco mais brilhante, o que sugeria que a sala lá em cima tinha janelas. Naquela zona, os vidros da maior parte das janelas estavam partidos, de modo que se fizesse barulho suficiente, era possível que alguém ouvisse. Só precisava de encontrar qualquer coisa com que fazer barulho.

Sam estava de volta ao Heaney's às nove da manhã, mas encontrou a porta fechada. Quando espreitou pela janela, viu o Pitosga a varrer a serradura suja do chão.

Atraiu a atenção do homem, que lhe abriu relutantemente a porta.

– Mr. Heaney disse-me que mantivesse a porta fechada e não a abrisse a ninguém – disse.

– Não estava a referir-se a mim – afirmou Sam, deslizando para dentro e voltando a trancar a porta. – Há notícias da Beth?

– Não sei – respondeu o Pitosga, e a sua expressão dizia que não sabia nem queria saber.

O homem era um pouco lerdo, e Sam sabia que não valia a pena continuar a

interrogá-lo. Foi para a sala das traseiras e deitou-se no sofá que lá havia, a tentar decidir o que fazer.

Quando deu por isso, a voz de Heaney ressoava no bar. Levantou-se de um salto e correu para lá, reparando que eram entretanto onze da manhã e que tinha dormido duas horas.

– Estás com mau aspecto – comentou Heaney, passando para o outro lado do balcão e servindo-se de um *whisky*. – Não sei de nada, de modo que vai para casa e lava-te. Continua a funcionar tudo como de costume até que eu diga o contrário.

O tom brusco irritou Sam.

– Não quer saber da Beth para nada, pois não? Só lhe interessa que alguém lhe tenha levado a melhor. Que espécie de homem é você?

– Da espécie que dá murros no focinho de cachorrinhos insolentes – replicou Heaney, despejando a bebida de um só trago. – Agora vai para casa, faz a barba e veste uma camisa lavada.

Jack cumpriu o que prometera. Às duas da tarde estava no Heaney's. Trocara as roupas de trabalho, manchadas de sangue, por um velho casaco de marinheiro azul-escuro e um igualmente velho boné.

– Disseram-me que o Fingers tem uma casa em Mulberry Bend – murmurou a Sam, do outro lado do balcão. – Não sei a morada, e aquilo é como um raio de uma coelheira, mas vou até lá dar uma vista de olhos.

– Queria ir contigo – sussurrou Sam em resposta –, mas o Heaney tem uma fúria se abandono o meu posto.

– Fica aqui, como um menino bonito – respondeu Jack, com um sorriso irónico. – Eu vou sozinho. Além disso, é melhor estares cá quando o Fingers fizer a sua jogada. Precisamos de saber quais são as suas exigências e não podemos confiar no Heaney para nos dizer a verdade.

– Não acredito que ele pague para recuperar a Beth – disse Sam, assustado.

– É por isso que temos de encontrá-la, e se o Fingers lhe fez mal, juro que o mato.

Jack acendeu um cigarro diante de uma casa de penhores em Mulberry Bend, encostou-se à parede e observou impavidamente a rua cheia de gente. Beth contara-lhe como tinha ficado horrorizada e assustada quando ela e Sam se tinham perdido e ido parar àquele lugar, e ele não tivera coragem para lhe dizer que não era muito diferente do sítio onde ele próprio crescera, no East End de Londres, ou, já agora, dos bairros pobres de Liverpool.

A principal diferença era os ingleses constituírem ali uma pequena minoria e talvez metade do resto da população falasse algumas palavras de inglês.

Havia sobretudo italianos, alemães, polacos, judeus de diversas origens e irlandeses, com liberais salpicos de outros países europeus, além dos negros vindos dos estados do Sul. A única coisa que tinham em comum uns com os outros era o desespero da situação em que viviam, pois aquilo não era apenas um gueto de gente pobre, era o fundo absoluto da fossa.

Quem ia para aquele inferno em desespero por não ter outro sítio para onde ir, depressa descobria que as paredes do buraco eram demasiado a pique para que pudesse voltar a sair.

Jack sabia que as rendas que ali se cobravam por um nojento quarto infestado de ratas e percevejos eram na realidade mais altas do que o que se pagava por uma casa decente ou um apartamento completo na parte alta da cidade. Mas aqueles miseráveis imigrantes nunca seriam aceites pelos senhorios dessas casas.

Por todo o Lower East Side, as pessoas só conseguiam pagar rendas altas com salários baixos partilhando com outras, regra geral amigos ou parentes. Ali, porém, o único critério para ter uma espécie de tecto por cima da cabeça era a capacidade de pagar uns poucos cêntimos por noite, isto para dormir no chão no meio de muitos outros.

A viver aquela existência miserável, sem conforto, calor ou até maneira de se manterem limpas, as pessoas depressa se viam apanhadas numa espiral que as arrastava ainda mais para baixo. Dificilmente um homem podia fazer um exigente trabalho físico quando pouco dormia e nunca comia uma refeição decente. E como podia uma mulher coser ou até fazer caixas de fósforos sem ter um espaço e luz para trabalhar? Quem não se voltaria para a bebida quando era a única coisa capaz de embotar o espírito e fazer esquecer o desespero total?

Nas suas redondezas imediatas, Jack contou cinco tabernas, três bares, duas lojas de roupa usada e duas casas de penhores. Achou que aquilo dava uma imagem bastante exacta das necessidades da comunidade.

A única mercearia tinha em exposição frutas e legumes que mesmo à distância se via estarem já longe do seu melhor, e a retrosaria não lhe levava grande vantagem. Havia por todo o lado pessoas a vender coisas. Duas velhas de costas encurvadas vendiam pão duro, e Jack via-as enfiar as mãos dentro de sacos ainda mais sujos feitos de pano de enxerga e tirar de lá mais uma deformada carcaça. Um homem desmanchava uma cabra em cima de uma tábua equilibrada numa das latas de cinzas da rua. Mas ainda piores eram os dois italianos que vendiam cerveja azeda, restos recolhidos do fundo dos copos de um bar, distribuindo-a em velhas canecas de lata.

«A Bend», como era geralmente conhecida, porque a rua fazia uma curva como a perna de um cão, era pelo menos varrida, de longe em longe, pelos serviços municipais. Mas a poucos passos de distância, no labirinto de estreitas e escuras vielas, lugares onde as vassouras camarárias e a luz do sol nunca se aventuravam, o lixo ficava a apodrecer no chão, misturado com o fedor dos

excrementos humanos. Viviam milhares de pessoas naqueles prédios em ruínas, em caves e até em barracões, um monte de trapos a servir de cama, uma grade de cerveja a fazer as vezes de banco.

Jack tinha a certeza de que metade das crianças esfarrapadas e meio mortas de fome que via à sua volta não tinha casa, porque viver nas ruas era muitas vezes preferível à « casa ». Não tinham, pelo menos, de entregar o pouco que ganhavam a roubar ou a mendigar, nem de correr o risco de serem espancadas por pais alcoólicos.

Jack sabia exactamente como era, pois tinha fugido para as ruas de Whitechapel numa idade bastante tenra pelas mesmíssimas razões. A escola era um lugar aonde só ia quando os inspectores da Câmara o apanhavam. Todos os seus conhecimentos e competências, que eram sobretudo os da sobrevivência, tinham sido adquiridos na rua.

Conhecer Beth a bordo do navio fora como um milagre. Os únicos amigos que alguma vez tivera eram os do lodo do fundo do barril, como ele próprio. Olhava para as raparigas como Beth de longe, a desejar poder estender a mão e tocar-lhes nos sedosos cabelos, ou só aproximar-se o suficiente para lhes cheirar a pele e as roupas limpas. Nunca sonhara ter alguém assim como amiga, quanto mais pegar-lhe na mão ou beijá-la.

Mas Beth tratava-o como um igual. Ria com ele, partilhava com ele a sua tristeza e as suas esperanças. Fazia-o sentir-se capaz de conseguir tudo o que quisesse. Quando ela se despedira no navio, com a promessa de voltarem a encontrar-se dentro de exactamente um mês em Castle Green, Jack não esperara nem por um instante que isso acontecesse. Mas a força e a confiança em si mesmo que ela lhe dera tinham ficado com ele.

Passara a sua primeira noite ali na Bend, porque fora o único lugar de que lhe tinham falado os seus conhecimentos em Liverpool. Sem a influência de Beth, nem sequer teria reparado em como tudo aquilo era horrível, ter-se-ia aturdido com álcool e teria seguido o exemplo das pessoas que conhecera naquela noite. Mas ela mudara-lhe a perspectiva e, na manhã seguinte, soubera que tinha de sair imediatamente para não ser sugado por aquele lugar.

Trabalhar no matadouro era pavoroso. O terror dos animais que ele encaminhava das barcaças para a morte, a atitude desligada dos homens que os abatiam e o cheiro a sangue e a entranhas, tudo aquilo lhe provocava vômitos. Mas era trabalho, e mais bem pago do que a maior parte dos outros empregos ao seu alcance, e embora dormir no chão com cinco outros homens num minúsculo quarto pudesse não parecer que tinha subido um degrau, ele sabia que tinha.

Quase não fora a Castle Green, um mês após a chegada. Notara o olhar gelado de despedida que Sam lhe dirigira. Além disso, esperara que Sam, com o seu bom aspecto e o seu encanto, tivesse arranjado um bom emprego e que, por essa altura, Beth andasse de braço dado com alguém que o irmão tivesse

escolhido para ela.

Fora por puro desafio que comparecera ao encontro. Sentira-se muitas vezes tentando a voltar aos seus velhos hábitos de bebida e zaragatas e pensara que, se ela o tivesse abandonado, isso lhe serviria de justificação. Mas ela lá estava, à espera dele em Castle Green, radiosa, expectante e encantadora.

Ficara surpreendido ao saber que Sam ainda não arranjava trabalho, e, quando sentira a ansiedade que isso causava a Beth, tentara ajudar, sem lhe passar sequer pela cabeça que Sam se rebaixasse a ser um *barman* na Bowery. Não falara de como vivia, nem de como o seu trabalho era horrível – teria sido demasiado para Beth –, mas o encontro incentivara-o a melhorar a sua situação.

Passar para o lado dos magarefes no matadouro poderia não parecer a muitos um grande passo em frente, mas era. Estava a aprender um ofício que lhe serviria no futuro, e não tinha de ver nem ouvir o pavor dos animais. Pouco depois, conseguira um quarto melhor, que partilhava com três amigos. Não era grande coisa, mas era limpo, tinha uma cama verdadeira e um lugar onde pendurar as roupas.

Ao longo de todo esse Verão, julgara ter o Sol, a Lua e as estrelas porque tinha Beth. Trabalhara mais horas para ganhar mais dinheiro e poder pôr um pouco de lado; começara inclusivamente a frequentar uma escola nocturna para aperfeiçoar a leitura e a escrita.

Chegara então o dia em que compreendera que ela não sentia o mesmo por ele.

Durante algum tempo, pensara que não valia a pena viver sem ela. Fora como uma facada no coração saber que o seu rival era um cavalheiro, porque trouxera de volta a velha convicção de ser indigno e sem valor. Muitas e muitas noites fora pôr-se à porta do Heaney's só para a ouvir tocar, a engolir as lágrimas.

Fora numa dessas noites que lhe ocorrera que mesmo que ela não retribuísse o seu amor, talvez fosse possível conseguir que continuasse a fazer parte da sua vida como amiga. Sabia que não ia ser fácil, pois teria de fingir gostar de Theo, o jogador, e aguentar o desdém de Sam. Mas convencera-se de que seria capaz de fazê-lo, na esperança de que talvez um dia Beth pudesse precisar dele.

Pois bem, Beth precisava dele agora. Só esperava conseguir descobrir onde ela estava cativa e salvá-la.

*

Jack foi sistemático na sua busca, subindo uma viela, descendo a seguinte, investigando todos os minúsculos pátios por onde passava. Viu bêbedos estendidos no chão, inconscientes, crianças seminuas de olhos vazios tristemente sentadas

nos degraus dos portais. Bandos de rapazes olhavam-no com desconfiança, prostitutas de ar faminto ofereciam-se-lhe por alguns cêntimos.

Nova Iorque inteira estava carregada de decorações natalícias, árvores engalanadas e montras cheias de ideias para prendas. Mas apesar de no dia seguinte ser Véspera de Natal, ali não havia sinais de festividades.

Jack falou com muitas pessoas. Com a maior parte delas fingiu ter acabado de desembarcar de um navio e que lhe tinham dito que procurasse um tal Fingers Malone. A maior parte abanava a cabeça e dizia não conhecer ninguém com esse nome. Uma velha prostituta com o rosto marcado pela varíola cuspiu para o chão e disse que Fingers Malone era um maldito filho da mãe, mas recusou dizer porquê, ou onde poderia encontrá-lo. Um par de miúdos com cerca de treze anos gabou-se de ter feito alguns serviços para ele. Jack teve a certeza de que só tinham ouvido o nome e não conseguiam reconhecer o homem nem que o tivessem à sua frente.

O empregado de uma taberna da Mulberry, suja e cheia de fumo, disse-lhe que Malone tinha uma propriedade algures em Bottle Alley, mas um homem que bebia encostado ao balcão afirmou que não, que era em Blind Man's Court.

Às oito da noite, Jack tinha os pés doridos. Estava tão cansado de repetir a mesma história a tanta gente que começava a duvidar que fizesse qualquer espécie de sentido, e investigara cada centímetro quadrado tanto de Bottle Alley como de Blind Man's Court. A Bend não era lugar para um forasteiro andar de noite, porque os becos eram escuros, cheios de bêbedos com vontade de lutar e bandos de jovens rufiões à procura de alguém para roubar. Além disso, fazia um frio de morte, pelo que pensou que o melhor seria voltar ao Heaney's e ver se Sam tinha alguma novidade.

*

Foi um alívio estar de regresso à Bowery, com as suas luzes brilhantes e a sua alegria. Vinha música dos German Beer Gardens, e uma banda tocava canções de Natal. Os vendedores ambulantes estavam em força na rua, a vender de tudo desde brinquedos baratos e suspensórios para homem. Havia maçãs caramelizadas, castanhas assadas e *waffles*, e o calor e os cheiros das bancas recordaram a Jack que Beth podia estar a passar frio e fome.

Avistou um rosto familiar na multidão à sua frente. Só tinha visto Theo uma vez, mas o seu porte e a sua boa aparência não eram fáceis de esquecer e, na Bowery, um homem assim destacar-se-ia mesmo sem o traje de noite, completo com chapéu alto e capa.

Jack saiu-lhe ao caminho.

– Mr. Cadogan! – disse.

– Conheço-o? – perguntou Theo, mirando-o de alto a baixo, como que espantado por um homem tão mal vestido saber o seu nome.

– Não, senhor – disse Jack – Mas sou amigo da Beth, e ela está em grande perigo. Ia a caminho do Heaney's para falar com o irmão quando o vi.

Jack estava meio à espera que o homem alegasse assuntos urgentes para não parar, mas não o fez.

– Em perigo? – exclamou. – Conte-me o que aconteceu!

Jack explicou e acrescentou que estava convencido de que Beth se encontrava retida algures na Bend e que acabava de vir de lá.

– Mas entretanto pode ter acontecido qualquer coisa.

– Pobre Beth – suspirou Theo, parecendo genuinamente preocupado. – Era minha intenção ir buscá-la mais logo. Tive de passar algumas semanas em Boston. Mas vou consigo, e talvez as nossas forças combinadas consigam convencer esse horrroso Heaney a fazer qualquer coisa para a libertar.

O bar estava cheio, como sempre nas noites de sábado, e um pianista negro tinha substituído Beth no palco.

Sam parecia desvairado e frenético, a sua bonomia para com os clientes completamente desaparecida.

– Graças a Deus! – exclamou, ao ver Jack e Theo entrarem. – Já começava a pensar que todos me tinham abandonado.

Theo trocou algumas palavras com ele, mas, no meio da balbúrdia dos bebedores, Jack não conseguiu ouvir o que diziam. Então Theo voltou-se para ele, agarrou-o por um braço e apontou-lhe a porta da sala das traseiras.

– Vamos para ali – disse.

Jack ficou um pouco confuso pelo facto de o homem que tomara por um chagal da classe alta que gostava de rondar pelo submundo parecer ter alguma coragem.

Theo nem sequer bateu à porta, limitou-se a entrar de rompante. Heaney estava sentado a uma mesa, a escrever no que parecia ser um livro de contas. A inesperada intrusão fê-lo abrir muito os olhos.

– Ouvi dizer que recebeu certas exigências do Fingers Malone pela libertação de Miss Bolton – mentiu Theo, a voz fria como aço. – Pode ter as suas razões para não informar o irmão de quais são, mas eu, como noivo dela, insisto em saber.

Jack tinha quase a certeza de que Beth não se tornara noiva de Theo, porque nesse caso ela tê-lo-ia dito durante o jantar de Acção de Graças. Embora detestasse a ideia de aquilo poder ser verdade, ficou contente por Theo ter arranjado uma boa desculpa para a sua intervenção.

– Uma vez que as exigências me foram feitas a mim – disse Heaney, levantando-se da cadeira –, é a mim que o assunto diz respeito.

– Não quando está uma jovem em perigo – replicou Theo, e avançou,

ameaçador, para o homem mais velho. – Agora diga-me o que sabe, e depressa.

Heaney pareceu engasgar-se e ficou calado.

– Quanto é que ele quer? – perguntou Theo.

– Não é tanto o preço como aquilo que pode acontecer no futuro – respondeu Heaney, com uma nota de queixume na voz. – Ele vai pensar que pode ficar com tudo o que eu tenho, derrotar-me e espezinhar-me. E eu não o permitirei.

– Assumo que isso quer dizer que não vai fazer nada – disse Theo, num tom carregado de desprezo. – Quer deixá-la apodrecer em poder do Fingers, é isso? Que espécie de cobra é você para que a vida de uma rapariga não signifique nada para si?

– O Fingers não vai matá-la – disse Heaney, apressadamente. – Quer que ela toque no bar dele.

– E é o que ela fará, se não mexer um dedo para a ajudar – interveio Jack, tentando a torcer o pescoço àquele miserável. – Tem de juntar alguns dos seus homens e retaliar. Porque não raptar a mulher dele?

– Isso não preocuparia o Fingers nem um bocadinho. Morto está ele por vê-la pelas costas – respondeu Heaney, com um encolher de ombros.

– Nesse caso, apanhamos um dos homens dele!

– Já mandei investigar a casa dele. Está bem protegida, com homens por todo o lado.

– Está a referir-se ao bar, presumo? – disse Theo. – Que outras propriedades possui ele? Sabe onde se situam?

– O malandro está metido em tudo, desde tascas de cerveja aos dormitórios de cinco-cêntimos-por-noite – respondeu Heaney, desdenhosamente.

– Na Bend? – perguntou Jack.

– Onde havia de ser? – rosnou Heaney.

Jack olhou para Theo e fez-lhe sinal de que queria falar com ele lá fora.

– Já voltamos – disse Theo a Heaney.

Tiveram de sair para a rua, tão grande era a balbúrdia dentro do bar.

– O Heaney não vai ajudar. – Jack falou em voz baixa, enquanto acendia um cigarro. – Vamos ter de ser nós a encontrá-la. Bottle Alley ou Blind Man's Court, tem de estar num desses lugares. Arranjamos cinco ou seis bons homens e atacamo-los. Mesmo que ela não esteja lá, talvez descubramos alguém que possamos obrigar a dizer-nos onde está. Se formos de madrugada, estará toda a gente a curar a bebedeira.

– Nunca lá fui – disse Theo numa voz apagada, como se tudo aquilo fosse demasiado para ele.

– Eu já, e sei orientar-me. – Jack sorriu-lhe, porque gostava de sentir-se numa posição de comando. – E também sei que homens escolher. Não queremos gente do Heaney, nem do Fingers. Somos só nós, a resgatar a nossa miúda.

Theo não falou durante algum tempo.

– Tenho de ir a casa mudar de roupa – acabou por dizer. – Posso encontrar-me consigo mais tarde?

– Encontramo-nos na esquina de Canal Street, às seis – disse Jack

Theo assentiu.

– O que é que dizemos ao Heaney?

– Nada, como ele não nos disse nada – respondeu Jack, furioso. – Mas as coisas vão pôr-se feias para todos nós. Penso que teremos de sair da cidade por algum tempo.

CAPÍTULO 18

– Quem é o outro parceiro? – perguntou Edgar, quando, às seis da manhã, os homens se juntaram na esquina de Canal Street. Reunidos num grupo compacto debaixo de um candeeiro, a respiração deles era como fumo no ar gelado.

– Um finaço chamado Theo – respondeu Jack, secamente. Arrependia-se de ter sugerido a Theo que se lhes juntasse. Quase de certeza ia revelar-se mais um perigo do que uma ajuda. – A Beth tem andado com ele.

Todos os cinco homens trabalhavam no matadouro e nenhum deles tinha qualquer ligação a Heaney ou a Fingers. Eram todos grandes e musculosos, entre os vinte e os vinte e cinco anos, mas Edgar era o único nascido na América. Os outros quatro eram imigrantes: Karl era sueco, Pasquale italiano, Thaddeus polaco – todos o conheciam como Tadpole – e Dieter alemão.

Os laços que os ligavam tinham-se forjado enquanto trabalhavam lado a lado. Tinham um ofício duro, brutal, onde um acidente grave podia acontecer a qualquer momento, o que os obrigava a confiar uns nos outros. Jack afastara certa vez Karl do caminho de um boi enraivecido, e todos os outros tinham alguém a quem agradecer um aviso a tempo ou uma ajuda quando estavam magoados. Havia uma espécie de código entre os homens que trabalhavam no matadouro: se um deles precisava de ajuda, os outros davam-lha.

Jack fora um dos que se tinham oferecido quando a irmã mais nova de Tadpole fora violada por três homens no regresso das aulas de bailado. Um dos violadores nunca mais voltaria a andar, quanto mais a violar outra mulher, e os outros dois tinham sofrido uma forma primitiva de castração.

Jack sabia que podia contar com aqueles homens porque todos eles não só sabiam que Beth era especial para ele como a tinham ouvido tocar no Heaney's, numa ou noutra ocasião. Quando os procurara nos sítios onde viviam, a única pergunta que lhe tinham feito fora: «A que horas?» Todos eles tinham ido preparados com uma moca escondida debaixo do casaco.

Sam apareceu na esquina para se juntar a eles, amarelo como um chinês à

luz dos candeeiros a gás. Jack apresentou-o rapidamente aos outros e deu-lhe uma amistosa palmada no ombro, pois sabia que Sam não era um lutador e estava cheio de medo.

Finalmente, Theo chegou. Vestia roupas de trabalhador, e Jack perguntou-se fugazmente onde as teria arranjado, pois duvidava que aquele homem tivesse trabalhado um dia que fosse em toda a sua vida. Também se interrogou se Theo teria considerado a hipótese de fugir a tudo aquilo. Mas ia ter a medida plena do homem dentro de uma ou duas horas.

Apresentou Theo e pediu a todos que se juntassem à sua volta, para não ter de gritar.

– O objectivo é assustar as pessoas de modo a forçá-las a dizerem-nos onde ela está – começou. – Gritem, empurrem, mas não usem as vossas mocas. Essas são só para os tipos que se nos atravessarem no caminho, não para os pobres diabos que vivem nos pardieiros.

– Não vai ser fácil arrancar-lhes seja o que for. Podem viver miseravelmente, mas até eles têm um código no que toca a denúncias. Mas como passam a vida na rua, alguém deve ter visto para onde levaram a Beth.

– Finalmente, cuidado com as crianças. Vai haver centenas delas; vai ser como dar um pontapé num formigueiro. Nenhum de nós quer uma criança magoada a pesar-lhe na consciência.

– Avançamos todos ao mesmo tempo? – perguntou Karl, o grande e louro sueco.

– Não. Eu vou primeiro com o Pasquale e o Dieter, para nos certificarmos de que os italianos e os alemães compreendem o que queremos. Os outros bloqueiam a porta, para impedir fugas. Tenho algum dinheiro para oferecer como suborno, de modo que mantenham os olhos e os ouvidos atentos a quem pareça saber aquilo que queremos.

Entregou a Sam a moca a mais que levava, sabendo que o rapaz não se teria lembrado de munir-se de qualquer espécie de arma. Reparou que Theo empunhava um grosso bengalão, o que o surpreendeu; estivera à espera de vê-lo com uma faca.

Seguiu à frente, com Sam a seu lado e os outros atrás.

Era estranho ver as vielas tão vazias e tranquilas depois das multidões e do barulho do dia anterior. Passaram por muitos bêbedos a dormir no chão gelado. Jack interrogou-se quantos não voltariam a acordar, pois tinha ouvido dizer que a taxa de mortalidade no Inverno incluía muitos mortos de frio.

O silêncio não era, no entanto, absoluto. Ouviam pessoas a ressonar e bebés a chorar, e havia o inevitável restolhar das ratazanas na sua azáfama.

Começaram por Blind Man's Court, e Pasquale acendeu a lanterna que levava consigo. Como Jack esperava, não havia fechadura na porta da frente, e nem sequer na porta do primeiro quarto onde entraram. Quando Pasquale ergueu a

lanterna, viram que havia pelo menos quinze pessoas enrodilhadas no chão e apertadas umas contra as outras, como sardinhas em lata.

– Onde está a rapariga? – gritou Jack, espetando corpos com a moca. – Vá, digam-me onde está!

Uma a uma, as cabeças levantaram-se, os olhos a piscar à luz da lanterna. Uma mulher gritou, um homem insultou-os, mas Jack insistiu.

– Alguém trouxe uma rapariga para aqui à força, ontem, por volta das seis da tarde. Viram-na?

Pasquale repetiu a pergunta em italiano ao ouvir as vozes de compatriotas. A isto seguiu-se uma enxurrada de palavras, e Jack olhou interrogativamente para Pasquale, porque apesar de ter aprendido algumas frases em italiano, não conseguia compreender o que diziam.

– Dizem para nos irmos embora, não viram nada. Estão furiosos por os teres acordado.

– Acreditas neles?

Pasquale assentiu.

– É melhor tentarmos o quarto seguinte.

Foram de quarto em quarto, e apesar de terem visto cerca de duzentas pessoas, de bebés a velhos, nada descobriram. Alguns dos mais novos escaparam-se e correram para fora, onde os outros os detiveram e interrogaram. Mas não tinham fugido por serem culpados, apenas por uma pura questão de hábito. Parecia que uma rusga àquela casa significava geralmente vários deles serem enviados para a Tombs.

Quando ficaram prontos para passar à casa seguinte, a algazarra que tinham criado alertara os outros residentes do pequeno pátio, e os homens de Jack tiveram de esforçar-se para impedir fugas. Felizmente, sendo ainda noite e com tanto frio, a maior parte ficou tão assustada ao ver as mocas que se apressou a voltar para dentro.

– Não foi para aqui que a trouxeram, Jack – disse Theo, depois de terem estado em todas as casas, revistando tudo das caves aos sótãos. – Nunca na minha vida vi gente tão miserável. Viu o ar de esperança deles quando constou que havia uma recompensa a troco de informações? Estão mortos de fome... se soubessem alguma coisa, atropelavam-se uns aos outros para nos dizer.

– Esperemos então ter mais sorte em Bottle Alley – respondeu Jack, penosamente.

*

A situação em Bottle Alley foi uma repetição do que acontecera em Blind Man's Court, com a diferença de ter sido mais difícil conter as pessoas que saíam

de casa para ver o que se passava, porque era uma viela, com uma saída em cada extremo. Quando chegaram a meio, já era dia, e os problemas foram exacerbados pela quantidade de pessoas que viviam noutros lugares e queriam passar por ali. Muitas perguntavam o que era aquilo, ou ficavam paradas a ver.

Sam parecia à beira do esgotamento. Lidar com tantas pessoas a moverem-se à sua volta, todas a falarem línguas diferentes, quando havia duas noites que não dormia, era muito duro para ele.

Também Jack estava cansado. Sentia que tinha feito as mesmas perguntas pelo menos mil vezes, e houve momentos em que esteve tentado a usar a moca só para provocar uma verdadeira reacção, em vez de olhares vazios. Algumas velhas, a segurar xailes à volta dos ombros, entendiam as mãos sujas a pedir dinheiro, muitos dos homens gritavam insultos e as crianças corriam constantemente à volta deles, atrapalhando tudo.

Para grande surpresa de Jack, Theo revelou-se excelente a lidar com as crianças. A maior parte falava inglês, ou pelo menos o suficiente para comunicar com ele, e ele avançava diligentemente pelo meio delas, aliciando e prometendo uma recompensa por qualquer informação.

– Chegue aqui, Jack! – gritou repentinamente, e quando Jack abriu caminho por entre a multidão, viu-o com uma rapariguinha de seis ou sete anos. Era como todas aquelas crianças, dolorosamente magra e pálida, com cabelos baços e uns olhos que pareciam demasiado grandes para uma cara tão pequena. Vestia apenas um fino e esfarrapado vestido, tinha os pés descalços e sujos e um xaile atravessado sobre o peito e atado com um nó nas costas.

– Ouviu qualquer coisa – disse Theo, quando Jack chegou junto dele. – Mas não fala inglês que se perceba. É italiana.

Jack chamou Pasquale, que se ajoelhou diante da criança e lhe falou na sua língua materna. Pasquale era um rapaz atraente, com cabelo negro e encaracolado, pele cor de azeitona e uns suaves olhos escuros, e, apesar da timidez que a fazia espreitar por entre os dedos, a garotinha começou pouco a pouco a responder enquanto ele lhe falava e lhe sorria para a tranquilizar. Theo mostrou-lhe um dólar de prata, que a criança olhou avidamente.

– Diga-lhe que lho dou se nos dizer o que ouviu e onde.

O dólar de prata operou o milagre. De repente, a rapariguinha estava a falar pelos cotovelos.

– Que diz ela? – perguntou Jack.

– Ouviu pancadas, ontem, e alguém aos gritos. Disse à mãe, que lhe respondeu que aqui as pessoas estão sempre a bater em qualquer coisa e a gritar com alguém. Mas ela diz que nunca ouviu ninguém gritar como aquela senhora.

O coração de Jack pareceu saltar-lhe à boca.

– Onde foi isso? – perguntou.

Pasquale perguntou à rapariguinha, que lhe pegou na mão como que disposta

a guiá-lo até lá.

Jack seguiu-os, juntamente com Theo, até ao fim da viela, que ainda não tinha sido revistada. A criança deteve-se em frente de um terreno vazio, claramente o local de um edifício que ardera ou se desmoronara. Estava cheio de lixo e de escombros e no meio havia um desconjuntado barracão que podia em tempos ter sido um estábulo. A menina ergueu os olhos para Pasquale e recomeçou a falar.

Pasquale sorriu.

– Diz ela que costuma esconder-se no barracão quando o pai está bêbedo. Dormiu lá e foi acordada de manhã por pancadas e gritos. Diz que vinham dali. – E apontou a casa do lado esquerdo.

Jack sentiu uma vaga de excitação. As casas de ambos os lados do terreno desocupado eram muito antigas e estavam escoradas por grandes barrotes de madeira, mas atrás delas, apertadas no que devia ter sido um pátio, havia outros edifícios mais recentes. Aqueles lugares, conhecidos como prédios das traseiras, eram comuns em todo o Lower East Side.

– Vamos entrar – disse.

Deu a volta até à frente da casa e viu que a porta estava trancada a cadeado e as janelas entaipadas. Perguntou à criança se vivia ali alguém. Ela encolheu os ombros e disse qualquer coisa em italiano.

– Acha que não – traduziu Pasquale. – Mas por vezes vêm cá homens.

Antes que Jack pudesse sequer expressar a opinião de que tinham encontrado o lugar certo, Theo enfiou o dólar de prata na mão da menina, correu para as traseiras e trepou pelo muro que ligava as duas partes da casa. Tinha cerca de dois metros e quarenta de altura, mas conseguiu-o facilmente, pois era feito de pedra tosca, com muitos apoios para os pés e para as mãos. Empoleirou-se por um instante no topo, e então saltou para o outro lado.

Jack apressou-se a segui-lo, gritando a Pasquale que chamasse os outros e trouxesse a lanterna. Deixou-se cair no minúsculo pátio entre os dois edifícios.

O espaço não tinha muito mais de três metros quadrados e o lixo, felizmente congelado, amontoava-se até à altura do tornozelo. As portas de ambas as casas estavam fechadas a cadeado, e todas as janelas tinham sido entaipadas excepto uma na frente da primeira casa. Nessa, as tábuas tinham sido arrancadas, revelando uma vidraça partida.

Theo brandiu o bengalão e estilhaçou o que restava do vidro.

– Espere pelos outros! – gritou-lhe Jack, mas Theo não lhe ligou e entrou pela janela.

Jack preparava-se para o seguir quando ouviu Karl gritar que estava a chegar com a lanterna, de modo que esperou até que o amigo trepasse para o muro e lhe passasse.

Entretanto, as pesadas botas de Theo faziam uma barulheira enorme nas tábuas nuas do soalho, mas quando Jack passou pela janela, pareceu-lhe ouvir

qualquer coisa.

Pediu a Theo que ficasse quieto e pôs-se à escuta. Ambos ouviram alguém chorar muito baixo.

– Beth! – berrou Theo. – És tu? Vim salvar-te!

Então, quando Jack já começara a pensar que imaginara o choro, ouviu a voz de Beth.

– Estou cá em baixo – gritou ela, a voz pequenina e fraca. – Há um alçapão no chão.

– Estou a acender uma lanterna para ver – gritou Theo em resposta, indicando a Jack com um gesto que fosse ele a fazê-lo. – Aguenta, tiro-te daí num instante.

Uma vez acesa a lanterna, viram uma velha mesa e umas poucas cadeiras num dos lados da sala, vários grandes caixotes de madeira e uma quantidade de garrafas vazias espalhadas à volta. Aparentemente, era um sítio onde homens se juntavam para jogar cartas.

Mas não viram qualquer alçapão.

Karl entrou, seguido por Pasquale, e começaram todos a afastar os caixotes, para ver o que havia por baixo.

Quando empurraram o último, que era mais pesado do que os outros, descobriram finalmente o alçapão.

– Encontrámo-lo, Beth – gritou Theo, e Jack abriu-o.

– Há aqui uma escada – disse Pasquale, arrastando-a pelo chão.

Jack posicionou-se para ser o primeiro a descer, mas Theo empurrou-o para o lado e desapareceu na escuridão.

– Já te tenho – ouviram-no dizer acima do choro de Beth.

Theo trouxe-a para cima ao ombro, e quando a pousou no alto da escada, Jack pensou que nunca em toda a sua vida vira um espectáculo mais triste. A cara dela estava negra de sujidade, os olhos vermelhos e inchados, as lágrimas tinham-lhe traçado riscos brancos nas faces. Tinha a saia e as botas encharcadas e estava tão rígida de frio que tropeçou quando tentou andar.

– Pensei que ia morrer – disse, a voz dela pouco mais do que um grasnido.

Theo pegou-lhe ao colo.

– Temos de tirá-la daqui e levá-la para um lugar quente o mais depressa possível – disse.

Sam e os outros acabavam de saltar o muro, e durante algum tempo puseram-se todos a falar ao mesmo tempo, felizes por a missão ter sido um êxito. Beth parecia quase não dar pela presença de ninguém excepto Theo, e enquanto trabalhavam em conjunto para fazê-la passar por cima do muro e levá-la para um lugar seguro, Jack sentiu uma pontada aguda de ciúme.

Fora ele que a salvara. Fora ele que planeara a acção, juntara os homens e organizara tudo. Mas Theo, que fizera muito pouco, assumira o comando mal a tinham descoberto, e aos olhos de Beth ia parecer que fora ele o seu salvador.

CAPÍTULO 19

Ocafé para onde a tinham levado era quente e abafado. Beth flectia as mãos e examinava os nós dos dedos, esfolados dos murros que dera nas paredes.

– Devíamos levá-la a um médico – disse Jack.

– Não faças drama – respondeu ela, sorrindo debilmente. – Já me sinto mais quente e ficarei ótima depois de tomar banho e dormir. Só queria que os teus amigos não tivessem desaparecido antes de poder agradecer-lhes.

Fora como se o espírito dela estivesse tão gelado como o corpo, quando Theo a tirara da cave. Não conseguia explicar nada e os membros recusavam mover-se. Theo levava-a nos braços até ao café, e por mais perguntas que Jack e Sam lhe fizessem a respeito de onde e como fora raptada, não conseguira responder.

Mas agora, depois de duas grandes chávenas de café quente e doce e de um prato de *bacon* com ovos, aquecera o suficiente para dizer-lhes como tudo acontecera, e como o seu raptor não voltara, nem para lhe levar comida ou bebida ou sequer uma manta. Disse-lhes como continuara a gritar e a bater até a exaustão a ter vencido, mas não que já tinha perdido toda a esperança de salvação. Agora que estava a salvo, o terror que sentira encolhida no escuro tendo apenas por companhia os guinchos e as corridas das ratazanas começava a desvanecer-se. Via o medo por ela estampado nos rostos dos homens e não queria aumentá-lo.

No entanto, da primeira vez que ouvira as vozes de Theo e de Jack, julgara estar a cair na loucura e a imaginar o que mais queria ouvir. Fora só quando o alçapão começara a abrir-se, a luz se derramara pela sua escura prisão e a cabeça de Theo aparecera recortada na abertura que se convencera de que era real.

– Podes ir para minha casa – disse Theo, pegando-lhe na mão e beijando-lhe as pontas dos dedos. – Ninguém sabe onde fica, e é muito sossegada. Podes tomar um banho quente e dormir tudo o que quiseres.

Aquilo sou como o paraíso aos ouvidos de Beth, mas notou o olhar horrorizado que Sam e Jack trocaram.

Também Theo o viu e, largando a mão dela, olhou duramente para Sam.

– Com certeza compreendes que nenhum de nós estará a salvo? O Fingers vai querer o nosso sangue, e o Heaney não nos vai ajudar porque a única coisa que lhe interessa é a sua propriedade.

– Não estou a ver porque é que o Fingers há-de perseguir-nos – respondeu Sam, num tom beligerante. – Até um patife como ele há-de compreender que um homem queira salvar a irmã.

– Tem tudo a ver com prestígio – explicou Theo, pacientemente. – Não quer saber de certos ou errados. Tudo o que vai ver é que o desfeiteámos.

– Ele tem razão, Sam – suspirou Jack, passando os dedos pelos cabelos escuros num gesto distraído. – O Fingers é um louco, e a maneira como tratou a Beth prova que ela não significa nada para ele. A única coisa que quis foi provocar o Heaney. Agora vai ter de fazer mais alguma coisa, e não me espantava nada que pegasse fogo ao bar esta noite só para mostrar quem manda.

– Estás a querer dizer-me que não posso continuar a trabalhar lá? – exclamou Sam, incrédulo.

– A menos que estejas com vontade de morrer. – Theo esboçou um sorriso torcido. – Tens de desaparecer, Sam. Todos nós temos. O Fingers, o Heaney e os seus sequazes não são homens razoáveis, são brutos selvagens e loucos dispostos a ir para a guerra, e nós seremos apanhados no fogo cruzado. A melhor coisa que vocês os dois podem fazer é ir hoje mesmo para Filadélfia. Tenho lá uns amigos com quem podem ficar, e eu vou lá ter com a Beth assim que ela esteja em condições de viajar.

– E os meus amigos do matadouro? – perguntou Jack, pálido e ansioso.

Theo encolheu os ombros.

– Não creio que corram perigo. Nem o Heaney nem o Fingers os conhecem.

– Não podemos partir assim sem mais, é Véspera de Natal! – objectou Sam.

Theo arqueou uma sobrancelha.

– Com certeza não pensas que homens como eles acreditam no espírito natalício, pois não? Vão considerar esta noite o momento ideal para atacar, aproveitando o facto de os bares estarem cheios.

A expressão beligerante de Sam transformou-se em medo.

– E as nossas coisas que estão em Houston Street?

Theo olhou para o relógio da parede; pouco passava das dez.

– Duvido que a notícia chegue aos ouvidos do Fingers ou do Heaney antes do meio-dia. Podes ir fazer as malas enquanto eu levo a Beth para minha casa. Depois passo por lá para ir buscar as coisas dela.

– O que é que te faz pensar que a Beth estará a salvo contigo? – perguntou Sam, desconfiado. – Disseste que também ias ter de partir!

– E tenho, porque de certeza não vou poder voltar a jogar cartas em Nova Iorque num futuro previsível – respondeu Theo. – Mas ninguém sabe onde moro. Estaremos em segurança até ela recuperar.

– Deixa-me falar com a Beth a sós – pediu Sam, secamente.

Theo assentiu e disse que lhe dava dez minutos.

Mal a porta do café se fechou depois de ele sair, Sam aproximou-se da irmã.

– Não quero deixar-te com ele – disse. – Especialmente no Natal.

Beth compreendia as razões do medo dele, mas estava demasiado exausta para se preocupar com isso naquele momento e, além disso, amava Theo, que a salvara, e acompanhá-lo-ia de boa vontade para onde quer que ele sugerisse.

– É a única coisa a fazer – disse, dando uma palmadinha afectuosa na cara do irmão. – Fico bem, prometo. Sinto-me tão fraca que só serviria para os estorvar se fosse convosco agora.

– Não está certo ficares sozinha com um homem como ele – insistiu Sam, teimosamente. – E também não gosto de o ouvir dizer ao Jack o que tem de fazer ou de deixar de fazer.

– O que ele diz faz sentido – interveio Jack – Soube, logo que isto começou, que não ia poder ficar cá. Ouvi histórias a respeito do que aquela gente faz a quem se lhe atravessa no caminho. Preferia que a Beth fosse connosco, mas uma vez que ela não está em condições de fazer isso, não temos alternativa, Sam.

Beth olhou para ele, agradecida.

– Tenho tanta pena que tenhas sido apanhado no meio de tudo isto e perdido o teu emprego.

– Talvez arranje um melhor em Filadélfia – disse Sam, com um sorriso resignado. – E já não somos nenhuns novatos... até pode ser que façamos fortuna.

Beth mal conseguiu manter os olhos abertos no fiacre que a levou, juntamente com Theo, até casa dele. Theo tinha combinado encontrar-se com Jack e Sam um pouco mais tarde para ir buscar as coisas dela e dar-lhes uma carta de apresentação para o seu amigo em Filadélfia.

– Eles nem vão reconhecer-se em Filadélfia – dissera tranquilizadamente quando a vira chorar um pouco no momento da despedida. – O Frank é um homem rico com muitos interesses. Vai colocar o Sam num dos seus bares e o Jack em qualquer outra das suas empresas antes que tenham tempo de desfazer as malas.

Beth estava tão exausta que nem sequer viu para onde o fiacre os levava, excepto que era um sítio qualquer na parte alta da cidade. Teve vagamente consciência de um edifício de pedra castanha numa praça sossegada, o género de lugar onde as famílias abastadas viviam.

Theo fê-la subir um lanço de escadas e levou-a para um amplo quarto na parte da frente da casa. Tudo o que verdadeiramente viu no seu estado de exaustão foi uma grande cama com postes elaboradamente trabalhados, e deixou-se cair em cima dela. Ouvia, como que muito longe, Theo dizer-lhe que tinha de tirar as botas e que ia dizer à senhoria quem ela era antes de voltar a Houston Street, mas já estava a mergulhar no sono e não conseguiu responder.

Acordou a ouvir o som familiar de alguém a espreitar uma lareira e, por um instante, julgou estar de volta a Liverpool, porque acordara a ouvir aquele som durante toda a sua infância. Estava bem aquecida; as mantas que a cobriam eram grossas e pesadas, mas quando se espreguiçou um pouco, uma dor nas costas e nos braços trouxe-a de regresso à realidade. Descobriu, consternada, que vestia apenas a camisola e o saiote; o vestido, as meias e o espartilho tinham-lhe sido tirados.

Com as mantas puxadas até ao nariz, abriu cuidadosamente os olhos e viu Theo inclinado para a lareira. Sentiu mais do que soube que ele estava ali no quarto com ela há já algum tempo, porque os cortinados estavam corridos, os candeeiros a gás acesos e ele estava em mangas de camisa.

O quarto parecia muito confortável, com dois grandes cadeirões de braços colocados em frente da lareira, em cima de uma espessa alcatifa vermelha. Todo o quarto tinha um ar bastante luxuoso: os candeeiros nas paredes tinham campânulas de vidro lavrado, os cortinados eram de pesado brocado e, encostado a uma das paredes, havia um armário para roupa branca da mesma madeira escura que a cama e igualmente trabalhado.

– Theo – murmurou –, que horas são?

Ele endireitou-se e voltou-se para ela com um sorriso.

– Finalmente! Já começava a pensar que nunca mais acordarias. São sete da noite e há já horas que acompanhei o Sam e o Jack à estação.

– Quem me despiu?

– Eu. Não podia deixar-te dormir com aquela roupa vestida. Estava molhada e suja e ia fazer-te sentir desconfortável.

Beth corou e enfiou-se ainda mais debaixo das mantas.

– Arranjas-me qualquer coisa que vestir? – pediu, nervosamente. – Preciso de me levantar.

Theo dirigiu-se à porta e pegou no roupão de lã aos quadrados que estava pendurado no cabide.

– Veste isto, por agora, apesar de ter aqui todas as tuas coisas. Se quiseres tomar um banho, é ao fundo do corredor, e certifiquei-me de que a água está

quente. Mas talvez queiras comer primeiro. Eu já comi frango com batatas, que ficaram a aquecer no forno da cozinha de Miss Marchmont.

– Ela importa-se que eu fique cá? – perguntou Beth, puxando o roupão para debaixo das mantas para poder vesti-lo sem mostrar um pedacinho de pele que fosse.

– Não, absolutamente nada. Expliquei-lhe o que te aconteceu. Vais conhecê-la amanhã.

Mais tarde nessa noite, Beth estava deitada na cama a sentir-se estranhamente desapontada. Theo tratara-a como uma princesa. Servira-lhe uma magnífica refeição, preparara-lhe o banho e dera-lhe a beber dois copos de *whisky* com mel e limão que, afirmou, garantiriam que não ia adoecer com uma constipação. Mas nem sequer a beijara.

Cheirava nas almofadas o aroma da loção capilar que ele usava, quase podia sentir a marca do seu corpo no colchão, mas Theo estava a dormir noutra lugar qualquer da casa e não sugerira, nem sequer por uma pequeníssima insinuação, que gostaria de partilhar a cama com ela.

Tê-lo-ia deixado, se o tivesse feito?

Não tinha resposta para esta pergunta. A cabeça insistia em que não teria deixado. Mas, se assim era, como explicar aquela sensação de ter sido abandonada?

Depois, havia a questão de saber onde passara ele todas aquelas semanas. Não dera, a esse respeito, qualquer justificação ou desculpa. Parecia provável que tivesse outra mulher algures, mas, nesse caso, porque teria dito que ia levá-la para Filadélfia?

Devia amá-la. Que outra razão poderia tê-lo feito planejar e levar a cabo o seu resgate? Contara-lhe como descobrira que Fingers tinha propriedades em Blind Man's Court e em Bottle Alley e como invadira todos os quartos de todas as casas até que encontrara uma rapariguinha que lhe tinha dito que ouvira gritos e pancadas. Sam, Jack e os amigos de Jack também lá tinham estado, claro, mas era evidente que fora Theo a liderá-los.

Antes de voltar para a cama, deambulava pelo quarto e tomara nota de muitas coisas: fotografias da família dele em molduras de prata, roupas e sapatos de boa qualidade, botões de punho de ouro, escovas de cabelo revestidas a prata e pelo menos uma dúzia de gravatas de seda. As mobílias do quarto eram antigas e gastas, mas não havia a mínima dúvida de que aquela fora, em tempos, a residência de uma pessoa rica; interrogara-se porque a teria ele levado a pensar que não vivia muito melhor do que ela e Sam.

Talvez por não saber que as pessoas pobres como ela não tinham casas de banho e retretes ao fundo do corredor. Talvez acreditasse sinceramente que tinha uma vida dura por ser obrigado a viver e dormir num único quarto.

Mas se aquilo era uma vida dura, com lençóis macios na cama, um edredão de penas e uma lareira acesa, então ela não se importaria nada de partilhá-la com ele. Aquela casa era silenciosa como uma igreja. Não havia bebês a chorar, nem gritos, nem passos de bêbedos nas escadas; a única coisa que ouvira fora o ocasional rolar das rodas de um fiacre nas pedras da rua, lá em baixo.

Queria acreditar que Theo se mantivera à distância naquela noite porque a amava e a respeitava, porque era assim que um cavalheiro se comportava nos romances. Mas uma vozinha dentro da cabeça dela alertava-a contra estes pensamentos; ele nunca dissera que a amava, e como Ira tinha feito notar, mais de uma vez, os jogadores tinham as suas próprias leis.

Na manhã seguinte, foi acordada por uma pancada na porta. Antes que pudesse perceber o que se passava, a porta abriu-se para dar passagem a uma mulher que transportava um pequeno-almoço numa grande bandeja.

– Sou Miss Doughty, a governanta de Miss Marchmont – disse, o rosto frio e severo. – Mr. Cadogan pediu-me que lhe trouxesse isto e lhe dissesse que estará consigo esta tarde.

– Mas é Dia de Natal! – exclamou Beth. Estava muito satisfeita com o pequeno-almoço de *bacon*, ovos, panquecas e café, mas não queria acreditar que Theo tencionava deixá-la sozinha o dia inteiro.

Além disso, sentira a reprovação da governanta. A mulher era magra, com feições duras e cabelo grisalho, e não parecia pessoa que se deixasse conquistar por simpatias.

– Mr. Cadogan há-de ter feito os seus planos para o dia de hoje há várias semanas – retorquiu Miss Doughty. – Os cavalheiros não alteram os seus planos sem uma boa razão e pediu-me que me certificasse de que repousava e não saía.

– Peço desculpa pela intrusão – disse Beth, num esforço para aplacar a mulher. – O pequeno-almoço tem um aspecto maravilhoso.

– Coma enquanto está quente. Voltarei mais tarde, quando estiver vestida, para a apresentar a Miss Marchmont. Escolha uma roupa simples. Não vai querer assustá-la parecendo uma rapariga de um *saloon*.

Dito isto saiu, deslizando para fora do quarto e deixando Beth a sentir-se abalada.

*

Conhecer Miss Marchmont foi uma experiência ainda mais desagradável. O quarto dela, no piso térreo, era escuro e esqualido. Fedia a urina de gato e tornava ainda mais notável a limpeza e o conforto do de Theo. Era difícil calcular a

verdadeira idade de Miss Marchmont, pois embora a pele enrugada e salpicada de manchas amarelas, as roupas pretas e a touca de renda que lhe cobria o cabelo branco sugerissem que era muito velha, a voz brusca e alta parecia pertencer a alguém muito mais novo. Era pequena e magra, mas tinha umas mãos inchadas que davam a impressão de lhe doer, e Beth pensou que provavelmente sofria de reumatismo.

Não manifestou a Beth a mais pequena ponta de simpatia ou compreensão, disparando perguntas a respeito da sua família e passado como se estivesse convencida de que só alguém vindo da sarjeta poderia ter-se metido em semelhante aventura. Beth esforçou-se por mostrar-lhe que tinha na realidade sido bem educada, mas a velha senhora retorquiu que qualquer rapariga que trabalhasse num bar estava a pedir sarilhos. Chegou ao ponto de acrescentar que esperava que Beth não estivesse a aproveitar-se da bondade de Mr. Cadogan.

Beth tentou não responder com a mesma indelicadeza, limitando-se a afirmar que fora Theo que decidira levá-la para ali por estar exausta depois de tudo por que passara.

– Estou-lhe muito grata pela generosidade, e à senhora também por me deixar ficar alguns dias, mas irei juntar-me ao meu irmão o mais rapidamente possível – concluiu.

Era evidente que Theo não informara a sua senhoria de que ia deixá-la em breve, e não seria com certeza ela a esclarecê-la.

O seu desânimo tornou-se ainda mais profundo quando voltou ao quarto de Theo. Era uma visita indesejada num sítio desconhecido. E não sabia onde, em Filadélfia, encontrar Sam e Jack. Sentia-se encurralada e totalmente dependente de Theo.

Muito naturalmente, os seus pensamentos voltaram-se para o Natal anterior, em Falkner Square, e ao evocar a imagem de Molly a brincar na cozinha, e todo o calor humano e alegria que houvera, a sensação de segurança e felicidade perfeitas, sentiu um desejo enorme de lá estar.

Theo voltou um pouco depois das sete, irrompendo no quarto com cheiros e imagens de charutos e mesas carregadas de comida, bebida e alegre companhia.

– Quem me dera ter podido levar-te hoje comigo – disse, enlaçando-a num longo e sensual beijo que deixou a cabeça de Beth a andar à roda.

Miss Doughty apareceu pouco depois, com um jantar de carnes frias e *pickles*. Beth não precisou de perguntar por que razão tinha Theo direito a refeições preparadas, roupa lavada e quarto limpo enquanto os outros quatro inquilinos, de momento com as respectivas famílias para passar o Natal, eram obrigados a governar-se sozinhos. Tinha um jeito especial que fazia qualquer mulher, por mais velha que fosse, querer cuidar dele.

Depois de terem comido, e de Beth ter ido sentar-se junto à lareira, Theo tirou o violino do estojó e entregou-lho.

– Com certeza não queres que toque agora? – exclamou ela, surpreendida. – Não vai incomodar Miss Marchmont?

Ele riu.

– O silêncio incomodá-la-ia muito mais. Ia julgar que estávamos a fazer amor. Mas pensei que ia manter-te entretida, porque tenho de voltar a sair dentro de um ou dois minutos.

Beth sentiu o coração afundar-se-lhe no peito.

– Pensei que tinhas dito que era perigoso sair – disse, em voz baixa.

– Seria, se fosse para os lados da Bowery. – Theo encolheu os ombros, pegou na escova e começou a pentear-se diante do espelho. – Mas tenho assuntos a tratar numa parte muito mais salubre da cidade. – Talvez por ter-lhe adivinhado o desapontamento, aproximou-se dela e abraçou-a. – Há pessoas com quem preciso de falar e negócios que tenho de deixar resolvidos – disse, beijando-a ternamente na testa. – Claro que preferia mil vezes ficar aqui, mas então sentime-ia tentado a fazer amor contigo. Quando chegarmos a Filadélfia, será tudo muito diferente. E tu precisas de praticar com o teu violino, porque quando lá estivermos vou apresentar-te nos melhores lugares.

Beth tocou violino depois de ele ter saído. Tinha os dedos rígidos e magoados, na realidade doía-lhe o corpo todo e teve de fazer um esforço só para segurar o instrumento, mas tocar era a sua maneira testada e comprovada de acalmar-se. Não tentou as alegres jigas que tocava no Heaney's, e sim algumas das melodias mais lentas e queixosas que aprendera com o avô. Lembrou-se de o ouvir dizer que lhe recordavam a Irlanda: via Falway Bay envolta em bruma, as montanhas toucadas de púrpura e as flores silvestres das turfeiras na Primavera. Para Beth, eram calmantes imagens sonoras, porque via a sala de estar de Church Street, os pais sentados juntos no sofá, o avô reclinado na sua cadeira, os olhos fechados e um sorriso no rosto.

A 28 de Dezembro, Beth e Theo apanharam o comboio para Filadélfia. Theo só na noite anterior informara Miss Marchmont da sua partida, e Beth ouvira a voz dela erguida em fúria.

Theo não lhe contou o que tinha sido dito. O seu único comentário foi que nunca dissera a Miss Marchmont que ia ficar para sempre.

– Detesto que as pessoas tentem prender-me, como se eu fosse sua propriedade – acrescentou, como que num aviso a Beth.

Era noite quando chegaram a Filadélfia, e um fiacre levou-os, numa curta viagem, da estação do caminho-de-ferro até uma rua ladeada de casas de velho estilo federal. A porta foi-lhes aberta por uma negra baixa e gorda, que usava um

aventail branco e um turbante vermelho com bolas brancas.

– Mr. Cadogan! – exclamou a mulher, com um sorriso do tamanho de uma fatia de melancia. – Que bom voltar a vê-lo!

– É bom voltar a ver-te a ti também, Pearl – disse Theo, fazendo-lhe uma festa no rosto com óbvio afecto. – Esta menina é Miss Bolton, que vem juntar-se ao irmão.

Pearl mirou Beth dos pés à cabeça, talvez surpreendida por achá-la tão diferente de Sam.

– Seja bem-vinda, Miss Bolton. Mas receio que o Sam e o Jack tenham saído para tratar de uns assuntos. Voltarão mais tarde. Entretanto, vou dar-lhes de jantar e mostrar-lhe o seu quarto.

Beth ficou desapontada por Sam e Jack não estarem presentes para a receber, mas foi um alívio encontrar-se numa casa elegante, confortável e quente. As portas e corrimãos brilhavam de limpeza, havia uma espessa alcatifa na escada e grandes espelhos de molduras douradas reflectiam a luz dos candeeiros a gás.

Enquanto Pearl os guiava até à cozinha, nas traseiras, Beth viu de relance uma sumptuosa sala de estar mobilada a vermelho e ouro e com uma enorme lareira acesa.

– Um pouco diferente da casa de Miss Marchmont, hein? – disse Theo, com um sorriso.

Beth tinha ouvido risos vindos do primeiro piso, mas como nem Theo nem Pearl, que ela assumia ser a governanta, lhe deram qualquer informação a respeito dos outros habitantes da casa, comeu o seu jantar de sopa, pão e queijo sem fazer perguntas, limitando-se a ouvir a conversa dos dois.

Era evidente que Theo encantara Pearl, tal como tinha encantado Miss Marchmont, pois a mulher parecia pendente de cada uma das suas palavras, rodeava-o de cuidados e mostrava-se deliciada por ele ir ficar algum tempo.

– Tenho de ir tratar de uns assuntos – disse Theo a Beth quando acabou de jantar. – Mas a Pearl toma conta de ti até que o Sam e o Jack voltem. Vemo-nos amanhã.

– Está com um ar cansado – disse Pearl solitamente, depois de Theo ter saído. – Vou levá-la até ao seu quarto e ajudá-la a instalar-se.

E desceu a escada da cave, levando na mão um candeeiro a petróleo, enquanto Beth a seguia transportando a mala. Estava frio, ali, depois do calor da cozinha, e Pearl pediu desculpa pelo facto, acrescentando que ia pôr um tijolo aquecido na cama dela.

– Cá estamos – disse, abrindo uma das várias portas de um comprido corredor com chão de pedra rústica. – Aqui ao lado é a lavandaria – continuou apontando a porta do lado esquerdo, e então, indicando a do lado direito, explicou que era a do quarto de Sam e de Jack.

O quarto de Beth era pequeno, com cerca de dois metros e setenta por dois

metros e dez, e uma janela com grades.

– É um pouco acanhado, mas muito sossegado – disse Pearl. – O Sam e o Jack só voltarão depois da meia-noite, de modo que se ouvir barulho, não se assuste... serão eles. Mais ninguém vem até aqui. Se precisar de alguma coisa, vá até à cozinha e chame.

O quarto era espartano, contendo apenas uma cama de ferro, um lavatório com uma bacia esmaltada e uma jarra, e um pequeno armário. Mas parecia e cheirava a limpo, e Beth estava tão cansada que nem se sentiu ofendida por Theo a ter deixado novamente sozinha.

Depois de Pearl ter desaparecido escada acima, pegou no candeeiro a petróleo e abriu a porta do quarto ao lado, e ficou tranquilizada ao ver uma das camisas de Sam pendurada de um cabide espetado na parede e o casaco aos quadrados de Jack nas costas de uma cadeira.

Acabava de desfazer a mala quando um relógio lá em cima bateu as dez. Com a ideia de pedir a Pearl um pouco de água quente para se lavar, voltou à escada.

A porta da cave abria para a parte de trás do vestibulo e, quando lá chegou, ouviu os passos de pessoas que desciam do primeiro piso. Assumindo que se tratava de membros da família, que talvez não achassem graça a ver uma desconhecida àquela hora tão tardia, recuou para a sombra do umbral.

Na parede em frente havia um grande espelho e, subitamente reflectidas na sua superfície polida, apareceram as figuras de quatro raparigas.

O choque fê-la ofegar, pois não eram as recatadas jovens que estava à espera de ver, e sim quatro criaturas escassamente vestidas, os seios e as pernas em parte revelados pelas coloridas roupas de cetim e renda que adejavam à volta delas.

Não lhe foi difícil adivinhar o que eram, nem o que era aquela casa, pois Amy e Kate tinham-lhe mais de uma vez mostrado roupas semelhantes. E até Ira tinha na sua loja uma secção especial para aquelas coisas.

As quatro raparigas, uma loura, duas morenas e uma ruiva, eram jovens e bonitas, e todas elas riam de uma graça partilhada.

– Se ele não se despachar em dez minutos, obrigo-o a dar-me mais dez dólares – disse a ruiva, com uma gargalhada.

Beth recuou um passo e fechou silenciosamente a porta, tão chocada que já não queria saber de lavagens. Queria acreditar que podia haver outra explicação, apesar de saber que não havia.

Theo tinha-a levado para um bordel.

CAPÍTULO 20

Beth estava deitada, rígida, na estreita cama, demasiado perturbada para dormir. Reinava na cave o mais absoluto silêncio, mas, se apurasse o ouvido, conseguia distinguir o som de risos e de um piano vindo lá de cima.

Já era suficientemente mau pensar que havia mulheres a vender o corpo ali tão perto, mas estava ainda mais ofendida por Theo a ter levado para um lugar daqueles sem uma palavra de aviso.

Teria sido por pensar que ela era demasiado estúpida ou demasiado ingénua para perceber que espécie de lugar era aquele? Ou haveria uma razão mais sinistra, como, por exemplo, ele estar a planear recrutá-la para o negócio?

Não fazia ideia de que horas eram quando finalmente ouviu as vozes de Sam e de Jack lá fora no corredor, mas calculou que já devia passar bem da uma da manhã. Saltou da cama e, detendo-se apenas o tempo suficiente para pôr um xaile à volta dos ombros, correu descalça para o quarto ao lado.

– Beth! – exclamou Sam. – Não te esperávamos tão cedo.

– Sentes-te melhor agora? – perguntou Jack.

Era evidente que os dois tinham estado a beber, pois mal se mantinham de pé e tinham os olhos vidrados.

Beth explicou atabalhoadamente o que tinha visto e como ficara perturbada por Theo não a ter avisado.

– Ele disse-vos o que este lugar era antes de os mandar para cá? – perguntou.

– Bem, sim – respondeu Jack, com um ar embaraçado. – Mas disse-nos que ficaríamos na cave e não teríamos qualquer relação com o que se passava lá em cima. Nem sequer usamos a porta principal, usamos a da cave.

– Não te preocupes, mana – disse Sam, a arrastar um pouco as palavras. – É só um lugar onde ficar até arranjarmos outra coisa, e já temos os dois trabalho. Além disso, não é a primeira vez que conheces prostitutas. A Kate e a Amy eram

tuas amigas.

Beth imaginara, ingenuamente, que o irmão ignorava como as amigas dela ganhavam a vida, e foi a sua vez de ficar atrapalhada.

– Mas o Theo não me disse nada – queixou-se.

– Volta para a cama – disse Sam, impaciente. – Sim, o Theo é um bom malandro. Porque é que achas que não queria deixar-te sozinha com ele em Nova Iorque? Mas temos um lugar para viver, trabalho e tudo corre pelo melhor. Voltamos a falar a respeito de tudo isto amanhã.

Beth olhou suplicantemente para Jack, que se limitou a encolher os ombros e a dizer:

– Há lugares piores do que um bordel.

O dia ainda mal tinha rompido, na manhã seguinte, quando Beth ouviu a voz de Theo. Parecia estar na cozinha, lá em cima, a falar com alguém. Cheia de fúria por ele não só a ter traído como também corrompido o irmão e o amigo, vestiu-se à pressa e correu escada acima.

Theo estava calmamente sentado à mesa, a beber uma chávena de café e a conversar com Pearl. O cabelo despenteado e o queixo sombreado pela barba provavam que passara a noite inteira a pé.

– Como pudeste fazer-me uma coisa destas? – esbravejou ela, antes que ele tivesse sequer tempo de dizer bom-dia. – Fizeste-me crer que ias trazer-me para um lugar respeitável. Isto é um bordel!

Não quis saber se ofendia Pearl, e, quando ele se riu da sua indignação, teve vontade de esbofeteá-lo.

– Vá lá, Beth – disse ele, batendo com a mão na cadeira a seu lado, a convidá-la a sentar-se. – Acreditas mesmo que alguém totalmente respeitável estaria disposto a receber pessoas perseguidas por bandidos de Nova Iorque?

Era uma coisa em que Beth não tinha pensado, e que a apanhara desprevenida.

– Penso que devias estar muito agradecida por uma boa pessoa como a Pearl estar disposta a correr o risco de arranjar sarilhos com gente tão pouco recomendável – acrescentou Theo, reprovadamente.

Beth lançou um olhar a Pearl, que vestia ainda as roupas de dormir, com uma pequena touca a cobrir-lhe os cabelos. O rosto bondoso expressava preocupação, e Beth sentiu-se um pouco envergonhada da sua explosão, pois a mulher recebera-o tão calorosamente na noite anterior. Tudo indicava, além disso, que não era uma simples governanta, e sim a dona da casa.

– Podias ter-me avisado – disse, debilmente. – Foi um choque tão grande.

– E tu devias ter sido suficientemente esperta para perceber sem ser preciso que alguém to dissesse. – Theo suspirou, passando os dedos pelo cabelo. – Trabalhaste para o Heaney durante meses, trabalhaste numa loja onde metade

das prostitutas de Nova Iorque compra as suas roupas, pensei que isso te teria aberto os olhos para a realidade. Além disso, perdeste a tua imagem respeitável na primeira vez que tocaste num bar.

Beth ficou a olhar para ele por um instante, quase incapaz de acreditar no que acabava de ouvir, mas então, quando compreendeu que ele tinha provavelmente razão, rompeu a chorar.

Foi Pearl que se aproximou para a reconfortar.

– Ora vamos, não leve as coisas tão a peito – disse, apertando Beth contra o farto seio. – Aqui não lhe acontece mal nenhum, e nem sequer vai ter de conhecer as minhas raparigas, a menos que queira. Mas se quer ganhar a vida a tocar violino, tem de habituar-se a ser vista como uma mulher de maus costumes.

– Mas porquê? – soluçou Beth. – Ninguém pensa mal de um homem que toque um instrumento. Não sou uma rapariga má, só gosto de música.

– O mundo é dos homens, querida. Bailarinas, cantoras, atrizes e músicas, todas recebem o mesmo rótulo – disse Pearl, apaziguadoramente. – Pode escolher ser Miss Decência-vai-à-igreja-ao-domingo, mas isso significa vestir discretamente, arranjar um emprego respeitável e fazer uma vida aborrecida. Mas se escolher ser Miss Irreverente, a violinista que dorme até ao meio-dia e se diverte como quer, vai ter de aprender a não dar importância ao que as pessoas dizem.

– Como é que vai ser, Beth? – perguntou Theo. – Porque tenho uma espécie de estreia preparada para ti esta noite.

Beth libertou-se dos braços de Pearl, limpou os olhos e olhou para os dele, na esperança de lá ver amor. Viu divertimento, mas nada mais.

– Nesse caso, acho que vou ter de tocar – respondeu, descontraidamente. – Não posso deixar-te ficar mal depois de te teres dado a tanto trabalho.

Talvez se continuasse a diverti-lo ele acabasse por amá-la.

– Aqui tem, querida – disse Pearl, entregando a Beth o vestido vermelho que acabava de passar a ferro. – E tenho um enfeite bem bonito para o cabelo que lhe posso emprestar, se quiser. É da mesma cor que o vestido.

Eram seis da tarde e Beth tinha conseguido ultrapassar o choque que lhe causara saber o que se fazia naquela casa, pois ninguém poderia ser mais carinhosa do que Pearl.

Depois da troca de palavras dessa manhã, Theo desaparecera no seu quarto, que ficava mais para o fundo do corredor da cave. Pearl dissera-lhe que Sam e Jack não apareceriam antes do meio-dia, e parecia que as raparigas lá de cima também não gostavam de se levantar cedo.

Depois de se lavar e vestir, Beth subiu à cozinha para oferecer os seus préstimos a Pearl, pois estava arrependida e envergonhada do que tinha dito.

Pearl sorriu de orelha a orelha, agradecida pela oferta, mas começou imediatamente a preparar mais uma cafeteira de café e deixou bem claro que preferia conversar a preocupar-se muito com o que havia para fazer.

Beth tinha visto muitos negros em Liverpool, e ainda mais desde que chegara à América, mas Pearl era a primeira pessoa de cor com quem tinha uma verdadeira conversa. Era inteligente, espirituosa e carinhosa. Até a voz dela dava prazer ouvir, baixa e melodiosa, apenas com uma leve sugestão do Sul Profundo.

O mais surpreendente de tudo era, no entanto, a idade. Não tinha rugas no rosto, movia-se graciosa e rapidamente apesar do volume, e Beth imaginara que não teria mais de quarenta anos. Mas se as histórias que contava eram verdadeiras, e Beth acreditava que sim, já passara dos sessenta, tendo Pearl confessado, a rir, que a razão porque cobria sempre a cabeça com um turbante ou uma touca era ter o cabelo completamente branco.

Contou que tinha nascido escrava, no Mississippi, mas que ela e a mãe tinham fugido, quando tinha treze anos, com a ajuda de um grupo de abolicionistas do Kansas.

– Houve um grupo de pessoas que partiu para oeste numa caravana de carroções – explicou. – Eram na sua maioria boa gente, e nós íamos com eles e ajudávamo-los a cuidar dos filhos e a lavar e a cozinhar a troco de comida. Tencionávamos ir até ao Oregon, mas então alguém disse que tinham encontrado ouro em São Francisco, e um grande grupo dos que estavam na caravana separou-se para ir para lá. A mamã achou que também devíamos ir, já que poderíamos arranjar trabalho como cozinheiras.

Beth ouviu, fascinada, Pearl descrever a travessia da Sierra Nevada a caminho da Califórnia em pleno Inverno.

– O frio era tanto e a neve tão alta que receámos morrer ali, como alguns dos outros morreram. Mas conseguimos chegar a São Francisco. Não havia muitas mulheres, nessa época, e era um lugar bravio e selvagem, mas a mamã tinha razão, havia uma grande falta de cozinheiras. Montámos a nossa tenda logo que lá chegámos, fizemos um grande caldeirão de guisado e vendemo-lo a dez cêntimos a tigela enquanto o diabo esfrega um olho.

Beth estava meio à espera de que Pearl lhe dissesse que ela e a mãe depressa tinham descoberto que era mais fácil vender o corpo do que guisados, mas enganou-se. Continuaram a cozinhar, aumentando gradualmente os preços e a variedade de pratos. Cobravam aos mineiros por lhes lavar e remendar as roupas, e até abriram um « hotel ».

– Não era de certeza parecido com qualquer hotel que conheça – disse Pearl, com uma gargalhada. – Era apenas uma grande tenda, e os nossos hóspedes tinham direito a um colchão de palha no chão, e tinham de levar as suas próprias mantas. Também construimos uma casa de banho nas traseiras. Eu mal conseguia levantar do lume aqueles baldes de água, tão pesados eles eram. Mas

ganhámos dinheiro, mais dinheiro do que alguma vez tínhamos sonhado. Em 52, mandámos construir um hotel a sério, uma coisa chique com mobílias e espelhos vindos de França, mas por essa altura as mulheres respeitáveis começaram a chegar e não queriam ficar num hotel que pertencia a duas negras. Eram muito más para nós; se pudessem, tinham corrido connosco da cidade. Por isso a mamã transformou aquilo num bordel, para lhes dar uma lição.

Riu estrepitosamente ao dizer isto, e Beth juntou-se-lhe, porque entretanto começara a ver a cena através dos olhos de Pearl.

– Mas isso havia de certeza de fazer com que as corressem da cidade ainda mais depressa – disse, por entre as gargalhadas.

Pearl pôs as mãos nas vastas ancas e rolou os olhos.

– A mamã sabia umas coisas a respeito de homens, sobretudo daqueles emproados que mandavam na cidade. Contratou o género de raparigas que viravam aqueles sujeitos do avesso e os faziam voltar a uivar por mais. As senhoras respeitáveis berravam a exigir que a casa fosse fechada, e os homens delas assentiam e concordavam, mas iam-se lá enfiar pelas traseiras sempre que tinham oportunidade.

Beth não tinha dificuldade em compreender por que razão os homens preferiam a companhia de Pearl e da mãe... Imaginava aquelas esposas de feições duras e corações frios a mexericar à volta da mesa do chá da tarde enquanto os maridos, pomposos mas famintos de sexo, se divertiam longe delas.

– E a Pearl? – perguntou. – Qual era o seu papel no negócio?

– Durante o dia limpava os quartos, cozinhava e lavava a roupa, mas à noite cantava no bar – respondeu Pearl. – Nunca fui uma prostituta. Não estou a dizer que não houve homens na minha cama. Mas nunca recebi dinheiro por isso.

Beth não duvidou por um instante que aquilo fosse verdade.

– Cantava bem? – perguntou.

– As pessoas diziam que sim – respondeu Pearl, com modéstia. – Desde criança que adoro cantar; para mim, era tão natural como respirar. Tinha de cantar, era como deixar o meu espírito voar livre. Mas penso que sente o mesmo em relação a tocar o seu violino. Nessa altura, também eu era nova e bonita, gostava da atenção, de vestir cetim e seda, de ver os homens olharem para mim como se eu fosse o amor das suas vidas. Tinha percorrido um longo caminho desde que era uma escrava descalça e faminta à mercê do meu dono.

Beth calculou que a razão que levava a mãe de Pearl a fugir com a filha fora provavelmente querer protegê-la do tal dono. Apesar de não ter conhecido o género de provações por que Pearl passara, compreendia a sua necessidade de cantar.

– Eu sinto o mesmo quando toco – disse. – Sei que nunca fui uma escrava, mas uma pessoa pode sentir-se amarrada pelo seu passado e pela maneira como foi educada.

– Respeitabilidade – assentiu Pearl, sabiamente. – Bem, é coisa que nunca tive, e nunca terei. Mas sou respeitada pelas minhas raparigas, e pelos homens que aqui vêm. Não preciso de mais.

Contou então a Beth que a mãe fora atropelada por uma carruagem e ficara aleijada, e que estava convencida de que não se tratara de um acidente. A mãe nunca mais voltara a andar e Pearl tivera de tomar conta dela e do negócio.

– Mas fiquei lá até que ela morreu, dez anos mais tarde. Não ia deixá-los ganhar – disse, orgulhosamente. – Então vendi a casa e vim para aqui e comprei esta.

– Porquê aqui? – perguntou Beth.

– Um homem, querida. Que outra coisa me faria atravessar o país de uma ponta à outra?

– É o tal Frank, o amigo de que o Theo falou?

Pearl assentiu.

– É bom para mim, e um autêntico cavalheiro, mas um jogador e um sedutor como o Theo. Agora, ouça com muita atenção o meu conselho! Não se ponha a sonhar com ser feliz para sempre. Não acontece com homens como o Frank ou o Theo. Divirta-se com ele, mas guarde o dinheiro que ganhar e tudo o que ele lhe der. Ofereça-lhe o corpo de graça, mas não lhe dê o coração, porque ele parti-lo-á.

Beth preparava-se para tentar convencer Pearl a alongar-se sobre o assunto quando as raparigas começaram a descer à cozinha. A loura de ar amuado era Missy, as duas morenas Lucy e Anna, e a bonita ruiva era Lola. Missy, Lucy e Anna não teriam mais de dezoito anos, Lola talvez vinte e três. Todas elas usavam roupão e chinelos e tinham os rostos pálidos por falta de ar fresco.

Beth sentiu que as raparigas não tinham ficado muito satisfeitas por encontrarem uma desconhecida na cozinha, de modo que pediu licença e voltou à cave, para ver se Sam e Jack já estavam acordados.

Já estavam acordados, mas estavam ambos com dores de cabeça por causa da bebedeira da noite anterior. Jack foi à cozinha buscar café e deu a Beth uma oportunidade de falar a sós com o irmão.

– Já ultrapassei o choque de viver num bordel – começou ela, cautelosamente. – Estive a falar com a Pearl e gostei dela. Acho que ontem à noite entrei em pânico, mas a culpa foi do Theo. Devia ter-me avisado.

– Confesso que estava com medo da tua reacção – admitiu Sam.

– A Pearl fez-me ver as coisas de uma perspectiva diferente. Mas basta disto. Diz-me o que tu e o Jack fazem.

– Eu estou a gerir o Bear, um grande *saloon* a poucas ruas daqui – disse Sam.

– O Jack está a aprender o ofício, serviço ao balcão e adega. Mas o Frank Jasper, o proprietário, é dono de várias casas de jogo e anda a treinar-me nessa área. É ótimo, mana, não tem nada a ver com o Heaney, é um autêntico cavalheiro

sulista.

Beth sorriu. Perguntou-se se o irmão saberia que Frank era, ou tinha sido, amante de Pearl. Duvidava. Sam não se interessava tanto por pessoas como ela.

– O salário é bom? – perguntou.

– Ainda não estamos cá há tempo suficiente para chegar a essa parte, mas a noite passada ele deu dez dólares a cada um de nós e disse que voltávamos a falar no assunto no Ano Novo. Estamos aqui à borla, e a Pearl é uma ótima cozinheira.

– O Theo disse que ia estreiar-me esta noite. Vai ser no teu *saloon*?

– Penso que sim, porque mal chegámos cá o Frank quis saber quando vinhas. Parece que o Theo lhe falou de ti há já algum tempo. Vai ser bom para ti, mana, é uma boa casa, não tem nada a ver com a tasca do Heaney.

– Como é que te dás com as raparigas lá de cima? – perguntou Beth, arqueando interrogativamente uma sobrancelha.

Sam sorriu, malicioso.

– A Pearl não as deixa dar borlas, deixou isso muito claro logo na noite em que chegámos. E, de todos os modos, mal as vemos. Só vamos lá acima quando a Pearl nos chama para jantar.

Conversaram durante mais algum tempo, e Beth contou-lhe como tinha sido o Natal.

– Espero que o Theo se tenha portado decentemente – bufou Sam. – Gosto dele, mas não confio nele.

– A Pearl parece pensar o melhor possível dele.

– A Pearl gosta de homens – observou Sam, sabiamente. – E suponho que, com a idade dela, já não precisa de preocupar-se com serem ou não de confiança. Mas agora que estás cá, eu e o Jack vamos cuidar de ti.

– Eu sei cuidar de mim mesma, obrigada – disse Beth, mas suavizou a afirmação com um sorriso. – Agora vou deixar-te levantar e vestir, e talvez tu e o Jack possam levar-me a sair e mostrar-me qualquer coisa enquanto ainda é dia. Não quero ficar com cara de fantasma, como as raparigas lá de cima.

O enfeite para o cabelo que Pearl emprestara a Beth era uma travessa cravejada de pérolas e com um penacho de plumas vermelhas.

– O Frank ofereceu-mo quando nos conhecemos, em Frisco – disse, enquanto o prendia no cabelo de Beth, na cozinha. – Era o meu amuleto, e usava-o sempre que cantava. Ficas ainda mais bonita com ele do que eu, e acho que o Frank vai gostar de o ver outra vez. Saberá que gosto de ti.

Beth foi ao vestíbulo ver-se no grande espelho. O passeio pela cidade com Sam e Jack devolvera-lhe a cor às faces, e a maneira como Pearl lhe prendera alguns caracóis no lado da cabeça com a travessa fazia-a parecer mais sofisticada. O vestido vermelho sempre a fizera sentir-se um pouco nervosa, por

ter um decote tão pronunciado, mas as plumas na cabeça pareciam equilibrá-lo melhor.

Pearl estava a observá-la da cozinha, e sorriu para si mesma. A rapariga parecia um quadro, com os caracóis negros caídos sobre os ombros muito brancos. Com aquela cara bonita e expressiva, os grandes olhos, os lábios cheios, era o género de mulher que qualquer homem desejaria.

Bem gostaria de poder ir ao Bear naquela noite para ouvi-la tocar, mas o seu lugar era ali. Frank havia de contar-lhe como tudo se tinha passado.

Sam e Jack tinham saído mais cedo para o trabalho, de modo que foi Theo que escoltou Beth até ao Bear. Vestia a sua habitual indumentária de noite: camisa branca como a neve, laço, casaca impecavelmente cortada e chapéu alto, com a pesada capa forrada a cetim descuidadamente suspensa de um ombro.

– O Bear chama-se assim porque o dono de uma velha cervejaria que fica perto tinha um urso no pátio das traseiras – explicou Theo, enquanto desciam a rua. – Se algum cliente armava sarilho, ele ameaçava atirá-lo ao urso.

Beth soube que ele estava nervoso porque lhe conhecia o hábito de contar velhas histórias quando queria esconder os seus sentimentos. Não sabia se o nervosismo se devia ao receio de ela não estar à altura das suas expectativas naquela noite ou ao receio de que recomeçasse a queixar-se por ele a ter instalado num bordel. Ou talvez estivesse apenas um pouco apreensivo porque ia jogar cartas, mais tarde.

Não perguntou, porque ela própria estava tão assustada que pensou que ia vomitar. A razão dizia-lhe que se era capaz de tocar no Heaney's, era capaz de tocar fosse onde fosse. Só que, no Heaney's, não tinha ninguém a apoiá-la; se falhasse agora, não seria só ela a ficar malvista. Sabia que Theo, Sam e Jack deviam ter-se fartado de tecer-lhe louvores; se fosse um desastre, todos eles fariam má figura.

Entrou no Bear com um alarmante nó no estômago. Era muito maior do que o Heaney's, e o tecto alto e as estreitas janelas abertas dois metros e meio acima do chão indicavam que tinha sido construído para servir de armazém, a que fora acrescentado um novo soalho de boa madeira. Um comprido balcão corria ao longo de um dos lados; do outro, uma área sobrelevada protegida por uma balaustrada continha mesas e cadeiras. No extremo oposto ao da porta havia um palco. A iluminação era proporcionada por lâmpadas eléctricas, essa novidade, que se reflectiam no enorme espelho por trás do balcão.

Estava já muito concorrido, com três filas de clientes diante do balcão à espera de serem servidos e um par de empregados a tomar nota das encomendas dos que ocupavam a área sobrelevada. Também o ambiente era completamente diferente do Heaney's, talvez por haver mais mulheres. Não o género que Beth se habituara a ver em *saloons*, mas mulheres normais, sóbria e decentemente

vestidas, do género que seria normal encontrar a trabalhar num escritório ou numa loja. Teve medo de tocar para elas, de certeza não iam aprová-la.

Viu Sam e Jack a servir, mas nenhum dos dois pareceu reparar nela.

– Vou apresentar-te ao Frank – disse Theo, segurando-lhe um braço e guiando-a rapidamente por entre as mesas.

Beth agarrou o estojó do violino com as mãos quando passaram uma porta ao lado do palco, meteram por um curto corredor e se detiveram diante de outra porta, a que Theo bateu.

– É um bom homem. Não tenhas medo – sussurrou-lhe ao ouvido.

Frank Jasper era enorme, com uma cabeça completamente calva, pescoço grosso, nariz afilado e pele marcada pelas bexigas. Parecia o género de homem que subira na vida da maneira mais difícil, mas as elegantes roupas que vestia eram prova do seu sucesso.

– É então esta a tua pequena violinista – disse a Theo, depois de ter mirado Beth da cabeça aos pés. – Espero sinceramente que seja tão boa como dizes, ou eles atiram-na ao urso.

Beth não fazia ideia de que Frank tinha o hábito de usar o urso que dera o nome ao bar como brincadeira. Pensou que estava a dizer que os seus clientes eram muito difíceis de satisfazer e estremeceu dentro das botas. O tamanho do bar era outra preocupação: não tinha a certeza de conseguir fazer-se ouvir acima da algazarra de mais de duzentos bebedores.

Deixaram-na sozinha no escritório de Frank durante pelo menos vinte angustiantes minutos. Frank não lhe dissera durante quanto tempo teria de tocar, ou sequer as músicas que ia tocar, e, enquanto esperava, Beth pensou que antes ser criada de lavandaria do que enfrentar aquele género de terror. Estava a ponderar a hipótese de procurar uma porta das traseiras por onde pudesse escapular-se quando Jack a foi buscar.

– Estou demasiado assustada – disse ela. – Não vou ser capaz de tocar uma nota.

Até ele parecia estranho, com o laço preto e o avental às riscas de *barman*, e o barulho que vinha do bar tornava-se mais ensurdecedor a cada minuto que passava.

Jack passou-lhe um braço pelos ombros.

– Vai correr tudo bem, Beth, não vais estar sozinha. O Frank contratou um contrabaixo e um pianista para tocarem contigo.

– A sério? – Beth sentiu-se imediatamente mais confiante. – Mas porque foi que não me disse nada?

– Talvez quisesse ver se perdias a coragem – disse Jack, com um sorriso. – Vai lá para fora e mostra-lhe de que material és feita.

Beth despiu o casaco e pegou no violino e no arco que tinha pousados em

cima da mesa, depois de o ter afinado.

– Estou pronta.

Quando Jack abriu a porta que dava para o bar, Beth ouviu alguém tocar uma sineta a pedir silêncio.

Então Frank falou, dando as boas-vindas aos clientes do Bear, e Jack reteve Beth, indicando-lhe que devia esperar até ser apresentada.

– A maior parte de vocês já conhece o Herb, que está ao piano, e, claro, o Fred, no contrabaixo – disse Frank – Mas alguns queixaram-se de que faltava alguém que fosse também agradável de ver. Por isso esta noite, pela primeira vez em Filadélfia, temos uma autêntica boneca inglesa a tocar. Ouvi dizer que em Nova Iorque lhe chamavam Cigana, porque os punha todos a bater o pé com o seu violino. Uma grande salva de palmas para Miss Beth Bolton!

– Vai – disse Jack, dando-lhe um ligeiro empurrão em direcção aos degraus do palco.

Ouvir novamente aplausos foi como beber um trago de rum, e Beth subiu os degraus a correr, fez uma vénia ao público, voltou-se para o pianista, um homem já de idade e com uma cara triste, e perguntou:

– « Kitty O'Neill's Champion » ?

– Certo – respondeu o homem com um sorriso, e fez um sinal de cabeça ao contrabaixista.

Os dois músicos tocaram uma introdução e Beth sorriu ao público enquanto prendia firmemente o violino debaixo do queixo e erguia o arco. O medo tinha desaparecido, estava de volta ao palco, que era o seu lugar, a tocar uma das músicas populares irlando-americanas de que mais gostava. Doravante ia ser Miss Irreverente e tocar o coração de todos e cada um dos homens presentes naquele bar.

Frank tirou o charuto da boca e inclinou-se para Theo, sentado do outro lado da mesa.

– Desta vez não me vendeste gato por lebre... Ela é uma brasa.

Theo assentiu, com um sorriso. Sentia o coração a rebentar de orgulho, porque Beth não era apenas uma brasa, estava a pegar fogo ao bar. Receara que tivesse perdido a chama, depois do que passara na cave, mas estava a tocar ainda melhor do que no Heaney's.

Ele e Frank estavam sentados numa mesa na plataforma sobrelevada de um dos lados do *saloon*, de onde tinham uma excelente vista do palco. Beth parecia muito pequena lá em cima, como uma chama escarlate com o seu vestido vermelho. Tinha conquistado a multidão com « Kitty O'Neill », e em seguida tocara « Tom Dooley », « Days of '49 » e « The Irish », tudo músicas carregadas de significado para os Americanos. Mas foi com as jigas irlandesas que mostrou tudo o que valia, e por toda a parte central do bar havia uma centena de cabeças

a acenar e de pés a bater no chão.

Theo sorriu a Frank

– Então, ganho os cem dólares?

– Claro, grande patife. É muito boa. E suponho que a Pearl também gostou dela. Emprestou-lhe as plumas.

Theo pegou no copo de *whisky* e despejou-o de um só trago. Era um homem feliz. Ganhara a sua aposta, Sam e Jack tinham provado ser dois trunfos de valor e tinha todas as mesas de jogo de Filadélfia à sua espera. E a sua ciganinha para seduzir.

CAPÍTULO 21

–Então, que achas da minha nova casa? – perguntou Theo. – Ficaste muda diante de tanta grandiosidade?

Beth riu. Tinha bebido um pouco mais do que a conta no Bear, naquela noite, e Theo convencera-a a ir até ali com ele.

Estava a brincar a respeito da grandiosidade. Eram apenas duas divisões por cima de uma cocheira, não muito diferentes das que ela e Sam tinham ocupado em Falkner Square. A decoração era, porém, muito mais bonita: espessos cortinados, uma alcatifa colorida no chão e um velho sofá de brocado que não ficaria mal numa mansão campestre. Mas a grande atracção era o calor proporcionado pelo grande e bojudado fogão esmaltado no centro da sala de estar. Lá fora, na rua, a neve tinha quase um metro de altura, e Beth esperara que estivesse igualmente frio no interior.

– Estou impressionada pela limpeza e pelo calor – disse, falando devagar para não arrastar as palavras.

– Não posso reclamar o crédito disso – respondeu Theo, abrindo a porta do fogão e despejando mais uma pazada de carvão lá para dentro. – Tenho uma criada. Na realidade, trabalha para as pessoas a quem aluguei estes quartos, mas eu subornei-a e agora cuida também de mim. É velha e feia como o pecado, mas gosto da maneira como me torna a vida confortável.

Beth sorriu. Theo estava destinado a ter sempre uma mulher pronta a servi-lo. Pearl não o quisera a viver em casa dela, porque a tinha enfeitado tal como enfeitara Miss Marchmont e Miss Doughty.

– Vai dar para a noite toda – disse Theo, enquanto fechava a porta do fogão. – Agora dá-me o teu casaco e deixa-me preparar-te uma bebida.

Estavam no início de Março, mas já quando os sinos das igrejas tinham repicado na véspera do Ano Novo para dar as boas-vindas a 1896, e estava em Filadélfia há apenas um par de dias, Beth soubera que ia ser feliz ali.

A elegante casa estilo federal de Pearl em Spruce Street não mostrava

quaisquer sinais exteriores do que se passava para lá da sua brilhante porta pintada de negro, apesar de ali perto, em Camac Street e nas muitas estreitas vielas em redor, abundarem os bordéis, as casas de jogo e as tabernas. As pessoas respeitáveis queixavam-se dos crimes e do barulho, mas para Beth e para os rapazes toda aquela área era um extraordinariamente colorido e alegre conclave de espíritos livres que não se deixavam reger pelos rígidos costumes sociais que prevaleciam no resto da cidade.

O Bear ficava entre a casa de Pearl e Camac Street. Apesar de a maioria da sua clientela ser constituída por artesãos que viviam na zona, o número de artistas, músicos, bailarinas e actores que também o frequentavam atraía muitas pessoas das classes média e alta que gostavam de ser vistas num local considerado *risqué*.

Beth ficara a saber que muitos dos homens que se escapuliam para a casa de Pearl e outros bordéis nas noites de sexta-feira eram profissionais liberais e barões da indústria. Ouvira falar de senhoras da alta sociedade que mandavam os seus criados comprar ópio nos tugúrios ao longo das docas. Até a mamã Connelly, a pequena irlandesa que resolvia os casos de gravidezes indesejadas, afirmava ter mais clientes da alta burguesia do que prostitutas ou criadas de servir.

Filadélfia significava « A Cidade do Amor Fraternal », e era sem dúvida um lugar muito mais amistoso do que Nova Iorque, não existindo a atmosfera muitas vezes ameaçadora e perigosa que lá sentira. Não havia talvez muito menos pobreza, sobretudo entre as comunidades negra e irlandesa, mas, de um modo geral, os imigrantes pareciam mais instalados e as diferentes comunidades mais integradas.

O tempo estivera terrivelmente frio. No dia do seu décimo nono aniversário, em Fevereiro, caíra um nevão tão forte que formara montes com mais de um metro de altura. Mas a cozinha de Pearl estava sempre quente e o Bear ficava a umas poucas ruas de distância. Quando regressava a casa, já tarde, encontrava sempre um tijolo aquecido na cama, e de manhã acordava com o cheiro de *bacon* ou panquecas a fritar.

Nas noites em que não tocava violino, continuava a trabalhar no bar, a servir bebidas e levantar copos, o que lhe dera a oportunidade de conhecer outros músicos e cantores. Tinha feito muitos amigos, tanto entre os clientes como entre os restantes membros do pessoal.

Frank Jasper tinha fama de teimoso e implacável, mas Beth achava-o jovial e justo. Todo o dinheiro que os clientes punham no chapéu para os músicos era dividido igualmente entre eles, sem que a casa cobrasse qualquer percentagem. Era, além disso, um genuíno amante da música, que se orgulhava de procurar e acalentar novos talentos. Havia noites em que Beth se limitava a acompanhar outros músicos ou cantores, e outras em que era a estrela de serviço, mas quer

estivesse a tocar ou apenas a observar e ouvir, estava sempre a aprender, e sentia que era precisamente essa a intenção de Mr. Jasper.

Era um grande admirador do italiano Paganini e do espanhol Pablo Sarasate, ambos violinistas famosos, e tivera a sorte de ouvir Sarasate tocar num concerto em Nova Iorque. Miss Clarkson falara a Beth daqueles dois homens e uma vez levara-a a um concerto em que a orquestra tocara algumas das suas músicas, e por isso ela compreendia o entusiasmo de Mr. Jasper. Theo prometera-lhe levá-la a alguns concertos ali em Filadélfia, para que ela pudesse alargar o seu conhecimento de outros músicos.

As saudades de Inglaterra eram uma coisa do passado. Continuava a escrever regularmente aos Langworthy, e esperava ansiosamente as cartas deles com notícias de Molly, mas perdera o desejo de voltar.

Viver em casa de Pearl fora o que mais contribuiria para alterar o modo como via as coisas. Era difícil reprovar o que ali se passava quando ouvia tanto riso e alegria vindos dos quartos lá em cima. Acabara por conhecer as raparigas, e nenhuma delas era uma pobre e indefesa criatura obrigada a entrar para a profissão. Tinham-na escolhido. Algumas só queriam dinheiro fácil, outras eram aventureiras, e Missy admitira francamente que adorava sexo e não via qualquer motivo para não ser paga ainda por cima.

Reinava em toda a casa uma atmosfera sedutora, com os perfumes das raparigas, o fumo de charuto e a música de piano na sala de estar. Até a lavandaria, ao lado do quarto de Beth, estava sempre enfeitada com diminutas peças de roupa de seda ou de renda. Quando, à noite, ouvia o gemer das molas dos colchões, Beth dava por si a desejar estar na cama com Theo e descobrir todos os prazeres de que as raparigas falavam.

Amava-o, e estava razoavelmente segura de que ele também gostava dela. Senão, porque apareceria ao fim da noite para acompanhá-la a casa, ou a levaria a almoçar, ou lhe oferecia chocolates, flores e adereços para o cabelo? Pearl costumava dizer-lhe que os homens precisam de sexo e que se não o encontravam junto da mulher que amavam, iam procurá-lo noutro sítio qualquer. Dizia que só uma louca julgaria que não. E Pearl tinha a obrigação de saber: todas as noites lhe entrava pela porta um fluxo constante de homens casados e noivos.

Beth pensava que uma vez ultrapassado esse obstáculo, Theo deixaria de desaparecer e seria mais aberto a respeito de todos os aspectos da sua vida. O casamento já não lhe parecia tão importante como em tempos parecera. Só queria que ele dissesse que ela era a sua namorada e fizesse planos que a incluíssem.

Beth sentou-se no sofá enquanto Theo lhe servia uma taça de vinho.

– Está suficientemente quente para ti? – perguntou ele, entregando-lha.

– Sim, obrigada – respondeu ela, repentinamente nervosa. Adorava ser beijada, abraçada e acariciada por ele, mas não tinha verdadeiro conhecimento do que vinha a seguir, se Theo a despia ou se devia ser ela a fazê-lo. Iria doer? E saberia ele como fazer para se certificar de que ela não acabava grávida?

Tratara de saber, junto de Pearl, como podiam as mulheres proteger-se. Havia lavagens e pequenas esponjas que tinha visto, e aprendera em teoria como funcionavam. Mas era apenas teoria. Pearl dissera que os preservativos de borracha para os homens eram o que aconselhava, mas acrescentara que a maior parte tinha relutância em usá-los.

Theo sentou-se ao lado dela e ficou a vê-la beber um gole de vinho.

– O que é que se passa nessa linda cabecinha? – perguntou.

– Só que é um grande passo ter vindo para aqui contigo – respondeu ela.

Ele olhou-a ternamente, e então tirou-lhe a taça da mão e abraçou-a.

– Não te vou magoar – disse baixinho. – Só quero mostrar-te os prazeres de fazer amor.

Beijou-a, a ponta da língua a insinuar-se-lhe entre os lábios com movimentos rápidos, de uma maneira que a fazia sentir o estômago apertado e lhe endurecia os mamilos. No passado, aqueles beijos aconteciam sempre ao fim da noite, ao frio, a caminho de casa, ou quando estavam os dois de pé no corredor da cave da casa de Pearl, onde Jack ou Sam podiam aparecer de um momento para o outro, o que a fazia estar numa constante tensão.

Agora, porém, estava num ambiente aquecido, ninguém ia interrompê-los, e ela sucumbiu à delícia, moldando o corpo contra o dele e deixando todas as ansiedades voarem para longe.

– Hum – suspirou ele, fazendo deslizar um dedo pelo rosto dela, pelo pescoço, pelo vale entre os seios. – Esperei tanto tempo por isto.

Com um só dedo, afastou suavemente o corpete do vestido e a camisola debruada a renda que ficava por baixo, expondo o seio direito enquanto continuava a olhá-la nos olhos, o rosto a centímetros do dela. O dedo encontrou o mamilo erecto, e Theo sorriu antes de inclinar a cabeça e tocá-lo com os lábios.

Beth arquejou involuntariamente, pois nunca experimentara nada tão maravilhoso como aquele chupar, lambe e morder. Agarrou-lhe despidoradamente a cabeça e arqueou o corpo para ele, enquanto um delicioso frêmito a percorria da cabeça aos pés.

Ele tinha agora exposto completamente ambos os seios, e passava de um para o outro, beijando, acariciando e chupando, e ver-lhe a expressão extasiada à luz suave do candeeiro aumentou ainda mais o prazer dela.

– Demasiada roupa – murmurou ele. – Quero ver o teu corpo e beijá-lo todo.

O vestido tinha pequenos botões nas costas. Theo fê-la sentar-se à sua frente,

e, enquanto com a mão esquerda continuava a acariciar-lhe os mamilos, com a direita desapertou todos os botões, sem parar de lhe beijar o pescoço e os ombros enquanto lhe puxava o vestido para baixo. Atilhos foram soltos, o espartilho caiu no chão, e de repente ela estava ali sentada, o tronco nu incongruente com a saia do vestido e os saíotes que formavam balão à volta da cintura.

Theo ajoelhou-se à frente dela, tirou-lhe os alfinetes e o adereço emplumado dos cabelos e passou-lhe os dedos pelos caracóis enquanto a beijava longamente. Beth sentiu o calor a intensificar-se entre as pernas, e retribuiu o beijo com paixão ardente, a querer mais.

Theo pôs-se de pé, levantando-a consigo e, sempre a beijá-la, puxou a saia, os saíotes e as culotes e fê-los passar por cima das ancas. Então, dobrando-se para voltar a apertar um mamilo com os lábios, deixou deslizar a mão para baixo e introduziu um dedo dentro dela.

Beth estava já muito para lá de querer saber se deixava um homem tomar tais liberdades consigo. O coração martelava-lhe o peito, a sua respiração estava ofegante, e movia-se sem pudor contra o dedo dele, gemendo como era bom.

As roupas foram pontapeadas para o lado. Estava nua exceptuando as meias e as botas, e ele empurrou-a para o sofá, onde lhe fez as coisas mais incrivelmente ordinárias e maravilhosas.

Theo tinha-se desembaraçado do casaco e da gravata a dada altura do processo – Beth só se lembrava de lhe ter puxado a camisa para cima para poder sentir-lhe o peito e as costas – mas não fez qualquer tentativa para desabotoar as calças. Ela sentia a rigidez dele contra ela, mas era como se Theo estivesse a reprimir os seus próprios desejos enquanto satisfazia os dela.

Só muito, muito mais tarde ele a levou para o quarto ao lado e aí, finalmente, despiu o resto das roupas. Os lençóis estavam frios e rígidos debaixo da pele escaldante de Beth, e ele ajoelhou por um instante ao lado dela, pegou-lhe na mão e pousou-a no seu sexo entumecido e rijó. Parecia enorme, e saber que dentro de instantes ele ia introduzi-lo dentro dela causou-lhe um medo momentâneo.

Theo deve tê-lo adivinhado, pois deitou-se a seu lado e beijou-a.

– Não temos de ir mais longe, se não estás preparada – sussurrou.

Mas o calor do corpo dele e os dedos que lhe acariciavam e excitavam o corpo baniram o medo, e quando ele voltou a beijá-la ela abriu as pernas e arqueou as costas para o receber.

Pearl tinha dito a Beth que se um homem gostava verdadeiramente de uma mulher se retirava antes de derramar a sua semente. Foi o que Theo fez. Enquanto tocava a substância pegajosa que lhe humedecia o ventre, Beth sentiu que tinha todas as garantias de que precisava.

Doera-lhe um pouco, e ainda estava levemente dorida, mas isso não

importava. Theo levava-a ao Céu, e com certeza não poderia tê-lo feito se não a amasse tanto como ela o amava a ele.

*

Depois de abotoar as botas e vestir o casaco, Beth voltou-se para olhar para Theo estendido na cama, a dormir. A luz da aurora que clareava o céu permitia-lhe ver a mancha escura no queixo dele e a boca macia. Pensou que devia sentir-se envergonhada do abandono com que se entregara, mas a verdade era que não sentia. Sentia apenas alegria. Estava, no entanto, determinada a sair e chegar a casa de Pearl antes que alguém percebesse que passara a noite fora. Não era suficientemente corajosa para apregoar a sua imoralidade.

Inclinou-se para beijá-lo no rosto, inspirando o inebriante aroma almiscarado que emanava dele. Theo não se mexeu. Então, em bicos de pés, Beth saiu do quarto, fechando silenciosamente a porta.

Lá fora, o frio era cortante, com manchas de gelo onde a neve fora limpa ou pisada. Beth deteve-se num umbral para enfiar as galochas de borracha por cima das botas e calçar as luvas, seguindo rapidamente o seu caminho, com uma nova vivacidade no andar.

– Acorda, Beth!

Beth abriu um olho e viu Sam com uma vela acesa na mão.

– Que horas são? – perguntou.

– São quatro da manhã, mas temos de partir.

Foi o tom da voz dele que a fez sentar-se na cama, não as palavras. Parecia aterrorizado.

– Partir? Porquê?

– Aconteceu uma coisa no jogo, esta noite. Levaria demasiado tempo a explicar, mas estou metido num grande sarilho e temos de fugir imediatamente.

Era Setembro, estavam em Filadélfia há nove meses, e fora a época mais feliz que Beth conhecera em toda a sua vida. Sentira-se segura, com Theo, com o seu êxito como música, a viver ali em casa de Pearl. Não podia acreditar que Sam tivesse feito algo capaz de destruir tudo aquilo.

– Diz-me o que fizeste – exigiu. – Não vou a parte nenhuma sem saber.

– Morreu um homem, é tudo o que precisas de saber para já – respondeu ele, ofegante.

A cara do irmão estava na sombra, porque ele tinha pousado a vela, mas ela sentiu a vergonha e a angústia que o dominavam.

– No jogo de póquer?

– Sim. Um dos homens acusou o Theo de fazer batota e puxou de uma faca. Tentei afastá-lo do Theo e acabei com a faca na mão. Mas, Deus é minha testemunha, não queria matá-lo.

Calou-se e tapou a cara com as mãos.

Beth tinha compreendido o suficiente, e saltou da cama.

– Onde está o Theo?

– Foi a casa fazer a mala. Vem buscar-nos com um fiacre.

– Volta-te enquanto me visto – ordenou Beth, e despiu a camisa de noite. Sentia-se doente de medo e não queria ter nada a ver com aquilo, mas eles eram as duas pessoas mais importantes da sua vida e tinha de apoiá-los.

– O Theo pediu para eu ir também? – perguntou, enquanto enfiava os sapatos.

– Não podemos deixar-te aqui para enfrentar as consequências – disse Sam, debilmente. – O Jack também vai.

– O Jack também esteve envolvido? – A voz de Beth subiu uma oitava.

– Só nos ajudou a escapar.

Beth sentia as lágrimas escaldarem-lhe os olhos e mal conseguia apertar o espartilho, tanto as mãos lhe tremiam.

– E a Pearl e o Frank?

– Não estávamos no bar do Frank, de modo que não teremos problemas com ele. Quem me dera que pudéssemos avisar a Pearl, para se preparar, mas não podemos, Beth. Temos de partir já.

Jack entrou no quarto no preciso instante em que Beth acabava de vestir-se. Transportava a sua mala e a de Sam. Sem uma palavra, pousou-as no chão e começou a estender os vestidos de Beth em cima da cama e a dobrá-los para os arrumar no saco de viagem.

– Temos então de fugir daqui a meio da noite, como ladrões? – disse Beth. – Nem uma palavra de agradecimento à Pearl pelo que fez por nós?

– Escrevemos-lhe a pedir desculpa – disse Sam, pegando apressadamente em mais coisas de Beth e enfiando-as no saco. – Lamento muito, mana.

Menos de dez minutos mais tarde, os três e as respectivas malas, e Beth transportando o estojo do violino, estavam na escuridão das ruas, a avançar rapidamente para a esquina ao encontro do fiacre que já os esperava. O cavalo raspolu as pedras com um casco quando eles se aproximaram, e Theo saltou da cabina.

– Lamento muito, Beth – disse, enquanto a ajudava a subir. – Hei-de compensar-te, seja como for.

– Para onde vamos? – perguntou Beth, quando a carruagem se pôs em movimento.

– Para onde o primeiro comboio nos levar – respondeu Theo.

CAPÍTULO 22

–Estou gelada – queixou-se Beth, apertando o cachecol à volta do pescoço quando saíram da estação de Montreal. – Se está assim tanto frio em Setembro, como será em pleno Inverno?

O primeiro comboio que partia de Filadélfia tinha como destino Nova Iorque, mas, durante a viagem, Jack fizera notar que não seria boa ideia demorarem-se lá, pois não tardariam a ser descobertos.

Na Grand Central Station, tinham visto que havia um comboio para o Canadá com partida marcada para daí a duas horas, e Theo achara que era o lugar ideal para escaparem à justiça americana.

– Não teremos de lá ficar muito tempo. É só esperar que o pó assente e as pessoas esqueçam, e poderemos voltar – dissera, despreocupadamente.

– Não podemos voltar a Filadélfia nem a Nova Iorque – observara Jack, a tiritar de frio, porque vestia apenas um fino casaco. Com a pressa, deixara o sobretudo pendurado na porta do quarto, em casa de Pearl. – Mas talvez a Costa Oeste, qualquer sítio que fique bem longe daqui, e seja quente.

Havia agora trinta horas que tinham partido de Filadélfia. Fora uma viagem aborrecida e fria, e nenhum deles conseguira dormir mais do que alguns minutos seguidos. Beth sentia-se como se tivesse a pele, o cabelo e os olhos cobertos de sujidade, e apesar de Montreal lhe parecer um lugar perfeitamente civilizado, não esperara que fosse tão frio.

– Não está assim tanto frio, tu é que tens essa impressão por estares tão cansada – disse Theo, pegando-lhe no braço. – Vamos procurar um hotel. Um banho quente, pequeno-almoço, umas horas de sono e fica tudo bem.

– Nada pode fazer com que um assassinio fique bem – disse ela, tensa.

– Foi legítima defesa – retorquiu Theo. – O homem tinha uma faca encostada à minha garganta e ia usá-la. Para mim, o Sam é um herói... salvou-me a vida.

Mais tarde, quando acordou, Beth deu por si com os braços de Theo à sua volta. Durante alguns instantes, pensou que estava na cama dele, em Filadélfia, e

deixou-se ficar quieta, a ouvi-lo respirar, a saborear o calor do seu corpo. Então lembrou-se de onde estava, e porquê, e toda a fúria que tentara reprimir durante a viagem até ali veio ao de cima.

A escuridão era total, mas não sabia se a noite estava a começar ou se já ia a meio. Sentiu-se tentada a acordar Theo sem cerimónias e perguntar-lhe; na realidade, tinha muito mais a perguntar-lhe além das horas. Mas ao cabo de um ou dois instantes de reflexão, decidiu que era preferível pôr os seus próprios pensamentos em ordem antes de o enfrentar.

Libertou-se dos braços dele e levantou-se da cama, pegou no edredão, embrulhou-se nele, aproximou-se da janela e levantou uma ponta da cortina para poder espreitar para fora.

A rua, tão cheia de carroças, fiacres e pessoas quando se tinham registado no hotel, estava silenciosa. Todas as lojas e o bar em frente estavam às escuras e não se via viva alma. Mas havia luzes acesas em quartos dos pisos superiores dos prédios vizinhos, o que a fez pensar que já devia passar das onze da noite.

Jack e Sam partilhavam o quarto ao lado. Theo registara-a como sua esposa, e, embora dois dias antes ela tivesse ficado satisfeita por fingir essa condição, agora irritava-a.

Sabia que Theo fizera batota no jogo de cartas, apesar de ele jurar que não. Mostrara-se demasiado verboso, excessivamente compreensivo por ela ter sido arrancada da cama a meio da noite, e aproveitara o facto de o comboio ir cheio como desculpa para não explicar como tudo acontecera.

Se não tivesse sido a apressada explicação de Jack na Grand Central de Nova Iorque, enquanto Theo ia comprar bilhetes para Montreal, Beth não teria compreendido nada, porque Sam estava ainda em choque e pouco falara durante a viagem.

Nos últimos meses, a posição de Jack no Bear deixara de ser a de um simples *barman*. Era ele que intervinha quando surgia alguma rixa entre bêbedos: Beth tinha-o visto em acção muitas vezes, enquanto tocava. Nunca era agressivo, mas tinha um instinto para adivinhar problemas antes que eles se tornassem graves, e a maior parte das vezes resolvia a questão usando apenas diplomacia. Mas quando a diplomacia não resultava, não receava usar a força, bater com as cabeças dos zaragateiros uma na outra e pô-los na rua. Frank Jasper apreciava-o por isto, referindo-se-lhe muitas vezes, na brincadeira, como «O Meu Gancho Direito».

Graças ao talento que Jack demonstrava para usar um punho de ferro numa luva de veludo, Frank escolhia-o para estar presente nos jogos mais importantes, ostensivamente para servir bebidas, mas na realidade para garantir a segurança. O último jogo não fora, porém, organizado por Frank e sim por um tal Rob Sheldon, um sujeito que Frank desprezava por ser um senhorio de pardieiros e um notório patife. Theo e Sam tinham pedido a Jack que os acompanhasse, para o

caso de haver problemas.

O jogo decorrera num armazém junto às docas. Os outros cinco jogadores não eram frequentadores do Bear; Theo conhecia-os de outros jogos e sabia que eram grandes apostadores. Mas Sam e Jack nunca os tinham visto, e a Sheldon também não.

Theo ganhara as primeiras mãos, mas então começara a perder fortemente, e quando tinham feito uma pausa, por volta das duas da manhã, Sam e Jack aconselharam-no a encaixar os prejuízos e ir para casa, como dois dos outros jogadores já tinham feito. Mas Theo recusara, dizendo que sentia que a sua sorte ia mudar.

Os dois outros homens que se sentaram à mesa para jogar com Theo e Sheldon eram conhecidos pelas alcunhas, Lively e Dixey. Theo ganhara a primeira mão, e perdera na segunda. Mas voltara a ganhar na terceira e na quarta e as apostas tinham subido. Tinha arrecadado cerca de quinhentos dólares e estava a embolsar o dinheiro para sair quando Sheldon, que começara a noite a ganhar, o desafiara para uma última mão.

Jack dissera que nessa altura sentira que ia haver problemas. Havia qualquer coisa no ambiente que não batia certo. E pensava que Theo parecia um tudo-nada excessivamente calmo e confiante quando se sentara para continuar a jogar.

Sam distribuía as cartas e o jogo começara. O monte de dinheiro no centro da mesa começara a crescer. Dixey desistira e saíra, deixando Sheldon, Lively e Theo. Então Sheldon pedira para ver as cartas de Theo.

Theo tinha quatro reis, que batiam os quatro oitos de Sheldon.

– Eu não estava a prestar muita atenção às cartas que eram jogadas – admitira Jack – Estava demasiado ocupado a vigiar o Sheldon, porque senti que era capaz de ficar furioso se perdesse. Mas tinha a certeza de que o Dixey tinha um rei quando desistira. E acho que o Sheldon também o sabia, porque saltou da cadeira, a gritar que o Theo tinha feito batota e tinha outro rei escondido na manga. Antes que o Theo tivesse tempo para levantar-se, o Sheldon estava em cima dele e tinha tirado uma faca do cinto e encostara-a à garganta do Theo.

Jack demonstrara como Sheldon fizera, com a mão direita na garganta de Beth e usando o braço esquerdo para a prender.

– Eu estava com medo de dar a volta à mesa e acabar com aquilo, não fosse ele cortar a garganta ao Theo; era suficientemente selvagem para o fazer. E havia também o Lively, que não era um tipo muito grande, mas do género de se meter ao barulho se achasse que o Theo tinha feito batota. Por isso tentei acalmá-lo a ele e ao Sheldon com conversa, cheguei até a dizer que se encontrássemos alguma carta na manga do Theo podiam ficar com o dinheiro todo. Mas o Sheldon estava a gritar e a praguejar, a ficar cada vez mais furioso.

« Então, de repente, o Sam apareceu atrás deles e tirou a faca da mão do

Sheldon. Eu corri à volta da mesa para ajudar, o Theo conseguiu libertar-se e a faca caiu no chão, mas nessa altura o Lively decidiu juntar-se à festa. Deu-me um murro no queixo, e o Sam deve ter apanhado a faca do chão ao mesmo tempo, porque quando eu ia responder ao Lively, vi o Sam com a faca na mão, como se não soubesse o que fazer com ela.

«Nessa altura, o Sheldon saltou para ele e tentou tirar-lha, e foi então que o Sam o apunhalou.»

Beth tentara que Sam lhe contasse a sua versão do que tinha acontecido. Embora incapaz de explicar-se com tanta clareza como Jack, dissera basicamente o mesmo, com a diferença de que, segundo ele, não apunhalara Sheldon, fora o homem que corraera de encontro à faca.

A lacónica opinião de Theo era que pouco importava como fora a faca parar à barriga do homem. Ao fim e ao cabo, Sheldon ia matá-lo e Sam impedia-o.

Mas importava para Beth. Havia uma enorme diferença entre alguém correr de encontro a uma faca e ser deliberadamente esfaqueado. E culpava Theo por ter despertado a fúria de Sheldon que transformara o irmão de *dealer* pacífico em assassino.

Lively fugira imediatamente ao ver Sheldon a sangrar. Jack dizia que tinha acreditado que ia chamar um médico, mas Theo afirmava que fugira para salvar a pele.

Jack tentara estancar a hemorragia de Sheldon com a sua própria camisa, mas o homem morrera durante a tentativa. Por isso tinham recolhido todo o dinheiro e as cartas que estavam em cima da mesa e saído, deixando Sheldon com a faca ainda cravada na barriga.

Beth bem desejava ser capaz de pensar, como Jack e Theo, que Sheldon fora um patife sem escrúpulos que toda a sua vida tinha explorado os pobres e os indefesos e que não tivera mais do que merecia. Mas devia ter tido uma mulher, e talvez filhos que o amavam.

À parte o crime, no entanto, e o facto de as três pessoas que mais amava estarem em fuga, o que enfurecia Beth era ter perdido a boa vida que tivera em Filadélfia.

Fora tão feliz lá. Era admirada como violinista e apreciada como pessoa. Ganhava bem, comprara roupas novas, podia comprar prendas para mandar a Molly, tinha até conseguido pôr algum dinheiro de lado. A vida era divertida, sentia que estava a conseguir alguma coisa, mas agora ia ter de recomeçar tudo de novo, e dessa vez sem o apoio e o afecto que recebera de Frank Jasper e de Pearl.

La saber-se que Theo fazia batota, e Frank podia até perguntar-se quantas vezes a fizera nos *seus* jogos, e inclusivamente se não teria sido essa mesma razão que o levava a procurar refúgio em Filadélfia.

Ia de certeza perguntar-se se devia ter confiado em qualquer um deles, e

arrepender-se de ter convencido Pearl a acolhê-los. Quanto a Pearl, Beth sabia que ficara muito magoada por eles terem fugido a meio da noite sem uma palavra de explicação.

Theo estava plenamente convencido de que nenhum dos dois daria à policia qualquer informação a respeito deles, e talvez tivesse razão, pois era esse o código por que se regiam. Mas Beth construía uma relação muito próxima com Pearl, mais próxima até do que com a mãe, e sentia que desmerecera a confiança dela.

Quando se sentou junto à janela, na escuridão, sentiu, pela primeira vez desde que embarcara no seu caso amoroso com Theo, que o odiava.

Ele magoara-a tantas vezes desaparecendo de repente para regressar uma ou duas semanas mais tarde sem dar uma palavra de explicação. Sabia que arranjava maneira de introduzir-se nas festas e *soirées* das pessoas mais ricas e influentes da cidade, e só uma tola acreditaria que não a abandonaria se uma herdeira jovem e bonita o quisesse.

Mas ele conseguia sem esforço transformar as lágrimas dela em riso e as depressões em alegria graças ao seu inesgotável encanto. Era generoso tanto com o seu dinheiro como com o seu afecto. Fazia-a sentir-se a mulher mais bela e talentosa do mundo, e, quando fazia amor com ela, levava-a ao Céu, pondo sempre o prazer dela à frente do dele.

Mas tudo isto levava-a a ver uma outra faceta dele, mais escura. Tinha a certeza absoluta de que Theo fizera batota naquele jogo. Porquê? Jogar não seria precisamente ganhar e perder?

E seria um batoteiro em tudo o mais? Andaria a fazer amor com outras mulheres além dela? Tinha posto Sam e Jack em perigo. Podia ter a certeza de que não voltaria a fazê-lo?

Um restolhar do outro lado do quarto avisou-a de que ele tinha acordado.

– Beth? – chamou Theo em voz baixa. – Estás aí?

– Claro que estou aqui – respondeu ela, secamente. – Onde havia de estar a meio da noite num país desconhecido?

– Vem para a cama.

– Acho que nunca mais vou querer estar numa cama contigo – retorquiu ela.

Theo riscou um fósforo e acendeu a vela.

– Porque é que estás tão zangada?

Vestia a camisola interior, e, com o cabelo negro despenteado e um começo de barba a escurecer-lhe o rosto, não parecia o elegante cavalheiro do costume.

– Porque tu és o responsável por isto – disse ela, aproximando-se da cama para não ser ouvida pelos outros hóspedes. – Todos nós tínhamos uma boa vida em Filadélfia, e tu estragaste tudo. Porque é que tiveste de fazer batota?

Ele não respondeu imediatamente, e Beth ficou à espera de mais uma negação.

– Eu sei que fizeste – disse. – Mente ao resto do mundo, se é preciso. Mas não a mim.

– Está bem, fiz batota – admitiu ele, com um ligeiro tremor na voz. – Não ia ficar a ver todo o meu dinheiro desaparecer no bolso do Sheldon.

– Mas fazer batota é errado.

– Já fizeram batota comigo, muitas vezes.

– Isso não justifica que tu a faças também. – Beth estava exasperada. – Puseste o meu irmão em perigo. A polícia vai persegui-lo, e se o apanharem pode ser enforcado, ou seja lá o que for que aqui fazem aos assassinos.

– Não foi um assassinio, foi um acidente.

– Acidente ou assassinio, um homem está morto e o meu irmão é um fugitivo.

– Duvido que a polícia tente sequer investigar quem o matou. Vão pensar que foi uma luta de gangues. O Sheldon era um bandido, não muito melhor do que o Heaney, o país não perdeu grande coisa. E mesmo que descubram que foi o Sam, não poderão chegar-lhe aqui. Dentro de um par de anos estará tudo esquecido.

– Não por mim, e pelo Sam de certeza que também não.

Theo recostou-se contra a cabeceira da cama e ficou a olhar para ela até que Beth começou a sentir-se pouco à vontade.

– Vais continuar zangada comigo muito tempo? – acabou ele por perguntar. – É que esta é a primeira vez que temos a oportunidade de passar a noite inteira juntos sem teres de sair a correr para fingir que dormiste na tua cama. Não podemos aproveitar o facto de seres Mrs. Cadogan em vez de ficar aí sentada a morrer de frio e com esse ar de quem me odeia?

– Tudo isto foi um grande choque para mim – disse ela, a desejar ser capaz de encontrar as palavras que o fizessem compreender o que lhe tinha feito. – Nunca quis vir para o Canadá. Tanto quanto sei, é uma terra selvagem e gelada durante metade do ano... O que é que vamos fazer aqui?

– Há bares e *saloons* em todos os cantos do mundo – respondeu ele, com riso na voz. – Tenho a certeza de que todos eles gostariam de ter-te a ti e ao teu violino. Vê isto como uma nova aventura, Beth. Tens os teus três mosqueteiros contigo para te protegerem. Agora vem para a cama e deixa-me mostrar-te como te amo.

– Amas mesmo? – perguntou ela. O coração deu-lhe um salto, porque nunca o tinha ouvido dizer aquilo.

– Claro que amo – disse Theo, estendendo a mão. – Senti algo por ti logo na noite em que nos conhecemos no *Majestic*. Foste muito fria e retraída, mas gostei da maneira como me respondeste. Tentei encontrar-te na manhã em que desembarcámos. Mas não sabia o teu nome, não sabia nada a teu respeito. Quando te descobri a tocar violino no Heaney's, fiquei entusiasmado. Eras muito mais bonita do que eu recordava... e a tua música!

Beth teve de sorrir, e então estendeu a mão e pegou na dele.

– Prometes que nunca mais voltas a fazer batota? – perguntou.

– Contigo não, pelo menos – disse ele. – Agora vem para a cama.

Montreal era linda, cheia de edifícios novos e elegantes, ruas largas e parques e praças agradáveis. Beth e os rapazes gostavam particularmente de ir até ao Mount Royal, o parque na montanha de onde se desfrutava uma magnífica vista da cidade e do porto.

Maravilharam-se com Victoria Bridge, construída sobre o rio St. Lawrence, a que as pessoas chamavam a Oitava Maravilha do Mundo, e admiraram o edifício New YorkLife, onde um elevador subia oito andares.

Havia a Golden Mile, com as belas e enormes mansões onde os ricos viviam. O Windsor Hotel era o mais magnífico que Beth, Sam e Jack alguma vez tinham visto, e as lojas de St. Catherine's Street eram tão elegantes como as melhores de Nova Iorque.

À medida que Setembro chegava ao fim e as folhas das árvores se pintavam de vermelho, laranja, dourado e castanho, tudo se tornou ainda mais belo. Mas por mais encantadora que Montreal fosse, todos eles sentiam que não era o sítio onde encontrariam o êxito. Havia bares em abundância, e espectáculos musicais e salões de dança, mas Montreal não era uma cidade liberal: a esmagadora maioria da população era grave, sóbria e trabalhadora.

Sam e Jack arranjam trabalho como empregados de bar poucos dias depois de terem chegado, mas apesar de ambos terem tentado convencer os respectivos patrões a dar a Beth uma oportunidade de entreter os clientes, nada tinham conseguido. Sem que ninguém o dissesse abertamente, era evidente que pensavam que qualquer rapariga disposta a pôr os pés num bar era uma prostituta.

Beth percorreu todas as lojas, na esperança de ser aceite numa delas. Mas, aparentemente, só empregavam homens como vendedores. Se via uma mulher a trabalhar numa loja, num restaurante ou num café, era invariavelmente por ser parente do proprietário.

Theo descobriu que era quase impossível encontrar alguém disposto a admitir sequer que se jogava na cidade, quanto mais ser convidado para um jogo. Pela primeira vez na sua vida, a sua figura de cavalheiro inglês parecia jogar contra ele. Em Montreal, ao que parecia, eram os franceses que gostavam de ser vistos como aristocratas, e olhavam-no de alto. Por outro lado, os vulgares membros da classe trabalhadora, sobretudo imigrantes de primeira e segunda geração de ascendência escocesa ou inglesa, mostravam-se igualmente desconfiados.

Ainda tinha a maior parte dos ganhos do último jogo de póquer, mas não estava preparado para gastá-los em despesas do dia a dia. Dizia que tinha de guardá-los para poder apostar quando conseguisse finalmente arranjar maneira

de entrar num grande jogo. Jack e Sam tinham, inicialmente, concordado com isso, porque ambos queriam trabalhar nos círculos do jogo e precisavam de Theo para os introduzir. Mas à medida que as semanas se sucediam e eles trabalhavam longas horas a troco de baixos salários, começaram a ressentir-se de ver Theo passar os dias a preguiçar e a beber em sítios elegantes como o bar do Windsor Hotel enquanto eles o sustentavam, bem como a Beth.

Mudaram-se do hotel para uma pensão, e depois para um apartamento com três divisões, mas até isso era demasiado caro, o que recordou a Beth as dificuldades que ela e Sam tinham enfrentado durante o primeiro ano em Nova Iorque. Tal como então não tinham tido alternativa senão contentarem-se com um quarto num pardieiro do Lower East Side, também agora não tinham opção senão baixar a fasquia e procurar um lugar para viver em Point St. Charles.

Griffintown, ou o Pântano, como Point St. Charles era muitas vezes referida, era uma zona degradada no extremo oeste da cidade, entre o rio St. Lawrence e os carris da Canadian Pacific. Não tinha nenhuma da beleza do resto da cidade, que se situava no alto de uma colina, salpicada de igrejas e pináculos. No Pântano, havia fábricas e indústria pesada, altas chaminés que vomitavam fumo negro noite e dia.

Não havia os feios blocos de apartamentos com cinco andares que se tinham habituado a ver em Nova Iorque, apenas filas de casas iguais com dois ou três andares no máximo, mas era um lugar sombrio e triste, onde viviam os mais destituídos de Montreal. Encontraram uma minúscula casa de contraplacado com quatro divisões distribuídas por dois pisos em Canning Street, uma das áreas mais pobres, com uma alta taxa de desemprego e famílias numerosas. Até os que tinham trabalho provavelmente levavam para casa menos de dez dólares por semana.

Depois do conforto da casa de Pearl, com casa de banho interior, era horrível voltar à latrina no pátio das traseiras, sobretudo com aquele frio. Conseguiram comprar algumas peças de mobília numa das inúmeras lojas de artigos em segunda mão das redondezas, mas Beth não fora ainda capaz de juntar coragem suficiente para tentar tornar aquele tugúrio mais acolhedor, porque os rapazes só iam a casa dormir e Theo só aparecia de vez em quando.

Josie, a irlandesa que vivia na porta ao lado, conseguiu arranjar-lhe emprego na fábrica de camisas onde trabalhava. Era um trabalho entediante e repetitivo: cosia à máquina os lados das camisas, e outra pessoa qualquer acrescentava o colarinho e as mangas.

Quando o Outono se transformou em Inverno e caíram as primeiras neves, Beth gelava durante todo o dia naquela fábrica. Imaginou-se a ficar como as outras mulheres que lá trabalhavam, velha antes de tempo, de costas vergadas e os olhos estragados. Eram quase todas irlandesas e não tinham alternativa senão aceitar os poucos dólares por semana porque tinham filhos para alimentar e, em

muitos casos, maridos miseráveis que bebiam o que elas ganhavam.

Mas, ao menos, tinham um marido. Beth chamava a si mesma Mrs. Cadogan, lavava as camisas, as meias e a roupa interior de Theo para que ele pudesse continuar a parecer elegante, e cozinhava-lhe as refeições quando ele se dignava aparecer em casa. Tudo o que uma esposa faria. Mas eram Sam e Jack que lhe apreciavam as competências domésticas, eram eles que iam buscar carvão para o lume e a confortavam quando ela achava que nada valia a pena. E ela não conseguia arranjar coragem para lhes dizer que trazia no ventre o filho de Theo.

CAPÍTULO 23

Beth puxou para baixo o barrete de pele, de modo a tapar melhor as orelhas, e saiu de casa com alguma apreensão, porque eram cinco da madrugada e estava bastante escuro. As botas forradas a pele que Jack lhe oferecera no Natal mantinham-lhe os pés quentes e secos, mas o casaco comprido, a saia e os saíotes enchiam-se de neve à medida que ela caminhava e se atrapalhava nos seus movimentos.

Tinha sido despedida da fábrica de camisas no princípio de Dezembro. Não podia dizer que o lamentasse, pois detestava aquele trabalho. Arranjara outro, pouco depois, como cozinheira.

Theo, Sam e Jack tinham ficado horrorizados, e tentado fazê-la desistir da ideia, pois o lugar era num dormitório de trabalhadores itinerantes da construção civil. Ela insistira em aceitar porque não havia mais nada em perspectiva, mas no primeiro dia, quando se vira confrontada com quarenta homens rudes, duros e não muito limpos de uma dúzia de nacionalidades diferentes, quase dera meia-volta e fugira. Mas o salário era muito melhor do que na fábrica de camisas e ali, ao menos, não tinha frio.

Os rapazes tinham receado que os homens tomassem liberdades com ela, mas Beth descobrira que eram respeitosos, protectores e agradecidos. Era um longo dia de trabalho, das cinco da manhã às sete da noite, mas depois de levantadas as mesas do pequeno-almoço e cumpridas algumas outras tarefas como varrer as camaratas e limpar o refeitório, podia voltar a casa por um par de horas. A maior parte das vezes, porém, ficava no dormitório, a ler um livro ou a dormir junto ao fogão até serem horas de preparar a refeição da tarde.

Até poderia ser verdadeiramente feliz se não fosse a ansiedade que lhe provocava ter de dizer a Theo e aos rapazes que estava grávida. Desde os princípios de Janeiro, quando começara a tornar-se mais difícil apertar a saia, tomava todos os dias a decisão de falar com eles nessa tarde. Mas Fevereiro chegava ao fim e ainda não conseguira fazê-lo.

Não era só covardia por rezear que a notícia fosse acolhida com alarme. Na maior parte dos dias nem sequer via os rapazes, porque eles ainda estavam a dormir quando ela saía e já tinham saído para o trabalho quando voltava. Mas mesmo aos domingos, quando se juntavam todos em casa, a altura nunca era a certa. Uma vez era porque Sam estava todo entusiasmado por causa de um aumento de ordenado e ela não queria estragar-lhe a alegria, outra porque Jack caíra na neve e magoara uma perna e ela não queria arranjar-lhe mais preocupações. Quanto a Theo, não se podia contar com ele nem sequer aos domingos, porque conseguira finalmente insinuar-se num grupo de homens ricos que gostavam de jogar póquer.

Theo levava uma vida dupla. Para os amigos, era um homem de negócios bem sucedido com interesses na América e no Canadá. Nenhum deles fazia ideia de que a sua verdadeira casa ficava no Pântano, nem de que o seu único negócio era o jogo.

Apesar de não gostar do facto de ele desaparecer durante dias seguidos, ou de não fazer parte daquela sua outra vida, Beth não podia deixar de admirar-lhe o talento para convencer as pessoas de que era um homem de substância. Alugava um quarto no Windsor Hotel e enviava notas aos amigos a convidá-los para jantar. O investimento feito no quarto e no jantar era regra geral o suficiente para conseguir-lhe um convite para uma das mansões da Golden Mile, onde ficava durante uma semana ou mais a fazer o papel de distinto hóspede que frequentemente aliviava os anfitriões de centenas de dólares em amigáveis jogos de póquer.

Beth sentia-se por vezes ofendida pela injustiça de ele preguiçar no luxo enquanto ela cozinava para quarenta homens, mas compreendia que Theo estava a tentar reunir apoiantes para uma casa de jogo que os beneficiaria a todos. Além disso, contribuía com dinheiro para ela e para os rapazes, e, no fundo do coração, sabia que se ele não a amasse e não considerasse Sam e Jack os seus melhores amigos, há muito que teria seguido o seu caminho.

Mas Theo não incluía um bebé nos seus planos a longo prazo, e Beth receava que a notícia deitasse tudo a perder. Para ser franca, ter um filho também não fizera parte dos planos dela, e ao princípio ficara horrorizada. No entanto, à medida que as semanas passavam, começara a dar por si a reviver a alegria de cuidar de Molly, e agora queria aquele bebé com todo o coração. Mas permanecia o facto de ser bastante provável que os rapazes acolhessem a novidade com muito pouco entusiasmo.

Não ia poder manter o segredo durante muito mais tempo. Pelas suas contas, estava grávida de quatro meses e meio, o bebé nasceria em Julho, e a única razão porque ninguém reparara ainda na alteração das suas formas era a quantidade de roupas de Inverno que usava. Mesmo na cama, nunca despi a camisa de noite de flanela, e como estava quase sempre a dormir quando Theo

chegava a casa, há já várias semanas que não faziam amor.

– Vou dizer-lhe esta noite – decidiu em voz alta. Era raro ele sair antes de ela chegar a casa, e podia deixar-lhe o cuidado de dar a novidade a Sam e a Jack na manhã seguinte, antes de eles irem trabalhar.

Era difícil caminhar com tanta neve, e além disso perigoso, pois podia haver obstáculos escondidos debaixo do espesso manto branco e, na escuridão, não era fácil ver o ligeiro montículo que poderia avisá-la. Por isso avançava com passos curtos e cuidadosos, os pensamentos perdidos nos seus planos para o futuro.

Apesar de todos os seus defeitos, Theo era carinhoso e atencioso, e Beth tinha a certeza de que casaria com ela para dar um nome ao filho. Mas também sabia que não podia ter a esperança de transformá-lo num marido tradicional, desses que saem todos os dias para trabalhar num banco ou noutra emprego regular para sustentar a mulher e o filho.

A ideia dela era que deviam alugar uma casa inteira numa área melhor e aceitar inquilinos para ganhar algum dinheiro. Theo podia continuar com os seus planos, bem como Sam e Jack. Mesmo que os rapazes tivessem de sair de Montreal, ela ficaria segura, e se não podia tocar violino em público, seria ao menos dona da sua própria casa e não teria de deixar o bebé ao cuidado de ninguém enquanto saía para trabalhar.

Quando virou para Fuller Street, onde ficava o dormitório, estava tão ocupada a planear como ia apresentar esta ideia aos rapazes que se esqueceu de olhar para o chão. De repente, os pés fugiram-lhe para a frente e ela caiu de costas na neve, batendo dolorosamente com as nádegas.

Quando rolou para um lado e se pôs cautelosamente de joelhos, viu que tinha pisado uma placa de gelo. Alguém devia ter despejado um balde de água na neve, e o frio intenso congelara-a.

Calculou que mais tarde ia ficar com uma grande nódoa negra, mas, felizmente, as pernas e os tornozelos estavam bem.

Só quando já estava no dormitório, a espreitar o lume do fogão que ficara no borralho a noite inteira, a encher cafeteiras de água e a acender o gás para começar a cozinhar se apercebeu de que estava um pouco zozza e abalada. Mas não havia tempo para pensar naquilo, pois os homens não tardariam a levantar-se.

O pequeno-almoço era sempre mais difícil do que cozinhar a refeição da tarde, que tinha todo o dia para preparar. De manhã, tinha menos de uma hora para fritar oitenta ovos, *bacon* e salsichas em grandes frigideiras, cortar em fatias seis grandes pães e fazer várias cafeteiras de café e chá.

O dormitório tinha uma grande sala comum onde os homens comiam e relaxavam. As camaratas e as casas de banho ficavam nas traseiras. As paredes eram de estuque tosco e sem pintura e o chão de cimento nu. Havia uma série de compridas e desconjuntadas mesas de madeira, bancos corridos também de

madeira e um balcão que separava o refeitório da área da cozinha. Um *placard* e os cacifos dos homens cobriam uma das paredes; a segunda tinha cabides para pendurar as roupas de sair; como o fogão se mantinha aceso de dia e de noite, de manhã os casacos e as botas molhados estavam secos.

A terceira parede fora decorada por residentes com tendências artísticas. Havia esboços de ursos e alces, caricaturas de alguns dos homens e muitas mulheres voluptuosas e seminuas que faziam Beth corar.

Da primeira vez que entrara numa das camaratas, para varrer o chão, o fedor a suor e a pés sujos fora como uma barreira que a fizera recuar, mas supunha que não podia ser de outro modo quando tantos homens dormiam num espaço tão pequeno e mal ventilado. Além disso, trabalhavam longas horas e só podiam frequentar o balneário, um pouco mais abaixo na rua, uma vez por mês, ou à volta disso. Mesmo assim, a maior parte guardava as suas poucas posses e roupas limpas numa caixa ou num saco de lona debaixo dos catres. Aqueles homens eram nômadas que se deslocavam para onde quer que houvesse trabalho. Eram uma raça dura livre de peias de mulheres ou famílias, indiferentes ao frio e ao calor e, muitas vezes, também à dor. Tudo o que pareciam precisar era alguns amigos, comida e bebida, e ficavam contentes.

Quando o primeiro grupo de homens desgrehados, a bocejar e a tossir, entrou no refeitório, já Beth tinha os pratos, as travessas com pão e comida em cima do balcão e estava pronta para a distribuição. Tinha posto o café e o chá no extremo do balcão, para que eles se servissem sozinhos.

A maior parte limitou-se a grunhir uma saudação, porque ainda só estavam meio acordados, mas quando o enorme americano a que os homens chamavam Tex parou diante dela para que lhe enchesse o prato, olhou-a fixamente e franziu o sobrolho.

– Sentes-te bem, querida? – disse. – Estás muito pálida.

– Escorreguei no gelo, quando vinha para cá – explicou Beth, com um débil sorriso. – Não parti nada, só fiquei um pouco abalada.

– Então vê se descansas o resto do dia – disse ele. – Não queremos perder uma coisinha bonita como tu!

Às dez da manhã, Beth tinha acabado quase todos os seus trabalhos de limpeza. Geralmente, era a hora em que fazia uma pausa e bebia uma chávena de chá e comia uma sanduiche de *bacon* enquanto lia o jornal antes de começar a preparar a refeição da tarde. Mas a refeição da tarde daquele dia era guisado, e uma vez que a carne que o homem do talho normalmente fornecia tendia a ser dura, resolveu pô-la a cozinhar mais cedo.

Quando estava a tirar os grandes e pesados tachos do guisado da prateleira por baixo do poial do fogão a gás, sentiu uma dor aguda atravessar-lhe o ventre. Pôs os tachos em cima do fogão, e uma nova pontada pareceu trespassá-la.

Sentou-se numa cadeira, a dizer a si mesma que era apenas uma câibra, ou

que pegara mal nos pesados tachos de ferro. Mas então aconteceu terceira vez, e instintivamente agarrou a barriga como vira a mãe fazer quando entrara em trabalho de parto, quando Molly nasceria.

Uma sensação de pavor apoderou-se dela. Iria perder o bebé?

Talvez não tivesse ficado encantada, ao princípio, mas depois começara a gostar cada vez mais da ideia, e durante o último mês pensara em pouco mais do que segurar o filho ou a filha nos braços.

Que faziam as mulheres para se certificarem de que não perdiam os bebés? Estender-se no chão bastaria? Ou devia pedir a alguém que chamasse um médico?

Mas quem? Todos os homens tinham saído para ir trabalhar. O dormitório pertencia a um tal Mr. Sondheim, mas exceptuando as tardes de sexta-feira, em que ia pontualmente cobrar as rendas, era raro aparecer. Fora visita mais frequente quando ela começara a trabalhar ali, mas agora parecia confiar nela e só ia recolher as contas dos géneros, certificar-se de que ninguém se fora embora ou de que ninguém estava a usar as instalações sem a sua autorização. Não era muito provável que aparecesse naquele dia, uma vez que o fizera na véspera.

Beth levantou-se da cadeira, na esperança de que a dor desaparecesse, porque Mr. Sondheim não ficaria satisfeito se não tivesse a refeição da tarde pronta para os homens. Tinha chegado à bancada, onde deixara a carne pronta para ser cortada, quando a dor voltou. Dessa vez foi mais intensa e durou mais tempo. Beth soube então que não ia desaparecer e que tinha de conseguir ajuda.

Muito devagar, passo a passo, avançou para a porta. Quando lá chegou, a dor voltou a atingi-la, tão forte que a fez gritar. Quando abrandou, sentiu uma humidade pegajosa entre as pernas, e pensou que fosse sangue. Apavorada, abriu a porta e olhou para fora.

Não havia ninguém à vista, e embora a casa mais próxima ficasse a apenas alguns metros de distância, do outro lado da rua, teve medo de atravessar até lá, porque podia cair na neve. De todas as outras vezes que abrira aquela porta, houvera sempre pessoas por perto, mesmo com a neve, porque a maior parte dos residentes da área vivia em espaços tão apertados que tinham de sair para respirar.

– Alguém que me ajude, por favor – suplicou em voz alta, ao mesmo tempo que outra pontada de dor a trespassava. Horrorizada, viu a neve entre os seus pés tornar-se vermelha de sangue, e o medo provocou-lhe uma náusea.

Estava ali há uns dez minutos, gelada até aos ossos, cheia de dores e a ver a mancha de sangue a aumentar à volta dos pés, quando finalmente avistou um homem a descer a rua, puxando um trenó atrás de si.

– Ajude-me, por favor – gritou, o mais alto que foi capaz.

Quando o homem chegou junto dela, estava agarrada ao umbral da porta

para não cair.

– Tem algum problema? – perguntou ele.

Beth apercebeu-se de que era muito novo, não mais de vinte anos, irlandês, com uns grandes olhos azuis e brilhantes.

– Sim, acho que estou a perder o meu bebé – disse atabalhoadamente, o medo a sobrepor-se à vergonha de dizer uma coisa daquelas a um estranho. – Importa-se de ir a minha casa chamar o meu marido ou o meu irmão?

– Com certeza – disse o rapaz – Mas primeiro deixe-me ajudá-la, ou ainda morre de frio aqui.

Parecia conhecer o local, pois uma vez no interior foi direito a uma das camaratas e voltou com uma manta e uma almofada. Obrigou-a a deitar-se no chão e tapou-a, e até lhe pegou na mão quando a dor a fez gritar.

Beth explicou-lhe, entrecortadamente, aonde tinha de ir, e ele prometeu correr até lá.

A dor piorou muito mal o rapaz desapareceu, e não diminuiu como antes, continuou a vir como ondas, cada uma mais forte do que a anterior, até Beth não conseguir pensar para lá dela, ou ver ou ouvir fosse o que fosse.

De muito longe, através do nevoeiro vermelho que a envolvia, pareceu-lhe ouvir Jack chamá-la, mas não conseguiu responder. Sentiu-se como se estivesse a deslizar para dentro de um escuro túnel do qual não havia fuga possível.

– Mrs. Cadogan! Consegue ouvir-me?

Beth pensou que estava a caminhar por uma floresta escura em direcção à voz do homem. Quando tentou andar mais depressa, as pernas não lho consentiram.

– Abra os olhos, Mrs. Cadogan. Acabou-se.

A voz tão próxima fê-la compreender que era um sonho, e que estava na cama. Abriu os olhos e viu um homem com óculos de aros dourados a olhar de cima para ela.

– Está num hospital – explicou o homem. – Pregou um grande susto ao seu pobre marido; estava cheio de medo de a perder.

– Perdi o meu bebé?

O médico assentiu.

– Lamento muito, minha querida. Mas é jovem e saudável e em breve voltará a ser o que era.

– Posso ver o meu marido? – murmurou ela.

– Só por alguns minutos, depois precisa de descansar. Vou chamá-lo.

Beth pensou que devia ser muito tarde, pois havia só uma luz acesa na grande sala, e as pessoas das outras camas pareciam estar a dormir. Estava intrigada por não conseguir lembrar-se de nada depois de o jovem irlandês a ter socorrido. Que lhe teriam dado para fazer a dor desaparecer e para ela dormir tanto tempo?

Tê-la-iam operado?

Ao ouvir passos, voltou a cabeça e viu Jack avançar na sua direcção.

– Onde está o Theo? – murmurou, quando ele chegou junto da cama.

– Não sei – murmurou ele em resposta. – Fui eu que te fui buscar ao dormitório... o Sam já tinha saído para o trabalho. Disse que era teu marido porque parecia melhor. O Theo sabia que ias ter um bebé?

Beth abanou debilmente a cabeça.

– Ia dizer-lhe esta noite.

– Mas eles disseram que estavas com mais de quatro meses! Tive de fingir que sabia. Porque é que não disseste a nenhum de nós? Não te teríamos deixado trabalhar naquele lugar, se soubéssemos.

– Nunca houve uma altura certa para vos dizer – respondeu ela, cansadamente.

Jack inclinou-se e beijou-a no rosto.

– Como te sentes agora?

– Um pouco estranha. – Beth suspirou. – Mas já não tenho dores. O que foi que eles me fizeram, Jack?

– O médico explica-te tudo de manhã – disse ele. – Agora precisas de dormir. Vou procurar o Sam e o Theo e contar-lhes. Vimos ver-te amanhã.

*

Já passava das dez da noite e Jack caminhava pelas ruas desertas e cobertas de neve, os olhos a encherem-se de lágrimas ao pensar no que o médico tinha dito.

– Tive de operar de urgência para remover as partes que não tinham saído naturalmente e, infelizmente, tenho de dizer-lhe que é muito improvável que a sua mulher possa gerar outro filho.

Muitas mulheres que Jack conhecera não se importariam de nunca ter filhos, e quem tivesse visto Beth tocar violino pensaria que ser mãe não era particularmente importante para ela. Mas Jack sabia a verdade. Ouvira a tristeza na voz dela quando falava de Molly, e sabia que desistir da irmã era uma coisa com que nunca conseguira reconciliar-se totalmente, por mais que dissesse que sim. Quando, no Natal, recebera uma fotografia de Molly, ficara a olhar para ela durante horas. Jack sempre pensara que só quando tivesse um filho seu Beth conseguiria recuperar plenamente.

Agora perdera essa possibilidade.

Theo não foi a casa naquela noite, e Jack ficou acordado a odiar o homem

que tratava Beth com tanto descaso. Theo não sabia, claro, que ela estava no hospital, mas Jack não conseguia compreender como podia qualquer homem que tivesse uma rapariga tão encantadora como Beth ficar longe dela uma noite que fosse.

Sam fizera um ar incrédulo quando ele lhe dera a notícia.

– Mas porque foi que não me disse? – repetia, como se pensasse que se ela o tivesse feito nada daquilo teria acontecido. Mas até Sam, próximo como era da irmã, expressara a opinião de que talvez tivesse sido melhor assim.

– Melhor para quem? – gritara Jack – Para ti e para o Theo talvez, para poderem fazer o que querem sem impedimentos! Mas não para a Beth. Uma parte dela morreu com o bebé, e quando descobrir que não pode ter mais, como é que ela vai reagir?

*

O dia estava quase a romper quando Jack ouviu Theo entrar. Ele e Beth partilhavam aquilo a que ela chamava, na brincadeira, a sala, a ligeiramente maior das duas divisões do piso térreo e a que tinha a lareira. Era ali que tinha de cozinhar, e improvisara uma pequena cozinha colocando no espaço ao lado da lareira um caixote de madeira sobre o qual arrumava os pratos, os tachos, os utensílios e os alimentos.

A habilidade dela para tornar qualquer lugar acolhedor espantava Jack. Cobrira a cama com uma manta aos quadrados de várias cores e fizera almofadas para os dois cadeirões de madeira. A maior parte das pessoas em redor vivia sordidamente, derrotada pela pobreza e pelas provações, mas Beth mantinha a casa impecavelmente limpa e estava sempre a acrescentar qualquer coisa para a tornar mais agradável.

Desde que começara a trabalhar no dormitório, comprara uma pequena mesa, e aos domingos, quando estavam todos em casa, era nela que comiam, sentados em caixotes. Tapara as frestas à volta das janelas com papel de jornal, para evitar as correntes de ar, e escondera as manchas das paredes com cartazes de teatro e fotografias cortadas de revistas. Ao domingo, sentados à volta da mesa e com a lareira acesa, a comer um saboroso jantar, podiam esquecer o frio cortante e a miséria lá fora e, por algumas horas, ser uma verdadeira família.

Desde que o vira pela primeira vez, os sentimentos de Jack em relação a Theo tinham oscilado entre o ciúme por ele lhe ter roubado Beth e a indignação por tê-la deixado pensar que fora ele o autor do plano para a salvar da cave. Com o tempo, e depois de se mudarem para Filadélfia, tinha acabado por gostar dele.

Apesar da sua ostentação, das suas roupas elegantes, do seu sotaque

requintado e da sua impecável educação, Theo não era um *snob*. Para ele, só havia dois géneros de pessoas: as de quem gostava e as de quem não gostava. O que tinham ou de onde vinham não entrava na equação.

Quando conseguira pôr de lado os seus ressentimentos, Jack descobrira que Theo era generoso, tinha bom coração e era um companheiro divertido... e esperto, também, sempre um passo à frente dos outros.

Não o escandalizava saber que ele fazia batota ao jogo. Achava que provavelmente teria feito o mesmo se tivesse perdido um monte de dinheiro. Esperara, isso sim, que Theo desaparecesse e os deixasse a Sam e a ele enfrentarem as consequências quando Sheldon morresse.

Mas não o fizera. Assumira o comando, organizara a fuga para o Canadá, pagara-lhes os bilhetes e, porque provara ser digno disso, Jack passara a confiar nele.

No entanto, quando ouviu Theo entrar e se lembrou de onde Beth estava, foi dominado por um ímpeto assassino. Saltou da cama e correu para o quarto ao lado vestindo apenas a roupa de dormir.

Theo tinha acendido uma vela e estava ali com ela na mão, ainda de chapéu alto e capa pelos ombros, a olhar espantado para a cama vazia.

– Onde está ela? – perguntou.

– No hospital, grande filho da mãe – rosnou Jack – Perdeu o bebé, e tu merecias ser enforcado por não estar com ela e por a deixares trabalhar naquele sítio.

– A Beth ia ter um bebé? – arquejou Theo, repentinamente muito pálido. – Não sabia!

– Nunca lhe deste uma oportunidade para te dizer, nunca cá estavas – gritou-lhe Jack – Entras e sais, comes as refeições que ela cozinha para ti, vestes as camisas que ela lava e trata-la como se fosse uma criada.

Theo pousou a vela e deixou cair o chapéu em cima da cama.

– Oh, Deus! – exclamou. – Perdeu o nosso bebé? Por favor, Jack, senta-te e conta-me o que aconteceu e como ela está.

Jack bem via que Theo estava chocado e horrorizado, mas isso não o apaziguou. Cerrou o punho e disparou-o para a frente. Apanhado em cheio no queixo, Theo retrocedeu, a cambalear.

– Dava cabo de ti à pancada sem pensar duas vezes – sibilou Jack – Mas não quero estragar este quarto que a Beth tentou tornar agradável. Ou nunca reparaste nisso? Já viste como as mãos dela se tornaram ásperas. Em Filadélfia era alguém, usava roupas bonitas e era feliz, mas tu roubaste-lhe tudo isso.

– Suponho que tinhas um plano melhor? – disse Theo, com uma nota de sarcasmo na voz. – Um plano do qual nunca falaste, hein?

– Cínico filho da mãe! – gritou Jack, e preparava-se para lhe bater outra vez

quando Sam entrou a correr no quarto e lhe agarrou o braço.

– Lutar não vai ajudá-la a pôr-se boa – disse furiosamente, interpondo-se entre os seus dois amigos. – Sabe Deus que também eu gostaria de desfazer o Theo por ter negligenciado a Beth, mas ela está devastada por ter perdido o bebé e se chegar a casa e descobrir que o perdeu também a ele, nunca mais recuperará.

– Nunca deixaria a Beth nem que vocês os dois me matassem à pancada – disse Theo, indignado. – Estão a portar-se como se eu fosse responsável por isto. Mas como posso ser? Nem sequer sabia. Agora, são capazes de se sentarem e explicarem-me como é que ela está, pelo amor de Deus? Amo-a, com certeza sabem isso?

Ao ouvir esta inesperada declaração de amor, a fúria de Jack dissipou-se.

– Nesse caso, porque era que a deixavas sempre sozinha? – perguntou, com uma voz pouco segura. – Não podias tê-la apresentado aos teus novos amigos? Ela é uma verdadeira senhora, nunca te teria envergonhado.

Theo suspirou e deixou-se cair numa cadeira, passando os dedos pelo cabelo.

– Estava a tentar conseguir algo para todos nós. Se soubesse que ia ser pai... – Calou-se bruscamente, esmagado pela emoção, cobrindo a cara com as mãos. – Por favor, digam-me como ela está – disse com uma voz estrangulada ao cabo de alguns instantes. – Acho que tenho pelo menos direito a isso.

*

Theo deteve-se diante da porta da enfermaria, a olhar para Beth através do pequeno painel de vidro. Estava deitada de lado na cama, com um braço dobrado a esconder a cara, e ele soube que estava a chorar. Preparou-se para entrar, esperando, quando a abraçasse, saber encontrar as palavras certas para a reconfortar.

Tinha a cara dorida do murro que Jack lhe dera horas antes, mas não tão dorida como o coração. Não podia dizer que tivesse alguma vez pensado em como seria ser pai, mas sentia uma tristeza insuportável por ter involuntariamente gerado com Beth uma criança que tinha agora desaparecido.

Inspirou fundo, empurrou a porta e entrou. Beth afastou o braço da cara, e ele viu que tinha os olhos inchados e vermelhos.

– Minha pobre querida – disse, docemente. – Lamento tanto não ter estado contigo ontem.

A expressão dela era tão desolada que ele não suportava vê-la.

– Devias ter-me dito – continuou, inclinando-se para a abraçar. – Amo-te, Beth, sei que nem sempre o mostro, mas não devias ter-me escondido isto.

– Dizem que quase morri – soluçou ela, com a cabeça escondida no peito

dele. – Quem me dera ter morrido, Theo. O que vai ser de mim no futuro sem sequer poder ter um filho para amar?

– Não temos a certeza de que isso seja verdade – disse Theo, as lágrimas a escorrerem-lhe também pelo rosto. – Vamos consultar outro médico, havemos de fazer com que seja possível.

– Há coisas que não são possíveis – disse ela, a voz abafada contra o peito dele.

O instinto disse a Theo que ela sentia que estava a ser castigada por ter tido relações sexuais com um homem com quem não estava casada.

– Não acredito nisso – disse. – Vou tomar conta de ti, e quando estiveres bem outra vez, vai parecer tudo diferente, vais ver. Havemos de casar, um dia, e voltaremos a Inglaterra para ver a Molly. Mesmo que não possamos ter outro filho, continuaremos a ter-nos um ao outro.

Ela continuou a chorar, e ele sentiu-se impotente para acalmar aquela dor. Que podia ele dizer? Nunca ansiara ter um filho, duvidava que qualquer homem ansiasse. Compreendia o desgosto e o desapontamento de Beth, mas não podia presumir saber o que ela sentia.

– Lamento tanto – murmurou. – Lamento não ter tomado melhor conta de ti. Lamento não te ter dito mais vezes que te amava. E lamento muito que tenhamos perdido o nosso bebé. As coisas podem parecer terríveis para ti, Beth, mas hão-de melhorar. Prometo-te.

CAPÍTULO 24

Junho de 1897

–Pára com isso, mana, estou cansado de ver essa cara triste! Beth corou de embaraço, pois a voz de Sam parecia-lhe ter ecoado por toda a carruagem de comboio.

– Porque é que não gritas um pouco mais alto? – retorquiu, sarcástica. – Tenho a certeza de que as pessoas lá ao fundo gostariam de te ouvir.

– Desculpa – disse ele, confuso. – Não me apercebi de que estava a gritar. Mas parece que passaram anos desde a última vez que te ouvi rir ou sequer mostrar entusiasmo por alguma coisa. Atravessámos todo o Canadá e vimos tanta coisa; esta noite estaremos em Vancouver, será que não podes animar-te um pouco?

– Esfregar soalhos, lavar roupa e servir à mesa não são coisas que despertem grande entusiasmo – retorquiu ela, venenosamente. – Se puderes garantir-me que Vancouver vai ser diferente, então talvez eu possa começar a rir outra vez.

– Talvez lá tenhas oportunidade para voltar a tocar violino.

Beth forçou um sorriso.

– Talvez, mas desculpa-me se não conto muito com isso.

*

Tinham passado quatro meses desde que perdera o bebé e, fisicamente, recuperara numa semana. Mas saber que nunca poderia ter outro filho deixara-a completamente destróçada. Por vezes, ficava todo o dia na cama, não queria

saber se o quarto estava sujo ou desarrumado, e quando se arriscava a sair, evitava falar fosse com quem fosse.

Theo não poderia ter sido mais gentil naquelas primeiras três ou quatro semanas. Oferecia-lhe guloseimas, tónicos, fruta fresca e chocolates, levou-a num trenó puxado por um cavalo até Mount Royal, comprou-lhe um vestido novo numa das melhores lojas de Sherbrooke Street. Ficara muitas noites em casa com ela e, não fora isso, talvez Beth tivesse caído numa permanente melancolia.

Ficara contente quando os rapazes tinham sugerido uma mudança. Sentira que mal começasse a ver novas paisagens e a conhecer novas pessoas recuperaria a sua antiga animação.

Tinham partido de Montreal em finais de Março, quando estava ainda muito frio e os rios continuavam gelados, mas a Primavera ia a caminho. A teoria de Theo era que a nova via-férrea que atravessava o Canadá até Vancouver devia ter criado algumas *boomtowns* pelo caminho. Tinha razão na medida em que pequenas povoações tinham surgido à volta dos pontos de paragem do comboio, mas não eram do género de proporcionar as oportunidades que esperara.

Um *saloon*, que normalmente era também hotel, armazéns, lojas de roupas e de ferragens, estábulos e um ferreiro eram tudo o que a maior parte destas povoações tinha para oferecer. Os imigrantes que tinham comprado terras de cultivo naquelas regiões remotas eram gente sóbria, trabalhadora e grave, nada dada a perder no jogo o dinheiro que tanto lhes custava a ganhar. Beth achava que a única maneira de fazer rapidamente fortuna naquelas terras era levar peças de tecido, chapéus e outros luxos, porque a maior parte das mulheres estava faminta de qualquer coisa bonita para usar.

No entanto, sair de Montreal fora bom para ela. Deixara de pensar no filho que nunca mais poderia ter e arranjava energia para trabalhar quando a oportunidade surgia. Recomeçara a preocupar-se mais com o aspecto e voltara a praticar com o violino.

Na maior parte dos lugares onde paravam, os rapazes conseguiam geralmente arranjar um qualquer trabalho temporário, em quintas, como lenhadores ou nas serrações. Numa povoação, Sam ajudara um sapateiro e ganhara quase quarenta dólares. Mas para Beth, o único trabalho disponível era fazer limpezas, lavar roupa e, ocasionalmente, numa quinta, semear ou mondar. Por vezes, tinha de ficar sozinha numa pensão enquanto os rapazes se acomodavam no dormitório do sítio onde estivessem a trabalhar, de modo que também a solidão se juntava aos outros males.

Conseguia tocar violino num ou noutro *saloon*, mas apesar de receber entusiásticos aplausos, o apreço do público nunca se traduzira em mais de uns poucos centínimos no chapéu. Era difícil não recordar Nova Iorque e Filadélfia, e como era bom ganhar a vida a fazer aquilo de que mais gostava. Receava nunca mais voltar a ter oportunidade de o fazer.

No entanto, apesar de todos os desapontamentos, provações e ansiedades fora, como Sam dizia, uma viagem incrível de uma ponta à outra daquele imenso país, e as impressionantes paisagens tinham-na aturdido a cada curva: montanhas toucadas de neve, grandes lagos e florestas de pinheiros, trovejantes quedas de água e pradarias que se estendiam quase até ao infinito. Mal podia acreditar que, em tempos, o seu mundo se limitara a Church Street em Liverpool e que um parque era a sua ideia de um vasto espaço aberto.

A razão da sua cara de enterro naquele dia era apenas cansaço. Estava cansada daquela vida de nómada, cansada de ver os rapazes entusiasmarem-se sempre que se aproximavam de uma nova povoação para voltarem a partir, desapontados, poucos dias mais tarde. Era incapaz de sentir qualquer entusiasmo por Vancouver porque tinha a certeza de que não seria diferente de todos os outros lugares.

Theo estava convencido de que era ali que todos os seus sonhos iam tornar-se realidade. Naquele momento, estava na plataforma de observação ao fundo da carruagem, com Jack e Beth não duvidava de que estavam mais uma vez a planear a casa de jogo com que sonhavam.

Soubera que Jack e Theo tinham lutado depois de ela perder o bebé porque vira a marca na cara de Theo. Mas qualquer animosidade que tivesse havido entre os dois dissipara-se, pois agora eram os melhores amigos, e Jack provaria mais de uma vez o seu valor durante a viagem. No que tocava ao duro trabalho manual, não tinha rival, porque era imensamente forte e capaz. Fazia o trabalho de Theo e de Sam quando eles se atrasavam, e a sua atitude dura dissuadia eventuais arruaceiros de implicarem com eles.

Estavam os três, aliás, mais musculados e fortes do que quando tinham iniciado a viagem, e mais bonitos, também, com os rostos bronzeados pelo sol. Apesar de não conseguir partilhar o entusiasmo juvenil que Vancouver lhes suscitava, Beth continuava a estar muito satisfeita por estar com eles.

– Serve, não serve? – Jack olhou nervosamente para Beth enquanto lhe mostrava as acomodações que encontrara para eles em Gas Town.

Chegados a Vancouver de madrugada, tinham dormitado na sala de espera da estação até ao nascer do dia. Jack saíra sozinho enquanto eles tomavam o pequeno-almoço e regressara uma hora mais tarde para lhes dizer que tinha alugado aquela casa, a um par de ruas de distância da estação.

– É ótima, Jack – respondeu Beth, demasiado cansada para querer saber do que quer que fosse. A casa tinha dois quartos, com enxergas sujas nas camas, uma cadeira só com três pernas, um fogão a gás e um lava-louça no canto da sala das traseiras, que dava para o porto. Mas já tinham ficado em sítios muito piores.

– Foi a melhor das que vi – disse Jack, nervosamente. – Talvez

conseguíssemos arranjar melhor noutra zona da cidade, mas disseram-me que Gas Town é onde ficam todos os bares e casas de jogo, e parece ser o lugar certo para nós. Aposto que aqui ninguém é contra violinistas bonitas.

Beth ficou comovida por Jack ter pensado nela e sorriu cansadamente.

– Fizeste bem, Jack. Mas a verdade é que fazes sempre bem, seja o que for que fizeres.

Nesse momento, Theo e Sam subiram a escada. Theo franziu o nariz e Sam fez um sorriso forçado.

– Porque será que arranjamos sempre umas casas tão feias? Seria de esperar que, uma vez por outra, nos tocasse uma coisa decente – disse.

Beth sentiu-se na obrigação de tranquilizá-los.

– Pelo menos, é um prédio novo. Até vi um lavatório interior e uma casa de banho quando subi as escadas. Posso arranjá-la, vamos ficar bem aqui.

– Se estás satisfeita, também nós estamos – disse Theo, aproximando-se da janela e olhando para fora. – Temos uma boa vista dos navios, e se acharmos que Gas Town não nos serve, podemos sempre embarcar num deles.

– Desde que não seja para norte – declarou Beth, enquanto abria o saco de viagem. – Estou farta de neve e de frio.

Beth acordou algum tempo depois a ouvir um banjo tocar algures ali perto. Era uma música rápida e vibrante, que lhe fez lembrar um negro que tocava banjo nas ruas de Filadélfia. Parecia ser o melhor presságio possível.

Tinham-se deitado os quatro, completamente vestidos, nas enxergas nuas, para descansar um pouco, mas isso devia ter sido horas antes, porque a posição do sol disse-lhe que já passava do meio-dia.

Theo dormia profundamente, enrolado contra as costas dela, mas Beth desvinculou-se dos braços dele, repentinamente cheia de energia e disposta a tornar aquele quarto acolhedor.

Tinha desenrolado os lençóis e as mantas, pendurado os vestidos no armário, e estava a arrastar a mesa para junto da janela quando Theo acordou.

– É bom sinal – comentou ele, ao vê-la estender uma toalha aos quadrados em cima da mesa. – Quer isto dizer que te sentes em casa.

– Sinto-me em casa onde quer que tu estejas – respondeu ela, provocadora. – Mas tira-me essa carcaça preguiçosa da cama, para eu poder fazê-la.

Theo fez o que ela pedia, mas então atravessou o quarto para a abraçar.

– As coisas por que eu te faço passar – disse, num tom arrependido.

A afirmação era, no mínimo, um eufemismo, e se ela estivesse com disposição para implicar podia ter-lhe recitado uma longa lista de agravos, a começar pelo inevitável estilo de vida festa-ou-fome de um jogador. Havia as ausências inexplicadas, o namoriscar com outras mulheres, a falta de fiabilidade e o egoísmo. Mas Beth não estava voltada para as recriminações.

– Nem tudo foi mau – disse, passando-lhe os braços pelo pescoço, para o beijar. Ele respondeu ardentemente, a ponta da língua a insinuar-se entre os lábios dela enquanto a apertava contra si, e, para sua surpresa, Beth sentiu um genuíno desejo a despertar dentro de si.

Desde que perdera o bebê, deixara de querê-lo como antigamente. Continuara a fazer os gestos, fingindo que sim, por ele, mas cada vez que simulava o êxtase sentia-se insuportavelmente triste e ludibriada, porque fazer amor fora uma parte tão importante do que houvera de bom entre os dois.

Theo sentou-se numa cadeira e puxou-a para os joelhos, de modo que ela ficou como que montada nele, e então desapertou-lhe o corpete do vestido e libertou-lhe os seios, para os acariciar e beijar. Foi bom, como antigamente, e quando ele lhe enfiou a mão debaixo da saia e dos saíotes para a acariciar, ela soube que dessa vez não haveria fingimentos.

O facto de Sam e Jack estarem do outro lado da porta enquanto Theo a levava a um estado ardente de excitação com os dedos era tão erótico que atingiu o clímax antes que ele desabotoasse as calças e entrasse nela. Inclinou a cabeça para trás, empurrando os seios contra a cara de Theo com abandono, a adorar o prazer sensual de o sentir dentro de si.

Theo chegou ao orgasmo com um rugido de prazer, cravando os dedos nas nádegas dela.

– Foi como ganhar mil dólares no virar de uma carta – sussurrou contra o ombro de Beth. – Amo-te tanto.

Já passava das dez da noite quando os quatro saíram para comer qualquer coisa. Tinham sido obrigados a tomar banhos frios, porque só havia água quente quando a fornalha da cave era acesa. Mas estavam todos revigorados, e Beth sentia-se tão radiante depois de fazer amor à tarde que ria de tudo o que os rapazes diziam.

Usava o vestido de cetim vermelho, apesar de estar vincado por ter estado guardado no saco de viagem durante tanto tempo.

– Vou levar o violino comigo – anunciou, quando saíram. – Esta noite sinto-me com sorte.

Depois de um jantar de frango frito e batatas num restaurante próximo, desceram a rua principal de Gas Town.

Segundo lhes tinham dito, Vancouver nascera ali. Em 1867, era apenas um aglomerado de barracas de madeira e armazéns junto aos molhes até que John Deighton, conhecido como Gassy Jack, chegara e abriu o primeiro *saloon*. Os dignitários da cidade queriam chamar à área Granville, mas, para os residentes, continuara a ser Gas Town.

Depois das pequenas e pacatas povoações por onde tinham passado nos últimos meses, foi maravilhoso descobrir Gas Town estuante de actividade, barulho e prazeres menos recomendáveis.

As pessoas saíam dos bares para a rua com as suas bebidas e havia bancas a vender todo o género de comidas, desde batatas assadas e cachorros-quentes a tigelas de *noodles*. A música vinha de uma dúzia de fontes diferentes e grupos de marinheiros embriagados cambaleavam de um lado para o outro, a cantar.

Havia angariadores a tentar arrastar os incautos para jogos de cartas em ruelas esconsas e prostitutas sugestivamente encostadas aos umbrais das portas. Mendigos, saltimbancos, artistas de rua e vendedores ambulantes contribuíam para aumentar a confusão.

Jack fê-los parar num concorrido *saloon* na esquina de Water Street.

– Vamos chatear estes aqui – disse, com um sorriso. – Não há música, de modo que talvez consigamos convencê-los de que é disso mesmo que estão a precisar!

Enquanto esperava à porta com Theo que Jack e Sam fossem ao balcão buscar bebidas, Beth reflectiu em como a dinâmica do grupo mudara desde que tinham saído de Filadélfia. Até então, Theo fora o líder indisputado, por força da sua personalidade e educação, e porque era ele que tinha o dinheiro. Sam era o seu braço direito e o papel de Jack quase o de um criado.

Em Montreal, com a propensão de Theo para ausências mais ou menos prolongadas, Jack e Sam tinham começado a tomar decisões sozinhos. Mesmo assim, bastava a Theo estalar os dedos para que eles alinhassem com os seus planos.

Fora de Montreal, tudo mudara; tanto Theo como Sam eram demasiado refinados e citadinos para se sintonizarem com os duros e fortes agricultores, lenhadores e operários que encontravam. Mas aqueles homens gostavam de Jack, reconhecendo-o como um dos seus.

De repente, fora Jack a tomar as decisões, e a levar Theo e Sam consigo. Em alguns dos trabalhos que tinham feito, não teriam durado um dia se Jack não os tivesse ajudado e disfarçado as insuficiências de ambos. Sam depressa começara a endurecer, e a orgulhar-se de aprender novas competências e aguentar o ritmo de Jack e dos outros homens. Mas Theo era como um peixe fora de água; não conseguia adaptar-se. Ia-se safando à custa do seu encanto, e Beth ouvira muitas vezes os homens referirem-se a ele como « o cavalheiro inglês ».

Interrogou-se se ali, no género de meio onde se sentia à vontade, Theo voltaria a assumir a liderança do grupo.

Jack e Sam voltaram com as bebidas, e vinham a sorrir rasgadamente.

– Perguntamos ao patrão se podias tocar – disse Sam –, e ele respondeu: « Se se atrever. » Atreves-te, mana?

Beth pegou no copo de rum, olhou para o bar apinhado de gente e despejou a

bebida de um só trago.

– Tentem impedir-me – disse, com um grande sorriso. Theo entregou-lhe o estojo do violino, e ela abriu-o e pegou no instrumento.

– Que parte do dinheiro temos de dar ao patrão? – perguntou.

– Ele não disse – respondeu Jack – Acho que não acreditou que houvesse dinheiro a receber. Eu passo o chapéu. É melhor darmos-lhe alguma coisa, e talvez ele te ofereça um lugar permanente.

Theo viu Beth deslizar por entre a multidão até ao fundo do *saloon*, com o violino debaixo do braço e o arco na outra mão. Parecia uma chama esbelta com o seu vestido vermelho, e percebeu, pela maneira como ela mantinha as costas direitas e os ombros puxados para trás, que estava decidida a ter êxito naquela noite.

A dada altura desapareceu, e Theo sentiu uma súbita pontada de ansiedade, mas logo a seguir viu-a erguer-se atrás dos corpulentos homens que lhe tapavam a vista, e apercebeu-se de que tinha subido para cima de uma mesa.

Beth prendeu firmemente o violino debaixo do queixo, passou o arco pelas cordas e arrancou com « Kitty O'Neill ».

Durante um longo momento, não houve reacção por parte dos bebedores; estavam quase todos de costas para ela. Theo conteve a respiração, mas, lentamente, os homens começaram a voltar-se, e os sorrisos de apreço espalharam-se pelos rostos.

Theo viu como Beth estava sintonizada com o seu público. Sorria e sacudia o cabelo, acelerando o ritmo à medida que lhes captava a atenção, sabendo depois conservá-la.

Havia sobretudo estivadores e marinheiros, alguns já muito bêbedos, mas começaram a bater com os pés no chão, sem desviarem os olhos dela, levados pela música às praias distantes da sua imaginação.

– Está melhor do que nunca – murmurou Jack – Olhem para a cara dela!

Theo não via outra coisa. Nem os homens que dançavam sem saírem do lugar em frente dela, nem as duas prostitutas que o miravam do canto, nem sequer o copo de *whisky* que tinha na mão. Tinha visto aquela mesma expressão de êxtase no rosto de Beth horas antes, quando faziam amor. Sentiu que deveria ter ciúmes de uma música que significava tanto para ela, mas não tinha. Pelo contrário, sentia-se maior e mais poderoso do que qualquer um dos outros homens presentes naquele *saloon* porque ela era a sua rapariga.

Vinte minutos depois de Beth ter começado a tocar, as pessoas que passavam na rua abriam caminho à cotovelada para entrar no bar, que ficou cheio a deitar por fora.

– Nunca mais vão conseguir servi-los todos – disse Jack, empurrando Sam. –

Vamos até lá dar-lhes uma ajuda.

Mais uma vez, Theo pôde apreciar o sentido de oportunidade de Beth, porque quando os rapazes chegaram ao balcão e ofereceram os seus serviços, ela parou de tocar.

– Preciso de fazer uma pausa – gritou. – Vão buscar as vossas bebidas, que eu já volto.

Naquela primeira noite, havia mais de trinta dólares no chapéu, e Oris Beeking, o proprietário do Globe, concordou, encantado, que Beth tinha de tocar lá quatro noites por semana. Além disso, contratou Sam e Jack como *barmen*.

Vancouver convinha-lhes de todas as maneiras. As pessoas eram muito menos rígidas do que no resto do Canadá porque se tratava ainda, de certa maneira, de uma cidade de fronteira. Era bom poder caminhar ao longo da praia nos dias de sol, conversar com pescadores e marinheiros e sentir que aquele era o seu lugar. Sam e Jack encontraram duas vistosas raparigas de que gostaram. Theo participou em alguns jogos de póquer e aos domingos à noite, quando se reuniam todos em casa, faziam planos para o seu futuro *saloon*, um lugar onde haveria jogo, música e bailarinas.

Depois da incerteza e do desconforto que tinham experimentado nas suas viagens, sentiam-se os quatro felizes por terem assentado mais uma vez. Não se voltou a falar de seguir em frente, só de arranjar uma casa um pouco maior onde viver.

A 16 de Julho, Beth foi à estação de correios mandar uma carta para Molly e os Langworthy. Tinha escrito para Inglaterra de quase todas as povoações onde tinham parado, e agora estava ansiosa por indicar-lhes uma morada para onde poderiam escrever.

Havia um grande grupo de homens à porta dos correios e, de início, Beth pensou que iam começar a lutar, porque andavam de um lado para o outro, a gritar e a agitar os braços. Mas, ao aproximar-se, percebeu que não era a fúria que provocava toda aquela excitação. Dois dos homens eram estivadores que conhecia do Globe, e calculou que os outros acabassem de desembarcar de um navio.

– Que se passa? – perguntou, quando um dos homens que conhecia lhe sorriu e lhe acenou com a mão.

– Ouro! – respondeu ele, com os olhos a brilhar. – Encontraram ouro no Alasca. Toneladas dele. Estamos a planear ir para lá no próximo navio.

Beth riu. Tudo aquilo parecia uma invenção disparatada. Tanto quanto soubesse, um espesso manto de neve cobria o Alasca durante o ano inteiro e as únicas pessoas que lá viviam eram os caçadores de peles.

Mandou a carta, comprou pão, carne e legumes e regressou a casa. Mas, ao passar pelo quiosque, viu o cabeçalho «Tonelada de Ouro!» na primeira página

de um jornal, juntamente com a fotografia de um navio acostado no porto de São Francisco, onde se dizia que estava a tal tonelada de ouro.

Pegou no jornal e ficou a saber que, em Agosto do ano anterior, um homem chamado George Carmack e os seus dois cunhados, Tagish Charlie e Skookum Jim, tinham encontrado ouro em Rabbit Creek, um dos afluentes do rio Klondike, no vale do Yukon. Carmack encontrara o ouro entre grandes lascas de rocha, « como queijo numa sanduíche ».

Desde então, ao que se dizia, os prospectores tinham invadido a área e demarcado as suas parcelas, e tinham sido feitas fortunas da noite para o dia, mas só agora o mundo soubera do caso, porque uma vez instalado o Inverno no Yukon, ninguém podia de lá sair.

Beth estava apenas moderadamente interessada, mas continuou a ler enquanto caminhava pela rua e, de repente, começou a ouvir as palavras « Ouro do Klondike » vindas de todo o lado.

Os rapazes acabavam de acordar quando chegou a casa, mas quando lhes disse o que tinha visto e ouvido na rua, e lhes entregou o jornal, os olhos deles iluminaram-se.

– Onde fica exactamente o Klondike? – perguntou Jack – É no Alasca?

– Chamam-lhe o Yukon, no jornal, e penso que faz parte do Canadá – respondeu Theo, começando a revolver a mala à procura de um mapa da América do Norte. Afastou para um lado as chávenas e os pratos e abriu-o em cima da mesa. – É aqui – continuou, apontando uma área a norte de Vancouver, entalada atrás do Alasca. – Podíamos ir para lá.

– Oh, não – disse Beth, num tom definitivo. – Disse-lhes, quando viemos para aqui, que se tivéssemos de viajar outra vez seria para sul, onde está calor. Não vou embarcar numa aventura de loucos para um lugar que fica gelado durante todo o ano.

– Mas podemos ficar milionários – exclamou Sam, com a voz a tremer de excitação.

– Podemos é morrer de frio e fome, quase de certeza – argumentou Beth. – Não te lembras do que aprendemos na escola a respeito da Corrida ao Ouro em 49? Só umas poucas pessoas encontraram alguma coisa que se visse. E lembras-te do que a Pearl me disse? Ela esteve lá, mas fez fortuna a cozinhar para os prospectores.

– É exactamente por isso que devemos ir – disse Theo, os olhos a brilhar. – É o lugar ideal para montar uma casa de jogo!

– Vê se lhes metes um pouco de juízo na cabeça – pediu Beth, dirigindo-se a Jack – Isto é uma perfeita loucura, gostamos de estar aqui, estamos a governar-nos bem. É uma estupidez deitar tudo a perder como todos esses outros idiotas que vão para lá de olhos fechados.

– Penso que primeiro temos de saber muito mais a esse respeito – disse Jack,

sem a apoiar a ela nem a Theo e Sam. – Discretamente, calmamente e usando a cabeça.

Era impossível ser calmo e discreto naquele dia, porque a notícia da descoberta do ouro, como uma doença infecciosa, alastrara pela cidade e contagiara toda a gente. À tarde, as pessoas faziam fila para comprar passagem no primeiro navio que partisse para Skagway, no Alasca, a cidade que se dizia ficar mais perto das jazidas auríferas.

Os lojistas galvanizaram-se, colocando nas montras grandes cartazes a dizer « Compre aqui o seu equipamento » . Trenós que tinham recolhido aos armazéns para o Verão voltaram inesperadamente a ser postos em exibição. Tendas, casacos e botas forrados a pele, impermeáveis e galochas formavam convidativos montes. As lojas de panos ostentavam à porta ardósias com a lista dos artigos que os proprietários tinham em *stock* que era possível comprar por grosso.

Theo e Sam brilhavam de entusiasmo e até Beth sentiu que o coração lhe batia um pouco mais depressa, mas Jack mantinha-se estranhamente silencioso. Saiu para ir falar com Foggy, um velho que ia ao *saloon* quase todas as noites e que ele sabia ter sido caçador de peles no Alasca, quando era mais novo. Quando voltou, um par de horas mais tarde, para se lavar e fazer a barba antes de ir para o trabalho, Theo e Sam perguntaram-lhe o que tinha descoberto, mas ele disse que lhes contaria tudo de manhã.

Naquela noite, o ouro foi o único tema de conversa no *saloon*. E os veteranos, os que tinham prospectado na Califórnia em 49, foram o centro de todas as atenções. Os que sabiam de cães e trenós tiveram direito a bebidas grátis, e qualquer homem que tivesse navegado pela Passagem Interior até ao Alasca podia discursar e ser ouvido.

– Estudei o mapa e falei com o velho Foggy – disse Jack, na manhã seguinte.
– Fiz uma lista do que ele acha que vamos precisar.

Theo pegou na comprida lista e riu à gargalhada.

– Não precisamos de tudo isto! Uma tenda, mantas, roupas quentes e alguma comida será o suficiente. Picaretas de gelo, serras, pregos! Para que é que precisamos disso?

– O Klondike fica a mil e cem ou mil e trezentos quilómetros de Skagway – explicou Jack, calmamente. – Primeiro vamos ter de escalar montanhas, e depois vamos ter de construir um barco para fazer o resto do percurso. Vamos atravessar uma área completamente selvagem, não vai haver lojas onde comprar coisas.

– Posso caçar – disse Theo, mas a sua voz soou muito menos confiante.

– Vai ser duro. – Jack olhou para Sam, depois para Beth e de novo para Theo.
– Somos gente da cidade, e se não formos preparados vamos morrer pelo caminho, de frio ou de fome.

– As pessoas que encontrarmos vão ajudar-nos, não vão? – perguntou Sam, com um tremor na voz.

– Não podemos contar com nada nem com ninguém – respondeu Jack, sobriamente. – Viste a loucura que foi ontem à noite. Dentro de uma semana, quando a notícia se espalhar mais, vai ser ainda pior, vai haver pessoas a correr para lá vindas de todo o lado. Temos de reservar passagens num navio para Skagway o mais rapidamente possível... isto se quiserem ir, claro.

– Tu queres ir, Jack? – perguntou Beth. Tinha uma sensação esquisita no estômago, mas se era medo ou excitação não saberia dizer.

– Sim, quero, mais do que qualquer outra coisa – disse ele, sorrindo-lhe. – É a oportunidade de uma vida e não vou deixá-la escapar.

CAPÍTULO 25

Jack não se enganara. Uma semana mais tarde, Gas Town tinha sido tomada por uma autêntica onda de loucura. A Corrida ao Ouro do Klondike estava lançada.

Os jornais de todo o mundo tinham espalhado a notícia, e cada comboio que chegava a Vancouver trazia mais centenas de pessoas desejosas de partir para o Yukon. Invadiram Gas Town, trazendo consigo o caos, acotovelando-se e empurrando-se para comprar equipamento, provisões e passagem em qualquer barco que as levasse até Skagway. Mesmo assim, a situação foi muito menos frenética do que em Seattle, e havia também vapores a partir de Victoria, Portland e São Francisco carregados de passageiros.

Beth e os rapazes ficaram espantados pela rapidez com que os empreendedores comerciantes de Vancouver juntaram montes de equipamento e provisões para vender a todos aqueles candidatos a prospectores. Grandes faixas atravessadas nas fachadas das lojas de Cordova Street anunciavam «Equipamento para o Klondike». Anunciava-se cães de trenó por preços exorbitantes, pequenos livros que continham a lista de tudo o que seria preciso para a viagem eram impressos e vendidos antes que a tinta tivesse tempo de secar. A febre do ouro era, ao que parecia, altamente contagiosa: bancários abandonavam os seus bons empregos; condutores de autocarros abandonavam os seus veículos, houve até alguns agricultores que deixaram as searas nos campos sem as colherem.

Não havia outro tema de conversa. Era como se as pessoas tivessem deixado de estar doentes, de ter filhos, de casar ou de morrer. Velhos e novos, ricos e pobres, fosse qual fosse a sua nacionalidade, todos queriam juntar-se à corrida.

Os ricos chegariam ao Yukon num relativo conforto, viajando de vapor até St. Michael, no mar de Bering, e descendo depois o Yukon até aos campos auríferos, mas a viagem era muito mais longa do que fazendo o caminho por terra, a partir de Skagway. Edmonton era anunciada como a Rota Canadiana para os patriotas, mas Jack, que estudara os mapas, declarou-a impossível, porque significava

atravessar duas cadeias de montanhas.

Foi Jack quem comprou os bilhetes para o vapor, e poderiam tê-los revendido logo a seguir por quatro ou cinco vezes o preço original. Correu palavra de que a polícia montada canadiana não permitiria a travessia da fronteira entre o Alasca e o Canadá a quem não levasse consigo uma tonelada de provisões. Isto por receio de uma fome generalizada.

Jack e Sam correram de um lado para o outro, a reunir provisões: blocos de carne, arroz, açúcar, café e ovos desidratados. Uma tenda, casacos de pele, chapéus de aba larga, botas altas, luvas, óculos para impedir a cegueira pela neve... a lista era interminável, e gastaram todo o dinheiro que tinham tão esforçadamente poupado ao longo dos últimos meses. Mas Theo arranjou maneira de manter o afluxo de fundos, movendo-se por entre os recém-chegados com o jogo-da-vermelhinha e aliviando-os de algumas das suas poupanças.

Enquanto os dias passavam num frenesim de comprar e embalar as provisões em sacos de lona impermeável, Beth tocava violino, era aplaudida em delírio e acabava a noite com um chapéu cheio de dinheiro. Sam e Jack serviam bebidas suficientes para pôr a flutuar vários navios e Theo jogava póquer e ganhava.

Finalmente, a 15 de Agosto, embarcaram no *Albany*, um decrépito vapor que, mesmo pelos padrões menos exigentes, poucos considerariam em condições de navegar. Jack tinha reservado um camarote, mas quando chegaram a bordo foi-lhes dito que a maior parte dos camarotes tinha sido desmantelada para arranjar espaço para mais passageiros e mais carga.

Não tiveram alternativa senão aceitar, uma vez que se tornou claro que seriam corridos caso se queixassem, de modo que encontraram um pequeno espaço no convés e instalaram-se rodeados das suas provisões.

Quando o vapor zarpou de Vancouver, juntamente com uma flotilha de outras embarcações, todos os passageiros estavam delirantes de excitação. Mesmo que houvesse espaço para se deitarem, era duvidoso que alguém tivesse dormido.

Só quando o barco entrou na Passagem Interior do Alasca, com a estonteante beleza das suas paisagens de florestas virgens, montanhas toucadas de neve e fiordes envoltos em bruma, se aperceberam do que os esperava.

Por mais maravilhoso que fosse o que viam para lá da amurada do barco, a sensação era completamente arruinada pelo cheiro a carvão, estrume de cavalo, vomitado e suor que os rodeava. As matilhas de cães uivavam sem parar, os cavalos relinchavam e escouceavam, e o barco estava tão apinhado que não se atreviam a abandonar o minúsculo espaço que tinham no convés, com receio de o perder. Encolhidos debaixo de uma lona para se protegerem do frio cortante e da chuva torrencial, aperceberam-se de que o desconforto que sentiam naquele momento só podia piorar antes de chegarem aos campos auríferos.

A maior parte dos outros passageiros não tivera o mesmo cuidado que Jack

em descobrir onde ficava exactamente o Klondike e pensava que o ouro se encontrava à distância de um curto passeio de Skagway. Poucos sabiam que havia montanhas a escalar, e que seria preciso um barco para percorrer os últimos oitocentos quilómetros.

Algumas pessoas tinham sido convencidas a comprar coisas ridículas, como bicicletas montadas sobre esquis, ou engenhocas mecânicas para peneirar ouro que nunca funcionariam. Outras levavam madeira suficiente para construir uma cabana, pianos ou fogões de ferro forjado, mas não tinham pensado em como transportar estas coisas até ao outro lado de uma montanha.

No entanto, apesar das terríveis condições a bordo – esperar sete horas por uma refeição tão horrível que era quase intragável, inexistência de um sítio onde se lavarem e latrinas que faziam o estômago de Beth revoltar-se –, os quatro mantiveram-se animados, porque o ambiente era de festa, toda aquela gente tão excitada como crianças a caminho de uma feira.

Era divertido observar a enorme variedade de pessoas. Cavalheiros elegantemente vestidos eram obrigados a partilhar o espaço com rudes marinheiros e lenhadores; havia mulheres garridamente vestidas e de rostos pintados, veteranos de outras corridas ao ouro, sacerdotes que pareciam animados por um espírito de missão. A vasta maioria era constituída por americanos e canadianos, mas havia alemães, suecos, húngaros, mexicanos e até japoneses. O que os unia a todos era o sonho de voltarem a casa ricos. Quando falavam de ouro, os olhos deles brilhavam, e recusavam permitir que a sua excitação fosse diluída por um mero desconforto.

– Devemos chegar a Skagway amanhã – disse Jack, quando voltou a enfiar-se debaixo da lona ao cabo de uma ausência de duas horas. Era o nono dia de viagem e estavam no deslumbrante Lynn Canal, que desembocava nas praias de Skagway e Dyea. Altos paredões de rocha quase a pique erguiam-se da água azul-turquesa, esmagando com a sua majestade o extravagante comboio de embarcações que navegava pelo estreito corredor. – Estive a falar com um dos membros da tripulação que já cá estive. Disse-me que só há um pequeno atracadouro, de modo que vamos ter de ir a pé até terra com o nosso material. Ainda bem que já temos vestidas as nossas roupas mais velhas!

– Bem estão a precisar de uma lavagem – riu Beth, pois não mudavam de roupa desde que tinham embarcado. – Mas a água não vai estragar a comida seca?

– Tenho mais medo de que nos roubem as nossas coisas – respondeu Jack, de sobrolho franzido. – Aposto que o que não vai faltar é ladrões à espera. Primeiro, ponho-te a ti em terra, Beth, enquanto o Theo e o Sam ficam de guarda, e depois levamos-te o material pouco a pouco.

– Não podemos pagar a um marinheiro para que nos leve numa chalupa? –

perguntou Theo.

Beth e Jack trocaram um sorriso divertido. Theo achava sempre que podia pagar a alguém para fazer qualquer coisa que ele achasse desagradável.

– A maior parte vai abandonar o navio – respondeu Jack – Acho que, a partir de agora, vai ser cada um por si.

Mais uma vez, a informação de Jack revelou-se correcta, pois quando ouviram o ranger das correntes e o bater da âncora na água, a linha de costa estava ainda a quilómetro e meio de distância.

– Com certeza não estão à espera que nademos até terra! – exclamou, alarmada, uma gorda matrona.

Havia alguns escaleres dos outros barcos a transportar pessoas e equipamento para terra, mas demoraria semanas a desembarcar toda a gente daquela maneira. Os membros da tripulação já estavam a gritar que aquilo era a baixa-mar e que se as pessoas não se despachassem a chegar a terra, arriscavam-se a perder o que tinham e, talvez, também a vida.

Os aterrorizados cavalos e outros animais foram empurrados sem cerimónias para a água, para que nadassem até terra, e as pessoas seguiram-nos, saltando para o mar.

Jack enfiou o casaco, as botas e o xaile de Beth num saco de oleado e encaminhou-a para a escada do portaló. A água estava tão gelada que ela ficou sem respiração por um instante, mas Jack abraçou-a, exortou-a a manter o saco erguido acima da cabeça para o manter seco e nadou de costas os poucos metros necessários para que ela pudesse encontrar pé e caminhar até à praia.

– Não é um bom começo – disse Beth, com os dentes a bater.

– O sol está quente, daqui a pouco estás seca – respondeu ele, alegremente. – Vai até à praia e arranja um lugar para as nossas coisas. Vou voltar ao barco.

Uma vez em terra, Beth estudou com excitação o cenário que tinha à sua frente. Skagway não passava de um aglomerado de barracas de madeira e tendas no meio de um pântano de lama preta escorregadia. A toda a volta havia montanhas, algumas ainda toucadas de neve, mas ainda mais descoroçoante era o espectáculo que se desenrolava atrás dela.

Havia pelo menos trinta barcos ancorados, todos a tentar desembarcar passageiros e carga o mais depressa possível. O mar estava cheio de cavalos, cabras, cães, mulas e bois a nadar para terra, com os respectivos donos a esforçarem-se por acompanhá-los.

O barulho era ensurdecedor. Os proprietários de dezenas de pequenos barcos a remos e primitivas jangadas ofereciam os seus serviços gritando a plenos pulmões. Os passageiros dos vapores respondiam ainda mais estridentemente. Quando os bens atirados das amuradas falhavam os alvos e caíam no mar, os donos gritavam e praguejavam. Os animais expressavam o seu medo com

guinchos, relinchos e latidos. Havia gritos de socorro dos que estavam a afogar-se na água gelada. Alguns fardos tinham-se rasgado, e Beth viu um saco de farinha branquear o mar à sua volta.

Alguém gritou que a maré estava a virar e que era melhor apressarem-se. O medo pela sorte dos rapazes fez com que as roupas molhadas perdessem repentinamente toda a importância. Sam não sabia nadar, Theo talvez também não soubesse, e o *Albany* estava demasiado longe para que conseguisse avistá-los no convés.

Despiu os saiotes, prendeu-os com seixos para que secassem ao vento e voltou a calçar as botas. Decidiu não vestir o casaco enquanto o vestido não secasse.

A ansiedade que a dominava continuou a aumentar à medida que a maré subia e via mais pessoas a esbracejar na água e mais fardos se rasgavam, derramando o respectivo conteúdo. O vestido estava agora quase seco, o que significava que devia ter passado cerca de uma hora, mas continuava a não ver sinal dos rapazes.

Quando estava à beira do pânico, avistou subitamente Jack na água baixa. Arrastava atrás de si o que parecia ser uma enfiada de grandes salsichas pretas.

Já não era a primeira vez desde que tinham saído de Montreal que ficava impressionada pelo engenho dele: tinha amarrado a uma corda todos os fardos de oleado que continham os pertences do grupo. Quando voltou a olhar, viu Sam agarrado a um dos fardos, e Theo a fechar a retaguarda.

– Quem te dera que não tivéssemos vindo, não é verdade, Beth? – perguntou Jack, mais tarde nessa noite.

– Não – mentiu ela. – Mas é tudo um pouco assustador, muito diferente do que tínhamos imaginado.

Eram oito da noite. Enxames de homens que pouco mais eram que bandidos dispostos a roubar os ingênuos tinham-se abatido sobre eles, a tentar persuadi-los a pagar por um espaço para montar a tenda, por lenha para fazer uma fogueira e por uma infinidade de outras coisas.

Os rapazes tinham-se mantido firmes e recusado pagar fosse o que fosse, acabando por montar a tenda, entre centenas de outras, a cerca de oitocentos metros das barracas de Skagway. Dispuseram os fardos à volta, para acrescentar peso e algum isolamento contra os ventos do Outono, e Jack acendeu uma boa fogueira para lhes secar as roupas e cozinhar.

Beth estava recostada contra um dos fardos, embrulhada numa manta e a esforçar-se muito por não ceder ao mais absoluto desânimo.

Sam adormecera e Theo fora verificar o que a povoação tinha para oferecer. Se, como lhes tinham dito, Skagway era um lugar sem lei, dominado por bandidos, vigaristas, jogadores e prostitutas, Beth calculava que não voltaria tão cedo.

Já era suficientemente mau descobrir que tinham ido parar a um sítio cheio de patifes e ladrões, mas ainda pior foi saberem que teriam de ficar ali pelo menos até Fevereiro.

Havia dois caminhos que atravessavam as montanhas. White Pass, que começava ali em Skagway, era supostamente o mais fácil, em que se podia usar animais de carga, mas era mais longo do que Chilkoot Trail, que começava em Dyea, a um pouco mais de trinta quilómetros de distância.

Havia, naquele preciso instante, pessoas a seguir por qualquer deles, mas Jack falara com um índio que trabalhava como carregador, ajudando as pessoas a transportar as suas coisas até ao outro lado das montanhas, e que lhe dissera que seria loucura imitá-las. Conforme explicara, o rio Yukon gelaria no mês seguinte, muito antes de conseguirem lá chegar, e, sem uma equipa de cães capazes de puxar um trenó, ficariam encurralados nas montanhas durante todo o Inverno, o que poderia significar a morte.

Jack ficara desapontado, ao contrário de Theo, a quem a necessidade de se demorarem ali até Fevereiro parecera providencial. Via Skagway como a *boomtown* que há muito procurava, madura para ser explorada. Sem ponta de vergonha, fizera notar que todos a bordo do barco eram jogadores, na medida em que tinham abandonado as suas casas e empregos para ir até ali, e portanto não mereciam mais do que ser esfolados.

Sam parecera não querer saber se iam ou ficavam, e os três tinham empurrado para Beth a responsabilidade de tomar a decisão final. Embora achasse que Skagway era o Inferno na Terra, a perspectiva de morrer gelada nas montanhas era ainda mais terrível, de modo que optara por ficarem.

– Não vai ser assim tão mau como agora te parece – disse Jack, tranquilizadamente. – Vou construir uma cabana. O que não falta é madeira. Talvez quando acabar a nossa possa ganhar alguns dólares a construí-las para outras pessoas.

– Nesse caso, amanhã pego no meu violino – disse Beth. Fora um enorme alívio verificar que escapara incólume à travessia até terra. A farinha ficara húmida, o açúcar também, mas, felizmente, não houvera outros estragos. – Vai custar-nos uma fortuna ficar aqui. Já viste o preço de uma refeição?

Já havia tendas abertas como *saloons* e restaurantes. Beth vira a ementa pregada à entrada de uma delas, a oferecer feijão com *bacon* por um dólar. Em Vancouver, custaria apenas alguns centimos.

Jack assentiu.

– E o Theo vai ter um choque quando vir o preço do *whisky*. Mas tu deves conseguir ganhar algum dinheiro com esse monte de fitas que trouxeste. Algumas das raparigas dos *saloons* têm todo o ar de quem precisa de alguma

coisa que lhes dê graça.

– Já foste então vê-las?

– Oh, sim, são um triste espectáculo. – Jack riu. – Uma delas é conhecida como Mary Pescoço-Sujo e outra como Sal Cara-de-Porco! Um homem teria de estar muito desesperado para ir com qualquer uma delas.

– Então talvez o Theo esteja a salvo aqui – disse Beth, com um sorriso.

– Acho que tu é que és capaz de te deixar seduzir. – Jack arqueou as sobrancelhas. – Com menos de trinta mulheres para cerca de dois mil homens, e mais a chegar todos os dias, és o grande prémio.

– A tocar aqui esta noite! A Mundialmente Famosa Rainha Cigana Inglesa!

Beth riu quando viu o cartaz que os irmãos Clancy tinham afixado. Para ela, era um exagero tão grande como os Clancy chamarem *saloon* à grande tenda que ficava atrás do cartaz.

No seu segundo dia na povoação, Beth ficara a saber que os irmãos Frank e John Clancy eram os homens mais importantes de Skagway e dirigiam tudo a partir do seu *saloon*, de modo que fora ter directamente com eles.

Consciente de que não tinha concorrência, uma vez que era a única violinista num raio de milhares de quilómetros, e que eles cobravam preços exorbitantes pelas bebidas que vendiam, tivera a ousadia de pedir vinte e cinco dólares por noite, mais o que fosse para o chapéu. Esperara que eles concordassem apenas com a receita do chapéu, mas, para seu grande espanto, tinham aceiteado sem pestanejar o pagamento nocturno.

A primeira noite foi um êxito retumbante, com mais de cinquenta dólares no chapéu, dez dos quais ela deu ao *barman* para o manter dócil. Como Theo não tinha aparecido para a acompanhar de regresso à tenda, quando os irmãos Clancy, dois homens entroncados, de cabelo escuro e grandes bigodes, a convidaram para ficar e tomar uma bebida com eles, Beth aceitou.

Frank Clancy apresentou-a a um homem alto e elegantemente vestido, com uma densa barba escura e um *stetson* preto na cabeça.

– Mr. Jefferson Smith, mais vulgarmente conhecido como « Soapy » – disse.

– E eu sou também conhecida como Beth Bolton – respondeu ela, incapaz de resistir ao impulso de abanar as pestanas, porque ele era um homem bastante atraente, com olhos cinzento-escuros no fundo de umas órbitas encovadas. – Mas porquê Soapy? É porque nunca se lava, ou porque o faz em excesso?

– Qual das duas coisas preferiria, minha senhora? – perguntou ele, pegando-lhe na mão para a beijar.

Beth riu, porque o homem tinha um sotaque do Sul Profundo tão atraente como ele próprio.

– Algures no meio – disse. – Mas Skagway tem tão poucos confortos que acho

que vou ter de habituar-me a pessoas pouco amigas do sabão.

Estava a desesperar ter de aguentar Skagway até Fevereiro. O mar de lama, o barulho constante do ladrar dos cães e das lutas, os ladrões e vigaristas sempre à espera de uma oportunidade de esfolar qualquer incauto e a ausência de até os mais elementares confortos tornavam o lugar definitivamente inóspito.

– Ah, mas eu tenho planos – disse Smith, sorrindo da graça dela. – Para ruas decentes, um hotel, lojas, iluminação, um balneário e até uma igreja.

– Ah, tem? – perguntou ela. – É então o *mayor* de Skagway?

– Uma coisa no género – disse ele, e a confiança com que o fez confirmou a Beth que aquele homem estava decidido a controlar a povoação.

Conversaram durante algum tempo, sobretudo a respeito da recente chegada dela. O próprio Smith chegara apenas uma semana antes e fizera uma sociedade com os irmãos Clancy.

– O conde Cadogan é seu marido? – perguntou ele.

O título apanhou Beth de surpresa. Fingia ser casada com Theo desde que tinham chegado a Montreal, mas agora que ele se atribuíra um título, não sabia se isso fazia dela Lady Cadogan ou condessa. Incapaz de mentir a tão grande escala, disse que era apenas um bom amigo e que estava com o irmão e outro velho amigo, Jack Child.

– O londrino? – disse Smith. – Conheci-o esta tarde, e pareceu-me um homem muito capaz. Tem então protecção suficiente?

– Acha que vou precisar, senhor? – perguntou, provocante.

– Todas as senhoras precisam de protecção, mas uma tão bonita e encantadora neste lugar miserável vai precisar dela de dia e de noite.

Nessa altura, Sam e Jack apareceram e escoltaram-na de regresso à tenda. Tinham estado com o capitão Moore, dono de uma serração, e Jack comprara madeira suficiente para construir uma cabana.

– Sabiam que o Theo anda a dizer às pessoas que é conde? – disse Beth, enquanto avançavam cuidadosamente por entre as fundas poças de lama.

– Já em Montreal fazia o mesmo – confessou Sam. – Não tem importância, mana, é só para olear as engrenagens. Os Americanos impressionam-se com essas coisas.

– Bem, acaba de perder uma esposa – disse ela, secamente. – Mas a verdade é que calculo que isso não lhe importe muito.

Houve, nas semanas que se seguiram, ocasiões em que Beth se sentiu tentada a embarcar no primeiro barco de regresso a Vancouver, nem que isso significasse ir sozinha. Acordava de manhã rígida de frio, e a perspectiva de mais um dia a patinhar na lama, a cozinhar numa fogueira, sem privacidade nem paz, parecia-lhe impossível de aguentar.

Todos os dias chegavam novos navios que despejavam na praia mais centenas

de pessoas, cavalos, cães e outros animais. As filas de tendas estendiam-se cada vez mais longe, mais e mais árvores eram abatidas, mais lama e imundície eram criadas.

Os preços ridiculamente altos dos produtos mais básicos faziam-na temer que todo o dinheiro que ganhava no Clancy's fosse sugado ainda antes que se pusessem a caminho dos campos auríferos. Ratazanas, ladrões e ursos estragavam ou roubavam as provisões; a doença grassava devido às condições insalubres em que todos viviam e quase não se passava uma noite sem que rebentasse um tiroteio ou uma zaragata.

Sentiu-se mais segura depois de Jack e Sam terem acabado de construir a cabana, porque, apesar de pequena, oferecia protecção contra os elementos naturais, tinha um chão de madeira e uma fechadura na porta. Jack apareceu um dia a cambalear sob o peso de um fogão de ferro que um louco qualquer tencionara levar pelo trilho de montanha, e Sam arranhou-lhe uma celha de banho.

Tocar todas as noites no Clancy's levantava-lhe o moral, e à medida que via a povoação melhorar quase de dia para dia, com ruas traçadas e muitos novos edifícios permanentes, começou a alimentar a esperança de que, pelo Natal, o lugar estivesse mais civilizado. O Clancy's era agora de madeira, e havia um hotel, vários outros *saloons* mais elegantes, a maior parte com bordéis no primeiro piso, lojas a sério e um passeio sobrelevado por onde as pessoas podiam caminhar sem se atascarem na lama. Havia até um fotógrafo, que abrira um estúdio.

Havia muitos motivos para optimismo relativamente à povoação, mas Beth estava muito infeliz com o comportamento de Theo. Tinha encontrado a *boomtown* dos seus sonhos e, de repente, nada mais importava para ele além de ganhar dinheiro.

Skagway atraía centenas de homens como ele. Soapy Smith e os irmãos Clancy eram iguais; sabiam que não precisavam de ir para o Klondike para fazer fortuna. Podiam consegui-lo ali mesmo. Soapy tinha agora o seu próprio *saloon*, conhecido como Jeff Smith's Parlour, com palmeiras envasadas e um balcão de mogno importado de Portland. Tanto ele como os Clancy tinham, nas traseiras dos respectivos bares, uma porta que dava para uma série de cubículos onde as raparigas trabalhavam. Controlavam todos os negócios da cidade, e mandavam os seus sequazes aterrorizar quem recusasse pagar para ser «protegido».

Mas aqueles homens tratavam Beth como uma senhora. Ninguém em Skagway ousaria roubá-la ou insultá-la, porque tinha a protecção deles. Theo, porém, usava-a como se ela fosse a sua governanta e prostituta particular.

Beth não conseguia evitar gostar de Soapy, apesar de saber que metade dos vigaristas e rufiões da povoação estavam a soldo dele. Soapy namoriscava com ela, fazia-a rir, animava-a quando se sentia em baixo. Ganhara o nome porque

em tempos praticara um conto de vigário em que vendia sabões que supostamente tinham, numa determinada percentagem, notas de dez dólares escondidas no invólucro. Juntava uma multidão à volta da sua banca e vendia um sabão marcado a um cúmplice, que imediatamente anunciava ter encontrado uma nota. A partir desse momento, toda a gente queria comprar os sabões, mas claro que não havia mais notas de dez dólares.

Ali em Skagway, o truque era o telégrafo. Não havia linhas telegráficas no Alasca, mas ele montara, junto à praia, uma pequena barraca com um cabo que desaparecia no mar, para dar uma ilusão de realidade. Cobrava vários dólares às pessoas que queriam enviar mensagens para casa, e chegava a falsificar respostas de uma esposa ou de uma mãe a pedir dinheiro para um filho ou outra pessoa da família que estivesse doente.

Beth achava isto miserável, tal como a aldrabice do sabão, mas Soapy compensava esta maldade alimentando os cães vadios da cidade, e ajudava os que nada tinham, os doentes e as viúvas.

Theo parecia já não ter um lado bom. Fingia ser um conde e, graças ao seu encanto, conseguia que as pessoas confiassem nele, roubando quem quer que se sentasse à sua frente numa mesa de jogo. Beth sabia que ele fazia batota, mas era suficientemente esperto para só o fazer com os mais inexperientes. Certa manhã, Beth vira um homem a chorar enquanto tentava vender o seu equipamento para comprar uma passagem de regresso a casa. Na noite anterior, Theo ficara-lhe com o dinheiro todo, até ao último centimo.

Mas não eram só o jogo e o facto de enganar as pessoas que a incomodavam, era também o facto de parecer ter-se esquecido que eram supostamente uma equipa de quatro. Sam e Jack tinham trabalhado duramente desde o primeiro dia, na serração e a construir a cabana para os quatro. Agora, construíam cabanas para outras pessoas. Beth contribuía com a sua parte tocando à noite, cozinhando para todos e lavando a roupa.

Mas Theo não fazia nada pelo bem comum. Passava a maior parte do dia na cama, e depois exigia uma camisa lavada para poder aparecer em estilo na baiuca onde esperasse encontrar um novo papalvo para esfolar. Raramente ia ao Clancy's ouvi-la tocar e deixava a Sam ou a Jack o cuidado de a acompanhar a casa. As fitas que ela tinha levado desapareceram, e então uma noite Beth viu Mary Pescoço-Sujo com as verdes nos cabelos.

O pior de tudo, para ela, era, porém, ter a certeza de que ele fornecia raparigas para os bordéis. A primeira vez que o vira carregar as malas de um par de raparigas acabadas de desembarcar pensara que estava apenas a ser cavalheiro. Mas, nessa noite, vira as raparigas no recém-construído Red Onion Saloon, e era evidente pelos rostos pintados delas que se tinham juntado às prostitutas que trabalhavam no primeiro piso.

Todos os dias os barcos traziam duas dúzias de raparigas novas entre os seus

passageiros, e era possível que algumas delas já fossem prostitutas nos lugares de onde vinham. Mas não todas... algumas eram apenas raparigas do campo em busca de um pouco de aventura. Theo ia esperar todos os navios, e era sempre às raparigas mais bonitas que se dirigia para lhes oferecer ajuda e um lugar onde viver.

Parecia já não amar Beth, e ter esquecido todos os planos que os quatro tinham feito em Vancouver.

CAPÍTULO 26

– Tem verdadeiramente alma de cigana – murmurou Jefferson enquanto levava a mão de Beth aos lábios. – Era capaz de ficar ouvi-la tocar para sempre e nunca me cansar.

– Havia de cansar-se, sim – disse ela com um sorriso, pegando na taça de champanhe francês que ele acabava de servir-lhe.

Janeiro chegava ao fim e, lá fora, um espesso manto de neve cobria tudo, mas eles estavam no Jeff Smith's Parlour, o bar e a sala de jogo que ele reservava para os que faziam parte do seu círculo mais íntimo. O fogão estava aceso, Beth estava um pouco inebriada e era bom ter um homem atraente a tentar seduzi-la.

Desde Dezembro que Jefferson a cortejava. Oferecera-lhe uma cadeira de balouço para a cabana, comprava-lhe doces e estava constantemente a convidá-la para uma bebida ou uma refeição. Mas aquela era a primeira vez que estava completamente sozinha com ele; geralmente, quando a levava para o *saloon*, a maior parte dos amigos dele também lá estava.

Eles tinham lá estado, mas haviam dispersado há já algum tempo, e até Nate Pollack, o *barman*, se fora embora, depois de pôr mais alguns toros no fogão.

– Continua a planear ir à procura de ouro para o mês que vem? – perguntou ele, pegando-lhe numa madeixa de cabelo e enrolando-a à volta do dedo.

– O Sam e o Jack estão ansiosos por ir, de modo que acho que vou com eles.

– Não é viagem para uma senhora – disse ele, abanando a cabeça.

– Sou tão forte como a maior parte dos homens – afirmou Beth, com um sorriso. – Além disso, Skagway será uma cidade-fantasma quando todos partirem. Que me restaria aqui que fazer?

– Logo que o tempo melhorar, haverá ainda mais barcos. Há gente a vir para cá de todos os cantos do mundo – disse ele, com aquele brilho nos olhos cinzentos de que ela acabara por gostar tanto. – Ganhará mais dinheiro aqui do que poderá

ganhar em Dawson City. Pode morrer nessa viagem; até os índios dizem que é difícil.

– Planeámos ir para lá, por isso iremos – respondeu Beth, encolhendo os ombros.

– E o conde?

Beth baixou os olhos para o regaço. Por muito zangada que estivesse com Theo, continuava a amá-lo, e a ideia de separar-se dele parecia-lhe intolerável. Mas há meses que ele se comportava de forma indecente com ela, e sabia que se ficasse depois de Sam e Jack terem partido, seria muito pouco provável que Theo mudasse, e ficaria sozinha.

– Não vai connosco – disse, tentando sorrir, como se aquilo não doesse.

– Então é louco, porque vai acabar por fazer-se matar sem o Jack para o livrar de sarilhos – declarou Jefferson.

– Mas porquê? – exclamou Beth, assustada.

– É demasiado convencido para o que lhe convém. Há por aí muitos que gostariam de vê-lo morto.

– Não é o seu caso? – perguntou ela, ansiosamente.

Jefferson olhou para ela, pensativo, por um instante.

– Não, gosto do homem – acabou por dizer. – Mas também ele tem sido suficientemente esperto para não se atravessar no meu caminho. Mas ouvi rumores, e vejo os sinais.

– Não pode falar com ele e avisá-lo?

– Não me daria ouvidos. Além disso, porque há-de importar-lhe o que lhe acontece? Com certeza sabe que ele passa a maior parte das noites com a Dolly, no Red Onion?

Beth sentiu-se como se tivesse sido apunhalada no coração, porque, até ao momento, aquilo fora apenas uma coisa de que suspeitasse, sem ter a certeza.

Dolly era uma loura voluptuosa que cantava e dançava no Red Onion. Era também prostituta, e dizia-se que cobrava cinquenta dólares de cada vez. Não havia em Skagway, ao que parecia, um único homem que não quisesse ir para a cama com ela.

– Não sabia, pois não? – disse Jefferson. Enlaçou-a com os braços e apertou-a contra o peito. – Lamento se a magoei. Não era minha intenção.

Beth engoliu as lágrimas.

– Estou bem. Já suspeitava, de todos os modos. Penso que era o que precisava para confirmar que é tempo de partir.

– Sabe, gostaria que ficasse e fosse a minha companheira. Arranjava-lhe um sítio bonito para viver, com criada e tudo. Até correria com o conde da povoação.

O champanhe e o sotaque melífluo do homem estavam a quebrar a resistência dela, e, quando ele lhe ergueu o queixo para a beijar, não se afastou.

O beijo foi tão suave como todo ele era, quente e muito sensual, e ela sentiu-se instantaneamente excitada.

Jefferson passou-lhe ao de leve os dedos pelo pescoço enquanto a beijava, e apesar de uma vozinha no fundo da cabeça lhe dizer que fazer amor com ele seria um erro, a verdade era que o desejava. Jefferson dava-lhe valor, tratava-a como uma senhora, e, se Theo gostava mais da prostituta loura do que dela, chegara a altura de lhe mostrar que não se importava.

A mão de Jefferson insinuou-se-lhe no decote do vestido, agarrando-lhe o seio, e os beijos dele tornaram-se mais apaixonados.

– Deixe-me levá-la para o meu quarto nas traseiras – murmurou, com a boca junto ao pescoço dela. – Lá estaremos mais confortáveis.

Não esperou pela concordância dela, limitou-se a erguê-la nos braços e levá-la até à porta ao fundo do bar. O quarto estava igualmente aquecido, pois havia outro pequeno fogão aceso, e, à luz que emanava dele, Beth viu uma cama de mogno lavrado digna de um grande hotel, coberta por uma manta aos quadrados vermelhos.

Jefferson não se atrapalhou com os botões nas costas do vestido nem com os atilhos do espartilho, e, apesar de saber que isso significava que tinha prática de despir mulheres, Beth não se sentiu menos desejada.

A experiência dele revelava-se também na maneira como fazia amor. Não se apressou, e o seu toque era firme mas acariciante enquanto murmurava palavras doces e lhe dizia como era bela.

Beth foi levada a um estado de quase delírio ainda antes de ele se despir, e, quando o envolveu com os braços e o acariciou, descobriu que todo ele era rijo músculo, sem nenhuma da flacidez que esperaria de um cavalheiro sulista.

Tinham passado semanas desde a última vez que Theo fizera amor com ela, e mesmo assim fora uma refeição apressada, insatisfatória, em vez de um festim. Jefferson ofereceu-lhe um banquete, excitando-a, chupando-a e lambendo-a, e quando finalmente a penetrou, ela estava encharcada em suor e febril de luxúria.

– Mais do que excedeu as minhas expectativas, senhora – disse ele com um sorriso malicioso, apoiado nos cotovelos e a olhá-la nos olhos, mas ainda dentro dela.

– Também o senhor – respondeu ela, rindo. – Penso, além disso, que resolvemos o problema de como nos mantermos quentes no Alasca.

– Aconteça o que acontecer no futuro, guardarei para sempre como um tesouro a recordação desta noite – declarou Jefferson, baixando a cabeça para a beijar.

Beth teve de sorrir, pois sabia que aquelas palavras aliviariam a culpa que ia sentir de manhã.

– Espero poder convencê-la a ficar – disse ele pouco mais tarde, depois de ter rolado de cima dela e enquanto a apertava nos braços. – Nós os dois podemos

fazer uma grande equipa. E quando a febre do ouro passar, podemos ir para outras terras e procurar novos desafios.

Beth ficou aliviada ao encontrar a cabana deserta quando lá chegou, ao meio-dia do dia seguinte. Depois do conforto do bar de Jefferson, pareceu-lhe espartana e triste. As camas deles eram simples sacos cheios de palha, e o que partilhava com Theo estava tão intocado como o deixara na noite anterior, o que significava que ele tinha dormido fora. Os de Sam e Jack tinham ainda a marca dos corpos e as mantas formavam o habitual monte.

Sam e Jack sabiam que ela aceitara tomar uma bebida no Jeff Smith's Parlour, e uma vez que se tinham dado ao trabalho de abastecer o fogão naquela manhã, antes de saírem, soube que não estavam zangados por ter passado a noite com ele. Mas, mesmo assim, sentia um acentuado mal-estar. Era perfeitamente aceitável um homem levar mulheres para a cama, mas se uma mulher sucumbia à mesma tentação, era considerada uma vadia.

Já tomara banho em casa de Jefferson; ele enchera-lhe a banheira e até a esfregara. Sentando-se na cadeira de balouço que ele lhe dera, Beth reclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, revivendo a sensualidade do que acontecera, e decidiu que não se importava de ser uma vadia. Falaria abertamente do assunto quando os rapazes chegassem a casa. Jack e Sam estavam constantemente a envolver-se em aventuras amorosas. Porque não havia ela de fazer o mesmo?

Quanto a Theo, se não gostasse podia ir-se embora e viver com Dolly, a prostituta. Talvez quando descobrisse que ela só servia para uma coisa, que não sabia cozinhar, lavar ou remendar-lhe a roupa, se apercebesse de quanto a Rainha Cigana fora valiosa.

A porta da cabana abriu-se violentamente ao fim da tarde, deixando entrar uma revoada de vento gelado e neve.

Beth estivera a dormir sentada na cadeira de balouço. Acordou sobressaltada e viu Theo no umbral, o rosto vermelho de fúria.

– Como pudeste ir para a cama com aquele filho da mãe? – gritou. – Fizeste-me passar por parvo!

Beth já tencionava admitir o que tinha feito, porque sabia que alguém ia acabar por dar com a língua nos dentes. Mas não esperara que a história chegasse tão depressa aos ouvidos de Theo.

Por um segundo, limitou-se a olhar para ele, chocada pelo facto de parecer mais magoado pela reacção dos outros à notícia do que pela infidelidade dela.

– Estavas a pedi-las – disse, desafiadoramente. – Há meses que te comportas como um porco, e tens passado as noites no Red Onion com aquela cabra.

– Tenho andado a tratar de negócios – disse rispidamente. – Os interesses financeiros de um homem têm de passar à frente de tudo, se ele quiser chegar a algum lado.

– Há só um género de negócio que se pode tratar num bordel – retorquiu ela, a voz a subir de tom. – Não penses que aceito ficar em segundo lugar depois de uma prostituta, de modo que podes voltar para lá e esperar a tua vez enquanto ela fornicava com todos os outros homens da terra.

Theo estava a olhar para ela, com um ar espantado.

– És um batoteiro e um vigarista! – continuou Beth, cada vez mais furiosa. – Dizeres às pessoas que és conde! A roubá-las com as tuas cartas marcadas! Mas isso até seria capaz de aceitar. Mas não viverei com um homem que não me dá valor. Apoiei-te em tudo e estive contigo, mas agora acabou-se. Vai-te embora e não voltes.

Ele hesitou apenas um instante, e então pegou nas roupas que estavam na prateleira do canto, enfiou-as num saco e saiu, batendo com a porta com tanta força que toda a cabana estremeceu.

Beth chorou, lágrimas amargas que não eram de arrependimento por ter estado com outro homem, mas por um amor que azedara. Teria ido até aos confins do mundo por Theo e, apesar de tudo o que dissera, sabia que continuava a amá-lo.

*

Uma semana mais tarde, Beth e Sam tinham decidido não sair à noite. Estava tanto frio lá fora que as pestanas se cobriam de gelo numa questão de segundos e respirar fazia doer os pulmões. Tinham carregado o fogão de lenha e estavam sentados um de cada lado, envoltos em grossas mantas.

Jack tinha ido ver os Arnolds, uma família com três filhos que chegara a Skagway no início de Dezembro. Vinham muito mal equipados, e o pouco dinheiro que traziam depressa se evaporara. Continuavam a viver numa tenda, como tantos outros, e um dos filhos, uma menina de nove anos chamada Nancy, morrera de pneumonia pouco depois do Natal.

Jack tentara arranjar trabalho para Sid Arnold, o pai, que tinha sido barbeiro em Portland. Mas ali, onde quase todos os homens usavam grandes barbas e bigodes, a profissão tinha pouca procura. Sid aguentara apenas um dia na serração – não tinha pura e simplesmente força para trabalhos pesados – e revelara-se um perfeito desastre em todos os empregos que Jack lhe arranjava. Agora a mulher e o filho mais novo, Robbie, estavam doentes, e Jack fizera uma colecta em Skagway para os mandar de volta a casa no primeiro navio. Mas nos olhos de Sid a febre do ouro brilhava tanto como a da doença nos da mulher. Insistia em que ia partir para Chilkoot Pass, como se isso fosse a solução para todos os problemas.

– Achas que o Jack vai conseguir convencê-lo? – perguntou Sam a Beth.

Beth abanou a cabeça. Tinha observado aquela febre do ouro durante tanto tempo que chegara à conclusão de que era fatal. Das pessoas que ali chegavam, poucas faziam ideia da distância a que ficava Dawson City – imaginavam um curto passeio em que teriam de passar por cima de um par de colinas. Poucas se apercebiam de como as montanhas eram perigosas e traiçoeiras, e muitos dos que tinham partido no Outono anterior, tanto por White Pass como por Chilkoot Pass, foram obrigadas a regressar e esperar pela Primavera.

Mas, segundo os índios Chilkoot, habituados a usar aquele trilho, muitos do que não tinham voltado haviam lá morrido, e os seus corpos serviam de pasto às aves de rapina e outros necrófagos.

– Talvez a única solução seja pôr a mulher e os dois filhos que restam no barco sozinhos. Julgo que têm família em Portland que os ajudará a recuperar a saúde. Isto, claro, se não morrerem antes que apareça um barco.

– Estás com medo de atravessar a passagem? – perguntou Sam, curioso.

– Estou – admitiu ela. – Mas já que viemos até aqui, arrepender-nos-íamos para o resto da vida se não fôssemos até ao fim.

– Não será a mesma coisa sem o Theo.

– Pois não. – Beth suspirou. – Será mais fácil.

Sam ficou calado durante algum tempo, a olhar para o lume com uma expressão vazia. Beth sabia que tanto ele como Jack sentiam a falta de Theo, das suas ideias imaginativas e do ambiente divertido que sabia criar. Tinham admitido que sabiam de Dolly há já algum tempo e tinham esperado que a noite que ela passara com Jefferson o fizesse voltar aos carris. Mas por muito que gostassem de Theo e o vissem quase como um irmão, a primeira lealdade deles era para com Beth. Por isso não tinham tentado falar com ele, e ele, por sua vez, não os procurara.

– E o Soapy? – perguntou Sam, quebrando o silêncio. – Sentes alguma coisa por ele?

– Luxúria, talvez. – Beth riu. – Mas já passou uma semana e ele não fez qualquer esforço para voltar a ver-me. Suponho que agora que sabe que o Theo saiu de cena, já não lhe pareço tão atraente.

Sam esboçou um meio sorriso.

– Talvez seja pelo melhor, mana, é um homem perigoso. Não que não goste dele, mas é mais escorregadio do que uma enguia. Se só metade das histórias que correm por aí forem verdadeiras, há o bastante para assustar qualquer um. Há-de encontrar o homem certo, um dia, alguém digno de ti.

Beth estendeu a mão e despenteou-lhe a espessa barba loura.

– Fizemos um longo caminho, não fizemos? Duvido que os Langworthy nos reconhecessem agora. Não é só o aspecto exterior, é também a maneira como mudámos por dentro. Imagina-nos a tentar ter esta conversa quando estávamos em Liverpool! Lembras-te do que a mamã disse a respeito da paixão? Na altura,

não fazia ideia do que fosse.

– Nem eu. – Sam sorriu maliciosamente. – Foi uma das melhores descobertas.

Riram ambos, e continuaram a falar a respeito de como era bom viver longe das restrições com que tinham crescido, e serem amigos, além de irmão e irmã.

– Houve alguma mulher a quem não quisesses dizer adeus? – perguntou Beth.

– Seria mais rápido fazer a lista daquelas a quem o disse com muito gosto – brincou Sam. – Pareço condenado a conhecer sempre alguém com quem a coisa faz faísca quando estamos a preparar-nos para partir. Vê o caso daquela ruiva que ajuda a mãe a fazer empadas na Main Street!

– A Sarah? – Beth tinha falado com a rapariga várias vezes. Era muito recatada, nunca punha os pés no *saloon* nem encorajava as abordagens dos homens, mas tinha um ar alegre, e era muito bonita.

– Sim, a Sarah, do Idaho. Gosto muito dela, tem aquele género de... – Foi subitamente interrompido pelo som de um tiro. – Foi aqui perto – exclamou, libertando-se da manta e pondo-se de pé.

Os disparos de armas de fogo eram frequentes, tal como as zaragatas nas ruas e nos *saloons*. Mas não naquela parte da povoação.

– Não vás, Sam – pediu Beth. – Sabes como é quando alguns deles se embebedam e se irritam. Podes ir parar ao meio da confusão e ficar ferido.

Sam hesitou.

– Vou só até lá fora ver o que se passa. Não há perigo.

Quando abriu a porta, uma rajada de vento gelado invadiu a cabana. Sam pegou no casaco e no barrete forrados a pele e saiu rapidamente, fechando a porta atrás de si. Beth levantou-se e foi espreitar pela minúscula janela, mas só conseguia ver o ombro de Sam e o chão coberto de neve. Mas, ao ouvir gritos, ficou curiosa, e também ela pegou no casaco e no barrete.

Sam sorriu quando ela saiu.

– Eu logo vi que não conseguias resistir! Vamos até lá? Parece que foi em State Street. Vamos só dar uma espreitadela. Não nos vamos envolver.

Caminharam apressadamente, Beth agarrada ao braço de Sam por causa do chão escorregadio. Quando dobraram a esquina para State Street, viram uma pequena multidão à volta de um homem caído por terra. Mesmo naquela rua mal iluminada, via-se o sangue alastrar pela neve.

– Quem disparou? – perguntou Sam a um homem que passava.

– Não sei o nome. Um tipo qualquer que tinha sido esfolado, suponho.

– Conhece o homem que foi atingido? – perguntou Beth.

– É aquele sujeito a quem chamam conde.

CAPÍTULO 27

Sam tentou detê-la, mas Beth libertou-se dele e abriu caminho por entre a multidão que rodeava Theo. O medo apertava-lhe o coração e toda a recordação das últimas palavras zangadas que tinham trocado foi repentinamente varrida.

– Theo! – gritou, caindo de joelhos ao lado dele.

– Não vai safar-se, minha senhora – disse um homem no meio do grupo de espectadores.

As perspectivas não eram boas. Theo estava inconsciente e Beth viu o buraco onde a bala tinha atravessado o casaco e penetrado no ombro. O sangue jorrava da ferida. Pegando-lhe no pulso, procurou o batimento cardíaco. Estava lá, mas muito fraco.

– Não vai com certeza safar-se se o deixarem aqui a congelar – disse, ríspidamente. – Alguém que me ajude a levá-lo ao médico.

Theo mexeu-se e abriu os olhos.

– Beth!

A voz quase não se ouvia. Beth inclinou-se mais e aproximou o rosto do dele.

– Sim, sou eu. Mas não fales nem te mexas, só vai enfraquecer-te.

Quando Sam avançou para ajudar, um dos outros homens sugeriu que arrajassem qualquer coisa rígida onde pudessem estender o ferido, e quase no mesmo instante uma mulher saiu do *saloon* mais próximo carregando o estreito tampo de uma mesa.

– Partiram as pernas numa zaragata – disse em jeito de explicação, voltando imediatamente para dentro, para fugir ao frio.

Sam fez deslizar o tampo da mesa para debaixo de Theo e em seguida pegou-lhe na cabeça, enquanto outros dois o agarravam pelos pés.

A cabana do Dr. Chase ficava perto, e alguém correu à frente a acordá-lo. Beth não conhecia o médico, por nunca ter tido necessidade dos cuidados dele, mas sabia que era um bom homem porque fora, juntamente com o reverendo

Dickey, o responsável pelo financiamento da construção de uma cabana que funcionaria como hospital e que seria inaugurada em breve e era conhecido por tratar os muito pobres sem lhes cobrar um centêmo.

O Dr. Chase, um homem pequeno e magro, de óculos e um início de calvície, já estava de avental e a enrolar as mangas quando chegaram à porta.

– Ponham-no em cima da mesa – disse, aproximando o candeeiro a petróleo.
– Algum dos presentes é parente do ferido?

Sam explicou que ele e Beth eram amigos e companheiros de viagem de Theo, e declinou os nomes. O médico pediu-lhes que ficassem para ajudar e mandou sair todos os outros.

– Espero que o sangue não lhe faça impressão – disse a Beth, enquanto começava a cortar com uma tesoura a roupa de Theo, à altura do ombro. – Porque vou precisar de uma enfermeira. Vá lavar muito bem as mãos.

Enquanto lavava as mãos na bacia que o médico lhe tinha indicado, Beth olhou para Theo. Não tinha vestígios de cor na face, os lábios estavam azuis e voltara a perder os sentidos. Sentiu-se doente de medo, porque a ferida, uma vez exposta, tinha um aspecto horrível, uma escura massa de tecido vermelho-escuro e sangue.

Pôs um avental e enrolou as mangas, e o médico disse a Sam que se colocasse atrás da cabeça de Theo e o segurasse com força se ele se debatesse.

– Ainda bem que está inconsciente – disse, num tom quase jovial. – Mas o mais certo é acordar quando eu começar a procurar a bala, de modo que esteja preparado.

Beth queria perguntar ao médico por que motivo não aplicava clorofórmio, mas não se atreveu, e preparou-se para seguir instruções.

– Se alguém tiver de levar um tiro, este é um bom sítio – disse o Dr. Chase, indicando a Beth que segurasse a bacia dos instrumentos e lhe fosse entregando os que pedisse. – Porque foi que o alvejaram, afinal?

– Não sabemos, não estávamos com ele quando aconteceu – explicou Sam. – Só saímos de casa para ver o que se passava quando ouvimos o tiro.

– E ele chama-se?

– Theodore Cadogan – disse Beth.

– Ah, o conde inglês – exclamou o médico. – Pelo que ouvi dizer, era só uma questão de tempo antes que alguém lhe desse um tiro. E nesse caso – continuou, olhando para Beth por cima dos óculos –, a menina deve ser a muito aclamada Miss Bolton, a Rainha Cigana?

Beth sentiu-se invadir por uma onda de vergonha, porque a implicação das palavras do médico era que ela tinha de ser uma pessoa indigna para se dar com um homem como Theo. Mas ele não disse mais nada e começou a limpar a ferida com mechas de algodão, e em seguida a sondá-la. Theo recuperou a consciência uma vez e tentou levantar-se mas, misericordiosamente, voltou a

perder os sentidos.

– Cá está ela! – exclamou o Dr. Chase, segurando a bala entre as pontas da pinça. – Não foi muito fundo, felizmente para ele. Mas vai precisar de bons cuidados para recuperar. As balas são fáceis de extrair; o verdadeiro problema são as infecções que podem instalar-se. É capaz de cuidar dele, Miss Bolton?

– Sim, claro – respondeu ela, sem a mais pequena hesitação.

– Vou cosê-lo, e pode ficar aqui esta noite. Amanhã, vou arranjar alguém com uma carreta para o levar até à sua cabana. Dar-lhe-ei instruções quanto à dieta. Perdeu muito sangue e vai demorar algum tempo a recuperar as forças.

– Porque me ajudaste? – perguntou Theo, na noite seguinte.

O médico tinha-o levado de manhã, e os dois homens que o acompanhavam tinham-lhe pegado em peso e carregado para a cama. O que quer que fosse que lhe fora ministrado para as dores fizera-o dormir quase todo o dia. Beth preparara uma panela de caldo de carne, de acordo com as instruções do Dr. Chase, e estava a mexê-la em cima do fogão quando Theo falou.

– Porque não vi a Dolly, a prostituta, a correr para te ajudar – respondeu, venenosamente. – Mas se preferes ir para lá e deitar-te na sua cama cheia de pulgas, é só pedir.

– Prefiro estar contigo – disse ele, a voz muito fraca. – És a única mulher que verdadeiramente amei.

Beth sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos, mas empurrou-as para baixo.

– Vou cuidar de ti em nome dos velhos tempos, mas não contes comigo a longo prazo, Theo.

Nos primeiros dias, Theo teve muitas dores. O Dr. Chase ia mudar os pensos diariamente e disse que estava satisfeito por não ver sinais de infecção, mas não mostrou qualquer simpatia para com o ferido.

– Tem sorte em não estar morto – disse, sem rodeios. – Tenho pacientes que estão doentes sem culpa nenhuma, e eles são a minha prioridade.

Aparentemente, o homem que disparara o tiro deixara a povoação, talvez por pensar que matara Theo e recear ser acusado de homicídio. Tudo o que Theo dizia sobre o assunto foi que tivera o que merecera. Beth deduziu disto que tinha enganado o sujeito.

Passava os dias a ler para ele e a contar-lhe as novidades e mexericos, e a verdade era que gostava de ficar em casa, no quente, com ele. Jack ou Sam substituíam-na nas noites em que tinha de tocar.

Já tinham passado dez dias desde a tentativa de assassinio quando Jefferson falou do assunto pela primeira vez. Não tinha ido ao *saloon* dos Clancy durante todo aquele tempo, e ela também não o vira na povoação. Mas, de repente, lá

estava ele no meio da multidão, a ouvi-la tocar, com aquele sorriso preguiçoso e sedutor que lhe fazia o coração bater mais depressa.

– Aceita tomar uma bebida comigo? – perguntou, quando ela desceu do pequeno palco.

– Tenho de ir para casa – respondeu ela, morta por lhe perguntar onde estivera todo aquele tempo, mas sabendo que não era a coisa mais inteligente que podia fazer.

– Deveres de enfermeira? – Jefferson arqueou uma sobrancelha. – O que é que o conde faz por si para merecer tão ternos cuidados? Ouvi dizer que o tinha posto na rua.

– Conhecemo-nos há muito tempo. Não volto as costas aos meus amigos quando eles precisam de ajuda.

Ele pôs-lhe um copo de rum na mão.

– E quando ele recuperar?

Beth encolheu os ombros.

– Não sei. Dependerá dele.

– Devo deduzir que se conformará aos planos dele? Se voltar para a Dolly, fica livre; se não, fica presa a ele?

– Ouça, Jefferson, não sei – respondeu ela, irritada. – Quando aceitei cuidar dele, foi em nome do nosso passado, tal como teria cuidado do Jack se lhe tivesse acontecido alguma coisa. Neste momento, não consigo pensar para lá disso, e não percebo porque me faz tantas perguntas. Nem sequer passou para ver como eu estava quando o pus fora, porque é que se importa agora?

– Porque gosto de si e ele vai arrastá-la para um buraco.

– O Theo não é assim tão diferente de si – disse ela, indignada.

– É por isso que sei como vai acabar.

Beth suspirou, bebeu o resto do rum e pegou no estojo do violino para se ir embora.

– Nesse caso, espero que tenha alguém que cuide de si se lhe derem um tiro – disse, secamente. – Boa-noite, Jefferson. Foi agradável enquanto durou.

Pensou que ele iria segui-la; ao fim e ao cabo, na noite que tinham passado juntos, dissera que a queria por companheira. Mas talvez isso fizesse parte da conversa e ele estivesse apenas interessado em mais uma conquista.

– Fui um idiota chapado – disse Theo, alguns dias mais tarde. Já andava a pé, apesar de não poder fazer esforços; até vestir-se tinha de ser feito lenta e cautelosamente.

– O que foi que te levou a essa espantosa conclusão? – perguntou Beth.

– Não sejas sarcástica – censurou-a ele. – Estou a tentar mostrar-te que te dou valor. Sempre dei, mas o que mais me entristece é a distância que há agora entre nós, quando em tempos fomos tão chegados. Eu sei que a culpa foi minha. Mas não sei como fazer-te voltar ao que costumavas ser.

– Nem eu – respondeu ela, com tristeza. – Por vezes, penso que é esta terra cheia de pessoas que só pensam em ouro. Afectou-nos a todos. Até o Jack, que passa todo o tempo que tem livre a ajudar os outros, está ansioso por pôr-se a caminho. É como uma doença.

– Talvez a única cura seja então pormo-nos a caminho.

– Ainda vai passar algum tempo até que estejas pronto para isso.

– Um mês deve chegar. Mas a verdadeira questão é saber se me queres convosco.

– Claro que quero, Theo! Talvez não te adore cegamente, como noutros tempos, mas ainda te amo. Se ao menos fosses um pouco mais honesto!

– A honestidade não te preocupou no caso do Soapy, que é muito mais desonesto do que eu. É um mentiroso, um ladrão, um vigarista e não duvido de que já mandou matar pessoas, embora duvide que tenha sujado as suas próprias mãos.

– Pelo menos estava presente quando eu precisei de alguém – atirou-lhe Beth.

– Não vi a Dolly Cara-de-Cão a correr a ajudar-te.

– Está feito, mana – disse Sam, depois de carregar o último saco de provisões da cabana para a carroça alugada que os levaria até Dyea e ao início de Chilkoot Trail. – Diz adeus à cabana. Duvido que voltemos a passar por aqui.

Theo estava sentado na carroça. O ombro sarara bem, mas as semanas de inactividade e de boa comida tinham-no feito ganhar peso, dando-lhe um ar flácido. Jack, pelo contrário, estava magro, pois trabalhara seis dias por semana a construir casas, lojas e cabanas. Tudo isto para garantir que tinham dinheiro suficiente para pagar a carregadores índios que levassem as suas coisas até ao alto da passagem.

Além da obrigatória tonelada de provisões para se poder entrar no Canadá, eram necessárias ferramentas de carpinteiro para construir um barco no lago Bennett, uma pá, um trenó, uma tenda, enxergas para dormir e muitos outros artigos essenciais. Uma vez que a maioria dos homens não conseguia transportar às costas, naquele trilho, mais de vinte e cinco quilos, isto significava que quem não pudesse contratar carregadores índios teria de fazer dúzias de viagens para cima e para baixo, que podiam demorar três meses a completar.

A esmagadora maioria dos prospectores não tinha alternativa senão fazer isso mesmo, pois os carregadores índios cobravam um preço exorbitante. Mas Theo não estava suficientemente forte para carregar mais do que alguns quilos, e nem Sam nem Jack queriam que Beth fizesse esforços exagerados. Constituindo um fundo comum, tinham o suficiente, e achavam que o que perdiam em dinheiro compensariam em tempo, além de levarem alguns artigos que poderiam vender com um bom lucro em Dawson City.

– Tenho de ir pôr esta carta no correio antes de partirmos – disse Beth,

agitando um sobrescrito.

Um par de dias antes, tinham finalmente recebido uma carta de Inglaterra com uma fotografia de Molly tirada na festa do seu quarto aniversário, pouco antes do Natal. Beth rabiscara apressadamente uma resposta, a que juntara uma fotografia dela e de Sam tirada ali em Skagway. Nela informava Molly e os Langworthy que iam partir para os campos auríferos.

Perguntara-se, enquanto escrevia, se as pessoas em Inglaterra fariam alguma ideia do que aquela viagem significava. Quanto a ela, sabia perfeitamente que não ia ser um passeio, porque o previdente Jack fora até ao início do trilho e falara com pessoas que tinham desistido a meio, e o que ficara a saber fora quase o suficiente para os fazer abandonar o projecto.

– Nós vamos andando, e tu apanhas-nos depois – gritou Theo. – Mas vê lá não te percas!

Estava-se em finais de Março, e a maior parte das pessoas que tinham conhecido durante o Inverno já partira, por White Pass ou por Chilkoot Trail, havia mais de um mês. Mas Beth sabia que, se tudo corresse bem, voltariam a encontrar-se todos na margem do lago Bennett. O gelo que cobria o lago só derreteria em meados de Maio, de modo que ninguém poderia partir antes disso.

Skagway estava agora muito diferente do que era quando tinham chegado. Havia um cais, uma igreja e um hospital, e as ruas principais eram ladeadas de edifícios autênticos – lojas, *saloons*, restaurantes, hotéis, casas e cabanas. As ruas continuavam a ser um mar de lama, uma condição agravada pelo ligeiro degelo dos últimos dias. Mas a cidade de tendas à volta da povoação continuava lá. Tendas diferentes, pois as antigas tinham sido levadas pelos donos ou rasgadas pela ventania. Os navios continuavam a desembarcar diariamente novas centenas de prospectores de ouro. Alguns ficavam apenas alguns dias antes de se fazerem aos trilhos; outros eram sugados pelo lado mais sórdido da povoação, perdiam todo o dinheiro que tinham e acabavam por apanhar um barco de regresso a casa.

Beth estava contente por partir. Passara ali alguns bons momentos, mas os maus tinham levado vantagem. Não ia ter saudades da desordem, da imundície, dos exploradores e dos explorados. Mas ia sentir falta dos pés a bater no chão e das palmas quando tocava o seu violino. Nunca esqueceria aqueles sorrisos de pura alegria quando levava o seu público para longe de preocupações e cuidados.

Ao passar pelo *saloon* dos Clancy, sorriu ao ver a ardósia onde estava escrito: «Rainha Cigana toca esta noite». Pegou num pedaço de giz caído no chão e acrescentou: «Esta noite não, parto para o Klondike, mas encontramo-nos lá.»

Voltou costas à ardósia, ainda a rir para si mesma, e viu Jefferson encostado a um caixote, a fumar o seu cachimbo.

– Vai então embora? – perguntou ele.

– Só pôr esta carta no correio e vou apanhar a carroça.

– Fique para tomar uma bebida comigo. Eu depois levo-a até eles no meu cavalo.

Ela abriu a boca para recusar delicadamente, mas então viu o brilho nos olhos dele e não foi capaz de resistir.

– Pelos velhos tempos – disse, rindo. – Mas só uma hora, nem mais um minuto, e se não me levar até à carroça vai haver sarilhos.

– Vá pôr a sua carta, e eu terei as bebidas preparadas quando voltar.

Quando Beth entrou no Clancy's, Jefferson fez saltar a rolha de uma garrafa de champanhe.

– Achei que merecia uma despedida condigna. – Sorriu. – Pode bem ser a última coisa boa dos próximos meses. – Serviu-lhe uma taça e encostou-se ao balcão, a olhar para ela. – Vamos sentir a sua falta – disse, finalmente. – Há muitas raparigas bonitas na povoação, mas poucas com a sua genica e a sua coragem. Talvez um dia dê um pulo até Dawson City, para ver como está. Se não tiver sido apanhada por algum mineiro rico, levo-a para São Francisco e faço de si uma mulher honesta.

– Não vai ser coisa fácil, sendo tão desonesto – retorquiu ela. – Além disso, quero voltar a Inglaterra. Tenho uma irmã que preciso de ver.

Pegou na fotografia de Molly, que guardara no bolso interior do casaco, e mostrou-lha. Molly tinham uns cabelos tão compridos e encaracolados como os dela, presos com dois laços, e usava um bibe branco com folhinhos por cima do vestido escuro. Já não era um bebé, era uma menina, com uns grandes olhos escuros e redondos e uma expressão séria.

– É parecida consigo – disse Jefferson. – Acho que é o género de miúda que qualquer pessoa quereria voltar a ver. E os seus pais também. Devem ter saudades suas.

– Já morreram os dois – disse Beth e, de repente, deu por si a pensar no que tinha acontecido. – Não sei porque foi que lhe falei disto – concluiu, a sentir-se embaraçada. – Nunca digo a ninguém.

Jefferson encolheu os ombros.

– Há-de ter sido a fotografia. Fazem-nos recordar. Também eu tenho uma fotografia assim.

– De uma menina?

– Não. – Jefferson riu. – Uma fotografia sua, tirada aqui, uma noite. Só fui buscá-la há dias. Fez-me pensar em como as coisas poderiam ter sido se... – Não completou a frase e sorriu-lhe.

– Se o quê?

– Se eu fosse outro género de homem. Se tivesse ido procurá-la depois daquela noite para lhe dizer como me sentia.

– E como era que sentia?

– Como se fosse outra vez novo. Como se pudesse haver uma vida sem

vigarices nem manhas. Mas acho que não tive coragem suficiente para tentar lá chegar.

Beth ergueu a mão e beliscou-lhe afectuosamente o rosto.

– Teve coragem suficiente para mo dizer agora. Vou guardar essas palavras na minha cabeça e pensar nelas de vez em quando.

Conversaram durante algum tempo a respeito das mudanças em Skagway desde que ela chegara, e de como a povoação poderia vir a ser dentro de alguns anos. Jefferson perguntou por Sam e por Jack, mas não mencionou Theo.

– Não confiem em ninguém na subida até à passagem – disse, inesperadamente. – Há lá em cima homens que parecem prospectores, de mochila às costas e tão sujos como todos os outros. Vão oferecer-lhes um pouco de bondade, uma bebida quente ou um lugar junto à fogueira. Mas não são verdadeiros prospectores, são vigaristas, e vão tentar roubá-los.

Beth teve uma forte suspeita de que aqueles homens de quem ele falava podiam até estar a seu soldo, mas agradeceu-lhe o conselho e disse que eram horas de ir.

Ele pegou-lhe na mão quando saíram do *saloon* para ir buscar o cavalo ao estábulo, e o contacto fez um súbito frémito descer-lhe pela espinha.

O moço do estábulo trouxe para a rua a égua castanha e, enquanto segurava firmemente o animal pela cabeçada, Jefferson estendeu a mão para segurar o pé de Beth e ajudá-la a içar-se para a sela. Então, saltando para a garupa com um ágil movimento, passou os braços à volta do corpo dela para empunhar as rédeas.

Pouco depois, trotavam pelo caminho que conduzia a Dyea.

Em Skagway, com toda a azáfama e confusão, a beleza da paisagem circundante passava muitas vezes despercebida. Mas uma vez fora do tumulto, com o débil sol de Inverno a refulgir na água azul-turquesa do Lynn Canal e as montanhas toucadas de neve em redor, ela saltava repentinamente à vista.

Enquanto trotavam, Jefferson apontou um par de focas na água e uma águia-calva empoleirada numa árvore. Beth não evitou desejar que tivessem tido tempo de fazer juntos um pequeno passeio como aquele, e falarem verdadeiramente um com o outro.

Havia muitos grupos de pessoas a seguir a estrada de Dyea, umas a empurrar carrinhos de mão onde tinham amontoado a bagagem, outras com mulas ou carroças tiradas por cavalos. A dada altura, Beth avistou, um pouco mais à frente, a carroça dos rapazes.

– Acho que é melhor deixar-me aqui – disse. – Consigo alcançá-los facilmente.

Jefferson saltou para o chão, ágil como um gato, ergueu os braços, agarrou-a pela cintura e ajudou-a a desmontar. Mas não a soltou.

– Adeus, minha Rainha Cigana – disse. – Tenha cuidado no trilho, e pense em mim de vez em quando.

Então beijou-a longamente, abraçando-a como se nunca mais fosse largá-la. De repente, desfez o abraço, saltou para a sela e afastou-se a galope.

Beth ficou parada no caminho por um instante, a olhar para a égua castanha, para as costas muito direitas e para o chapéu preto dele, e sentiu uma pequena pontada de tristeza pelo que poderia ter sido.

CAPÍTULO 28

–Deus nos ajude! – exclamou cansadamente Beth, quando estavam a chegar a Sheep Camp, o último lugar onde poderiam encontrar lenha e provisões antes de começarem a subir a montanha.

Eles e um milhar de outros homens e mulheres tinham já suportado três dias de caminhada dolorosamente lenta, a arrastar carroças e trenós pelo trilho cheio de buracos que subia a partir de Dyea, saltando de um lado para o outro do rio no seu coleante percurso. O gelo, os súbitos nevões e a passagem de uma enorme quantidade de pessoas, carroças, cães e animais de carga, que rasgava fundos sulcos na lama, tornavam o trilho escorregadio e traiçoeiro. As pontes apressadamente improvisadas eram tão periclitantes que, a dada altura, tinham acabado todos com água gelada até aos joelhos e obrigados a continuar com as botas e as roupas encharcadas.

Não fora, porém, o espectáculo das centenas de pessoas e animais que se misturavam naquele último verdadeiro acampamento que provocara a chocada exclamação de Beth. E nem sequer o amontoado de primitivas cabanas, os objectos pesados como fogões, cadeiras e baús abandonados por todo o lado, ou as tendas rasgadas e as montanhas de coisas empilhadas à espera de serem levadas para o outro lado.

O choque devera-se ao que ficava para lá de tudo aquilo.

Chilkoot Pass. E, mais ainda, a escalada que implicava.

Todos os pretendentes a prospectores de ouro sabiam que a passagem era difícil. Nos *saloons* de Skagway, toda a gente ouvira pelo menos uma dúzia de histórias de horror diferentes da boca de pessoas que ou tinham voltado costas e fugido ao vê-la, ou tinham sido repelidas pelo mau tempo. Mas ouvir falar de uma coisa e vê-la com os próprios olhos era completamente diferente.

Sheep Camp ficava numa depressão no limite da linha das árvores, rodeada de montanhas. Beth sabia que o cume que tinha de alcançar se situava a pouco

mais de mil metros acima de Dyea, a apenas seis quilômetros e meio de distância se pudesse voar até lá como uma águia. Mas não era uma ave, e o caminho que teriam de seguir provocou-lhe na espinha um arrepio de medo e espanto.

A montanha parecia cingida por uma contínua fita preta que se destacava nitidamente contra o fundo de neve. Eram os que subiam vergados como macacos sob o peso que carregavam às costas e que, àquela distância, pareciam imóveis. Mas Beth sabia que se moviam, porque não podiam parar; até uma breve paragem emaranharia a linha dos que vinham atrás. Se alguém decidisse sair da fila para descansar, nunca mais conseguiria voltar a entrar.

Theo empalidecera, e Sam esfregava os olhos como se não quisesse acreditar no que via. Só Jack pareceu calmo e pronto para juntar-se à temível corrente humana, na manhã seguinte.

– Há dois lugares para parar – disse. Apontou um gigantesco penhasco e explicou que lhe tinham dito que quem subia podia descansar um pouco junto à sua base. Em seguida indicou uma plataforma lisa, mais acima, e disse que era a Balança. – É onde os carregadores voltarão a pesar a nossa carga e provavelmente exigir-nos mais dinheiro.

Não lhes recordou que a parte mais difícil e perigosa da passagem ficava para lá da Balança, invisível de Camp Sheep. Nenhum animal de carga conseguia subir os chamados Degraus Dourados, 1500 degraus escavados no gelo por um grupo de empreendedores que exigia uma percentagem pela sua utilização. Uma vez iniciada a subida, não se podia parar até chegar ao cimo.

Sam, Theo e Beth entreolharam-se, horrorizados. Não fora a atitude determinada de Jack, talvez tivessem expressado o medo que a subida lhes inspirava. Mas Jack tornara-se no líder do grupo desde que tinham saído de Dyea. Só ele mantivera a cabeça fria quando a carroça quase caíra de uma ponte, ou quando ficara atolada num sulco do trilho; a sua força, determinação e calma tinham-lhes permitido chegar até ali, e nenhum dos três duvidava de que haviam de levá-los incólumes até Dawson City.

– Se montarmos aqui a nossa tenda, vai ser o diabo juntar tudo amanhã, ao romper do dia – continuou Jack aparentemente inconsciente de que os outros não partilhavam o seu entusiasmo. – Por isso acho que o Theo e a Beth devam ir arranjar-nos quartos num dos hotéis daqui. Eu e o Sam vamos procurar os carregadores e perguntar-lhes onde querem que ponhamos tudo isto.

Beth olhou para a carroça, com a sua montanha de equipamento e provisões. Já em Skagway parecera uma quantidade formidável, e no entanto tinham-se indignado ao saber o preço que os carregadores índios exigiam por cada saco. Mas agora que via a montanha até cujo topo tudo aquilo tinha de ser levado, sentia-se desmaiar à simples ideia do que significaria terem de ser eles próprios a carregá-lo. Disse uma silenciosa oração de graças por terem conseguido juntar o

dinheiro suficiente para pagar aos carregadores. Duvidava que conseguisse levar às costas um saco que fosse, quanto mais repetir a viagem várias vezes.

Os chamados hotéis não tinham a mais pequena semelhança com qualquer hotel, por mais humilde, que Beth tivesse alguma vez visto, mas depressa descobriria que os preços eram iguais aos dos de Nova Iorque. Eram simples barracões, sem camas, apenas um pequeno espaço no chão, com dúzias de outras pessoas amontoadas em redor. Se comprassem uma refeição, custaria quase tanto como dois dias de salário.

Descobriu também que se podia comprar praticamente tudo em Sheep Camp, desde que se tivesse dinheiro suficiente. *Whisky*, óculos escuros para evitar a cegueira causada pela neve, trenós, barretes de pele e até doces. E havia também prostitutas que, por cinco dólares, permitiam a qualquer homem passar num relativo conforto a sua última noite antes de iniciar a escalada até ao alto da passagem.

Apesar do cansaço de um dia de árdua caminhada, Beth não pôde impedir-se de sorrir àquelas prostitutas, porque eram as mulheres mais feias e mais sujas que via desde que trabalhara na fábrica de camisas em Montreal. Algumas ostentavam esfarrapados vestidos de cetim, uma manta presa à volta dos ombros como uma capa, pesadas botas de homem nos pés e cabeleiras que pareciam ninhos de ratos. E, no entanto, não faltava quem lhes requisitasse os serviços.

Uma vez no « hotel », cercados por pessoas por todo o lado, não havia a mais pequena possibilidade de voltar a sair durante a noite. Beth ficou ensanduichada entre Theo e Sam, e o fedor de pés sujos e outros odores corporais era tão intenso que puxou o capuz forrado a pele de modo a tapar o nariz e a boca e esperou que a exaustão lhe garantisse um pouco de sono.

Ficou acordada pelo que lhe pareceu a noite inteira, a ouvir uma orquestra dos mais diferentes géneros de roncós. Havia rugidos altos, como o ribombar de comboios a vapor, guinchos agudos, algumas ressonadelas normais, regulares, e algumas irregulares, e, de vez em quando, alguém se descuidava, tossia ou gemia. Um homem fazia um barulho como se estivesse a rezar, e outro praguejava durante o sono. Era como o afinar maciço de uma estranha orquestra.

A respiração de Theo era pesada, a de Sam leve. Jack estava deitado atrás de Sam, mas Beth não conseguia distinguir dos restantes os sons que ele fazia. Tinha consciência de que aquilo era provavelmente o mais confortável e quente que podia esperar vir a estar nas próximas semanas, e isso assustou-a mais do que nunca. Porque ia? Não queria saber de ouro, e em Skagway não teria dificuldade em ganhar dinheiro suficiente para lhe garantir que poderia regressar a

Inglaterra no ano seguinte com um bom pé-de-meia. E se houvesse uma avalanche quando estivessem na montanha e fosse enterrada viva? E se caísse e partisse uma perna ou um braço? Que seria então dela?

Devia ter acabado por adormecer, porque de repente Jack estava a abaná-la e a dizer que eram horas de ir.

Ao meio-dia, Beth já estava convencida de que não conseguiria dar mais um passo. A mochila que levava às costas era leve, pouco mais de onze quilos, contendo apenas roupa seca, enquanto as dos rapazes pesavam o dobro, e Sam e Jack tinham ainda de carregar um trenó cada, mas parecia-lhe pesar uma tonelada. A neve que cobria o trilho era dura, mas irregular devido às pedras por baixo, de modo que tinha de ver com muito cuidado onde punha os pés, usando o grosso cajado para se apoiar enquanto se arrastava, a bufar e a ofegar, sempre mais para cima.

Estava a transpirar devido ao esforço com tanta roupa vestida, mas da única vez que despiu o casaco forrado a pele o vento cortante como facas gelou-a até aos ossos numa questão de segundos. Queria uma bebida quente e sentar-se, o vento frio enchia-lhe os olhos de água, tinha os lábios gretados e todos os ossos do corpo lhe gritavam que parasse. Amaldiçoou a saia comprida e o saiote, que se carregavam de neve a cada passo, e jurou a si mesma que, quando chegassem à Balança, mandaria a decência às urtigas e convenceria Sam a deixá-la usar uma das suas calças.

Teve direito à única bebida do dia em Stone House, quando Jack aqueceu água na «chaleira-vulcão», alimentando o lume que acendera no interior com gravetos secos e aparas de madeira que guardara do seu trabalho como carpinteiro em Skagway. Enquanto ele, dobrado para a chaleira, soprava para espreitar o fogo que ardia entre as paredes da dupla câmara, Beth observava-o com admiração, perguntando-se por que razão teria sido o único a aperceber-se, em Vancouver, de que aquela curiosa invenção, que permitia acender um pequeno lume no interior, iria revelar-se a mais útil peça de todo o equipamento que levavam. Podia ser acendida com vento forte, e até com chuva, e mesmo assim aquecer água muito rapidamente.

Recordou o miúdo da rua, escanzelado e pálido, que Jack era quando o conheceu. Já nessa altura era desembaraçado e duro, mas desde então crescera de todas as maneiras possíveis. O rosto por cima da barba cerrada e negra tornara-se castanho e curtido pela intempérie como o de um índio, tanto que a fina cicatriz na face já mal se notava. Os ombros largos, os braços e as coxas eram sólido músculo. Aceitara e aprendera alguma coisa com todas as experiências por que passara desde que tinha desembarcado do navio que o levava de Inglaterra, quer fosse matar gado, servir atrás do balcão de um bar ou construir cabanas. Era ele o aço do pequeno grupo, a força que os amparava quando a deles se esvaía.

– Como estão os teus pés? – perguntou, notando imediatamente que Sam coxeava quando foi à mochila buscar o café e o açúcar. – Fizeste uma bolha?

– Acho que sim; as botas roçam-me os tornozelos – gemeu Sam.

– Descalça-as. Vou pôr-te umas ligaduras – disse Jack – E tu, Theo, como é que estás a aguentar-te?

– Menos mal. Uma ou outra pontada, mais nada – respondeu Theo, enfiando uma mão por baixo do casaco como que para certificar-se de que a ferida não reabriria.

– Também já vou tratar disso – prometeu Jack – A Beth está com ar de quem se vai abaixo se não lhe dão qualquer coisa quente bem depressa.

Beth sentiu um nó a formar-se na garganta, pois não compreendia como conseguira Jack tornar-se num homem tão atencioso. Pelo pouco que ele lhe contara a respeito da sua infância, sabia que fora difícil, do género que normalmente produziria um bruto insensível.

*

Quando chegaram à Balança, Beth estava à beira do colapso. Doía-lhe o corpo todo, como se tivesse sido submetida à tortura medieval da roda.

O céu parecia chumbo, e ouvira alguém dizer que ia voltar a nevar em breve. Olhou para trás, para o caminho que tinham percorrido até ali, e viu que a fila de trepadores continuava tão comprida como naquela manhã, e espantou-se com a loucura de tudo aquilo.

Ouviu vagamente Jack dizer que iam montar a tenda para passar a noite e depois verificar se os carregadores já tinham transportado todas as suas coisas até ao topo da passagem.

Rastejou para dentro da tenda ainda antes de os rapazes terem acabado de cravar as estacas no chão gelado. Não havia um centímetro de terra à volta da Balança onde não se erguesse uma tenda, e o barulho de centenas de vozes, a queixarem-se, a discutirem, a chamarem, fê-la querer tapar os ouvidos e não ouvir nada.

Sem saber muito bem como, conseguiu tirar as mantas das mochilas, mas caiu em cima delas antes de conseguir estendê-las ou tentar acender a lanterna.

Estava escuro quando os rapazes voltaram, e, apesar de ouvir-lhes as vozes quando entraram na tenda, Beth não foi capaz de mexer-se ou sequer de abrir os olhos.

Ficaram acampados na Balança durante três dias, por causa do grande nevão que caiu. Houve quem continuasse até aos Degraus Dourados, apesar da

tempestade, mas Jack achou que era loucura, porque alguém caía e partia uma perna e tivera de ser levado para Sheep Camp por carregadores índios.

Era aborrecido estarem ali encolhidos na tenda, mas ao menos dava-lhes tempo para descansar e prepararem-se para a próxima e terrível etapa da viagem. Os homens contra os quais Jefferson a alertara estavam presentes em força ali na Balança. Pareciam prospectores como os outros, com mochilas e pás, mas as fogueiras que acendiam, as bebidas quentes que ofereciam aos incautos eram apenas um engodo para atrair os mais tolos para um dos seus jogos-da-vermelhinha. Reconheceu alguns como sendo apaniguados de Soapy, que, calculou, devia ficar com uma boa parte dos lucros. Theo amouu durante algum tempo quando ela lhe explicou que os jogos estavam viciados, mas isso permitiu-lhe ao menos não se deixar atrair.

Na quarta manhã, Jack anunciou que era tempo de dobrar a tenda e partir, apesar de o céu continuar a ameaçar neve e a temperatura ter descido ainda mais.

– Se as deixarmos lá durante muito mais tempo, as nossas coisas estarão escondidas debaixo de metros de neve quando lá chegarmos – disse, lançando um olhar ansioso ao céu. – Além disso, nunca vai haver um dia bom para subir aqueles degraus.

Sam tomou a dianteira, com o trenó amarrado por cima da mochila. Seguiam-se Beth e, atrás dela, Jack, que transportava o trenó e a mochila como Sam, e Theo fechava o grupo. Era imperativo que mantivessem o ritmo da pessoa que ia à frente, e com um vento forte e gelado a ameaçar arrancá-los a todos ao flanco da montanha e apenas uma fina corda ao longo da parede de gelo a que se agarrarem, cada passo era uma aventura.

O suor alagava-os e todos os músculos gritavam por misericórdia; a mordidela do vento nas partes expostas do rosto era como mil alfinetadas. Beth não ousava olhar para outro lugar que não fosse aquele onde punha os pés, porque uma escorregadela seria mortal, e as costas doíam-lhe, dobradas numa postura tão pouco natural. Começou a contar os degraus, mas desistiu ao chegar aos quinhentos. Ouvia-se, acima do uivo do vento, um contínuo gemido comum, o som de duas centenas de almas levadas aos limites da resistência humana.

Um homem, lá mais acima do sítio onde Beth e os rapazes se encontravam, tombou para o lado e deslizou pela encosta da montanha, a gritar, mas ninguém voltou sequer a cabeça para olhar, quanto mais interromper a subida para tentar ajudá-lo. Poder-se-ia dizer que fazê-lo seria arriscar a própria vida e as dos que vinham atrás, mas mesmo assim parecia bárbaro ignorá-lo. A subida era, no entanto, demasiado íngreme para que alguém gastasse fôlego a fazer um comentário. Beth sentiu Jack tocar-lhe ao de leve nas costas, como que a comunicar-lhe que também ele se sentia impotente.

E continuaram a subir, sem se atreverem a olhar para trás ou sequer em redor. O gemido universal tornava-se cada vez mais alto, misturado com o som de respirações ofegantes.

Recomeçou a nevar e, de repente, Beth deixou de ver fosse o que fosse excepto as botas de Sam à altura dos seus olhos. À agonia do esforço juntou-se o terror, pois não imaginava como conseguiriam montar uma tenda quando chegassem lá acima, e sem um abrigo morreriam certamente de frio.

– *Consegues* continuar, Beth – disse Jack atrás dela, a voz fantasmagórica naquele estranho mundo branco. – Vai correr tudo bem, estamos quase lá. Pensa no chá que vamos fazer. Continua.

Alguns lá em baixo souu um grito estrangulado, e calculou que mais alguém tinha caído. E então ouviu Theo gemer.

Voltou involuntariamente a cabeça, mas só conseguiu ver uma forma coberta de neve que sabia ser Jack

– Agarra-te ao trenó – ouviu-o dizer a Theo. – Eu ajudo-te a subir.

Era um mundo cinzento-esbranquiçado em que não conseguia ver mais do que meio metro em qualquer direcção e em que o som se distorcia. De certeza que a voz com sotaque escocês que ouvira horas antes viera de cima? Parecia-lhe agora vir de baixo. Mas a voz de Jack acalmou-a, recordando-lhe que estavam quase a chegar, que Theo estava a aguentar e que Sam estava mesmo à frente dela.

Uma voz de mulher gritou que não conseguia dar mais um passo, e uma voz de homem incitou-a a continuar, mas os sons pareciam vir da direita de Beth, confundindo-a ainda mais.

– Concentra-te no próximo degrau – gritou Jack, quando ela vacilou. – Já não falta muito.

Chegaram finalmente ao topo e deram por si no que parecia ser uma cidade branca. Os edifícios eram altos montes de objectos, as ruas os estreitos corredores deixados entre eles.

Jack deixou escapar uma praga angustiada ao aperceber-se de que não ia ser fácil encontrar as coisas deles. Tinham dado aos carregadores uma comprida vara enfeitada com fitas de cores garridas para as marcar, mas nunca lhe ocorrera que a neve escondesse tudo. Viram homens empoleirados nos montes, a escavar freneticamente com pás, e ouviram um deles dizer que estava a cavar há já três dias.

Não havia espaço para montar uma tenda. O único abrigo era dentro da « cidade » e Jack guiou-os pelas ruas sinuosas até encontrar um sítio onde podiam esticar uma lona para lhes servir de tecto.

Estava menos frio sem o vento gelado que tinham enfrentado durante toda a manhã. Sentaram-se em cima dos trenós e mais uma vez fizeram chá na chaleira-vulcão. Nenhum deles falava, e Beth teve a certeza de que estavam

todos a pensar o mesmo que ela, que deviam ter esperado pela Primavera. Já começava a escurecer, e a perspectiva de uma noite ali acorados, talvez muitas mais se não conseguissem encontrar as suas coisas, era demasiado terrível de encarar.

Jack e Sam pareceram revigorados pelo chá quente e, pegando na lanterna, afastaram-se para ir procurar o material.

– Como está a tua ferida? – perguntou Beth a Theo, os dois aninhados em cima do trenó e embrulhados numa manta.

– Não me parece que tenha reaberto – disse ele. – Mas se reabriu, é o que mereço por ter-te trazido para aqui. Isto não é lugar para uma senhora.

– Estou longe de ser a única. E um dia havemos de olhar para trás e rir de tudo isto.

– Espero que sim. – Theo suspirou. – O meu desejo é compensar-te sendo o marido perfeito e dando-te o lar que mereces.

– Isso é um pedido de casamento? – perguntou ela, a provocá-lo.

Theo descalçou a luva da mão direita e acariciou-lhe ternamente o rosto.

– Se queres que seja, mas a minha intenção era pedir-te num local muito mais romântico do que este.

Beth olhou para a estreita passagem entre os montes de dejectos. Continuava a nevar e outras pessoas tinham ido partilhar aquele abrigo com eles; também elas estavam a estender uma lona para se protegerem. Riu.

– Não me parece que encontremos um local romântico nos tempos mais próximos – disse.

Tinham pensado que a subida dos Degraus Dourados seria de longe a pior parte da viagem, mas os dois dias seguintes, enquanto tentavam encontrar as suas coisas, foram uma longa e arrastada tortura. Era impossível dormir; estavam gelados, sujos e desesperados por uma refeição quente, e o barulho de tanta gente amontoada à volta deles, o vento que não parava de soprar e as repetidas quedas de neve estavam a levá-los à beira da loucura.

Todos eles cavaram pilhas de objectos, só para ficarem desapontados, a perder a esperança de alguma vez recuperarem as suas provisões. Cavar aquecia-os um pouco, mas os músculos doíam-lhes insuportavelmente, e quando paravam de cavar o frio parecia gelar-lhes todas as articulações do corpo.

Beth tremia de pavor sempre que tinha necessidade de aliviar-se. Os homens iam para um lado qualquer, independentemente de quem estivesse por perto, mas ela não podia fazer o mesmo, e quanto mais se preocupava com isso, mais frequentemente parecia precisar de o fazer.

No terceiro dia ali em cima, com a ameaça de nevões ainda mais intensos, pensou verdadeiramente que não conseguiria sobreviver mais vinte e quatro horas. As lágrimas congelavam-lhe no rosto e tinha os lábios tão gretados que

quase não conseguia falar. Até Jack começava a dar sinais de fraquejar. Viu-o trepar para cima de um dos montes e notou como os seus movimentos se tinham tornado lentos. Theo estava mortalmente pálido e cambaleava quando tentava andar, e, apesar de Sam se esforçar ao máximo por acompanhar Jack na busca, era evidente que se aproximava do colapso.

E, no entanto, foi Sam quem acabou por encontrar as coisas deles. Tinha ido fazer mais uma tentativa, sobretudo para restabelecer a circulação nos membros, e aconteceu passar por um homem que tinha encontrado o seu material. Quando o homem tirou o último saco, Sam viu a vara enfeitada com fitas coloridas a espreitar por baixo. Se não estivesse ali, mais uma hora e a neve teria voltado a cobri-la.

Amontoar tudo aquilo nos trenós aqueceu-os e animou-os um pouco, apesar de a neve cair cerrada e rápida. Finalmente, arrastaram os trenós até à cabana coberta de neve, com uma Union Jackesfarrapada a drapejar no telhado, onde a polícia montada do Noroeste guardava, com as suas metralhadoras *Maxim*, a fronteira do Canadá.

Beth sentiu-se tranquilizada ao ver os familiares casacos vermelhos e calças azul-escuras, e também por saber que os polícias não permitiriam a entrada no país de pistolas ou revólveres. Estavam decididos a impedir que a violência e a anarquia que reinavam em Skagway passassem a sua fronteira.

Havia que pagar direitos sobre os artigos que vinham do lado americano da montanha. Mas Theo resolveu uma parte do problema mostrando recibos de tudo o que tinham comprado em Vancouver e argumentou que não tinham de pagar direitos sobre eles, só sobre o que fora adquirido em Skagway.

Beth perguntou-se como conseguiam os *mounties* ser tão simpáticos e bem-dispostos, ali presos no alto de uma montanha durante meses seguidos com um tempo daqueles. Podiam ter casacos de pele de bisonte, mas a cabana era pouco mais quente do que uma tenda, e numa só noite a neve podia atingir uma altura de um metro e oitenta. No entanto, pareceram divertidos com o argumento de Theo e assentiram, cobrando-lhes apenas dois dólares no total, sem sequer verificarem a carga.

Miraculosamente, parou de nevar e um sol tímido brilhava quando iniciaram, com as raquetas de neve nos pés, a caminhada de oito quilómetros até Happy Camp. Apesar de terem de puxar os sobrecarregados trenós e de adaptarem-se à estranheza das raquetas de neve, pela primeira vez desde que tinham saído de Dyea o caminho pareceu-lhes fácil. O número de pessoas que os tinham precedido compactara a neve, e os trenós deslizavam suavemente. Ficaram espantados quando alguém lhes disse que só tinham percorrido trinta e cinco quilómetros desde Dyea e treze quilómetros e meio desde Sheep Camp, pois parecera-lhes que tinham sido duzentos.

Apesar do cansaço, o facto de estarem outra vez em movimento, com a

perspectiva da próxima noite numa tenda com uma fogueira para os aquecer, devolveu-lhes o ânimo. Em alguns pontos onde o trilho descia, deslizaram inclusivamente em cima dos trenós, a gritar e a rir como crianças. Havia quem tivesse equipado os seus com uma vela e até ultrapassasse os poucos que eram puxados por equipas de cães.

Era fácil perceber porque tinham chamado Happy ao acampamento. Ficava situado numa zona plana, onde era fácil montar uma tenda, e tinham finalmente voltado à linha das árvores, de modo que podiam cortar lenha para fazer fogueiras.

A felicidade esteve presente por todo o lado naquela noite, não obstante a espessa camada de neve e a promessa de mais. O alívio de poder descansar antes de voltar ao caminho, a convicção de que mais nada poderia ser tão mau como os Degraus Dourados ou o alto da passagem e o facto de poderem sentar-se à volta de uma grande fogueira e secar as roupas molhadas eram o suficiente para trazer de volta os sorrisos e as gargalhadas.

Depois de terem preparado uma refeição de arroz com *bacon*, Beth tirou o violino do estojo e tocou junto à fogueira. Em grupos de duas e de três, as pessoas começaram a sair das tendas para ouvir, aplaudindo no final de cada música. Alguém levou uma garrafa de *whisky* para partilhar com Beth e com os rapazes e o líquido ardente subiu-lhes à cabeça, fazendo-os rir de tudo e de nada.

Mais tarde, quando as pessoas regressaram às respectivas tendas, Beth ficou por um instante a olhar em redor. Estava lua cheia, e o céu limpo e salpicado de estrelas. As árvores à volta do acampamento eram raquíticas, mas com a sua capa de neve pareciam mágicas. Até as tendas à volta da deles, que ela sabia estarem sujas e gastas, pareciam bonitas à luz dourada das fogueiras que ardiam diante de cada uma delas. Com toda a ansiedade da última semana, não reparara sequer na paisagem, mas agora, novamente em paz, via como era magnífica, e descobriu que estava entusiasmada com a aventura que os esperava.

«Um dia, poderei falar à Molly de tudo isto», pensou, olhando para os rapazes que estavam sentados, meio adormecidos, junto à fogueira. Estavam tão sujos e desalinados, de olhos orlados de vermelho, barbas hirsutas, cabelos desgrehados e enfiados numa tão grande quantidade de roupa que facilmente alguém os confundiria com três ursos. Desejou que houvesse um fotógrafo entre as pessoas que se dirigiam para Dawson City. Seria bom ter uma recordação permanente do aspecto de todos eles naquele trilho, e qualquer coisa para mostrar a Molly.

Um lobo uivou algures ali perto, e o seu grito foi respondido por alguns dos cães do acampamento. Beth estremeceu e apressou-se a voltar para junto da fogueira. Por um instante, esquecera que viviam criaturas selvagens naquela selva imensidão.

CAPÍTULO 29

–Finalmente chegámos! – exclamou Jack alegremente enquanto corria com o trenó pela estreita passagem que ligava o lago Lindemann ao lago Bennett.

A maior parte dos que tinham vindo com eles por Chilkoot Pass ficara nas margens do lago Lindemann para construir os barcos em que viajariam até Dawson City, mas Jack ouvira dizer que, quando o gelo derretia, os rápidos entre os dois lagos eram muito perigosos e decidira que seria preferível continuarem até ao lago Bennett e construir o barco lá.

Theo ficara descontente com o que considerara ser um esforço inútil. Gostara da cidade de tendas do lago Lindemann, onde tinham surgido uma casa de jogo, bares, lojas e até restaurantes, e não duvidava de que conseguiria ganhar ao póquer dinheiro suficiente para comprar um dos barcos desmontáveis que um negociante levava até ali pelo perigoso caminho da montanha. Ele e Jack quase chegaram a vias de facto, porque Jack afirmara que aqueles barcos não eram suficientemente resistentes para transportá-los quinze quilómetros, quanto mais oitocentos, e acusara Theo de ser demasiado preguiçoso para se dar ao trabalho de construir um que fosse seguro.

Beth andara com os nervos em franja durante os poucos dias que tinham passado no lado Lindemann, vendo como Jack começava a ficar exasperado com Theo. Jack carregara sem protestar mais peso do que lhe caberia para o aliviar, deixara-o viajar instalado num dos trenós de Happy Camp até ao lago Lindemann porque lhe doía o ombro, isentara-o de ajudar a cortar lenha e de outros trabalhos mais duros. Mas não aceitava que Theo se pavoneasse de um lado para o outro, tratando-o como se fosse um criado. Beth temia que acabasse por decidir continuar sozinho até Dawson City, e não o censuraria se o fizesse.

Acontecera, porém, que Theo perdera a maior parte do dinheiro que lhe restava num jogo de póquer, de modo que comprar um barco ficara fora de questão, e acabara por não ter alternativa senão resignar-se aos planos de Jack.

O que não significava que o tivesse aceitado bem. Beth sentia que, apesar dos

seus ares de superioridade, Theo tinha na realidade ciúmes de Jack porque tantas pessoas o respeitavam e lhe davam ouvidos, enquanto ele era visto como pouco mais do que um parasita. Mal dissera uma palavra enquanto caminhavam pela superfície gelada do lago, nem sequer a ela.

E a verdade era que também Beth tinha os seus próprios motivos para estar irritada com Theo. Por muito que quisesse esquecer a dor que ele lhe causara em Skagway e fazer com que as coisas voltassem a ser como em Vancouver, não estava a ser fácil.

À medida que avançavam pelo lago Bennett, porém, quaisquer ressentimentos que houvesse entre eles dissiparam-se, porque o espectáculo que contemplavam era verdadeiramente espantoso.

Além da fascinante beleza do estreito lago gelado que parecia insinuar um coleante caminho por entre montanhas cobertas de neve, havia tendas espalhadas ao longo de ambas as margens até tão longe quanto a vista conseguia alcançar.

Milhares de tendas, de todos os tamanhos e feitios: tendas novas e tendas velhas e esfarrapadas; tendas improvisadas e minúsculas, que mal dariam para abrigar um homem, e tendas suficientemente grandes para um circo; tendas de todos os géneros possíveis e imagináveis.

Sabiam que White Pass, o caminho alternativo e mais comprido que partia de Skagway, terminava ali, pelo que estavam à espera de uma multidão, mas não tinham imaginado que fosse tão grande, ou que houvesse tantos animais.

White Pass era também conhecido como «Trilho dos Cavalos Mortos» devido às centenas de cavalos que nele morriam de fome e de maus-tratos. Um dos *mounties*, na fronteira, falara num tom zangado da crueldade e estupidez das pessoas que se punham a caminho sem levarem alimento suficiente para os animais. Mesmo assim, havia ali muitos cavalos, além de cães, bois, burros, cabras e até galinhas.

E havia também uma cacofonia de sons: o bater de machados em madeira, o raspar áspero de serras, as pancadas repetidas de martelos, os latidos dos cães e os gritos das pessoas a chamarem umas pelas outras. Um par de anos antes, aquele sítio devia ter sido um lugar silencioso e selvagem por onde só passavam índios e um ou outro caçador de peles. Agora era uma cidade que nascia.

Theo ficou visivelmente mais animado ao ver uma tabuleta a anunciar jogos de póquer e de faraó todas as noites, e apesar de não lhe agradar a ideia de ele arriscar no jogo o pouco dinheiro que lhe restava, Beth ficou contente por vê-lo sorrir outra vez. Pensou também que poderia ganhar qualquer coisa a tocar violino, como fizera no lago Lindemann.

– Até onde temos de ir? – resmungou Theo uma hora mais tarde, ao verificar que Jack continuava a avançar pela superfície gelada do lago.

– Ali em baixo há mais árvores. Já vai ser suficientemente duro abatê-las para construir o barco sem termos de arrastá-las para muito longe – respondeu

Jack, friamente.

Beth trocou um olhar com o irmão. Sabia que ele não gostava de ver-se apanhado no meio, pois gostava de ambos os companheiros e ambos gostavam dele. Apreciava um jogo de cartas e uma bebida, e continuava convencido de que era Theo quem havia de torná-los ricos. Ao mesmo tempo, porém, sabia que dependiam os três de Jack porque só ele tinha as competências necessárias para levá-los em segurança até Dawson City.

Sam fez-lhe uma careta. Não precisou de dizer uma palavra, ela sabia que estava a pensar que Jack era um tudo-nada demasiado exigente e mandão e que a todos eles faria bem uns dias de descanso antes de começarem a construir o barco.

Beth decidiu que tinha de intervir e, levantando a orla da saia, correu atrás de Jack

– Não podemos descansar uns dias antes de começarmos a trabalhar no barco? – perguntou. – Ainda estamos em Março, e o gelo não vai derreter antes de finais de Maio, de modo que temos muito tempo.

Jack deteve-se bruscamente, largando a corda do trenó que rebocava, e olhou para ela com um ar ligeiramente divertido.

– Viste a quantidade de pessoas que já aqui estão?

– Bem, sim – respondeu ela, encolhendo os ombros.

– A cada dia que passar, o número vai tornar-se maior – disse ele, pacientemente. – Estão a chegar pelos dois caminhos aos milhares, e, muito em breve, todas as árvores que agora vês terão sido cortadas. Temos de começar a juntar madeira logo que acamparmos, ou arriscamo-nos a que outra pessoa qualquer fique com ela.

Beth olhou atentamente para ele. Estava sujo e esfarrapado, com a barba hirsuta, o cabelo comprido e empastado, a pele do rosto queimada pelo frio. Mas não tinha a brilhar-lhe nos olhos a ganância do ouro que todos os outros homens tinham. Duvidava que ele sonhasse sequer com grandes riquezas, como Theo e Sam sonhavam.

– É justo – assentiu. – Faz sentido. Mas diz-me uma coisa, Jack Child, o que é que te impulsiona? Não me parece que seja o ouro.

Ele riu baixo, a olhar para Theo e Sam, que descansavam apoiados ao trenó.

– Alguém tem de assegurar que vocês os três chegam lá em segurança.

– Isso não responde verdadeiramente à minha pergunta – retorquiu ela.

Ele sorriu, estendeu a mão e fez-lhe uma festa na cara.

– Eu achei que sim.

Em meados de Maio, o barco estava pronto. Era, mais exactamente, uma jangada solidamente construída, com um mastro, um leme para a governar e tábuas de lado para os manter a eles e ao equipamento a salvo em águas

turbulentas. Os rapazes tinham-lhe chamado *Cigana*, pintando o nome e o número, 682, na trave que atravessava a proa. Samuel Steel, o comandante local da polícia montada, tinha decretado que todas as embarcações teriam de ser registadas e andara de um lado para o outro entre os prospectores a distribuir números e a anotar num grande livro os nomes dos que viajariam em cada uma delas, bem como os dos familiares mais chegados, para o caso de haver acidentes durante a longa viagem até Dawson City.

A jangada estava pousada no gelo, colada à margem do lago, juntamente com milhares de outras embarcações, à espera do dia em que a superfície descongelasse. Muitas tinham poucas semelhanças com algum barco que Beth ou os rapazes tivessem alguma vez visto: formas triangulares, redondas e ovais, enormes jangadas suficientemente grandes para transportar cavalos, chalupas, catamarãs, canoas, algumas pouco mais que toscas caixas de madeira.

Muitas mais estavam ainda a ser construídas, e, apesar do sol e do céu azul, havia por todo o lado discussões, o barulho de serras, de martelos e pragas, porque os que não tinham acabado os barcos sentiam a pressão e começavam a entrar em pânico, estando toda a gente numa grande expectativa.

Calculava-se que havia agora mais de vinte mil pessoas nas margens do lago Bennett, cobertas em toda a sua extensão de tendas e equipamento. Havia, à disposição de quem quisesse, todo o género de confortos e serviços, incluindo tendas de banhos, tendas de barbeiro, uma igreja, um casino e um posto de correios, além de lojas onde se vendia de tudo, desde pão a botas de borracha. O que não havia, graças à vigilância dos *mounties*, era o crime e o desrespeito pela lei que caracterizavam Skagway. Dizia-se que alguns sequazes de Soapy tinham atravessado a passagem, mas tinham sido recambiados com severos avisos para não voltarem.

Os únicos problemas graves que surgiam eram entre os homens que cortavam a madeira verde em tábuas para construir os barcos. Tinham de trabalhar aos pares, usando uma serra com um metro e oitenta de comprimento. O que ficava na parte de cima da armação guiava a serra ao longo da linha traçada a giz no tronco, enquanto o de baixo tinha de puxá-la, mas quando os grandes dentes da serra mordiam a madeira, apanhava um autêntico duche de serradura. O de baixo convencia-se de que o companheiro não estava a guiar a serra como devia ser, tal como o de cima achava que o outro agarrava o punho da ferramenta com demasiada força. As discussões descambavam muitas vezes em violentas lutas, e houve casos em que amigos de uma vida inteira, que tinham sobrevivido a todas as provações que o trilha lhes despejara em cima, ficaram irremediavelmente destruídas.

Jack, Sam e Theo tinham evitado a maior parte deste problema ao decidirem construir uma jangada de troncos em vez de um barco de tábuas, mas mesmo assim houvera muitas pragas e discussões. Theo julgava-se acima de qualquer

espécie de trabalho manual e a maior parte das vezes desaparecia. Sam não se importava de trabalhar, mas facilitava se Jack não andasse de olho nele. Muitas tinham sido as ocasiões em que Beth o ouvira ameaçá-los de partir sem eles se não fizessem a sua parte.

De todos os modos, o trabalho estava feito. Tudo o que faltava era montar a vela e carregar o equipamento a bordo, e à medida que o sol da Primavera se tornava um pouco mais quente a cada dia que passava, e os dias se tornavam mais compridos, ouviam o ribombar distante das avalanchas nas montanhas e o gorgolejar da neve a derreter.

A maior parte dos que tinham acabado de construir os barcos tendia a passar os dias sentada na margem, a olhar distraidamente para a água verde que se via através do gelo enquanto afeiçoavam com a faca mais uma pagaia ou um remo. Dias antes, alguém brincara com o facto de chamarem ao movimento de toda aquela gente em direcção aos campos auríferos uma « corrida ». Para todos eles, o nome dava vontade de rir, porque, até ao momento, tinha sido precisamente o contrário. Fora um lento e penoso arrastar, uma prova de resistência que durara três meses. As barrigas dos homens tinham desaparecido, os seus corpos tinham-se tornado magros e musculosos, e as caras encovadas, barbas espessas e cabelos compridos provavam que já não eram « novatos ». Sorriam com orgulho quando falavam dos que tinham desistido e voltado para casa. Estavam todos unidos por um laço que nascera das vicissitudes e obstáculos que tinham ultrapassado.

As mulheres continuavam a não ter tempo para se irem sentar na margem. Para elas, havia roupa para lavar e remendar, cartas a escrever e dúzias de outros trabalhos que tinham de ser feitos para tornar a vida dos homens mais confortável. Mas Beth reservava algum tempo para ver os bandos de gansos passarem lá em cima e estudar os tapetes de flores que surgiam quando a neve derretia: montanhas de não-me-esqueças, grãos-de-esquilo e corações-de-maria.

Depois de ter vivido tanto tempo num mundo todo branco, as cores que iam aparecendo à medida que a neve derretia pareciam-lhe extraordinariamente brilhantes. O vermelho das montanhas, o verde-escuro das florestas de abetos, o verde-ácido dos líquenes e musgos sulcados por veios rosa, azuis e amarelos das flores que atapetavam o chão fora da esqualidez do acampamento. Os pardais e os tordos tinham voltado, e por vezes o concerto dos seus cantos quase abafava o barulho das serras e dos martelos.

Quando se fartava daquela algazarra constante, Beth pegava no violino, afastava-se do acampamento e tocava para si mesma, contente por estar sozinha. Um dia, viu duas crias de urso a brincar ao sol junto de uma grande rocha e escondeu-se para observá-las de uma distância segura, a sentir-se privilegiada por tê-los descoberto. A mãe não tardou a aparecer, empurrando-as brincalhonamente com as grandes patas, e o espectáculo evocou recordações de Molly, pondo lágrimas nos olhos de Beth.

Ocorria-lhe com frequência, quando estava completamente sozinha, que já não tinha planos, ou sequer sonhos, para o futuro. Todos os que ali estavam tinham o sonho do ouro; à noite, sentados à volta das fogueiras, falavam das coisas em que iam gastá-lo, ou dos lugares para onde iriam a seguir. Mas ela parecia incapaz de pensar para lá do dia seguinte. Havia muitas coisas que queria: uma verdadeira casa à prova de chuva, um banho quente, uma cama macia, fruta fresca, e poder vestir um vestido bonito tendo a certeza de que cinco minutos mais tarde não estaria cheio de lama. Gostaria que Theo fizesse amor com ela, porque fora impossível desde que tinham saído de Dyea, com aquele frio, e eles tão sujos, e Sam e Jack sempre por perto. Também gostaria de voltar a ver Molly e a Inglaterra, mas até isso lhe parecia tão distante que não podia chamar-lhe um plano.

Perguntava-se o que seria feito de todos os sonhos que costumava ter. Da casa com um encantador jardim. Do seu dia de casamento, ou de umas férias à beira-mar. Agora, já só muito de longe em longe pensava nessas coisas. Seria por ter visto bastante mais do que alguma vez sonhara? Ou por estar desiludida?

Theo tecia muitas vezes sonhos a respeito de os dois viverem num grande apartamento em Nova Iorque, ou numa magnífica mansão em Inglaterra. Beth bem teria gostado de poder acreditar que se tornariam realidade, mas não acreditava. Theo voltara a ganhar o dinheiro que perdera no lago Lindemann, e voltara a perdê-lo. A realidade era que seria sempre assim com ele, nunca seguro, nunca assente, sempre à procura da grande oportunidade.

Beth tinha consciência dos defeitos dele, e também sabia que eram radicais, que nunca ia mudar. Por vezes, desejava ter prestado mais atenção ao que Ira lhe dissera a respeito dos homens que amavam o jogo e nunca lhe ter dado o seu coração. Mas quando as coisas estavam bem entre os dois era maravilhoso, porque ele era divertido, inteligente e bastante amoroso, e ela tinha tendência para esquecer as partes más: os desaparecimentos, as mentiras ou meias verdades, a preguiça e a presunção.

A verdadeira segurança vinha-lhe de dentro de si mesma. Sabia que podia ganhar a vida em qualquer lado com o seu violino, e amava isso tanto quanto amava Theo. Talvez não precisasse de um sonho porque já estava a vivê-lo?

Ouviram o primeiro estrondo na madrugada de 29 de Maio. Beth pensou que tinha sido um tiro e sentou-se na enxerga, alarmada. Mas então houve outro, e compreendeu que era o gelo a rachar.

Naquela altura do ano, nunca anoitecia completamente. O céu ganhava tons de púrpura por volta da meia-noite, como se o sol fosse finalmente pôr-se, mas nunca ficava verdadeiramente escuro. Por isso levantou-se de um salto, enfiou as botas enquanto chamava os outros e correu para a margem do lago.

Quando os rapazes se juntaram a ela, havia centenas de pessoas a assistir. O

gelo estalava e trevejava, e grandes jorros de água verde-escura esguichavam das fendas e lavavam os detritos, as aparas de madeira, os pregos e as manchas do piche com que tinham calafetado os barcos. Alguém aplaudiu e os outros todos fizeram coro, dando as mãos e andando à roda como crianças num recreio.

O último dia no lago Bennett foi de pura alegria para todos, pois na manhã seguinte poderiam partir. Beth desenterrou do fundo de um saco o seu vestido de cetim vermelho, para usar nessa noite. Tinha um pouco de bolor escuro na frente, de estar guardado tanto tempo, mas ela lavou-o e pô-lo a secar, entusiasmada com a perspectiva de voltar a parecer uma verdadeira mulher, ainda que fosse só por uma noite. Também lavou o cabelo, deixando-o secar ao sol.

Estava toda a gente ocupada com tarefas semelhantes. A fila para a tenda dos banhos era a mais comprida que alguma vez vira, e alguém lhe disse que estavam a usar a mesma água quente para cada doze homens, oferecendo um enxaguamento com água fria.

Alguns dos homens, incluindo Jack, resolveram dar uma ajuda aos que ainda não tinham acabado de construir os barcos. Até os cães sentiam a excitação que andava no ar e corriam pelo acampamento a ladrar loucamente.

Às oito da noite, Beth tocou o seu violino diante de uma casa cheia no Golden Goose, o grande *saloon* de jogo. Apareceram pessoas que nunca lá tinham sido vistas, e toda a gente dançou.

Muito mais tarde, quando regressava à tenda com o som dos estrondosos aplausos a ecoar-lhe nos ouvidos e trinta e cinco dólares no chapéu de Theo, ouviu a voz de um jovem a cantar « Sweet Molly ». Até ao momento, esquecera que a mãe costumava cantar aquela canção para Sam e para ela quando eram pequenos, e ouvi-la naquele momento, tão longe de casa, na véspera da última fase da sua viagem, pareceu-lhe uma coisa portentosa.

Sam e Jack tinham ficado no *saloon* e, pela primeira vez em meses, Theo fez amor com ela. Mais tarde, quando estava sonolentemente aninhada contra o ombro dele, a ouvir os sons da alegria que ecoavam por todo o acampamento, pensou que devia ser a mais feliz das mulheres que ali estavam.

Os festejos que se prolongaram pela noite dentro não impediram ninguém de levantar-se cedo na manhã seguinte e correr a verificar o estado do gelo.

Havia alguns grandes pedaços a flutuar, mas o caminho estava suficientemente livre para se fazerem à vela e partir. De repente, estava toda a gente a desmontar tendas, a arrumar tachos e enxergas, a carregar provisões para dentro dos barcos.

Beth sorria para si mesma enquanto dobrava o seu vestido de cetim vermelho e preparava as melhores botas para Theo guardar num dos grandes sacos impermeáveis que não voltariam a abrir antes de chegarem a Dawson City. Usava novamente o velho vestido de algodão azul-escuro, o grosso casaco de lã aos quadrados castanhos e vermelhos, o chapéu de aba larga e as botas de borracha. Uma muda de roupa e o violino foram guardados num saco impermeável mais pequeno, para a viagem.

Ficou a ver Sam empacotar as suas coisas. Estava de tronco nu, a primeira vez que o via sem uma camisa desde o Verão anterior, e foi uma surpresa notar como o magro peito e as costas de rapaz que recordava dos tempos de Liverpool se tinham enchido de músculos duros e encordoados. Mas a verdade era que também ela tinha agora músculos nos braços e nas pernas. Carregar mochilas, arrastar trenós e transportar baldes de água tinham-na tornado quase tão forte como os homens.

– Estás entusiasmado, Sam? – perguntou.

– Podes apostar! – respondeu ele, o seu rosto bonito a rasgar-se num grande sorriso. – Bem sei que ainda temos um longo caminho a percorrer, mas vai ser uma viagem fácil, e o tempo está ótimo.

– Pergunto-me se continuaremos juntos quando lá chegarmos – disse ela, pensativamente. – Ainda acreditas que tu e o Theo têm hipóteses de montar um *saloon* de jogo?

– Claro que temos, mana. – Sam riu. – Contigo e o teu violino a atraí-los, não podemos falhar.

– Pensas alguma vez na Inglaterra? – perguntou ela, e era uma pergunta que nunca antes pensara fazer-lhe.

Ele sorriu.

– Para ser sincero, nem por isso. Voltar lá para quê? Nunca teríamos as emoções que temos aqui.

– Mas há a Molly.

Ele coçou a cabeça loura e pareceu um pouco perplexo.

– Agora não seríamos nada para ela. Nem sequer se lembraria de nós. Além disso, sei que não conseguiria voltar a adaptar-me àquela vida tacanha, depois disto.

Beth sentiu um nó a formar-se na garganta e as lágrimas arderam-lhe nos olhos.

– Nesse caso, acho que vou ter de voltar sozinha.

Sam agarrou-lhe os braços e apertou-os.

– Que se passa contigo, mana? Não devias estar a pensar nessas coisas num dia como o de hoje. Vamos partir numa aventura.

– Quantas vezes achas que me disseste isso desde que deixámos Liverpool? – perguntou ela. – É sempre o que vai acontecer a seguir, nunca uma pausa para

pensar no passado.

– E o passado foi assim tão bom que valha a pena pensar nele? – replicou ele, com uma nota de sarcasmo na voz. – Se bem me lembro, era toda a gente a dizer-me o que tinha de fazer... ninguém me perguntava o que queria. Pois bem, já queria ser rico quando era rapaz, e hoje quero-o mais do que nunca. A riqueza está em Dawson City, Beth, à nossa espera, quer a arranquemos do chão, quer a tiremos a outros numa mesa de jogo. Ser rico varrerá para sempre o facto de o papá se ter suicidado porque a mamã lhe foi infiel.

Beth ficou chocada ao ouvi-lo dizer uma coisa daquelas. Pensava que o irmão tinha posto aquilo de lado há muito tempo.

– Não consigo esquecer – continuou Sam, como se lhe tivesse lido os pensamentos. – Impede-me de confiar nas mulheres... excepto em ti, claro.

– Bem, fico muito contente por isso – disse ela, sarcástica. – Mas que acontece se não enriqueceres em Dawson?

– Vou enriquecer – disse ele, despreocupadamente. – Eu sei que vou.

Mais de sete mil barcos iniciaram a viagem naquela tarde, sob o agradável calor do sol, uma vasta armada das mais bizarras embarcações que jamais se viu. Um tinham apenas um velho casaco ou camisa a servir de vela; a maior parte ostentava uma espécie de bandeira improvisada na qual tinha sido pintado ou cosido um nome. Alguns começavam já a adornar perigosamente, outros tinham um aspecto elegante e capaz. Novos, velhos, bancários, lojistas, escriturários, agricultores, soldados e coristas de *cabaret*... todos os estratos da sociedade estavam ali representados. Alguns tinham deixado esposas e famílias para trás, alguns fugiam à lei; havia gente oriunda de meios privilegiados e gente vinda dos bairros de lata. No entanto, a esmagadora maioria nunca tinha feito nada de excitante e investira as poupanças de uma vida naquela louca aventura.

Sentada na proa da *Cigana*, Beth sentia as esperanças de todos eles enquanto Sam e Jack remavam furiosamente e Theo segurava a cana do leme. Os gritos de «Vemo-nos em Dawson» soavam por todo o lago e ecoavam nas encostas das montanhas. Olhou para a margem e viu o que parecia ser um imenso depósito de detritos: serrações abandonadas, esfarrapados restos de tendas, roupas e fardos. Garrafas e latas vazias brilhavam ao sol, milhares de cotos de árvores, uma floresta inteira abatida para construir barcos.

Ao princípio, todos remavam freneticamente, todos queriam contar-se entre os da frente, mas quando chegaram a águas mais profundas, levantou-se um vento que enfunou as velas, e os remos e pagaia foram recolhidos.

Mais tarde, o vento amainou e as velas desincharam, mas como se uma mensagem silenciosa tivesse sido passada de barco para barco, ninguém pegou nos remos. Os viajantes recostaram-se, acenderam os cachimbos e deixaram a corrente levá-los. Ouvia-se cantar por todo o lago, os sons alegres de pessoas que

acreditavam que o pior tinha ficado para trás e que o dia seguinte seria cedo suficiente para correrem para o ouro.

A corrida começou às primeiras horas da manhã, e Jack ficou encantado ao ver a grande vela apanhar o vento e fazê-los deslizar a uma boa velocidade. Havia talvez quarenta ou cinquenta barcos à frente deles, mas para trás ficava todo o resto da imensa armada, dividida em grupos.

Com o sol a aquecê-los, a água a refletir e a jangada a mostrar-se mais estável e governável do que se tinham atrevido a esperar, ficaram ainda mais animados. Jack tinha feito uns bancos baixos para se poderem sentar, de modo que a água que entrasse pelas frestas entre os troncos não lhes ensopasse as roupas, e instalaram-se neles, congratulando-se com a habilidade e previsão de que tinham dado provas.

Foi durante a tarde que Beth reparou que algumas das pessoas dos barcos que os precediam apontavam para o que parecia ser uma bandeira vermelha e uma mensagem de uma só palavra rabiscada num pedaço de madeira, a dizer « Canhão ».

– Parece um aviso – disse Jack, e mal as palavras acabavam de sair-lhe da boca ouviram o trovejar da água mais adiante.

Quando o rio descreveu uma ligeira curva à esquerda, viram subitamente a estreita garganta que os esperava, com abruptas paredes de rocha negra.

Beth arquejou, Theo empalideceu, Sam agitou o chapéu, excitado.

– Agarrem-se bem! – gritou Jack – Deve ser Miles Canyon!

Um dos homens da polícia montada tinha-lhes falado daquele canhão. Dissera-lhes que era um lugar assustador e perigoso, para lá do qual havia uma grande quantidade de rápidos, mas nenhum deles estava à espera de que aparecesse tão cedo. Era demasiado tarde para remar até à margem e investigá-lo a pé, pois a jangada estava como que a ser sugada para a garganta.

– Peguem nos remos e usem-nos para impedir que sejamos atirados contra as paredes! – gritou Jack, enfiando um remo na mão de Sam e outro na de Theo. – Eu vou tentar governar-nos com o leme. E tu, Beth, agarra-te com quanta força tenhas.

Todos olharam, horrorizados, quando a jangada entrou no canhão. O desfiladeiro tinha um terço da largura do rio por onde até então tinham navegado e a água, forçada a correr por um espaço muito mais estreito, formava no centro uma espécie de crista com mais de um metro de altura. Estavam praticamente equilibrados no alto desta crista, avançando a uma velocidade alucinante, e o rugido da corrente era tão forte que não conseguiam ouvir-se uns aos outros.

A água estava cheia de troncos à deriva, trazidos pelo rio dos lagos da montanha, de grandes penhascos e rochas de arestas aguçadas. Beth agarra-se à prancha que servia de amurada, a ver como Jack tentava contornar aqueles

obstáculos, e a cada raspar pelo fundo da jangada temia que ela se voltasse.

Viu, mais à frente, uma grande barçaça voltar-se e cinco ou seis homens tentarem desesperadamente agarrar-se a ela enquanto rodopiava e se desfazia contra as rochas e penhascos.

Olhou para trás e viu uma canoa virada, mas nenhum sinal do proprietário. A situação era, no entanto, demasiado assustadora para lhes permitir pensar sequer nos outros, pois a jangada rodopiava loucamente, e tão depressa era a proa que se erguia como a popa que se empinava como um cavalo. Grandes vagas geladas varriam-na de uma ponta à outra, e tinham de agarrar-se aos lados para não serem arrastados borda fora.

Beth fechou momentaneamente os olhos e, quando voltou a abri-los, viu mais dois barcos esmagarem-se contra os rochedos. Um desfez-se no mesmo instante, como se tivesse sido construído com paus de fósforo.

Só Jack estava de pé. Tinha-se amarrado com uma corda à amurada da proa e, com todos os músculos do corpo retesados, usava um remo para guiar a jangada e fazê-la passar ao lado das rochas e evitar embater nas paredes do desfiladeiro.

Sam estivera ajoelhado à proa, também a usar o remo para os desviar das rochas, mas, quando Beth voltou a olhar, tinha desaparecido.

– Sam! – gritou, com toda a força dos pulmões. – O Sam caiu borda fora!

Agarrou-se à amurada e procurou-o, desesperada, mas tudo o que conseguia ver na água escura e turbilhonante era pedaços de madeira.

Também Jack e Theo o procuravam, mas, como ela, nada viam.

– A corrente há-de tê-lo arrastado à nossa frente! – gritou Jack – Aposto que se agarrou a um pedaço de madeira para se aguentar!

Restava a Beth esperar que tivesse razão, pois era evidente que nada poderiam fazer para salvar Sam mesmo que conseguissem vê-lo.

Nesse instante, a jangada rodopiou sobre si mesma ao ser apanhada por um remoinho, e tudo o que puderam fazer foi agarrarem-se com força, pedindo a Deus que aquele pesadelo acabasse em breve.

Saíram do remoinho e foram disparados para uma garganta ainda mais estreita e, no fim desta, como que cuspidos para uma série de rápidos. Sentiram as pontas aguçadas de rocha rasparem o fundo da jangada e ouviram gritos vindos de outros barcos, mas estavam a ser arrastados tão depressa que mal conseguiam distinguir por quem ou pelo que passavam.

Então, tão repentinamente como tinha começado, acabou. Estavam outra vez em águas calmas.

Jack remou até à margem, saltou para terra e amarrrou a jangada. Ao longo de toda a margem, havia barcos a fazer o mesmo, alguns semidestruídos, outros com buracos no fundo. A maior parte tinha perdido bens ou pessoas.

O rugido dos rápidos ficara para trás, mas o som dos gritos de dor e do choro

rodeava-os por todos os lados. Grandes sacas passavam levadas pela corrente, a derramar na água farinha, açúcar ou arroz. Uma gaiola cheia de assustadíssimas galinhas encalhou na margem, cães nadavam até terra e sacudiam-se. Havia muitas pessoas na água, a maior parte agarrada a um tronco ou a um caixote. Theo e Jack saltaram para o rio e nadaram para ir ajudá-las, enquanto Beth corria ao longo da margem à procura de Sam.

Viu duas pessoas serem tiradas da água já sem vida, os amigos e parentes a tentarem desesperadamente reanimá-las, e então avistou o irmão. Mesmo a uma distância de quase cem metros, soube que era ele pelos cabelos cor de manteiga e pelo lenço vermelho que tinha ao pescoço. Soube também que estava morto, porque estava a ser levado pela corrente, sem mover os membros.

– Está ali! – gritou a Theo e a Jack apontando. – Vão buscá-lo, depressa!

A rápida corrente levou Sam até eles e, juntos, puxaram-no para terra. Beth entrou na água baixa para ajudá-los e, ao pegar na cabeça do irmão com as mãos, viu que esmagara o crânio contra uma rocha.

Foi em silêncio que os três puxaram o corpo para terra, sabendo que os esforços frenéticos que outros faziam para reanimar entes queridos de nada serviriam naquele caso.

Beth ajoelhou-se ao lado de Sam, soluçando enquanto secava o seu belo rosto com a saia. Ele fora muito mais do que um irmão. Fora o seu companheiro de brincadeiras infantis, o seu aliado, o seu amigo e confidente, a pessoa com que sempre partilhara tudo toda a sua vida. Não queria acreditar que o destino tinha sido suficientemente cruel para lho levar.

Ouvia um som horrível, um uivo, e quando Theo e Jack lhe pegaram nos braços e tentaram afastá-la do corpo de Sam, apercebeu-se de que era ela que fazia aquele som.

– Não posso continuar sem ele! – gritou, furiosa. – Era o único que restava da minha família.

– Ainda nos tens a nós – disse Theo, abraçando-a. – Sabemos o que sentes. Eu e o Jack também o adorávamos.

Foi só então que ela viu que estavam ambos a chorar também. Não houve nenhuma tentativa de esconder virilmente o desgosto; as lágrimas corriam-lhes pelo rosto e os olhos deles espelhavam a dor dela.

Não saberia dizer quanto tempo ficaram os três a chorar junto ao corpo de Sam. Estavam encharcados e a tremer de frio, mas eram o choque e o desgosto que os paralisavam. Muitos mais barcos deviam ter-se voltado ao passar os rápidos, pois ouvia vagamente outros gritos e outros choros. Mas foi só quando um homem disse os nomes deles e se ofereceu para ajudar a cavar a sepultura que saíram o suficiente daquele estado de estupor para reconhecer o homem que falara e os seus companheiros como pessoas que tinham conhecido no lago Bennett e admitir que era preciso enterrar Sam.

– Era um bom homem – disse o líder do grupo, os olhos carregados de simpatia e compreensão. – Lamentamos muito a vossa perda. Deixem que os ajudemos.

– Não é justo – soluçou Beth, enquanto via os homens começarem a cavar num pedaço de terreno mais solto a poucos metros da margem do rio. – Chegámos tão longe e passámos por tanta coisa. Porque é que tínhamos de perdê-lo agora?

– Não o vi cair – disse Jack surdamente, como se acreditasse que poderia ter modificado o desfecho se tivesse.

Theo ajoelhou-se ao lado de Sam e afastou-lhe da testa os cabelos sujos de sangue.

– Oh, Sam, Sam, que vamos nós fazer sem ti? – perguntou, a voz entrecortada de desgosto.

Beth via Jack e Theo baixarem o corpo de Sam para a cova apressadamente aberta, e a cena parecia-lhe irreal. A mãe e o pai tinham ambos sido enterrados em dias cinzentos e frios; tinha-se despedido de Molly num dia cinzento e frio; até o dia em que perdera o seu bebé fora cinzento e frio. Os funerais deviam acontecer em dias cinzentos e frios, em locais sóbrios, não ali à luz do sol, junto a um rio refulgente e com manchas de flores coloridas a crescer ao longo das margens. Sam era jovem e forte, tinha a vida toda pela frente, e tantos sonhos e planos. Não era justo não poder realizar nenhum deles. Quase sentia que ia acordar de um momento para o outro e descobrir que tudo aquilo não passava de um horrível pesadelo, de que ela e Sam haviam de rir juntos.

Mas era real, porque Theo estava a recitar uma passagem da Bíblia, e a voz tremia-lhe no esforço de não se ir abaixo. A cruz de madeira que Jack improvisara e na qual tinha gravado toscamente o nome de Sam estava caída em cima do monte de terra que esperava para encher a cova.

As vozes deles soaram frágeis e quebradiças quando cantaram «Rock of Ages», e Beth pensou amargamente que Deus tinha voltado a abandoná-la.

Ao longo da margem do rio, muitos outros enfrentavam as consequências dos rápidos, uns cavando sepulturas, outros cuidando dos feridos. Ouvia os lamentos e os gritos de desespero dos que tinham perdido os seus barcos e todos os seus bens. E ouviu o som do seu próprio coração a despedaçar-se.

CAPÍTULO 30

–Quanti? Quanti? – gritava outro grupo de índios Stick do seu acampamento na margem do rio. Beth desviou o olhar, porque estavam sujos, esfarrapados e pareciam doentes, e ela sentia-se culpada por não lhes dar nada. Mas já tinham dado comida a outros grupos mais para montante, e não podiam dispensar mais. Além disso, tinham-lhe dito que os índios vendiam tudo o que lhes davam a outros prospectores, e com milhares de barcos a passar todos os dias, provavelmente governavam-se muito bem.

As primeiras flores da Primavera tinham dado lugar a campainhas e lupinos, um mar de azul ao longo das margens do rio. De longe em longe, Beth avistava um alce, por vezes com uma cria, a beber, ou um urso-preto a espreitar de entre as árvores, como que espantado por ver tantos humanos atravessarem o seu domínio. Frutos silvestres – arandos, groselhas e framboesas – amadureciam entre as rochas e os musgos e o aroma das rosas-bravas chegava até ela levado pela brisa.

Era uma paisagem espectacular, e bem desejava poder deliciar-se com tudo aquilo. Mas desde que Sam morrera nos Squaw Rapids fora como se o sol se tivesse extinguido de vez e nunca mais voltara a encontrar prazer no que quer que fosse.

Cinco homens tinham perdido a vida naquele dia, e o mesmo teria acontecido a muitos mais se o comandante Steel da policia montada não tivesse chegado para evitar maiores desastres. Além dos mortos, houvera dúzias de barcos destruídos; os sacos de provisões arrastados pela corrente tinham-se rasgado e vertido o respectivo conteúdo na água, e muitos bens preciosos tinham-se perdido. Algumas pessoas estavam tão desesperadas que arrepelevam os cabelos, gritavam e soluçavam.

Steel estabelecera imediatamente regras, estipulando que mais nenhum barco atravessaria os rápidos sem levar alguém competente no comando e que todas as mulheres contornariam a garganta percorrendo a pé os oito quilómetros de

caminho pelo interior.

Jack mal voltara a dizer uma palavra desde que tinham enterrado Sam. Beth sabia que se torturava com o pensamento de que poderia ter evitado o acidente. Mas tanto ela como Theo tinham perfeita consciência de que não era verdade. Jack fizera o que pudera levando a jangada inteira e tudo o que possuíam intacto até ao outro lado da garganta. Sam devia ter sido imprudente e largado a amurada.

Racionalizar o que acontecera, e como acontecera, não bastava, porém, para lhes diminuir o desgosto. Nunca ninguém poderia ocupar o lugar de Sam nas suas vidas, e, naquele momento, Beth não conseguia sequer ver como seria capaz de continuar sem ele.

Quando tentava parar de pensar no irmão, dava por si a pensar no filho que perdera e a sentir-se desesperada por voltar a ver Molly. Supunha que aquilo era natural: Molly era, ao fim e ao cabo, o único membro da família que lhe restava. Perdera a conta às vezes que pegara na fotografia dela, bebendo-lhe o doce rosto e os cabelos encaracolados enquanto recordava aqueles primeiros tempos em que lhe dava o biberão e lhe mudava a fralda.

Não podia esperar que Jack e Theo compreendessem os seus sentimentos em relação a Molly, mas proporcionava-lhe algum consolo saber que sentiam tão agudamente como ela a perda de Sam. Talvez tivesse a parte de leão das recordações e os laços de sangue, mas eles também o tinham adorado. A dor estava ainda demasiado crua para que fossem capazes de falar abertamente dos seus sentimentos, ou partilhar as melhores recordações que tinham dele. Mas talvez viesse a acontecer, a seu tempo.

Estavam agora perto de Dawson City, e o rio Yukon era uma fervilhante massa de barcos. Além de todos os que tinham vindo dos lagos das montanhas, havia muitos garimpeiros a que chamavam Fermentadores. Beth ficara a saber que o nome advinha do hábito que os veteranos daquelas paragens tinham de conservar um pequeno pedaço de massa de pão num saco dentro das camisas de modo a mantê-lo quente e poderem usá-lo para levedar a próxima fornada de pão que cozessem. Aqueles homens eram velhos e curtidos prospectores que tinham passado o Inverno inteiro nas respectivas parcelas em pequenos ribeiros. Muitos deles procuravam ouro na região há muitos e muitos anos.

A excitação de estarem a aproximar-se do destino era palpável. As pessoas gritavam saudações; queriam partilhar as suas histórias a respeito da jornada e as suas esperanças em relação ao futuro. Mas Beth e os rapazes não se sentiam capazes de participar nas conversas, porque uma referência a Sam poderia fazê-los ir abaixo.

Beth esperava que toda a gente assumisse que o silêncio e os rostos sombrios deles se deviam ao calor insuportável e aos atormentadores mosquitos, porque

era uma coisa que estava a fazer muitas pessoas agirem de uma forma irracional. Ela e os rapazes tinham assistido a muitas lutas violentas e acesas discussões, geralmente entre homens que já tinham passado juntos por muita coisa. Fosse qual fosse a causa, era horrível de ver, porque eles pareciam odiar-se agora mortalmente e querer separar-se e continuar sozinhos. Viram dois homens, na margem, a serrar o barco e as provisões ao meio enquanto gritavam insultos um ao outro. Outros dois lutavam pela posse de uma frigideira, até que alguém apareceu e a atirou ao rio e nenhum deles ficou com ela.

Era uma loucura que Beth e os rapazes achavam impossível de compreender. A morte de Sam fizera-os aperceberem-se do valor que tinham uns para os outros, e de como eram insignificantes os simples bens materiais.

Agora nunca escurecia, havia apenas uma ligeira diminuição da claridade por volta da meia-noite, mas às duas da madrugada a luz do dia já tinha voltado. Acampavam na margem apenas o tempo suficiente para acender uma fogueira, cozinhar uma refeição rápida e voltavam a partir na jangada, com Jack e Theo a dormir por turnos. Não por quererem chegar a Dawson antes dos outros, pois tinham perdido o interesse na aventura, mas porque precisavam de estar ocupados. Apercebiam-se agora, demasiado tarde, de que fora o entusiasmo, a jovialidade e o constante optimismo de Sam que, no passado, fizera fluir as conversas e que, sem ele, parecia não haver nada que dizer.

Na manhã de 2 de Junho, Beth estava meio a dormitar na proa quando ouviu Jack gritar:

– Dawson City! Finalmente chegámos.

Como não sabiam exactamente onde ficava a cidade, tinham-se mantido perto da margem naqueles dois últimos dias, com receio de darem repentinamente com ela e serem arrastados mais para diante pela forte corrente. Mas quando contornaram uma falésia, lá estava ela à frente deles. A fabulosa cidade do ouro.

Beth não saberia dizer como esperara que fosse, mas a realidade, um amontoado de tendas, cabanas de troncos, edifícios com falsas fachadas e periclitantes montes de madeira não era muito diferente de Skagway. Até havia a mesma lama preta e viscosa.

No entanto, aquela lama estendia-se desde a margem do rio até à pequena cidade, e não via pranchas de madeira por cima das quais uma pessoa pudesse caminhar, nem passeios e nem sequer pedras, como em Skagway. Cavalos e carroças atascavam-se nela, e as pessoas tentavam inutilmente arrastar trenós pesadamente carregados.

Haviam de descobrir, mais tarde, que a cidade fora inundada quando o gelo derretera, um par de semanas antes, e que os que tinham construído cabanas junto à margem as tinham visto ser levadas pela enxurrada. Mas parecia que, em

Dawson City, coisas como esta não passavam de pequenos percalços, pois mal os barcos começaram a chegar com provisões, especialmente luxos durante tanto tempo desejados como ovos, *whisky* e jornais, as ruas lamacentas passaram a ser uma mera inconveniência.

Conseguiram arranjar um lugar, ao longo da sobrelotada margem, para amarrar a jangada, e levaram as suas coisas para a parte de trás da cidade, o único sítio onde encontraram espaço para montar a tenda. Ouviram dizer que alugar um quarto custava cem dólares por mês, e que as mais pequenas coisas eram vendidas e compradas por preços exorbitantes.

– Ainda bem que trouxe estes pregos – disse Jack, ao ver uma tabuleta que os anunciava a dezassete dólares o quilo. – Não que tencione vendê-los... vamos precisar deles para construir a nossa casa.

– Talvez consiga um bom preço pela seda e pelo cetim que trouxe – disse Beth, pensativamente. Os rapazes tinham discutido com ela, em Skagway, e dito que devia levar qualquer coisa mais útil, mas ela mantivera-se firme, afirmando saber que haveria mulheres desesperadas por tecidos para um vestido quando chegassem a Dawson. A julgar pelas roupas sujas e feias que a maior parte das mulheres usava, tinha razão.

Depois de montarem a tenda, voltaram a Front Street para dar uma vista de olhos. Aquela rua, sobranceira ao rio, era claramente onde tudo acontecia e onde toda a gente se juntava. Era ladeada de *saloons*, hotéis, restaurantes e salas de baile, apesar de tudo aquilo ter visivelmente sido erguido à pressa. A cada minuto que passava, mais um barco encostava à margem e os proprietários transportavam as suas coisas para terra, tornando ainda maior um caos já total. Milhares de recém-chegados andavam de um lado para o outro sem objectivo, enquanto os veteranos, que, ao que parecia, tinham passado o Inverno inteiro a sofrer a escassez de praticamente tudo, os perseguiam dispostos a comprar-lhes fosse o que fosse que tivessem para vender, desde vassouras a livros.

Como no lago Bennett, havia enormes pilhas de madeira por todo o lado, e o zunir das serras e o bater dos martelos tornavam difícil ouvir o que as pessoas diziam. Construía-se por todo o lado – lojas, *saloons*, bancos e até uma igreja – mas, desconcertantemente, parecia não haver qualquer plano geral.

Junto ao rio, tinham surgido filas de bancas onde se vendia de tudo, desde botas a caixas de tomates, e tudo a preços escandalosos. Muitos daqueles bens tinham sido trazidos de vapor alguns dias antes, mas descobriram uma velha, que tinham visto no lago Bennett, que conseguira transportar as suas galinhas ao longo de todo o Chilkoot Trail e as vendia agora a vinte e cinco dólares cada.

Havia inúmeros sinais a anunciar: « Compre-se e Vende-se Pó de Ouro ». No exterior de algumas destas cabanas, homens de cabelo grisalho e grandes barbas desgrenhadas, com pequenos sacos de couro suspensos dos cintos, faziam fila e esperavam enquanto fumavam os seus cachimbos. Um homem que vestia um

berrante fato aos quadrados e um *stetson* preto explicara a Beth e aos rapazes que eram fermentadores que tinham encontrado ouro nas suas parcelas em Forty Mile e Eldorado Creek. Dissera que achava que o ouro que iam vender naquele dia valia o resgate de um rei, e no entanto pareciam vagabundos sem um centimo de seu.

Apesar de estranho, tudo aquilo era colorido e vibrante. Homens elegantemente vestidos e de chapéu de coco na cabeça misturavam-se com outros ataviados com esfarrapadas e sujas roupas de viagem. Viram uma bonita loura com um vestido de cetim cor-de-rosa atravessar o campo de lama levada ao colo por um homem de peito nu que parecia um pugilista. Havia cães por todo o lado, na sua maioria malamutes e outros cães de trenó, mas havia também senhoras que transportavam cães de brinquedo debaixo do braço, e galgos e *spaniels* que caminhavam com delicado cuidado pelo meio da lama.

– Não me parece bem ver isto sem o Sam – suspirou Jack.

Foi um momento fulcral, porque Beth tinha pensado a mesma coisa e adivinhado que Theo também. Sentiu-se grata a Jack por ter tido a coragem de tocar no assunto.

– Se ele aqui estivesse, estávamos todos a discutir o que fazer a seguir – disse ela com um meio sorriso, ao imaginar como teria sido excitante.

– Então devemos fazer o que tínhamos pensado fazer, por ele – declarou Theo inesperadamente. – De todos nós, era ele o que mais queria vir para cá. Não vamos deixá-lo ficar mal agora.

Beth sentiu nos olhos o ardor das lágrimas e enterrou a cabeça no peito de Theo para as esconder. Ele tinha razão: a melhor homenagem que podiam prestar-lhe era serem bem-sucedidos. Talvez assim conseguissem enfrentar a perda.

Afastou a cabeça do peito de Theo e limpou os olhos humedecidos.

– Nesse caso, tenho de encontrar um sítio onde tocar esta noite – disse. – E vocês os dois têm de começar a procurar oportunidades.

Beth foi ao Monte Carlo Saloon, em Front Street, enquanto Theo e Jack iam dar uma vista de olhos a alguns outros lugares.

Do exterior, o Monte Carlo parecia o mais elegante e mais buliçoso de todos os *saloons*, pintado de fresco e com um grande retrato da rainha Vitória por cima da porta, e tinha cartazes a anunciar a existência de uma sala de jogo e um teatro. Mas a fachada de madeira que prometia sofisticação era falsa. O interior era decepcionante, pouco mais do que uma cabana, as salas de jogo eram escuras e feias e o teatro pequeno e espartano, com bancos de madeira.

Sem se deixar desencorajar, Beth dirigiu-se ao homem de bigodes retorcidos e colete de fantasia que estava atrás do balcão e perguntou-lhe se podia tocar

violino no estabelecimento.

Ele mirou-a de alto a baixo e encolheu os ombros.

– Se quiser correr o risco, é lá consigo – disse. Muito claramente, não acreditava que a rapariga que via à sua frente, enfiada num velho vestido e com botas de borracha nos pés, pudesse interessar os seus clientes.

– Então se eu vier e começar a tocar, e no fim passar um chapéu em redor, não se importa?

– Claro que não, querida – disse o homem, já a voltar-se para pegar numa garrafa e num copo. – Mas não esperes grande coisa, nem que eu te defenda. As coisas por aqui costumam aquecer, à noite.

A evidente convicção do sujeito de que ela ia fazer figura de parva deixou Beth ansiosa por provar-lhe que estava enganado. Voltou à tenda, lavou o cabelo num balde, tirou do saco o vestido escarlate e engraxou as suas melhores botas. Só algumas horas mais tarde havia de saber, pelas pessoas da tenda ao lado, que o homem atrás do balcão era Jack Smith, um dos que tinham feito fortuna em Bonanza Creeke que construía o Monte Carlo.

Revelara-se, porém, um mau avaliador de caracteres, pois enviara o sócio, Swiftwater Bill Gates, a Seattle, com dez mil dólares em ouro e a missão de comprar espelhos, tapetes de veludo e candelabros para o *saloon*. Pouco depois, tinham chegado notícias de que Gates fora na realidade para São Francisco, onde era conhecido como o Rei do Klondike porque distribuía ouro à esquerda e à direita enquanto vivia à grande no melhor hotel da cidade.

Beth achara a história divertida, e ficara ainda mais firme no seu propósito. Às sete da tarde estava de volta ao Monte Carlo, que quase abanava com o tremendo barulho que vinha do interior. Mas com o cabelo brilhante enfeitado por uma travessa com plumas, o vestido vermelho e um coração determinado, estava pronta para tudo. Descalçou as enlameadas botas de borracha, que deixou à porta juntamente com o estojo do violino, calçou as refulgentes botas e, sob o olhar ansioso de Theo e de Jack, segurou o violino debaixo do queixo e tocou uma animada jiga enquanto entrava.

Foram precisos alguns minutos para que a música chegasse a todos os cantos do *saloon*. Beth estava nervosa, com os dedos húmidos de transpiração por causa do calor, e intimidada pela presença de tantos homens de ar rude num espaço tão pequeno, mas deixou que o seu espírito invocasse a imagem de Sam, imaginou-o à sua frente como tantas vezes acontecera quando tocava. E tocou só para ele.

Viu-o sorrir, a maneira como a boca larga se dobrava para cima nos cantos e lhe aparecia uma covinha na face direita. Viu os olhos azuis brilharem e a maneira como afastava impacientemente os cabelos louros da testa.

Em espírito, deixou o abafado *saloon* e voltou ao navio de imigrantes, e viu-o fascinar as raparigas que riam com ele no convés. Viu-o estendido na cama no quarto onde tinham vivido em Nova Iorque, e a servir bebidas no Heaney's, com

uma horda de prostitutas da Bowery a fazer-lhe olhinhos doces.

Só passado algum tempo se apercebeu de que o barulho no *saloon* tinha cessado, e abriu os olhos para ver mais de uma centena de homens a olhar para ela. A maior parte teria provavelmente a idade de Sam, mas com um ar curtido pelas intempéries que os fazia parecer muito mais velhos. Alguns usavam fatos elegantes, camisas engomadas, gravatas e chapéus de coco, outros vestiam sujas camisas de mangas arregaçadas, com suspensórios a segurar calças que já tinham visto melhores dias e chapéus de aba larga que poderiam contar umas quantas histórias. Havia europeus de rostos pálidos, rostos morenos da América do Sul, rostos negros e também alguns índios. Uns ostentavam barbas e bigodes hirsutos, outros estavam cuidadosamente escanhoados. E entre eles havia também algumas mulheres: uma roliça, bonita, com um chapéu de palha enfeitado com plumas, e outra com rosas; mulheres vestidas de seda e renda, outras de simples algodão. Mas independentemente de quem fossem, de já terem encontrado ouro ou estarem a ajudar alguém que o tinha encontrado a gastá-lo, todos estavam a ouvi-la tocar.

– Bravo! – gritou um homem de casaco aos quadrados quando ela acabou a primeira música. – Não pares agora, dá-nos mais!

Já passava da uma quando Beth regressou à tenda, a patinhar na lama. Estava exausta mas satisfeita por ter deixado a sua marca em Dawson, pois Jack Smith declarara que ela era a melhor violinista que ouvira em toda a sua vida.

Não fazia ideia de onde Theo e Jack pudessem estar. Tinham ficado no Monte Carlo durante cerca de uma hora, mas depois tinham saído e não voltara a vê-los. Não se importara, porque quando não estava a tocar não faltara quem se oferecesse para lhe pagar uma bebida ou fazer-lhe companhia.

O céu estava claro como de dia, e ninguém parecia pensar sequer em dormir, pois os lamacentos caminhos entre as tendas e as cabanas fervilhavam de gente. Acima dos sons de milhares de pessoas a divertirem-se em Front Street, dos risos, das conversas e do tilintar de copos, ouvia o bater rítmico de pés na sala de baile, o zumbido da pianola e um saxofone a tocar uma queixosa balada.

Tinham-lhe dito que Dawson City só adormecia lá para as oito da manhã, o que supunha ser compreensível num lugar que ficava isolado do exterior pela neve e pelo gelo desde Setembro até fins de Maio.

Levara presa à cintura um saco de couro que alguém lhe atirara, com um pouco de pó de ouro. Juntara-o à pequena fortuna em notas e moedas que um dos espectadores recolhera para ela. Enquanto caminhava, sentia-o bater contra a coxa, o que lhe punha nos lábios um sorriso de satisfação. Dinheiro e sucesso nunca compensariam a morte do irmão, ou a fariam sentir menos saudades dele, mas, naquela noite, as nuvens negras do desgosto tinham recuado o suficiente para a fazer voltar a querer viver.

Uma semana mais tarde, eram quatro da manhã e Beth descia Front Street, de regresso à tenda, escoltada por Wilbur, um dos empregados do Monte Carlo.

– Parece que hoje há um grande jogo no Golden Horse Shoe – disse ele, apontado a multidão de gente reunida à porta de um *saloon* um pouco mais adiante. – Aposto que é o Mack Dundridge que está lá a jogar póquer. As pessoas querem sempre ir vê-lo jogar, porque quando ganha paga bebidas a toda a gente.

Beth sorriu a Wilbur, porque o alto e desengonçado jovem oriundo de Seattle não só era a sua escolta habitual até à tenda como tinha sempre histórias para lhe contar a respeito das grandes figuras de Dawson City.

Ainda na noite anterior lhe falara de Mack Dundridge, porque Mack era um dos famosos Reis do Eldorado. Deambulara durante anos pelo Alasca e pelo Yukon em busca de ouro, e estava por perto quando George Carmack e Skookum Jim o tinham encontrado em Rabbit Creek. Correram para lá mal ouvira a notícia e reclamaram uma parcela que em pouco tempo lhe renderia uma fortuna. E Rabbit Creek tornara-se conhecido como Eldorado.

Mas como muitos outros veteranos a quem a sorte bafejara, Mack era descuidado com a sua fortuna. Chegava à cidade, entrava num bar, atirava para cima do balcão um saco de couro cheio de pepitas e oferecia bebidas a toda a gente. Dizia-se que, certa noite, dera a uma dançarina de uma sala de baile uma pepita no valor de quinhentos dólares para que só dançasse com ele.

– Podemos ir ver? – perguntou Beth. Apesar de não passar uma hora sem que pensasse em Sam, a sua popularidade no Monte Carlo e a permanente excitação e alegria da cidade tinham-lhe devolvido o ânimo. Gostava de Wilbur e sentia-se segura na companhia dele, e uma vez que Theo e Jack nunca voltavam à tenda antes das sete da manhã, não via qualquer razão para não se divertir também um pouco.

– Como é um jogo importante, hão-de ter alguém à porta para impedir a entrada às pessoas vulgares. Mas como a Beth não é uma pessoa vulgar, acho que posso usar os meus poderes de persuasão – respondeu Wilbur, com um sorriso.

Pegou-lhe firmemente num braço e abriu caminho por entre as pessoas amontoadas em frente do bar e que tentavam espreitar pela porta e pelas janelas o que se passava lá dentro.

– Vais deixar entrar a Cigana do Klondike, não vais? – disse ao homem corpulento que barrava a passagem. – Deu-lhe a vontade de ver os grandes jogadores, e talvez te retribua o favor tocando para ti uma destas noites.

A maneira como o homem lhe sorriu fez Beth compreender que se tornara numa figura conhecida na cidade, e gostou da sensação.

– Bem-vinda ao Golden Horse Shoe, Miss Cigana – disse o homem. – Mas veja lá, não distraia os jogadores com a sua carinha bonita nem com o seu violino.

Apesar da claridade da rua, o interior do *saloon* estava escuro e era impossível ver fosse o que fosse devido à parede compacta de homens que, ombro contra ombro, observavam atentamente qualquer coisa que se passava ao fundo da sala. Mas Wilbur voltou a pegar no braço de Beth e levou-a para um dos lados, onde a multidão era menos densa.

Deixou-a ali para ir buscar bebidas para os dois. Beth continuava a não ver os jogadores do outro lado da muralha de ombros masculinos, mas sentia, pela tensão do ambiente, que alguma coisa fora do vulgar estava a acontecer.

– O Mack está a ganhar? – perguntou num murmúrio a um homem alto que estava a seu lado.

– Esteve, mas perdeu o último par de mãos – respondeu ele, também num murmúrio. – Acho que vai ser uma daquelas noites em que aposta tudo numa parada.

Wilbur contara-lhe que Mack construía a sua reputação de grande jogador indo até ao limite, preparado para arriscar tudo o que tinha. Dizia-se que perdera meio milhão de dólares numa noite, mas que voltara na noite seguinte e recuperara tudo.

– Com quem está a jogar? – sussurrou ela.

– Com o Sueco, o Fintas e um tipo que nunca tinha visto.

Em Dawson City, toda a gente tinha alcunhas; parecia ser uma espécie de prova de que se tinha sido aceite. Mas como Beth não conhecia o Sueco nem o Fintas, sentiu que tinha de dar-lhes uma vista de olhos, de modo que foi até um dos pilares que sustentavam o tecto, esgueirou-se à volta dele e abriu caminho por entre os homens à sua frente.

Teve de abafar uma exclamação quando finalmente viu os jogadores, pois um deles era Theo.

Por cima da mesa, um ornamentado candeeiro a petróleo criava um círculo de luz dourada na escuridão da sala. Para lá deste círculo e atrás de Theo, viu Jack, de costas contra a parede, a observar o jogo, e percebeu, pela postura dele, que estava muito nervoso.

Os três homens com que Theo jogava eram típicos garimpeiros, barbudos, com cabeleiras hirsutas, roupas rudes e rostos curtidos pela intempérie. Theo, barbeado, com as suas roupas elegantes e botas engraxadas, parecia incongruente, apesar de não ser muito mais novo do que os outros. Ganhara algum dinheiro desde que tinham chegado a Dawson, mas Beth tinha quase a certeza de que nem de longe o suficiente para entrar num jogo daqueles.

– Qual deles é o Mack Dundridge? – sussurrou ao homem que estava a seu lado.

– O de cabelo ruivo – respondeu ele. – Ninguém consegue ganhar-lhe ao póquer, e vai ficar até limpar todos os outros.

Beth recuou um pouco, para que Theo não pudesse vê-la, e ficou a observá-lo

durante mais um ou dois minutos. Parecia perfeitamente calmo e descontraído, quase recostado na cadeira, a luz vinda de cima a realçar-lhe os pómulos altos. Mas Beth sabia o suficiente de póquer para saber que era tudo uma questão de *bluff*, pelo que ele podia estar na verdade tão nervoso como Jack.

A tensão na sala aumentava a cada momento, e Beth soube que não suportaria ficar a ver Theo ser derrotado.

– Mudei de ideias. Não quero ficar – disse, indo ao encontro de Wilbur, que atravessava a sala. – Levas-me agora a casa, por favor?

A luz clara do dia tornava sempre difícil adormecer, mas Beth estava tão nervosa que mal conseguia fechar os olhos. Ao longo do último ano, habituara-se às perdas de Theo, mas, que soubesse, nunca ele jogara mais do que podia perder. Ali, o caso era diferente: garimpeiros, donos de *saloons*, lojistas e coristas... todos eram basicamente jogadores. Com fortunas a mudar tranquilamente de mão todas as noites, até os mais sensatos podiam facilmente perder a noção da realidade.

Devia estar deitada, acordada, há um par de horas quando finalmente ouviu Theo e Jack aproximarem-se da tenda. Vinham aos tropeções, como se estivessem bêbedos, o que a fez ficar ainda mais zangada.

Theo enfiou a cabeça pela abertura da tenda.

– Estás acordada, minha doçura? – perguntou, a sorrir tolamente.

– Agora estou – respondeu ela, a voz carregada de sarcasmo.

Theo retirou a cabeça e falou com Jack.

– Está zangada comigo – disse. – Achas que vai ficar ainda mais zangada quando lhe contar as nossas novidades?

– Quem vai ficar zangado são os nossos vizinhos, se os acordam a esta hora – disse ela severamente, do interior da tenda. – Por isso entrem e estejam calados.

Entraram, a cambalear, e Jack caiu ao lado dela.

– Desculpa estarmos bêbedos, mas tínhamos de festejar, porque o Theo ganhou um lote para construção em Front Street.

Beth sentou-se direita, como que disparada por uma mola.

– Ganhou?

Estava espantada: um lote para construção em Front Street valia cerca de quarenta mil dólares.

– É verdade, minha querida – disse Theo, deixando-se cair do outro lado. – Um jogo de roer as unhas com o Mack Dundridge. Diziam que não era possível vencê-lo, mas estavam enganados.

Beth franziu a testa. Não gostava quando Theo começava a vangloriar-se, e passou-lhe pela cabeça que talvez tivesse feito batota.

– Não te preocupes, Beth – sorriu-lhe Jack, como se lhe tivesse lido os pensamentos. – O Jack ganhou limpamente. E teve o bom senso de parar depois

de ter obrigado o sujeito a apostar o lote. A história poderia ter sido diferente se fosse a mina de ouro.

– Estamos governados – riu Theo. – Podemos construir a nossa própria casa de jogo com quartos por cima para vivermos. Até vamos dar-te a casa de banho com que sempre sonhaste.

Estavam os dois demasiado bêbedos para explicar devidamente como tudo aquilo acontecera, mas Beth compreendeu o suficiente para perceber que a intenção de Theo fora levar Mack a apostar o lote em Front Street.

– Achei que ele não daria tanta importância – disse Theo, satisfeito consigo mesmo. – Se fosse a mina de ouro em cima da mesa, ter-me-ia obrigado a continuar a jogar até tê-la recuperado.

– O Theo apostou numa mão fechada – disse Jack, o rosto a brilhar de admiração. – Convenci-me de que tinha mau jogo; estava a suar como um porco e parecia mesmo assustado. Poder-se-ia ouvir um alfinete cair quando o Mack pediu para ver. Eu nem sequer olhei. Mas o Theo tinha quatro noves, e o Mack quatro oitos. Foi um pandemónio. Até o Mack admitiu que tinha encontrado um adversário à sua altura.

Beth voltou a deitar-se e tentou adormecer quando os rapazes saíram para fumar, mas o som das suas vozes entusiasmadas e embriagadas enquanto faziam planos para a construção da casa de jogo impediu-a de conciliar o sono.

Estava excitada, e não duvidava de que iam construí-la. Sentia até que, para todos eles, aquele empreendimento atenuaria a dor que a perda de Sam lhes causara, pois estariam a realizar o seu sonho.

Mas conseguirem tão facilmente o que tinham planeado durante tanto tempo, apenas com o virar de uma carta, parecia-lhe estranho e irreal.

Nos dias que se seguiram, enquanto os rapazes começavam a organizar a construção do *saloon* de jogo, Beth pensou muitas vezes que tudo naquela cidade era estranho: o sol a brilhar vinte e quatro horas por dia, a lama que nunca secava, as falsas fachadas dos *saloons*, os vapores que chegavam quase diariamente de Seattle e de São Francisco trazendo champanhe, ostras e todo o género de luxos.

Parecia bizarro terem sido obrigados a carregar uma tonelada de provisões através das montanhas só para descobrir que ninguém queria nem precisava de farinha, açúcar ou arroz. Mais bizarro ainda era o facto de todos aqueles milhares de pessoas que tinham empenhado tudo o que possuíam para financiar a viagem, arriscado a saúde física e mental por um sonho de riqueza, não estarem a fazer o mais pequeno esforço para procurar ouro.

Ela e os rapazes nunca tinham tencionado ser garimpeiros. Mas quase todos os

outros sim. No entanto, mal amarravam os barcos – agora alinhados em seis filas compactas ao longo da margem –, as pessoas deixavam-se ficar pela cidade, sem sequer se deslocarem até aos ribeiros onde tinha sido encontrado ouro. Como se ter chegado até ali fosse o suficiente.

Beth compreendia o cansaço, porque a maior parte daquelas pessoas demorara um ano inteiro a chegar até ali e enfrentara todos os desafios imagináveis. Muitos tinham queimado todas as pontes, abandonando empregos, casas, por vezes mulheres e filhos, e gastado todo o dinheiro. Tinham arriscado a saúde, a sanidade mental e, em alguns casos, a vida. Mas seguramente uns poucos dias de descanso bastariam para reanimá-los. Porque estariam a tentar vender tudo para comprarem passagem num vapor que os levasse de regresso a casa? Como era possível que a febre do ouro tivesse desaparecido tão repentinamente? Ou seria que o ouro nunca fora o verdadeiro objectivo, mas apenas um pretexto para ter a maior aventura de todos os tempos?

Dizia-se que havia agora aproximadamente dezoito mil pessoas em Dawson, e outras cinco mil a garimpar nos ribeiros em redor, o que perfazia uma população quase tão grande como a de Seattle. Sem espaço para mais tendas ou cabanas, as pessoas estavam a ir para o outro lado do rio, para um lugar geralmente conhecido como Cidade do Piolho.

Junto ao rio, tinha nascido um enorme mercado. Cães, cavalos, trenós e sacas de farinha, camisas aos quadrados, machados usados, roupa interior de inverno, impermeáveis e botas altas, estava tudo lá à venda. As pessoas examinavam e voltavam a examinar todas aquelas coisas e, para desespero dos vendedores que queriam voltar para casa, rejeitavam a maior parte delas.

Cada vapor que chegava, no entanto, despejava novas centenas de almas: coristas, actrizes e prostitutas, empregados bancários, médicos e até sacerdotes. Havia famílias inteiras, senhoras elegantes de chapéus emplumados, os maridos de colarinho engomado e casaca, e filhos. Também eles tinham, na sua maioria, vindo apenas para ver, pois não tencionavam de certeza peneirar ouro.

Era um lugar louco e desordenado, uma cidade de fugitivos, alguns da lei, outros de mulheres insuportáveis ou de maridos brutais, de dívidas, de empregos monótonos ou da miséria dos bairros degradados. A moralidade e a condição do exterior não tinham ali qualquer significado. Os homens juntavam-se a coristas, uma mulher podia beber num *saloon* sem ter um homem a seu lado, até as prostitutas eram tratadas com respeito. Ali, cada um podia ser aquilo que quisesse; de onde vinha não importava. Os que tinham tido sorte ajudavam os que nada tinham. Era quase como se as pessoas despissem a antiga pele no momento em que desembarcavam e lhes crescesse uma nova, mais confortável.

No entanto, de momento, convinha a Beth. Porque enquanto pudesse tocar o seu violino, podia esquecer tudo o que perdera e que não tinha um lugar a que pudesse verdadeiramente chamar casa.

A profunda tristeza que se lhe aninhara no âmago parecia ter dado uma nova dimensão à sua música, e descobriu que estava a usá-la para condicionar as emoções do público. Se uma das suas músicas lhes lembrava um amor antigo, a mãe, os filhos, punham mais dinheiro no chapéu. Não sentia que estivesse a explorar quem quer que fosse; ao fim e ao cabo, o dinheiro que ganhava ia parar às mãos da mulher que cozia o pão, do rapaz que vendia ovos, do casal de Idaho que tinha um restaurante. E havia, um dia, de levá-la de regresso a casa para ver Molly.

*

Perto do fim da tarde de 3 de Julho, Beth estava em Front Street a ver Jack e dois dos homens que ele contratara a construir a fachada do *saloon*. A rapidez com que Jack metera mãos à obra fora surpreendente. No espaço de uma semana, o esqueleto do edifício estava de pé; no final da segunda, o telhado estava pronto e já começara a trabalhar nos soalhos do primeiro piso. As longas horas de luz diurna e a quantidade de homens a precisar de trabalho ajudavam. Agora, o edifício estava quase acabado, com três quartos no primeiro andar, uma grande sala para o *saloon* no piso térreo e uma cozinha e armazéns nas traseiras.

– Está a ficar bonito, Jack! – gritou-lhe Beth. – Mas não vais trabalhar amanhã, espero? É o Dia da Independência.

Apesar de Dawson City ficar no Canadá, como uma esmagadora maioria de habitantes era americana, naquele dia fazia-se uma grande festa, com danças, porcos a assar e fogos-de-artifício. Beth descobrira uma boa costureira e mandara fazer um vestido novo com a seda cor-de-rosa que trouxera do outro lado de Chilkoot Pass.

Jack interrompeu o trabalho e sorriu-lhe.

– Acho que um dia não me vai matar! Já viste o Theo hoje? Dava-me jeito uma ajuda.

– Foi aos correios – respondeu Beth. – Sabes como ele é!

Receber correio era um grande problema em Dawson. Era trazido e levado por muitos barcos, mas era frequente ser deixado por engano em Juneau, Haines ou qualquer uma das pequenas povoações ao longo da Passagem Interior. Com tantos milhares de pessoas, as filas para o correio eram tão compridas que às vezes se levava um dia para chegar à frente, e a maior parte afastava-se desapontada por não ter recebido qualquer carta. Beth ainda não se dera ao incómodo de ir para a fila, pois as únicas pessoas que lhe escreviam eram os Langworthy, e mesmo que já tivessem recebido a carta que ela lhes escrevera no lago Lindemann a indicar a data aproximada da chegada a Dawson City, a resposta podia demorar um mês ou mais a chegar.

Voltara a escrever-lhes quando chegara a Dawson City e lhes contara da morte de Sam, mas essa carta ainda havia de ir no vapor a caminho de Seattle.

Theo, no entanto, fora juntar-se à longa fila para enviar um telegrama aos pais, a informá-los de onde estava. Dissera, a rir, que mesmo que o pai e o irmão mais velho não quisessem saber, a mãe e as irmãs quereriam. Beth suspeitava de que o verdadeiro objectivo da mensagem era vangloriar-se de como estava bem, sabendo que a notícia chegaria a todos os seus antigos amigos.

– Se o vires, diz-lhe que preciso dele – disse Jack – É um diabo preguiçoso, só aparece quando lhe convém.

Beth não disse nada. Theo não estava a fazer a sua parte, mas a verdade era que nunca fizera. Parecia pensar que ganhar o lote e avançar o dinheiro para a madeira e outros materiais era o suficiente. Tinha de ser Jack a tratar de tudo, desde construir o *saloon* a comprar a madeira e transportá-la até ali. À noite, Theo raramente ia ao Monte Carlo ouvi-la tocar, ela tinha muitas vezes de comer sozinha e ele nunca voltava à tenda antes das sete ou oito da manhã, e então dormia durante todo o dia. Por vezes, Beth perguntava-se se ele lhe dava algum valor.

Decidiu passar pelo posto dos correios e ver em que altura da fila ele estava. Mas quando dobrou a esquina de Front Street, viu-o avançar para ela por entre a multidão. Acenou-lhe e, quando a avistou, o rosto dele abriu-se num rasgado sorriso.

Apesar de um pouco desencantada com o carácter dele, mal passava um dia sem que Beth pensasse em como era bonito. Mesmo em pleno Inverno, embrulhado num pesado casacão, de chapéu e cachecol e uma espessa barba a tapar-lhe metade do rosto, os seus olhos escuros e expressivos tinham continuado a fazer o coração dela esvoaçar.

Theo conseguira manter a imagem do perfeito cavalheiro inglês até naquela cidade de gente rude e despachada. Fizera a barba ainda no rio, e uma das suas primeiras prioridades ao chegar fora cortar o cabelo. Com o seu casaco de linho creme, lenço vermelho ao pescoço e chapéu de palha, podia ir a caminho de Ascot. Só a lama nas botas castanhas de montar estragava a imagem, uma coisa que o fazia resmungar quase todos os dias enquanto as limpava.

– Tens uma carta – gritou, quando chegou mais perto, e tirou um sobrescrito do bolso e agitou-o. – Não ma queriam entregar, porque vem endereçada a Miss ou Mr. Bolton, mas quando lhes disse que era o nome de solteira da Cigana do Monte Carlo, não houve mais problemas.

Beth riu.

– É dos Langworthy – disse, reconhecendo a letra mesmo àquela distância, e correu os últimos metros para lhe tirar da mão. – Com certeza não podem já ter recebido a que lhes mandei do lago Lindemann?

– Dawson City aparece nas notícias em todo o mundo – respondeu Theo. –

Suponho que decidiram escrever para aqui sabendo que acabarias por chegar.

– Parece que apanhou água – observou Beth, ao ver que o sobrescrito estava manchado e a tinta esborratada.

– Algum do correio estava tão encharcado que os sobrescritos não se conseguiam ler ou tinham desaparecido – explicou Theo. – Houve montes de pessoas desiludidas, hoje, mas tu foste uma das felizardas.

Beth rasgou o sobrescrito, incapaz de esperar até mais tarde.

Queridos Beth e Sam, leu. Não há maneira de lhes dar esta terrível notícia senão assim de chofre.

Um arrepio gelado desceu-lhe pela espinha, mas teve de continuar a ler:

Por isso lhes peço que desculpem a minha brusquidão quando lhes digo que a nossa querida e maravilhosa Molly morreu de pneumonia há dez dias, a 7 de Março. Em Fevereiro, apanhou uma forte constipação do peito que, apesar de tudo o que nós e o médico fizemos, de todos os tratamentos e cuidados, degenerou em pneumonia. Morreu durante o sono, enquanto eu estava sentada junto dela.

Eu e o Edward estamos desolados. Amávamo-la muito, e sem ela é tudo tão frio e triste. Mas o meu coração e os meus pensamentos vão também para ti e para o Sam, aí tão longe, pois sabemos que vai ser um terrível choque para vocês, como foi para todos os que a amaram. Acreditem, por favor, que fizemos tudo o que era possível. O funeral foi uma semana mais tarde, a 14, um belo e comovente serviço em St. Brides... O Edward, Mrs. Bruce, a cozinheira e a Kathleen, todos enviam as suas condolências, e esperamos sinceramente que esta carta chegue às vossas mãos. Lemos sempre tudo o que aparece nos jornais a respeito do Klondike, e perguntamo-nos se terão chegado a salvo. Estão sempre presentes nos nossos pensamentos e nas nossas orações, por favor venham ver-nos quando regressarem a Inglaterra. Eu e o Edward queremos agradecer-lhes por toda a alegria que nos proporcionaram ao deixarem a Molly ao nosso cuidado. Pode só ter passado quato curtos anos connosco, mas foram os tempos mais felizes que conhecemos.

A pensar em vocês neste triste momento,

Ruth Langworthy

O que foi, Beth? – perguntou Theo, chocado pela expressão da cara dela.

– A Molly morreu – respondeu Beth, numa voz estrangulada pela angústia. – Morreu de pneumonia.

CAPÍTULO 31

– Eu sei que é terrivelmente triste saber da morte de uma criança, Beth, mas tens de te recompor – disse Theo, com uma nota de dureza na voz.

– Ela não era uma criança qualquer, era minha irmã – retorquiu Beth, recomeçando a chorar. – Primeiro o Sam, agora a Molly. Já não tenho ninguém.

Tinha passado uma semana desde que recebera a terrível carta. Theo mostrara-se meigo e tentara consolá-la, na altura, mas no dia seguinte, Dia da Independência, deixara-a a chorar na tenda e fora juntar-se aos festejos.

Jack chegara à tenda ao princípio da tarde, depois de ter encontrado Theo num *saloon* e percebido que ele a deixara sozinha.

– Penso que já não sabe o que mais há-de dizer-te para te consolar – dissera, em defesa de Theo. – E eu também não, Beth. Só sei que não devias estar sozinha.

– Porque é que tu sabes e ele não? – perguntara ela, amargamente. – O filho que perdi não era teu, era dele. Jurou-me em Chilkoot Pass que me amava e que queria casar comigo; sabe como a morte do Sam foi dura para mim, portanto, se me amasse de verdade, seria capaz de pôr-se no meu lugar e compreender.

– Oh, Beth, conhecestes tanta tristeza. – Jack suspirara e sentara-se ao lado dela, abraçando-a. – Logo quando me falaste da Molly, no barco, percebi como te tinha custado deixá-la. Mas fizeste o que era melhor para ela. Lembra-te das dificuldades que tivemos em Nova Iorque. Não havias de querer que ela passasse por tudo aquilo, pois não?

– Mas não consigo deixar de pensar que se ela estivesse comigo não teria morrido.

Jack afastara-lhe os cabelos da cara e secara-lhe os olhos.

– Teria tido ainda mais probabilidades de apanhar uma coisa má. Pelo menos, teve quatro anos felizes numa casa onde era acarinhada e amada. É uma tragédia ela ter morrido, uma coisa terrível, e tudo o que posso fazer é oferecer-

te um ombro para chorares.

Ficara pacientemente a ouvi-la desabafar em soluções toda a sua tristeza, por Molly, pela morte de Sam e por ter perdido o bebé e lhe ter sido dito que não poderia ter outro.

– É como se tivesse sido amaldiçoada – dissera ela. – Que fiz eu de tão mau para merecer tudo isto?

Jack não soubera o que responder, mas ficara o resto da tarde a abraçá-la, a deixá-la deitar cá para fora todo o seu desgosto. Quando escurecera, milhares de fogos-de-artifício tinham iluminado o céu, e os dois tinham ficado à porta da tenda a ver, juntos. Mas os fogos-de-artifício não eram o suficiente para os foliões da cidade, que também dispararam espingardas para o ar e fizeram rebentar cartuchos de dinamite. Tudo isto assustara de tal modo os cães que tinham atravessado o rio a nado até à Cidade do Piolho, para fugir ao tumulto.

Beth odiara toda a gente por festejarem quando ela estava tão desesperadamente infeliz, e nem sequer permitira que Jack a convencesse a pôr um vestido bonito e ir tocar ao Monte Carlo. «Nunca mais volto a tocar», jurara.

Desde o Dia da Independência, Beth mal voltara a pôr os pés fora da tenda, preferindo ficar deitada lá dentro a sentir-se amarga e ofendida. Jack e Theo tinham trabalhado longas horas no *saloon*, e apesar de Jack ter feito várias tentativas para convencê-la a ir ver os progressos da obra, ou voltar a tocar no Monte Carlo, Theo pouco dissera a respeito do assunto até àquele dia.

– Ainda *tens* alguém – disse Theo, num tom cansado. – Tens o Jack e tens-me a mim. O *saloon* está pronto, podemos mudar-nos amanhã. Mas tu ainda nem sequer foste vê-lo.

– Não quero saber do *saloon*. Não quero saber de coisa nenhuma – soluçou Beth. – Deixei a Molly com os Langworthy porque pensei que teria uma boa vida com eles, mas mesmo assim ela ficou doente e morreu. Talvez se tivesse ficado com ela ainda estivesse viva.

– É tolice dizer uma coisa dessas – disse Theo, o tom a suavizar-se. Sentou-se ao lado dela no chão da tenda e limpou-lhe as lágrimas com o lenço. – Estava destinado, tal como a morte do Sam estava destinada. Não acredito que possamos alterar o nosso destino, façamos o que fizermos. Mas não podes ficar aqui a chorar eternamente, não vai resolver nada. Se dedicares as tuas energias a transformar a nossa nova casa num lar, ajudar-te-á a não pensar tanto na Molly. Anda comigo agora, só para ver. O Jack ia pôr a tabuleta com o nome hoje. Decidimos chamar-lhe Golden Nugget.

Beth sentiu-se tentada a recusar, mas, no fundo do coração, sabia que tudo o que ele tinha dito era verdade, e que ficar sentada ali na tenda mergulhada no desgosto não ia resolver coisa nenhuma. Por isso pôs-se relutantemente de pé,

encontrou um pente e passou-o pelo cabelo.

Theo deu-lhe uma aprovadora palmadinha no ombro.

– Esta noite vais poder tomar um banho, se quiseres. O Jack conseguiu pôr a caldeira a funcionar. Imagina só, querida, uma casa de banho a sério, vais ser a inveja de toda a gente na cidade. Quer dizer, se não nos deixares e apanhares um vapor de regresso a Vancouver no fim de Agosto.

– Porque faria uma coisa dessas? – perguntou ela. – Não há lá nada à minha espera. – Apercebeu-se de que aquilo soava a autocomiseração e corou. – Temos o *saloon* de jogo que queríamos, e estou satisfeita por isso. Só te peço que tenhas um pouco mais de paciência. Duas mortes em tão pouco tempo é mais do que qualquer pessoa consegue aguentar.

– Eu sei, querida – disse ele, passando-lhe os braços pela cintura. – Mas vais ter de tocar na noite da inauguração. Vai estar toda a gente à espera.

Beth lavou a cara e foi com Theo até ao *saloon*. Aparentemente, muita gente soubera da sua perda, pois foi obrigada a parar várias vezes por pessoas que queriam expressar-lhe as suas condolências. Não estava à espera, e estas manifestações de carinho emocionaram-na.

Jack acabava de pregar a tabuleta quando os dois chegaram. Deslizou escada abaixo e abraçou-a.

– O que é que achas? – perguntou.

Beth recuou para a rua, para ver melhor. Da última vez que a vira, a fachada estava só meio acabada, e em tosco, ainda por cima. Agora, a madeira estava pintada de vermelho e refulgia, com uma tabuleta preta onde as palavras «The Golden Nugget» se destacavam em letras douradas.

– Está maravilhoso – disse, sorrindo pela primeira vez desde que recebera a notícia da morte de Molly. – Consegues fazer milagres, Jack.

O elogio fez o rosto dele resplandecer.

– Tive muita ajuda – disse apressadamente. – Anda, vem ver o interior.

Desde os tempos de Skagway que Beth se habituara aos truques usados nos *saloons* para criar uma sensação de permanência e luxo. Falsas fachadas davam para edifícios rudimentares, muitas vezes tendas, e mesmo os que eram de madeira tinham apenas lonas estendidas entre os postes para fazer as paredes interiores. Mas Jack forrara as paredes de madeira com uma camada de tábuas aparelhadas, que pintara do mesmo vermelho que a fachada, tornando o interior quente e à prova de vento.

Mais espantoso ainda, porém, era a imagem pintada na parede lateral fronteira ao balcão: Chilkoot Pass, a que não faltava sequer a interminável e serpenteante fila de caminhantes recortada contra a neve.

– Quem pintou aquilo? – perguntou.

– O Enrico, aquele homenzinho de São Francisco que ajudei a acabar o barco, no lago Bennett.

Beth assentiu. Lembrava-se do sujeito baixo e de cabelo muito negro que julgara ser mexicano.

– É fantástico – disse. – Ofusca tudo o resto. Mas o balcão também é maravilhoso, Jack. És tão inteligente.

Era madeira de primeira qualidade, aplainada e envernizada até adquirir um brilho quente. Beth passou a mão pela superfície.

– Tenho de dar mais uma demão de verniz no chão, esta noite, e amanhã podemos trazer a mobília para dentro – disse Jack – Está toda amontoada nas traseiras.

Beth olhou para o espelho por trás do balcão e reparou que estava cheio de dedadas e manchas.

– É melhor eu limpar aquilo – declarou.

Theo e Jack sorriram um ao outro.

– O que é que tem tanta graça? – perguntou ela.

– Deixámo-lo assim de propósito. Pensámos que te faria entrar em acção – explicou Jack.

Beth sorriu.

– É melhor mostrarem-me a parte de cima. Aposto que também lá deve ser preciso um pouco de acção.

Jack não tivera tempo de fazer grande coisa no primeiro piso. Havia apenas três quartos, com soalhos e paredes de madeira em tosco. Quanto à casa de banho, Beth mal queria acreditar que Jack tivera artes de passar os canos pelo interior das paredes desde a caldeira, lá em baixo, até à torneira da banheira.

– Tive uma grande ajuda de um engenheiro – disse ele, modestamente. – Só não pude montar uma sanita, porque a cidade ainda não tem esgotos. Vamos ter de nos governar com a latrina exterior até que tenha.

*

Front Street era a principal artéria de Dawson City. Estava sempre cheia de gente e de vida, sem interrupções. De dia, era um gigantesco mercado onde se podia comprar tudo desde um medicamento a um cavalo ou um cão e todos os géneros de comidas e artigos de luxo trazidos pelos comerciantes. À noite, transformava-se num ruidoso paraíso hedonista onde se podia beber, jogar, assistir a um espectáculo ou simplesmente, caso se estivesse fadado, passear para cima e para baixo a ver os outros.

Até aos domingos, quando a lei, estritamente imposta pela polícia montada, proibia todo e qualquer estabelecimento de abrir as portas, a rua continuava cheia de passeantes. Todos os bares, salas de baile e teatros mais populares ficavam em Front Street, e competiam entre si para serem os melhores. Queriam as coristas

mais bonitas, as paradas mais altas nas mesas de póquer, os melhores cantores e artistas.

Apesar de estarem em Dawson há ainda pouco tempo, Beth, Theo e Jack levavam vantagem sobre outros recém-chegados que tentavam lançar-se nos negócios por já terem atraído atenção suficiente na cidade para receberem alcunhas. Em Dawson, as pessoas adoravam alcunhas: Lil Sumo-de-Lima, Louie Dois-Passos, Billy o Cavalo e Johnson Buraco-Fundo eram apenas alguns dos que tinham ouvido. A imagem de cavalheiro inglês de Theo e a sua reputação como jogador de póquer tinham-lhe merecido o apodo de «O Lorde». Jack era afectuosamente conhecido como «Cockney Jack» e de um modo geral visto como o homem com quem convinha falar quando se queria construir qualquer coisa. Beth continuava a ser a «Cigana», pois o nome acompanhava-a desde Skagway e no Monte Carlo era apresentada como «A Rainha Cigana do Klondike».

Mesmo assim, quando abriram pela primeira vez as portas do *saloon*, às seis da tarde, estavam os três muito nervosos. A maior parte das outras casas de Front Street era propriedade de Reis do Eldorado, homens com parcelas que lhes tinham rendido fortunas e que podiam dar-se ao luxo de gastar dinheiro em candelabros, tapetes de veludo, bandas de cinco elementos e belas raparigas para atrair os grandes gastadores. Em contrapartida, o dinheiro de Theo acabara-se e já havia uma dívida de um par de milhares de dólares em bebidas, madeira, mesas e cadeiras.

Puseram um cartaz à porta a anunciar bebidas a metade do preço e esperaram que isso, e a música de Beth, fosse o suficiente. Theo vestia um *smoking* branco que aceitara como pagamento de uma dívida de jogo no lago Bennett. Com a camisa de folhos no peito e laço preto ao pescoço, o cabelo escuro a refulgir de brilhantina, era o retrato do proprietário de *saloon* bem-sucedido. Jack usava um colete vermelho, um laço de pescoço branco com bolas vermelhas e um chapéu de palha.

Beth vestira o novo vestido cor-de-rosa que tencionara usar no Dia da Independência. Emagrecera bastante, pois quase deixara de comer desde que recebera a carta a respeito de Molly, e estava tão pálida que até recorrida a um pouco de *rouge* para avivar as faces.

Começou a tocar uma jiga logo que seis homens entraram no bar.

Tinham contratado Will e Herbert, dois homens de Portland que tinham conhecido no lago Bennett. Estavam ambos desesperados por juntar dinheiro suficiente para voltar a casa, e Theo prometera-lhes que se trabalhassem duas semanas para ele lhes pagaria as passagens e ainda daria cinquenta dólares a cada um.

Quando Beth chegou ao terceiro número, já se tinha reunido uma boa assistência, e, de repente, sentiu-se exultante por estar a atrair pessoas para

gastarem dinheiro no bar *deles*. Esperava que Sam estivesse a vê-los, entusiasmado por terem finalmente atingido o seu objectivo.

À medida que a noite avançava, foram entrando mais pessoas, até que ficaram apertadas como sardinhas em lata. Theo dirigia um jogo de faraó, um dos mais populares em Dawson por ser rápido e dar uma boa hipótese aos jogadores.

Tinha comprado a mesa de faraó ao proprietário de um vapor que precisava de dinheiro. Todas as cartas, do duque ao ás, estavam pintadas no tampo, e os jogadores colocavam as fichas em cima daquela em que queriam apostar. O *dealer* levantava a primeira carta do baralho. Se a de baixo fosse uma em que alguém tivesse apostado, perdia, mas se fosse a segunda, ganhava. Se não fosse uma nem outra, voltava a apostar.

Na parede por trás de Theo havia uma armação de madeira onde estavam penduradas as bolsas dos jogadores. Em cada bolsa era introduzido um talão de papel com a quantidade de fichas que o dono comprara. No fim do jogo, o número de fichas era comparado com a soma dos talões de cada jogador e o valor da bolsa era aumentado ou diminuído conforme tivesse ganhado ou perdido.

O ouro, em pó ou em pepitas, era a principal moeda de Dawson, e todas as lojas, bares e outros estabelecimentos tinham uma balança para o pesar. Ao princípio, Beth e os rapazes tinham ficado espantados ao ver a maneira despreocupada como as pessoas atiravam bolsas contendo centenas de dólares em ouro de um lado para o outro, mas agora já estavam habituados.

Enquanto Theo se ocupava da mesa de faraó, Jack recebia os clientes e mantinha um olho no balcão e em Will e Herbert. Mais tarde, passaria para a mesa de faraó, deixando Theo livre para começar um jogo de póquer, e, entre as sessões de violino, Beth ia vigiando o que se passava.

Depressa se tornou evidente que iam precisar de mais pessoal, tal como iam precisar de mais bebidas e de outro músico para manterem as coisas a funcionar a noite toda. Mas naquela primeira noite tiveram de se desembaraçar, trabalhando os três até à exaustão. O *whisky* acabou por volta das quatro da manhã, mas a maior parte dos clientes ficou, disposta a beber o que houvesse. Theo tinha um grande sorriso no rosto porque Sam Bonnifield, conhecido como «Sam o Silencioso», o proprietário do Bank Saloon and Gambling House na esquina da Front com a King, entrara para jogar faraó. A alcinha devia-se ao facto de nunca dizer uma palavra ou sorrir enquanto jogava. A sorte não estava com ele naquela noite e já tinha perdido quinhentos dólares, mas nem mesmo assim desistia. Às seis da manhã, Theo fechou finalmente as portas. Estavam demasiado cansados para contar o que tinham ganhado naquela noite, mas calculou que andaria perto dos quinze mil dólares. O suficiente para pagar as dívidas, refazer o *stock* de bebidas e comprar alguma mobília para o primeiro

andar.

– Mais logo hei-de comprar-te uma grande cama de latão e um colchão de penas – disse, enquanto abraçava Beth. – Prometo-te que nunca mais voltarás a dormir no chão.

O Golden Nugget depressa se estabeleceu como uma das mais populares casas de jogo de Dawson. Theo usou o seu encanto para convencer quatro raparigas a trabalhar lá, pagando-lhes uma pequena comissão por cada taça de champanhe que conseguissem persuadir os homens a oferecer-lhes. Não era champanhe autêntico, mas também muito poucas pessoas em Dawson seriam capazes de notar a diferença. As raparigas davam cor à casa, provocando os homens e namoriscando com eles, e se mais tarde vendiam o corpo pela melhor oferta, o problema era delas e de mais ninguém.

Paradise Alley, nas traseiras de Front Street, era onde as verdadeiras prostitutas faziam o seu negócio, numa enfiada de tendas chamadas berços, cada uma com um nome por cima da porta. Eram na sua maioria mulheres feias e robustas, porque a difícil viagem através das montanhas para ali chegar eliminava logo à partida as mais delicadas. Cada uma servia cerca de cinquenta homens por dia e os respectivos chulos ficavam-lhes com a maior parte do que ganhavam, e aos olhos de Beth tinham a pior vida que conseguia imaginar.

Mas a verdade era que Dawson não era um bom lugar para as mulheres. Coziam pão, lavavam roupa e cozinhavam nos restaurantes, e apesar de algumas delas se governarem bastante bem, tinham de trabalhar duramente, e muitas tinham homens que lhes gastavam o dinheiro tão depressa como o ganhavam. As que estavam casadas com mineiros passavam os dias a peneirar areia em riachos distantes, vivendo em condições terríveis sem qualquer companhia feminina.

Só uma pequena percentagem levava uma boa vida, e essas eram as actrizes, as cantoras e as raparigas das salas de baile. A maior parte das raparigas das salas de baile tirava dos homens muito mais do que lhes dava. Por um dólar, um homem podia ter uma delas nos braços durante menos de um minuto antes de a passar para o cliente seguinte. Havia uma rapariga que tinha um cinto feito com vinte e sete moedas de ouro de vinte dólares, uma prenda de um mineiro. A maioria não fazia segredo do facto de estar ali para separar os homens das respectivas bolsas.

Beth trabalhava demasiado duro e demasiadas horas para viver à grande, mas não se importava, porque isso a impedia de pensar em Molly e em Sam. Theo cumprira a sua palavra e comprara mobília para os quartos do primeiro piso, incluindo a prometida cama de latão, bem como tapetes. As noites no *saloon* eram divertidas, e vê-lo tornar-se num tão grande êxito dava-lhe uma enorme satisfação.

Quando pensamentos tristes se insinuavam no espírito, recordava a si mesma que estava a viver um sonho. Não era difícil ser feliz em Dawson; as pessoas eram simpáticas e amistosas, e não se passava um dia sem que alguém fizesse algo extravagante que punha toda a gente a rir. Poderia talvez sentir-se um pouco desapontada por ela e Theo terem tão pouco tempo para estar juntos, mas à medida que Agosto se aproximava e o tempo frio e os dias escuros se anunciavam, muitas pessoas começavam a partir de barco para o exterior, e ela sabia que o seu tempo a sós com Theo havia de chegar.

E sabia, também, que tinha forjado um lugar no folclore de Dawson. Havia muitos violinistas na cidade, mas nenhum tão bom como ela, e eram todos homens. Era, além disso, considerada a rapariga mais bonita da cidade, uma coisa de que Theo e Jack muito se orgulhavam.

As pessoas de Dawson gostavam de histórias, e havia as suficientes, a respeito dos Reis do Eldorado, das fortunas que tinham ganhado e perdido às mesas de jogo, e de todas as outras figuras menores, para encher vários livros. Não ficou minimamente surpreendida ao descobrir que as pessoas inventavam histórias fantásticas a respeito dela, de Theo e de Jack. Uma noite, no *saloon*, ouviu um homem dizer a outro que Theo a carregara aos ombros durante toda a travessia de Chilkoot Pass, para de seguida descrever como Sam morrera nos Squaw Rapids como se tivesse estado lá a ver enquanto tudo acontecia.

Mas o que mais intrigava as pessoas era, ao que parecia, a relação dela com Theo e Jack, pois corria palavra de que não era casada com Theo.

Estava bastante consciente de que muitas das raparigas das salas de baile andavam de olho nele. Não podia censurá-las: Theo era bonito, carismático e, agora, ainda por cima rico, pois estavam a ganhar dinheiro como se caísse do céu. Beth sorria quando as via aparecer no Golden Nugget com as suas melhores roupas e tentavam atraí-lo para as salas de baile onde trabalhavam. Conhecia Theo suficientemente bem para ter quase a certeza de que se ele se deixasse atrair por outra mulher, não seria uma simples rapariga de uma sala de baile.

Numa noite chuvosa de princípios de Agosto, entrou no Golden Nugget um homem que não só tinha uma história para contar como ia desencadear uma cadeia de acontecimentos que mudaria tudo para Beth.

Beth estava a tocar quando ele entrou, um homem alto com um casaco de lã e um chapéu de aba larga que lhe pareceu vagamente familiar, mas o *saloon* estava demasiado cheio de fumo para que conseguisse distingui-lo com nitidez.

Como sempre, tocou cerca de meia hora antes de fazer uma curta pausa, e quando se dirigia ao balcão para ir buscar uma bebida, o homem agarrou-lhe o braço.

– Viva, Miss Cigana – disse. – Vinha na esperança de a encontrar.

Ao olhar para a cara dele, Beth reconheceu Moss Atkins, um dos sequazes de Soapy em Skagway. Fora muitas vezes ao Clancy's quando ela lá estava, e,

apesar de nunca lhe ter falado, conhecia-lhe a reputação de maldade. Tinha, além disso, uma daquelas caras em que era difícil não reparar, com uns olhos azuis muito brilhantes e o rosto marcado pelas bexigas.

– Olá, Moss – disse. – Prazer em vê-lo. Acaba de chegar?

– Já cá estou há alguns dias, a interrogar-me se será mais sensato zarpar antes que o rio gele ou ficar para o Inverno e fazer algum negócio por estas bandas.

– Acho que estaria melhor em Skagway – disse ela, com um sorriso. – Os *mounties* daqui andam sempre de olho alerta. Nada de armas, nada de traulhices. Se o apanham a pisar o risco, põem-no três meses a cortar madeira.

Dizia-se que poucas pessoas apanhadas a infringir a lei se preocupavam com a multa que lhes era aplicada: de um modo geral, podiam pagá-la. Mas o castigo de ser obrigado a cortar lenha para o conselho municipal funcionava bem como dissuasor. Era um trabalho aborrecido e esgotante, e a maior parte preferia sair da cidade a ter de o fazer.

– Bem, nesse caso talvez seja melhor pôr-me a andar – disse ele, com uma gargalhada desprovida de humor. – Mas para onde? Skagway perdeu a graça desde que mataram o Soapy.

– O Soapy morreu! – exclamou Beth.

É possível que, se não tivesse ficado tão surpreendida, tivesse reparado que havia pessoas a ouvir a conversa. Mas estava tão desejosa de saber como acontecera que nem lhe ocorreu que talvez fosse sensato ser mais discreta.

– Não sabia? Foi a 8 de Julho. Morto a tiro pelo Frank Reid, no cais.

– Mas porquê? – perguntou ela, recordando que Frank Reid era um sujeito de aspecto inócuo, mais interessado em planeamento urbano do que em lutas.

Moss lançou-se numa história a respeito de como um garimpeiro chamado J. D. Stewart tinha chegado a Skagway, vindo do Yukon, com 2800 dólares em pó de ouro. Fora roubado, e o dedo público apontara para um dos homens de Soapy. Os comerciantes locais recearam que, se comesse a correr palavra de que era perigoso levar ouro para a cidade, os garimpeiros passassem a evitá-la optando pela rota marítima e prejudicando-lhes o negócio. Tinham exigido que Soapy devolvesse imediatamente a Stewart o ouro que lhe fora roubado e os habitantes começaram a voltar-se contra ele.

– O resultado foi que o Soapy começou a beber, ficou todo eriçado e foi para o cais com uma *Derringer* escondida na manga, um *Colt .45* no bolso e uma *Winchester* ao ombro – continuou Moss. – O Frank Reid estava lá, e disse ao Soapy que não avançasse mais. O Soapy apontou-lhe a espingarda à cabeça. O Reid agarrou o cano com a mão esquerda e com a direita sacou o revólver que levava enfiado no cinto. Disparou, mas o cartucho estava estragado, e no mesmo instante o Soapy disparou a espingarda e atingiu o Reid na virilha. Mas o Reid voltou a disparar o revólver, e dessa vez acertou em cheio no coração do Soapy, que morreu instantaneamente.

Beth arquejou, e o mesmo fizeram os que estavam à volta e tinham ouvido a história, pois toda a gente em Dawson sabia quem era « Soapy » Jefferson Smith, mesmo os que não tinham passado por Skagway para ali chegar.

As pessoas em redor começaram a fazer perguntas a Moss, que estava claramente encantado por ter sido ele a levar a notícia a Dawson e por ver-se no centro de todas as atenções.

– Sim, o Reid também morreu, mas foi uma morte lenta e dolorosa. Ao menos a do Soapy foi rápida.

Theo e Jack aproximaram-se, tão interessados como todos os outros numa história daquelas. Moss continuou a falar, dizendo que muitos dos homens de Soapy tinham fugido para as montanhas para escapar aos bandos de vigilantes que queriam linchá-los.

– Talvez tenha sido boa ideia deixá-lo quando deixou – disse repentinamente, dirigindo-se a Beth. – O Soapy dizia que era a namorada dele, mas acho que deve ter sido difícil para si engolir aquela maldade toda, sobretudo depois de ter feito com que aquele seu outro sujeito apanhasse um tiro.

Beth sentiu um nó no estômago ao ver a expressão da cara de Theo.

– Nunca houve nada entre mim e o Soapy – declarou. – E tenho a certeza de que não foi ele que mandou atacar o Theo. Não sabe do que está a falar.

Moss riu trocistamente.

– Sei muito bem do que estou a falar, querida. Estava com o Soapy quando ele deu a ordem. « Liquidem esse tipo inglês », foi o que ele disse. « Tenho planos para a miúda dele. » Vi-os juntos dúzias de vezes, e se isso não quer dizer que havia alguma coisa entre os dois, então eu sou holandês.

Jack interveio neste ponto, sugerindo que eram horas de Beth voltar a tocar, e Moss saiu pouco depois.

O dia seguinte era sábado, e como tinham dormido até tarde, tiveram de apressar-se para abrir o *saloon* ao meio-dia. Beth notou que Theo se mostrava um pouco frio para com ela, mas estavam todos tão ocupados que não havia tempo para abordar o assunto.

No domingo, só acordaram a meio da tarde, mas quando Beth se chegou para Theo, esperando que fizessem amor como habitualmente faziam, ele levantou-se da cama e começou a vestir-se.

– Aonde vais? – perguntou ela.

– Tratar de uns assuntos – respondeu ele, secamente.

Depois de Theo sair, Beth foi pôr-se à janela, a olhar para o rio do outro lado de Front Street, e sentiu o Inverno aproximar-se. As árvores das montanhas eram todas perenes, de modo que não havia cores outonais como em Inglaterra, na América e em Montreal. Tinham-lhe dito que, ali, a temperatura chegava a atingir os cinquenta graus negativos durante os meses de Inverno, e estremeceu só de pensar nisso.

Quatro horas mais tarde, Theo ainda não tinha voltado. Beth entretivera o tempo a fazer pequenos trabalhos, como coser a bainha de um dos seus vestidos, lavar alguma roupa e escrever aos Langworthy. Lá fora, continuava a chover intensamente, e não imaginava aonde poderia ter Theo ido, uma vez que estava tudo fechado.

Mais tarde, ela e Jack prepararam uma refeição na cozinha, e deixaram-se ficar por lá para aproveitar o calor do fogão.

– Está zangado por causa daquilo que o Moss disse – desabafou finalmente Beth. – Mas não compreendo porque é que descarrega em mim. Ao fim e ao cabo, ele é que andava com aquela pega do Red Onion, e eu tratei dele quando foi ferido.

– Eu não acreditaria numa palavra do que alguém que trabalhou para o Soapy Smith dissesse – observou Jack – E ficaria muito espantado se o Theo acreditasse. Mas ontem à noite não se falava de outra coisa na cidade, e várias pessoas fizeram piada com o assunto na presença dele. Suponho que está um pouco magoado.

Theo não voltou a casa nessa noite. Apareceu ao meio-dia de segunda-feira para abrir o *saloon*, mas não disse uma palavra a respeito de onde estivera. Como ele não parecia estar a remoer nada de especial e se mostrava apenas um pouco calado, Beth resolveu deixá-lo em paz e sair para fazer umas compras.

Quando, um par de horas mais tarde, regressava ao Golden Nugget, ouviu o agora muito familiar som do apito de um barco que partia. Ao dobrar a esquina para Front Street, viu que se juntara uma grande multidão a acenar, e acenou também, como era costume fazer quando se estava perto.

Quando entrou no *saloon*, Jack disse-lhe que Theo tinha ido ao banco depositar os ganhos. Passou uma hora, e outra, e Theo não voltava.

– Há-de estar a jogar póquer num sítio qualquer. Esperemos que tenha passado primeiro pelo banco – disse Jack com uma gargalhada.

Já passava das sete quando Wilf Donahue, mais conhecido como « Zarolho » por ter um olho de vidro, entrou. Era um cliente habitual do Golden Nugget, apesar de ter um estabelecimento semelhante em King Street. Na opinião de Beth, aquele nativo do Kansas, gordo e de cara redonda, era mal-educado e tomava demasiadas familiaridades com as pessoas, mas Jack e Theo achavam-lhe graça e diziam que era um bom homem.

– Quero-te ali em cima a tocar, minha menina – disse Wilf a Beth, apontando para o pequeno estrado que ela habitualmente usava.

– E desde quando é que dá ordens por aqui? – perguntou ela descuidadamente, assumindo que aquilo era o que ele entendia por uma piada.

– Desde as duas horas desta tarde, quando comprei a casa – respondeu ele.

CAPÍTULO 32

—Onde é que eu e o Jack vamos dormir? — perguntou indignadamente Beth ao Zanolho, no dia seguinte. Estava lívida depois de tê-lo ouvido dizer a Dolores e a Mary, duas das raparigas do *saloon*, que podiam instalar-se no primeiro andar.

— Não tenciono tirar-te o teu quarto, a menos que continues a responder-me torto — disse ele. Estava meio voltado de costas, o olho bom virado na direcção dela enquanto o de vidro permanecia cegamente fixo em frente. — Mas o Jack vai ter de mudar-se para a cozinha, porque prometi o quarto dele a outras duas raparigas.

Beth sentia-se capaz de explodir, mas não se atrevia com medo de que ele os pusesse, a ela e a Jack, na rua.

— Não é justo, Mr. Donahue — argumentou. — Foi o Jack que construiu isto de alto a baixo, é a nossa casa! Já foi suficientemente mau o Theo tê-la vendido sem nos dizer nada.

No dia anterior, ela e Jack tinham começado por pensar que o Zanolho estava a brincar com eles ao dizer que comprara o *saloon*. Tinha fama de brincalhão e quando, no passado, entrava no Golden Nugget com o seu berrante fato aos quadrados e *stetson* enfeitado com penas, dizia sempre alguma coisa extravagante. Também gostava de ostentar o seu dinheiro, e embora as pessoas o considerassem um tolo, viam-no como um tolo inofensivo.

Mas, para grande choque e consternação de ambos, Donahue mostrara-lhes um documento legal redigido por um advogado de Dawson, e assinado por Theo, que provava que tinha comprado o *saloon*, e tudo o que continha, por oitenta mil dólares.

Parecera-lhes espantoso que Theo tivesse tido a insensibilidade de fazer o negócio a um domingo, e tão cobardemente que passara a noite toda fora para não ter de os enfrentar. Mas tivera a coragem de aparecer na segunda-feira,

depois de ter descontado a ordem de pagamento, pegado friamente nos ganhos de sábado e emalado em segredo algumas das suas coisas. Até falara jovialmente com Jack, lembrando-lhe que estavam a precisar de mais *whisky*, e saíra com toda a calma para apanhar o vapor... ironicamente, o mesmo a que Beth tinha acenado.

Jack estava a ferver de fúria; se não fosse ele, Theo nunca teria construído o *saloon*. Mas as lágrimas que lhe brilhavam nos olhos sugeriam que o que mais lhe doía era ter pensado que ele e Theo eram como irmãos, e não conseguia acreditar que o tivesse traído.

Beth via a absoluta baixeza de tudo aquilo. Teria ficado ao lado de Theo fosse o que fosse que a vida lhe atirasse para cima, mesmo que tivesse perdido o *saloon* num jogo de póquer. Talvez a relação entre os dois tivesse esfriado um pouco nos últimos tempos, mas ela continuava a amá-lo e pensara que esse amor era retribuído. Mas descobrir que ele era capaz de pura e simplesmente abandoná-la, depois de tudo o que tinham enfrentado juntos, que estava mais interessado no dinheiro do que nela, era nada menos que devastador.

Não havia ali lugar a recurso legal. Theo era o proprietário do terreno e nunca fora redigido qualquer acordo para dar aos sócios uma parte do negócio, apesar de ele sempre ter dito que era o que tencionava fazer. Se o Zanolho decidisse pô-los na rua, podia legalmente fazê-lo.

Para juntar o insulto à ofensa, tinham agora de ficar gratos por o novo proprietário aceitar mantê-los ao seu serviço e oferecer-lhes um tecto para se abrigarem.

Desde que o Golden Nugget abrisse, nunca tinham tido um salário, e Jack nunca fora pago pelo seu trabalho. Tinham-se limitado a levantar uns poucos dólares de longe em longe, quando precisavam de alguma coisa, tolamente confiados em que o dinheiro que entrava para a conta do *saloon* pertencia a todos, tal como tinham partilhado tudo no passado.

O Zanolho olhava para Beth com frio cálculo. Não gostava da fúria e da dor que lhe via nos olhos; as mulheres enganadas eram regra geral uma fonte de problemas. Mas tinha de arranjar maneira de apaziguá-la, pois sabia bem que era ela a verdadeira atracção do Golden Nugget. Na verdade, se não fosse por ela nunca teria comprado a casa. Bons *dealers*, dançarinas e empregados de balcão competentes havia-os aos montes, eram tão comuns como bêbedos. Mas uma violinista bonita era tão rara como um urso-pardo domesticado.

Sabia que tinha de prendê-la durante mais uma semana, ou à volta disso, até que o rio gelasse e ela não tivesse alternativa senão ficar todo o Inverno. E se conseguisse livrar-se de Cockney Jack sem a irritar, talvez até conseguisse acabar por levá-la para a cama.

– Escuta, minha pequena Rainha Cigana – disse, num tom melífluo. – Lamento muito que o teu homem te tenha abandonado; foi uma patifaria da pior espécie. Mas paguei bom dinheiro por esta casa e agora tenho de pô-la a render. Por isso sou obrigado a alugar aqueles dois quartos. Mas digo-te uma coisa, trato eu de fazer a colecta depois de tocares, e tudo o que for para o chapéu é para ti. Que dizes a isto?

Beth estava demasiado aturdida para protestar mais. Não seria a mesma coisa agora que Theo se fora embora, de modo que supunha que pouca diferença lhe fazia que lá passassem a morar quatro outras raparigas.

Como sempre, tocar violino naquela noite acalmou-a. Talvez não tivesse feito ninguém querer pôr-se de pé e dançar. Na realidade, as melodias tristes que tocou puseram lágrimas nos olhos de muitos dos presentes. Mas quando o chapéu foi passado em redor e lhe chegou à mãos, contou mais de trinta e cinco dólares, confirmação de que tinha um talento único que lhe garantia que nunca teria de passar fome.

Foi uma noite sossegada, e o Zanolho deixou-os fechar à uma, porque havia muito poucos clientes. As raparigas só se mudariam no dia seguinte, de modo que Jack pegou numa garrafa de *whisky* e disse que iam os dois afogar o desgosto.

– Aposto que o Theo já tinha o negócio cozinhado com o Zanolho há algum tempo, mas não teve coragem de ir para a frente na altura – disse Jack um pouco mais tarde, quando estavam os dois sentados cada um na sua ponta da cama de Beth, a beber, com uma manta a tapar-lhes as pernas. – Então ouviu aquele tipo falar de ti e do Soapy Smith e pensou que era a desculpa perfeita para sair sem parecer um completo canalha.

– Mas isso significa que deve ter deixado de gostar de mim há séculos – murmurou Beth com a voz a desfazer-se e uma nova ameaça de lágrimas. – Porque não foi capaz de o admitir?

– Duvido que tenha sido isso. Era um jogador dos pés à cabeça – recordou-lhe Jack – Aposto que só pensou no dinheiro que ia ter na mão. Ao todo, há-de ter sido bastante mais de oitenta mil, com a receita de sábado e o que havia no banco. O bastante para uma porção de grandes jogos de póquer. Ou talvez tenha visto aquele dinheiro como um monte muito grande e achado que o melhor era sair do jogo enquanto estava a ganhar.

– Mas eu estive ao lado dele no melhor e no pior. Ele dizia que me amava e que sabia que eu teria ido até às profundezas do Inferno com ele. Porque foi então que não quis levar-me?

– Não sei, Beth. – Jack abanou a cabeça, confuso. – Mas lembra-te de como foram as coisas desde que saímos de Filadélfia. Eu e o Sam tivemos sempre de carregá-lo ao colo. Admito que contribuía com a sua parte quando ganhava, mas se não fôssemos nós nunca teria conseguido atravessar o Canadá, quanto mais

chegar até aqui. Talvez o soubesse, e isso o incomodasse. Ir-se embora com o dinheiro todo talvez o tenha feito sentir-se livre.

– Para encontrar uma senhora da sociedade que não o envergonhe – disse ela, amargamente. – Lembra-te de como ele era em Montreal, sempre à procura de gente fina com quem se dar. Não lhe importava que eu trabalhasse numa fábrica e vivesse num pardieiro. Aposto que ficou encantado quando perdi o nosso bebé e o médico disse que não poderia ter outro. Desse modo não tinha responsabilidades. Que parva que fui!

Jack estendeu a mão e pegou na dela, apertando-lha num gesto de compreensão. Mas não protestou nem disse que estava enganada.

– Pois bem, espero sinceramente que perca todo aquele dinheiro no primeiro jogo – disse Beth, furiosamente. – Quando estiver na sarjeta e sem mais nenhuma esperança, espero que venha a rastejar até mim. Para eu lhe dar um pontapé na cara.

Beberam em silêncio durante algum tempo, ambos absortos em pensamentos amargos.

– Houve alguma coisa entre ti e o Soapy? – perguntou Jack mais tarde. – Eu sei que passaste uma noite com ele, mas houve mais do que isso?

– Não, mas podia ter havido. – Beth suspirou, e então contou como tinha encontrado Soapy e bebido um copo com ele no último dia que tinham passado em Skagway, e que fora ele que a levava até Dyea no seu cavalo. – Gostava bastante dele, mas, no fim, ainda bem que não o escolhi. Não havia grande diferença entre ele e o Theo, pois não? Achas que é verdade aquilo de o Soapy ter mandado alguém matá-lo?

– Acho que pode ter acontecido, mas duvido que fosse por causa de ti. Julgo que o Theo pisou o risco. Eram os dois iguais, ambos aldrabões. Não me refiro só no jogo e com as mulheres, mas em tudo. Usavam o seu encanto para cativar as pessoas e poderem aproveitar-se delas. O Theo enganou-me bem enganado, isso é certo, e o que me está mais encravado na garganta é que teria morrido por ele.

Em meados de Outubro, Dawson era um lugar muito mais sossegado. Tinha nevado e o Yukon, congelado, já só era usado por trenós puxados por cães para levar mantimentos aos mineiros e trazer lenha para as lareiras.

Os candidatos a garimpeiros que tinham chegado em Junho e deambulado como almas penadas pelas ruas lamacentas da cidade tinham quase todos regressado a casa enquanto ainda era possível o contacto com o exterior. Sem mais barcos a trazer ou levar pessoas, a margem do rio estava deserta. O fumo de mil chaminés erguia-se para formar um nevoeiro cinzento contra o fundo de um céu ainda mais cinzento.

As partes mais baixas das montanhas que rodeavam a cidade estavam despidas de árvores, os cotos enegrecidos deixados para trás como dentes podres,

e a doença espreitava entre as muitas pessoas que ainda viviam em tendas. A cidade fora construída em terras pantanosas e durante todo o quente Verão, sem escoamento de águas residuais ou medidas sanitárias dignas desse nome, doenças como a febre tifóide, a diarreia e a malária tinham cobrado o seu tributo. Aumentava o número de casos de escorbuto, bem como os de pneumonia e de problemas respiratórios.

A maior parte dos residentes de Front Street não tinha consciência, ou não queria saber, do drama dos cidadãos mais pobres, porque podia continuar a ter as suas caldeiras, lareiras e fogões acesos, as suas latrinas despejadas e as suas despensas abastecidas. A electricidade tinha chegado, tal como o telefone, e para os que dispunham dos meios adequados, Dawson era tão alegre e colorida como Paris, ainda que terrivelmente fria.

Beth descobriu que não era capaz de ignorar o sofrimento dos pobres e dos doentes. Todos os dias fazia um grande panelão de sopa e levava-o num trenó ao padre William Judge, o frágil e esquelético sacerdote que dirigia um pequeno hospital junto a uma colina no extremo norte de Dawson.

Para ela, o padre Judge era um santo. Trabalhava incansavelmente desde manhã cedo até bem entrada a noite, vestindo apenas uma esfarrapada sotaina apesar do frio extremo. Beth suspeitava de que os enfermeiros não eram tão puros como ele e roubavam os pacientes que ali estavam à espera da morte, de modo que ficava até ver os doentes comerem a sopa, para ter a certeza de que não era desviada para outro sítio e vendida.

Também Jack estava a ficar cada vez mais desiludido com a forma como as coisas funcionavam em Dawson. A maior parte das pessoas bajulava os ricos e admirava as suas extravagantes ostentações de riqueza ao mesmo tempo que tudo fazia para conseguir que uma parte dela lhe fosse parar aos bolsos. Achava ofensivo que muitos dos mais ricos explorassem os pobres, pagando-lhes uma ninharia para lhes lavarem a roupa, lhes cortarem a lenha e fazerem uma série de outros trabalhos servis. Quando o Zarolho lhe ordenava que expulsasse do *saloon* pessoas que ali ficavam horas seguidas a fazer durar uma bebida para aproveitarem o calor, recusava. Sabia que alguns daqueles homens iam morrer de frio nas suas tendas e cabanas sem aquecimento, e era sua opinião que o Zarolho deveria dar provas de alguma caridade cristã.

Tinha havido muitos conflitos entre os dois, pois o Zarolho não tinha ponta de respeito pela honestidade nem pela humanidade de Jack.

– Tenho de me ir embora – anunciou finalmente Jack a Beth numa noite de Novembro, depois de o bar ter fechado. – Senão, um destes dias perco a cabeça e dou cabo do Zarolho. Deita água nas bebidas, transformou as raparigas em prostitutas e fica com a maior parte do que elas ganham, e desconfio que os jogos estão viciados. Não aguento continuar a fazer parte disto.

Também Beth ficara horrorizada quando as quatro raparigas tinham

começado a escapular-se até aos quartos do primeiro piso acompanhadas por homens, porque apesar de nenhuma delas ser uma virgem inocente quando Theo as contratara, também não eram prostitutas. Dolores, que lhe fazia confidências, dissera-lhe que o Zanolho ameaçara despedi-las se recusassem ir para a cama com qualquer homem sempre que ele o ordenasse.

Tinha as raparigas à sua mercê, e Beth sentia muita pena delas. Nenhuma era particularmente bonita ou sequer inteligente, e todos os outros *saloons* tinham a sua quota de raparigas, de modo que não encontrariam trabalho em mais nenhum lugar. O melhor que podiam esperar era que um dos mineiros as levasse como « esposa de Inverno », para lhe aquecer a cama e cozinhar para ele. Mas uma cabana fria e primitiva nos limites da cidade, sem dinheiro e com um homem que não amavam, era provavelmente tão mau como ser prostituta.

– Para onde vais? – perguntou a Jack. A perspectiva de ele se ir embora era como estarem a apertar-lhe uma fria cinta de aço à volta do coração. Julgara ter ultrapassado a perda de Sam e de Molly, mas quando Theo a deixara fora como se todos os seus desgostos passados tivessem voltado ao mesmo tempo. Sem Jack, o seu único verdadeiro amigo, não teria aguentado, talvez até tivesse tentado acabar com tudo, como outras mulheres abandonadas tinham feito em Dawson.

Mas há semanas que sabia que Jack odiava e desprezava o Zanolho, e seria errado tentar fazê-lo ficar só por causa dela.

– Para o Bonanza. – Jack encolheu os ombros. – Há lá muito trabalho.

– Mas é uma vida muito dura – protestou ela.

– Não tão dura como fazer vênias ao velho Zanolho – respondeu ele, com um sorriso. – Voltarei quando o gelo derreter, na Primavera, e, se entretanto nenhum homem bonito e rico te tiver apanhado, talvez estejamos os dois prontos para voltar ao exterior.

Beth sorriu debilmente. Percebeu, pelo brilho nos olhos de Jack, que ele estava na realidade a apreciar a ideia de trabalhar em Bonanza Creek. Nunca tivera medo do trabalho nem de condições duras, e tinha muito mais em comum com muitos dos mineiros do que com os jogadores, parasitas e os peralvilhos ali de Dawson. Fora só a influência de Theo que o levara a trabalhar num *saloon*, e na verdade valia muito mais do que isso.

– Perdi todo o interesse no amor, mas sei que vou ter imensas saudades tuas. – Beth estendeu os braços para o abraçar. – Tem cuidado contigo, e manda notas por alguém, para que eu saiba como estás.

Jack partiu dois dias mais tarde com um mineiro chamado Cal Burgess, num trenó puxado por cães. Beth foi até à beira do rio gelado para lhe acenar adeus, a sorrir apesar de lhe apetercer chorar. Os malamutes ladravam furiosamente e puxavam pelos tirantes, ansiosos por correr. Quando Cal subiu para a parte de trás do trenó e lhes deu o sinal, saltaram para a frente.

Jack voltou-se, o rosto meio escondido pelo capuz forrado a pele de lobo, a mão enluvada erguida, mas Beth adivinhou, pela linha estreita e recta que os lábios dele formavam, que estava preocupado por deixá-la.

Tinha sido horrível quando Theo a abandonara. Sentira-se exposta, humilhada, todos os seus sonhos e esperanças despedaçados. Mas fora capaz de analisar a relação entre os dois, fazer a lista dos muitos defeitos e falhas passadas dele e ver por si mesma que sempre estivera à espreita da grande oportunidade. Deveria ter sabido desde o princípio que nunca poderia confiar totalmente nele.

Agora, porém, não havia estes sentimentos para contrabalançar a tristeza que a partida de Jack lhe causava. Recordava-o a cada hora, a cada momento. Enquanto fazia a primeira chávena de café do dia, imaginava a cara sonolenta dele todas as manhãs, as faces e o queixo escurecidos pela barba, a rasgar-se num sorriso quando ela o acordava. E mais tarde, quando o *saloon* abria, lembrava-se de como, nos tempos mortos, costumava ir sentar-se num dos bancos do bar a conversar com ele e a vê-lo arrumar as prateleiras e limpar os copos.

Havia piadas que partilhavam a respeito de clientes. Jack conseguia transmitir-lhe uma mensagem a respeito de um nariz muito grande, um defeito na fala, um mentiroso compulsivo ou qualquer outra coisa com um simples sorriso ou uma sobrancelha arqueada. Por vezes, não conseguiam conter o riso e tinham de esconder-se atrás do balcão ou correr para as traseiras, com medo de que lhes exigissem uma explicação.

Mas era à tarde que mais sentia a falta dele, pois iam sempre os dois jantar juntos por volta das seis. Ela mudava de roupa e arranjava o cabelo quando voltavam, e mais tarde, quando entrava no *saloon* para tocar, ele lançava-lhe um assobio de apreciação. Estava sempre presente, sempre a admirá-la, sempre a apoiá-la, sempre o amigo que nunca a abandonaria, sempre disposto a ouvi-la a qualquer hora do dia ou da noite, feliz por sentar-se a seu lado em silêncio quando era isso que ela queria.

E quando olhou para trás, apercebeu-se de que sempre assim fora. Se ele não a tivesse animado a ir ao Heaney's, talvez nunca tivesse chegado a tocar em público e em vez disso tivesse arranjado trabalho numa loja. Não se fora abaixo quando ela o trocara por Theo, e apesar de todas as raparigas que tivera, e tinham sido muitas, nunca deixara que se intrometessem entre os dois.

Dera-lhe força e consolo quando ela perdera o bebé e assumira o controlo de tudo em Skagway. Fora ele que os levara até ao alto de Chilkoot Pass. Partilhara o desgosto dela pela perda de Sam e compreendia o que ela sentira quando Molly morrera. Partilhara até a sua dor quando Theo a abandonara.

Agora, porém, partira para fazer a sua própria vida, e por muito que lhe sentisse a falta, Beth estava contente por ele. Já passara demasiado tempo a apoiá-la a ela, a Sam e a Theo; chegara a altura de usar toda a energia e

capacidade que tinha em seu próprio proveito.

Compreendeu que também ela tinha de fazer o mesmo.

A partir do momento em que conhecera Theo e se apaixonara por ele, entregara-lhe praticamente as rédeas da sua vida. Nunca fizera uma pausa para se interrogar se queria na verdade fazer parte dos grandes planos dele; na realidade, perdera a capacidade de fazer os seus próprios planos. Em retrospectiva, parecia-lhe impossível que tivesse percorrido tantos milhares de quilómetros, suportado tantas provas e privações, só para estar com ele.

Certa manhã, várias semanas depois de Jack ter partido, estava a escovar o cabelo no quarto quando de repente lhe ocorreu que o Zanolho estava a usá-la do mesmo modo que Heaney fizera em Nova Iorque. Aceitar o dinheiro que era posto no chapéu todas as noites e estar agradecida por poder conservar o quarto era fazer o jogo dele. Estava a ser explorada, e se não tivesse cuidado arriscava-se a ficar apanhada como Dolores e as outras raparigas.

Ganhava duzentos dólares ou mais por semana, mas o elevado preço de tudo em Dawson depressa lhe reduzira o pé-de-meia, porque tinha comprado vestidos novos, um casaco de peles para a aquecer quando saía e umas botas forradas a pele.

No inebriamento de ter chegado até ali e fazer parte da loucura que era Dawson, perdera de vista a razão que os levava a tentar a arriscada viagem. O plano inicial fora fazer fortuna.

Theo conseguira-o, mas tudo o que ela tinha para mostrar depois de tanto trabalho era uma poupança de cento e sessenta dólares. Que não iam levá-la muito longe.

– Vá lá, querida, dá-me um beijo!

Beth recuou, horrorizada, quando o Zanolho tentou ebbriamente agarrá-la. O homem vestia o seu fato aos quadrados amarelos e pretos, o colete tão apertado no tronco que, por baixo dele, a barriga se projectava para fora. Tinha o rosto vermelho e brilhante de suor e o hálito fedia a álcool.

Eram quatro da manhã e fora uma noite muito animada, com um jogo de póquer em que se apostara forte. Como de costume, o Zanolho passara a noite sentado a uma mesa a beber com os amigos, só se mexendo para mandar servir mais bebidas, ordenar a um dos empregados que expulsasse um bêbedo ou acariciar uma das prostitutas de Paradise Alley que, ultimamente, tinham começado a frequentar o *saloon*.

O jogo de póquer acabara uma hora antes. Os jogadores tinham ido para casa e os únicos clientes que restavam eram seis ou sete homens tão embriagados que ou estavam a dormir com as cabeças apoiadas nas mesas ou a balouçar-se precariamente sentados nas cadeiras.

O actual *barman*, conhecido como Sly, um nome apropriado para um homem

que, Beth tinha praticamente a certeza, metia ao bolso o preço de muitas bebidas, estava a tentar fechar a porta para poder ir para casa. Pedira a Beth que o ajudasse, e fora quando sugerira ao Zarolho que corressem com os bêbedos que ele se pusera de pé.

Mas não corra com ninguém; em vez disso, tentara agarrá-la.

Subitamente, Beth soube que tinha de manter-se firme e mostrar quem era.

– Não se aproxime, seu patife nojento – cuspiu-lhe. – Não sou uma das suas mulheres. Atreva-se a tocar-me e vai arrepender-se.

– Se voltas a falar-me nesse tom, ponho-te na rua – disse ele, a arrastar as palavras.

Ela limitou-se a lançar-lhe um olhar carregado de desprezo, ao ver que mal conseguia manter-se de pé, e dessa vez lembrou-se de que era uma figura popular na cidade, ao passo que ele era alvo de chacota.

– Ponha esses desgraçados na rua e vá para casa – disse. – Amanhã falamos.

Voltou-lhe as costas e correu escada acima até ao quarto, fechando a porta à chave. Duvidava que o Zarolho fosse para casa ou pusesse os bêbedos na rua porque, apesar de toda a sua conversa, era um homem fraco. O mais certo era ainda lá estarem de manhã, a dormir no chão.

Dezembro tinha chegado e o frio era tanto que a neve nas ruas era dura como pedra e respirar fazia doer os pulmões. A única razão que a levava a adiar a implementação do plano que traçara duas semanas antes fora o facto de o quarto por cima do Golden Nugget ser quente e confortável. Sentia-se segura lá, apesar de odiar o Zarolho. Mas essa segurança tinha desaparecido, agora que ele se convencera de que ela era sua propriedade. Não duvidava de que seria bem capaz de a dominar à força, ou até de gizir um plano qualquer para a implicar num acto criminoso como vingança por ela o ter repudiado.

Pouco dormiu durante o que restava da noite, pois cada rangido do edifício fazia-a temer que fosse ele a subir a escada. Às nove da manhã, desistiu de tentar dormir e levantou-se.

Desceu ao *saloon*, onde encontrou os homens estendidos no chão, inconscientes. O Zarolho, ainda agarrado a uma garrafa de *whisky*, tinha a boca aberta e ressonava ruidosamente. O fedor quase a fez engasgar-se; não era só o vomitado no chão, era qualquer outra coisa ainda mais repugnante.

Fechou a porta que dava para a escada, enfiou o casaco e o barrete de pele e saiu pelas traseiras.

Jurara a si mesma tentar nunca mais pensar em Theo, mas não pôde impedir-se de imaginar o horror dele se visse o que acabava de ver. Theo sempre respeitara rigorosamente o princípio de recusar mais bebida a homens que já não soubessem o que estavam a fazer. Se um dos clientes estava à beira de cair, pedia aos amigos que o levassem para que curasse a bebedeira em casa. Nunca permitiria que alguém ficasse a dormir embriagado no chão do seu *saloon*.

Era demasiado cedo para que os *saloons* estivessem abertos, de modo que foi a um café em King Street e pediu o pequeno-almoço.

Às onze horas, entrou no Monte Carlo.

– Gostaria de falar com Mr. Fallon – disse ao rapaz que varria o chão. – Diga-lhe que é a Cigana.

O Monte Carlo mudara várias vezes de mão desde Junho, quando ela lá tocara, e cada novo proprietário tinha-o embelezado com espelhos, candelabros, quadros e alcatifas. O actual dono, John Fallon, era, dizia-se, um cavalheiro sulista, com planos ainda mais grandiosos para o local. Beth não o conhecia, mas estava a contar que ele já tivesse ouvido falar dela.

– Ainda está a dormir – disse o rapaz.

– Então acorde-o – replicou ela, secamente. – Tenho outras pessoas com que falar esta manhã.

O rapaz desapareceu nas traseiras e Beth ouviu os passos dele ressoarem na escada. Minutos mais tarde, ouviu-o voltar a descer, e o seu coração afundou-se porque assumiu que Fallon lhe tinha dito que não se levantava fosse para quem fosse.

Para sua surpresa, porém, não era o rapaz e sim um homem de trinta e muitos anos. O cabelo louro estava despenteado e vestia um roupão de cetim por cima de uma camisa sem colarinho, bastante suja.

– John Fallon às suas ordens, minha senhora – disse ele, pegando-lhe na mão e beijando-a. – Perdoe o meu aspecto. Soubesse eu que a Rainha Cigana do Klondike vinha visitar-me e estaria todo aperaltado, pronto para a receber.

Beth ficou encantada por descobrir que os rumores que ouvira correspondiam à verdade: John Fallon era um verdadeiro cavalheiro.

– Eu é que peço desculpa por vir tão cedo – disse.

– É uma honra conhecê-la, minha senhora. – Fallon sorriu. – Sou um grande apreciador da sua música. Muitas vezes me deixei ficar à porta do Golden Nugget a ouvi-la tocar. Na Virgínia temos muitos bons violinistas, mas não acredito que alguma vez tenha ouvido um melhor.

O coração de Beth começou a bater um pouco mais depressa.

– Obrigada, senhor – disse, ofegante. – Nesse caso, talvez tenha vindo ao lugar certo. – O rasgado sorriso dele e o interesse que lhe lia nos olhos azul-claros eram garantia suficiente para lhe dar coragem. – É que ando à procura de um outro lugar onde tocar, e o Monte Carlo convir-me-ia, desde que aceitasse as minhas condições.

– E se me dissesse quais são? – pediu ele, o sorriso a desvanecer-se num esgar matreiro.

– Cinquenta dólares por noite mais o que os clientes puserem no chapéu. E um quarto.

Ele inspirou por entre os dentes.

– Cinquenta dólares por noite é muito. Poderia ir até aos vinte e cinco.

Beth entrara ali disposta a aceitar quinze, mas o facto de lhe terem oferecido mais reforçara-lhe a confiança.

– Nesse caso lamento, Mr. Fallon, mas não posso tocar para si – disse e, voltando-se, fez menção de dirigir-se à porta.

Preparava-se para a abrir quando ele tossicou.

– Talvez possa ir até aos trinta e cinco.

– Ora vamos, Mr. Fallon, não quer que eu vá tocar para o Criterion, pois não? Quarenta e cinco e não falo com mais ninguém. Desde que o quarto que me der seja bom.

Ele hesitou apenas um segundo.

– Combinado – avançou para lhe apertar a mão. – Quando é que pode começar?

– Quando é que o meu quarto fica pronto?

– Uma hora? – sugeriu ele.

Beth assentiu.

– Tem alguém que possa acompanhar-me até ao Golden Nugget para ir buscar as minhas coisas? Receio que o Zarolho não aceite bem a minha saída.

– Irei eu próprio, minha senhora – respondeu ele, com um grande sorriso. – Dê-me cinco minutos para me vestir convenientemente.

Foi um momento deliciosamente satisfatório ver a expressão de puro assombro do Zarolho quando encontrou John Fallon na escada a transportar um braçado de vestidos de Beth.

– Pa...para onde vai com isso? – gaguejou.

– Para a minha casa – respondeu Fallon alegremente. Voltou-se para Beth, que descia atrás dele. – Já tem tudo?

– Tudo o que é importante para mim – respondeu ela, sorrindo ao Zarolho. Levava o estojo do violino numa mão e o saco de viagem com o resto das suas coisas na outra. – Agora já pode alugar o meu quarto a mais um par de prostitutas. Vai precisar de uma nova atracção, sem mim para convencer as pessoas a entrar.

– Não podes deixar-me assim pendurado – protestou o Zarolho.

– Ora vamos, Mr. Donahue – disse Beth, num tom suave. – Clientes que cagam nas calças e vomitam no chão não querem saber de música de violino para nada, e agora pode transformar a casa toda num bordel. Vai safar-se bem.

Teve o prazer acrescido de saber que Dolores, uma das maiores coscuvilheiras de Dawson, estava no alto da escada a ouvir tudo. Quando a noite chegasse, a história seria conhecida em toda a cidade.

O Zarolho fez uma tentativa de impedir Fallon de sair pela porta das traseiras,

mas o outro empurrou-o para um lado.

– Não se esqueça de mandar lavar o chão antes de abrir – disse Beth, ao passar por ele. – Caso contrário as pessoas podem pensar que se espalhou pelo chão!

– O Lorde devia estar mal da cabeça para a deixar – disse Fallon, enquanto levava os vestidos de Beth para um dos quartos da frente do Monte Carlo. – Foi admiravelmente digno, o modo como pôs o Zanolho no lugar.

– O meu tempo no Golden Nugget chegou ao fim – respondeu Beth. – Preferia não falar mais no assunto.

Fallon pôs os vestidos em cima da cama e sorriu.

– Por mim, tudo bem, e penso que devíamos beber uma taça de champanhe para celebrar um novo começo.

– Seria bastante agradável – disse Beth, retribuindo o sorriso. Gostava do aspecto daquele homem e gostava da maneira como ele falava. Estava determinada a, de futuro, deixar de olhar para trás e aproveitar ao máximo as oportunidades que lhe surgissem.

*

O Monte Carlo estava cheio a abarrotar naquela noite, e quando Beth espreitou por cima da balaustrada antes de descer para tocar, calculou que a última história a seu respeito já circulava, ganhando um pouco mais de drama cada vez que era contada.

Fallon mandara afixar cartazes a anunciar que ela tocaria ali naquela noite, e o jovem Tom acabava de informá-la de que tinha passado pelo Golden Nugget e que só lá havia três ou quatro clientes.

La ganhar muito dinheiro ali. Tinha o melhor quarto da casa, com colchão de penas na cama e um toucador suficientemente grande para a rainha do Sabá. Até havia electricidade, e a casa era quente como uma torrada.

Theo já não passava de uma pequena dor. Podia muito bem viver sem ele.

Quando voltou ao quarto para ir buscar o violino, viu-se no comprido espelho do patamar. O cabelo brilhava como alcatrão molhado; os olhos chispavam de excitação e tinha as faces encantadoramente rosadas. Com o vestido de cetim púrpura enfeitado com folhos de renda preta que mandara recentemente fazer a uma costureira, as mitenes de renda preta que lhe chegavam aos cotovelos e uma flor púrpura nos cabelos, sabia que estava espectacular.

– Usa-o para teu proveito – murmurou para si mesma. – Sê a Rainha Cigana!

Durante todo o resto de Dezembro, até ao Ano Novo de 99, Beth triunfou no Monte Carlo. Tocava duas vezes por noite, uma hora de cada vez, mas não era invulgar acompanhar outros músicos. John Fallon gostava que ela se misturasse com a clientela, e era uma festa quase todas as noites.

A Passagem do Ano e o vigésimo segundo aniversário dela, mais tarde em Janeiro, foram pontos altos, porque Fallon deu uma festa privada para celebrar o Ano Novo e para a qual convidou as pessoas mais ricas e influentes da cidade, e no aniversário dela organizou outra especial, oferecendo-lhe uma pulseira de ouro.

Beth sentiu, pela maneira como ele lha colocou no pulso e lhe beijou a mão, que a desejava, e ficou encantada ao descobrir que também o desejava, porque isso significava que estava definitivamente livre de Theo.

Não andava à procura de um caso amoroso a sério, mas estava pronta para uma pequena aventura. Não imediatamente – primeiro queria tirar bem as medidas a Fallon –, mas entretanto podia namoriscar com ele.

Por vezes, nos escuros e gelados dias de Janeiro e Fevereiro, chegava a sentir-se satisfeita por Theo ter partido, porque se ele ainda ali estivesse nunca teria descoberto como era forte e independente. Assumira o controlo da sua própria vida, era uma lenda viva em Dawson, e sabia que para onde quer que decidisse ir depois daquilo, teria confiança e crença em si mesma suficientes para ser bem-sucedida.

Em princípios de Maio, decidiu que chegara a altura de ter uma noite de amor. Há várias semanas que tinha dificuldade em pensar noutra coisa, acordando muitas vezes de noite a meio de um sonho erótico.

Em Dawson, a lei impunha que, nas noites de sábado, tudo fechasse à meia-noite, e, desde que Beth se mudara para o Monte Carlo, Fallon abria sempre uma garrafa de champanhe depois de as portas estarem fechadas e convidava Beth a juntar-se a ele.

Tinha andado a poupar o mais que podia desde que começara a tocar no *saloon*, mas como queria estar particularmente bonita para Fallon, encomendara a uma costureira um novo vestido vermelho. O corte imitava o estilo dos vestidos das bailarinas de flamenco, com um fundo decote, mangas com folhos, cingido do corpete até aos joelhos, onde a saia rodava em camadas sucessivas de folhos até aos pés.

Era um vestido sensacional, que ela nunca se teria atrevido a usar em qualquer outro lugar senão Dawson, e parte do prazer residia em saber que era ousado e faria arquear muitas sobrancelhas. Sabia que as pessoas continuavam a coscuvilhar a respeito de Theo a ter deixado, e talvez aquele vestido provasse que tinha conseguido esquecê-lo. Sabia que tinha, porque enquanto vestia a roupa interior, de seda e renda, só pensava em Fallon a desapertar atilhos e botões, e

estes pensamentos fizeram-na corar.

Tocou só para ele toda a noite. O *saloon* estava apinhado de clientes, todos a olhar para ela no seu pequeno palco, a marcar o compasso com os pés, a bater palmas, a sorrir. Mas os olhos escuros dela continuavam fixos nele, de pé no extremo do balcão. Não era arrebatadoramente bonito como Theo; a pele era pálida, as feições vulgares e os olhos de um azul deslavado. Mas tinha estilo. Naquela noite, usava um colete de seda verde-mar por baixo do casaco escuro, as mãos dele eram macias e bem tratadas, e o sorriso que tinha nos lábios era só para ela.

– Está muito bonita esta noite – disse Fallon enquanto lhe entregava uma taça de champanhe na sala privada, depois de o *saloon* ter fechado. – E esse vestido novo fica-lhe muito bem.

A sala era pequena, sem espaço para mais do que um sofá em frente da lareira, uma grande secretária de madeira envernizada e uma cadeira e um cofre cheio de papéis. Fallon geria o *saloon* a partir dali, e a divisão contígua era o seu quarto de dormir.

– Obrigada, Mr. Fallon – disse ela, com um sorriso.

– John – pediu ele, de costas para a lareira. – Dificilmente conseguirei seduzir uma senhora que me trata por Mister.

– Tenciona então seduzir-me? – perguntou ela, maliciosa.

– Desde a primeira vez que a vi entrar no meu *saloon* – sorriu. – Mas sinto que esta noite está a fazer-me sinal para avançar. Engano-me?

– Uma senhora admitiria uma coisa dessas?

– Se fosse franca como a Beth, sim.

Ela pôs-se de pé e pousou a taça em cima da secretária. – Nesse caso, talvez seja melhor beijar-me – disse.

Tinha dedicado muito tempo a estudar-lhe a boca, recentemente. Era, na realidade, a melhor feição dele. Os lábios eram bem desenhados e cheios, com os cantos voltados para cima, quase como se estivesse sempre a sorrir. Esperava que isso significasse que era bom a beijar.

Ele pousou-lhe as mãos na cintura e puxou-a para si, a olhar-lhe para o rosto sorridente.

– Espero que não esteja só a provocar-me!

Beth não respondeu, porque os lábios dele baixaram para os dela e os braços dele enlaçaram-na.

Era bom a beijar, nem demasiado insistente nem demasiado hesitante, e quando a língua dele se insinuou entre os lábios, Beth sentiu-se zozza de desejo.

As paredes do Monte Carlo não passavam de finas divisórias de madeira, e os

sons dos vários residentes a conversarem, rirem e divertirem-se lá em baixo eram um pouco desconcertantes. Beth receou que ouvissem a sua respiração ofegante quando John a fez recuar até a deitar no sofá, sem parar de a beijar. Quando ele enfiou a mão no corpete, lhe libertou os seios e os beijou, teve de abafar um gemido de prazer.

– Belos seios – murmurou ele, lambendo os mamilos com a ponta da língua. – Há muito tempo que sonhava fazer isto.

A mão dele deslizou por baixo da saia dela, acariciando a pele macia acima das meias, insinuando os dedos debaixo das cuecas até encontrar o sexo.

– Tão húmida – voltou a sussurrar. – Acho que devias estar a desejar-me muito.

Beth esqueceu as pessoas que pudessem estar a ouvir, porque John estava fazer-lhe coisas com os dedos que a faziam querer gritar como era bom. Mas também foi rude para com ela, levantando-lhe as saias de modo a poder ver-lhe o corpo, o que a fez sentir-se imoral e devassa.

Possuiu-a ali no sofá, enquanto estavam os dois ainda vestidos, penetrando-a com uma força que a chocou e ao mesmo tempo a excitou.

– Desculpa, não foi muito galante da minha parte – disse ele, quando acabou. – Por favor, perdoa-me.

– Não tens nada de que pedir desculpa – disse ela, porque apesar de não ter sido inteiramente satisfatório, fora muito bom.

– E ainda por cima amarrotei-te o vestido todo – continuou ele, com um ar preocupado.

– Engoma-se. – Beth riu. – Agora vamos para a tua cama, ou tenho de ir sozinha para a minha?

– Por favor, fica comigo – disse ele, voltando a beijá-la. – Quero provar que sou capaz de ser um amante sensível.

CAPÍTULO 33

–Acorda, John, passa-se qualquer coisa lá fora – disse Beth, sacudindo-lhe o braço com força. Tinham passado seis ou sete semanas desde a primeira vez que fora para a cama com John, e nunca ele lhe dera motivos para se arrepender. Mostrara-se capaz de ser um amante não só muito sensível como também extremamente assíduo. Procurava-a muitas vezes durante o dia, quando o bar lá em baixo estava cheio de gente, entre as duas actuações dela à noite, e ainda estava pronto para mais quando finalmente fechava o *saloon*, já perto do amanhecer.

Para Beth, era exactamente do que estava a precisar. Já quase nunca pensava em Theo, e quando o fazia era mais com uma ligeira diversão do que com mágoa. Fizera muitos novos amigos, tinha dinheiro de parte para o futuro, e, como só trabalhava à noite, podia ajudar no hospital durante o dia.

Continuava a sentir a falta de Jack, mas, uma ou duas vezes por mês, havia sempre alguém que vinha do Bonanza e lhe levava uma carta dele. Trabalhava para Ed Osborne, um velho garimpeiro afectuosamente conhecido como Avestruz ou Oz, porque quase nunca saía da sua parcela. Beth sabia que Jack era feliz porque as cartas dele estavam cheias de pequenas histórias divertidas a respeito dos mineiros que ia conhecendo.

Beth estava perfeitamente contente. A sua relação com John era construída com base numa paixão mútua, mas não sentia a necessidade de disfarçá-la de amor, ou de esperar que tivesse um futuro. John tinha uma mulher e três filhos na Virgínia e fora totalmente honesto desde o princípio a respeito de vender o Monte Carlo em meados do Verão e regressar a casa.

– Está sempre a acontecer qualquer coisa lá fora – disse John sonolentemente, tentando puxá-la para si. – Vem dormir.

Beth preparava-se para voltar a aninhar-se junto dele quando ouviu alguém gritar « Fogo! » . No mesmo instante, estava fora da cama e à janela.

Tudo o que viu foi um clarão dourado ao longo de Front Street, mas foi o suficiente. Dessa vez, bateu em John com os punhos, pois vira, em 98, com que rapidez um incêndio podia alastrar. Naquela noite, os hotéis Greentree e Worden e a estação de correios tinham ardido, e fora preciso deitar abaixo outros edifícios para evitar que o incêndio se propagasse ao resto da cidade.

John correu a acordar toda a gente no Monte Carlo, enquanto Beth vestia as suas roupas mais quentes, pois lá fora a temperatura era de quarenta graus negativos.

Com o coração a martelar-lhe o peito, Beth correu ao lado de John em direcção ao fogo. Entretanto, a maior parte dos residentes e proprietários de Front Street estava na rua, os homens a organizarem-se para quebrar o gelo do rio para terem água. Toda a gente perguntava onde estava a bomba de incêndio, comprada no ano anterior. Mas, aparentemente, os bombeiros recém-treinados estavam em luta por melhores salários e ninguém cuidara de manter acesas as caldeiras dos motores.

Beth via, horrorizada, os homens acenderem grandes fogueiras no rio para derreter o gelo e chegarem à água, mas estava a demorar demasiado tempo, e o fogo saltava de edifício para edifício, devorando tudo no seu caminho.

Finalmente, os bombeiros chegaram com mangueiras e as bombas começaram a funcionar. Beth viu as mangueiras começarem pouco a pouco a inchar à medida que sugavam a água e, como toda a gente, pensou que em breve o fogo estaria controlado. Mas então, com um som arrepiante e para horror da multidão reunida, as mangueiras rasgaram-se, porque a água que continham congelara e aumentara de volume.

Beth viu Tom Chisholm, proprietário do Aurora, tapar a cara com as mãos quando as chamas começaram a alastrar ao seu *saloon*.

– Que se pode fazer? – gritou ele.

– Rebentem os edifícios à frente do fogo – ordenou o capitão Starnes, da polícia montada, mandando imediatamente uma equipa com um trenó e cães ir buscar explosivos.

Apareceram milhares de pessoas dispostas a ajudar. Todas as carroças e trenós foram requisitados para retirar artigos e bens do interior dos edifícios condenados que se situavam no caminho do fogo. Houve até quem entrasse em lugares que as chamas já devoravam para tentar resgatar o que pudesse ser salvo.

– Dou mil dólares para salvar o meu banco! – gritou David Doig, o director do Bank of British North America. Mas a oferta foi em vão, porque não tardou que o banco fosse engolfado, juntamente com dúzias de *saloons* e salas de baile.

A cidade inteira estremeceu com a força das explosões de dinamite, e Beth viu homens que sabia serem muito duros chorarem sem reboço enquanto as suas propriedades crepitavam e eram consumidas pelo fogo.

John estava a ajudar a ensopar mantas na água do rio para tentar salvar o Fairview, o melhor hotel de Dawson, no extremo norte da cidade, e então voltou a sua atenção para as prostitutas de Paradise Alley, de cujas periclitantes barracas as chamas se aproximavam. Muitas das raparigas tinham saído quase nuas, a gritar de medo, mas então, estupidamente, tentaram voltar a entrar para salvar as suas roupas e posses.

Com a ajuda de alguns homens, muitos dos quais despiram os casacos para as cobrir, Beth conseguiu levá-las para um lugar seguro.

A noite estava tão fria que muitas das pessoas que estavam a ver o fogo só sentiam o calor das chamas quando os seus casacos começavam a ficar chamuscados. Barris de *whisky* explodiam em chamas e o seu conteúdo derramava-se na neve, congelando instantaneamente. O terrível calor derreteu o ouro guardado no cofre do banco, bem como as jóias e outros tesouros lá depositados.

Finalmente, não havia mais nada que alguém pudesse fazer senão ficar a contemplar aquele inferno, na esperança de que os corta-fogos criados com a demolição dos edifícios sacrificados fosse o bastante para o conter.

John procurou Beth, e ficaram juntos o mais perto que ousaram do Monte Carlo, que, até ao momento, mal fora tocado. Com os rostos enrubescidos pelo calor do braseiro, as costas geladas e os pulmões cheios de fumo, não conseguiam sequer falar do desastre. A maior parte de Front Street, incluindo o Golden Nugget, com todas as suas recordações, tinha desaparecido. Beth vira fugazmente o Zarolho a andar de um lado para o outro, a apertar a cabeça com as mãos e a soluçar que estava arruinado, e conseguiu até ter pena dele.

Quando a luz do dia conseguiu finalmente atravessar a nuvem de fumo, viram que todo o coração da zona comercial de Dawson fora destruído. Salvou-se o Fairview Hotel, no extremo norte da cidade, e o Monte Carlo, crestado pelo fogo, no extremo sul. Entre eles, onde antes houvera tanta alegria, luz e calor, havia agora um buraco negro. Um ou outro pilar calcinado erguia-se ainda no meio de um leito de cinza cinzenta, e foi o espectáculo mais desolador que Beth alguma vez contemplara.

*

Não houve alegria por o Monte Carlo se ter salvado, porque a escala do

desastre era demasiado devastadora, com milhares de desalojados e arruinados. John e Beth acolheram centenas de pessoas, deixando-as deitarem-se onde conseguissem arranjar espaço e fornecendo-lhes café e a comida que foi possível reunir.

No Fairview, centenas de outros desalojados acamparam no átrio. Mais tarde nesse dia, disse-se que tinham ardido cento e dezassete edifícios e que os prejuízos ascendiam a mais de um milhão de dólares.

Mas as gentes de Dawson eram tão robustas de espírito como de corpo. Volvidas menos de doze horas, Tom Chisholm tinha erguido uma grande tenda no lugar do seu antigo *saloon* e reabriu o Aurora antes ainda de a cinza ter tido tempo de assentar completamente. Foi o sinal para todos os outros. Um ou dois dias depois, o familiar som das serras a cortar madeira e dos martelos a espetar pregos voltou a fazer-se ouvir, e os grandes cavalos de tiro puxavam as carretas carregadas de tábuas vindas das serrações.

Beth passara o tempo a cozinhar grandes panelões de sopa e de guisado para os que tinham perdido casa e bens. Arrastava um trenó pelas ruas da cidade a pedir pão, carne e vegetais àqueles que tinham reservas, e organizava recolhas de roupas, botas e mantas.

John mostrara-se muito activo nos dois dias seguintes ao incêndio, e Beth não estranhara o facto de ele não a procurar à noite, porque, com o *saloon* apinhado de gente a dormir no chão, não era o mais apropriado.

Mas, de repente, apercebeu-se de que ele andava a agir de uma maneira estranha. Via-o muitas vezes parado de pé no passeio chamuscado pelas chamas a olhar para o buraco negro no coração da cidade, e não falava com ninguém, muito menos com ela.

Ao princípio, andava demasiado ocupada com as recolhas de comida e roupas para se preocupar muito com ele. Mas à medida que os dias passavam, e toda a gente juntava esforços e fazia planos para reconstruir a cidade, enquanto ele continuava ali sozinho e calado durante horas a fio, começou a ficar intrigada e irritada.

Afinal, não tivera prejuízos. Havia até mais movimento do que antes do incêndio, e agora que a maior parte dos desalojados arranjava outros lugares onde ficar e tinha deixado o Monte Carlo, o pessoal precisava de ser dirigido.

Certa tarde, oito dias depois do incêndio, regressava do hospital quando o viu novamente parado no passeio. Reparou que estava desarranjado, com a barba por fazer e ainda com as mesmas calças, camisa e casaco que vestira depois do fogo.

Quando ela subiu para o passeio, ele olhou na sua direcção, mas não falou ou sequer sorriu.

– Que se passa? – perguntou Beth. – Estás doente?

– Não, não estou doente – respondeu ele, mas não havia luz nos seus olhos.

– Então vem para dentro comigo, está muito frio aqui fora – disse ela, pousando-lhe a mão no braço.

Ele sacudiu-a, como se o tivesse queimado.

– Diz-me o que foi que fiz para te ofender – pediu Beth, confusa. – É por ter andado pela cidade a ajudar as pessoas? Achas que estou a negligenciar-te a ti e ao *saloon*?

– Não é isso. – John lançou-lhe um olhar suficientemente frio para a gelar. – O incêndio. Foi o Senhor a mostrar-me como tenho pecado.

– Mas foste poupado! – exclamou ela, estupefacta.

– Precisamente. É o Senhor a dizer-me: « Não peques mais. » Será que não vês?

De repente, Beth percebeu aonde ele queria chegar.

– Queres dizer comigo? – perguntou, incrédula.

Ele assentiu.

– Eu sabia que era adultério, mas não fui capaz de resistir à tentação.

Beth teve vontade de rir, porque toda aquela história de santidade lhe parecia uma piada; nunca ele lhe dissera que tinha qualquer espécie de convicções religiosas profundas. Mas conteve-se a tempo ao recordar como ele começara a rezar em voz alta enquanto os homens tentavam acender fogueiras para derreter o gelo do rio. Parecera-lhe estranho, na altura, mas, mais tarde, quase toda a gente admitira ter rezado fervorosamente, e ela supunha que também o fizera, em silêncio.

– Esta cidade é como Sodoma e Gomorra – continuou ele, a voz monocórdica e desalentada. – Agora o Senhor destruiu-a para nos mostrar o vício que aqui residia.

Beth tinha ouvido o suficiente. Sempre o achara bastante formal e pomposo, não o género de homem capaz de fazer uma mulher rir ou sequer um grande conversador. O que gostara nele fora o modo como fazia amor e as boas maneiras, e agora o sexo era claramente uma coisa do passado e ele estava a insinuar que ela era a serpente no Jardim do Éden, e os dois tinham obviamente chegado ao fim do caminho.

– Vais então fugir, como Lot e a mulher – disse, a voz carregada de sarcasmo.

– Tem cuidado e não olhes para trás, não vás transformar-te numa estátua de sal.

– Também tu farias bem em pensar nos teus pecados – disse ele, num tom de censura. – Seduzes os homens com a tua música demoníaca.

Foi então que Beth riu. Não a surpreenderia ouvir uma frase como aquela em Inglaterra, mas era ridícula ali numa cidade de fronteira e vinda da boca de um homem que até uma semana antes não se cansava de fazer amor com ela.

– Se és assim tão religioso, porque foi que vieste para aqui e compraste um *saloon*?

– Acho que foi o Diabo que me tentou a afastar-me do Senhor.
– Nesse caso, o melhor que tens a fazer é voltar a cair nas boas graças dele vendendo este lugar e doando o dinheiro aos pobres ou à Igreja – ripostou Beth. – Mas perdoa-me se não faço o mesmo. O teu maravilhoso Senhor levou-me os meus pais, o meu irmão e a minha irmã. Aprendi a só confiar em mim mesma.

*

Nessa noite, Beth ficou sozinha no seu quarto. Lá em baixo, o *saloon* estava a abarrotar de gente, por restarem agora muito poucos lugares onde as pessoas pudessem beber, e as vozes e os risos chegavam até ela. John dissera-lhe que não queria que ela tocasse, e era evidente, embora ele não o tivesse dito expressamente, que a queria fora do seu *saloon*.

Via a faceta engraçada da questão, pois nenhuma das dançarinas do teatro nem das raparigas do *saloon* era pura como a neve acabada de cair. Jogar, beber... tudo coisas pecaminosas, porquê então apontá-la a ela como fonte de todo o Mal? Quem lhe dera que Jack estivesse ali. Sempre soubera apreciar uma boa piada.

Podia, claro, ir para qualquer dos *saloons* que restavam em Dawson, que a receberiam a ela e à sua música de braços abertos. Mas o incêndio, e agora a estranha reacção de John, tinham-na feito perder o interesse em Dawson City.

Teria, no entanto, de esperar mais um mês até que o degelo lhe permitisse apanhar um vapor dali para fora.

Tirou o saco de viagem de baixo da cama, para contar as suas poupanças. Quando o abriu, a primeira coisa que viu foi a fotografia que os quatro tinham tirado em Skagway, pouco depois de terem chegado. Ainda nem tinham passado dois anos, mas parecia-lhe muito mais tempo. Tinham todos um ar tão jovem e fresco, e o fundo de montanhas atrás deles, pintado numa lona, que então lhes parecera maravilhoso, era agora simplesmente irrealista. Os rapazes tinham pedido emprestadas as espingardas que ostentavam ao ombro: no caso de Sam e de Jack, as primeiras armas de fogo em que pegavam. Ela usava um chapéu de palha e um vestido azul de gola alta com umas pequenas anquinhas. Na altura era suficientemente tola para pensar que aquele vestido, com um casaco por cima, seria adequado para a viagem.

Sorriu e passou um dedo pelo rosto severo e sério de Sam na fotografia. Deixara crescer a barba depois de a ter tirado, para lhe dar um ar mais duro, mas não resultara; continuara a parecer jovem e sonhador. Theo, com um colete bordado e um casaco bem cortado, parecia aquilo que era: um aristocrata jogador.

Jack era o único que sorria, quase como se já então soubesse o que aquelas montanhas lhes reservavam. Aprendera a disparar, tal como se esforçara por aprender tudo a respeito do trilho, e de construir cabanas e jangadas. Que estranho o facto de ele, que nunca sentira a febre do ouro, ter sido o único dos quatro a chegar aos campos auríferos.

Olhar para aquela fotografia fez acudir à cabeça de Beth um milhar de pequenas recordações. A terrível noite espremidos no hotel em Sheep Camp, e aquelas em que quase tinham morrido congelados no alto de Chilkoot Pass. Muita gente em Dawson passara por aquela horrível prova, mas todos se orgulhavam de a ter suportado, era como uma medalha de honra.

Beth preferia saborear as boas recordações: deslizar encosta abaixo no trenó em direcção a Happy Camp, e as grandes noites que tinham tido no lago Lindemann e no lago Bennett. Agora, Sam tinha morrido e Theo fora-se embora. Só restava Jack.

Voltou em pensamento ao segundo dia no navio que os levara até Nova Iorque, e sorriu à recordação da primeira conversa entre eles. Quem diria então que aquele rapaz escanzelado havia de tornar-se no seu mais querido amigo?

De repente, soube o que queria fazer. No dia seguinte, pediria a alguém que a levasse até Bonanza Creek. Queria ver os campos auríferos e Jack.

CAPÍTULO 34

Os cinco cães estavam impacientes por partir, a ladrar e a raspar com as patas a neve que cobria a superfície gelada do rio.

– Confortável? – perguntou Cal Burgess enquanto ajeitava melhor a pele de urso à volta dela.

Beth assentiu. Com um barrete de pele de lobo, um casaco de pele de guaxinim e várias outras camadas de roupa por baixo, sentia-se muito aconchegada.

A um sinal de Cal, os cães saltaram para a frente, e a cabeça de Beth balançava alarmanamente de um lado para o outro. Mas quando os animais acertaram o passo, a viagem tornou-se mais suave, e a fina camada de neve, levantada pelos patins do trenó, salpicava-a com uma leve poalha branca, como açúcar num bolo.

Emalara as suas coisas na noite anterior. Todos os vestidos que usava no *saloon* e as roupas, sapatos e botas mais elegantes tinham ido para dentro de uma caixa que naquela manhã deixara à guarda de uns amigos, proprietários de um restaurante. Tudo o mais que possuía estava no saco de viagem, e antes de partir comprara alguns luxos para Jack – bolo de fruta, marmelada, chocolate, fruta, um pedaço de cordeiro e outro de *bacon*, queijo e várias garrafas de *whisky*. Tinha o estojo do violino entalado no assento a seu lado e, não fora o encontro daquela manhã com John, estaria efervescente de excitação por ir ver o amigo.

Estava a fazer café, por volta das sete da manhã, quando John entrara na cozinha. Cheirara-lhe o *whisky* no hálito e, a julgar pelos olhos pesados e pela camisa amarrotada, bebera até perder o conhecimento e dormira vestido.

Oferecera-lhe café, mas a única resposta dele fora um olhar carregado, que significava que nem devia ali estar.

– Não há necessidade de ser tão hostil – dissera ela, gentilmente. – Vou-me embora de vez, daqui a pouco.

– Para onde? – perguntara ele.

Beth soubera que não o fizera por estar preocupado com ela, e sim por receio de que fosse para outro *saloon* e falasse a respeito dele.

– Não me parece que tenhas o direito de fazer essa pergunta, depois de teres sido tão desagradável – respondera jovialmente.

Ele lançara-lhe outro olhar sinistro.

– As prostitutas como tu deviam ser corridas da cidade – retorquirá.

Até àquele momento, Beth tivera toda a intenção de sair calmamente, sem recriminações, mas chamar-lhe prostituta mudava tudo.

– Seu monte de esterco hipócrita! – exclamara. – Andaste doido por levar-me para a cama a partir do momento em que pus aqui os pés. Mantive-te à distância durante três meses, e, quando sucumbi, parecia que nunca te chegava.

– Tentaste-me! – gemera ele. – És uma Jezebel que explora as fraquezas dos homens.

Beth pusera desafiadoramente as mãos nas ancas.

– Além de reles, és patético. Como te atreves a tentar aliviar a tua consciência atirando as culpas para cima de mim? Tu és o culpado, porque tens mulher e filhos. Penso que a tua pobre mulher veria esta situação como tendo sido *tu* a aproveitares-te de *mim*!

– A minha mulher é uma senhora! Compreenderia que eu não era adversário para uma meretriz como tu!

Com esta, Beth perdera completamente a cabeça.

– Uma senhora! Que raio é que isso quer dizer? Que só deixa que a fodas às escuras e com a camisa de noite abotoada até ao pescoço? Não admira que me quisesse... aposto que realizaste todas as perversas fantasias que alguma vez tiveste. Mas o mais provável é que outro qualquer tenha andado a comer a tua mulher enquanto tu aqui estás. Talvez ela até tenha descoberto como é bom ser amada por um homem a sério em vez de um choramingas beato como tu.

Ele erguera a mão para lhe bater, mas ela afastara-a com uma palmada.

– Toca-me com um dedo que seja e arrependes-te – rosnara. – Posso ir agora mesmo ali a Front Street e juntar um grupo que te esfola vivo. Tenho amigos nesta cidade. Agora sai da minha frente!

Ele recuara a rastejar, como a cobra que era, deixando-a a tremer de fúria e um pouco envergonhada por não ter visto logo de início com quem estava a lidar.

A deslizar ao que lhe parecia ser uma grande velocidade, com o vento gelado a picar-lhe o rosto como milhares de minúsculas alfinetadas, Beth esforçava-se por varrer do espírito a recordação de John. Orgulhava-se um pouco, era verdade, de ter-lhe feito frente e tê-lo posto no seu lugar. Um ano ou dois antes, nunca teria sido capaz. Mas as coisas não deviam ter chegado àquele ponto, e

agora sentia-se magoada e envergonhada.

A neve estendia um espesso e alvo manto sobre as margens do rio, onde os cotos de todas as árvores abatidas formavam um padrão curiosamente irregular. Mas mais para trás, onde as encostas eram demasiado íngremes para os lenhadores, os abetos envoltos no seu branco sudário eram belos e magníficos. Os únicos sons que ouvia eram o ofegar dos cães, o bater ritmado das patas almofadadas e o silvo dos patins metálicos na neve. Sabia que Cal estava de pé na parte de trás do trenó, mas tão silencioso que era como se estivesse completamente sozinha com os cães que corriam.

Débeis raios de sol atravessavam as nuvens, e era bom deixar para trás o barulho, a fealdade e os mexericos de Dawson.

Ocorreu-lhe que nunca antes tinha conhecido uma paz tão perfeita. Desde que se conseguia recordar, sempre houvera gente e barulho à sua volta. Até nas montanhas, no trilho, houvera sempre pessoas por perto. Em Dawson, perguntara muitas vezes a velhos garimpeiros que viviam a quilómetros de distância do vizinho mais próximo como conseguiam aguentar tamanho isolamento. Quase todos diziam que o adoravam. Fazia agora uma pálida ideia de porquê. O silêncio curava todos os males.

– Estamos quase lá. – Cal inclinou-se para o ouvido dela para falar. – Mais um par de minutos e chegamos ao Bonanza. Chamava-se Rabbit Creek antes de lá terem encontrado ouro, e aposto que nessa altura era um lugar bonito.

Os cães saíram do Yukon e meteram pelo ribeiro. Minutos depois, passaram pela primeira de muitas pequenas cabanas cobertas de neve, com fumo a sair das chaminés. Cães ladravam quando eles passavam, e a partir dali outros se juntaram ao coro, quase como se cada um estivesse a transmitir a mensagem de que ia uma desconhecida a caminho.

Todas as imagens mentais que Beth formara a respeito dos famosos campos auríferos tinham como pano de fundo o Verão, uma cena idílica com prados salpicados de flores, homens em mangas de camisa a peneirar a areia dos riachos e umbrosas árvores em redor. Talvez tivesse sido assim antes da corrida ao ouro, mas agora as árvores tinham sido cortadas, e todas as minúsculas cabanas por que passavam estavam rodeadas de máquinas cobertas de neve; havia caixas de lavagem, pás e picaretas e carrinhos de mão espalhados pela neve revolvida e suja. Homens que mais pareciam macacos com os seus pesados casacões e barretes de pele dobravam-se para fogueiras ou tiravam pazadas de terra de buracos abertos no chão.

– A parcela do Avestruz é já ali à frente – gritou Cal. – Está a ver a bandeira? Iça-a todas as manhãs. Foi ele mesmo que a fez.

Beth viu uma bandeira azul a drapejar ao vento, com qualquer coisa castanha, mas só quando os cães começaram a abrandar sorriu ao perceber que a forma

castanha era uma avestruz recortada em couro.

Dois grandes malamutes, um preto e branco, o outro cinzento e branco, saíram a correr da cabana, a abanar a cauda e a fazer aquele uu-uu que Beth sabia agora ser típico da raça.

– Eles sabem que lhes trago sempre qualquer coisa – explicou Cal, parando os seus cães e saltando da traseira do trenó. – Mas quero que seja a menina a dar-lhes.

Beth levantou-se do seu lugar e pegou no saco que Cal lhe estendia. Continha dois grandes ossos, que ela deu aos cães um tudo-nada nervosamente. Devia ter visto milhares de cães de trenó, daquela raça e *huskies* também, desde que tinham partido de Skagway. Admirava-lhes imenso a força e a coragem, mas nunca estivera tão perto deles.

– Não tenha medo – disse Cal. – Os malamutes gostam de pessoas, e vão gostar de si.

– Viva, Cal – gritou uma voz da cabana, e um homem já velho de grandes e desgrenhadas barbas, enfiado num grosso casaco e com um chapéu de peles a condizer começou a descer o caminho em direcção a eles. – Ficas por aqui, ou vais levar essa bonita menina a dar um passeio?

Beth sorriu.

– O passeio dela acaba aqui, Oz – respondeu Cal. – Apresento-te Miss Bolton, a famosa Rainha Cigana do Klondike. Veio ver o Jack

Antes mesmo que Beth tivesse tempo de apertar-lhe a mão, Oz voltou-se e chamou Jack aos gritos, com uma voz tão alta que os cães do trenó começaram a uivar.

– Bem, minha menina – disse Oz, voltando-se para ela. – Espero que tenha trazido o seu violino consigo, porque ouvi muito a respeito de como toca bem.

De repente, Jack estava no topo de uma colina por cima deles, a correr encosta abaixo como se os cães do Inferno o perseguissem e a gritar enquanto corria.

– Diria que o rapaz ficou contente por vê-la, minha menina – observou Oz, com um sorriso desdentado.

Jack deixara crescer uma espessa barba, o cabelo chegava-lhe aos ombros e, com as roupas e as botas sujas de lama, estava exactamente igual a qualquer outro mineiro. Mas o rosto dele brilhava de saúde e perdera aquele ar tenso que tivera nas últimas semanas que passara no Golden Nugget.

Abraçou Beth e fê-la rodar, rindo de pura alegria.

Mas o coração de Beth afundou-se-lhe no peito quando Oz os convidou para uma caneca de café na sua cabana, pois não estava a ver como caberia Jack lá dentro, quanto mais ela também. Era minúscula, com um chão de terra batida, uma cama feita de velhos caixotes, uma mesa, um tamborete e uma cadeira, tudo feito de madeira em tosco. Mas era muito quente, pois havia um fogão de

folha, e Oz deitou nas canecas quase tanto *whisky* como café.

Tanto Jack como Oz estavam ansiosos por saber todos os pormenores a respeito do incêndio. A notícia chegara-lhes um par de dias depois do acontecimento, e Jack disse que estivera a preparar-se para ir a Dawson ver se ela estava bem. Mas que então soubera que o Monte Carlo continuava de pé e que ela se dedicava a ajudar os desalojados.

Foi só quando Cal se pôs de pé e disse que ia buscar o saco dela ao trenó e que depois teria de ir um pouco mais adiante recolher um carregamento de madeira que Beth compreendeu que tanto Jack como Oz estavam convencidos de que ela tinha ido apenas passar o dia com eles e regressaria à cidade antes do anoitecer.

– Vinha na esperança de poder ficar algum tempo – explicou. – Mas vejo que não há espaço, de modo que talvez seja melhor voltar com o Cal.

– Não voltas nada! – exclamou Jack. – Não vivo aqui com o Oz. Tenho a minha cabana no alto da colina. Se conseguires aguentar as más condições, podes ficar o tempo que quiseres.

Despediram-se de Cal e, pegando no saco de Beth, Jack contornou a cabana de Oz e começou a subir a íngreme encosta da colina, passando por uma enorme quantidade de equipamento coberto de neve.

– É tão bom ver-te – disse, com um caloroso brilho de boas-vindas nos olhos escuros. – Calculo que alguma coisa correu mal entre ti e o Fallon. Mas não precisas de me dizer, se não quiseres.

Beth estava demasiado sem fôlego para conseguir responder, e estava também um pouco horrorizada por Jack já saber que alguma coisa corra mal entre ela e John. Mas a verdade era que seria de esperar, pois em Dawson ninguém podia fazer fosse o que fosse sem que toda a gente soubesse.

A cabana era de troncos, bastante parecida com a de Oz, mas maior e mais nova, e com um mobiliário menos tosco.

– Podes ficar com a cama – disse ele, espevitando o lume no fogão, ao qual acrescentou lenha. – Tenho uma cama de campanha que serve perfeitamente para mim.

– O que foi que ouviste a respeito de mim e do Fallon? – perguntou ela, deixando-se cair numa cadeira de corda.

Jack encolheu os ombros.

– Só que estavas a viver com ele. Fiquei um bocadinho triste por não teres sido capaz de me dizer nada numa das tuas cartas.

– Dizes-me alguma coisa sempre que tens uma nova mulher na tua vida? – retorquiu ela.

– Dir-te-ia, se ela significasse alguma coisa de especial.

– Bem, o Fallon não significava nada de especial. Foi apenas um pouco de... – Calou-se, sem saber como explicar que fora apenas uma questão de sexo.

– Uma aventura? – sugeriu ele.

– Sim, só isso.

Jack assentiu, a dar a entender que compreendia.

– E qual dos dois lhe pôs fim?

A única alternativa era dizer a verdade. Mas quando começou a contar o que John dissera depois do incêndio, viu a faceta engraçada de tudo aquilo e começou a rir.

– Oh, Jack, foi tão estranho. Nunca me passou pela cabeça que fosse um santarrão, e quando ele começou com aquilo de voltar as costas ao Mal e a dizer que Dawson era como Sodoma e Gomorra, não fui capaz de ficar séria.

Jack riu com ela.

– Por vezes penso que todas as pessoas mais estranhas do mundo se juntaram em Dawson. Sempre achei que o Fallon era um bocado maluco. Costumava ir ao Nugget e tomava só uma bebida enquanto tu tocavas. Parecia não ter amigos, não jogava... nunca consegui perceber o que foi que o atraiu para o Klondike, ou porque comprou o Monte Carlo.

– Nunca me disse porquê. – Beth encolheu os ombros. – Mas a verdade é que, pensando bem nisso, nunca falava muito a respeito do que quer que fosse. Esta manhã disse que eu era uma prostituta. Não é horrível, Jack? Mas acho que a culpa foi minha.

Jack aproximou-se da cadeira e ajoelhou-se diante dela, os olhos cheios de compreensão.

– A minha vontade era ir amanhã a Dawson e dar-lhe uma carga de pancada, mas isso só serviria para provocar mais coscuvilhices. Merece que tenhamos pena dele se não sabe ver a diferença entre uma mulher que se dá voluntariamente e outra que exige pagamento. Mas não te tortures Beth, limita-te a lançar o que aconteceu na conta da experiência. Continuas a ser a rapariga mais bonita que conheço, a minha melhor amiga e a maior violinista de todos os tempos. Portanto, parece-me que tudo o que perdeste foi um pouco de orgulho.

– Não devia ter-me juntado a um homem casado – disse ela. – *Foi errado.*

– Não me venhas tu agora com santidades – riu Jack e pôs-se de pé, levantando-a da cadeira. – Deixa-me mostrar-te o que tenho andado a fazer antes que escureça, e esta noite vamos apanhar uma de caixão à cova para celebrar o facto de teres finalmente chegado ao Bonanza.

Jack levou-a até um lugar a cerca de cinquenta metros das traseiras da cabana. Disse-lhe que tivesse cuidado com as covas na neve, porque eram buracos que tinha cavado. Explicou-lhe o que andava a fazer.

– A terra está gelada até mais de meio metro de profundidade, mesmo no Verão – disse. – Por isso cavo o mais fundo que sou capaz, e depois acendo uma fogueira no buraco. O calor derrete o gelo e, no dia seguinte, uso uma pá para retirar a lama, que é o que são aqueles montes além. – Apontou para vários grandes montes cobertos de neve e para um, mais recente, que estivera a cavar

quando ela chegara. – É o chamado sedimento.

Limpou a neve que cobria uma comprida caixa cujo fundo era atravessado por uma série de traves metálicas.

– Isto é uma caixa de lavagem, e quando chegar o degelo, despejarei o sedimento dentro dela e lavá-lo-ei com água, que levará a terra e o cascalho. E então, se tiver sorte, encontrarei um pouco de ouro no fundo da caixa.

– E dá-lo-ás ao Oz? – perguntou ela.

– Não se o encontrar aqui. «Arrendei» este pedaço da parcela dele. Mas não lhe paguei em dinheiro. O combinado é eu trabalhar para ele lá em baixo durante uma parte do dia, e tudo o que lá encontrarmos pertence-lhe. Em troca, tenho isto.

Beth assentiu.

– E então, já encontraste algum ouro?

– Ainda não, e, de todos os modos, só ficarei a saber quando começar a lavar. Talvez nunca encontre nenhum. Mas o Oz encontrou muito nos últimos dois anos. Podia, se quisesse, vender a parcela por uma fortuna.

Beth sorriu. Desde que chegara a Dawson, ouvira uma infinidade de histórias fantásticas a respeito de parcelas no Bonanza e no Eldorado que tinham mudado de mãos por quantias astronómicas. Muitos dos proprietários originais eram agora donos de hotéis e *saloons* em Dawson ou tinham voltado, ricos, ao exterior.

Havia, no entanto, muitos velhos garimpeiros como Oz que nunca venderiam. Continuavam a viver nas suas cabanas primitivas, indo à cidade de longe em longe para desbaratar uma boa parte do seu ouro, após o que regressavam às respectivas parcelas e recomeçavam de novo.

– O Oz já não consegue cavar muito – explicou Jack – Está a ficar velho, cansado e cheio de maleitas. A verdade é que já não precisa de mais ouro, mas teima em não desistir. Por isso, comigo aqui, tem o que quer: ajuda, companhia e a excitação de encontrar mais ouro.

Continuaram a subir a encosta, até ao ponto onde se transformava em bosque.

– Venho aqui caçar – disse Jack – Aqui há um par de semanas matei um alce, e agora temos carne suficiente para nos durar até ao degelo. Foi tão bonito, no Outono passado, com tantas bagas diferentes a crescerem e as folhas a mudarem de cor. Nada a ver com aquilo lá em baixo – disse, apontando com o polegar na direcção do ribeiro.

Beth voltou-se para contemplar o cenário coberto de neve.

– Agora está bonito – respondeu. – Mas suponho que é por todas as cicatrizes e buracos, todos os montes de lama e equipamentos estarem disfarçados pela neve. Aposto que quando chegar o degelo vai parecer um depósito de sucata no meio de um mar de lama.

– Pior. Há grandes valas cavadas a partir dos ribeiros para levar a água até às caixas de lavagem. É horrível.

Jack tinha de acender mais fogueiras nos seus buracos, de modo que Beth voltou à cabana para fugir ao frio.

Não precisou de perguntar se fora Jack a construí-la. A marca dele estava por todo o lado, desde a maneira como encaixara a cama numa espécie de alcova às portadas cuidadosamente ajustadas das janelas. Calculou que tinha feito a maior parte da mobília quando o tempo estava tão mau que não podia sair. Passou a mão pelas pernas da mesa, vendo como ele as arredondara e lixara até ficarem muito lisas.

E estava tudo muito arrumado. As travessas e os pratos empilhados nas prateleiras, uma camisa deixada a secar numa armação junto ao fogão, e até tinha feito a cama.

Foi quando estava a olhar para a cama que viu as fotografias. Estavam pregadas na parede da alcova e não seriam vistas por alguém que se limitasse a entrar na cabana para uma caneca de café e dois dedos de conversa.

Uma era dos dois quando tinham chegado a Nova Iorque, tirada numa cabina perto de South Seaport. O exemplar dela perdera-se quando tinham tido de sair à pressa do apartamento em Houston Street, e era bom voltar a vê-la. Outra era dela a tocar violino no Bear, em Filadélfia. Não fazia ideia de quem a tirara ou quando, nunca a tinha visto.

Havia uma dos dois, tirada em Skagway. Aquela, lembrava-se, fora tirada por um homem que estava a compilar um diário fotográfico de Chilkoot Trail. Não sabia como Jack conseguira arranjar uma cópia, pois nunca mais voltara a ver o homem. Finalmente, havia uma dela a tocar na noite de inauguração do Golden Nugget. Fora tirada pelo editor do jornal de Dawson, *The Nugget*, e publicada juntamente com um artigo a respeito dela, de Jack e de Theo, e de como tinham perdido Sam na viagem. Jack devia ter-lhe pedido uma cópia da fotografia.

Sentiu um calor no peito ao descobrir que Jack guardava fotografias dela. Estava convencida de que a maior parte dos mineiros devia ter fotografias de mulheres bonitas e escassamente vestidas, não de uma velha amiga.

– Aquelas tuas fotografias despertaram uma porção de recordações – disse mais tarde, quando ele regressou.

Ele pareceu um pouco embaraçado.

– Gosto de olhar para elas quando me deito – disse. – Também tive durante algum tempo aquela tirada em Skagway em que aparecemos os quatro, mas tirei-a porque a cara do Sam me fazia ficar triste e a do Theo me fazia ficar zangado.

Beth apontou para a que os mostrava juntos à chegada a Nova Iorque.

– Pareces tão novo e magro – disse. – E eu toda empertigada. Como mudámos!

– Naquele tempo nem sequer me convidavas a subir até ao teu quarto. – Jack

sorriu. – E agora aqui estamos nós tanto tempo depois, sozinhos e a quilômetros de tudo. É um progresso!

Nos dias que se seguiram à sua chegada à cabana de Jack, Beth sentiu-se como uma mola fortemente enrolada que se fosse pouco a pouco soltando. O incêndio em Dawson, ajudar os desalojados e depois aquela história com John deviam ter-lhe exigido mais do que pensara.

Era bom acordar de manhã no mais absoluto silêncio e saber que o dia que tinha pela frente não exigiria nada dela. Ocasionalmente, Jack levava-a numa excitante corrida de trenó, com os cães de Oz, *Flash* e *Silver*, a puxá-los. Mas a maior parte das vezes lia um pouco, remendava as roupas rasgadas de Jack e dava passeios pelo curso gelado do rio ou até ao bosque, acompanhada pelos cães.

A temperatura tinha subido, e quando o sol se mostrava parecia quase Primavera. Jack era a pessoa de convívio mais fácil que conhecia, sempre calmo, sem uma queixa. O seu rosto abria-se num grande sorriso quando ela lhe levava café e bolo enquanto ele estava a trabalhar, e ficava agradecido por encontrar água quente pronta para se lavar quando voltava à cabana. Mas não esperava fosse o que fosse.

No entanto, aquilo de que ela gostava acima de tudo era o facto de ele a fazer rir. Estava sentada a ler e de repente erguia os olhos e via a cara dele grotescamente apertada contra os vidros da janela. Uma vez, ouvira um rosnido e o raspar de garras na porta e assustara-se, pensando que era um urso, mas era só ele a fazer de tolo. A maior parte das gargalhadas surgia, porém, durante descontraídas conversas entre os dois, recordações partilhadas e observações a respeito de pessoas. Beth apercebia-se de que nunca tivera verdadeiramente aquilo com Theo, e grandes conversas também não. Suspeitava de que se não tivessem sempre tido Sam e Jack por perto, se teriam aborrecido mortalmente.

Agora que os dias começavam a ficar mais compridos, desciam por vezes até à cabana de Oz, depois da ceia, e ela tocava violino. Havia noites em que homens das parcelas mais próximas a ouviam e apareciam também. Eram aqueles os melhores momentos, porque alguns dos homens cantavam com ela, tinham boas histórias para contar e apreciavam um pouco de companhia feminina.

Havia algumas mulheres ao longo do Bonanza. Eram, de um modo geral, de uma raça dura e resistente, capazes de abrir buracos no chão gelado tão eficientemente como os homens, e muitas faziam ainda outros trabalhos, como lavar a roupa ou cozer pão e empadas para ganhar algum dinheiro extra que boa falta lhes fazia. Repeliram todas as tentativas de Beth para estabelecer amizades, e embora Jack dissesse que era por não quererem uma rapariga bonita por perto dos respectivos maridos, Beth achava que mais provavelmente tinham ouvido os rumores que corriam a seu respeito.

Se ali aquilo pouco importava, Beth apercebeu-se, com algum alarme, que uma vez de regresso ao exterior ia ter de enfrentar uma reprovação social muito mais séria.

Uma rapariga de sala de baile, ou até uma prostituta, podia casar, ou passar a ser enfermeira ou secretária, sem grande medo de que alguém lhe descobrisse o passado. Mas Beth sabia que estava numa categoria à parte, juntamente com Klondike Kate, Gertie Dente-de-Diamante e outras mulheres que tinham feito furor em Dawson City e cujas histórias tinham corrido mundo graças a artigos publicados nos jornais a respeito do Klondike.

Por isso, a menos que desistisse de tocar violino em público e nunca dissesse a ninguém que estivera em Dawson City durante a Corrida ao Ouro, as partes mais escandalosas da sua estada ali acabariam por vir a lume.

Estava a pensar nesse problema certa manhã, enquanto se lavava e vestia. Não descortinava uma solução, uma vez que tocar violino era a única maneira que tinha de ganhar a vida. Mas o sol brilhava, e ela resolveu deixar de se preocupar com o futuro e ver se conseguia tentar Jack a parar de cavar buracos e ir dar um passeio.

Soube que a temperatura tinha subido no instante em que saiu da cabana e não sentiu as picadas do frio na cara, como de costume. E então ouviu um gotejar. A toda a sua volta, vindo das máquinas cobertas de neve, do telhado da cabana, do trilho até à cabana de Oz, de todo o lado.

A neve estava a derreter!

Correu excitadamente para as traseiras da cabana e encosta acima, a chamar por Jack, que parou de cavar ao vê-la aproximar-se e ficou apoiado à pá, com um grande sorriso no rosto.

Beth deteve-se bruscamente, o que quer que fosse que ia dizer esquecido ao vê-lo sem barba.

– Quando foi que o fizeste? – perguntou.

– Quando foi que fiz o quê?

– Tu sabes! A barba!

– Oh, isso. – Jack esfregou o queixo, como que surpreendido por não encontrar lá a espessa mata de pêlos. – Vi que o degelo tinha começado esta manhã e achei que era tempo de a barba desaparecer também.

– Ficas muito melhor – disse ela. Na realidade, ficava até muito bem, porque o queixo quadrado e a boca larga eram duas boas feições que nunca devia ter escondido. – Muito mais novo.

– Ainda bem que aprovas. Mas o que era que vinhas a correr para me dizer? A rainha Vitória morreu?

– Não, que eu saiba. – Beth riu. – Só fiquei excitada por o degelo ter começado.

– Lembras-te de como foi o ano passado? – disse Jack, com um sorriso. –

Atascados na lama até aos joelhos, no lago Bennett, e tu a desapareceres para ir procurar flores silvestres!

- Vamos fazer o mesmo outra vez – sugeriu ela.
 - Ainda vai demorar algum tempo até que haja flores.
 - Pode ser que haja em lugares abrigados. Vamos procurar?
- Jack espetou com força a pá na terra.
- Está bem, só para te fazer a vontade.

Chegaram ao bosque mais acima na encosta, e ali o degelo era ainda mais evidente, porque o som da neve a cair dos ramos das árvores era quase uma sinfonia. Beth fez uma bola de neve e atirou-a a Jack, que retaliou no mesmo instante. Ela fugiu a correr, mas sempre que parava atrás de uma árvore em busca de abrigo, fazia outra bola de neve para lhe atirar.

A brincadeira continuou, ambos a gritar e a rir quando eram atingidos e a fazer ruídos de troça quando o outro falhava o alvo.

Foram-se internando cada vez mais no bosque, e Beth encontrou uma grande árvore atrás da qual se escondeu. De repente, deixou de ouvir Jack, e espreitou à volta do tronco para ver onde ele estava.

Subitamente, sentiu uma mão agarrar-lhe um ombro.

– Bu! – gritou ele, pegando-lhe um enorme susto porque não o tinha ouvido aproximar-se.

Beth tinha uma bola de neve pronta na mão, ergueu-a e espetou-lhe com ela na cara

– Bu para ti também!

Ele riu e limpou a neve da cara, mas ficou alguma agarrada ao nariz. Estavam a trinta centímetros de distância um do outro, e Beth descalçou a luva e estendeu a mão para a tirar. Mas quando lhe tocou na cara, viu qualquer coisa nos olhos dele. Era a mesma expressão que tinha visto na última noite a bordo do navio, antes de chegarem a Nova Iorque. Era tão inocente, naquele tempo, que não soubera o que significava, só que era especial. Mas agora sabia.

Puro desejo.

Não afastou a mão. Havia uma sensação a crescer dentro dela que era tão forte e tão doce que a fazia querer chorar. Ele pegou-lhe na mão, puxou-a para a boca e beijou a palma. O calor e a suavidade daqueles lábios puseram-lhe um delicioso arrepio na espinha.

Foi ela que se aproximou, desviando a mão para a face para beijá-lo nos lábios. Por um ou dois instantes, Jack ficou imóvel, os lábios contra os dela, os corpos sem chegarem a tocar-se, mas então ergueu a mão para lhe segurar o rosto e retribuiu o beijo com tal ternura que a fez sentir que era novamente uma inocente rapariguinha de dezassete anos.

Quanto tempo ali ficaram a beijar-se não saberia dizer, mas sabia que não

queria que ele parasse. Todo o corpo dela vibrava de desejo, a querer mais do que beijos, mas com medo de afastar-se por um segundo que fosse e quebrar o feitiço.

A neve continuava a cair das árvores à volta deles e os raios de sol que lhe incidiam obliquamente na cara eram quentes. Ouviu à distância o chiar de um cabrestante quando um mineiro içou o seu balde cheio de lama do buraco aberto no chão, e uma ave chilreou numa árvore próxima.

Foi Jack o primeiro a desfazer o abraço. Ergueu as duas mãos para lhe segurar o rosto e olhou-a no fundo dos olhos.

– Minha maravilhosa Beth – sussurrou. – Espero que isto não seja apenas um sonho e que não vá acordar para descobrir que não aconteceu realmente.

CAPÍTULO 35

Quando se detiveram no exterior da cabana para descalçar as botas, Beth sentiu-se um pouco confusa. Os beijos tinham acontecido espontaneamente na encosta, e parecera tudo muito puro e certo. Mas agora iam entrar e ela estava bem consciente de que ia ter de decidir se passariam ou não à fase seguinte. Queria fazê-lo, mas não tinha a certeza de ser sensato.

Jack era o seu melhor e mais íntimo amigo, a única pessoa em todo o mundo que a conhecia verdadeiramente. Tinha medo de estragar aquela amizade.

– Assustada? – perguntou ele, quando entraram na cabana.

– Não – mentiu ela.

– Pois eu estou – admitiu Jack, beijando-lhe a ponta do nariz enquanto lhe tirava o chapéu e lhe passava os dedos pelo cabelo. – Mas a verdade é que sonho com fazer amor contigo desde a primeira vez que te vi.

– A sério?

– Sim, a sério. Por vezes, se conseguisses ler-me os pensamentos, terias corado.

– Estás a brincar.

– Não, não estou – disse ele, desabotoando-lhe o casaco. – Pensar em ti manteve-me quente em muitas noites geladas.

Deixou cair o casaco no chão, puxou-a para si e voltou a beijá-la. Enquanto a língua dele tocava a dela, Beth sentiu o impulso do desejo crescer-lhe no ventre e soube que estava perdida, que não seria capaz de recuar.

Sem parar de beijá-la, Jack conseguiu despir-lhe todas as roupas até à camisa interior, e então levou-a para a cama e ajoelhou-se ao lado dela para lhe descalçar as meias.

– Costumava imaginar como seriam as tuas pernas – disse, passando as mãos por elas enquanto a olhava nos olhos. – Vi-as até aos joelhos, uma vez, quando estávamos na jangada, e fiquei tão excitado que quase caí ao rio.

– Oh, Jack! – disse ela, reprovadoramente.

– Não gostas de pensar que eu sempre te desejei? – perguntou ele com um brilho malicioso nos olhos, as mãos a subirem-lhe pelas coxas até se deterem a dois centímetros do sexo dela.

Deliciosas vagas de desejo roubaram-lhe a palavra. Tudo o que conseguiu fazer foi estender as mãos para ele.

Jack desembaraçou-se das roupas numa questão de segundos, o tempo que Beth demorou a puxar as mantas para trás e enfiar-se debaixo delas, porque a cabana estava a arrefecer. Mas no instante em que ele se deitou a seu lado e a abraçou, esqueceu a ansiedade, o pudor e o frio, porque era tão bom, e tão certo, sentir a pele macia e quente de Jack contra a sua.

Sempre pensara que Theo, Jefferson e John Fallon eram bons amantes, mas não passavam de mediocres em comparação com Jack, que sabia usar os dedos com tanta sensibilidade, e a acariciava, a explorava, a beijava tão sem pressa que todos os nervos do seu corpo ganharam vida. Tentou uma e outra vez estender a mão para lhe acariciar o pénis, mas ele não deixava. Só quando qualquer coisa parecida com uma erupção explodiu dentro dela, e perdeu toda a noção de onde estava e até de quem era, ele a penetrou, com um ímpeto de paixão cujas tremendas ondas de choque a submergiram completamente.

Ouviu o seu próprio grito, sentiu as lágrimas deslizarem-lhe pelas faces, e soube que ele a levava a um lugar que nenhum dos seus anteriores amantes sabia sequer que existia.

Apoiado num cotovelo, Jack via Beth deitada a dormir a seu lado e sentia o coração inchado de amor por ela. Era quase meia-noite, mas a luz que vinha do fogão e da lanterna suspensa por cima dele era o bastante para ver claramente. Era meio-dia quando tinham entrado na cabana, e desde então tinham feito amor três vezes, além de cozinharem, lavarem-se um ao outro, beberem meia garrafa de *whisky* e conversado a respeito de tudo e mais alguma coisa. Jack pensava que deveria estar exausto, mas estava demasiado excitado para dormir. Ela fora o seu primeiro amor, o seu único verdadeiro amor, e agora era finalmente sua.

Tinha havido muitas outras raparigas naqueles seis anos desde que se tinham conhecido no navio. Umas pudicas, outras devassas, raparigas bondosas, raparigas cruéis, raparigas felizes e raparigas tristes. Com umas tentara convencer-se a si mesmo de que as amava, com outras limitara-se a fazer amor na esperança de que o prazer que lhes proporcionava compensasse a sua falta de empenho. Mas, inevitavelmente, acabava sempre com uma sensação de desapontamento.

Beth sempre fora a sua estrela-guia, mesmo quando sabia que ela só tinha olhos para Theo. Se não fosse por ela, ainda estaria em Nova Iorque; nunca teria ido para Montreal, nunca teria atravessado o Canadá e chegado até ali. Tornara-se no seu automeado guardião só para poder estar perto dela. Teria feito tudo

por ela, mesmo que ela nunca o visse senão como um amigo.

Agora estava ali, o corpo esbelto aninhado contra o dele, profundamente adormecida, o rosto suave como o de uma criança. Recordou o aspecto dela quando a tinham resgatado da cave, gelada até aos ossos e o rosto marcado pelo horror da prisão. A indignação dela quando descobrira que a casa de Pearl em Filadélfia era um bordel. Também a noite no hospital em Montreal lhe ficara gravada na memória, quando ela gritara por Theo, mas tivera de contentar-se com o consolo que ele podia oferecer-lhe.

A coragem dela em Chilkoot Pass e a sua capacidade de resistência ao longo de todo o percurso tinham-no espantado. E então, em Dawson, tendo perdido Sam tão pouco tempo antes, perdera também Molly. No entanto, cerrara os dentes e tocara com o coração e a alma todas as noites, no Nugget. Muitos homens sem dinheiro para gastar em bebidas tinham-lhe dito que ficavam à porta do *saloon* para ouvi-la tocar. Diziam que os fazia sentirem-se menos famintos e sedentos, que a música dela lhes transmitia a esperança de que ainda arranjariam maneira de fazer fortuna.

Jack compreendia o que aqueles homens sentiam, porque também ele sucumbira ao feitiço da música de Beth logo na primeira vez que a ouvira, no navio.

Deslizou para fora da cama, pôs mais um pouco de lenha no fogão para o manter aceso até de manhã e soprou a lanterna. Dentro de mais um par de semanas, o rio descongelaria, e mais uma vez milhares de pessoas chegariam em busca de ouro.

Sorriu, pois sabia que ali, na sua pequena cabana, tinha algo muito mais precioso do que o ouro.

Um grande grito de entusiasmo de Oz subiu a encosta até aos ouvidos de Jack e de Beth, que estavam ocupados a fazer passar pazadas de terra e cascalho pela caixa de lavagem.

– O que lhe terá dado? – disse Jack, endireitando-se e indo até um lugar de onde podia ver o que se passava lá em baixo.

– O mais certo é ter encontrado uma garrafa de *whisky* cheia de que já não se lembrava – brincou Beth.

Junho ia a meio. Duas semanas antes, o ribeiro tinha descongelado e a parcela de Oz transformara-se num atoleiro de lama pegajosa. Mas o calor do sol, constante desde então, secara a maior parte, ervas e flores silvestres tinham crescido à volta da cabana e o canto das aves enchia o ar.

Beth nunca conhecera tanta felicidade. A partir do momento em que abria os olhos de manhã e via Jack a seu lado até que voltavam a deitar-se à noite, sentia-se cheia da alegria por saber que tomara a decisão certa ao ir para ali.

Não tinham falado de amor ou sequer do futuro, porque parecia

desnecessário quando era tão evidente que estavam destinados a ficar juntos para sempre. Beth trabalhava ao lado de Jack e de Oz, atirando alegremente pazadas de sedimento para dentro da caixa de lavagem. Não se importava de ser um trabalho duro e sujo, ou de muitas vezes parecer inútil. Bastava-lhe estar com Jack, rir e conversar e sentir-se totalmente segura.

Por vezes, à tarde, ele levava-a a pescar no ribeiro no pequeno barco a remos de Oz, e ela deitava-se para trás, a saborear o calor do sol e a pensar avidamente em como iam fazer amor quando voltassem à cabana. Noutras ocasiões, montavam armadilhas para caçar nos bosques no limite superior da parcela, e ela apanhava flores silvestres enquanto ele cortava lenha para o lume. Por vezes, o desejo avassalava-os ali mesmo, porque havia qualquer coisa de deliciosamente perverso e perigoso em fazer amor ao ar livre, sobretudo quando podiam ser surpreendidos por um urso ou até por um ser humano.

– Vamos ver o que está ele a fazer – disse Jack – De todos os modos, são horas de comer qualquer coisa. Que tal um pouco de mimo, mais logo?

Correram encosta abaixo de mãos dadas, e encontraram Oz, com uma camisa esfarrapada aos quadrados e as calças presas na cintura por um pedaço de corda, debruçado para a caixa de lavagem.

Ergueu os olhos ao ouvi-los aproximarem-se e mostrou os dentes enegrecidos num grande sorriso.

– Vejam o que encontrei! – Pegou numa velha lata de fermento para pão e mostrou-lhes o que continha.

Quatro pequenas pepitas de ouro. Jack fê-las saltar na palma da mão.

– Jesus Cristo! – exclamou. – Encontrei-as todas juntas?

– Nem mais – respondeu Oz – Lavei cinco montes de sedimento esta manhã e nada, e, então, no sexto, encontrei isso.

– Estou tão feliz por ti, Oz. – Beth aproximou-se dele e abraçou-o. – É maravilhoso!

– De que buraco veio isto? – perguntou Jack, olhando em redor. Todo o terreno daquele lado da cabana estava cheio de buracos, com montes de terra ao lado.

– Daquela. – Oz apontou para o que ficava mais perto da cabana. – Foi o último que fizemos. Lembras-te de teres ficado com medo de que eu caísse nele quando saísse?

Jack sorriu e voltou-se para Beth.

– Foi pouco antes de tu chegares. Quando ele me pediu que o cavasse, tentei dissuadi-lo.

– Suponho que agora vão querer mudar a cabana para outro lado para poderem cavar debaixo dela – disse Beth.

– Talvez – disse Oz – Mas antes disso quero aperaltar-me todo e ir até à cidade anunciar que o velho Avestruz voltou a acertar em cheio. Há por lá

peessoas que têm andado a rir à minha custa. Esta vai calá-las.

– Vão aparecer interessados em comprar-te a parcela – lembrou-lhe Jack.

– E se a oferta for boa, talvez eu a venda – retorquiu Oz.

Beth olhou para Jack, alarmada, interrogando-se em que situação isso os deixaria a eles, mas, para sua surpresa, Jack estava a sorrir.

– Vai lá à cidade – disse. – Nós ficamos por aqui a lavar mais uns montes, a ver se encontramos mais alguma coisa. Mas tem cuidado com o que aí tens, está bem? Pode ser que não haja mais nada!

*

Uma hora mais tarde, Jack e Beth acenavam a Oz, que partia para Dawson no barco. O «aperaltamento» consistira em aparar a barba e vestir umas roupas um pouco menos esfarrapadas. Beth obrigara-o a guardar as pepitas numa bolsa de couro que lhe pusera ao pescoço, escondendo-a dentro da camisa. E Jack aconselhara-o a depositá-las no banco antes de começar a beber ou a jogar cartas.

– E se ele vende a parcela? – perguntou Beth, quando o barco e o velho desapareceram da vista. Oz deixara *Flash* e *Silver* com eles, e os dois cães estavam sentados na margem do ribeiro, a olhar na direcção em que o dono partira.

– Espero que venda – respondeu Jack – Não aguenta mais um Inverno aqui.

– Mas e tu? O novo dono não vai querer-te cá.

Jack encolheu os ombros.

– Não me importo. Se não tivesses vindo, por esta altura já teria partido para outro sítio qualquer.

– A sério?

Jack riu da expressão surpreendida dela e acariciou-lhe a face.

– Não vim para aqui por causa do ouro, foi só para sair de Dawson. Agora que estás comigo, posso ser feliz em qualquer lugar.

Era exactamente o que ela sentia, mas ouvi-lo da boca de Jack era maravilhoso.

– Que *vamos* então fazer? – perguntou. – Se formos corridos daqui.

– O que tu quiseses – disse ele, abraçando-a. – O meu sonho já se tornou realidade.

Ela segurou-lhe o rosto com as mãos.

– Amo-te, Jack Child – disse.

– Amas-me mesmo? – Jack parecia surpreendido.

– Claro que sim. A cem por cento. Mas espero que comeces a fazer planos. Senão, começo eu a mandar em ti.

– Não há ninguém por quem gostasse mais de ser mandado – riu ele.

– Não estás a esquecer-te de nada? – perguntou Beth, mordendo-lhe brincalhonamente a ponta do nariz.

– De quê?

– Bem, eu disse que te amava. Não devias responder?

– Como?

Beth soube que ele estava a brincar, e puxou-lhe uma orelha.

– Di-lo – ordenou.

Ele agarrou-a pela cintura e fê-la rodar.

– Amo-a, Miss Beth Bolton. Há cinco longos anos – disse, continuando a fazê-la rodar.

Largou-a, e ela cambaleou um pouco, entontecida.

– Não se pode dizer que seja uma maneira muito romântica de dizer a uma rapariga – protestou, indignada.

– É que eu sou do género prático – respondeu ele, com um sorriso. – Por isso vou ser verdadeiramente romântico e sugerir que continuemos a lavar sedimento para o velho Oz, a ver se descobrimos mais alguma coisa.

Encontraram mais cinco pequenas pepitas naquela tarde. Jack guardou-as na lata de Oz.

– Devem valer umas centenas de dólares – comentou, pensativamente. – Houve um tempo em que talvez tivesse ficado com elas, mas conhecer-te mudou-me.

– Mudou-te?

– Sim. – Jack assentiu. – Eras tão refulgentemente limpa e honesta que eu pensei que não teria a mais pequena hipótese contigo a menos que fosse também assim. Tenho muito que te agradecer.

Beth ficou emocionada.

– Fui uma parva por não ter percebido logo que tu eras o homem certo para mim.

– Raios, Beth, se nos tivéssemos juntado e tornado pessoas vulgares em Nova Torque, o mais certo era não ter durado muito. Vê as aventuras que tivemos juntos!

Beth sabia que aquilo era a maneira de ele lhe dizer que não guardava rancores por na altura ela ter escolhido Theo, e isso fê-la amá-lo ainda mais.

Oz não voltou poucos dias mais tarde, como prometera. Jack e Beth continuaram a trabalhar. Não encontraram ouro em nenhum dos montes de sedimento de Jack, mas os de Oz produziram mais algumas pequenas pepitas, bem como algum pó de ouro que ficou retido pelas traves da caixa de lavagem.

O tempo manteve-se de um modo geral magnífico, apesar de os mosquitos serem uma irritação constante, mas à medida que os dias se transformavam

numa semana, e depois em duas, e Oz continuava sem aparecer, Jack começou a ficar preocupado. Que soubesse, ele nunca deixara os seus cães entregues a outra pessoa durante tanto tempo, e os dois animais passavam o dia sentados na margem do ribeiro, à espera do dono. Mas não se atrevia a abandonar a parcela para ir procurá-lo.

As notícias de Dawson City viajavam depressa, e chegavam até aos ribeiros mais distantes, porque todos os que passavam tinham qualquer coisa para contar. Tinham sabido que a cidade fora quase inteiramente reconstruída depois do incêndio, com esgotos, electricidade e caldeiras a vapor. Desde o degelo, tinham chegado novos milhares de pessoas, os ricos por mar, os pobres pelos trilhos da montanha, e dizia-se que muitos deles vinham sem um cêntimo e deambulavam de um lado para o outro em busca de trabalho. Homens como Jack, que trabalhavam em parcelas alheias, começavam a recear que os seus salários descessem em consequência do excesso de mão-de-obra, e até aqueles que tinham parcelas registadas em seu nome temiam que os desesperados tentassem invadi-las, ou ir até lá para os roubar.

A 4 de Julho, ouviram os estrondos e os silvos dos fogos-de-artifício em Dawson, e Beth recordou que fazia um ano que recebera a notícia da morte de Molly. Oz continuava ausente.

Numa tarde de meados de Julho, *Flash* e *Silver* começaram a uivar, e finalmente Jack avistou Oz, a subir o curso do ribeiro no seu barco.

Ficaram encantados por vê-lo, mas Oz saiu aos tombos do barco, e fedia a *whisky* a quilómetros de distância. Era evidente que passara os últimos dias a encharcar-se em bebida, e os dois temeram o pior.

– Perdeste tudo? – perguntou Jack, enquanto ajudava o velho a chegar à cabana.

– Acho que sim – disse Oz antes de cair na cama e mergulhar imediatamente num sono de chumbo.

Jack foi duas vezes à cabana naquela tarde, verificar se ele estava bem, mas Oz não acordou.

– Deve ter perdido a parcela ao jogo – disse Jack tristemente, quando voltou para junto de Beth. – Não trouxe nada com ele, excepto duas garrafas de *whisky*. Nem provisões nem nada. Acho que temos de preparar-nos para sair daqui mais cedo do que esperávamos.

– Não faz mal – respondeu Beth. – Apanhamos um barco para Vancouver. Posso voltar a tocar no Globe, e tu não terás dificuldade em arranjar trabalho. Tenho o dinheiro que poupei, para nos aguentar nos primeiros tempos.

– Gostarias de voltar para casa? – perguntou Jack.

– Para Inglaterra?

Jack assentiu.

– Já não penso em Inglaterra como sendo a minha casa – respondeu Beth,

pensativa. – Não há lá nada à minha espera.

– É também o que eu sinto – concordou Jack – A nossa casa é onde quer que estejamos. Acho que vamos ter de encontrar um sítio que ambos sintamos que é o nosso lugar.

Nessa noite, o amor entre os dois foi marcado por uma ponta de tristeza, porque aquilo representava para ambos o fim de uma era. Durante semanas, tinham gozado de um género de privacidade total que, sabiam-no, não voltariam a encontrar em mais parte nenhuma, e a liberdade de fazerem exactamente o que quisessem. Tinham até posto a banheira de lata no exterior e tomavam banho à luz do sol, no feliz conhecimento de que ninguém os ouviria nem veria. Numa cidade, qualquer que fosse, o máximo a que podiam aspirar era um par de divisões, com todo o barulho, cheiros e discussões que viver no meio de outras pessoas implicava.

Na manhã seguinte, Beth fez um monte de panquecas e levou-as a Oz: Jack seguiu-a com uma cafeteira cheia de café. Mas, para grande surpresa dos dois, encontraram-no sentado no banco no exterior da cabana, de roupas limpas, a barba feita e os cabelos encharcados.

Beth sempre imaginara que devia ter pelo menos sessenta, mas, sem a barba, viu que era vinte anos mais novo.

– Bem – disse, pousando o prato com as panquecas no banco ao lado dele e pondo as mãos nas ancas. – Estávamos à espera de encontrar-te ainda a curtir a bebedeira. Ou és o irmão mais novo do velho Oz?

Ele esboçou um sorriso embaraçado.

– Dei um mergulho no ribeiro – disse. – Acho que foi o choque da água fria que me fez rapar a barba. Peço desculpa por tê-los deixado a tomar conta do *Flash* e do *Silver* durante tanto tempo, mas as coisas complicaram-se.

– Come as panquecas enquanto estão quentes – disse Jack, servindo café para todos. – Quando é então que temos de sair daqui?

– O Olsen há-de aparecer lá mais para o fim do dia.

Jack assentiu. Olsen, *o Sueco*, já fizera fortuna com a sua mina no Eldorado e tinha várias propriedades em Dawson. Era um homem gigantesco, e um formidável jogador de póquer. Provavelmente, ficara de olho em Oz mal soubera que ele estava na cidade e que levava ouro.

– Dawson já não é a mesma coisa – disse Oz, com tristeza. – É certo que está toda aperaltada, mas há uma espécie de tristeza, como o rebentar de uma bolha. E agora até estão a chegar senhoras!

– Bem, isso é bom, não é? – disse Beth, sentando-se no coto de uma árvore. – Nunca houve que chegassem.

– Não são raparigas da brincadeira. – Oz abanou a cabeça, como se aquilo o entristecesse. – São senhoras a sério, esposas de banqueiros, damas da sociedade,

professoras e outras que tais, com os seus guarda-sóis e chapéus finos. Vieram com os maridos e os filhos. Há uma loja de vestidos elegantes, que é de uma senhora francesa, e dizem que se pode lá comprar a última moda de Paris.

Beth e Jack olharam um para o outro, interrogando-se se seria verdade ou se Oz estaria a imaginar tudo aquilo.

– Como está o Monte Carlo? – perguntou Beth.

– Todo pintado de novo, como se nunca tivesse havido um incêndio. O Fallon há muito que se foi embora. Dizem que fugiu da cidade pouco depois de teres saído de lá.

– E o Zarolho? – quis saber Jack.

– Continua por lá. Dizem que tem um *saloon* na Cidade do Piolho e umas quantas pegas a trabalhar para ele.

– Nesse caso, para onde vais tu? – perguntou Jack.

– Isso depende.

– De quanto consegues arrancar daqui? Ainda bem que eu continuei a trabalhar para ti enquanto estiveste fora. – Enfiou a mão no bolso, tirou de lá uma pequena bolsa de couro onde guardara as pepitas que tinha encontrado e atirou-a para o colo do velho. – Faz-me um favor, Oz, não jogues essas também. Não queremos pensar em ti falido e cheio de frio no próximo Inverno.

Oz abriu a bolsa, despejou as pepitas na palma da mão e olhou para Jack com uma expressão chocada.

– Há também algum pó de ouro. Não o trouxe comigo, mas vou já buscá-lo.

– Guardaste isto para mim apesar de saberes que ias ter de ir embora? – perguntou Oz, de sobrolho franzido.

– Claro que sim. O ouro é teu.

– Não há muitos assim tão honestos – disse Oz pensativamente. – Acho que fiz bem, ao fim e ao cabo.

– Fizeste, Oz – afirmou Jack, assumindo que ele estava a referir-se ao facto de o ter deixado ficar e construir uma cabana na sua parcela. – Fui feliz aqui, e desde que a Beth chegou, ainda mais feliz.

– Vais então ser caçado?

Beth riu.

– Ele não me pediu, Oz. Não o embaraces.

– Uma rapariga que sabe fazer panquecas como estas e tocar violino tão bem como tu vale o seu peso em ouro – declarou Oz, enfiando mais uma panqueca na boca. – Peço-lhe eu, Jack, se não te fazes esperto e te despachas.

– Não vou pedir-lhe à tua frente – respondeu Jack, sorrindo. – Mas estamos a planear ir para Vancouver. É melhor ir até lá abaixo ver se alguém nos pode levar a Dawson, mais logo. Não cabemos todos no teu barco, e ainda por cima com os cães.

– Podes levar o barco. Decidi ir a pé, com os cães, talvez visitar alguns velhos

amigos pelo caminho. Mas primeiro temos de tratar de negócios.

– Vou buscar o pó de ouro – disse Jack.

– Não era disso que estava a falar, rapaz – disse Oz, pondo-se de pé e entrando na cabana.

– Deve querer que eu assine qualquer coisa a respeito do arrendamento – sussurrou Jack ao ouvido de Beth.

Oz reapareceu com um pedaço de papel na mão.

– Aqui tens, rapaz – disse. – Os teus dez por cento.

Jack fez uma expressão confusa ao olhar para o papel. Beth aproximou-se e viu que era uma ordem de pagamento bancária no valor de 20 000 dólares, em nome de Jack Child.

– Vendeste a parcela por duzentos mil dólares? – exclamou, ofegante.

– Não a perdeste ao jogo com o Olsen? – acrescentou Jack.

– Claro que não. Já vi demasiados homens irem ao fundo dessa maneira. – Oz riu. – Ganhei algum dinheiro e voltei a perdê-lo, embebedei-me mais do que julgava ser possível. Mas não ia arriscar a parcela ao jogo. Vendi-a ao Olsen.

– Mas porquê dar-me dez por cento? – perguntou Jack, a voz a tremer de emoção.

– Porque cuidaste de mim durante todo o Inverno. Foste como um filho. Além disso, se não tivesses cavado aqueles buracos, eu nunca teria encontrado mais ouro. Em Dawson, toda a gente dizia que eu estava arrumado. O Olsen não me teria dado dez cêntimos pela parcela se não tivesse visto algum ouro.

– Não posso aceitar – disse Jack, com os olhos brilhantes de lágrimas. – É demasiado!

– Tinhas uma parte da parcela, podias ter encontrado ouro a qualquer momento. É justo dar-te a tua parte. Somos sócios, não somos?

Jack parecia aturdido. Continuava a olhar ora para a ordem de pagamento, ora para Oz.

– Resolveste a questão quando me deste estas pepitas – continuou Oz – Vou dizer a toda a gente que o Jack Honesto vai casar com a Rainha Cigana. Considera esse dinheiro uma prenda de casamento.

CAPÍTULO 36

–Esta noite ficamos no Fairview Hotel – disse Jack enquanto amarrava o barco ao cais de Dawson. – Veste o teu vestido mais bonito, e logo vamos pavonear-nos por Front Street.

– Tenho de ir ao restaurante buscar as minhas roupas boas – respondeu Beth distraidamente, a olhar para todos os novos edifícios que tinham sido construídos depois do incêndio. Era como se o desastre nunca tivesse acontecido, com a diferença de que as lojas, *saloons* e salas de baile que tinham substituído os antigos eram maiores e mais magníficos.

Havia também milhares de pessoas a passear de um lado para o outro. Muitas delas estavam tão pobremente vestidas e pareciam tão exaustas como os recém-chegados do ano anterior, mas era espantosa a quantidade de pessoas elegantemente vestidas, de aspecto citadino. Como Oz dissera, havia também um grande número de senhoras de ar bastante respeitável e crianças.

Beth ouvira dizer que fora construída uma via-férrea para transportar passageiros de Skagway até ali, por White Pass, mas duvidava que qualquer daquelas pessoas finas tivesse vindo desse lado, pois nenhuma delas parecia capaz de construir um barco e descer o Yukon.

Um homem de casaca, calças às riscas e cartola caminhava de braço dado com uma senhora que usava um vestido de musselina branca e um grande chapéu enfeitado com rosas e preso por um comprido alfinete, aparentemente indiferente ao facto de a orla da saia arrastar pelo pó. Outra mulher, com um casaco de brocado muito elegante e uma saia a condizer, sentava-se num baú de couro, do género que Beth só vira ser usado pelos passageiros da primeira classe do *Majestic*.

Havia homens e mulheres igualmente bem vestidos por todo o lado, e Beth não conseguia imaginar o que fora que os levara até ali. Que esperavam eles encontrar naquela cidade de pioneiros que ficava isolada do exterior oito meses

por ano?

Quando começaram a caminhar por Front Street, ela com o estojo do violino numa mão e um pequeno saco na outra, Jack a carregar o resto dos pertences de ambos, sentiu-se como se estivesse a ter um daqueles estranhos sonhos em que se encontrava num lugar familiar mas nada era como devia.

Tinha sido assim desde a manhã em que tinham acordado a prepararem-se para comprar os bilhetes mais baratos possíveis para sair dali e para enfrentar a dura luta que os esperava em Vancouver.

E então, sem aviso, tinham ficado ricos.

Embora tivesse sido a melhor das surpresas, houvera também alguma tristeza no adeus a um lugar onde tinham conhecido tanta felicidade. Então, depois de se terem despedido de Oz com emocionados abraços, tinham remado até ali, uma recordação do modo como tinham chegado um ano antes, ainda esmagados pelo desgosto da perda de Sam.

Quando, no ano anterior, tinham percorrido aquela mesma rua, a patinhar na lama, eram «cheechakos», o termo local para designar os «verdes», excitados, assustados, cansados, expectantes e completamente baralhados. Dawson City mudara-os. E nem poderia ter sido de outro modo, pois fora como serem atirados para dentro de uma enorme misturadora de onde todos saíam ligeiramente modificados pelo contacto com as personagens extravagantes, a frivolidade permanente, as provações, o excesso de pessoas, a permissividade e o espectáculo de fortunas feitas da noite para o dia.

Beth perguntava-se agora se conseguiria alguma vez readaptar-se a uma sociedade convencional. Viera a remoer este pensamento durante toda a viagem de barco, quase sem dizer uma palavra, e como Jack se mantivera igualmente silencioso, calculara que devia estar tão apreensivo como ela a respeito do regresso a Dawson.

– Vai correr tudo bem, temo-nos um ao outro – disse subitamente Jack, como se estivesse a ler-lhe os pensamentos. – Se quisermos, podemos partir no próximo barco.

Beth lançou-lhe um sorriso agradecido. Achava extraordinário ele parecer saber sempre o que ela estava a pensar.

Às oito da noite, estavam quase prontos para ir dar uma vista de olhos à cidade. Tinham-lhes dado um dos melhores quartos do Fairview. Era sumptuoso, com uma espessa alcatifa, requintadas mobílias francesas, um colchão de penas e pesados cortinados de veludo na janela. Beth pensou cinicamente que era uma pena os proprietários não terem feito um esforço para tornar as paredes interiores mais robustas. Ela e Jack conseguiam ouvir tudo o que as pessoas do quarto ao lado diziam.

Tinham ido buscar as roupas de Beth ao restaurante, descontado a ordem de pagamento e Jack comprara um elegante fato novo, cortara o cabelo e mandara

engraxar os seus melhores sapatos.

Beth estava a fazer o nó do laço preto quando soou uma pancada na porta. Jack abriu-a e viu-se perante um pacote de uniforme que lhe estendia uma carta.

– Para Miss Bolton – anunciou o rapaz – Mandaram-me esperar pela resposta.

Surpreendida e confusa, Beth abriu a carta e viu que era de Percy Turnball, o novo proprietário do Monte Carlo. Dizia:

Cara Miss Bolton,

Fiquei encantado ao saber que está de regresso à nossa cidade, com Mr. Jack Child. Consideraria um privilégio se ambos aceitassem vir ao Monte Carlo esta noite, como meus convidados, na esperança de que consinta em tocar algumas músicas para todos os que tanto sentiram a sua falta.

Seu humilde servidor,

P. Turnball

Entregou a missiva a Jack, para que a lesse.

– O que é que achas?

– É o escocês a quem chamavam « Grandes Tomates » ? – perguntou Jack – Aquele sujeito grande, com o alfinete de gravata de diamante, que costumava aparecer no Nugget?

Beth riu. Dolores chamava-lhe Percy, o *Porquinho*, porque tinha uns olhos muito pequenos e uma cara muito vermelha. Como o Zarolho, gostava de vistosos fatos aos quadrados, mas era um homem decente e generoso, e ela gostara dele.

– Sim. Imagina, agora é dono do Monte! Vamos?

– Se quiseres. Talvez seja bom para ti tocar aqui uma última vez.

Beth voltou-se para o pacote.

– Diga-lhe que teremos muito prazer.

Eram nove quando chegaram ao Monte Carlo. Estava um pianista a tocar, mas mal conseguiam ouvi-lo tal era o barulho no *saloon* apinhado de gente. Quando Beth e Jack entraram, as pessoas voltaram-se para olhar para eles, e uma espécie de murmúrio percorreu a sala.

– É ela – ouviu Beth um homem dizer. – É ainda mais bonita do que diziam.

Percy Turnball, tendo certamente notado a agitação, abriu caminho por entre a turba para os receber.

– Sejam os dois bem-vindos – disse, o rosto rubicundo a rasgar-se num grande sorriso. – Houve muito contentamento quando foram vistos a chegar à cidade esta manhã. É uma das lendas de Dawson, Miss Bolton, até os *cheechakos* ouviram falar de si e ficaram desapontados por não poderem ouvi-la tocar. Quanto a si, Jack, ouvi histórias a respeito de ter sido atacado por um urso, ter ficado rico e ter casado em segredo com a Rainha Cigana. Alguma delas é verdadeira?

Jackriu.

– Todas falsas. Se casar com a Rainha Cigana, não será em segredo.

Turnball deu-lhe uma palmada nas costas.

– Ótimo. Sempre achei que vocês os dois estavam bem juntos. Vamos beber um pouco de champanhe para festejar o vosso regresso.

Turnball guiou-os até à mesa que tinha reservado e um dos empregados levou-lhes champanhe num balde de prata. Era de qualidade muito superior à do que Fallon costumava oferecer a Beth, e as taças eram de cristal autêntico.

Dúzias de pessoas que nunca tinha visto dirigiam-se-lhe para dizer como estavam encantadas por conhecê-la. Era uma boa sensação, e com Jack a segurar-lhe a mão por baixo da mesa, a ansiedade que sentira durante o dia desapareceu.

Havia muitos rostos conhecidos no meio da multidão, todos eles com direito ao título de Fermentadores agora que tinham passado ali um Inverno inteiro. A alguns conhecera-os, jovens de rostos frescos, em Skagway, inocentes que tinham deixado as suas pequenas cidades em busca de um sonho. Agora eram homens endurecidos, capazes de enfrentar tudo. O facto de ainda ali estarem significava que tinham encontrado um nicho qualquer, mesmo que não tivessem encontrado ouro.

Aqui e além havia raparigas de *saloon* e dançarinas, com os seus vestidos berrantes e os seus elaborados penteados. Podiam parecer roliças, bonitas e simpáticas, mas a maior parte era calculista, dura e mercenária. Tinham, no entanto, levado brilho e beleza a Dawson, e tinham sem dúvida dado um pouco de conforto a muitos mineiros, mesmo aqueles a quem a sorte voltara costas.

Outros rostos, igualmente familiares, eram os dos que tinham montado negócios na cidade. Alguns conhecera-os no trilho, outros tinham chegado por outras vias, mas eram todos enérgicos empreendedores. Muitos deles tinham perdido tudo em incêndios, pois já antes do grande, em Abril, houvera muitos outros. Aceitar a derrota não estava na natureza daqueles homens: se um negócio falhava, iniciavam outro. Inabalavelmente determinados, com uma coragem de aço, seriam de certeza capazes de enfrentar tudo o que a vida lhes atirasse para cima.

A grande maioria dos clientes era, porém, constituída por gente que Beth não

conhecia. Entre eles contavam-se os mais recentes *cheechakos*, homens de rostos emaciados, com os seus coçados casacões de lã e velhas botas de marcha, mas a maior parte dos desconhecidos era gente elegante, bem vestida e de ar próspero.

– São apenas turistas – disse Turnball desdenhosamente, ao notar-lhe o olhar curioso. – Para eles não houve passagens de montanha nem provações. Chegam com as suas malas de couro, em alguns casos até com as criadas, só para poderem dizer que estiveram em Dawson City. No ano passado, nenhum de nós sabia que os jornais do mundo inteiro acompanhavam tudo o que se passava aqui. Algumas destas pessoas sabem mais a nosso respeito do que nós próprios! Claro que ainda há muitos que chegam convencidos de que vão encontrar ouro, mas a maior parte só quer ver como é.

Às dez, Turnball subiu ao pequeno palco e fez soar um gongo para chamar a atenção dos presentes.

– Senhoras e senhores – disse, quando se fez silêncio. – Todos os que aqui estão ouviram algumas das lendas do Klondike. Mesmo os que vieram da maneira mais fácil, de barco, ouviram falar dos bravos que desafiaram a morte nos famosos Chilkoot Pass e White Pass, carregando às costas tudo o que tinham.

«A jovem senhora que tenho comigo esta noite atravessou o Chilkoot em Fevereiro do ano passado. Perdeu o irmão, afogado nos Squaw Rapids. Mas continuou até aqui, trazendo o seu violino, e encantou-nos a todos com a sua música.

«Lembro-me da primeira vez que a ouvi tocar, e foi neste mesmo *saloon*, um par de dias depois de ter chegado. A reputação dela precedera-a, mas eu não esperava que a violinista inglesa que conquistara tantos corações em Skagway fosse um nico de rapariguinha.

«Naquela noite, pôs-me lágrimas nos olhos, pôs os meus pés a bater e o meu coração a cantar, e, como todos os outros homens da cidade, fiquei deslumbrado pela sua coragem, pelo seu talento e pela sua beleza.»

Voltou-se para Beth, fazendo-lhe sinal para que subisse ao palco.

Com um aparatoso gesto de braços abertos, ergueu a voz ao nível de um trovão e anunciou:

– Apresento-lhes a dona dos nossos corações, a mundialmente famosa Miss Beth Bolton, a Rainha Cigana do Klondike!

No meio de estrondosos aplausos, Beth subiu ao palco com o violino na mão e fez uma reverência à multidão. Em memória dos velhos tempos, começou com «Kitty O'Neill's Champion», e numa questão de segundos a assistência em peso batia com os pés no chão e sorria para ela. Seguiram-se «The Days of '49», a velhinha «California Gold Rush Jig» e «The Lass of Glenshee».

Fez uma pausa, em que os aplausos redobraram de entusiasmo. Levantou o

arco do violino, a pedir silêncio, e dirigiu-se ao público.

– A próxima música é uma composição minha – disse. – Espero que ouçam nela o vento e a neve a fustigarem-me o rosto em Chilkoot Pass, as serras dos construtores de barcos no lago Bennett e a nossa alegria por podermos partir quando o gelo derreteu. A secção do meio é a dor pela morte do meu irmão, e também a beleza do Yukon na Primavera. Finalmente, há a alegria de Dawson City, no fim do caminho.

Jack tinha-a muitas vezes ouvido, enquanto trabalhava na parcela de Oz, tocar uma música muito bela, que não conhecia. Pensara que era uma peça clássica, e tivera sempre a intenção de pedir-lhe que a tocasse para ele, à noite.

Naquele momento, quando ela começou a tocar, apercebeu-se de que era o que já tinha ouvido. A partir dos primeiros compassos, dolorosamente belos, de gelar os ossos, deu por si a reviver a subida até Chilkoot Pass. Voltou a sentir-se quase dobrado ao meio, com a mochila às costas e a arrastar o trenó atrás de si, a caminhar sempre em frente e para cima através da neve. Beth conseguira retratar na sua música o desespero, a exaustão e o medo que todos tinham sentido naquele trilho. E no entanto, na altura, só se lembrava de a ver sorrir corajosamente quando olhava para ela.

Houve um alegre humor nas serras do lago Bennett, e Jack reparou que muitos dos que ali estavam olhavam uns para os outros e sorriam ao recordar as suas azedas discussões.

Todos entre o público, tivessem ou não percorrido o trilho, sentiram a alegria da partida rio abaixo, pois Beth conseguira insinuar o apito de um navio, o drapejar das velas enfunadas pelo vento e até o calor do sol primaveril nas costas deles.

Uma sequência rápida, arrepiante, espelhou a excitação e o terror dos rápidos de Miles Canyon, seguida por um lamentoso memorial a Sam. Jack viu-os a tirarem-no da água, o vermelho-escuro do sangue a manchar-lhe os cabelos louros. Viu Beth ajoelhada junto do corpo, os seus soluços a retalharem-no como uma faca. E viu-os a baixá-lo à morada do seu último repouso junto à margem do rio, e a cantar «Rock of Ages» depois de terem rezado por ele.

Sentiu um nó a formar-se na garganta, porque estava tudo na música. Quando olhou em redor, apercebeu-se de que até aqueles que nada sabiam a respeito de Sam ou de Miles Canyon compreendiam a angústia de Beth.

Na descrição da viagem pelo Yukon, estavam presentes toda a dor e toda a desesperança dela, mas também a beleza do rio serpenteante, das montanhas em redor, das flores primaveris, de um alce a beber à beira da água.

Naquela viagem, tinham chegado subitamente à vista de Dawson. Beth ilustrou isto com uma abrupta mudança de compasso. Num repente, a composição tornou-se agitada, alta e alegre, levando Jack a recordar o mercado junto à margem, a lama viscosa, os milhares de pessoas. Incluiu os pregoeiros a

gritar que o *saloon*, o restaurante ou a sala de dança deles eram os melhores. Retratou a romântica « Long Juicy Waltz », tão insistentemente promovida pelos reis das salas de baile. Os homens depressa descobriam que o seu dólar só lhes comprava um minuto com uma rapariga nos braços, e mesmo assim alguns gastavam cem dólares numa noite para terem esse privilégio.

Um toque de burlesco no teatro do Monte, atrevido, vulgar, mas nunca indecente, ou os *mounties* apressar-se-iam a fechá-lo. As mesas de faraó, as raparigas de Paradise Alley, os uivos dos cães, os bêbedos, os que perdiam e os que ganhavam, estavam todos na música de Beth, e nunca Jack se orgulhara tanto dela.

Contemplou-a em cima do palco, a cabeça inclinada para o violino, os caracóis negros a caírem-lhe pelas costas, o corpo esbelto a mover-se sensualmente com a música. E compreendeu que, naqueles anos em que a conhecera e sem que desse pela mudança, ela se tinha transformado de uma bonita rapariga numa bela mulher.

Quando a peça acabou e Beth baixou o arco, o público enlouqueceu. Os que estavam sentados levantaram-se de um salto, a bater com os pés, a aplaudir, a aclamar. Os aplausos não paravam, todos gritavam por mais. Mas Beth sorriu e abanou a cabeça, formou com os lábios a palavra « obrigada », pois nunca conseguiria fazer-se ouvir acima do barulho, e voltou-se para abandonar o palco.

Jack compreendeu porquê. Aquela música esgotara-a. Pusera nela toda a dor, todas as provações, todas as alegrias e prazeres. Nunca poderia fazer melhor do que aquilo, e não queria sequer tentar.

Não puderam partir de Dawson no dia seguinte, como tinham planeado, porque não havia um único lugar em qualquer barco, mas Jack conseguiu reservar um camarote de primeira no *Maybelline* para 3 de Agosto, cinco dias mais tarde.

Na tarde do dia seguinte, quando andava sozinha a comprar umas coisas de que precisava, Beth viu Dolores, a rapariga que trabalhara no Golden Nugget, a sair de uma mercearia. Estava grávida, e numa fase já avançada.

Ao ver Beth, Dolores correu para ela, tão excitada que mal conseguia respirar.

– Fiquei tão preocupada quando desapareceste. Ninguém sabia para onde tinhas ido! – exclamou.

– Fui ter com o Jack, ao Bonanza – explicou Beth. – Estava farta de Dawson. Mas então e tu? Para onde foste depois de o Nugget ter ardido?

Dolores riu.

– Aquele incêndio foi a minha sorte. Conheci o Sol naquela noite, era um dos bombeiros. Levou-me para casa dele e temos estado juntos desde então.

Conversaram durante algum tempo, e Beth disse que ela e Jack iam para Vancouver. Dolores contou que ajudava numa lavandaria e que Sol estava a juntar mais um quarto à cabana, para o bebé.

– Para quando é o nascimento? – perguntou Beth, feliz por tudo ter acabado bem para a rapariga.

– Bem, os médicos dizem que vai ser em Novembro – respondeu Dolores. – Mas não podemos ter a certeza da data porque eu não me lembro de quando tive o meu último coiso.

Beth sorriu ao ouvir como Dolores chamava à menstruação. Depois de se certificar de que Sol parecia estar encantado por ir ser pai e de que Dolores estava bem e feliz, despediu-se dela e voltou ao Fairview.

A pensar na conversa enquanto caminhava, ocorreu-lhe subitamente que há já algum tempo que também ela não tinha «o coiso». Lembrava-se de ter tido um pouco depois de ter chegado à cabana de Jack, e um segundo, que devia ter sido um mês mais tarde, em princípios de Junho, mas nada mais depois disso.

Uma vez que lhe tinham dito em Montreal que nunca mais voltaria a engravidar, não tivera qualquer razão para esperar, ou querer, que qualquer homem tomasse precauções, e nunca lhe passara sequer pela cabeça que o médico pudesse estar enganado.

De regresso ao quarto, examinou-se atentamente no espelho. Não notava nada de diferente na sua pessoa, e de certeza não se sentia diferente, mas a verdade era que estava mais de um mês atrasada. E se estivesse grávida?

Fechou os olhos e pousou as mãos no ventre e desejou com todo o coração que sim. Ter um filho de Jack seria a melhor coisa do mundo.

Mas não lhe disse nada quando ele voltou. Primeiro precisava de ter a certeza, e como ele encontrara alguns velhos amigos nessa tarde e apareceu cheio de novidades para contar, não lhe foi difícil esconder a excitação.

No dia seguinte, Jack saiu para ir ajudar alguém a construir uma cabana, e Beth tentou afastar do espírito a ideia de um bebé indo visitar algumas amigas. Mas não resultou. Fosse por sugestão ou por ser verdade, tinha os seios sensíveis, e até sentira uma pontinha de enjoo naquela manhã. Conversou e riu com as amigas, mas o pensamento que lhe enchia a cabeça era como Jack ia ficar feliz quando se confirmasse. Na noite de 31 de Julho, correu em Dawson o boato de que tinha sido encontrado ouro em Nome, junto ao mar de Bering, no Alasca.

Beth e Jack ouviram-no pela primeira vez da boca de um outro hóspede do Fairview que recebera um telegrama de um amigo que vivia algures perto de Nome. Não deram muita importância ao assunto, pois houvera, em Janeiro, um rumor a respeito de uma nova descoberta de ouro, e muitos homens tinham partido a correr, alguns deles tão mal preparados que sofreram graves queimaduras provocadas pelo frio, sendo afinal tudo mentira.

Quando, porém, desceram Front Street, as pessoas não falavam de outra

coisa. No *saloon* onde entraram, os homens afirmavam que o ouro estava espalhado pela praia, à espera de ser apanhado, e todos eles tencionavam partir para Nome logo que conseguissem comprar uma passagem.

O rumor alastrou como um fogo de mato e, de repente, todos os homens que tinham andado a deambular pelas ruas com expressões vazias no rosto tinham uma vez mais o velho e familiar brilho nos olhos.

Jack achava tudo aquilo muito divertido. Riu à gargalhada quando um velho garimpeiro o deteve em plena Front Street e lhe perguntou se tencionava ir.

– Eu não – respondeu. – Já tive febre do ouro suficiente para o resto da vida. Tudo o que quero é ir para casa com a minha rapariga.

No dia seguinte, a cidade inteira fervilhava de excitação. As pessoas batiam-se por um lugar num vapor, e quando não conseguiam bilhetes alugavam barcos a remos ou à vara para irem pelos seus próprios meios.

Jack parecia achar tudo aquilo muito perturbador e disse que ia dar uma volta pelas colinas. Antes de partir, separou quinhentos dólares do monte de dinheiro e sugeriu a Beth que fosse à loja de madame Aubert comprar qualquer coisa bonita e elegante para usar em Montreal.

A francesa era uma modista maravilhosa, mas também tinha na loja vestidos já feitos que eram a última moda de Paris.

– Não posso comprar nada lá – disse Beth, horrorizada. – É tudo caríssimo.

Jack riu.

– Agora somos ricos, e todas as tuas roupas vão parecer muito antiquadas em Vancouver. Além disso, com tanta gente a partir para Nome, aposto que consegues obrigá-la a baixar os preços.

Beth queria um vestido novo, mas disse a Jack que quinhentos dólares era demasiado.

– Vais ver que não – insistiu ele. – Também precisas de sapatos e outras coisas.

Nessa noite, ao jantar, Jack pareceu um pouco distante. Beth encontrara um vestido maravilhoso na loja de madame Aubert, um casaco com riscas verde-escuras e cremes e saia verde a condizer, e um pequeno chapéu verde com um véu. Estava excitada por causa do vestido e dos mexericos que a francesa lhe contara, e ficou bastante desapontada por Jack não se mostrar muito receptivo.

Bebeu um par de copos de *whisky* depois do jantar, e o álcool subiu-lhe à cabeça. Mal conseguia manter-se de pé, e Jack ajudou-a a subir até ao quarto e a enfiar-se na cama.

– Acho que vou dar uma volta por aí e ver o que se passa – disse. – É muito cedo para dormir. Bons sonhos.

Beth foi abruptamente acordada, de manhã, pelo barulho que vinha da rua. Mas, para sua surpresa, estava sozinha na cama. Levantou-se e aproximou-se da janela para descobrir o que estava a causar toda aquela algazarra, e viu centenas e centenas de homens que, de mochila às costas, se encaminhavam para o cais.

Era exactamente como tinha acontecido dois anos antes, em Vancouver, e assumiu que Jack tinha saído sem a acordar para assistir ao espectáculo. Mas quando voltou a olhar para a cama, percebeu que ele não tinha dormido lá. Faltava a marca da cabeça na almofada, e os lençóis e mantas continuavam presos do lado dele.

Ainda mais estranhamente, o fato novo que tinha comprado estava dobrado nas costas da cadeira, com as suas melhores botas ao lado. Devia ter voltado ao quarto na noite anterior, quando ela estava a dormir, e vestido as suas velhas roupas.

Procurou no armário e descobriu que o saco das ferramentas também tinha desaparecido. Jack sempre fora incapaz de resistir a uma história triste, e se alguém lhe tivesse pedido ajuda na noite anterior, teria tido muita dificuldade em recusar. Mas o que não conseguia compreender era por que motivo, se voltara ao quarto para mudar de roupa e levar as ferramentas, não a acordara para lhe dizer aonde ia, ou não lhe deixara uma nota.

Voltou a sentir uma náusea, mas decidiu que era fome e desceu para tomar o pequeno-almoço, a pensar que talvez houvesse uma nota de Jack na recepção.

Não havia, e ela teve de sair a correr da sala de jantar só por ter cheirado o café.

De novo no quarto, sentou-se junto à janela a olhar para o rio de homens que desfilava diante do hotel e, de súbito, o seu coração contraiu-se de medo. Poderia Jack ter ido para Nome?

Parecia um pensamento absurdo, pois ele mostrara apenas uma curiosidade divertida a respeito de toda aquela história. Até dissera que se procurar ouro ali era duro, devia ser muito pior em Nome, que ficava quase no círculo ártico.

Mesmo assim, um arrepio gelado desceu-lhe pela espinha, porque a própria cidade onde estava não existiria se não fosse a irracionalidade e a ganância que o ouro trazia à tona na alma humana. Nem sequer podia dizer que havia apenas um género de pessoas que sucumbia ao engodo, pois sabia que vinham de todas as condições e estratos sociais, e os homens honestos e decentes eram muito mais comuns do que os ladrões e os vigaristas.

Também sabia que pouco importava o dinheiro que um homem já tivesse, porque vira fortunas perdidas no virar de uma carta. Theo vira o seu sonho realizado quando tivera o Golden Nugget, e no entanto vendera-o nas costas dela e fugira com o dinheiro. Porque havia de pensar que Jack era assim tão diferente?

Olhou para a cama. Tinham posto o dinheiro num saco de pano debaixo do

colchão, depois de voltarem do banco. Jack ficara apenas com cerca de mil dólares, e desses dera-lhe quinhentos a ela. Se o saco tivesse desaparecido, o mesmo teria ele feito, como Theo.

A tremer de nervos, aproximou-se hesitantemente da cama e levantou o colchão. Fez deslizar a mão por baixo dele, mas não encontrou nada. Um grito de desespero involuntário brotou-lhe da garganta. Passou as mãos à volta da cama, e, não encontrando nada, pegou no colchão e atirou-o ao chão. Não havia nada por baixo dele, apenas o fino forro de crina por cima das molas.

O choque fê-la cambalear, pois por muito que tivesse racionalizado que Jack não era diferente dos outros homens, no fundo do coração sentia que nunca ele seria capaz de fazer uma coisa tão baixa.

Dissera que não tinha ido para ali por causa do ouro, mas só para estar perto dela, e ela acreditara.

A traição era insuportável, muito pior do que o que Theo tinha feito, pois sempre soubera que em Theo não se podia confiar. Mas o Jack Honesto, o homem em que confiara implicitamente durante todos aqueles anos, o seu consolador, o seu amigo, como pudera fazer-lhe aquilo?

Atirou-se para cima das roupas da cama a chorar histericamente. Recordou como ele lhe pusera os quinhentos dólares nas mãos e dissera que não podia chegar a Vancouver a parecer uma pobre.

A ratazana já então devia estar a planear a fuga, e só lhe dera aquele dinheiro para salvar a consciência não a deixando reduzida à miséria.

Como fora capaz de fazer-lhe aquilo?

CAPÍTULO 37

Ficou horas a chorar em cima do monte de roupas. Uma vez que os bilhetes continuavam em cima do toucador, pareceu-lhe óbvio que Jack queria que partisse no barco, de manhã. Ficaria assim livre de ir com aquela irmandade de loucos que preferia passar a vida em cabanas fedorentas perdidas em lugares remotos e sonhar com encontrar ouro a ter uma mulher e uma família que os amassem.

Reviveu as últimas semanas, a tentar ver se ignorara qualquer coisa que lhe pudesse ter dado uma pista de que Jack não estava tão profundamente ligado a ela como julgara.

Havia o momento em que ela lhe dissera que o amava e ele não respondera de imediato que também a amava. Mas na altura pensara que estava apenas a provocá-la.

Sabia que ele tinha sido feliz no Bonanza, mas talvez tivesse sido presunção sua pensar que seria ainda mais feliz a viver com ela no exterior. Agora que pensava nisso, nunca ele falara a respeito de como tencionava ganhar a vida quando saíssem de Dawson.

E o silêncio dele durante a viagem no barco a remos até à cidade parecia-lhe agora igualmente suspeito. Pensara que ficara apenas aturdido por Oz lhe ter dado o dinheiro, mas teria sido por sentir que estava a ser arrastado para uma armadilha?

Parecia ridículo, mas talvez para um homem que gostava de uma vida simples e longe dos outros a perspectiva de viver numa verdadeira casa, rodeado de pessoas sóbrias e respeitáveis fosse uma espécie de morte em vida.

E no entanto, ele decerto sabia que podia ter-lhe falado dos seus medos. Fora talvez no Monte Carlo que começara a fazer marcha atrás? Quando Percy Turnball dissera aquilo a respeito de ela ser uma lenda, tinha talvez temido ficar para sempre na sua sombra? Que se esperasse dele que se moldasse à música dela e nunca mais pudesse escolher como queria viver?

Mas porque havia de pensar semelhante coisa? Talvez ela não tivesse deixado suficientemente claro que nada mais lhe importava excepto ele. Que até tocar violino era secundário; que ficaria igualmente feliz por tocar só para ele e já não ansiava ter um público.

Teria Jack partido se ela lhe tivesse dito que achava que trazia um filho dele no ventre?

Ao fim da tarde, o orgulho fez finalmente Beth levantar-se de cima do monte de roupa.

« Se prefere andar a arrastar-se pelo Ártico com um bando de malucos a ir comigo para Vancouver, o problema é dele », disse para si mesma.

Voltou a pôr o colchão em cima da cama e atirou as roupas para cima dele, lavou a cara na bacia e examinou de sobrolho franzido os olhos inchados.

– Não vais chorar mais – disse à sua imagem reflectida no espelho. – Vais descer à sala de jantar, comer uma boa refeição, e depois vais preparar as tuas coisas para amanhã. Não vais deixar que ninguém veja como te doeu ele ter-se ido embora.

– Gostaria que alguém me ajudasse a levar a minha bagagem para o barco, por favor – disse Beth ao gerente do hotel na manhã seguinte, enquanto pagava a conta.

O átrio estava cheio de gente que partia para Nome, e, apesar de poucos parecerem capazes de enfrentar um Inverno ártico, davam a impressão de seguir o rebanho como ovelhas, só porque havia tantos outros a partir.

– Com certeza, Miss Bolton – respondeu o homem, sorrindo-lhe untuosamente. – Mr. Child vai lá ter consigo?

– Sim. Teve de tratar de uns assuntos – disse ela, picada porque o patife fizera questão de tratá-la por Miss Bolton, para mostrar que sabia que não era casada com Jack.

Emalara também as roupas novas de Jack, porque se as deixasse no hotel tornaria óbvio que ele a tinha abandonado, mas achava que o gerente já o sabia, e que estava a deleitar-se com o desgosto dela.

O pacote do hotel caminhava atrás dela por Front Street, levando as malas num pequeno carrinho de mão. A rua estava apinhada de gente que saía de Dawson, e Beth calculou que o barco devia estar sobrelotado uma vez que os comandantes não eram diferentes do resto das pessoas e aproveitavam todas as oportunidades para ganhar dinheiro fácil. Mas, pelo menos, toda a gente a mais iria só até St. Michael, onde desembarcaria e teria de procurar outra maneira de chegar ao seu destino.

Manteve a cabeça bem erguida enquanto caminhava. Podia ter o coração

destruçãdo, mas sabia que ficava bem com o seu vestido novo e o cabelo preso debaixo do chapéu. Mesmo assim, tremia à ideia de encontrar alguém conhecido, que não deixaria de perguntar-lhe onde estava Jack.

O *Maybelline* era um pequeno vapor de aspecto robusto e relativamente novo, ao contrário da maior parte dos barcos que tinham sido postos ao serviço no ano anterior. Um dos membros da tripulação levou a bagagem de Beth e mostrou-lhe o camarote, que ficava no convés superior. Era minúsculo, com apenas trinta centímetros de chão ao lado dos beliches, mas ela tinha visto como estavam sobrelotados os dois conveses inferiores, e não se importou. Deixou as malas no beliche de baixo, subiu para o de cima e deitou-se a observar a cena no cais através da pequena vigia.

Se não estivesse tão infeliz, talvez tivesse rido ao ver as pessoas baterem-se para chegar à cabeça da fila para comprar bilhetes, e depois a tentarem subornar os membros da tripulação para que as deixassem embarcar. Não compreendia aquele desespero. Só os entes queridos justificavam que se lutasse por eles. Ela teria sem dúvida lutado com unhas e dentes para salvar Sam, e voltado as costas a uma fortuna se isso significasse que Molly poderia continuar viva e de saúde em Inglaterra.

O barco ressoava com o barulho de botas cardadas a bater no convés. Ouviu, lá fora no corredor, um homem de voz tonitruante queixar-se de que o seu camarote era demasiado pequeno, e um membro da tripulação dizer-lhe sem rodeios que se não gostava podia desembarcar e vender os seus bilhetes a outra pessoa pelo dobro do dinheiro.

Nessa altura, uma voz de mulher declarou que era uma vergonha o barco estar tão sobrelotado. A resposta que recebeu foi a mesma que tinha sido dada ao primeiro queixoso.

Beth desceu do beliche quando o apito do barco soou a chamar os atrasados para bordo. Sentiu que tinha de ver pela última vez o lugar para onde, dois anos antes, partira com tanta excitação.

A vigia era apenas um quadrado de vidro com trinta centímetros de lado e não se abria, pelo que o seu campo de visão se limitava ao que estava directamente em frente: um grupo de jovens com sacos às costas, pesados casacões e pás, ainda à espera de conseguirem um lugar de última hora. Atrás deles havia um *saloon*, a elaborada fachada a sugerir que o interior seria igualmente luxuoso. Mas era uma falsa imagem; por dentro pouco mais era do que um barracão, e Beth sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos porque lhe pareceu que aquilo simbolizava a maneira como se deixara convencer de que Jack era diferente. Acreditara que nele não havia falsas fachadas, nem truques ou aldrabices. Jack Honesto, o homem com quem podia contar, que seria o seu amigo, o seu amor, o seu tudo.

Tinha agora a certeza de que o filho dele lhe crescia no ventre, pois voltara a

sentir o enjoo mal cheirara o café naquela manhã. Sabia que ia amar a criança apesar da traição de Jack. Talvez até, com o tempo, conseguisse perdoar. Mas também sabia que nunca mais na vida voltaria a confiar num homem.

Tinha a visão desfocada pelas lágrimas que lhe alagavam os olhos. Viu um homem a correr por trás dos que faziam fila, e apesar de só o ter visto por um segundo, teve a fugaz impressão de que era alto, com cabelo escuro. O coração deu-lhe um salto involuntário no peito, mas voltou costas à vigia, irritada consigo mesma por ter imaginado que era Jack.

Mas então ouviu gritos, e apurou o ouvido, porque o homem que gritava que a mulher tinha o bilhete dele parecia mesmo Jack.

Saiu do camarote e desceu a escada até ao sobrelotado convés inferior a correr como o vento. Havia passageiros e malas a ocupar cada centímetros de espaço, mas, para lá deles, viu que a tripulação já tinha recolhido a prancha de embarque e soltado as amarras, e que no cais, do qual o navio se afastava lentamente, estava Jack, vermelho e furioso.

– É o meu marido! – gritou ela, saltando por cima de malas e sacos, empurrando as pessoas para o lado. – Deixem-no embarcar, por favor!

Os membros da tripulação olharam para ela, espantados. Jack recuou alguns passos, e então correu para a frente e saltou.

Houve como que um som geral de respirações retidas entre os passageiros do convés inferior, porque o espaço entre o barco e o cais aumentava rapidamente.

Beth tapou a boca com a mão, pois Jack parecia suspenso em pleno ar e ia de certeza cair na água. Mas aterrou no convés, por pouco mais de um centímetro, e caiu para a frente sobre os joelhos.

Estava sujo e com a barba por fazer, mas a Beth pareceu maravilhoso. Correu para ele, de braços estendidos para o abraçar.

– Graças a Deus consegui! – arquejou Jack, quando ela o alcançou. – Senão ias pensar que te tinha abandonado!

Dez minutos mais tarde, no camarote, Jack estava ainda ofegante.

– Tive de ir ver o Oz – disse. – Foi atacado. O Willy Apito não conseguia levá-lo para o barco.

Demorou ainda algum tempo a normalizar a respiração o suficiente para explicar melhor. Estava de regresso ao hotel na noite em que a deixara para ir dar uma volta quando Willy Apito (assim chamado por tocar um pequeno apito de lata), um veterano que já garimpava à volta de Dawson muitos anos antes de a corrida ao ouro ter começado, lhe gritara que parasse.

Ao princípio dessa tarde, estava Willy na sua cabana, a sete ou oito quilómetros da parcela de Oz, quando ouvira cães a ladrar e a arranhar a porta. Reconhecera imediatamente *Flash* e *Silver*, e sabendo que os animais tinham ido ali pedir ajuda, seguira-os através do bosque. Cerca de quilómetro e meio mais adiante, encontrara Oz caído no meio do mato, quase inconsciente. Tinha sido

selvaticamente espancado e sangrava de um ferimento de faca no peito.

Willy era um homem pequeno, e, apesar de ter conseguido improvisar uma maca e, com os cães a puxá-la, levar Oz até à sua cabana, sabia que não teria força para carregar o amigo até ao barco e içá-lo lá para dentro. Por isso enfiara uma velha toalha na ferida de Oz, dera-lhe um trago de *whisky* e, deixando os cães a guardá-lo, remara até Dawson em busca de auxílio.

Jack fora ao hotel para mudar de roupa, mas, como estava cheio de pressa e de todos os modos esperava estar de volta de manhã cedo, não pensara em deixar uma nota ou sequer acordar Beth.

Quando ele e Willy chegaram à cabana, era ainda noite, mas, depois de examinar Oz, Jack convencera-se de que transportá-lo para o barco e levá-lo para um hospital poderia matá-lo. Por isso pusera um penso na ferida o melhor que pudera e mandara Willy buscar um médico enquanto ele ficava ali.

– Eu disse-lhe que viesse contar-te o que tinha acontecido – continuou Jack – Mas o grande idiota bebeu uma garrafa de *whisky* quase inteira durante a viagem, adormeceu e passou por Dawson sem dar por isso. Eu estava preso na cabina dele, sem um barco para ir buscar ajuda, e de todos os modos não podia deixar o Oz sozinho. Quando o Willy acordou, quase se matou a remar para Dawson contra a corrente para chamar um médico, já era outra vez noite. O médico apareceu no seu próprio barco, com outro homem, estava o dia a nascer. Vim para cá com eles. Depois de deixar o Oz no hospital, corri para o Fairview, mas tu já tinhas saído.

– Pensei que me tinhas deixado para ir para Nome – murmurou ela. Estava envergonhada por ter duvidado dele, porque o sangue e o pó que tinha nas roupas, e o cansaço de que dava mostras, eram ampla prova de que estava a dizer a verdade.

– Como pudeste pensar uma coisa dessas? – exclamou Jack, com uma expressão magoada no rosto. – Com certeza sabes que és a coisa mais importante do mundo para mim? Não te trocaria por uma tonelada de ouro. Amo-te, Beth.

– Mas tu levaste o teu saco de ferramentas e o dinheiro – disse ela, debilmente. – Que outra coisa podia eu pensar?

– Levei as ferramentas para o caso de precisar delas. Mas não levei o dinheiro. Estava no cofre do Fairview. – Enfiou a mão dentro da camisa e tirou de lá o saco de pano. – Guardei-o lá depois de te ter dado os quinhentos dólares para o teu vestido. Já se sabia na cidade que o Oz mo tinha dado. Tive medo de ser roubado.

– O gerente não me disse nada.

Jack abanou a cabeça, incrédulo.

– O grande sacana – sibillou. – Aposto que pensou que talvez eu não voltasse e que poderia ficar com ele. Pareceu surpreendido ao ver-me. Corri como o vento até aqui, nem sequer tive tempo para me lavar. E agora nem sequer posso

abraçar-te para te compensar de tudo isto, ou estrago o teu bonito vestido.

– Posso ir buscar água para te lavar, e trouxe as tuas roupas novas porque não queria que ninguém soubesse que me tinhas abandonado.

Jack sorriu.

– Abandonar-te! Se tivesse de nadar para apanhar o barco, tinha nadado.

Beth sentiu toda a tensão e toda a dor que se tinham acumulado dentro dela dissiparem-se.

– Como está o Oz?

– Escapa desta. A ferida no peito teve de ser cosida, e os *mounties* vão apanhar os tipos que o atacaram. Felizmente, tinha deixado o dinheiro no banco aqui em Dawson, e até tinha posto as pepitas que eu encontrei numa bolsa que prendera à coleira do *Flash*.

– Mas porque foi que os cães não o defenderam? – perguntou ela.

– Também eu e o Willy ficámos intrigados. Mas, a caminho do hospital, o Oz recuperou a consciência o tempo suficiente para nos contar que tinha estado a beber com dois sujeitos que julgava serem seus amigos, na cabana deles, que fica a cerca de quilómetro e meio da do Willy, e que prendera os cães à porta. Julgo que os sujeitos pensaram que o Oz tinha o dinheiro com ele, e a ganância fê-los atacá-lo. Mas fugiram quando não encontraram nada, e o Oz conseguiu arrastar-se para fora e soltar os cães.

– Que amigos! – exclamou Beth. – Se os cães não fossem tão inteligentes, podia ter morrido ali.

Beth arranjou um balde de água para Jack se lavar e, depois de limpo, ele abraçou-a e beijou-a.

– Gostaria de provar-te como te amo – disse ele, docemente. – Mas depois de duas noites sem dormir, não me parece que consiga.

Beth deixou-o a dormir e foi para o convés superior contemplar o rio. Tinham-lhe dito que Yukon era uma palavra índia que significava « o Maior », e achou que o título era bem merecido, pois tinha mais de 3200 quilómetros de comprimento, com estreitas gargantas por onde corria tumultuosamente, curvas apertadas e longas extensões em que deslizava calmo por terras planas. A água oriunda dos glaciares era tão fria nos rápidos que, se um homem caísse, seria o bastante para o matar ainda antes de ser sugado para o fundo pela forte e mortífera corrente.

E era tão belo, por vezes verde-esmeralda, por vezes turquesa. Alces e caribus frequentavam os baixios, patos e gansos nadavam nas águas mais plácidas, andorinhas nidificavam nos barrancos das margens. Mas ela também o adorara no Inverno, quando o gelo atingia um metro e vinte de espessura e ela e Jack tinham corrido pela sua superfície num trenó, com *Flash* e *Silver* a puxá-los.

Olhou em redor para os outros passageiros sentados no convés, apertados no meio das bagagens, e sentiu-se triste por eles, porque não estavam a ver a beleza daquela terra, desejavam apenas a riqueza que podiam tirar dela.

Ir para aquele lugar fora uma educação completa. Uma vida inteira em Inglaterra ou em Nova Iorque nunca a teriam testado, marcado e ensinado tanto como os dois anos que ali passara. Era agora capaz de viver sem confortos, preparar uma refeição com quase nada, e sabia que o corpo humano conseguia aguentar muito mais do que a maior parte das pessoas pensava.

Mas o mais importante de tudo, e apercebia-se de que só naquele dia o descobrira, era a consciência de quem era e de que era capaz de ser independente. Ficara horrorizada e terrivelmente entristecida pelo pensamento de que Jack a tinha abandonado, mas não ficara assustada pela perspectiva de ter de enfrentar a vida sozinha.

Enquanto, na noite anterior, fazia as malas, sentira que aquilo era o triste fim de um capítulo e que não havia nada a fazer senão avançar para outro. Soubera que, quando chegasse a Vancouver, seria capaz de arranjar um lugar para viver, e seria capaz de trabalhar. Não se teria deixado abater pelo facto de estar sozinha.

Nem sequer a perspectiva de criar um filho sem ajuda a tinha assustado. Talvez tivesse optado por chamar a si mesma « Mrs. » , mas só por uma questão de convenção, não por se envergonhar do que quer que fosse. Era uma música, e uma boa música, arranjaría sempre trabalho em qualquer sítio.

Estava, claro, muito feliz e aliviada por Jack ter aparecido. Mas, de certo modo, sentia-se satisfeita por ter tido aquela possibilidade de descobrir que se tornara numa mulher forte, digna e capaz.

– Qual será a melhor altura para lhe dizer do bebé? – murmurou para si mesma, enfiando a mão por baixo do casaco para apalpar o ventre. Tinha a certeza de que estava ali um bebé, mas talvez fosse melhor esperar até que um médico o confirmasse.

Quando Jack acordou, já a luz do dia esmorecia. Abriu os olhos no instante em que Beth entrou no camarote e lhe sorriu.

– Sentes-te melhor? – perguntou ela, inclinando-se para lhe acariciar a face.

– Sinto, agora que estou contigo – respondeu ele, pegando-lhe a mão e beijando-a. – Apanhei um susto quando pensei que te tinhas ido embora sem mim. Teria tido de esperar vários dias por outro barco e não teria maneira de te contactar.

– E eu não teria ido esperar todos os barcos na esperança de que fosses num deles – respondeu ela, a provocá-lo.

Ele sorriu, estudando-lhe o rosto.

– Teria acabado por te encontrar. Teria corrido Vancouver de uma ponta à outra a afixar cartazes a dizer: « Desaparecida! Rainha Cigana violinista. Dá-se

recompensa por qualquer informação.»

– O que é que vamos fazer quando lá chegarmos? – perguntou ela, empurrando-o para poder sentar-se no beliche.

– O que tu quiseses. Podíamos apanhar outro barco para a Califórnia e passar o Inverno no quentinho. Nova Iorque, Filadélfia. Constantinopla, Paris, Roma, podemos ir para onde nos der na gana. O que é que tu queres?

– Estar contigo – respondeu ela. – Numa casa quente e sossegada, com uma casa de banho como deve ser. Quero-te em casa comigo todas as noites.

Ele lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Nada de planos grandiosos para outro *saloon*? Uma loja? Uma pensão?

Ela abanou a cabeça.

– Mas tens qualquer coisa escondida na manga. Sinto-o!

– Talvez – respondeu Beth, deitando-se ao lado dele no beliche e abraçando-o.

– Mas por enquanto somos só nós os dois, apertadinhos neste minúsculo beliche, e o que temos de fazer é tirar o máximo partido da situação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os que me ajudaram a pesquisar a Corrida ao Ouro do Klondike.

Malcolm Latchem foi uma enorme ajuda ao proporcionar-me informação de fundo sobre a maneira de tocar violino e a música popular da época. Obrigada, Malcolm, fizeste-me desejar ter persistido em aprender violino para lá de « Twinkle, Twinkle, Little Star ».

Um enorme agradecimento ao Patrick Griffin, da Wexus Travellers' Club, que se ocupou de todos os complicados pormenores da viagem que fiz, seguindo os passos da minha heroína, ao Alasca e a Dawson City, no Canadá. O seu conhecimento, o seu entusiasmo e o seu sentido de humor tornaram-na muito menos assustadora.

Li todos os livros que consegui encontrar a respeito da Corrida ao Ouro e das suas personagens, mas dois deles, ambos de Pierre Berton, um dos mais brilhantes historiadores canadianos, destacaram-se de todos os outros. *Klondike: The Last Great Gold Rush, 1868-1899* é nada menos que maravilhoso. Excitante, fantasticamente descritivo, um livro que toda a gente devia ler para ter a ideia exacta do que foi a loucura da febre do ouro. *The Klondike Quest*, também de Berton, é um ensaio fotográfico sobre a mesma história. Com fotografias fabulosas a acompanhar a narrativa, sentimo-nos quase como se estivéssemos lá.

Um agradecimento especial ao Bombay Peggy's, o antigo bordel onde fiquei em Dawson City e que conseguiu recriar a decadência e os aspectos mais picantes de como foi em tempos, com todos os confortos do século xxi e um caloroso acolhimento.

Nunca cheguei a saber os nomes dos maravilhosos australianos que conheci na minha primeira noite em Dawson. Tenho fotografias de todos vocês e um monte de agradáveis recordações, de modo que espero que um de vós se tenha lembrado do meu nome e comprado o livro. Vocês sabem quem são, de modo

que entrem em contacto!

Para fechar com chave de ouro, os meus agradecimentos a Mari Evans, a minha editora, pelo seu entusiasmo sem limites e a sua competência. Adoro-te, Mari!